Diretório Cristão

por

Richard Baxter

(1615-1691)

Volume 4 de 4

POLÍTICA CRISTÃ
(ou Deveres para com nossos Governantes e Vizinhos)

"...o melhor manual de aconselhamento bíblico já produzido..." - Timothy Keller

Casuística Puritana

Título Original:
A Christian directory, or, A summ of practical theologie and cases of conscience directing Christians how to use their knowledge and faith... (London, 1673)

Autor: Richard Baxter (1615–1691)

Créditos desta Edição:
Tradução, Revisão, Edição e Diagramação por **Casuística Puritana**.

Ano de Publicação: 2026

Nota Histórica:
Esta obra foi originalmente impressa em Londres por Robert White para Nevill Simmons, em 1673. A presente edição em português baseia-se na edição digitalizada e codificada pelo ***The Project Gutenberg,*** disponibilizada sob a dedicação de Domínio Público.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Baxter, Richard, 1615-1691.
Diretório Cristão: ou uma suma de teologia prática e casos de consciência / Richard Baxter ; tradução de Casuística Puritana. – 2026.

1. Vida Cristã. 2. Teologia Prática. 3. Casos de Consciência. 4. Puritanismo.

Nota:
O texto da Parte IV do *Diretório Cristão* foi transcrito das páginas 737 a 948 do Volume I das Obras Práticas de Richard Baxter, conforme litografado da edição de 1846.

A maior parte do livro é composta por 34 capítulos que abordam principalmente os deveres para com os governantes e os vizinhos. Seguem-se um "Prognóstico Moral" sobre o futuro das igrejas e uma "Liturgia Reformada".

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 DIREÇÃOES GERAIS PARA UMA CONDUTA ÍNTEGRA. 9

CAPÍTULO 2 MEMORANDOS AOS GOVERNANTES CIVIS PARA O INTERESSE DE CRISTO, DA IGREJA E DA SALVAÇÃO DOS HOMENS 22

CAPÍTULO 3 DIREÇÕES PARA OS SÚDITOS CONCERNENTES AO SEU DEVER PARA COM OS SEUS GOVERNANTES..... 32

CAPÍTULO 4 INSTRUÇÕES AOS ADVOGADOS SOBRE SEU DEVER PARA COM DEUS. 141

CAPÍTULO 5 O DEVER DOS MÉDICOS. 150

CAPÍTULO 6 DIREÇÕES AOS DIRETORES DE ESCOLA SOBRE O SEU DEVER PARA COM AS ALMAS DAS CRIANÇAS 157

CAPÍTULO 7 DIREÇÕES PARA OS SOLDADOS SOBRE O SEU DEVER EM QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA 163

CAPÍTULO 8 INSTRUÇÕES CONTRA O ASSASSINATO 177

CAPÍTULO 9 INSTRUÇÕES PARA O PERDÃO DOS INIMIGOS E DAQUELES QUE NOS PREJUDICAM; CONTRA A IRA, A MALÍCIA, A VINGANÇA E A PERSEGUIÇÃO. 197

CAPÍTULO 10 CASOS RESOLVIDOS SOBRE O PERDÃO DE INJÚRIAS E DÍVIDAS, E SOBRE A AUTODEFESA E A BUSCA DE DIREITOS PELA LEI OU DE OUTRA FORMA. 214

CAPÍTULO 11 DIREÇÕES ESPECIAIS PARA ESCAPAR DA CULPA DA PERSEGUIÇÃO. DETERMINANDO TAMBÉM O CASO SOBRE A LIBERDADE EM MATÉRIAS DE RELIGIÃO..... 235

CAPÍTULO 12 DIREÇÕES CONTRA O ESCÂNDALO COMO ALGO QUE SE PROVOCA 284

CAPÍTULO 13 DIREÇÕES CONTRA O ESCÂNDALO SOFRIDO, OU A APTIDÃO PARA RECEBER DANO PELAS PALAVRAS OU ATOS DE OUTREM. 315

CAPÍTULO 14 DIREÇÕES CONTRA O ASSASSINATO DA ALMA E A PARTICIPAÇÃO NOS PECADOS DE OUTROS HOMENS. 329

CAPÍTULO 15 DIREÇÕES GERAIS PARA A PROMOÇÃO DA SALVAÇÃO DE OUTROS 343

CAPÍTULO 16 DIREÇÕES ESPECIAIS PARA A CONVERSA, EXORTAÇÃO E REPREENSÃO CRISTÃS 349

CAPÍTULO 17 DIREÇÕES PARA MANTER A PAZ COM TODOS OS HOMENS 374

CAPÍTULO 18 DIREÇÕES CONTRA TODO ROUBO E FRAUDE, OU A OBTENÇÃO E MANUTENÇÃO INJUSTAS DAQUILO QUE PERTENCE A OUTREM, OU O SEU DESEJO. 389

CAPÍTULO 19 DIREÇÕES GERAIS E CASOS PARTICULARES DE CONSCIÊNCIA SOBRE OS CONTRATOS EM GERAL, E SOBRE COMPRA E VENDA, EMPRÉSTIMO E MÚTUO, USURA, ETC. EM PARTICULAR. 408

CAPÍTULO 20 DIREÇÕES CONTRA A OPRESSÃO 500

CAPÍTULO 21 CASOS SOBRE, E DIREÇÕES CONTRA, A PRODIGALIDADE E O DESPERDÍCIO PECAMINOSO 522

CAPÍTULO 22 CASOS E DIREÇÕES CONTRA PROCESSOS JUDICIAIS PREJUDICIAIS, DEPOIMENTOS FALSOS E JULGAMENTOS OPRESSIVOS 543

CAPÍTULO 23 CASOS DE CONSCIÊNCIA E ORIENTAÇÕES CONTRA A DIFAMAÇÃO, A CALÚNIA E A INJÚRIA 556

CAPÍTULO 24 CASOS E ORIENTAÇÕES CONTRA A CENSURA E O JULGAMENTO SEM GARANTIAS 573

CAPÍTULO 25 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE CUSTÓDIAS E SEGREDOS 594

CAPÍTULO 26 ORIENTAÇÕES CONTRA O EGOÍSMO COMO CONTRÁRIO AO AMOR AO PRÓXIMO 606

CAPÍTULO 27 CASOS E ORIENTAÇÕES PARA AMAR O NOSSO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS 612

CAPÍTULO 28 CASOS ESPECIAIS E ORIENTAÇÕES PARA O AMOR ÀS PESSOAS PIEDOSAS COMO TAIS 629

CAPÍTULO 29 CASOS E ORIENTAÇÕES PARA AMAR E FAZER O BEM AOS INIMIGOS 677

CAPÍTULO 30 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE AS OBRAS DE CARIDADE 688

CAPÍTULO 31 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE CONFESSAR PECADOS E INJUSTIÇAS AOS OUTROS 732

CAPÍTULO 32 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE SATISFAÇÃO E RESTITUIÇÃO 738

CAPÍTULO 33 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE A OBTENÇÃO DO PERDÃO DE DEUS 750

CAPÍTULO 34 CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE O AUTOJULGAMENTO 760

UM PROGNÓSTICO MORAL 775

UM PROGNÓSTICO DAS MUDANÇAS QUE OCORRERÃO NA CRISTANDADE NA ERA DE OURO, E NO TEMPO DA VERDADEIRA REFORMA E UNIDADE. 817

A LITURGIA REFORMADA O CULTO PÚBLICO ORDINÁRIO NO DIA DO SENHOR 847

DA DISCIPLINA PASTORAL, CONFISSÃO PÚBLICA, ABSOLVIÇÃO E EXCLUSÃO DA SANTA COMUNHÃO DA IGREJA 926

APÊNDICE UMA LITANIA MAIOR, OU ORAÇÃO GERAL, A SER USADA A CRITÉRIO 943

Prefácio do Autor

Leitor,

Não pense, pelo título desta parte, que estou realizando a mesma obra que recentemente revoguei em meus "*Political Aphorisms*" [Aforismos Políticos]; embora eu tenha concluído que aquele livro deva ser considerado *quasi non scriptum* [como se não tivesse sido escrito], eu lhe disse que não retratei a sua doutrina, que é pelo império de Deus e pelo interesse do governo, da ordem e da honestidade no mundo. Este não é o lugar para lhe dar as razões da minha revogação, além do fato de que ela ofendeu meus superiores e exercitou as línguas de alguns em lugares onde outros assuntos seriam mais proveitosos: ignore tudo o que diz respeito aos nossos estados e tempos particulares, e você poderá saber por aí quais princípios de política considero divinos. E a experiência me ensina que é melhor para os homens da minha profissão não se intrometerem com mais nada, mas deixar isso para os Contzen, os Arnisæus e outros jesuítas, para que promovam sua causa por meio de políticas volumosas. A igreja falsamente chamada do papa é um reino, e seus ministros podem escrever sobre política com mais congruência e (ao que parece) com menos ofensa do que nós. Diz a "*Geographia Nubiensis*" aptamente, ao descrevê-lo: "Há um certo rei habitando em Roma chamado papa", etc. Nada se adapta bem à nossa função senão a pura doutrina da salvação; que os estadistas e advogados cuidem do resto.

Por duas coisas devo me desculpar nesta parte. **1.** Que ela está mutilada pela falta daquelas direções aos príncipes,

nobres, parlamentares e outros magistrados, de cujo dever depende a felicidade dos reinos, das igrejas e do mundo. Ao que respondo: que aqueles que eles quiserem ouvir os ensinem; enquanto minha razão e experiência me proíbem, como uma pessoa inaceitável, de falar a eles sem um convite especial, posso suportar as censuras de estranhos que não conhecem a eles nem a mim. Não sou tão orgulhoso a ponto de esperar que homens tão acima de mim se rebaixem a ler qualquer direção minha; muito menos a ponto de me julgar apto para ensiná-los. Qualquer um pode repreender um pobre servo ou um mendigo (é parte de seu privilégio). Mas os grandes homens não devem ser admoestados por ninguém senão por si mesmos e por aqueles que eles quiserem ouvir. Pelo menos, nada é um dever quando o homem tem razões para pensar que é provável que faça muito mais mal do que bem. E meu próprio julgamento é muito contrário a pregadores pragmáticos e presunçosos, que são excessivamente apressados em se intrometer com seus governantes ou com seus assuntos, e pensam que Deus os envia para repreender pessoas e coisas que lhes são estranhas e estão acima deles, e desabafar seus desagrados com base em relatos incertos ou sem um chamado.

2. E espero ser tanto culpado quanto incompreendido pelo que digo aqui na refutação dos "*Principles of Government*" de Master Richard Hooker, e na minha própria citação do bispo Bilson e de outros. Mas eles devem observar: **1.** Que não é tudo no primeiro e no oitavo livro de Master Hooker que eu discordo; mas o princípio de o povo ser a fonte da autoridade, ou de os reis receberem o seu próprio ofício deles, com as consequências disso. Até que ponto o povo tem, em qualquer país, o poder de eleger as pessoas, as

famílias ou as formas de governo, ou até que ponto a natureza lhes dá a propriedade e as consequências disso, não me intrometo de forma alguma. **2.** Nem escolho Master Hooker por qualquer inveja ao seu nome e honra, mas confesso que o faço para que os homens saibam verdadeiramente de quem são esses princípios. E se alguém (sem motivo) questionar se o oitavo livro (imperfeito) é, naquelas passagens, de sua autoria, que se lembrem de que a soma de tudo o que confuto está em seu primeiro livro, que é antigo e altamente honrado por — vocês sabem quem. E farei a ele a honra, e a mim a desonra, de confessar que penso que o número muito maior de casuístas e autores de política, papistas e protestantes, está do lado dele, e pouquíssimos do meu: mas a verdade é a verdade.

Sobre o dever do súdito sou mais extenso, porque, se eles não quiserem ouvir, ao menos posso instruí-los com audácia e liberdade.

Se na última parte houver algum caso útil de consciência deixado de fora, é porque não consegui me lembrar dele. Adeus.

CAPÍTULO 1
DIREÇÃOES GERAIS PARA UMA CONDUTA ÍNTEGRA

Salomão diz, Pv 10:9: "Quem anda em integridade anda seguro". E a perfeição e a integridade são as características de Jó, Jó 1:1, Jó 1:8, Jó 2:3. E na Escritura, ser reto ou justo, e andar retamente, e agir com justiça, são os títulos daqueles que são aceitáveis para Deus. E por integridade entende-se não apenas a sinceridade em oposição à hipocrisia, mas também a retidão de coração e de vida, em oposição à tortuosidade ou ao pecado; e isso em vários graus: aos quais costumamos chamar o grau mais baixo que salva pelo nome de sinceridade, e o mais alto pelo nome de perfeição.

A respeito da integridade de vida, irei, **I.** Brevemente lhes dizer algumas daquelas bênçãos que deveriam nos fazer amar a integridade, e, **II.** Dar-lhes algumas regras práticas necessárias.

1. A integridade de coração e de vida é um fruto certo do Espírito da graça e, consequentemente, uma marca da nossa união com Cristo e uma prova da nossa aceitação diante de Deus. "O meu escudo está em Deus, que salva os retos de coração", Sl 7:10. "Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça; o seu rosto contempla os retos", Sl 11:7. É um título que o próprio Deus assume; "Bom e reto é o Senhor", Sl 25:8. "Para mostrar que o Senhor é reto; ele é a minha rocha, e nele não há injustiça", Sl 92:15. E Deus chama a si mesmo de Criador, Diretor, Protetor e Amante dos retos. "Deus fez o homem reto", Ec 7:29. "O Senhor

conhece o caminho dos justos", Sl 1:6. "Qual é o homem que teme ao Senhor? Ele o instruirá no caminho que deve escolher", Sl 25:12. "Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham em integridade", Pv 2:7.

2. Os retos são os pilares da sociedade humana, que mantêm a verdade e a justiça no mundo: sem os quais este seria apenas um bando de mentirosos, enganadores, ladrões e inimigos, que vivem em constante rapina e hostilidade. Não haveria confiança mútua, exceto na medida em que o autointeresse obrigasse os homens. "Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte? Aquele que anda em integridade, e pratica a justiça, e fala a verdade no seu coração", Sl 15:1-2. Portanto, os ímpios, os inimigos da paz e os destruidores das sociedades são sempre descritos como inimigos dos retos. "Pois eis que os ímpios armam o arco, preparam a sua flecha na corda, para com ela atirarem, às escuras, aos retos de coração. Destruídos os fundamentos, que pode fazer o justo?", Sl 11:2-3. "O homem justo e íntegro serve de zombaria", Jó 12:4. "Os ímpios desembainharam a espada... para abaterem os de reta conduta", Sl 37:14. E, de fato, é por causa dos retos que as sociedades são preservadas por Deus, como Sodoma poderia ter sido por causa de dez Lós. Pelo menos, eles próprios estão sob a proteção da onipotência. "Aquele que anda em justiça e fala o que é reto; que despreza o ganho de opressão, que sacode as suas mãos para não receber subornos, que tapa os seus ouvidos para não ouvir falar de sangue, e fecha os seus olhos para não ver o mal; este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu refúgio; o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas. Os teus olhos verão o rei

na sua formosura; eles verão a terra que se estende na distância", Is 33:15-17. "Os retos herdarão o bem", Pv 28:10. "A casa dos ímpios será destruída, mas a tenda dos retos florescerá", Pv 14:11.

3. A integridade proporciona paz de consciência, quietude e santa segurança para a alma. Este era o motivo de júbilo de Paulo, o testemunho de sua consciência, de que "em simplicidade e sinceridade de Deus, não em sabedoria carnal", ele havia se conduzido no mundo, 2Co 1:12. E este era o conforto de Davi: "Porque guardei os caminhos do Senhor, e não me apartei impiamente do meu Deus; pois todos os seus juízos estavam diante de mim, e não me apartei dos seus estatutos. Fui também íntegro perante ele, e guardei-me da minha iniquidade. Portanto, o Senhor me recompensou conforme a minha justiça... com o benigno te mostras benigno, e com o homem íntegro te mostras íntegro", 2Sm 22:22-26. Sim, paz é muito pouco; a alegria transbordante é a porção e a condição mais adequada para os retos. "Alegrai-vos no Senhor, e regozijai-vos, vós, os justos; e cantai de júbilo, todos vós que sois retos de coração", Sl 32:11. "Regozijai-vos no Senhor, vós, os justos, pois o louvor fica bem aos retos", Sl 33:1. "O justo se alegrará no Senhor e confiará nele; e todos os retos de coração se gloriarão", Sl 64:10. "A luz semeia-se para o justo, e a alegria para os retos de coração", Sl 97:11. O Espírito que os santifica irá confortá-los.

4. Assim como os retos, também a sua vida íntegra e os seus deveres são especialmente agradáveis e aceitáveis a Deus, Pv 15:8. A oração dos retos é o seu contentamento, Sl 15:2. Portanto, Deus abençoa os seus deveres para com eles, e eles são confortados e fortalecidos pela experiência

do sucesso. "O caminho do Senhor é fortaleza para os íntegros, mas ruína para os que praticam a iniquidade", Pv 10:29. "Não fazem as minhas palavras bem àquele que anda em retidão?", Mq 2:7.

5. Nenhuma política carnal, nenhuma força mundana, nenhuma ajuda de amigos, nem qualquer outro meio humano coloca o homem em um estado tão seguro quanto a integridade de coração e de vida. Andar retamente é andar seguramente, porque tal pessoa anda com Deus, em Seu caminho e sob o Seu favor e Sua promessa; e se Deus não for segurança suficiente para nós, não há nenhuma. "Na verdade, os justos darão graças ao teu nome; os retos habitarão na tua presença", Sl 140:13. "A integridade dos retos os guiará, mas a perversidade dos transgressores os destruirá. A justiça dos retos os livrará, mas os transgressores serão apanhados na sua própria malícia", Pv 11:3, Pv 11:6.

6. Por fim, as falhas e fraquezas dos retos são perdoadas e, por isso, eles certamente serão salvos, Rm 7:24-25, Rm 8:1. Os retos podem dizer em todas as suas fraquezas, como Salomão: "Bem sei, meu Deus, que tu provas o coração, e que te agradas da integridade; eu, na integridade do meu coração, voluntariamente ofereci todas estas coisas", 1Cr 29:17. "Faze bem, ó Senhor, aos bons e aos que são retos de coração", Sl 125:4. Os retos o amam, Ct 1:4, e são amados por ele. "Nenhum bem sonegará aos que andam em integridade", Sl 84:11. O caminho para confortar corretamente a mente do homem é mostrar-lhe a sua integridade, Jó 33:23. "O que anda em integridade será salvo", Pv 28:18. "O caminho dos retos é desviar-se do mal; o que guarda o seu caminho preserva a

sua alma", Pv 16:17. Concluo com Sl 37:37: "Observa o homem íntegro, e atenta para o justo, porque o fim desse homem é a paz".

II. As verdadeiras regras de uma vida íntegra são estas que se seguem:

1. Aquele que quer andar retamente deve ser absolutamente devotado e sujeito a Deus: ele deve ter um Deus, e o Deus verdadeiro, e um só Deus; não apenas de forma conceitual, mas em sinceridade e realidade: ele deve ter um Deus cuja palavra seja uma lei absoluta para ele; um Deus que comande a si mesmo, seu tempo, seus bens e tudo o que ele tem ou pode fazer; um Deus cuja vontade deve ser a sua vontade, e que pode fazer com ele o que lhe agradar; e que é mais para ele do que todo o mundo; cujo amor o satisfará como algo melhor do que a vida, e cuja aprovação é o seu encorajamento e recompensa suficientes.

2. Sua esperança deve estar depositada no céu como a única felicidade de sua alma: ele deve buscar sua recompensa e o fim de todos os seus trabalhos e paciência em outro mundo; e não, como o hipócrita, sonhar com uma felicidade que se compõe primeiro de coisas mundanas e, depois, do céu, quando não puder mais manter o mundo. Aquele que não pode, que não quer de coração, abandonar todo o mundo por um tesouro celestial, e arriscar tudo o que tem na promessa de coisas melhores no porvir, e, deixando tudo, tomar a Cristo e a felicidade eterna por sua porção, não pode ser íntegro de coração ou de vida.

3. Ele deve ter um mestre infalível (que é apenas Cristo) e o encorajamento da graça perdoadora para quando falhar, para que não afunde no desespero; e, portanto, deve viver pela fé em um Mediador. E ele deve ter o princípio fixo de uma natureza renovada pelo Espírito de Cristo.

4. Aquele que quer andar retamente deve ter uma regra certa, justa e infalível, e deve apegar-se a ela, e deve provar tudo por ela; e esta é apenas a palavra de Deus. Os ensinamentos dos homens devem ser valorizados como auxílios para compreender esta palavra; e os julgamentos de nossos mestres, e daqueles que são mais sábios do que nós, devem ter grande autoridade para conosco em subordinação à Escritura. Mas nem os eruditos, nem os piedosos, nem os grandes devem ser nossa regra em coordenação com a palavra de Deus.

5. Aquele que quer andar retamente deve ter tanto um entendimento sólido quanto amplo, para conhecer as coisas verdadeiramente como são, e para ver todas as particularidades que devem ser levadas em conta em todos os casos que deve determinar, e em todas as ações em que sua integridade está envolvida. Não há como andar retamente no escuro. O zelo fará com que você ande depressa; mas não fará com que ande de forma correta se o discernimento não o guiar. O zelo errôneo fará com que você pratique o mal com dupla violência, e com a blasfêmia de atribuir seus pecados a Deus, e com impenitência e justificação do seu pecado. Isso tornou Paulo louco ao perseguir a igreja. Pv 15:21: "A estultícia é alegria para o que carece de entendimento, mas o homem de entendimento anda retamente". Ninguém pode fazer bem aquilo que não entende bem. Portanto, você deve estudar

e esforçar-se incansavelmente pelo conhecimento; a sabedoria nunca cresceu com a ociosidade, embora a presunção de sabedoria em nenhum outro lugar prospere mais. Esta era nos mostrou a quais abismos perigosos os homens serão levados por um zelo ignorante. **2.** E o entendimento deve ser amplo, ou não poderá ser sólido; quando muitas particularidades estão envolvidas em uma ação, negligenciar algumas pode estragar a obra. Homens de mente estreita são mudados como o catavento, com o vento dos tempos ou de cada tentação; e raramente evitam um pecado sem cair em outro. É a prudência que deve gerir uma vida íntegra: e a prudência vê tudo o que precisa ser visto e coloca cada circunstância na balança; por falta disso, muito mal pode ser feito enquanto você parece estar realizando o maior bem. "O prudente atenta para os seus passos", Pv 14:15. "Vede, pois, com diligência como andais (com a precisão de um fio de cabelo), não como néscios, mas como sábios".

6. Mas porque você objetará que, infelizmente, poucos, mesmo dentre os retos, têm inteligência tão forte que os capacite para isso, acrescento: aquele que quer andar retamente deve, nas grandes partes essenciais da religião, ter este conhecimento prévio como seu próprio e, no restante, pelo menos deve ter a conduta dos sábios. E, portanto: **1.** Ele deve ser sábio nos grandes assuntos de sua salvação, ainda que seja fraco em outras coisas. **2.** E ele deve esforçar-se para conhecer verdadeiramente quem são de fato os homens sábios que estão aptos para ser seus guias: e deve recorrer a tais em casos de consciência, como um homem doente recorre ao seu médico. É uma grande misericórdia ser sábio o suficiente para distinguir um sábio de um tolo, e um conselheiro de um enganador.

7. Aquele que quer andar retamente deve ser senhor de sua paixão; não estúpido, mas calmo e sóbrio. Embora alguma paixão seja necessária para excitar o entendimento ao seu dever, aquela que é desordenada engana poderosamente a mente. Os homens são muito propensos a ter certeza daquilo que apreendem com paixão; e os julgamentos passionais frequentemente são equivocados, e sempre devem ser suspeitos, sendo extremamente difícil abrigar qualquer paixão que não perverta em alguma medida a nossa razão; que é uma das grandes razões pelas quais os mais confiantes são ordinariamente os mais errôneos e cegos. Certifique-se, portanto, de que, sempre que for injuriado ou sua paixão for de algum modo instigada, coloque uma guarda dupla sobre os seus julgamentos.

8. Aquele que quer andar retamente deve não apenas diferenciar entre o bem e o mal simples, mas entre um bem maior e um menor; pois a maior parte do pecado no mundo consiste em preferir um bem menor a um maior. Ele deve sempre manter a balança em sua mão e comparar bem com bem; de outro modo, fará para si uma religião de pecado, e preferirá o sacrifício à misericórdia; e impedirá o evangelho e a salvação dos homens por causa de uma cerimônia, e violará os laços do amor e da fidelidade por causa de cada opinião que chama de verdade; e pagará o dízimo da hortelã e do cominho, enquanto negligencia as coisas mais importantes da lei. Quando um bem menor é preferido a um maior, isso é pecado, e é a forma comum de pecar. Não é, então, um dever quando é inconsistente com um bem maior.

9. Ele deve sempre ter um respeito conjunto ao mandamento e ao fim: o bem de algumas ações é pouco discernível em qualquer outro lugar senão no mandamento; e outras são evidentemente boas por causa do bem a que tendem. Não devemos fazer o mal e quebrar uma lei para que venha o bem; e tampouco pretender obediência para fazer o mal, como se Deus tivesse feito Suas leis para a destruição da igreja ou das almas dos homens, e não para a edificação.

10. Ele deve manter-se em união com a igreja universal, e preferir o interesse dela antes do interesse de qualquer grupo, seja qual for, e não fazer nada que tenda ao seu dano.

11. Ele deve amar o seu próximo como a si mesmo, e fazer aos outros o que gostaria que fizessem a ele, e amar os seus inimigos e perdoar as ofensas; e suportar as difamações deles como se fossem contra si mesmo.

12. Ele deve ser imparcial, e não perder o seu julgamento e caridade na opinião ou interesse de um partido ou seita: nem pensar que tudo é correto quando feito por aqueles de quem ele mais gosta; nem que tudo é errado quando feito por seus adversários. Mas julgar as palavras e ações daqueles que são contra ele como se tivessem sido ditas ou feitas por aqueles do seu próprio lado: caso contrário, viverá em calúnia, murmuração e grossa injustiça.

13. Ele deve ser deliberado ao julgar as coisas e as pessoas; não apressado ou precipitado em acreditar em relatos ou acolher opiniões; não julgando as verdades pela primeira aparência, mas investigando a evidência nua; nem

julgando as pessoas por preconceito, fama e falatório comum.

14. Ele deve estar disposto a receber e obedecer à verdade pelo preço mais caro, especialmente de estudo trabalhoso e de uma vida de negação de si mesmo; não tomando tudo por verdade pelo fato de custar caro aos homens, nem pensando que a verdade possa ser superestimada.

15. Ele deve ser humilde e desconfiado de si mesmo, e vir à escola de Cristo como uma criancinha; e não ter uma valorização orgulhosa de si mesmo e do seu próprio entendimento. Os orgulhosos e egoístas são cegos e teimosos, e geralmente têm algumas opiniões ou interesses próprios que se opõem ao dever e ao bem alheio.

16. Ele deve ter os olhos voltados para a posteridade, e não apenas para o tempo ou época presente; e para outras nações, e não apenas para o país onde vive. Muitas coisas parecem necessárias para alguma dificuldade ou trabalho presente que queiramos fazer (que na geração seguinte podem ter efeitos prejudiciais); especialmente em profissões, pactos e imposições eclesiásticas e políticas, devemos olhar além das nossas necessidades presentes. E muitas coisas parecem necessárias para um interesse local e estreito, que aqueles que estão à distância estimarão de outra forma.

17. Aquele que quer andar retamente deve ser capaz de suportar o desagrado de todo o mundo quando o interesse da verdade o exigir; sim, de ser rejeitado pelos próprios homens eruditos e bons; e considerar o favor do homem não melhor do que ele realmente é; não que deva desprezá-lo como um meio para qualquer bem, mas estar

inteiramente acima dele no que diz respeito ao seu próprio interesse. Não que a integridade costume fazer o homem ser desprezado pelos retos; mas pode trazê-lo sob a censura deles em algumas particularidades que não são comumente recebidas ou compreendidas como vindas de Deus.

18. Ele deve fazer com que uma grande parte do trabalho de sua vida seja mortificar todos aqueles desejos carnais que os sensuais fazem de seu trabalho e felicidade satisfazer; para que o apetite, o sentido, a concupiscência e a vontade própria não sejam os perversores constantes de sua vida; assim como um tolo com hidropisia estuda como satisfazer sua sede, e um sábio estuda como curá-la.

19. Ele deve viver uma vida de constante e habilidosa vigilância, sabendo que está em perigo contínuo; e conhecendo suas corrupções, tentações e remédios particulares. Ele deve ter uma consciência sensível e manter-se o mais longe possível da tentação, e afastar-se de aproximações desnecessárias ou pensamentos deleitosos de pecado. Oh, que fortes resoluções, que conhecimento sólido os artifícios próximos da sensualidade (comida, bebida, luxúria e prazeres) superaram! Nunca se considerem seguros em meio a tentações próximas e oportunidades de pecar.

20. Viva como quem está indo para a sepultura; morra diariamente, e olhe para este mundo como se você estivesse olhando para ele fora do mundo para onde vai. Que a fé contemple o mundo invisível de forma tão constante quanto o seu olho vê este. A morte e a eternidade tornam os homens sábios: facilmente confessamos e nos

arrependemos de muitas coisas quando estamos para morrer, as quais nenhum conselho ou sermão pôde nos fazer confessar penitentemente antes. A morte responderá a mil objeções e tentações, e provará que muitas vaidades são pecado, as quais você pensava que o pregador não provara: homens moribundos não são atraídos para a embriaguez, imundícia ou jogos de perda de tempo; nem são lisonjeados para a loucura por iscas sensuais; nem temem, então, o rosto ou as ameaças dos perseguidores. Como é do outro mundo que devemos buscar os motivos, assim também o devemos para a defesa de uma vida íntegra. E oh, quão felizes são aqueles que praticam fielmente estas regras de integridade!

Embora seja meu julgamento que muito mais da doutrina de política ou governo civil pertença à teologia do que compreendem aqueles homens que fazem dos reis e das leis meras criaturas humanas, contudo, para livrar meu leitor do medo de que eu me intrometa em assuntos que não pertencem ao meu chamado, e meu livro desse opróbrio, passarei por cima de todos estes pontos, os quais, de outra forma, eu teria tratado como úteis para a prática de governar e obedecer. **1.** Do homem como ser sociável, e das comunidades e sociedades, e a razão delas, de sua origem e da obrigação sobre os membros. **2.** De uma cidade e da civilidade. **3.** De uma república em geral. **(1.)** De sua instituição, **(2.)** De sua constituição e de suas partes. **(3.)** De suas espécies. **(4.)** Da diferença entre ela, **1.** E uma comunidade em geral. **2.** Uma família. **3.** Uma vila. **4.** Uma cidade. **5.** Uma igreja. **6.** Uma reunião acidental. **(5.)** De suas

administrações. **(6.)** Da relação entre o governo de Deus e o do homem, e a lei de Deus e a do homem, e de sua diferença; e entre o julgamento do homem e o de Deus. Não apenas os agradarei passando por cima disso e de muito mais na teoria, mas também quanto à parte prática, passarei por cima: **1.** Das direções para os governantes supremos. **2.** E para os magistrados inferiores em relação a Deus, aos seus superiores e ao povo. **3.** E a determinação da questão: Até que ponto os magistrados têm a ver com assuntos de religião? Sejam eles cristãos ou pagãos? **4.** Até que ponto devem conceder ou não a liberdade de consciência (como é chamada), a saber, de julgar, professar e praticar em assuntos de religião; com outros assuntos semelhantes pertencentes ao governo: e todas as controvérsias sobre títulos e supremacia, conservações, perdas, decadências, perigos, remédios e restaurações, que pertencem a políticos, advogados ou teólogos; omito tudo isso, exceto apenas que me arriscarei a deixar alguns breves memorandos com os governantes civis (em vez de direções) para assegurar o interesse de Cristo, da igreja e da salvação dos homens; garantindo ao leitor que não omito nada disso por qualquer desprezo ao assunto, ou à magistratura, ou como se pensasse que não são dignos de todas as nossas orações e assistência, ou pensasse que seu ofício é de pouca importância para o bem-estar do mundo e da igreja; mas por aquelas razões que todos os que me conhecem e ao governo sob o qual vivemos podem saber, e que não devo contar a outros.

CAPÍTULO 2
MEMORANDOS AOS GOVERNANTES CIVIS PARA O INTERESSE DE CRISTO, DA IGREJA E DA SALVAÇÃO DOS HOMENS

Memorando I. Lembre-se de que o seu poder vem de Deus e, portanto, é para Deus, e não contra Deus, Rm 13:2-4. Vocês são Seus ministros e não podem ter poder algum, a menos que lhes seja dado do alto, Jo 19:11. Lembre-se, portanto, de que, assim como os guardas são seus oficiais e súditos, vocês são os oficiais e súditos de Deus e do Redentor; e estão infinitamente mais abaixo Dele do que o mais baixo súdito está abaixo de vocês; e que vocês Lhe devem mais obediência do que a que pode ser devida a vocês; e, portanto, devem estudar as Suas leis (na natureza e na Escritura) e fazer delas a sua meditação e deleite diários, Jos 1:3-5; Sl 1:2-3; Dt 17:18-20. E lembre-se de quão estrito julgamento vocês devem sofrer quando tiverem de prestar contas de sua mordomia; e quanto maiores tiverem sido as suas dignidades e misericórdias, se forem abusadas pela impiedade, maior será a sua punição, Lc 16:2; Lc 12:48.

Memorando II. Lembre-se, portanto, e vigie com o máximo cuidado para nunca adotar ou esposar qualquer interesse que seja adverso à vontade ou ao interesse de Cristo; e para que nunca rompa com o interesse Dele ou com as Suas ordenanças; e que nenhuma tentação jamais o convença de que o interesse de Cristo, do evangelho e da igreja é um inimigo para você ou contra o seu real

interesse; e que não mantenha suspeitas contra eles: mas cuide para que se dedique e dedique o seu poder totalmente à vontade e ao serviço Dele, e faça com que todo o seu interesse subsista em pura subserviência a Ele, assim como subsiste em real dependência Dele.

Memorando III. Lembre-se de que, abaixo de Deus, o seu fim é o bem público; portanto, não desejem nada para si mesmos, nem façam nada aos outros, que seja realmente contra o seu fim.

Memorando IV. Lembre-se, portanto, de que todas as suas leis devem ser apenas subservientes às leis de Deus, para promover a obediência a elas entre os seus súditos, e nunca para serem contrárias a elas, nem coordenadas ou independentes delas; mas sim como os regulamentos internos das corporações são em relação às leis e à vontade do poder soberano, as quais têm deles toda a sua vida e poder.

Memorando V. Não permita que ninguém o convença de que vocês são animais terrestres que nada têm a ver com as preocupações celestiais de seus súditos; pois, uma vez que os homens pensem que o fim do seu ofício é apenas a prosperidade corporal do povo, e o fim do ministério é o bem de suas almas, isso os tentará a preferir um ministro a você, assim como preferem suas almas aos seus corpos; e aqueles que são ensinados a desprezar essas coisas terrenas estarão prontos a pensar que devem desprezar o seu ofício; visto que nenhum meio, como tal, pode ser melhor do que o fim. Não existe felicidade temporal para povo algum senão aquela que tende à felicidade de suas almas; e deve ser por ela medida e a partir dela estimada.

Embora os ministros estejam mais imediatamente empregados em relação à alma, o seu ofício é, em última análise, para a felicidade das almas, tanto quanto o deles; embora as coisas corporais (recompensas ou punições) sejam os meios pelos quais vocês podem promovê-la; com as quais os ministros, como tais, não devem se intrometer. Portanto, vocês são *custodes utriusque tabulæ* [guardiões de ambas as tábuas] e devem inclinar a força de todo o seu governo para a salvação das almas do povo. E, quanto à objeção sobre os governantes pagãos, distinga entre o ofício e a aptidão para exercê-lo: o ofício consiste: **1.** Na obrigação de cumprir o dever; **2.** E na autoridade para fazê-lo. Ambas as coisas o governante pagão possui (caso contrário, a omissão seria um dever, e não um pecado). Mas é a aptidão para cumprir o dever de seu cargo que falta ao pagão; e falta-lhe de forma culpável; e, portanto, a omissão é seu pecado; assim como é pecado de um ministro insuficiente não pregar. Pois a questão é de natureza semelhante e terá solução semelhante: Se um ministro ignorante está obrigado a pregar, sendo ele incapaz ou herético? É a aptidão que lhe falta, e não a autoridade ou a obrigação, se ele é realmente um ministro; mas ele está obrigado nesta ordem: primeiro a obter capacidades e depois a pregar: o mesmo ocorre no presente caso.

Memorando VI. Incentivem e fortaleçam um ministério instruído, santo, que nega a si mesmo, sério e trabalhoso; sabendo que o mesmo Senhor que os comissionou na instituição do ofício deles, instituiu o de vocês; e que são tais homens que se adequam ao trabalho para o qual o ofício deles foi designado; e que as almas são preciosas; e aqueles que são os guias e médicos das almas nunca

podem estar bem providos demais, nem ser excessivamente diligentes. E a igreja em lugar nenhum prosperou na terra senão na prosperidade das capacidades, santidade e diligência de seus pastores: Deus sempre edificou por meio de tais homens, e o diabo destruiu ao derrubar tais homens.

Memorando VII. Lembre-se de que as pessoas seriamente religiosas, que amam, adoram e obedecem ao Senhor de todo o coração, são os melhores de seus súditos e a honra de seus domínios: providencie, portanto, para que a piedade séria seja encorajada em todos os lugares, e que a turba profana e ignorante nunca seja encorajada em sua inimizade e oposição a ela: e que o verdadeiro fanatismo, a hipocrisia e o cisma sejam tão prudentemente desencorajados e suprimidos, que ninguém tenha incentivo para se colocar contra a piedade sob a calúnia ou pretexto de tais nomes. Se o cristianismo é melhor do que o paganismo, esses cristãos são os que devem ser apoiados, os quais vão mais longe na santidade, caridade e justiça do que os pagãos, em vez daqueles que não vão além (exceto por opiniões e formalidades) do que um Catão, um Platão ou um Sócrates foram. Se toda religião fosse um engano, seria adequado bani-la e professar o ateísmo, e os homens confessarem que não passam de brutos. Mas se existe um Deus, deve haver uma religião; e se devemos ser religiosos, certamente devemos sê-lo com seriedade, e não com hipocrisia e brincadeira. Sendo isso assunto de importância não tão pequena ou desprezível para ser transformado em um cumprimento dissimulado.

Memorando VIII. Esforce-se pela unidade e concórdia de todas as igrejas e cristãos sob o seu governo, e isso nos

termos em que todas as igrejas de Cristo outrora estiveram unidas; isto é: nas Escrituras Sagradas implicitamente, como regra geral; nos antigos credos explicitamente, como a soma de nossos *credenda* [assuntos de fé]; e na oração do Senhor, como o sumário de nossos *expetenda* [assuntos de súplica]; e no decálogo, como o sumário de nossos *agenda* [assuntos de conduta]; supondo que vivemos em obediência pacífica aos nossos governantes, cujas leis devem nos governar não apenas nas coisas civis, mas na ordenação daquelas circunstâncias de adoração e disciplina que Deus deixou à determinação deles.

Memorando IX. Que tudo no culto a Deus seja feito para edificação, decentemente e com ordem, e que o corpo honre a Deus tanto quanto a alma; mas cuide para que os ornamentos ou vestes da religião nunca sejam usados contra a substância; mas que a santidade, a unidade, a caridade e a paz tenham sempre a precedência.

Memorando X. Que o temor de pecar contra Deus seja cultivado em todos, e que haja sensibilidade para com aqueles que são excessivamente escrupulosos e temerosos em algumas coisas menores: e que as coisas não sejam ordenadas de modo a favorecer ao máximo as consciências depravadas, que ousam dizer ou fazer qualquer coisa para seus fins carnais. Pois são mais fiéis aos seus governantes aqueles que são mais fiéis ao seu Deus; e quando é a ira de Deus e o inferno que o homem teme, é uma pena que ele seja espicaçado com demasiada severidade. Os indivíduos sem escrúpulos serão fiéis aos seus governantes apenas enquanto isso servir aos seus interesses; portanto, a conscienciosidade deve ser encorajada.

Memorando XI. Se o clero ou as pessoas mais religiosas ofenderem, que a sua punição seja tal que recaia apenas sobre eles mesmos e não atinja Cristo, nem o evangelho, nem a igreja. Não castigue Cristo pelas falhas de Seus servos, nem o evangelho por aqueles que pecam contra ele; nem as almas do povo pelas faltas de seus pastores; mas cuide para que o interesse de Cristo e das almas dos homens esteja sempre assegurado.

Memorando XII. Se as dissensões de advogados ou estadistas criarem facções na república, que a culpa não seja lançada sobre a religião, ainda que alguns teólogos caiam em qualquer uma das facções. Quando a diferença não está na teologia, mas em casos jurídicos, não culpe a religião por aquilo em que ela não tem participação: e vigie contra Satanás, que sempre trabalha para fazer com que as facções ou diferenças civis tendam à desonra da religião e ao detrimento da igreja e do evangelho.

Memorando XIII. Considere aqueles que são cobiçosos, ambiciosos ou egoístas, e que buscam promoção, como os mais inaptos para serem consultados nos assuntos da religião, e os mais inaptos para receberem a confiança do cuidado das almas. E que os homens humildes, mortificados e que negam a si mesmos sejam tomados como pastores mais adequados para as igrejas.

Memorando XIV. Não tome partido com nenhuma facção de pastores contenciosos, para a opressão dos demais, quando a diferença se der em coisas toleráveis; mas, em vez disso, conduza-os à unidade, em termos de concessão e tolerância mútua: pois, de outro modo, não haverá fim; mas a facção com a qual você se aliar se

dividirá em mais facções, e a igreja sofrerá danos pela perda do grupo oprimido e, muito mais, pela divisão. O trabalho lamentável que as contendas dos bispos causaram nas igrejas, em todas as épocas, desde os tempos primitivos, toda a história o declara abertamente. E o quanto um magistrado santo, prudente e pacífico pode fazer para manter a paz entre eles, mais do que será feito se a impetuosidade deles for deixada sem restrições, é fácil de observar; especialmente se ele mantiver a espada em sua própria mão e não a confiar nas mãos dos eclesiásticos, especialmente de uma facção para a opressão do resto.

Memorando XV. Não acredite nas acusações trazidas contra os fiéis ministros de Cristo até que sejam provadas; e não julgue a eles, ou a qualquer de Seus servos, com base em relatos de adversários, até que eles tenham falado por si mesmos; pois a corrupção comum da natureza depravada envolve todos os ímpios em tal inimizade contra a santidade, que há pouca verdade ou justiça a ser esperada de lábios perversos e maliciosos para com qualquer causa ou pessoa santa. E se tais pessoas encontrarem acolhida e encorajamento, sua malícia abundará e suas calúnias serão impudentes; que é o sentido de Pv 29:12: "Se o governador dá atenção a mentiras, todos os seus servos tornam-se ímpios". O exemplo de Saul e Doeg é apenas o que seria comum se os governantes dessem ouvidos a tais caluniadores.

Memorando XVI. Quando o caso for duvidoso sobre o uso de punições e severidades contra os escrupulosos em assuntos de religião, lembre-se de suas Direçãoes gerais e veja que influência elas devem ter em tais particularidades; como: que o próprio trabalho e fim de

seu cargo é que, sob o seu governo, as pessoas possam viver silenciosa e pacificamente em piedade e honestidade, 1Tm 2:2. E que os governantes não são terror para as boas obras, mas para as más; e para louvor dos que fazem o bem; e ministros de Deus para nós para o bem; e vingadores para executar a ira sobre os que praticam o mal, Rm 13:3-4. E lembre-se do perigo da perseguição, conforme descrito em Mt 18:6, Mt 18:10, Mt 18:14; 1Ts 2:15-16; 2Cr 36:14-17. E que aquele que tem dúvidas sobre coisas indiferentes é condenado se as faz, porque não as faz por fé, Rm 14:23. E lembre-se de quem e do que o próprio Deus perdoa e tolera. E sempre diferencie as fraquezas dos cristãos sérios e conscientes da perversidade de homens sem escrúpulos e ímpios. Contudo, não atenuando a perversidade de ninguém por causa de sua profissão hipócrita de religião.

Memorando XVII. Lembre-se de que vocês devem ser exemplos de santidade para o povo; e evitem todos os pecados que gostariam que eles evitassem, e sejam eminentes em todas as virtudes que lhes recomendariam. Isso é não apenas necessário para a felicidade daqueles que estão sob o seu governo, mas também para a salvação de vocês mesmos. Como Paulo diz a Timóteo: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, salvarás tanto a ti mesmo como aos que te ouvem", 1Tm 4:16. Assim posso eu dizer aos governantes: Tenham cuidado de si mesmos e do governo, e continuem nisso; pois, ao fazer isso, salvarão a si mesmos e àqueles que governam. Os que são bons são os mais propensos a fazer o bem; mas os ímpios procederão impiamente, Dn 12:10.

Os principais meios para os governantes tornarem-se assim santos e exemplares são: **1.** Dar ouvidos à doutrina e ao conselho da palavra do Senhor, e nela meditar dia e noite, Jos 1:3-4; Dt 17:18-20. E ter mestres fiéis, santos e que negam a si mesmos, 2Cr 20:20. **2.** Acautelar-se da companhia e dos conselhos dos ímpios. "Tira o ímpio da presença do rei, e o seu trono se estabelecerá na justiça", Pv 25:4-5. **3.** Vigiar com o máximo cuidado contra as tentações especiais de seus altos cargos, especialmente contra a sensualidade e o orgulho, e contra o preferir a sua própria honra, interesse e vontade antes da honra, interesse e vontade de Jesus Cristo. "Ai de ti, ó terra, quando teu rei é uma criança, e cujos príncipes banqueteiam pela manhã! Bem-aventurada tu, ó terra, quando teu rei é filho de nobres, e teus príncipes comem no tempo certo, para fortalecer-se e não para bebedeira!", Ec 10:16-17. "Abominação é para os reis o praticar a impiedade, porque com justiça se estabelece o trono", Pv 16:12. **4.** Lembrar-se sempre do fim da santidade. Como é caminho seguro para a glória no porvir, e para deixar um doce e glorioso nome e memorial na terra; enquanto a impiedade é o caminho certo para a vergonha na terra e a miséria para sempre!

Memorando XVIII. Os governantes não devem contentar-se em fazer o bem em casa, e em ser a alegria e a bênção de seus próprios súditos; mas também aplicar seus corações para promover a fé, a santidade e a concórdia por todas as igrejas do mundo; e melhorar seus interesses junto a príncipes e Estados, por meio de correspondências amigáveis e tratados para esses fins; para que sejam bênçãos na máxima extensão de suas capacidades. Como Constantino intercedeu junto ao rei

persa para que se abstivesse de perseguir os cristãos em seu domínio, etc. Mas presumirei não falar mais aos meus superiores; na idade de ouro, estes memorandos serão praticados.

Anexarei apenas a imagem que Erasmo faz de um bom príncipe, e de um mau, citada por Alstedius, *Encyclop. lib. xxiii. Polit.* c. 3. p. 173, 174.

A Imagem de um Bom Príncipe, segundo Erasmo.

"Se você quer desenhar o retrato de um bom príncipe, delineie algum ser celestial, mais parecido com Deus do que com um homem; absoluto em todas as perfeições da virtude; dado para o bem de todos; sim, enviado do céu para o alívio dos negócios dos homens mortais; o qual, sendo (*oculatissimum*) extremamente perspicaz, atenta para tudo! Para quem nada é mais considerado, nada mais doce do que a república; que tem afeição mais que paternal para com todos. Para quem a vida de cada um é mais cara do que a sua própria; que noite e dia nada mais faz e se esforça senão para que tudo corra muito bem com todos; que tem recompensas prontas para todos os que são bons, e perdão para os maus, caso estes queiram adotar um rumo melhor; que deseja tão livremente merecer bem de seus súditos que, se for necessário, não hesitará em preservar a segurança deles com o seu próprio perigo; que toma a conveniência de seu país como seu próprio ganho; que sempre vigia para que os outros possam dormir tranquilamente; que não deixa para si nenhuma vacância de quietude para que seu país possa viver em quietude ou paz; que se aflige com cuidados sucessivos para que seus

súditos desfrutem de tranquilidade. Para concluir, de cuja virtude depende a felicidade pública."

A Imagem de um Mau Príncipe.

"Se você quiser apresentar um mau príncipe aos olhos, deve pintar alguma besta selvagem e horrível, composta de monstruosidades como um dragão, um lobo, um leão, uma víbora, um urso, etc.; armada de todos os lados, com seiscentos olhos; cheia de dentes por todos os lados; terrível em todos os sentidos; com garras aduncas; de estômago insaciável; alimentada com as entranhas dos homens; embriagada com sangue humano; que vigia para caçar as vidas e as fortunas de todo o povo; incômoda para todos, mas especialmente para os bons; um mal fatal para o mundo; que todos os que desejam o bem da república amaldiçoam e odeiam; que não pode ser tolerada por causa de sua crueldade, nem tampouco retirada sem a grande calamidade do mundo, porque a maldade está armada com guardas e riquezas."

CAPÍTULO 3
DIREÇÕES PARA OS SÚDITOS CONCERNENTES AO SEU DEVER PARA COM OS SEUS GOVERNANTES

Devendo agora falar dos deveres que eu mesmo devo praticar, e dirigindo-me àqueles da minha própria condição, faria isso com um pouco mais de liberdade, confiança e expectativa de consideração e prática.

Direção 1. Embora eu vá passar por cima da maior parte da teoria, e especialmente dos pontos controversos da política, e não pretenda bancar o advogado; contudo, devo aconselhá-lo a compreender tanto da causa, da natureza e do fim do governo quanto seja necessário para orientá-lo em sua obediência e preservá-lo de todas as tentações à rebelião. Especialmente, tenha cuidado com aqueles erros que confundem soberania com sujeição, e que iludem o povo com a presunção de que ele é a origem do poder, podendo confiá-lo como bem entender, exigir contas de seus governantes, declarar a perda do mandato, revogar a confiança, etc. Não é para lisonjear reis, mas para dar a Deus o que é de Deus, que irei adverti-lo contra esses erros de popularidade. E, primeiro, irei expor brevemente a verdade e, depois, responder a algumas das principais objeções.

Proposição 1. Que haja governo *in genere* [em geral], e obediência a ele, está determinado até mesmo na natureza, pelo Deus da natureza, ao fazer do homem uma criatura sociável, e cada homem insuficiente para si mesmo, e ao tornar as repúblicas necessárias para o bem-estar e segurança dos indivíduos, e o governo necessário para essas repúblicas. Isso, portanto, não é deixado à vontade do povo; embora se possam imaginar alguns casos excepcionais nos quais alguns indivíduos possam viver fora de uma comunidade civil e não ser obrigados a viver sob um governo civil; contudo, essa exceção apenas confirma a regra geral: assim como todos os homens ordinariamente estão obrigados a viver em comunhão com alguma igreja particular e conhecer seu próprio pastor, embora alguns poucos possam ser excepcionados, como embaixadores, viajantes, marinheiros, soldados, exilados,

etc. Do mesmo modo aqui, a obrigação de viver sob um governo recai sobre a generalidade do mundo, embora alguns poucos possam ser excepcionados.

Proposição 2. Os governantes são, portanto, oficiais de Deus, colocados abaixo Dele em Seu reino, visto que Ele é o Soberano universal e absoluto do mundo; e eles recebem o seu poder de Deus, que é a única origem do poder. Não apenas a sua força provém da força Dele, mas a sua autoridade ou poder de governar (que é o *jus regendi* [direito de governar]) provém de Sua suprema autoridade; assim como os prefeitos e oficiais nas corporações recebem o seu poder do rei. Rm 13:1-3: "Não há poder que não venha de Deus; e os que existem foram ordenados por Deus".

Proposição 3. Este poder de governar *in genere* [em geral] não é um nome vazio, mas em sua própria instituição contém materialmente aquelas coisas que são absolutamente necessárias ao fim do governo.

Proposição 4. No entanto, Deus deixou aquilo que é comumente chamado de especificação do governo, e algumas partes inferiores da matéria e do modo de exercício, indeterminados; bem como as pessoas ou famílias individuais que deverão governar. É nessas três coisas, portanto, que as comunidades se interpõem. 1. Se a soberania residirá em um, em dois, em dez, ou em quantos sejam, e como será dividida para o seu exercício, Deus não determinou. 2. Nem determinou sobre cada particular, se o poder se estenderá a esta, àquela ou à outra coisa, ou não; nem se será exercido desta ou daquela maneira, por

tribunais permanentes ou juízes temporários, etc. 3. Nem nomeou a pessoa ou família que deverá governar.

Proposição 5. Embora estes aspectos na constituição sejam determinados por contrato ou consentimento explícito ou implícito entre o governante e a comunidade, por nenhum desses três pontos pode o povo ser verdadeira e propriamente dito como quem dá ao governante o seu poder de governo. Não pelo primeiro ou pelo último; pois ambos apenas determinam quem será o receptor desse poder; se um ou mais, e quem individualmente. Não pelo segundo; pois este é apenas um limitar, balizar ou regular o poder de governar, para que não seja exercido em detrimento deles; o balizamento e a regulação do poder deles não é dar-lhes poder. O povo, tendo a força física, não pode ser governado contra as suas vontades concordantes: e, portanto, se eles contratam com os seus governantes que serão governados desta ou daquela maneira, ou de modo nenhum, isto não é dar-lhes poder. Contudo, propriedade eles têm, e aí eles podem ser doadores. De modo que este limitar, ou regular, e escolher a forma e as pessoas, bem como a doação de sua propriedade, é tudo o que eles têm a fazer. E a escolha da família ou da pessoa não é de forma alguma um dar o poder. Eles são apenas *sine quibus non* [condições indispensáveis] para isso; eles apenas abrem a porta para deixar entrar o governante; eles apenas nomeiam a família ou o homem a quem Deus, e não eles, dará o poder.

Assim como, quando Deus já determinou que autoridade o marido terá sobre a esposa, a esposa, ao escolhê-lo para ser seu marido, não lhe dá o seu poder, mas apenas escolhe o homem a quem Deus dá o poder por Sua lei estabelecida;

embora sobre a disposição de seus bens ela possa limitá-lo por pré-contratos; mas se ela estipular contra o governo dele, isso é uma contradição e é nulo. E se ele abusar do seu poder, este de forma alguma cai nas mãos dela.

Se o rei por alvará dá poder a uma corporação para escolher o seu prefeito ou outro oficial, eles apenas nomeiam as pessoas que deverão recebê-lo, mas é o alvará do rei, e não eles, que lhe dá o poder.

Se um soldado voluntariamente se alista sob o general do rei ou outros comandantes, ele apenas escolhe o homem que deverá comandá-lo, mas é a comissão do rei que lhe dá o poder de comandar aqueles que voluntariamente se alistam. E se a autoridade for abusada ou perdida, ela não vai para as mãos dos soldados, mas para as do rei.

Proposição 6. O consentimento ou contrato constitutivo dos antepassados obriga toda a sua posteridade — se esta quiser ter qualquer proteção ou outro benefício do governo — a submeter-se à constituição; caso contrário, os governos seriam tão instáveis e mutáveis que seriam incapazes de atingir o seu fim próprio.

Proposição 7. Deus não estabeleceu, nem na natureza nem na Escritura, este poder de governo, no todo ou em parte, sobre o povo de uma mera comunidade (muito menos sobre os súditos), seja nobre ou plebeu, instruído ou não, parte da comunidade ou todo o corpo, real ou representativo. O povo, como tal, não tem este poder, seja para usar ou para dar; mas o Soberano absoluto de todo o mundo comunica o poder soberano em cada reino, ou outro tipo de república, a partir de Si mesmo imediatamente; digo, imediatamente: não sem a mediação

de um instrumento que signifique a Sua vontade; pois a lei da natureza e a Escritura são o Seu instrumento e a carta de autoridade; e contudo não tão imediatamente que dispense qualquer tipo de meio; pois o consentimento e a nomeação da comunidade antes expressos podem ser *conditio sine qua non* [condição indispensável], conforme mencionado; mas é tão imediatamente de Deus que não há um receptor intermediário para receber o poder primeiro de Deus e transmiti-lo ao soberano.

Proposição 8. O poder natural das pessoas individuais sobre si mesmas é *tota specie* [totalmente em espécie] diferente deste poder político ou civil. E não é a renúncia do indivíduo a este poder natural de autodisposição, em favor de um ou mais, que constitui a causa eficiente da soberania ou do poder civil.

Proposição 9. Se você tomar a palavra lei propriamente, como a expressão da vontade de um governante obrigando os governados, ou constituindo o dever deles; e não impropriamente, como meros contratos entre o soberano e o povo; então fica claro na própria definição que nem os súditos, nem a comunidade, como tal, têm qualquer poder legislativo. Nem a natureza nem a Escritura deram ao povo o poder de fazer leis, seja por si mesmos, seja com o soberano; seja o poder exclusivo, ou parte dele. Mas a própria natureza do governo exige que todo o poder legislativo, isto é, o poder de fazer leis de governo, pertença à *summa majestas* [suprema majestade], ou apenas ao soberano. (A menos que, quando a *summa potestas* [supremo poder] está em muitas mãos, você compare os participantes entre si e chame uma parte de soberano, por ter mais da soberania do que o resto.) Pois

aqueles que não são governantes de modo algum não podem realizar o ato principal do governo, que é a elaboração de leis de governo; mas o povo não é governante de modo algum, seja como comunidade, seja como súdito; de modo que você pode facilmente perceber que todos os argumentos para uma democracia natural são construídos sobre suposições falsas; e onde quer que o povo tenha qualquer parte na soberania, isso se deve à constituição posterior, e não pela natureza; e que os reis não recebem o seu poder do presente do povo (que nunca o teve para usar ou dar), mas apenas de Deus.

Proposição 10. Embora Deus não tenha feito uma determinação universal para qualquer tipo de governo em detrimento dos demais (seja monarquia, aristocracia ou democracia), porque o que é melhor para um povo pode ser pior para outros, contudo, ordinariamente, a monarquia é considerada melhor do que a aristocracia, e a aristocracia melhor do que a democracia. Isto sobre a origem do poder, de forma breve.

Objeção 1. Mas, diz o estimado Master Richard Hooker em *Eccl. Polit.*, livro 1, seção 10, p. 21: "Aquilo que dissemos sobre o poder de governo deve aqui ser aplicado ao poder de fazer leis pelas quais governar; o qual poder Deus tem sobre todos, e pela lei natural, à qual sujeitou a todos, o legítimo poder de fazer leis para comandar sociedades políticas inteiras de homens pertence tão propriamente às mesmas sociedades inteiras que, para qualquer príncipe ou potentado de qualquer tipo na terra exercê-lo por si mesmo, e não por comissão expressa recebida imediata e pessoalmente de Deus, ou então por autoridade derivada inicialmente do consentimento

daqueles sobre cujas pessoas impõem leis, não passa de mera tirania. Leis não são, portanto, aquelas que a aprovação pública não fez como tais".

Resposta. Porque a autoridade deste famoso teólogo é muito grande junto ao seu grupo, atrever-me-ei a dizer algo, para que suas palavras não causem maior dano; contudo, não por oposição confiante, mas por humilde proposição e submissão do meu julgamento aos superiores e homens mais sábios, cônscio de minha própria inferioridade e fraqueza. Considero tudo isto como uma afirmação que em lugar nenhum foi por ele provada (e por mim em outro lugar totalmente refutada). Leis são os efeitos e sinais da vontade do governante; e instrumentos de governo. A legislação é a primeira parte do governo; e se todo o corpo é naturalmente governante, a *pars imperans* [parte que comanda] e a *pars subdita* [parte que se submete] são confundidas. Se o monarca mais absoluto não pode fazer leis, então desobedecer a elas não seria falta alguma. É suficiente que o poder deles seja derivado de Deus imediatamente, embora as pessoas sejam escolhidas por homens. A autoridade deles não é derivada do consentimento do povo, mas de Deus, mediante o consentimento deles, como uma mera *conditio sine qua non* [condição indispensável]. E se uma comunidade disser toda ela ao seu rei eleito: "Não consideramos que tenhamos qualquer poder de governo para dar ou usar, mas apenas escolhemos você ou sua família para esse ofício que Deus instituiu, o qual nessa instituição lhe dá o poder mediante a nossa escolha"; poderá alguém provar que tal rei não tem poder, mas é um tirano, porque o povo nega a doação do poder, quando de fato eles cumprem o seu dever? Lembre-se de que em tudo isso não falamos do

governo deste ou daquele reino particular, mas de reinos e outras repúblicas indefinidamente.

Objeção 2. Mas, diz ele no livro 8, p. 192: "Para mim parece quase fora de dúvida e controvérsia que toda multidão independente, antes de qualquer forma certa de regime estabelecido, tem sob Deus autoridade suprema, pleno domínio sobre si mesma" —

Resposta. Se por domínio se entendesse propriedade, cada indivíduo a tem; mas quanto ao poder de governar, parece-me igualmente claro que a sua multidão independente não tem poder civil de governo de modo algum; mas apenas o poder de escolher para si governantes; enquanto não têm governantes, não têm poder de governar, pois é isso que constitui um governante.

Objeção 3. Ibidem. "Um homem que é senhor de si mesmo pode ser feito servo de outrem", etc.

Resposta. 1. Ele pode alugar-se para trabalhar para outrem; porque ele tem até aí o poder sobre si mesmo, e o seu trabalho é seu, o qual pode vender por salário; mas em uma família, o fato de o senhor ser o governante para ver as leis de Deus obedecidas por seus servos é de designação divina, e este poder de governar o servo não dá ao seu senhor, mas apenas se faz objeto dele. 2. O poder que a natureza dá a um homem sobre si mesmo é *tota specie* [totalmente em espécie] distinto do governo civil; (como Dr. Hammond bem demonstrou contra I. G.) Uma pessoa individual não tem aquele poder sobre a sua própria vida que o rei tem. Ele não pode se condenar à morte por aquilo que o rei pode condená-lo à morte. 3. Se

isto fosse verdade, que cada indivíduo, por autorrenúncia, pudesse dar a um rei o seu poder sobre si; contudo, *a posse ad esse non valet consequentia* [consequência da possibilidade para a realidade não é válida]; e que não é assim prova-se pelo fato de que Deus, o Soberano universal, antecipou-se a eles, determinando por Si mesmo os Seus próprios oficiais e dando-lhes o seu poder na mesma carta pela qual capacita o povo a escolhê-los. Portanto, não é melhor raciocínio do que dizer: Se todas as pessoas em Londres se sujeitassem ao lorde prefeito, ele receberia com isso o seu poder deles, quando o rei já se antecipou a isso, dando-lhe o poder ele mesmo em seu alvará, e deixando apenas a escolha da pessoa para eles; e isso sob a direção das regras que ele lhes deu.

Objeção 4. Mas diz ele no livro 8, p. 193: "Em reinos desta qualidade (como este em que vivemos), o governante supremo tem de fato domínio universal, mas com dependência daquele corpo inteiro sobre cujas diversas partes ele tem domínio; de modo que se estabelece como um axioma neste caso: O rei é *major singulis, universis minor* [maior que cada um, menor que todos juntos]".

Resposta. Se você o tivesse incluído a ele mesmo, é certo que ele não pode ser maior do que o todo, porque não pode ser maior do que si mesmo. Mas visto que você fala do todo em contraposição a ele, respondo que de fato *in genere causæ finalis* [em gênero de causa final], o soberano é *universis minor* [menor que todos juntos], isto é, o reino inteiro vale naturalmente mais do que um só, e a felicidade deles é um bem maior; caso contrário, o *bonum publicum* [bem público], ou *salus populi* [salvação do povo], não poderia ser o fim do governo; mas isto nada tem

a ver com o nosso caso; pois estamos falando do poder de governar como um meio para este fim; e assim *in genere causæ efficientis* [em gênero de causa eficiente], o soberano (sim, e o seu oficial mais baixo) tem mais autoridade ou *jus regendi* [direito de governar] do que todo o povo como tal (pois todos eles, como tais, não têm poder nenhum); assim como a igreja é de mais valor do que o pastor, e contudo apenas o pastor tem mais autoridade para administrar os sacramentos e para governar o povo do que todo o rebanho tem; pois eles não têm autoridade nem para usar nem para dar (digam alguns o que disserem em contrário), mas apenas escolhem aquele a quem Deus a dará.

Objeção 5. Diz o reverendo autor no livro 8, p. 194: "Nem pode qualquer homem com razão pensar senão que a primeira instituição de reis (consideração suficiente para que o seu poder sempre dependa daquilo de que sempre fluiu), pela influência original de poder proveniente do corpo para o rei, é a causa da dependência do poder dos reis em relação ao corpo: por dependência entendemos subordinação e sujeição".

Resposta. 1. Mas se a instituição deles *in genere* [em geral] foi de Deus, e isso lhes dá o seu poder, e este nunca fluiu do corpo de modo algum, então toda a sua superestrutura cai junto com o seu fundamento. 2. E aqui você parece claramente confundir todos os reinos, transformando a *pars imperans* [parte que comanda] na *pars subdita* [parte que se submete], e vice-versa; se o rei é sujeito, como são eles os seus súditos? Não irei inferir a que isto os levará a fazer, quando são ensinados que os reis estão em subordinação e sujeição a eles. A triste

experiência nos mostrou o que este mesmo princípio produziria.

Objeção 6. Ibidem. "Um sinal manifesto dessa dependência pode ser este: assim como não há argumento mais certo de que as terras são mantidas sob alguns como senhores do que se vemos que tais terras, na falta de herdeiros, revertem para eles por confisco; da mesma forma segue-se corretamente que, visto que o domínio, quando não há ninguém para herdá-lo, retorna ao corpo, portanto aqueles que antes eram herdeiros dele o mantinham em dependência do corpo; de modo que, ao comparar o corpo com a cabeça no que toca ao poder, parece que este sempre reside em ambos; fundamental e radicalmente em um, no outro de forma derivada; em um o hábito, no outro o ato do poder".

Resposta. O poder não reverte mais para a multidão por confisco do que o poder do pastor cai para a igreja, ou o poder do médico para o hospital, ou o poder do mestre para os alunos; isto é, de modo nenhum. Quando todos os herdeiros estão mortos, eles são uma comunidade sem governo, que tem poder para escolher um governante, mas nenhum poder para governar, nem (como você distingue) em hábito nem em ato, originalmente nem de forma derivada. Como ocorre com uma corporação quando o prefeito está morto, o poder não cai para o povo.

Portanto, não há boa base dada para a sua pergunta seguinte: "Pode um corpo político então, a qualquer tempo, retirar no todo ou em parte a influência de domínio que dele passa, se inconveniências surgirem por causa disso?". Embora você mesmo responda a esta questão de

forma sóbria, é fácil ver como a multidão pode ser tentada a respondê-la com base nos seus princípios, especialmente se pensarem que a inconveniência se transformou em necessidade; e que uso farão de suas próximas palavras: "Deve-se presumir que os governantes supremos não irão, em tais casos, opor-se e ser obstinados em reter aquilo cujo uso traz detrimento público". Uma estranha presunção.

Objeção 7. "Os axiomas do nosso governo real são estes: *Lex facit regem* [A lei faz o rei]; a concessão do rei de qualquer favor feita contrariamente à lei é nula; *Rex nihil potest nisi quod jure potest* [O rei nada pode senão o que pode pela lei]".

Resposta. Se *lex* [lei] for tomada impropriamente para o contrato constituinte entre o príncipe e o povo, e se o seu *facit* [faz] tiver respeito apenas à espécie e à pessoa, e não à substância do poder em si, então não o contradigo. Mas se *lex* [lei] for tomada propriamente para a *authoritativa constitutio debiti* [constituição autoritativa do dever], ou a significação da vontade do soberano para obrigar o súdito, então *lex non facit regem, sed rex legem* [a lei não faz o rei, mas o rei faz a lei].

Objeção 8. Livro 8, p. 210: "Quando tudo o que a sabedoria de todos os tipos pode fazer está feito para a elaboração de leis na igreja, é o consentimento geral de todos que lhes dá a forma e o vigor de leis; sem o qual elas não seriam para nós mais do que os conselhos de médicos para os doentes. Bem poderiam parecer admoestações e instruções salutares, mas leis nunca poderiam ser, sem o consentimento de toda a igreja para ser guiada por elas, para o que tanto a natureza quanto a prática da igreja de

Deus estabelecidas na Escritura mostram-se em todos os sentidos tão plenamente consonantes, que o próprio Deus não imporia, não, nem mesmo as Suas próprias leis ao Seu povo, pela mão de Moisés, sem o seu livre e aberto consentimento".

Resposta. 1. A sabedoria apenas prepara as leis, e o poder de governar as promulga e lhes dá a sua forma; mas o corpo inteiro não tem tal poder de governar, portanto eles não lhes dão a sua forma. 2. O consentimento do povo às leis de Deus não lhes deu a sua forma ou autoridade; esta opinião eu já confutei em outro lugar, contra um autor mais errôneo. O consentimento deles às leis de Deus era exigido de fato, como naturalmente necessário para a sua obediência, mas não como necessário para a existência ou obrigação da lei. Você pode pensar que não teria sido pecado para eles desobedecer às leis de Deus, a menos que tivessem consentido a elas primeiro? Então todo o mundo poderia escapar do pecado e da condenação ao negar o consentimento às leis de Deus. 3. Esta doutrina ensinará os homens que não temos leis eclesiásticas; pois toda a igreja nunca significou o seu consentimento. Milhões de pessoas mais pobres não têm votos na escolha de parlamentares ou assembleias; e isto ensinará a minoria dissidente a considerar-se desobrigada por falta de consentimento; e dará a cada parte ou pessoa dissidente um voto negativo para com todas as leis da igreja. 4. Um único bispo tem um poder de governar sobre a sua igreja particular, e eles estão obrigados a obedecer-lhe, Hb 13:7, Hb 13:17. E se o poder de governar de um pastor não é suspenso por falta do consentimento de parte ou de todo o povo, então muito menos o poder de governar do rei e do parlamento.

Objeção 9. Livro 8, p. 220: "É algo até indubitavelmente natural que todas as sociedades livres e independentes façam elas mesmas as suas próprias leis; e que este poder pertença ao todo, não a qualquer parte certa de um corpo político —".

Resposta. Isto é frequentemente afirmado, mas sem prova alguma; em muitas nações, os representantes de todo o corpo têm o poder legislativo, ou parte dele. Mas isso provém da constituição especial daquela república particular, e não pela natureza, nem é comum a todas as nações. Tudo o que naturalmente pertence ao povo como tal era apenas escolher os seus legisladores e assegurar as suas liberdades, e não fazer as leis eles mesmos, por si mesmos ou por meros representantes.

Objeção 10. Livro 8, p. 221: "Pois disto nenhum homem duvida, a saber, que em todas as sociedades, companhias e corporações, aquilo a que cada um individualmente estará obrigado deve ser ratificado com o assentimento de todos. Contra toda a equidade seria que um homem sofresse detrimento pelas mãos de homens por não observar aquilo com que ele nunca, por si mesmo ou por outros, concordou mediatamente —".

Resposta. Eu sou um daqueles que mais do que duvida daquilo de que você diz que nenhum homem duvida. Você não excetua sequer as leis de Deus, e todas aquelas que apenas as impõem ou conduzem os homens a obedecer-lhes? Assim como os homens estão obrigados a obedecer a Deus, consintam ou não; assim também devem obedecer às leis de seus soberanos, embora nunca tenham consentido a elas, nem mesmo à soberania deles, desde

que sejam membros daquela república para cujo governo o soberano foi legitimamente chamado; milhões de dissidentes podem estar obrigados a obedecer, até que deixem a sociedade.

Objeção 11. Livro 8, p. 221: "Se os magistrados são cabeças da igreja, eles são necessariamente cristãos".

Resposta. Isso nunca poderá ser provado. Uma cabeça constitutiva de fato deve ser cristã, e mais, até mesmo um pastor para uma igreja particular, e Cristo para a universal. Esta liderança os nossos reis rejeitam; mas uma cabeça da igreja, isto é, sobre a igreja, ou um governante coercitivo dela, o rei seria mesmo se não fosse cristão. Assim como alguém que não é médico pode ser cabeça sobre todos os médicos em seu reino; ou, embora não seja filósofo ou artista, pode ser cabeça sobre todos os filósofos e artistas; e em todas as suas causas ter o supremo poder coercitivo; assim o rei seria sobre todos os protestantes se não fosse protestante, e sobre todos os cristãos se não fosse cristão. Mas você pensa que aquele que não é membro da igreja não pode ser a cabeça dela. Respondo: não uma cabeça constitutiva, essencial, como o pastor é; mas ele pode ser a cabeça sobre ela, e ter todo o poder coercitivo sobre ela. E se o rei não for membro de muitas corporações em seu reino? Contudo, por ser cabeça do reino, ele é cabeça delas, ou sobre elas, visto que são partes dele.

Objeção 12. Livro 8, p. 218, 223, 224: "O poder que o rei tem, ele o tem pela lei: os limites e fronteiras dele são conhecidos; toda a comunidade dá a ordem", etc. p. 223. "Quanto àqueles que exercem o poder totalmente contra a ordem, embora o tipo de poder que possuem possa ser de

Deus, contudo o exercício que fazem dele é contra Deus e, portanto, não é de Deus, senão por permissão, como é toda injustiça". p. 224. "Usurpadores do poder, pelos quais não queremos dizer aqueles que pela violência aspiraram aos lugares de mais alta autoridade, mas aqueles que usam mais autoridade do que aquela que jamais receberam na forma e maneira antes mencionadas. Tais usurpadores dele que, no exercício do seu poder, fazem mais do que foram autorizados a fazer, não podem em consciência obrigar qualquer homem à obediência".

Resposta. É verdade que nenhum homem pode exercer mais poder do que possui: sendo o poder de que falamos *exousia* [autoridade], *jus regendi* [direito de governar], é impossível usar mais autoridade do que a que se tem; embora possam comandar além e sem autoridade. E é verdade que, onde um homem não tem autoridade ou direito de comandar, ele não pode obrigar diretamente à obediência. No entanto, um governante pode exercer mais poder do que o homem jamais lhe deu, e obrigar os homens à obediência com isso. Deus lhes dá poder para governar para a Sua glória, segundo as Suas leis, e para promover a obediência a essas leis de Deus (na natureza e na Escritura) por meio de leis subordinadas de sua autoria. E tudo isso o soberano pode fazer, se o povo, na escolha dele ou de sua família, disser apenas: "Nós o tomamos por nosso governante soberano"; pois então ele pode fazer tudo o que a verdadeira razão ou a Escritura constituem como o trabalho de um governante soberano, até mesmo governar o povo por todos os meios justos que tendam ao bem público e à sua felicidade eterna; e, contudo, aquele povo que não fizesse mais do que escolher pessoas ou famílias para governá-los, e não lhes estabelecesse limites,

não dá poder aos que escolhe, mas determina as pessoas que terão o poder vindo de Deus. No entanto, concede-se a você que, se a pessoa ou família escolhida estipular em contrato com eles governar apenas com tais e tais limitações, eles se obrigaram pelo seu próprio contrato; e assim tanto as especificações de governo quanto os graus de poder entram por meio dos homens. Mas distinga sempre: 1. Entre o povo dar a sua propriedade (em seus bens, trabalhos, etc., o que eles podem fazer) e dar autoridade ou poder de governar (o que eles não têm para dar). 2. Entre eles nomearem as pessoas que receberão o poder do Rei universal e darem o poder eles mesmos. 3. Entre balizar e limitar o poder e dar o poder. 4. E entre um soberano obrigar-se por contrato e ser obrigado pela autoridade de outros. Se eles forem limitados por contratos, que são comumente chamados de leis constitutivas ou fundamentais, é o seu próprio consentimento e contrato que efetivamente os obriga e limita; do qual, na verdade, a vontade do povo pode ser a ocasião, quando eles decidem que não serão governados em outros termos; mas se o contrato não os limitar, mas forem escolhidos simplesmente para ser as *summæ potestates* [supremos poderes], sem nomear quaisquer poderes particulares por concessão ou restrição, então, quanto ao governar, eles são absolutos em relação aos homens, e limitados apenas por Deus, de cujo poder supremo nunca podem estar isentos, o qual na natureza e na Escritura os restringe de tudo o que é ímpio e injusto, contra as Suas leis e honra, ou contra a felicidade e segurança públicas. E aqui também lembre-se de que, se alguém imaginar que Deus restringe um magistrado quando não é o caso, e que os comandos de seus

governantes são contrários à palavra de Deus quando não há tal coisa, o seu erro não justificará a sua desobediência.

Embora eu tenha respondido a estas passagens deste reverendo autor, não é para induzir ninguém a desvalorizar os seus escritos eruditos, mas para corrigir o leitor nos princípios de sua obediência, dos quais a prática tanto depende.

E confesso que outros autores de política dizem tanto quanto Master Hooker diz, tanto papistas quanto protestantes; mas não todos, nem penso que os mais sólidos: darei o exemplo agora apenas de Alstedius (uma pessoa excelente, mas enganada nisto), que diz em *Encyclop. lib. xxiii. Polit.* cap. 3. p. 178: *Populus universus dignior et potior est tum magistratu tum ephoris... Hinc recte docent Doct. Politici, populum obtinere regnum et jura majestatis proprietate et dominio: principem et ephoros usu et administratione* [O povo inteiro é mais digno e poderoso tanto que o magistrado quanto os éforos... Daqui corretamente ensinam os doutores políticos que o povo obtém o reino e os direitos de majestade por propriedade e domínio: o príncipe e os éforos por uso e administração] (ao passo que o povo não tem o *regnum vel jura majestatis* [reino ou direitos de majestade] de modo nenhum)... *Si administratores officium suum facere nolint, si impia, et iniqua mandent, si contra dilectionem Dei et proximi agant, populus propriæ salutis curam arripiet, imperium male utentibus abrogabit, et in locum eorum alios substituet... Porro ephori validiora ipso rege imperia obtinent: principem enim constituunt et deponunt; id quod amplissimum est præeminentiæ argumentum.*

Atque hæc prærogative mutuis pactis stabilitur... Interim princeps summam potestatem obtinere dicitur, quatenus ephori administrationem imperii, et cumulum potestatis ipsi committunt. Denique optimatum universorum potestas non est infinita et absoluta, sed certis veluti rhetris et clathris definita, utpote non ad propriam libidinem, sed ad utilitatem et salutem populi alligata. Hinc illorum munia sunt regem designare, constituere, inaugurare, constitutum consiliis et auxiliis juvare; sine consensu et approbatione principis, quamdiu ille suum officium facit, nihil in reipublicæ negotiis suscipere: nonnunquam conventum inscio principe agere, necessitate reipublicæ exigente... Populum contra omnis generis turbatores et violatores defendere [Se os administradores não quiserem fazer o seu ofício, se mandarem coisas ímpias e iníquas, se agirem contra o amor a Deus e ao próximo, o povo assumirá o cuidado de sua própria salvação, revogará o império daqueles que dele abusam e substituirá por outros em seu lugar... Ademais, os éforos obtêm impérios mais válidos que o próprio rei: pois constituem e depõem o príncipe; o que é o mais amplo argumento de preeminência. E esta prerrogativa é estabelecida por pactos mútuos... Enquanto isso, diz-se que o príncipe obtém o sumo poder, na medida em que os éforos lhe cometem a administração do império e o acúmulo do poder. Enfim, o poder de todos os nobres juntos não é infinito e absoluto, mas definido por certas regras e grades, por assim dizer, visto que está ligado não à própria libido, mas à utilidade e salvação do povo. Daqui os seus deveres são designar, constituir e inaugurar o rei, ajudar aquele que foi estabelecido com conselhos e auxílios; sem o consentimento e aprovação do príncipe,

enquanto ele faz o seu ofício, nada empreender nos negócios da república: às vezes realizar assembleia sem o conhecimento do príncipe, exigindo a necessidade da república... Defender o povo contra todo gênero de turbadores e violadores]. Suponho que os princípios de Master Hooker e os de Alstedius eram praticamente os mesmos. Não me atreverei a citar a conclusão, cap. 12. p. 199. R. 5. *de resistendo Tyranno* [sobre resistir ao Tirano].

Muitos outros autores seguem o mesmo caminho e dizem que o povo tem a *majestas realis* [majestade real] (tanto papistas quanto protestantes e pagãos). Mas suponho que o que eu disse contra Hooker servirá para mostrar a fraqueza de seus fundamentos: embora não seja de modo algum o meu propósito contradizer nem Hooker nem qualquer outro no que diz respeito a expor o caráter odioso do pecado da tirania (que hoje em dia impede o evangelho na maior parte do mundo e é o maior inimigo do reino de Cristo), nem tampouco quando pleiteiam pelas justas liberdades do povo; mas não sou a favor da autoridade deles.

Direção 2. Comece com uma obediência resolvida, absoluta e universal a Deus, seu Criador e Redentor, que é o seu Rei soberano e será o seu justo Juiz final. Assim como aquele que não é súdito leal ao rei nunca poderá obedecer bem aos seus oficiais; assim aquele que não sujeita a sua alma ao poder original de seu Criador nunca poderá obedecer bem ao poder derivado dos governantes terrestres.

Objeção. Mas, você pode dizer, a experiência nos ensina que muitas pessoas ímpias são obedientes aos seus

superiores tão bem quanto os outros. Respondo: materialmente eles são, mas não formalmente, nem a partir de um princípio correto e para fins corretos: assim como um rebelde contra o rei pode obedecer a um juiz de paz para os seus próprios fins, enquanto este o deixar em paz ou tomar o seu partido; mas não formalmente, como oficial do rei; assim os homens ímpios podem lisonjear príncipes e magistrados para os seus próprios fins, ou por algum interesse rasteiro, mas não sinceramente como oficiais de Deus. Não é provável que seja verdadeiramente obediente ao homem aquele que é tão tolo, desonesto e ímpio a ponto de rebelar-se contra o seu Criador; nem que obedeça àquela autoridade que ele primeiro nega em sua causa eficiente original e primeira. O que quer que Satanás e os seus servos digam, e por mais que alguns hipócritas contrariem em suas práticas a religião que professam, contudo nada é mais certo do que os cristãos mais sérios e piedosos serem os melhores súditos na terra; como os seus próprios princípios facilmente demonstrarão.

Direção 3. Tendo começado com Deus, obedeça aos seus governantes como oficiais de Deus, com uma obediência em última análise divina. Todas as coisas devem ser feitas em santidade pelos santos. Isto é, Deus deve ser discernido, obedecido e pretendido em tudo; e, portanto, nos magistrados de uma maneira especial. Em dois aspectos os magistrados são obedecidos, ou melhor, lisonjeados pelos ímpios: primeiro, como homens que são capazes de lhes fazer bem ou mal corporal; assim como um cavalo, um cão ou outro bruto o seguirá por causa do estômago, e gosta de estar onde é melhor tratado. Segundo, como chefe do seu partido e incentivador do seu mau caminho, quando encontram governantes que são

ruins. Os homens perversos amam os magistrados perversos por serem servos de Satanás; mas os homens fiéis devem honrar e obedecer a um magistrado como oficial de Deus; até mesmo um magistrado como magistrado, e não apenas como santo, é um oficial do Senhor de todos. Portanto, o quinto mandamento é como a dobradiça das duas tábuas; muitos dos antigos pensavam que era o último mandamento da primeira tábula, e os modernos pensam que é o primeiro mandamento da última tábula; pois comanda o nosso dever para com o tipo mais nobre de homens; mas não meramente como homens, mas como oficiais de Deus. Eles rebaixam os magistrados ao olharem para eles meramente como aqueles que dominam outros homens, como a besta mais forte faz com a mais fraca: nada o tornará sincero e constante em honrá-los e obedecer-lhes senão tomá-los como oficiais de Deus e lembrar por comissão de quem eles governam, e de quem fazem o trabalho; que "eles são ministros de Deus para o nosso bem", Rm 13:1-5. Se você não fizer isso: 1. Você ofende a Deus, de quem eles são servos; pois aquele que despreza, não despreza o homem, mas a Deus. 2. Você ofende o magistrado, tanto quanto faria a um embaixador se o considerasse o mensageiro de algum rebelde sem importância, ou alguém que não vale mais do que o seu valor pessoal denota. 3. E você prejudica a si mesmo; pois, enquanto negligencia o interesse e a autoridade de Deus em seus governantes, você perde a aceitação, proteção e recompensa de Deus. Tanto os súditos quanto os servos devem aprender aquela grande lição, Cl 3 :23-25: "Tudo o que fizerdes, fazei-o de coração, como para o Senhor e não para os homens; sabendo que do Senhor recebereis a recompensa da herança, pois servis

ao Senhor Cristo: mas o que fizer injustiça receberá pela injustiça que fizer; e não há acepção de pessoas". O mesmo em Ef 6:5-8. Os magistrados são tão verdadeiramente oficiais de Deus quanto os pregadores: e, portanto, assim como aquele que ouve os pregadores ouve a Ele, assim aquele que obedece aos governantes obedece a Ele: as exceções são semelhantes em ambos os casos: não é tudo o que devemos receber dos pregadores; nem tudo o que devemos fazer ao comando dos governantes; mas ambos, em seu devido lugar e trabalho, devem ser considerados como oficiais de Deus; e não como homens que não têm autoridade superior à sua própria para os sustentar.

Direção 4. Não permita que quaisquer vícios da pessoa façam você esquecer a dignidade de seu cargo. A autoridade de um governante pecador é de Deus e deve, consequentemente, ser obedecida: sobre isso, leia amplamente o Bispo Bilson em seu excelente tratado sobre a Sujeição Cristã, contra os papistas que excomungam e depõem príncipes a quem consideram heréticos ou favorecedores destes. Aqueles pecados que condenarão a alma de um homem e o privarão do céu não o privarão de seu reino, nem desobrigarão os súditos de sua obediência. Um infiel, ou um cristão ímpio (isto é, um hipócrita), é capaz de ser um príncipe, assim como de ser pai, marido, senhor; e o apóstolo ensinou a todos, bem como aos servos, o seu dever para com tais pessoas. 1Pe 2:18-21: "Servos, sujeitai-vos com todo o temor a vossos senhores, não somente aos bons e moderados, mas também aos maus. Porque é louvável se alguém, por motivo de consciência para com Deus, suporta tristezas, sofrendo injustamente. Pois que glória há se, pecando e sendo esbofeteados, o suportais com paciência? Mas se, fazendo

o bem e sendo afligidos, o suportais com paciência, isto é agradável a Deus. Porque para isto fostes chamados". Embora seja uma rara misericórdia ter governantes piedosos, e um grande julgamento ter governantes ímpios, é algo que deve ser suportado.

Direção 5. Não divulgue nem agrave os vícios de seus governantes para a desonra deles; pois a honra deles é necessária para o bem público. Se eles não têm cuidado de sua própria honra, ainda assim os seus súditos devem ter cuidado dela. Uma vez desonrados, eles serão mais facilmente desprezados, odiados e desobedecidos. Portanto, a desonra dos governantes tende à dissolução do governo e à ruína da república. Apenas em dois casos os antigos cristãos agravaram a perversidade de seus governantes. 1. No caso de serem monstros cruéis como Nero, que viveram para a miséria da humanidade. 2. No caso de serem não apenas inimigos declarados da igreja de Cristo, mas a honra deles estar em competição com a honra do cristianismo, da piedade e da honestidade, como no caso de Juliano; confesso que, contra Nero e Juliano, tanto vivos quanto mortos (e muitos semelhantes a eles), as línguas e canetas de pessoas sábias e sóbrias foram muito livres; mas o quinto mandamento não deve ser esquecido: "Honra a teu pai e a tua mãe"; e 1Pe 2:17: "Temei a Deus, honrai o rei"; embora você não deva chamar o mal de bem, você pode ocultar e esconder o mal: Cão foi amaldiçoado por revelar a nudez de seu pai. Embora você não deva lisonjear ninguém em seus pecados, nem impedir o seu arrependimento, mas sim promovê-lo por todos os meios justos, contudo você deve falar honrosamente de seus governantes e esforçar-se para gerar uma estima honrosa por eles na mente do povo; e

não como alguns, que pensam que agem bem se conseguem secretamente tornar seus governantes odiosos, revelando e agravando as suas faltas.

Direção 6. Domine as suas paixões, para que nenhuma injúria que você possa sofrer por parte deles perturbe a sua razão e faça você desonrá-los por meio de vingança. Se você não pode se vingar de homens comuns, muito menos de magistrados; e a língua pode ser um vingador injusto, tanto quanto a mão. A paixão o provocará a dizer a todos: "Fui tratado de tal e tal maneira", e a convencê-lo de que não é pecado dizer a verdade sobre o que sofreu: mas lembre-se de que o bem público e a honra dos oficiais de Deus são de maior valor do que a reparação de uma pessoa particular que foi prejudicada. Muitas pessoas descontentes incendiaram reinos ao divulgar as faltas dos governantes para a reparação de si mesmas.

Objeção. Mas homens cruéis, injustos ou perseguidores farão o mal e não ouvirão falar dele, nem serão humilhados por isso?

Resposta. 1. Pregadores do evangelho e outros que tenham oportunidade podem dizer-lhes isso em particular, para levá-los ao arrependimento (se eles o suportarem), sem desonrá-los ao torná-lo público. 2. Os historiadores contarão isso à posteridade, para a sua perpétua infâmia (se o arrependimento e a prática do bem não recuperarem a honra deles). Os lisonjeadores abusam dos vivos, mas a verdade desonrará a perversidade deles quando estiverem mortos: pois é o próprio decreto de Deus: "A memória do justo é abençoada, mas o nome dos ímpios apodrecerá", Pv 10:7. 3. E o próprio Deus se vingará

plenamente dos impenitentes para sempre, tendo lhe dito: "Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se lançasse no fundo do mar, do que escandalizar a um destes pequeninos". E não é tudo isso suficiente, sem a vingança de suas línguas apaixonadas? Falar mal das dignidades, desprezar a autoridade e proferir acusações ultrajantes são os pecados dos antigos heréticos libertinos. Cristo nos deixou o Seu exemplo, para não ultrajarmos nem mesmo o mais humilde quando somos ultrajados, 1Pe 2:23. Se você crê que Deus justificará os inocentes e os vingará rapidamente, Lc 18:7-8, por que precisa ser tão apressado em justificar e vingar a si mesmo?

Objeção. Se Deus quer que os seus nomes apodreçam e que se fale mal deles quando estiverem mortos, por que não posso fazê-lo enquanto estão vivos?

Resposta. Há uma enorme diferença entre um verdadeiro historiador e um vingador de si mesmo na razão da coisa e nos efeitos: desonrar governantes ruins enquanto vivem tende a excitar o povo à rebelião e a incapacitá-los para governar; mas que a verdade seja dita sobre eles quando estiverem mortos apenas lança um repúdio sobre o pecado e serve de advertência para os outros, para que não os sigam no mal: e nenhum príncipe perverso foi jamais tão grande e poderoso a ponto de impedir isso; pois é parte do julgamento determinado de Deus. Contudo, os historiadores devem expor as faltas da pessoa de tal modo que não tragam o cargo ao desprezo, mas preservem a reverência devida à autoridade e ao lugar dos governantes.

Direção 7. Por todos os meios supere a mente egoísta e adquira um espírito tão santo e público que se importe mais com a honra de Deus e com o interesse público do que com o seu próprio. É o egoísmo que é o grande rebelde e inimigo de Deus, do rei e de nosso próximo. Um espírito egoísta e privado não se importa com o que a comunidade sofre, desde que ele mesmo possa sair ganhando com isso. Para se vingar, ou para subir a algum lugar mais alto, ou aumentar as suas riquezas, ele trairá e arruinará o seu rei, o seu país e os seus amigos mais próximos. Um homem egoísta, ambicioso e cobiçoso não é fiel a ninguém além do tempo em que este serve aos seus propósitos; nem se deve confiar nele além do que o seu próprio interesse permitir. A negação de si mesmo e o espírito público são necessários para todo súdito fiel.

Direção 8. Não deseje o mal aos seus governantes em seus pensamentos secretos; mas se qualquer pensamento desse tipo entrar em seus corações, rejeite-o com detestação. Ec 10:20: "Nem ainda no teu pensamento amaldiçoes o rei, nem no mais secreto do teu quarto amaldiçoes o rico; porque as aves do céu levarão a voz, e o que tem asas dará notícia do assunto". Um zelo febril e mal direcionado pela religião, e um descontentamento apaixonado por injúrias pessoais, tornam muitos grandemente culpados neste ponto; eles ficariam muito satisfeitos se Deus mostrasse algum julgamento severo sobre os perseguidores; e não tomam advertência pelas repreensões de Cristo a Tiago e João, mas secretamente desejam fogo do céu, sem saber de que tipo de espírito eles são. Eles nutrem tais pensamentos que lhes são agradáveis, embora não ousem proferi-los em palavras. E

aquele que ousa desejar o mal está em perigo de ser levado pela tentação a praticar o mal.

Objeção. Mas não podemos orar pela eliminação dos perseguidores? E não podemos dar graças a Deus por isso, se Ele mesmo o fizer, sem qualquer meio pecaminoso de nossa parte?

Resposta. 1. Todo governante que derruba uma seita ou grupo de cristãos e estabelece outro (talvez tão fiel ao interesse do cristianismo quanto eles) não deve ser alvo de orações contrárias, nem sua destruição deve ser desejada pela parte que sofre. 2. Se ele for um perseguidor do cristianismo e da própria piedade, como os pagãos e infiéis são, contudo, se o seu governo faz mais bem do que a sua perseguição faz mal, você não deve sequer desejar a sua queda. 3. Se ele fosse um Nero ou um Juliano, você deve orar primeiro por sua conversão; e se isso não puder ser, então, em seguida, por sua contenção, e nunca por sua destruição, senão sob a suposição de que nenhuma das duas coisas anteriores possa ser alcançada (o que você não pode afirmar). 4. Você deve orar pela libertação da igreja perseguida e deixar o caminho e os meios para Deus, sem prescrever a Ele. Desejos e orações prejudiciais raramente vêm de Deus. 5. Você pode alegrar-se mais livremente depois do ocorrido do que desejá-lo antes: porque quando um Juliano é eliminado, você sabe que a justa vontade de Deus foi cumprida; ao passo que antes você não sabia se era a vontade Dele: contudo, depois, é pela libertação da igreja, e não pelo mal do perseguidor como tal, que você deve dar graças: seja muito desconfiado aqui, para que a parcialidade e a paixão não o ceguem.

Direção 9. Aprenda a sofrer; e saiba que uso Deus pode fazer de seus sofrimentos, e não pense melhor da prosperidade e pior do sofrimento do que você tem causa para pensar. É um coração carnal e incrédulo que faz tanta questão da pobreza, da prisão, do exílio ou da morte, como se estivessem arruinados caso sofram por Cristo, ou sejam enviados ao céu antes do tempo; como se os reinos devessem ser perturbados para salvá-lo de sofrer: isto se adequa melhor a um infiel ou a um homem do mundo, que toma a sua prosperidade terrena como sua porção e pensa que não tem outra coisa a ganhar ou perder. Você não sabe o que a igreja ganhou com o sofrimento? Quão pura ela tem sido quando o fogo da perseguição a refinou? E como a prosperidade tem sido a própria coisa que a poluiu e a despedaçou por completo, ao deixar entrar todo o mundo ímpio na comunhão visível dos santos, e ao colocar os bispos a disputar pela superioridade e a sobrepujar imperadores e reis? Muitos milhares que seriam excelentes pessoas na adversidade não conseguem suportar um estado elevado ou próspero, mas suas mentes se alteram, e o orgulho e a contenda os tornam o escárnio dos adversários que os observam.

Direção 10. Confie em Deus e viva pela fé; e então você não verá necessidade de meios rebeldes ou de qualquer meio pecaminoso. Você crê que tanto os corações quanto as vidas dos reis, e todos os seus assuntos, estão nas mãos de Deus? Se não, vocês são ateus. Se crê, então não pensa que Deus é mais apto do que você para dispor deles? Aquele que crê não se apressará. A libertação das perseguições deve ser buscada em oração e aguardada, e não arrebatada pela violência, como um cão faminto arrebata a carne das mãos de seu dono e morde os seus

dedos. Você crê que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus"? Rm 8:28. E você crê que os piedosos são mais do que vencedores, quando são entregues à morte o dia todo e considerados como ovelhas para o matadouro? Rm 8:32-35. E você crê que é motivo de grandiosa alegria quando, por causa da justiça, sois odiados e perseguidos, e toda sorte de mal é dita falsamente contra vós? Mt 5:10-12. Se não crê, você não crê em Cristo; se crê, lutará por meios pecaminosos contra o seu próprio bem, felicidade e alegria? Desejará vencer quando pode ser mais do que vencedor? Certamente, o uso de meios pecaminosos provém da descrença e desconfiança secretas. Aprenda a confiar em Deus, e você facilmente será sujeito aos seus governantes.

Direção 11. Não busque grandes coisas no mundo: considere-o apenas como aquele deserto que é o caminho para a terra prometida do descanso. E então você não considerará estranho encontrar tratamento severo e sofrimentos vindos de quase todos. "Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se alguma coisa estranha vos acontecesse; mas regozijai-vos por serdes participantes dos sofrimentos de Cristo", 1Pe 4:12-13. Você está contente com Deus e o céu como sua porção? Se não, como vocês são cristãos? Se está, você tem pouca tentação para se rebelar ou usar meios ilícitos para obter privilégios terrenos. Paulo diz que "sentia prazer nas perseguições", 2Co 12:10. Aprenda você a fazer o mesmo, e facilmente as suportará.

Direção 12. Abomine o espírito popular de inveja, que faz os pobres, em sua maioria, pensarem de forma odiosa sobre os ricos e seus superiores, porque estes têm aquilo

que eles próprios gostariam de ter. Há muito observo que as pessoas pobres que trabalham são muito propensas a falar dos ricos como os homens sóbrios falam dos bêbados; como se as propriedades, a dignidade e a grandeza deles fossem em si mesmas um vício. E isso serve em grande parte para lisonjear a sua própria consciência e iludir-se com esperanças infundadas do céu. Quando não têm o espírito de regeneração e santidade para testemunhar o seu direito à vida eterna, pensam que a sua pobreza suprirá essa falta; e costumam dizer que esperam que Deus não os castigue em outro mundo, porque já tiveram a sua cota de sofrimento neste: mas facilmente acreditarão que quase todos os ricos e grandes vão para o inferno; e quando leem Lucas 16 sobre o rico e Lázaro, pensam que eles são os Lázaros, e leem a passagem como se Deus fosse salvar os homens meramente por serem pobres, e condenar os homens por serem grandes e ricos; quando, no entanto, eles mesmos seriam tão ricos e grandes quanto pudessem se soubessem como alcançar isso. Pensam que eles são os mantenedores da comunidade, e os ricos são as lagartas dela, que vivem de seus trabalhos, como zangões na colmeia, ou camundongos e pragas que comem o mel que as pobres abelhas operárias passaram muito tempo reunindo. Pois eles não estão familiarizados com os trabalhos e preocupações de seus governantes, sendo sensíveis apenas aos seus próprios problemas. Esse espírito invejoso dispõe grandemente os pobres a descontentamentos, tumultos e rebeliões; mas isso não vem de Deus, Tg 3:15-17.

Direção 13. Não ande em companhia de murmuradores invejosos do governo; pois as suas palavras corroem como gangrena, e o pecado deles é de natureza contagiosa. Que

multidão foi atraída para a rebelião de Corá, a qual, sem dúvida, foi provocada pelas palavras descontentes do líder. Parece que eles eram favoráveis à popularidade. "Basta-vos, pois toda a congregação é santa, cada um deles, e o Senhor está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a congregação do Senhor?... É pouco que nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel, para nos matares neste deserto, senão que também queres fazer-te senhor sobre nós?... Arrancarás os olhos a estes homens?", Nm 16:3, Nm 16:13-14. Que confiança e que belos pretextos estão aqui! Tão prováveis e plausíveis para o povo que não admira que multidões tenham sido levadas à rebelião por isso! Embora Deus os tenha rejeitado por meio de um julgamento terrível e mostrado quem Ele havia escolhido para ser os governantes de Seu povo.

Direção 14. Mantenha-se humilde e acautele-se contra o orgulho. Os humildes estão prontos a obedecer e ceder, e não apenas a sujeitar-se aos magistrados, mas a todos os homens, até mesmo voluntariamente sujeitar-se àqueles que não podem constrangê-los. "Sujeitai-vos todos uns aos outros", 1Pe 5:5. Não é difícil para um ramo flexível curvar-se, e para uma alma humilde ceder e obedecer a outro em qualquer coisa que seja legítima. Mas os orgulhosos tomam a sujeição por vassalagem, e a obediência por escravidão, e dizem: "Quem é senhor sobre nós? Nossas línguas são nossas: que senhor nos controlará? Seremos feitos escravos de fulano e sicrano?". "Da soberba só provém a contenda", Pv 13:10. Ao causar a impaciência, ela causa a desobediência e a sedição.

Direção 15. Não se intrometa sem chamado nos assuntos dos superiores, e não tome para si a função de censurar as

ações deles, para o que você não tem capacidade, aptidão ou autoridade. Quão comumente cada comerciante e trabalhador em seu trabalho estará censurando os conselhos e o governo do rei; e falando de coisas que nunca tiveram meios suficientes para compreender! A menos que você estivesse presente no local, e tivesse ouvido todos os debates e consultas, e compreendido todas as circunstâncias e razões do negócio, como pode imaginar que a tão grande distância você seja um juiz competente? Temei a Deus, e não julgueis para que não sejais julgados. Se os intrometidos e os que se ocupam dos negócios alheios entre iguais são condenados, 2Ts 3:11; 1Tm 5:13; 1Pe 4:15; muito mais quando se intrometem, e isso de forma censória, nos assuntos de seus governantes. Se você quer agradar a Deus, conheça e guarde o seu lugar, como soldados em um exército, o que constitui a sua bela ordem e a sua força.

Direção 16. Considere as grandes tentações dos ricos e grandes; e tenha piedade deles que se encontram em posição tão perigosa, em vez de murmurar contra eles ou invejar a sua grandeza. Vocês pouco sabem o que seriam se estivessem no lugar deles, e se o mundo e a carne tivessem sobre vocês influência tão grande quanto têm sobre eles. Aquele que consegue nadar em águas mais calmas pode ser arrastado por uma correnteza violenta. É mais difícil para aquela ave voar que tem muitos pesos amarrados para mantê-la embaixo do que para aquela que tem apenas uma palha para carregar para o seu ninho. É mais difícil subir em direção ao céu com senhorios e reinos do que com os seus impedimentos menores. Por que não têm piedade daqueles que estão no topo de montanhas áridas, sob o açoite de cada tempestade e vento, enquanto

vocês habitam nos vales quietos e férteis? Vocês invejam aqueles que devem ir para o céu como um camelo pelo fundo de uma agulha, se é que algum dia chegarão lá? E estão descontentes por não estarem na condição deles? Irão rebelar-se e lutar para tornar a salvação de vocês tão difícil quanto a deles? São tão ingratos a Deus por sua posição mais segura que murmuram contra ela e anseiam estar no lugar mais perigoso?

Direção 17. Ore constante e sinceramente pelo bem-estar espiritual e corporal de seus governantes. E você tem razões para crer que Deus, que lhe ordenou que fizesse tais orações, não permitirá que sejam totalmente perdidas, mas as responderá de alguma forma para o benefício daqueles que realizam o dever, 1Tm 2:1-3. E a própria realização dele nos fará muito bem por si mesma; pois manterá o coração bem disposto para com os nossos governantes e afastará todos os desejos pecaminosos de seu mal; ou os controlará e expulsará se entrarem: a oração é o exercício do amor e dos bons desejos; e o exercício aumenta e confirma os hábitos. Se quaisquer maus desejos contra os seus governantes surgirem em suas mentes, na próxima vez que orar por eles a consciência o acusará de hipocrisia, e ou os desejos pecaminosos corromperão ou encerrarão as suas orações, ou então as suas orações expulsarão esses maus desejos. Certamente as orações fiéis e fervorosas dos justos prevalecem muito diante de Deus: e as coisas correriam melhor do que correm no mundo se orássemos pelos governantes tão sinceramente quanto deveríamos.

Objeção. Apesar de todas as orações da igreja, cinco partes em seis do mundo ainda são de idólatras, pagãos,

infiéis e maometanos; e, apesar de todas as orações das igrejas reformadas, a maior parte do lado cristão do mundo está afogada no papado, ou em grossa ignorância e superstição, e as pobres igrejas gregas têm governantes maometanos ou tirânicos, e prelados carnais, orgulhosos e usurpadores dominam a igreja romana; e existem apenas três reis protestantes em toda a terra! E entre os próprios israelitas, que contavam com sacerdotes e profetas para orar por seus príncipes, um bom rei era tão raro que, quando se nomeia cinco ou seis sobre Judá (e nenhum depois da divisão sobre Israel), mal se sabe onde encontrar o resto. Que bem fazem, então, as suas orações por reis e magistrados?

Resposta. 1. Como eu disse antes, elas mantêm os corações dos súditos em uma estrutura obediente e santa. 2. Se não fossem as orações, aqueles poucos bons seriam ainda menos ou piores do que são; e os ruins poderiam ser piores, ou pelo menos causar mais danos à igreja do que causam agora. 3. Não se deve esperar que tudo seja concedido exatamente da forma como os crentes oram; pois então não apenas os reis, mas todo o mundo seria convertido e salvo, pois deveríamos orar por todos. Mas Deus, que sabe melhor como distribuir as Suas misericórdias, e honrar a Si mesmo, e refinar a Sua igreja por meio da malícia e perseguição de Seus inimigos, fará das orações do Seu povo um meio daquela medida de bem que Ele fará pelos governantes e através deles no mundo; e isso é suficiente para nos encorajar a orar. 4. E, de fato, se quando homens do mundo orgulhosos e ímpios venderam as suas almas por meios pecaminosos para subir a lugares de poder, comandar e dominar os outros, as orações dos fiéis devessem imediatamente converter e

salvar a todos eles pelo fato de serem governantes, isso pareceria acusar Deus de acepção de pessoas e falta de justiça, e afogaria o mundo em maldade, traições, derramamento de sangue e confusão, ao encorajar os homens, por lisonjas, traições ou assassinatos, a usurpar tais lugares nos quais podem tanto satisfazer as suas concupiscências quanto, depois, salvar as suas almas, enquanto os piedosos estariam obrigados a orar para que entrassem no céu. Não é esse tipo de atendimento de orações por governantes que Deus prometeu. 5. E, no entanto, devo observar que a maioria dos cristãos é tão fria e formal em suas orações pelos governantes do mundo e da igreja que temos grandes razões para imputar a infelicidade dos governantes em grande parte à negligência deles; quase todos os homens estão tão ocupados com as suas próprias preocupações que deixam de lado as preocupações públicas do mundo, da igreja e do Estado com algumas palavras habituais e sem vida; e não compreendem o significado das três primeiras petições da oração do Senhor, e a razão de sua precedência, ou não as fazem com aquele sentimento com que fazem as outras três. Se pudéssemos constatar que a generalidade dos cristãos era mais fervorosa e importuna diante de Deus pela santificação do Seu nome por todo o mundo, pela vinda do Seu reino, pela obediência à Sua vontade na terra como é feita no céu, e pela conversão dos reis e reinos do mundo do que por qualquer de suas preocupações pessoais, eu tomaria isso como um melhor prognóstico da felicidade de reis e reinos do que qualquer um que tenha aparecido em nossos dias. E aqueles que estão ocupados com as expectativas do reinado visível de Cristo na terra encontrariam uma forma mais legítima e confortável de

promover o Seu governo através de Seus próprios oficiais designados do que rebelar-se contra reis e buscar derrubá-los sob pretexto de estabelecer Aquele que os designou, cujo reino (pessoalmente) não é deste mundo.

Direção 18. Quando for tentado a ter pensamentos desonrosos de seus governantes, olhe para a face de toda a terra e compare a sua situação com as nações do mundo; e então as suas murmurações poderão ser transformadas em gratidão por tão grande misericórdia. Que motivo tem Deus para nos diferenciar de outras nações e nos dar mais do que uma proporção igual de misericórdia com o resto do mundo? Merecemos ter um rei cristão quando cinco partes do mundo têm governantes que são pagãos e maometanos? Merecemos ter um rei protestante quando todo o mundo tem apenas mais dois? Quão feliz seria o mundo se fosse assim com todas as nações como é conosco! Lembre-se de como a ingratidão nos faz perder a felicidade.

Direção 19. Considere tanto os benefícios que você recebe através dos governantes quanto os sofrimentos pelos quais passa; e especialmente considere os benefícios comuns, e valorize-os acima dos seus próprios. Aquele que sabe o que é o homem, o que é o mundo, o que são as tentações dos grandes homens, o que ele mesmo merece, a necessidade que os melhores têm de aflição e o bem que podem obter pelo uso correto dela, nunca se espantará nem se queixará de ter as suas misericórdias terrenas misturadas com provações, e de encontrar um toque de sal ou acidez no molho de seus pratos agradáveis. Pois o prato mais doce não é o de melhor digestão. E aquele que repara mais em suas poucas aflições do que em seus muitos benefícios tem

muito mais sensibilidade egoísta da carne do que gratidão sincera para com o seu Benfeitor. É para o seu próprio bem que os governantes são ministros de Deus, Rm 13:3-5. Talvez você ache estranho que eu lhe diga (o que tenho dito frequentemente) que penso que não há muitos governantes, não, nem mesmo tiranos e perseguidores, tão ruins que os piedosos que vivem sob o seu governo não recebam dele mais bem do que mal; e (embora se deva confessar que governantes melhores fariam melhor, contudo) quase os piores são melhores do que nenhum. E ninguém é mais devedor a Deus pelos magistrados do que os piedosos, embora ninguém sofra tanto por eles na maioria das partes do mundo. A minha razão é: 1. Porque a multidão de necessitados e de pródigos dissolutos, se estivessem todos sem governo, rasgaria a garganta dos mais ricos e industriosos; e, assim como os ladrões tratam os homens em suas casas e na estrada, tais pessoas tratariam todos ao seu redor e transformariam tudo em uma guerra constante. E com isso toda indústria honesta seria destruída, enquanto o fruto do trabalho dos homens estaria todo à mercê de qualquer um que fosse mais forte do que o proprietário; e um ladrão pode levar tudo em uma noite pela qual você trabalhou durante muitos anos, ou pode incendiar tudo sobre as suas cabeças; e mais pessoas seriam mortas nessas guerras por aqueles que buscavam os seus bens do que os tiranos e perseguidores costumam matar (a menos que sejam do tipo mais cruel de todos). 2. E é evidente que, na maioria dos países, a inimizade universal da natureza corrompida contra a piedade séria inflamaria a plebe, se esta estivesse sem governo, a cometer mais assassinatos e crueldades contra os piedosos do que a maioria dos perseguidores no mundo cometeu.

Contudo, não nego que na maioria dos lugares há um tipo sóbrio de homens de classe média que ouvem a razão e são mais favoráveis à religião do que os mais altos ou os mais baixos costumam ser. Mas suponha que esses homens sóbrios fossem os mais numerosos, ainda assim a plebe vulgar é a mais violenta e, se os governantes não os contivessem, deixaria poucos fiéis vivos na terra. Por mais volumes que tenham sido escritos sobre os mártires que sofreram por causa de perseguidores, penso que estes salvaram a vida de muito mais pessoas do que as que assassinaram. Embora isso não seja motivo de agradecimento a eles, é uma misericórdia para os outros. Por mais que a Rainha Maria tenha martirizado, teriam sido muito mais se ela tivesse apenas deixado a plebe solta sobre eles e nunca se intrometesse com eles por autoridade. Não creio que Nero ou Diocleciano tenham martirizado nem de perto tantos quanto o povo deixado solto sobre eles teria feito. Muito mais foi Juliano um protetor da igreja contra a fúria popular, embora, em comparação com um Constantino ou um Teodósio, ele tenha sido uma praga. Se você considerar assim os benefícios de sua proteção comum, a sua gratidão pelos governantes superaria as suas murmurações. Em alguns lugares e em alguns momentos, talvez o povo favorecesse o evangelho e corresse atrás de Cristo se os governantes não os impedissem; mas esse não seria o caso comum, e a sua inconstância é tão grande que o que construíram em um dia em seu zelo, no dia seguinte derrubariam em fúria.

Direção 20. Não pense que qualquer mudança de forma de governo curaria aquilo que é causado pelo pecado do povo ou pela depravação comum da natureza humana. Alguns pensam que podem idealizar tais formas de

governo que impeçam os governantes de fazer o mal: mas ou eles os incapacitarão de fazer o bem, ou então o seu mecanismo é apenas de vidro e falhará ou quebrará quando for colocado em execução. Homens que são eles mesmos tão ruins e não humilhados a ponto de não saberem quão ruins são, e quão ruim é a humanidade, continuam lançando a culpa sobre a forma de governo quando algo está errado, e pensam encontrar a cura por meio de uma mudança. Como se, quando um exército está infectado pela peste ou composto de covardes, a mudança do general ou da forma de governo pudesse ser a cura. Mas se um monarca for falho, em uma aristocracia você terá muitos governantes falhos em vez de um; e em uma democracia, uma multidão de tiranos.

Direção 21. Dedique-se muito mais a estudar o seu dever para com os seus governantes do que o dever dos seus governantes para com você; sabendo que tanto a sua felicidade temporal quanto a eterna dependem muito mais de si mesmo do que deles. Deus não o chama a estudar os deveres alheios tanto quanto o seu próprio. Se os seus governantes pecarem, você não responderá por isso; mas se você pecar, responderá. Se você vivesse sob o domínio do Turco, que o oprimiria e perseguiria, as suas almas não passariam pior por causa disso; não seria você, mas ele quem seria condenado por isso. Se disser: "Mas somos nós que seríamos oprimidos por isso"; respondo: 1. Quão pequenas são as coisas temporais para um verdadeiro crente em comparação com as coisas eternas! Não tem você um mal maior a temer do que a morte de seus corpos pelos homens? Lc 12:4. 2. E mesmo para esta vida, não crê que as suas vidas e liberdades estão no poder de Deus, e que Ele pode libertá-lo da opressão de todo o mundo com

menos de uma palavra, apenas por Sua vontade? Se não crê nisso, você é ateu; se crê, deve necessariamente perceber que lhe concerne mais cuidar do seu dever para com os seus governantes do que do deles para com você; e não se importar tanto com o que recebe, mas com o que faz; nem em como é tratado pelos outros, mas em como se comporta em relação a eles. Tenha muito mais medo de ser culpado de murmurar, desonrar, desobedecer, lisonjear, não orar por seus governantes, do que de sofrer qualquer coisa injustamente por parte deles. 1Pe 4:13-17: "Ninguém de vós sofra como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como intrometido em negócios alheios; mas, se sofre como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte... Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois". Viva de tal modo que todos os seus adversários sejam forçados a dizer, como foi dito de Daniel: "Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a acharmos contra ele na lei do seu Deus", Dn 6:5. Que ninguém possa justamente puni-lo como bêbado, ladrão, caluniador, fornicador, perjuro, enganador, rebelde ou sedicioso; e então nunca tema qualquer sofrimento por amor de Cristo ou da justiça. Sim, embora sofra como o próprio Cristo sofreu, sob uma falsa acusação de deslealdade, não tema o sofrimento nem a infâmia, desde que esteja livre da culpa. Cuide para que tudo esteja bem em casa, e que você não seja culposo contra Deus ou contra os seus governantes, e então poderá confiantemente entregar-se a Deus, 1Pe 2:23-24.

Direção 22. Quanto mais religiosos forem, mais obedientes devem ser em todas as coisas legítimas. Supere os outros na lealdade, tanto quanto na piedade. A religião

está tão longe de ser um pretexto justo para a rebelião que é o único vínculo eficaz de sincera sujeição e obediência.

Direção 23. Portanto, não acredite naqueles que gostariam de isentar o clero da sujeição aos poderes civis. Como ninguém deveria conhecer a lei de Deus tão bem quanto eles, assim ninguém deveria ser mais obediente aos reis e Estados, quando a lei de Deus tão evidentemente o comanda. Sobre isso, leia o tratado do Bispo Bilson sobre a Sujeição Cristã (que, além de muitos outros, diz o suficiente sobre o assunto). Os argumentos dos papistas a partir da suposta incapacidade dos príncipes isentariam os médicos e outras artes e ciências de seu governo, tanto quanto o clero.

Direção 24. Não rebaixe os magistrados a ponto de pensar que o seu ofício e poder não se estendem aos assuntos de religião e ao culto a Deus. Se fossem apenas para os assuntos baixos e desprezíveis deste mundo, o seu ofício seria desprezível e baixo. Para ajudá-lo nisto, responderei a algumas das dúvidas mais comuns.

Questão 1. É o magistrado civil juiz em controvérsias de fé ou de culto?

Resposta. Muitas vezes me entristeceu ver uma pergunta tão simples ser frequentemente proposta e lamentavelmente respondida por aqueles de quem o bem público exigia que tivessem mais entendimento em tais coisas. Em uma palavra, o julgamento é público ou privado. O julgamento privado, que não passa de um discernimento racional da verdade e do dever para fins de nossa própria escolha e prática, pertence a cada pessoa racional. O julgamento público é sempre para fins de

execução. Ora, a execução é de dois tipos: 1. Pela espada. 2. Pela palavra de Deus aplicada ao caso e à pessoa. Uma recai sobre o corpo ou propriedade; a outra recai sobre a consciência da pessoa ou da igreja, para levá-la ao arrependimento, ou para obrigá-la a evitar a comunhão com a igreja, e a igreja a evitar a comunhão com ela. E, assim, o julgamento público é civil ou eclesiástico; coercitivo e violento na execução, ou apenas sobre aqueles que consentem e são voluntários. No primeiro caso, o magistrado é o único juiz, e os pastores no segundo. Sobre fé ou culto, se a questão for: Quem deve ser protegido como ortodoxo e quem deve ser punido pela espada como herético, idólatra ou irreligioso? Aqui o magistrado é o único juiz. Se a questão for: Quem deve ser admitido à comunhão da igreja como ortodoxo, ou rejeitado e excomungado como herético ou profano? Aqui os pastores são os juízes adequados. Esta é a verdade, e isto é suficiente para acabar com todas as volumosas disputas sobre a questão de quem será o juiz; e para responder aos cavacos dos papistas contra o poder dos príncipes em assuntos de religião. É uma pena que sofismas tão grosseiros e tolos, em um caso que uma criança pode responder, rebaixem os príncipes cristãos e retirem o seu principal poder para entregá-lo a um clero orgulhoso e briguento, com o qual perseguem e dividem a igreja.

Questão 2. Pode o nosso juramento de supremacia ser legalmente prestado, no qual o rei é pronunciado governante supremo em todas as causas eclesiásticas tanto quanto civis?

Resposta. Não há razão para escrúpulos para aquele que compreende que: 1. O título causas eclesiásticas é tomado

a partir da antiga usurpação do papa e de seus prelados, que trouxeram muito do trabalho do magistrado para os seus tribunais sob o nome de causas eclesiásticas. 2. Os nossos cânones e muitas declarações de nossos príncipes explicaram isso totalmente ao rejeitar todo poder pastoral propriamente dito. 3. Por governante se entende apenas aquele que governa de forma coercitiva, ou pela espada; de modo que não passa de jurar que, em todas as causas eclesiásticas, na medida em que o governo coercitivo é exigido, ele pertence não ao papa ou aos prelados subordinados a ele, mas apenas ao rei e aos seus oficiais ou tribunais; ou que o rei é o chefe no governo pela espada tanto em causas eclesiásticas quanto civis. De modo que, se você colocar espiritual em vez de eclesiástico, a palavra é tomada materialmente e não formalmente; não que o rei seja o chefe no governo espiritual, pelas chaves da excomunhão e absolvição, mas que ele é o chefe no governo coercitivo sobre os assuntos espirituais, conforme explicado anteriormente.

Questão 3. Isso não é confundir a Igreja e o Estado, e dar ao magistrado o poder do pastor?

Resposta. De modo nenhum; é apenas dizer que pode haver necessidade do uso tanto da palavra quanto da espada contra as mesmas pessoas, pela mesma ofensa; e apenas o magistrado deve usar uma, e os pastores a outra. Um pregador herético pode ser silenciado pelo rei sob pena de banimento, e silenciado pela igreja sob pena de excomunhão. E que confusão há nisso?

Questão 4. Mas o rei não tem poder em casos de disciplina eclesiástica, e na própria excomunhão?

Resposta. Há uma disciplina do magistrado e uma disciplina pastoral. A disciplina pela espada é o trabalho do magistrado; a disciplina pela palavra é o trabalho do pastor. E há uma excomunhão coercitiva e uma excomunhão pastoral. Comandar, sob pena de castigo corporal, que um herético ou homem ímpio e impenitente se abstenha das sagradas ordenanças e privilégios, um magistrado pode fazer; mas comandar isso apenas sob penalidades divinas e espirituais pertence aos pastores da igreja. O magistrado tem poder sobre o próprio trabalho pastoral deles, embora não tenha poder nele, de modo a realizá-lo ele mesmo. Suponha apenas que todos os médicos da nação fossem de instituição divina, com as suas faculdades e hospitais, e nessa semelhança você verá todas as dificuldades resolvidas, e a próxima questão totalmente respondida.

Questão 5. Visto que o rei e os pastores da igreja podem comandar e julgar para fins diversos na mesma causa, suponha que eles divirjam: a qual deles deve a igreja obedecer?

Resposta. Distinga aqui: 1. Entre um julgamento correto e um incorreto. 2. Entre a matéria em questão; que é: 1. Ou própria em seu estado primário para o magistrado. 2. Ou própria primariamente para o pastor. 3. Ou comum a ambos (embora em tipos diversos de julgamento). E assim respondo à questão da seguinte forma:

1. Se for uma matéria em que o próprio Deus já determinou antes, e os Seus oficiais apenas julgam em subordinação à Sua lei e declaram a Sua vontade, então devemos obedecer àquele que fala segundo a palavra de

Deus, se pudermos verdadeiramente discerni-lo; e não àquele que sabemos que vai contra Deus. Como se o magistrado proibisse a comunhão com arianos ou heréticos, e os pastores nos comandassem a manter comunhão com eles como se não fossem heréticos; aqui o magistrado deve ser obedecido (porque Deus deve ser obedecido) antes dos pastores, embora seja em uma matéria de fé e culto. Se você disser: "Assim você faz de todo o povo juízes"; respondo-lhe: e assim você deve fazer deles tais juízes privados, para discernirem o seu próprio dever, e assim deve fazer cada homem; ou então você deve governá-los como bestas ou loucos, e provar que não há céu ou inferno para ninguém no mundo exceto para reis e pastores; ou, ao menos, que o povo será salvo ou condenado por nada além de obedecer ou não obedecer aos seus governantes; e se você pudesse provar isso, não estaria nem um pouco mais perto de reconciliar os comandos contraditórios desses governantes.

2. Mas se a matéria não for predeterminada por Deus, mas deixada ao homem; então: 1. Se for o trabalho próprio do magistrado, devemos obedecer apenas ao magistrado. 2. Se for sobre o trabalho próprio do pastor, o pastor deve ser obedecido, embora o magistrado o contradiga, desde que ele proceda segundo as regras gerais de suas instruções e a matéria seja de peso. Como se o magistrado e os pastores da igreja comandassem traduções ou exposições diferentes da Bíblia para serem usadas, ou um proibisse e outro comandasse a mesma pessoa individual a ser batizada, ou receber o sacramento da Ceia do Senhor, ou a ser estimada como membro da

igreja; se o povo não souber qual deles julgou corretamente, parece-me que devem primeiro obedecer aos seus pastores, porque é apenas em matérias intimamente pertencentes ao ofício deles. Falo apenas de obediência formal, e apenas daquela do povo; pois, materialmente, a prudência pode exigir que façamos o que o magistrado comanda, *quod, non quia* [o que, não por que], para evitar um mal maior. E sempre se supõe que suportemos pacientemente as penalidades do magistrado quando não obedecemos aos seus comandos. 3. Mas em pontos comuns a ambos, o caso é mais difícil. Mas aqui você deve distinguir ainda, primeiro, entre pontos igualmente comuns e pontos desigualmente comuns; segundo, entre determinações de consequência boa, ruim ou indiferente quanto ao fim principal e interesse de Deus e das almas. 1. Em pontos igualmente comuns a ambos, o magistrado deve ser obedecido contra os pastores; porque ele é mais propriamente um governante que comanda, e eles são apenas os guias ou governantes de voluntários; e porque, em tais casos, os próprios pastores deveriam obedecer ao magistrado; e, portanto, o povo deveria primeiro obedecer a ele. 2. Muito mais em pontos desigualmente comuns, nos quais o magistrado está mais interessado do que os pastores, o magistrado deve sem dúvida ser obedecido primeiro. De ambos, poderiam ser dados exemplos sobre as coisas circunstanciais ou adjuntas do culto de Deus. Como o local de culto público, a situação, a forma, os sinos, as pias batismais, os púlpitos, os assentos, a precedência nos assentos, as mesas, os cálices e outros utensílios; os limites da igreja pelas

paróquias, os ornamentos da igreja, os gestos, as vestes, alguns concílios e a sua ordem, com outras coisas semelhantes; em tudo isso, *cæteris paribus* [mantidas as outras circunstâncias iguais], de minha parte eu preferiria obedecer às leis do rei do que aos cânones dos bispos, se eles discordassem. 3. Mas em casos comuns a ambos, nos quais o ofício do pastor está mais próxima e plenamente interessado do que o do magistrado, o caso é mais difícil: como a que horas a igreja se reunirá; que parte da Escritura será lida; sobre qual texto o ministro pregará; quão longa será a oração, o sermão ou outros exercícios da igreja; que orações o ministro usará; em que método ele pregará; e que doutrina ele entregará e o povo ouvirá; com muitas outras coisas semelhantes. Estas pertencem mais de perto ao ofício pastoral para julgar, bem como para executar; mas, ainda assim, em alguns casos, o magistrado pode interpor a sua autoridade. E nisto: 1. Se uma das partes determina claramente para a preservação necessária da religião e a outra para a ruína dela, a disparidade das consequências faz uma grande disparidade no caso; pois aqui o próprio Deus predeterminou, Ele que comanda que "tudo seja feito para edificação". Como, por exemplo, se um magistrado cristão ordena que nenhuma assembleia consista de mais de quarenta ou cem pessoas, quando há tantos pregadores e locais de reunião que isso não traz detrimento para as almas dos homens; e, especialmente, quando o perigo de contágio, ou outro mal, o justifica, então eu obedeceria a esse comando do magistrado, embora os pastores da igreja fossem contra ele e comandassem reuniões mais cheias. Mas

> se um Juliano comandasse a mesma coisa com o propósito de desgastar a religião cristã, e quando isso tende à ruína das almas dos homens (como quando os pregadores são tão poucos que ou mais devem se reunir ou a maioria deve ficar sem ensino e excluída do culto de Deus), aqui eu preferiria obedecer aos pastores que comandam o contrário, porque eles apenas entregam o comando de Deus, que determina consequentemente os meios necessários quando determina o fim. Mas se as consequências dos comandos do magistrado e do pastor fossem igualmente indiferentes, e nenhum deles discernivelmente bom ou ruim, a dificuldade então estaria no nível mais alto, e tal que não presumirei aqui determinar.

Não há dúvida de que o rei é o governante supremo sobre todas as escolas, médicos e hospitais da terra, isto é, ele é o supremo no governo civil coercitivo: ele é o magistrado supremo sobre teólogos, médicos e mestres; mas não é o supremo teólogo, médico ou mestre. Quando há qualquer trabalho para o ofício do magistrado, isto é, para a espada, entre qualquer um deles, pertence apenas a ele, e de modo nenhum a eles: mas quando há qualquer trabalho para o teólogo, o médico, o mestre, ou, se você quiser, para o sapateiro, o alfaiate, o relojoeiro, isto não pertence ao rei fazer ou dar comandos particulares para tal; mas, contudo, tudo deve ser feito sob o seu governo; e, por causas especiais, ele pode fazer leis para forçá-los todos a realizarem os seus trabalhos diversos corretamente, e para os conter de abusos. Como (para esclarecer o caso em questão) o rei é informado de que os médicos cobram honorários excessivos de seus pacientes, que alguns por ignorância e outros por cobiça dão medicamentos mal

compostos e drogas perniciosas: não há dúvida de que o rei, pelo conselho de homens entendidos, pode proibir o uso de tais drogas que se mostrem perniciosas para os seus súditos, e pode regular não apenas os honorários, mas as composições e atendimentos dos médicos. Mas se ele comandasse que um homem com febre, hidropisia ou tuberculose não recebesse nenhum medicamento senão este ou aquele, e tantas vezes, e em tal ou tal dose, e com tal ou tal dieta; e os médicos, a quem a minha razão me obriga a confiar (e talvez a minha própria experiência também), me dizem que todas essas coisas são ruins para mim, e que temperamentos e acidentes diferentes exigem remédios diferentes, e que estou prestes a morrer ou colocar a minha saúde em risco se não obedecer a eles contrariamente aos comandos do rei, aqui eu preferiria obedecer aos meus médicos: em parte porque, de outro modo, eu pecaria contra Deus, que me comanda a preservação de minha vida; e em parte porque esta matéria pertence mais ao médico do que ao magistrado. Master Richard Hooker, *Eccles. Polit.*, livro 8, p. 223, 224, dá-lhe a razão de forma mais completa.

Direção 25. Não dê o poder do magistrado a nenhum outro; seja ao povo, sob pretexto de sua *majestatis realis* [majestade real] (como a chamam), ou ao papa, ou prelados, ou pastores da igreja, sob pretexto de autoridade vinda de Cristo, ou da distinção entre governo eclesiástico e civil. As pretensões do povo à autoridade natural, ou majestade real, ou colação de poder, eu já confutei antes, e mais em outro lugar. O poder da espada do papa, do prelado e do pastor em causas eclesiásticas está refutado tão plenamente pelo Bispo Bilson *ubi supra* [onde acima citado], e por muitos outros, que desnecessário é dizer

muito mais sobre isso. Todos os protestantes, até onde sei, concordam que nenhum bispo ou pastor tem qualquer poder da espada, isto é, de coerção ou força sobre os corpos, liberdades ou bens dos homens, exceto como magistrados por delegação de seu soberano. O seu poder espiritual recai apenas sobre os que consentem, no uso da palavra de Deus sobre a consciência, seja geralmente na pregação, ou com aplicação pessoal na disciplina. Nenhum tribunal ou comando pode compelir alguém a comparecer ou se submeter, nem impor a multa de um centavo sobre qualquer pessoa senão por seu próprio consentimento ou pela autoridade do magistrado. Mas isso os papistas, poucos deles confessarão: pois se uma vez a espada lhes fosse tirada, o mundo rapidamente veria que a sua igreja tinha o coração de poucas daquelas multidões a quem, pelo fogo e pela espada, forçavam a parecer seus membros; ou, ao menos, que, quando as janelas fossem abertas, a luz rapidamente libertaria as pobres almas da servidão daqueles homens de trevas. Pois então poucos temeriam a excomunhão injusta de meros usurpadores. É uma usurpação múltipla pela qual o reino deles é sustentado. (Pois um reino é como deve antes ser chamado, do que uma igreja.) 1. Eles usurpam o poder das chaves ou governo eclesiástico sobre todo o mundo, e fazem de si mesmos pastores daquelas igrejas que não têm direito de governar. As suas excomunhões de príncipes ou pessoas em outras terras ou igrejas que nunca os tomaram por seus pastores é uma usurpação tanto mais odiosa quanto mais santo é o poder usurpado, e a realização em uma paróquia tão grande quanto o mundo inteiro é naturalmente impossível para o usurpador romano. 2. Sob o nome de jurisdição eclesiástica, eles usurpam o poder coercitivo do

magistrado em tais causas que chamam de eclesiásticas. 3. Sim, e eles reivindicam uma imunidade para o seu clero em relação ao governo civil, como se não fossem súditos do rei, ou como se o rei não tivesse poder para punir os seus súditos infratores. 4. *In ordine ad spiritualia* [Em ordem às coisas espirituais], eles reivindicam ainda mais do poder do magistrado. 5. E uma parte deles dá ao papa, diretamente em coisas temporais, um poder sobre reis e reinos. 6. Os seus teólogos mais eminentes ordinariamente sustentam que o papa pode excomungar reis e interditar reinos, e que um rei excomungado não é rei, e pode ser morto. É um artigo de sua religião, determinado em um de seus concílios gerais aprovados (Lateranense sob Inocêncio III, cânone 3), que, se os senhores temporais não exterminarem os heréticos de suas terras (tais como os albigenses, que negavam a transubstanciação, mencionados no cânone 2), o papa pode dar os seus domínios a outros e absolver os seus vassalos da sua fidelidade. e quando alguns, recentemente, quiseram salvar a sua honra invalidando a autoridade daquele concílio, eles não o toleraram, mas o defenderam vigorosamente; e, de fato, seja o que for para nós, para eles já está inscrito entre os concílios gerais aprovados. Entre os erastianos, que gostariam que não houvesse governo senão pelos magistrados, e os papistas, que dão o poder do magistrado ao papa e aos seus prelados, a verdade está no meio: os pastores têm um poder nunciativo e diretivo vindo de Cristo, e uma disciplina para exercer apenas pela palavra ou com voluntários; muito semelhante ao poder de um filósofo em sua escola, ou de um médico em seu hospital, supondo que existam por direito divino.

Direção 26. Não se recuse a jurar fidelidade ao seu soberano legítimo. Embora os juramentos sejam temíveis, e não devam ser prestados sem causa de peso, contudo não devem ser recusados quando a causa é de peso, como é aqui. Deve o soberano jurar cumprir o seu ofício para com você, e deve ele assumir um encargo tão difícil e perigoso por você, o qual ele de modo nenhum é capaz de realizar se os seus súditos não forem fiéis a ele? E recusarão esses súditos prometer e jurar fidelidade? Isto é contra toda a razão e equidade.

Direção 27. Não pense que o papa, ou qualquer poder no mundo, possa dispensá-lo deste seu juramento, ou absolvê-lo do vínculo dele, ou salvá-lo da punição devida por Deus aos perjuros e pérfidos. Sobre isso, veja o que escrevi antes contra o perjúrio.

Direção 28. Não faça nada que tenda a trazer os laços sagrados dos juramentos a um desprezo irreligioso, ou a fazer os homens considerarem o horrível crime do perjúrio como um pecado pequeno. Os soberanos não têm segurança suficiente da fidelidade de seus súditos, ou de suas vidas, ou reinos, se uma vez os juramentos e pactos forem menosprezados, e os homens puderem jogar livremente com os laços de Deus que pesam sobre eles. Aquele que trouxer o perjúrio e a perfídia ao crédito, e ensinar os homens a violar juramentos e votos, é virtualmente um traidor dos príncipes e dos Estados. Pois não há como manter sociedades humanas e governos onde não há confiança mútua. E não há confiança a ser depositada naquele homem que não faz caso de consciência de um juramento ou voto.

Direção 29. Esteja pronto, na medida de suas forças, para defender os seus governantes contra todas as traições, conspirações e rebeliões. Pois esta é uma grande parte do dever de sua relação. A sabedoria e a bondade necessárias ao governo são muito pessoais nos próprios governantes; mas a força (sem a qual as leis não podem ser executadas, nem o povo preservado) está no povo, e no interesse do príncipe sobre ele; portanto, se você retirar a sua ajuda em tempo de necessidade, você deserta e trai os seus governantes, a quem deveria defender. Se você disser: são eles os seus protetores. Respondo: verdade; mas através de vocês mesmos. Eles o protegem por sabedoria, conselho e autoridade, e você deve protegê-los por obediência e força. Gostaria que eles o protegessem antes por mercenários ou estrangeiros? Se não, você deve estar disposto a fazer a sua parte, e não pensar que é suficiente, em traições, invasões ou rebeliões, ficar sentado e salvar a si mesmo, e deixar que aquele que puder deitar as mãos à coroa a possua. Que príncipe seria o governante de um povo que ele soubesse que o abandonaria em sua necessidade?

Direção 30. Não murmure com o pagamento daqueles tributos necessários pelos quais a segurança comum deve ser preservada, e a honra devida de seus governantes mantida. A cobiça sórdida tem sido a ruína de muitas repúblicas. Quando cada um está cuidando de si, e poupando o que é seu, e murmurando com a despesa pela qual a sua segurança deve ser defendida, como se os reis pudessem lutar por eles sem homens e sem dinheiro; esse egoísmo é o inimigo mais pernicioso para o governo e para o bem comum. O tributo e a honra devem ser pagos a quem pertencem. Rm 13:6-7: "Porque são ministros de Deus, atendendo constantemente a este mesmo assunto". E

nenhum de seus bens ou cabanas será salvo se, por sua cobiça, o navio naufragar.

Direção 31. Não resista onde você não puder realmente obedecer: e que nenhuma aparência de bem provável que pudesse vir para si mesmo, ou para a igreja, por qualquer meio ilícito (como traição, sedição ou rebelião) jamais o tente a isso. Pois o mal não deve ser feito para que venha o bem: e todos os meios malignos são apenas curas paliativas e enganosas, que parecem ajudar por um pouco de tempo, mas deixarão a enfermidade mais perigosa no final do que era antes. Assim como é possível que a mentira ou o perjúrio pudessem ser usados para o serviço aparente de um governante no momento, o que contudo prepararia o seu perigo posterior ao ensinar aos homens a perfídia; do mesmo modo rebeliões e traições podem parecer no presente muito conducentes aos fins de um povo ou grupo que se julga oprimido; mas, no final, isso os deixará muito piores do que os encontrou.

Objeção. But se devemos deixar os governantes nos destruírem ao seu prazer, o evangelho será extirpado da terra: quando souberem que consideramos ilícito resistir-lhes, eles se encorajarão a nos destruir e a se divertir com o nosso sangue; como os papistas fizeram com os pobres albigenses, etc.

Resposta. Tudo isso significaria algo se não houvesse Deus, que pode mais facilmente contê-los e destruí-los ao Seu prazer do que eles podem destruir ou ferir você. Mas se há um Deus, e todo o mundo está em Sua mão, e com uma palavra Ele pode reduzi-los todos ao pó; e se este Deus está empenhado em protegê-lo, e lhe disse que até os

cabelos de sua cabeça estão todos contados, e se importa mais com a Sua honra, evangelho e igreja do que você, e considera os Seus servos como a pupila dos Seus olhos, e prometeu ouvi-los e vingá-los rapidamente, e os proíbe de se vingarem a si mesmos; então não passa de desconfiança ateísta de Deus salvar a si mesmo por meios pecaminosos, como se Deus não pudesse ou não quisesse fazê-lo: assim, aquele que salvar a sua vida a perderá. Você crê que está nas mãos de Cristo, e que os homens não podem tocá-lo senão por permissão Dele; e que Ele transformará todos os seus sofrimentos em seu proveito transbordante? E, no entanto, você se arriscará no pecado e no inferno para escapar de tais sofrimentos vindos dos homens? Lobos, ursos e leões, que mais lutam por si mesmos, são odiados e destruídos por todos; de modo que há poucos deles na terra. Mas, embora cem ovelhas corram diante de um pequeno cão, o dono delas cuida de sua preservação. E criancinhas que não podem sair do caminho de um cavalo ou de uma carroça, todos têm medo de machucar. Se os cristãos se comportassem com aquele amor eminente, humildade, mansidão, paciência e inofensividade que o seu Senhor lhes ensinou e exigiu, talvez a própria crueldade e malícia de seus inimigos diminuiria e cederia; e "quando os caminhos de um homem agradam ao Senhor, Ele faz com que até os seus inimigos tenham paz com ele"; mas, se não, a sua fúria apenas nos apressaria para a nossa alegria e glória. Contudo, note que falo tudo isso apenas contra a rebelião e armas e atos ilícitos.

Direção 32. Obedeça aos magistrados inferiores segundo a autoridade delegada a eles pelo supremo, mas nunca contra o supremo, de quem ela é derivada. As mesmas razões que o obrigam a obedecer aos comandos pessoais

do rei obrigam-no também a obedecer ao guarda mais simples ou a outro oficial: pois eles são instrumentos necessários do poder soberano, e, se você não obedecer a eles, a obediência ao soberano não significa quase nada. Mas nenhum homem está obrigado a obedecer-lhes além da medida de sua autoridade; muito menos contra aqueles que lhes dão a autoridade.

Direção 33. Nenhuma autoridade humana deve de modo algum ser obedecida contra Deus: pois eles não têm poder senão o que recebem de Deus; e tudo o que vem Dele é para Ele. Ele não dá poder contra Si mesmo; Ele é o primeiro eficiente, o principal dirigente e o fim último de tudo. Não é ato de autoridade, mas resistência à Sua autoridade, aquilo que contradiz a Sua lei e é contra Ele. Todas as leis humanas são subservientes às Suas leis, e não coordenadas, muito menos superiores. Portanto, são *ipso facto* [pelo próprio fato] nulas, ou não têm obrigação, aquelas que são contra Ele: contudo, o ofício em si não é nulo quando é, em algumas coisas, abusado dessa forma; nem o poder do magistrado é nulo quanto a outras coisas. Nenhum homem deve cometer o menor pecado contra Deus para agradar ao maior príncipe na terra, ou para evitar o maior sofrimento corporal. "Não temais os que matam o corpo e, depois disso, não têm mais o que fazer; mas temei aquele que é capaz de destruir tanto o corpo quanto a alma no inferno: sim, eu vos digo, temei a este", Lc 12:4. "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens, julgai vós", At 5:29. "Não temendo a ira do rei: porque ficou firme, como vendo o invisível... Outros foram torturados, não aceitando a libertação", etc., Hb 11:27, Hb 11:35. "Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro", etc., Dn 3:18.

Objeção. Se não somos obrigados a obedecer, não somos obrigados a sofrer; pois a lei obriga primeiramente à obediência, e apenas secundariamente *ad pœnam* [à pena] pela falta de obediência. Portanto, onde não há obrigação primária à obediência, não há obrigação secundária à punição.

Resposta. Sendo a palavra obrigação metafórica, deve, na controvérsia, ser explicada por seus termos próprios. A lei primeiro *constituere debitum obedientiæ, et propter inobedientiam debitum pœnæ* [constitui o dever de obediência e, por causa da desobediência, o dever da pena]. Aqui então você deve distinguir: 1. Entre obrigação *in foro conscientiæ* [no tribunal da consciência] e *in foro humano* [no tribunal humano]. 2. Entre uma obrigação *ad pœnam* [à pena] por aquela lei do homem, e uma obrigação *ad patiendum* [a sofrer] por outra lei divina. E assim a resposta é esta: primeiro, se os poderes superiores, por exemplo, proíbem os apóstolos de pregar sob pena de morte ou açoitamento, a justeza tanto da obediência quanto da penalidade é realmente nula em ponto de consciência; contudo, *in foro humano* [no tribunal humano] ambas são devidas; isto é, assim falsamente reputadas naquele tribunal: portanto, os apóstolos estão obrigados a pregar não obstante a proibição, e até onde Deus permite eles podem resistir à penalidade, isto é, fugindo: pois propriamente não há *debitum obedientiæ nec pœnæ* [dever de obediência nem de pena]. Segundo, mas então o próprio Deus os obriga a "não resistir aos poderes superiores", Rm 13:1-3, e "em sua paciência possuir as suas almas". De modo que, a partir deste comando de Deus, há uma verdadeira obrigação *ad patiendum* [a sofrer], para o sofrimento

paciente e a não resistência, embora, a partir da lei do homem contra a pregação deles, não houvesse verdadeira obrigação *aut ad obedientiam, aut ad pœnam* [ou à obediência ou à pena]. Esta é a verdadeira resolução deste sofisma.

Direção 34. É um dos deveres mais necessários para com os governantes, para aqueles que têm um chamado e oportunidade (como os seus pastores), dizer-lhes com sabedoria e submissão sobre aqueles pecados que são os maiores inimigos de suas almas, e não os menores inimigos de seu governo e da paz pública. Todos os cristãos confessarão que o pecado é a única perda da proteção de Deus, e a causa de Seu desagrado, e consequentemente o único perigo para a alma, e o maior inimigo para a terra. E que os pecados dos governantes, sejam pessoais ou em seu governo, têm uma influência muito mais perigosa sobre o estado público do que os pecados de outros homens. Sim, os próprios pecados que, mediante verdadeiro arrependimento, podem ser perdoados quanto à punição eterna, podem contudo não ser perdoados quanto à ruína pública de um Estado: como o triste exemplo de Manassés o mostra. 2Rs 23:26: "Todavia, o Senhor não se desviou do ardor da sua grande ira, com que se acendera contra Judá, por causa de todas as provocações com que Manassés o tinha provocado". Capítulo 24:3-4: "Na verdade, ao mandado do Senhor veio isto sobre Judá, para o remover de diante da sua face, por causa dos pecados de Manassés, conforme tudo quanto fizera; como também por causa do sangue inocente que derramara, (pois encheu a Jerusalém de sangue inocente), o que o Senhor não quis perdoar". E contudo isto foi depois de Josias ter feito a reforma. Do mesmo modo, o pecado de Salomão causou a divisão das

dez tribos do reino de seu filho: sim, tolerar os altos foi um pecado provocador em reis que, de outra forma, eram retos. Portanto, sendo o pecado o fogo na palha, o apagá-lo deve necessariamente ser um ato de dever e fidelidade para com os governantes; e aqueles que os tentam a isso, ou os acalentam e lisonjeiam nisso, são os maiores inimigos que eles têm. Mas contudo não é qualquer homem que deve repreender um governante, mas aqueles que têm um chamado e oportunidade; nem deve ser feito por eles de forma imperiosa, ou injuriosa, ou publicamente para a desonra deles, mas em particular, humildemente e com amor, honra, reverência e submissão.

Objeção. Mas os grandes homens têm grandes espíritos e são impacientes com a repreensão, e eu não estou obrigado àquilo que não fará bem algum, mas me arruinará.

Resposta. 1. É um abuso de seus superiores censurá-los como sendo tão orgulhosos e brutos que não consideram que são súditos de Deus, e têm almas a salvar ou perder tanto quanto os outros: julgará você tão duramente deles antes de tentar, como se fossem muito piores e mais tolos do que os pobres, e tomará este abuso deles como desculpa para o seu outro pecado? Sem dúvida há bons governantes no mundo que dirão aos ministros de Cristo o mesmo que o Príncipe Eleitor Palatino disse a Pitiscus, encarregando-o de lhe dizer claramente as suas faltas quando o escolheu para ser o *Pastor Aulicus* [Pastor da Corte].

1. Como sabe você de antemão que sucesso as suas palavras terão? Não tem a palavra de Deus, bem administrada, poder? Sim, para tornar bons até mesmo os homens ruins. Pode você amar os seus governantes

e, no entanto, entregar as suas almas ao desespero, e tudo por medo de sofrer por parte deles?

2. E se você sofrer no cumprimento do seu dever? Não aprendeu a servir a Deus em tais termos? Ou pensa que se provará não ser dever pelo fato de trazer sofrimento sobre você? Estas razões não têm sabor de fé.

Direção 35. Não pense que é ilícito obedecer em tudo o que é comandado de forma ilícita. Pode, em muitos casos, ser o dever do súdito obedecer ao magistrado que lhe ordena pecaminosamente. Pois todos os pecados do magistrado ao comandar não entram na matéria ou substância da coisa comandada: se um príncipe me comanda a cumprir o maior dever com um mau desígnio, para algum fim egoíste, é pecado dele comandar assim; mas contudo esse comando deve ser obedecido (para fins melhores). Mais ainda, a matéria do comando pode ser pecaminosa no comandante e não naquele que obedece. Se me for comandado, sem qualquer razão justa, caçar uma pena, é pecado dele que sem causa me comanda a perder tempo dessa forma; e contudo pode ser meu pecado desobedecer-lhe enquanto a coisa for legítima; de outro modo, os servos e as crianças devem provar que tudo é necessário, bem como legítimo, o que lhes é comandado antes de obedecerem. Ou o comando pode, ao mesmo tempo, ser mau por acidente, e a obediência boa por acidente e *per se* [por si mesma]. Acidentes, consequências ou efeitos muito bons podem pertencer à nossa obediência quando os acidentes do próprio comando são maus. Eu poderia dar a você uma abundância de exemplos destas coisas.

Direção 36. Contudo, não se deve obedecer a tudo o que é mau apenas por acidente, nem desobedecer a tudo o que o é: mas os acidentes devem ser comparados; e se a obediência fizer mais bem do que mal, devemos obedecer; se evidentemente fizer mais mal do que bem, não devemos fazê-lo. A maioria dos pecados no mundo é má apenas por acidente, e não no ato simples despido de seus acidentes, circunstâncias ou consequências. Você não pode vender veneno àquele que você sabe que se envenenaria com ele, embora vender veneno em si seja legítimo. Embora seja legítimo simplesmente emprestar uma espada, contudo não a um traidor que você sabe que mataria o rei com ela, não, nem a alguém que mataria o seu pai, o seu vizinho ou a si mesmo. Um comando não desculparia tal ato do pecado. Ele foi morto por Davi, aquele que matou Saul ao seu próprio comando, e se ele tivesse apenas emprestado a sua espada para fazê-lo, teria sido pecado dele. No entanto, alguns acidentes maus podem ser superados por males maiores que evidentemente se seguiriam do não cumprimento da coisa comandada.

Direção 37. Na questão sobre se as leis humanas obrigam a consciência, a dúvida não é de tal natureza que deva ter influência necessária sobre a sua prática. Pois todos concordam que elas obrigam o súdito à obediência e que a lei de Deus nos obriga a obedecer-lhes. E se a lei de Deus nos obriga a obedecer à lei do homem, de modo que desobedecer-lhes é materialmente um pecado contra a lei de Deus, isto é o quanto basta para decidir a sua conduta na prática: sem dúvida, a lei do homem não tem poder de obrigar primitivo de modo algum, mas sim derivado de Deus e sob Ele; e o que é obrigar a consciência (uma expressão imprópria) senão obrigar a pessoa a julgar que

aquilo é o seu dever (*conscire* [ser consciente de]), e assim fazê-lo. E sem dúvida ele está obrigado a julgar como seu dever aquilo que é imediatamente pela lei humana e remotamente pela lei divina, e assim o contrário é um pecado proximamente contra o homem e ultimamente contra Deus. Isto é claro, e o restante é apenas logomaquia [disputa de palavras].

Direção 38. A questão é muito mais difícil se a violação de cada lei penal humana é um pecado contra Deus, embora o homem se submeta à penalidade. (E o salário de todo pecado é a morte.) O último livro de Master Richard Hooker infelizmente terminou antes que ele nos desse a razão completa de seu julgamento neste caso, sendo estas as últimas palavras: "Contudo, rigoroso demais seria que a violação de toda lei humana fosse um pecado mortal: um meio-termo há entre esses extremos, se tão somente pudermos encontrá-lo —". Amesius discutiu isso diligentemente, e muitos outros. A razão para a afirmativa é porque Deus nos obriga a obedecer a todos os comandos legítimos de nossos governantes; e sofrer a penalidade não é obedecer; sendo a penalidade não a intenção primária do legislador, mas sim o dever; e a penalidade existe apenas para impor o dever: e, embora o sofrimento dela satisfaça o homem, não satisfaz a Deus, cuja lei quebramos ao desobedecer. Aqueles que são pela negativa dizem: visto que Deus nos obriga apenas a obedecer ao magistrado, e a lei dele nos obriga apenas *aut ad obedientiam, aut ad pœnam* [ou à obediência ou à pena], eu cumpro a sua vontade se eu faço ou se sofro: se não obedeço, eu o agrado ao satisfazer pela minha desobediência. E não é da vontade dele que a minha escolha pela penalidade seja o meu pecado ou condenação. A isto se responde que a lei

obriga *ad pœnam* [à pena], mas sob a suposição da desobediência; e essa desobediência é proibida por Deus: e a penalidade não satisfaz a Deus, embora satisfaça o homem. O outro replica que satisfaz a Deus na medida em que satisfaz o homem; porque a lei de Deus serve apenas para dar força à do homem, conforme a natureza desta. Se isto se sustentar, então desobediência nenhuma seria pecado naquele que sofre a penalidade. Em um caso tão difícil, porque mais distinção é necessária para a explicação do que a maioria dos leitores está disposta a se dar ao trabalho de acompanhar, dar-lhe-ei agora apenas esta breve decisão. Existem algumas penalidades que cumprem a própria vontade do magistrado tanto quanto a obediência, as quais de fato têm mais a natureza de uma comutação do que de penalidade: (como aquele que não vigia ou não conserta os caminhos públicos pagará tanto para contratar outro que o faça; o que não atira com arco tantas vezes no ano pagará tanto; o que come carne na Quaresma pagará tanto para os pobres; o que não conserta as suas cercas pagará tanto): e o mesmo ocorre na maioria das multas e em diversas leis penais; nas quais temos razão para julgar que a penalidade satisfaz plenamente o legislador, e que ele deixa isso à nossa escolha. Nesses casos, penso que não precisamos nos afligir com a consciência ou o medo de pecar contra Deus. Mas existem outras leis penais nas quais a penalidade não é desejada por si mesma, e supõe-se ser apenas uma satisfação imperfeita à vontade do legislador, e que ele não nos deixa livremente à nossa escolha, mas preferiria que obedecêssemos a que sofrêssemos; apenas ele não impõe uma penalidade maior ou porque não há maior em seu poder, ou porque algum inconveniente o proíbe; neste

caso, eu temeria que a minha desobediência fosse um pecado, embora eu sofresse a penalidade. (Sempre supondo que seja um ato que ele tinha poder para me comandar.)

Direção 39. Acautele-se contra o desígnio pernicioso daqueles políticos ateus que fariam o mundo crer que tudo o que é excelente entre os homens está em inimizade com a monarquia, sim, e com o próprio governo; e acautele-se, por outro lado, para que as coisas mais excelentes não sejam voltadas contra ela pelo abuso.

Aqui tenho dois perigos para adverti-lo a evitar: o primeiro é o de alguns princípios maquiavélicos e perniciosos, e o segundo é o de algumas práticas errôneas e não cristãs.

Quanto ao primeiro, há dois tipos de políticos ateus culpados deles. O primeiro tipo são alguns lisonjeadores ateus que, para engajar os monarcas contra tudo o que é bom, fariam com que eles acreditassem que tudo o que é bom é contra eles e contra o seu interesse. Por meio do qual, enquanto o seu desígnio é roubar a ajuda dos príncipes para expulsar tudo o que é bom do mundo, eles são os destruidores mais perniciosos da própria monarquia. Pois que caminho mais rápido para colocar todo o mundo contra ela do que fazê-los crer que ela se posiciona em inimizade com tudo o que é bom? Esses inimigos secretos gostariam de erguer um leviatã para ser o alvo da inimizade e oposição comum.

O outro tipo são os inimigos declarados da monarquia que, em seu zelo pelo governo popular, introduzem tudo o que é excelente como se fosse adverso à monarquia. 1. Eles gostariam (ambos) de colocá-la em inimizade com os

políticos. 2. Com os advogados. 3. Com a história. 4. Com o aprendizado. 5. Com os teólogos. 6. Com toda a religião cristã. 7. E com a própria humanidade.

Objeção 1. Os pintores do leviatã desprezam toda política como ignorante do poder dos monarcas, exceto as invenções ateias de seus próprios cérebros. E os adversários da monarquia dizem: a leitura de política satisfará os homens contra a monarquia; pois neles ordinariamente se encontra que a *majestas realis* [majestade real] está no povo, e a *majestas personalis* [majestade pessoal] no príncipe; que o príncipe recebe todo o seu poder do povo, a quem ele é primeiro dado, e por quem pode ser perdido e confiscado: com muito mais coisas semelhantes, como se pode ver em políticos de todas as religiões.

Resposta. 1. Não são todas as políticas que seguem esses princípios: e um erro nos escritores não é desonra para a verdadeira doutrina da política, a qual pode ser defendida de tais erros. 2. Como quase todos os autores de política tomam a monarquia por uma espécie legítima de governo, assim a maioria ou muitíssimos (especialmente dos modernos) a tomam como o tipo mais excelente de governo não misto. Portanto, eles não são inimigos dela.

Objeção 2. Quanto aos advogados, dizem que: 1. Os civilistas elevam a razão a um ponto tão alto que medem perigosamente o poder dos monarcas por ela; a ponto de o par mais famoso de defensores zelosos e eruditos da monarquia, Barclay e Grotius, designar muitos casos em que é legítimo resistir aos príncipes pelas armas, e mais do que isso. 2. E os advogados comuns, dizem, são todos pela

lei, e prontos para dizer como Hooker: *Lex facit regem* [A lei faz o rei]; e o poder que o rei tem, ele o tem pela lei, os limites são conhecidos, p. 218. Ele é *singulis major, et universis minor* [maior que cada um, e menor que todos juntos], etc.

Resposta. 1. Certamente as leis civis romanas não eram contra a monarquia, quando os monarcas fizeram tantas delas. E o poder que a razão verdadeiramente possui, ela o tem de Deus, a quem ninguém pode superar; e aquilo que a razão é abusada injustamente para defender pode ser bem contradito pela razão de fato. 2. E o poder que as leis da terra possuem, elas o têm pelo consentimento e ato do rei: e é uma estranha impudência pretender que as suas próprias leis sejam contra ele. Se alguém as interpretar mal, pode ser confutado.

Objeção 3. Quanto aos historiadores, dizem: basta ser bem versado na história antiga, grega e romana, e você os encontrará falando tão mal da monarquia, e tanto a favor da popularidade e da liberdade, e engrandecendo tanto os defensores da liberdade do povo contra os monarcas, que isso secretamente introduzirá em sua mente a aversão à monarquia e o amor pela liberdade popular.

Resposta. Deve-se considerar em que tempos e lugares os antigos historiadores gregos e romanos viveram. Aqueles que viveram onde o governo popular estava em vigor e prestígio escreveram de acordo com o tempo e o governo sob o qual viviam; contudo, eles elogiam as virtudes e os atos heroicos dos monarcas, e frequentemente falam da tontura e inconstância vulgar. E, de minha parte, penso que aquele que lê neles aqueles

tumultos populares, irracionalidades, fúrias, inconstâncias, crueldades que mesmo em Roma e Atenas eles cometeram, e todos os historiadores registram, antes encontrará o seu coração muito alienado de tais confusões democráticas. E os historiadores de outros tempos e lugares escrevem tanto a favor da monarquia quanto eles escreveram a favor da democracia.

Objeção 4. Alguns deles insultam Aristóteles e todas as universidades, e dizem: enquanto multidões devem ser provadoras e pretendentes ao conhecimento que nunca podem atingir completamente, eles leem muitos livros perigosos e recebem noções falsas; e esses homens de meia-sabedoria são os perturbadores de todas as sociedades. Não vêem, dizem eles, que os dois reinos mais fortes do mundo são mantidos ao manter os súditos ignorantes? Os impérios grego e latim foram arruinados pela contenda de homens que pretendiam ter conhecimento. O Turco mantém tudo em quietude ao suprimi-lo: e o papa limita quase todo ele aos seus instrumentos no governo, e mantém o povo comum na ignorância; o que os afasta de motivos de discórdia e desobediência.

Resposta. Espero que você não vá dizer que Roma ou Atenas, antigamente, adotaram este curso. E não negaremos que homens de conhecimento são mais sujeitos a debates, questionamentos e contendas sobre o certo e o errado do que os homens de total ignorância são. Os animais não brigam por coroas ou reinos como os homens fazem. Cães e porcos não disputarão por ouro como os homens farão se você o lançar entre eles: e é mais fácil guiar porcos ou ovelhas do que homens; e, contudo, não é

melhor ser porco ou ovelha do que homem; nem ser governante de animais do que de homens. Os mortos são mais quietos que os vivos, e os cegos submeter-se-ão a ser guiados mais facilmente do que aqueles que veem; e, contudo, não é melhor ser um rei de brutos, ou de cegos, ou de mortos, do que dos vivos que têm a sua visão. Um rei de homens que têm muitas divergências é melhor do que um rei de animais que todos concordam. E, contudo, o verdadeiro conhecimento tende à concórdia e à obediência mais segura e constante.

Objeção 5. Mas as suas principais calúnias são contra os teólogos. Dizem que os teólogos fazem da religião um comércio; e, sob o pretexto de leis divinas, de consciência e de disciplina eclesiástica, subjugam tanto o príncipe quanto o povo à sua vontade, e estabelecem tribunais que chamam de eclesiásticos, e mantêm o povo em dependência de seus ditames, e os ensinam a desobedecer sob o pretexto de que Deus é contra a matéria de sua obediência; e também, ao contenderem por suas opiniões ou pela superioridade e dominação uns sobre os outros, enchem reinos de disputas, dividem-nos em seitas e facções, e são os principais perturbadores da paz pública.

Resposta. Não podemos negar que pastores carnais, ignorantes, mundanos, orgulhosos e profanos foram e são a grande calamidade das igrejas: mas isso não é mais desonra para o ofício deles ou para a teologia do que é para a filosofia ou para a razão o fato de os filósofos terem sido ignorantes, errôneos, divididos e contenciosos; nem do que é para o governo o fato de reis e outros governantes terem sido imperfeitos, ruins, contenciosos e terem enchido o mundo de guerras e derramamento de sangue.

Pelo contrário, penso antes que isto é uma prova da excelência da teologia: assim como a razão das imperfeições e falhas mencionadas dos filósofos e governantes reside no fato de que a filosofia e o governo são coisas tão excelentes que a natureza humana corrompida e imperfeita não alcançará um nível tão alto a ponto de qualificar qualquer homem para geri-los senão com grande deficiência; do mesmo modo a teologia e o ofício pastoral são coisas tão excelentes e sublimes que a natureza do homem decaído não alcançará a capacidade de ser perfeita nelas. De modo que a imperfeição da natureza do homem, comparada com a excelência das coisas a serem conhecidas e praticadas pelos teólogos, é a causa de todas essas falhas de que se queixam; e a viciosidade da natureza, se for o caso, deve ser culpada. Certamente, o ofício pastoral tem homens tão livres de ignorância, mundanismo, orgulho e inquietação quanto qualquer vocação no mundo. Atribuir as falhas da natureza àquela profissão que apenas as revela, mas nunca as causou, sim, que as curaria se pudessem ser curadas na terra, julgue se este procedimento não é tolo e injurioso, e quais serão as consequências se tais pessoas irracionais forem ouvidas. E, portanto, embora o leviatã e a sua descendência, em meio a tudo o que é bom, rebaixem os teólogos, e os zelosos pela democracia tenham se gloriado de suas novas formas de repúblicas como inconsistentes com um clero, a glória deles é a sua vergonha para todos, exceto para os infiéis. Que eles nos ajudem a derrubar e curar a ignorância, o orgulho, a carnalidade, o mundanismo e a contenciosidade do clero, e seremos gratos a eles; mas brigar com os melhores homens pela depravação comum da natureza, e difamar a ciência e a

função mais excelentes porque a natureza depravada não pode alcançá-las ou geri-las com perfeição, isto não passa de agir como inimigos declarados da humanidade.

Objeção 6. Esses ateus ou infiéis também cospem o seu veneno contra o cristianismo e contra a própria piedade, e fariam os príncipes crer que os princípios destes são contrários ao seu interesse, ao governo e à paz: e eles buscam os seus argumentos: 1. Das expressões desdenhosas da Escritura sobre a riqueza e grandeza mundanas. 2. De sua proibição da vingança e da defesa de nosso próprio direito. 3. De colocá-la acima de todas as leis humanas; e por sua autoridade e obscuridade, enchendo a mente dos homens de escrupulosidade. 4. Das divisões que a religião causa no mundo: e, 5. Dos testemunhos de várias seitas umas contra as outras. Responder-lhes-ei particularmente, embora brevemente.

Objeção 1. Dizem os políticos infiéis: como podem os súditos ter pensamentos honrosos sobre os seus superiores quando creem que aquela é a palavra de Deus, a qual fala tão desdenhosamente deles? Como em Lc 6:24: "Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação". Tg 5:1-3: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai por vossas misérias, que vos hão de sobrevir". Versículos 5-6: "Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes... Condenastes e matastes o justo" — Lc 12:21. Capítulo 16, a parábola do homem rico e Lázaro é contada para fazer os homens pensarem nos ricos como criaturas miseráveis e condenadas. Ez 21:25: "E tu, profano e ímpio príncipe de Israel". Pv 25:5: "Tira o ímpio da presença do rei". Pv 29:12: "Se o governador dá atenção a palavras mentirosas,

todos os seus servos tornam-se ímpios": o desprezo pela grandeza é feito parte da religião cristã.

Resposta. 1. Como se não houvesse diferença entre o desprezo pelas riquezas e prosperidade mundanas, e o desprezo pelo governo. Cego é aquele que não consegue ver que riquezas e autoridade não são o mesmo: sim, que a superestimação das riquezas é a causa de sedições e da perturbação dos governos, ao passo que o desprezo por elas remove os principais impedimentos da obediência e da paz. 2. E os governantes não podem ser suficientemente honrados a menos que sejam isentos do governo de Deus? E a menos que o pecado deles deva passar por virtude? E a menos que o dever deles, a prestação de contas e o perigo de suas almas sejam traiçoeiramente escondidos deles? Deus não lisonjeará pó e cinzas; grandes e pequenos são iguais para Ele. Ele não faz acepção de pessoas: quando você puder salvar os maiores da morte e do julgamento, então eles poderão ser excetuados de todos aqueles deveres que são necessários para a sua preparação. 3. E não é estranho que Deus devesse ensinar os homens a desprezar o poder que Ele mesmo ordena? E que é Seu próprio? Estabeleceu Ele oficiais sobre nós para o trabalho de governo, e ensina-nos a desprezá-los? Não há aparência de tal coisa na Escritura: não existem princípios no mundo que elevem e honrem mais a magistratura do que os princípios cristãos, a menos que você queira fazer deuses deles, como o senado romano fez com os Antoninos e outros imperadores.

Objeção 2. Como pode haver qualquer governo quando os homens devem crer que não devem resistir ao mal, mas dar lugar à ira, e oferecer a outra face àquele que os fere, e

dar a túnica àquele que tira a capa, e emprestar sem pedir nada de volta? Não é isto deixar que ladrões e homens violentos e rapaces governem tudo, façam a sua vontade e fiquem sem punição? Que uso há então para tribunais ou juízes? E quando Cristo comanda os Seus discípulos que, embora os reis das nações dominem sobre elas e exerçam autoridade, e sejam chamados benfeitores, contudo com eles não será assim.

Resposta. Estes eram os antigos argumentos de Celso, Porfírio e Juliano; mas muito impudentes. Como se o amor e a paciência fossem contra a paz e o governo. Cristo não comanda nada em todas essas palavras senão que amemos o nosso próximo como a nós mesmos, e amemos a alma dele acima de nossa riqueza, e que façamos aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós, e não usemos de vingança privada, e não assumamos o trabalho do magistrado: e é esta doutrina contra o governo? Não são os magistrados, mas os ministros e cristãos privados a quem Ele comanda não resistir ao mal, e não exercer domínio como os governantes civis fazem. Quando isso for causar mais dano à alma de outro do que o benefício que se obteria, não devemos buscar o nosso próprio direito pela lei, e os homens privados não devem se vingar. Todos os processos judiciais, contendas e agressões a outros que sejam inconsistentes com amá-los como a nós mesmos são proibidos no evangelho. E quando foi o governo perturbado por tais princípios e práticas como estas? Pelo contrário, quando foi perturbado senão pela falta deles? Quando houve qualquer sedição, rebelião ou guerras ilícitas senão através do amor-próprio, do amor às coisas terrenas e da falta de amor uns pelos outros? Quão

facilmente poderiam os príncipes governar homens que são assim governados pelo amor e pela paciência!

Objeção 3. O cristianismo ensina os homens a obedecer às Escrituras antes de seus governantes, e a não obedecer a nenhuma lei que seja contrária à Bíblia; e quando a Bíblia é tão grande, e tem tantas passagens difíceis de entender, e facilmente pervertidas, algumas destas serão sempre interpretadas contra as leis dos homens; e então eles são ensinados a não temer homem algum contra Deus, e a suportar quaisquer dores ou a morte, e a permanecerem impassíveis perante todas as penalidades que deveriam impor a obediência; e a regozijarem-se nisto como um bem-aventurado martírio, diante dos reis; e aqueles que os punem são difamados como perseguidores, ameaçados com a condenação, tornados os homens mais vis da terra e representados de forma odiosa para todos.

Resposta. A soma de toda esta objeção é que existe um Deus. Pois se isso não for negado, ninguém pode negar que Ele é o Governante Universal do mundo; e que tem as Suas próprias leis, julgamento, recompensas e punições, ou que os magistrados são os Seus ministros e não têm poder senão vindo Dele; e consequentemente, que os comandos, ameaças e promessas de Deus devem ser mil vezes mais considerados do que os dos homens. É uma besta, e não um homem, aquele que não teme a Deus mais do que ao homem, e que não teme o inferno mais do que os sofrimentos corporais: e quanto às Escrituras: 1. São elas mais difíceis de compreender do que a própria lei da natureza? Certamente as marcas da vontade de Deus na *natura rerum* [natureza das coisas] são muito mais obscuras do que nas Escrituras. Enviou Deus um

mensageiro tão grande do céu para revelar à humanidade os mistérios do Seu reino, e dizer-lhes o que há no outro mundo, e trazer à luz a vida e a imortalidade, e contudo a Sua revelação será acusada de ser mais obscura do que a própria natureza é? Se um anjo tivesse sido enviado do céu a qualquer um desses infiéis por nome, para dizer-lhes apenas o mesmo que a Escritura nos diz, certamente eles não teriam difamado a sua mensagem com tais acusações. 2. E não são as leis da terra sobre assuntos menores muito mais volumosas e difíceis? E far-se-á disso um opróbrio para o governo? E quanto à má interpretação, é falha da natureza humana, que é ignorante e precipitada, e não das Escrituras. Dirá você a Deus que não Lhe obedecerá a menos que Ele faça as Suas leis de tal modo que nenhum homem as possa interpretar mal? Quando ou onde houve jamais tais leis? Deus será Deus, e Juiz do mundo, quer você queira ou não; e Ele não será um subalterno dos homens, nem colocará as leis deles acima das Suas para evitar as suas acusações. Se existe outra vida de alegria ou miséria, é necessário que existam leis segundo as quais essas recompensas e punições devam ser julgadas. E se os governantes se opõem àqueles que foram designados para promover a obediência a elas, devem fazê-lo sob os seus próprios riscos; pois Deus retribuirá a cada um segundo as suas obras.

Objeção 4. Não diz a experiência ao mundo que o cristianismo causa divisões em toda parte e coloca o mundo em conflito? Que multidão de seitas existe entre nós no dia de hoje; e cada um pensa que a sua salvação depende de sua opinião! E como podem os príncipes governar homens de mentes tão contrárias, quando agradar a um partido é perder o resto? Há muito vemos

que as divisões da igreja abalam a segurança do Estado. Se não fosse pelo fato de que poucos dos chamados cristãos o são de verdade, e sérios na religião que professam, nenhuma tranquilidade seria de se esperar; pois aqueles que são mais sérios são tão cheios de escrúpulos, e têm consciências que sempre objetam uma coisa ou outra contra a sua obediência, e são tão obstinados em seu caminho, pensando que é para a sua salvação, que todas as eras e nações foram obrigadas a governá-los pela força como a animais, o que eles chamaram de perseguição.

Resposta. 1. Não há doutrina no mundo que seja tão a favor do amor, da paz e da concórdia quanto a doutrina de Cristo é. O que ela tanto urge e frequentemente inculca? O que ela contém senão amor e paz do início ao fim? O amor é a soma e o fim do evangelho, e o cumprimento da lei. Amar a Deus acima de tudo, e aos nossos próximos como a nós mesmos, e fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós é o epítome da doutrina de Cristo e de Seus apóstolos. 2. E, portanto, o cristianismo é apenas a ocasião, e não a causa das divisões da terra. São a cegueira dos homens, as suas paixões e os interesses carnais rebelando-se contra as leis de Deus que provocam as discórdias no mundo e o enchem de contendas. A sabedoria que do alto vem é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos; ela abençoa os pacificadores e os mansos. Mas é a sabedoria rebelde que vem de baixo que é terrena, sensual e diabólica, a qual causa inveja e contenda, e com isso confusão e toda obra má, Tg 3:15-17; Mt 5:6-8. De modo que o cristão verdadeiro e genuíno é o melhor súdito e o homem mais pacífico na terra. Mas a seriedade não é suficiente para fazer um cristão; um homem pode ser

apaixonadamente sério em um erro; o entendimento deve liderar e a seriedade seguir. Ser zeloso no erro não é ser zeloso no cristianismo; pois o erro é contrário à verdade cristã. 3. Como eu disse antes, é um testemunho da excelência da religião que ela cause assim contendas. Cães e porcos não lutam por coroas e reinos, nem por casas suntuosas ou vestuário; nem as crianças perturbam o mundo ou a si mesmas com disputas metafísicas, lógicas ou matemáticas; os idiotas não molestam o mundo com controvérsias, nem caem por causa delas em seitas e partidos. E tampouco os homens sábios e instruídos disputam por palha, poeira ou ninharias. Mas, assim como as coisas excelentes são objeto de busca, assim são elas objeto de controvérsia para as mentes mais excelentes. Os cristãos hipócritas de quem você fala, os quais fazem Deus e a sua salvação cederem aos comandos injustos dos homens, não são de fato cristãos, visto que não tomam Cristo por seu Senhor soberano; e não é por honra verdadeira à magistratura que eles são tão dóceis, e farão qualquer coisa, mas sim por si mesmos e por seu interesse carnal; e quando esse interesse o exigir, eles trairão os seus governantes, como os infiéis farão. Se você puder reduzir todo o mundo a crianças, ou idiotas, ou brutos, sim, ou a infiéis, eles então não perturbarão o Estado com contendas por religião ou assuntos de salvação. Mas se os governados devem ser tornados brutos, o que serão os governantes? 4. Todos os verdadeiros cristãos concordam na substância de sua religião; não há divisão entre eles sobre os pontos necessários da fé ou do dever. O acordo deles é muito maior do que o desacordo; o qual se dá apenas sobre algumas matérias menores, onde as diferenças são toleráveis; portanto, todos eles podem ser governados sem

qualquer violência como a que você menciona. Se os artigos comuns da fé e os preceitos do dever cristão forem mantidos, então se sustenta aquilo em que todos concordam; e os governantes não acharão necessário oprimir cada grupo ou opinião exceto um, dentre os que mantêm as verdades comuns. Cristãos sábios e sóbrios não colocam a salvação dos homens sobre cada controvérsia desse tipo; e não as mantêm ou gerem de forma conflituosa para o prejuízo da igreja ou do Estado, nem com a violação da caridade, da paz ou da justiça. 5. Há alguma das ciências que não apresente matéria de controvérsia? Se as leis da terra não apresentassem matéria de controvérsia, os advogados e os juízes teriam menos trabalho do que têm agora. E não era maior a diversidade de opiniões e de culto entre os pagãos do que jamais foi entre os cristãos? Que multidão de seitas de filósofos e de religiões eles tinham! E que multidão de deuses eles tinham para adorar! E o número deles continuava a aumentar cada vez que o senado decidia fazer um deus do melhor tipo de seus imperadores quando estes morriam. De fato, um imperador (da religião de alguns desses objetores), Heliogábalo, empenhou-se com todo o seu poder para reduzir toda a religião à unidade, isto é, ele queria que todo o culto fosse trazido para o seu deus, do qual ele tinha sido sacerdote: diz Lamprídio em sua biografia: *Dicebat Judæorum et Samaritanorum religiones et christianam devotionem, illuc transferendam, &c.* [Dizia que as religiões dos judeus e dos samaritanos e a devoção cristã deviam ser transferidas para lá, etc.] E por isso ele roubou, mutilou e destruiu os outros deuses, agindo assim para que nenhum Deus fosse cultuado em Roma exceto Heliogábalo. Mas assim como o efeito de sua monstruosa

e abominável imundícia de vida foi ser lançado em uma latrina, ser morto, arrastado pelas ruas e afogado no Tibre; assim o efeito de sua desejada unidade foi trazer aquele único deus ou templo ao desprezo, ao qual ele queria limitar todo o culto. As diferenças entre os cristãos são nada em comparação com as diferenças entre os pagãos. A verdade é que a religião é uma coisa tão ilustre e nobre que as dissensões sobre ela, como as manchas na lua, são muito mais notadas pelo mundo do que sobre quaisquer assuntos menores e comuns. Os homens podem levantar controvérsias na filosofia, medicina, astronomia, cronologia, e contudo isso não faz barulho algum, nem causa muita ofensa ou ódio no mundo; mas o diabo e a natureza corrompida têm tal inimizade contra a religião que têm prazer em arrumar qualquer briga contra ela, e culpá-la pelas imperfeições de todos os que a aprendem e deveriam praticá-la. Como se a gramática devesse ser acusada de cada erro ou falha de que os garotos são culpados ao aprendê-la; ou se a lei devesse ser acusada de todas as divergências dos advogados ou contendas do povo; ou se a medicina devesse ser acusada de todas as divergências ou erros dos médicos; ou se a comida e a bebida fossem culpadas por causa dos excessos e das doenças dos homens. Não há doutrina ou prática no mundo pela qual a verdadeira unidade e concórdia possam ser mantidas senão pela seriedade na religião verdadeira. E quando toda contenda vem pela falta de religião, é impudência culpar a religião por isso, a qual é a única cura. Se os governantes protegerem todos os que concordam naquilo que justamente deve ser chamado de religião cristã, tanto para a doutrina quanto para a prática; e quanto às suas diferenças pequenas e toleráveis usarem

nenhuma outra violência senão apenas compeli-los a viver em paz, e suprimir os sediciosos e aqueles que abusam e ferem o governo ou uns aos outros; eles descobrirão que o cristianismo não tende a divisões, nem ao impedimento ou perturbação do governo ou da paz. São a paixão, o orgulho e o egoísmo que fazem isso, e não a religião; portanto, que estes, e não a religião, sejam contidos. Mas se eles decidirem não permitir que ninguém viva em paz senão os que em cada minúcia são todos de uma mesma opinião, eles deverão ter apenas um súdito que seja sincero em sua religião (pois não haverá dois homens com a mesma exata percepção em tudo, não mais do que com a mesma fisionomia), e todos os demais deverão ser hipócritas mundanos que, enquanto não são sinceramente fiéis a religião nenhuma, professar-se-ão de qualquer religião que sirva aos seus propósitos presentes; e esses cristãos nominais estarão prontos para trair os seus governantes ou praticar qualquer maldade que o seu interesse carnal exigir.

Objeção 5. Que testemunho precisamos mais do que as suas próprias acusações mútuas? Quanto aos papistas, quantos volumes escreveram os protestantes contra eles como inimigos de todo governo civil, alegando até os decretos de seus concílios gerais, como o Lateranense sob Inocêncio III, cânone 3. E quanto aos protestants, eles são tão profundamente acusados pelos papistas, como você pode ver na obra "*Image of both Churches*" [Imagem de Ambas as Igrejas], e "*Philanax Anglicus*", e muito mais. Quanto a Calvino e os presbiterianos e puritanos, que os prelados lhe digam quão pacíficos eles são. E os papistas e puritanos dizem que os prelatistas são da mesma opinião, e apenas para os seus próprios fins fingem maior lealdade

do que os outros. Não há dois entre eles mais famosos por defender o governo do que Hooker e Bilson. E o que Hooker diz a favor do poder popular, o seu primeiro e oitavo livros testificam abundantemente: e até mesmo o próprio Bispo Bilson defende as guerras protestantes francesas e alemãs; e você pode julgar de sua doutrina leal por estas palavras, p. 520, de "*Christian Subjection*" [Sujeição Cristã]: "Se um príncipe decidir sujeitar o seu reino a um domínio estrangeiro, ou mudar a forma da república de império para tirania, ou negligenciar as leis estabelecidas pelo consentimento comum do príncipe e do povo para executar a sua própria vontade; nestes e em outros casos que poderiam ser nomeados, se os nobres e o povo se unirem para defender a sua antiga e acostumada liberdade, regime e leis, eles não podem ser bem considerados rebeldes".

Resposta. 1. Se está claro que o cristianismo, quanto aos seus princípios, é mais pelo amor, pela concórdia e pela sujeição do que qualquer outra doutrina racional no mundo, então, se qualquer seita de cristãos for de fato encontrada contrariando esses princípios, até aí eles contrariam o cristianismo: e culpará você a religião porque os homens a contrariam? Ou culpará a doutrina de Cristo porque os homens a desobedecem? De fato, cada seita que tem algo de seu para fazer de si uma seita, além da religião cristã que faz dos homens meros cristãos, pode facilmente ser culpada de tal erro que corromperá a religião cristã. E, como seita, eles têm um interesse dividido que os pode tentar a princípios de divisão; mas ninguém condena mais tais divisões do que Cristo. 2. E, de fato, embora um cristão como tal seja uma testemunha confiável, contudo uma seita ou facção como tal costuma possuir os homens com

uma disposição tão invejosa e caluniadora que eles são pouco dignos de crédito quando acusam uns aos outros! Esse zelo faccioso não vem do alto, mas é terreno, sensual e diabólico; e, portanto, onde isso está, não admira se houver contenda, falsa acusação, confusão e toda obra má. Mas, assim como estes não são testemunhas competentes, do mesmo modo se eles são ou não favorecidos por Cristo você pode julgar se ler apenas esses três capítulos: Mateus 5, Romanos 12, Tiago 3. Posso dizer aqui o mesmo que o Bispo Bilson no trecho que é acusado, p. 521: "*é fácil para uma mente inquieta e vagabunda ficar sentada em casa em seu quarto e chamar os homens de rebeldes, sendo ele próprio o mais rebelde*". 3. Quanto aos papistas, posso justificá-los de sua acusação na medida em que são cristãos; mas, na medida em que são papistas, que os justifique quem puder. De fato, a usurpação do governo é a própria essência do papado; pelo que todos os outros cristãos os culpam; e, portanto, há pouca razão para que o cristianismo seja acusado por causa deles. 4. E quanto aos protestantes, tanto episcopais quanto disciplinários, os sóbrios e moderados deles não falam uns dos outros em tal linguagem como você pretende. Quanto aos episcopais, não conheço nenhum, exceto papistas injuriosos, que os acusem universalmente de quaisquer doutrinas de rebelião: e quanto às práticas de alguns homens particulares, não se deve alegá-las contra a sua doutrina. Você pensa que a Rainha Elizabeth, a quem o livro de do Bispo Bilson foi dedicado, ou o Rei Carlos, a quem o livro de Master Hooker foi dedicado, consideraram qualquer um deles como mestres da rebelião? Não é cada opinião diferente na política que prova que os homens são contra a sujeição. Aquele que puder ler um livro como o de Bilson

sobre a "*Christian Subjection against Antichristian Rebellion*" [Sujeição Cristã contra a Rebelião Anticristã] e ainda assim negar que ele seja um mestre da sujeição tem uma testa muito dura. Quanto às controvérsias, não direi mais sobre elas aqui senão o que já disse antes a Master Hooker. E quanto a Calvino e os disciplinários, ou puritanos como são chamados, eles subscrevem todas as confissões de fé sobre a magistratura, prestam os mesmos juramentos de fidelidade e supremacia que os outros prestam, e defendem e escrevem a favor deles: de modo que, de minha parte, não conheço diferença alguma em sua doutrina. Ouça o que o Bispo Andrews diz (o qual não era rebelde) em seu "*Tortura Torti*", p. 379, 380: *Calvinus autem ut papam regem; ita regem papam non probavit; neque nos quod in papa detestamur, in rege approbamus; at et ille nobiscum, et nos cum illo sentimus, easdem esse in ecclesia christiana regis Jacobi partes, quæ Josiæ fuerunt in Judaica; nec nos ultra quicquam fieri ambimus*— [Mas Calvino não aprovou nem um papa-rei, nem um rei-papa; e nós não aprovamos no rei o que detestamos no papa; mas tanto ele conosco quanto nós com ele sentimos que as partes do rei Tiago na igreja cristã são as mesmas que as de Josias na judaica; e nós não ambicionamos que nada além seja feito]: isto é, "Mas Calvino não gostava de um papa-rei, nem de um rei-papa; nem aprovamos nós no rei aquilo que detestamos no papa. Mas ele conosco, e nós com ele, julgamos que o Rei Tiago tem tanto a fazer na igreja cristã quanto Josias tinha na igreja judaica; e não procuramos obter nada além". E depois: *Sub primatus nomine, papatum novum rex non invehit in ecclesiam; sic enim statuit, ut non Aaroni pontifici, ita nec Jeroboamo regi, jus ullum esse*

conflatum a se vitulum populo proponendi, ut adoret, (id est,) non vel fidei novos articulos, vel cultus divini novas formulas procudendi [Sob o nome de primado, o rei não introduz na igreja um novo papado; pois assim estabeleceu que nem ao pontífice Aarão, nem tampouco ao rei Jeroboão, pertence qualquer direito de propor ao povo o bezerro por si fundido para adorar, isto é, não de forjar novos artigos de fé ou novas fórmulas de culto divino]: isto é, "O rei não traz para a igreja um novo papado sob o nome de primazia; pois assim ele julga (ou determina) que nem Aarão o sacerdote, nem Jeroboão o rei, tinham direito algum de propor o bezerro que tinham feito ao povo para ser adorado; isto é, nem de forjar (ou fazer) novos artigos de fé, ou novas fórmulas de culto divino". E p. 379, 380: *Quos vero puritanos appellat, si regium primatum detestantur, detestandi ipsi. Profitentur enim, subscribunt, jurant indies; sed et illi quod faciunt ingenue faciunt, et societatem in hoc Torti, ipsumque adeo Tortum, tanquam mendacem hominem, (et alibi de aliis, et hic de se,) ac sycophantem egregium detestantur* [Aqueles que ele chama de puritanos, se detestam o primado real, devem ser detestados. Pois professam, subscrevem, juram diariamente; mas também o que fazem, fazem-no ingenuamente, e detestam a sociedade de Torto nisto, e ao próprio Torto como um homem mentiroso (e em outros lugares de outros, e aqui de si mesmo), e um egregio sicofanta]: isto é, "E quanto àqueles que ele chama de puritanos, se eles detestam a supremacia do rei, devem ser detestados; pois diariamente a professam, subscrevem e juram a ela; e o que fazem, fazem ingenuamente; e detestam a associação de Tortus nisto, e ao próprio Tortus como um homem mentiroso (em

outros lugares sobre os outros, e aqui sobre si mesmo) e um egrégio sicofanta". Por estes testemunhos julgue o que os protestantes pensam uns dos outros em ponto de lealdade. 5. E por que não são incluídos todos os outros cristãos em sua enumeração? Os armênios, os abissínios e todas as igrejas gregas? A quem os papistas frequentemente criticam como lisonjeadores ou servis, porque sempre davam muito aos seus imperadores. Tem você qualquer pretexto para a sua acusação contra eles? Exceto talvez pelos tumultos aos quais Alexandria em sua grandeza era muito inclinada, o que nada tem a ver com a doutrina do cristianismo, nem com a prática de todos os demais.

O Cristianismo é sumamente favorável à lealdade e à sujeição.

Tendo respondido a estes cavacos dos recentes políticos ateus ou infiéis, mostrarei a seguir, de forma breve, mas com abundante evidência, que o cristianismo e a verdadeira piedade constituem a maior força do governo, o mais forte vínculo de sujeição e o meio de paz que jamais foi revelado ao mundo; o que aparecerá em todas as evidências seguintes:

1. O cristianismo ensina os homens a considerarem os poderes superiores como ordenados por Deus, e a obedecer-lhes como ministros ou oficiais de Deus, possuindo uma autoridade derivada imediatamente Dele; de modo que eleva o magistrado, como oficial de Deus, a uma posição tanto mais alta do que os infiéis o elevam (os quais fazem o seu poder derivar de nada além da força física ou da escolha popular), quanto um servo de Deus

está acima de um servo dos homens; o que é mais do que um homem está acima de um cão.

2. O cristianismo nos diz que a nossa obediência aos magistrados é um comando do próprio Deus, e assim, que devemos obedecer a Ele ao obedecer-lhes. E assim como a obediência a um guarda é mais obtida pelas leis do rei do que pelos próprios comandos do guarda, assim a obediência a um rei é obtida de forma muito mais eficaz pelas leis de Deus do que pelas suas próprias. Se Deus está mais acima de um rei do que um rei está acima de um verme, o comando de Deus deve ser uma obrigação mais poderosa sobre toda pessoa dotada de entendimento do que o comando do rei. E que vantagem maior pode um rei ter ao governar do que ter súditos cujas consciências se sentem obrigadas pelo próprio Deus a obedecer ao rei e a todos os seus oficiais?

Objeção. Mas isso é sempre com exceção: se não for em coisas proibidas por Deus; e os súditos são feitos juízes sobre se é o caso ou não.

Resposta. E ai daquele homem que se queixa de que Deus deve ser obedecido antes dele; e que gostaria de ser ele mesmo um deus para ser obedecido em coisas que Deus desaprova! Os súditos não são feitos juízes públicos, mas discernidores privados de seus deveres; e assim vocês mesmos os constituem: de outro modo, eles não deveriam julgar se o rei ou um usurpador deve ser obedecido; ou se a palavra de um rei ou de um guarda, se forem contraditórias, deve ser preferida. Julgar o que devemos escolher ou recusar é próprio de uma criatura racional: até mesmo os próprios brutos farão algo semelhante por

instinto da natureza, e não farão todas as coisas segundo a sua vontade. Vocês querem que obedeçamos a um juiz de paz apenas na medida em que a nossa lealdade ao rei o permita: e, portanto, há maior razão para que obedeçamos aos poderes superiores apenas na medida em que a nossa lealdade a Deus o permita. Mas se os homens pretendem comandos de Deus para algo que Ele não comanda, os magistrados não trazem a espada em vão, e os súditos são ordenados por Deus a não resistir. Se eles os punem justamente, Deus sustentará os governantes nisso; se os punem injustamente ou os perseguem por fazerem o bem, Deus punirá severamente aqueles que assim prejudicaram os Seus súditos e abusaram da autoridade que Ele confiou ao encargo deles.

3. A religião cristã obriga os súditos à obediência sob penalidades mais severas do que as que os magistrados podem impor; sim, sob pena do desagrado de Deus e da condenação eterna, Rm 13:2-3. E quão grande auxílio isto é para o governo é tão fácil de discernir que os ateus de tipo mais simples se convencem de que os reis inventaram a religião para manter as pessoas em obediência com os temores do inferno. Retire os temores da vida futura e a punição de Deus no inferno sobre os ímpios, e o mundo se transformará em algo pior do que um covil de serpentes e feras selvagens; adultérios, assassinatos, envenenamento de reis e toda abominação serão livremente cometidos por quem julgar que a astúcia ou o poder podem encobrir ou sustentar tais atos! Quem confiará naquele homem que não crê que Deus julga e pune?

4. A religião cristã encoraja a obediência e a paz com a promessa da recompensa da felicidade infinita (*cæteris*

paribus [mantidas as outras circunstâncias iguais]); o céu é mais do que qualquer príncipe pode dar. Se isso não mover os homens, não há coisa maior para movê-los. O ateísmo e a infidelidade não possuem tais motivos.

5. O cristianismo ensina os súditos a obedecerem não apenas aos bons governantes, mas aos ruins, até mesmo aos próprios pagãos, e a não resistirem quando não podemos obedecer. Ao passo que, entre os pagãos, os príncipes governavam apenas enquanto agradassem aos soldados ou ao povo; de modo que Lamprídio se maravilhava de que Heliogábalo não tivesse sido degolado antes, mas tivesse sido tolerado a reinar por três anos: *Mirum fortasse cuipiam videatur Constantine venerabilis, quod hæc clades quam retuli loco principum fuerit; et quidem prope triennio, ita ut nemo inventus fuerit qui istum a gubernaculis Romanæ majestatis abduceret, cum Neroni, Vitellio, Caligulæ cæterisque hujusmodi nunquam tyrannicida defuerit* [Talvez pareça admirável a alguém, venerável Constantino, que esta peste que relatei estivesse no lugar de príncipe; e de fato por quase três anos, de modo que ninguém foi encontrado que afastasse este do governo da majestade romana, quando a Nero, Vitélio, Calígula e outros deste tipo nunca faltou um tiranicida].

6. O cristianismo e a piedade não apenas contêm os atos exteriores, mas governam os próprios corações e impõem um encargo sobre os pensamentos, os quais o poder dos príncipes não pode alcançar. Proíbe amaldiçoar o rei em nosso quarto, ou ter um pensamento ou desejo de mal contra ele; apaga as primeiras faíscas de deslealdade e desordem; e o governo do homem exterior segue a

ordenação do coração; e, portanto, o ateísmo, que deixa o coração livre e aberto a todos os desejos e desígnios de rebelião, acende aquele fogo na mente dos homens que o governo não pode apagar; ele corrompe a fonte; quebra a mola que deveria colocar tudo em movimento; envenena o coração das comunidades.

7. O cristianismo e a piedade ensinam aos homens a paciência, para que não lhes pareça estranho carregar a cruz e sofrer injúrias de altos e baixos; e, portanto, sendo reprimida aquela impaciência que é o início de toda rebelião, ela impede que a desordem avance mais.

8. O cristianismo ensina aos homens a negação de si mesmos como uma grande parte de sua religião; e, quando o egoísmo é mortificado, não resta nada para servir de princípio de rebelião contra Deus ou contra os nossos superiores. O egoísmo é o próprio princípio predominante dos ímpios; é apenas por si mesmos que eles obedecem quando obedecem; não admira, portanto, que o autor de *Leviathan* permita aos homens fazer qualquer coisa quando a salvação de si mesmos o exigir. E, para tantas pessoas egoístas quantas houver em um reino, outros tantos interesses diversos são buscados primeiro, os quais, na maior parte, se opõem aos interesses dos outros: os piedosos têm todos um centro comum; eles se unem em Deus e, portanto, podem ser mantidos em concórdia; pois a vontade de Deus é algo que pode ser cumprida por todos, bem como por um só; mas os egoístas e ímpios são cada um o seu próprio centro, e não têm centro comum para se unirem, sendo os seus interesses ordinariamente opostos e inconsistentes.

9. O cristianismo ensina os homens, por argumentos mais eficazes, a darem pouca importância às riquezas e honras do mundo, e a não lutarem por superioridade; mas a buscarem as coisas mais altas e acumularem o seu tesouro em um mundo melhor, e a condescenderem com os homens de condição humilde. Proíbe os homens de se exaltarem para não serem humilhados; e comanda-os a se humilharem para que Deus os exalte; e aquele que não sabe que o orgulho e a cobiça são os grandes perturbadores do mundo, a causa das contendas e a ruína dos Estados, nada sabe destas matérias. Portanto, nem que fosse apenas pela grande exortação à humildade e à mente celestial, e pela estrita condenação da ambição e da mente voltada para a terra, o cristianismo e a piedade devem necessariamente ser os maiores preservadores do governo, da ordem, da paz e da tranquilidade no mundo.

10. O cristianismo ensina os homens a viverem no amor de Deus e do homem. Faz do amor o próprio coração, vida, soma e fim de todos os outros deveres da religião. A própria fé não passa de foles para acender em nós as chamas sagradas do amor. O amor é o fim do evangelho e o cumprimento da lei. Amar a todos os santos com um amor especial, sim, com um coração puro e fervorosamente, e amar a todos os homens sinceramente com um amor comum; amar o nosso próximo como a nós mesmos; e amar os nossos próprios inimigos; esta é a vida que Cristo exige, sob a pena de condenação; e se o amor assim prevalecer, o que perturbaria o governo, a paz ou a ordem do mundo?

11. O cristianismo ensina os homens a serem exatos na justiça, distributiva e comutativa; e a fazerem aos outros

como gostariam que fizessem a eles: e onde isto for seguido, os reis e os Estados terão pouco que os moleste, pois *gens sine justitia est sine remige navis in unda* [um povo sem justiça é como um navio sem remador na onda].

12. O cristianismo ensina os homens a fazerem o bem a todos os homens na medida de suas forças, e a abundarem em boas obras, como aquilo para o qual fomos remidos e feitos de novo; e se os homens se dedicarem inteiramente a fazer o bem, e não forem prejudiciais e injuriosos a ninguém, quão fácil será governar tais pessoas!

13. O cristianismo ensina os homens a tolerarem e a perdoarem, assim como esperam ser perdoados por Deus, e os fortes a suportarem as fraquezas dos fracos, e não agradarem a si mesmos, mas uns aos outros para a edificação deles; a não serem censórios, severos ou cruéis, nem colocarem o reino de Deus em comida, bebida e dias, mas na justiça, na paz e na alegria no Espírito Santo; a suportarem os fardos uns dos outros, e a restaurarem com espírito de mansidão aqueles que forem surpreendidos em alguma falta, e a serem pacíficos, gentis, tratáveis, cheios de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia, e a não falarem mal de homem algum; e onde isto for obedecido, quão tranquila e facilmente podem os príncipes governar!

14. O cristianismo coloca diante de nós o padrão mais perfeito de toda esta humildade, mansidão, desprezo pela riqueza e grandeza mundanas, negação de si mesmo e obediência que jamais foi dado no mundo. O Filho eterno de Deus encarnado dignou-se a vir à terra e à carne, e obedeceu aos Seus superiores segundo a carne, na

reputação do mundo; e pagou tributo, e nunca foi levado a qualquer desprezo pelos governantes do mundo, embora tenha sofrido a morte sob a falsa acusação disso. Aquele que é cristão esforça-se por imitar o seu Senhor: e pode a imitação de Cristo, ou de Seus apóstolos pacíficos, ser prejudicial aos governantes? Se o mundo pudesse apenas deixar de lado a sua inimizade de serpente contra a santa doutrina e prática do cristianismo, e não se considerar engajado em persegui-la, nem se despedaçar contra a pedra sobre a qual deveria edificar, nem, ao lutar contra ela, provocar que caia sobre eles e os reduza a pó, eles nunca precisariam se queixar de perturbações causadas pelo cristianismo ou pela piedade.

15. O cristianismo e a verdadeira piedade contêm não apenas todos aqueles preceitos que tendem à paz e à ordem no mundo, mas também força, disposição e santas inclinações para a prática de tais preceitos. Outros mestres podem falar apenas aos ouvidos, mas Cristo escreve as Suas leis no coração; de modo que os torna tais como Ele comanda que sejam: apenas este é o restante de nossa infelicidade, que, enquanto Ele realiza a cura em nós, retemos um restante de nossas antigas doenças e, assim, o Seu trabalho ainda é imperfeito: e assim como o pecado em força é o que incendeia o curso da natureza, os vestígios dele farão alguma perturbação no mundo, conforme o seu grau; mas nada é mais seguro do que o cristão mais piedoso ser o súdito mais ordeiro e leal, e o melhor membro (segundo os seus dotes e forças) na comunidade; e que o pecado é a causa, e a santidade a cura, de todas as desordens e calamidades do mundo.

16. Por fim, consulte a própria experiência, e você verá que tudo isto que tenho dito tem sido ordinariamente verificado. A que o paganismo tende, você pode ver até mesmo no governo romano (pois ali você confessará que ele estava no seu melhor). Ler sobre os tumultos, as crueldades, a inconstância popular, a facção e a injustiça; quão rudemente os soldados faziam os seus imperadores e quão fácil e barbaramente os assassinavam, e quão poucos deles, desde os dias de Cristo até Constantino, morreram a morte comum de todos os homens e escaparam das mãos daqueles que eram seus súditos; penso que isto o satisfará sobre a que tende a inimizade dos homens contra o cristianismo: e depois observar quão subitamente a situação mudou assim que os imperadores e súditos se tornaram cristãos (até que, no declínio do império grego, alguns oficiais e cortesãos que aspiravam à coroa assassinaram os imperadores): e observar ainda que as doutrinas e práticas rebeldes contra os governantes foram todas introduzidas por facções e heresias, as quais abandonaram o cristianismo muito antes de incorrerem em tal culpa; e que foi ou a usurpação papal (que é em sua natureza uma inimiga dos príncipes) que depôs e pisoteou imperadores e reis, ou então alguns entusiastas loucos que ultrapassaram a religião e o juízo, os quais em Münster (e na Inglaterra alguns recentemente), aproveitando-se de sua prosperidade, ousaram praticar violência contra a soberania; mas, quanto mais os homens eram cristãos e verdadeiramente piedosos, mais eles detestavam todas essas coisas; tudo isto lhe dirá que os cristãos mais sérios e religiosos são os melhores membros das sociedades civis na terra.

II. Tendo terminado com a primeira parte de minha última direção, direi apenas este pouco sobre a segunda: vejam os cristãos que sejam de fato cristãos, e não abusem daquilo que é mais excelente para servir de capa para o que é mais vil. 1. Ao ler política, não engula tudo o que cada autor escreve em conformidade com o regime sob o qual ele vive. Que coisas perversas lerá você na política papista (Contzen e uma abundância de semelhantes)! Que usurpação sobre os principados e que crueldades com os cristãos sob o pretexto de defender a igreja e suprimir heresias!

2. Tenha cuidado ao ler história para não permitir que o espírito do seu autor o infecte com qualquer daquela parcialidade que ele expressa pela causa que defende. Considere em que tempos e lugares todos os seus autores viveram, e leia-os consequentemente com o devido desconto. O nome de liberdade era tão precioso, e o nome de um rei tão odioso para os romanos, atenienses, etc., que não admira se os seus historiadores sejam hostis aos reis.

3. Não abuse do próprio aprendizado para se elevar com presunção contra os governantes! Homens instruídos podem ser ignorantes em política; ou, ao menos, sem experiência, e quase tão inaptos para julgar como em assuntos de guerra ou de navegação.

4. Evite dar o poder do magistrado ao clero, e estabelecer o poder secular e coercitivo sob o nome de poder das chaves: e teria sido feliz para a igreja se Deus tivesse convencido os magistrados em todas as eras a manterem a espada em suas próprias mãos, e a não colocarem-na nas mãos do clero para cumprirem as suas vontades através

dela: pois: 1. Por este meio o clero teria escapado do repúdio de usurpação e dominação pelo qual os políticos ateus gostariam de tornar a religião odiosa aos magistrados por causa deles. 2. E por este meio maior unidade teria sido preservada na igreja, enquanto uma facção não está armada com a espada para esmagar as demais: pois se os teólogos disputarem apenas pelo poder do argumento, quando eles mesmos e os outros se cansarem de falar, terão terminado; mas quando partem para o poder da espada, isso se harmoniza tão mal com eles que raramente faz bem, mas frequentemente a parte que confia menos em sua razão deve destruir a outra e fazer valer a sua causa por argumentos de ferro. 3. E então o clero romano não teria sido armado contra os príncipes para os terríveis abalos do mundo cristão que as histórias relatam amplamente, se os príncipes não tivessem primeiro emprestado a eles a espada que eles voltaram contra si. 4. E então a disciplina da igreja seria melhor compreendida e teria sido mais eficaz; a qual é corrompida e transformada em outra coisa, e assim expulsa, quando a espada é usada em vez das chaves sob o pretexto de torná-la eficaz: ninguém senão os que consentem são capazes da comunhão da igreja: nenhum homem pode ser cristão, ou piedoso, ou salvo contra a sua vontade; e, portanto, apenas os que consentem e os voluntários são capazes da disciplina da igreja: assim como a espada não tornará um sermão eficaz, do mesmo modo não tornará a disciplina eficaz, a qual não passa da gestão da palavra de Deus para trabalhar sobre a consciência. Na medida em que os homens devem ser conduzidos pela espada ao uso dos meios, ou contidos de oferecer injúria à religião, o próprio magistrado é o mais adequado para fazê-lo. É notado pelos

historiadores, como desonra de Cirilo de Alexandria (embora bispo famoso), que ele foi o primeiro bispo que, como um magistrado, usou ali a espada e usou de violência contra os heréticos e dissidentes.

5. Acima de tudo, não abuse do nome da religião para a resistência aos seus governantes legítimos: a religião deve ser defendida e propagada por nenhum meio irreligioso. É fácil, antes que você perceba, contrair a febre de um zelo tão apaixonado como o de Tiago e João tinham quando queriam fogo do céu para consumir os que recusavam e resistiam ao evangelho: e então você pensará que quase tudo é legítimo quando parece necessário para a prosperidade da religião. Mas meios nenhuns exceto os permitidos por Deus costumam prosperar ou trazer o resultado que os homens esperam: eles podem parecer fazer maravilhas por um tempo, mas dão em nada no final, e estragam o trabalho, e deixam tudo pior do que estava antes.

Direção 40. Tenha cuidado de não confundir a natureza daquela liberdade do povo que é verdadeiramente valiosa e desejável, e de não lutar por uma liberdade indesejável em seu lugar. É desejável ter liberdade para fazer o bem, possuir o que é nosso, desfrutar das misericórdias de Deus e viver em paz: mas não é desejável ter liberdade para pecar, abusar uns dos outros, impedir o evangelho e desprezar os nossos governantes. Alguns confundem liberdade com o próprio governo, e pensam que é liberdade do povo ser governante: e alguns confundem liberdade com uma isenção do governo, e pensam que são mais livres quando são mais sem governo e podem fazer o que bem entendem: mas isto é uma miséria, e não uma

misericórdia, e, portanto, nunca foi comprado para nós por Cristo. Muitos desejam servidão e calamidade sob o nome de liberdade: *optima est reipublicæ forma* [a melhor forma de república é], diz Sêneca, *ubi nulla libertas deest, nisi licentia pereundi* [onde nenhuma liberdade falta, exceto a licença de perecer]. Como Master R. Hooker diz, livro 8, p. 195: "Não sou de opinião que simplesmente nos reis o maior, mas o melhor limitado poder é o melhor, tanto para eles quanto para o povo: o mais limitado é aquele que pode tratar de menos coisas: o melhor, aquele que ao tratar está atado à regra mais sólida, perfeita e imparcial, a qual regra é a lei: refiro-me não apenas à lei da natureza e de Deus, mas à lei nacional em harmonia com ela: mais feliz aquele povo cuja lei é o seu rei nas maiores coisas do que aquele cujo rei é ele mesmo a sua lei".

No entanto, não há dúvida de que os legisladores estão, como tais, acima da lei como um instrumento autoritativo de governo, mas sob ela assim como um homem está sob a obrigação de seu próprio consentimento e palavra: ela governa os súditos no primeiro sentido; liga a *summam potestatem* [o supremo poder] no segundo.

Direção 41. Quando tiver feito tudo o que puder em justa obediência, busque a sua recompensa apenas de Deus. Que o satisfaça o fato de que Ele conhece e aprova a sua sinceridade. Você faz disso uma obra santa se a realiza para agradar a Deus; e você estará firme e constante se tomar o céu como a sua recompensa (o que é suficiente e não falhará com você); mas você faz disso apenas uma obra egoísta e carnal se a realiza apenas para agradar aos seus governantes, ou obter promoção, ou escapar de algum mal

que eles possam lhe fazer, e se sujeita apenas por lisonja ou por medo da ira, e não por motivo de consciência. E tal obediência é incerta e inconstante; pois, quando as suas esperanças falharem, ou quando pensar que os governantes o tratam com injustiça ou ingratidão, a sua sujeição transformar-se-á em desejos apaixonados de vingança. Lembre-se sempre do exemplo de seu Salvador, que sofreu a morte como inimigo de César quando nunca tinha falhado em seu dever nem mesmo em um pensamento ou palavra. E é você melhor do que o seu Senhor e Mestre? Se Deus é tudo para você, e você depositou todas as suas esperanças no céu, então é de pouca importância para você (além do que Deus está interessado nisso) se os governantes o tratam bem ou mal, se interpretam as suas ações corretamente, o que pensam de você ou como o chamam; mas importa a você que Deus o considere leal, e o julgará assim, e o justificará das acusações de deslealdade dos homens, e o recompensará com mais do que o homem lhe pode dar. Nada é bem feito, especialmente de natureza tão elevada como esta, que não seja feito para Deus e para o céu, e para o que a coroa da glória não seja o motivo.

Fui propositadamente mais extenso sobre este assunto porque os tempos em que vivemos o exigem, tanto para o estabelecimento de alguns quanto para a refutação das falsas acusações de outros que gostariam de convencer o mundo de que a nossa doutrina não é o que ela é; quando, através das práticas pecaminosas de alguns, o caminho da verdade é blasfemado, 2Pe 2:2.

Uma resolução mais completa dos casos: 1. Se as leis dos homens obrigam a consciência? 2. Especialmente as leis menores e penais?

A palavra consciência significa: 1. Em geral, segundo a grafia da palavra, o conhecimento de nossas próprias matérias; *conscire* [ser consciente de]; o conhecimento de nós mesmos, de nossos deveres, de nossas faltas, de nossos medos, de nossas esperanças, de nossas doenças, etc. 2. Ou de forma mais limitada e estreita, o conhecimento de nós mesmos e de nossas próprias matérias em relação à lei e ao julgamento de Deus; *Judicium hominis de seipso prout subjicitur judicio Dei* [o julgamento do homem sobre si mesmo conforme se sujeita ao julgamento de Deus], como Amesius o define.

2. A consciência é tomada: 1. Às vezes para o ato de autoconhecimento. 2. Às vezes para o hábito. 3. Às vezes para a faculdade, isto é, para o próprio intelecto enquanto faculdade de autoconhecimento. Em todos estes sentidos ela é tomada propriamente. 4. E às vezes é usada (pelo costume) impropriamente para a própria pessoa que realiza o *conscire* [o ato de ser consciente de]; ou para a sua vontade (outra faculdade).

3. A consciência pode ser dita obrigada: 1. Subjetivamente, como o *subjectum quod* [sujeito que], ou a faculdade obrigada. 2. Ou objetivamente, como *conscire* [ser consciente de], o ato da consciência, é a coisa *ad quod* [para a qual] pela qual somos obrigados.

E com base nessas distinções necessárias, respondo assim à primeira questão:

Proposição 1. O ato ou o hábito da consciência não é capaz de ser o sujeito obrigado; não mais do que qualquer outro ato ou dever: o ato ou dever não é obrigado, mas o homem ao ato ou dever.

Proposição 2. A faculdade ou o julgamento não é capaz de ser o objeto, ou *materia ad quam* [matéria para a qual], a coisa à qual somos obrigados. O homem não está obrigado a ser homem, ou a ter um intelecto, mas é feito assim.

Proposição 3. A faculdade da consciência (isto é, o intelecto) não é capaz de ser o *subjectum quod* [sujeito que] imediato ou mais próximo, ou o sujeito obrigado. A razão é porque o intelecto, por si só, não é uma faculdade de funcionamento livre, mas atua necessariamente *per modum naturæ* [por modo da natureza], além do que está sob o comando da vontade; e, portanto, os hábitos intelectuais e morais são por todos os homens distinguidos.

Proposição 4. Toda obrigação legal ou moral recai diretamente apenas sobre a vontade: e assim sobre a pessoa como um agente voluntário; de modo que é correto dizer: a vontade é obrigada, e a pessoa é obrigada.

Proposição 5. Impropriamente e remotamente pode-se dizer: o intelecto (ou faculdade da consciência) é obrigado, ou a mão, ou o pé, ou a língua é obrigada; na medida em que o homem é obrigado a usá-los.

Proposição 6. Embora não seja próprio dizer que a consciência é obrigada, é próprio dizer que o homem é

obrigado ao ato e ao hábito da consciência, ou ao exercício da faculdade.

Proposição 7. O significado comum da frase "somos obrigados em consciência", ou "a consciência está obrigada", é que somos obrigados a algo por Deus, ou por uma obrigação divina, e que constitui pecado contra Deus violá-la; de modo que os teólogos costumam usar aqui a palavra consciência no sentido teológico mais estreito, visto que a relação com a lei e o julgamento de Deus entra na definição dela.

Proposição 8. Tomando a consciência neste sentido mais estreito, perguntar se a lei do homem enquanto do homem nos obriga em consciência é o mesmo que perguntar se o homem é Deus.

Proposição 9. E tomando a consciência no sentido amplo ou geral, perguntar se as leis do homem nos obrigam em consciência subjetivamente é perguntar se elas obrigam o entendimento a conhecer o nosso dever para com o homem? E o teor delas mostrará que, enquanto nos obrigam a um ato externo ou de um ato externo, é o homem que elas obrigam para ou daquele ato, e isso na medida em que ele é um agente racional e voluntário; de modo que uma obrigação humana é imposta sobre o homem, sobre a vontade e sobre o intelecto pelas leis humanas.

Proposição 10. E as leis humanas, enquanto nos obrigam para ou de um ato externo, com isso nos obrigam como agentes livres e racionais a escolher ou recusar conscientemente esses atos; e de que outra forma pode uma lei, que é um instrumento moral, obrigar a mão, o pé

ou a língua senão obrigando-nos primeiro a escolhê-lo ou recusá-lo conscientemente, isto é, de forma conscienciosa, de modo que um vínculo humano é certamente imposto sobre a mente, a alma ou a consciência, tomada no sentido mais amplo.

Proposição 11. Tomando a consciência no sentido mais estrito, como incluindo essencialmente uma relação com a obrigação de Deus, o sentido completo da questão é claramente apenas este: se constitui pecado contra Deus quebrar as leis do homem? E assim as pessoas simples poderiam facilmente compreendê-lo. E a isso se deve responder que constitui, sob dois aspectos, um pecado contra Deus quebrar tais leis ou comandos que os governantes estão autorizados por Deus a fazer: 1. Porque Deus nos comanda a obedecer aos nossos governantes: portanto, aquele que (assim) não lhes obedece peca contra uma lei de Deus. Deus nos obriga em geral a obedecer-lhes em todas as coisas que estão autorizados por Ele a comandar; mas a lei deles determina a matéria particular; portanto, Deus nos obriga (em consciência de Sua lei) a obedecer-lhes naquele particular. 2. Porque, ao fazê-los Seus oficiais por Sua delegação, Ele lhes deu um certo raio de autoridade, a qual é divina por ser derivada de Deus; portanto, eles podem nos comandar por um poder derivado de Deus: portanto, desobedecer é pecar contra um poder derivado de Deus. E assim o caso geral é muito claro e fácil: de que modo o homem peca contra Deus ao desobedecer às leis do homem e, consequentemente, como (em um sentido tolerável dessa expressão) se pode dizer que as leis do homem obrigam ou não a consciência (ou melhor, obrigam-nos em ponto de consciência), ou por uma obrigação divina. O homem não é Deus; e, portanto,

como homem, por si só não pode impor nenhuma obrigação divina sobre nós. Mas o homem sendo oficial de Deus: 1. A sua própria lei impõe sobre nós uma obrigação derivativamente divina (pois não é lei a que não tem obrigação, e não é obrigação autoritativa a que não é derivada de Deus). 2. E a própria lei de Deus nos obriga a obedecer às leis do homem.

Questão 2. Mas constitui pecado quebrar cada lei penal do homem?

Resposta. 1. Você deve lembrar-se de que a lei do homem é essencialmente a significação da vontade do homem; e, portanto, não obriga além do que realmente signifique a vontade do governante.

1. Que ela é o ato de um poder derivado de Deus; e, portanto, não obriga além do que seja o exercício de tal poder.

2. Que ela é dada: 1. Finalmente para a glória e agrado de Deus, e para o bem comum (compreendendo a honra do governante e o bem-estar da sociedade governada). E, portanto, não obriga quando é: (1) Contra Deus. (2) Ou contra o bem comum. 2. E ela é subordinada às próprias leis de Deus (na natureza e na Escritura) e, portanto, não obriga ao pecado ou à violação da lei de Deus.

3. Você deve notar que as leis são feitas para o governo das sociedades como tais, universalmente; e assim são adequadas ao caso comum, para o bem comum. E não é possível senão que uma lei que prescreve um dever — o qual, por acidente, o seja para a maioria — encontre

> algum súdito particular para quem o caso seja de tal forma circunstanciado que o mesmo ato constituiria para ele um pecado: e para o mesmo homem pode ser ordinariamente um dever, e em um caso extraordinário um pecado. Daí resulta que, em alguns casos (como jejuns da Quaresma, casamentos, etc.), os governantes frequentemente autorizam algumas pessoas a conceder dispensas em certos casos: e por isso se diz que a necessidade não tem lei.

Sobre isto, concluo da seguinte forma:

1. Não constitui pecado quebrar uma lei que não é lei, por ser contra Deus, ou por não ser autorizada por Ele (como a de um usurpador, etc.). Veja R. Hooker, *Conclus. lib. viii.* [Conclusão do livro 8].

2. Não é lei na medida em que não seja a significação da verdadeira vontade do governante, quaisquer que sejam as palavras: portanto, até aí não constitui pecado quebrá-la.

3. A vontade do governante deve ser julgada não apenas pelas palavras, mas pelos fins do governo e pelas regras da humanidade.

4. Não sendo possível que o governante em suas leis preveja e nomeie todas as exceções que possam ocorrer, deve-se supor que é da vontade dele que a natureza da coisa seja a notificadora de sua vontade quando o caso ocorrer; e que, se ele estivesse presente e este caso acontecesse diante dele, ao qual o sentido e o fim da lei não se estendem, ele diria: "Este é um caso de exceção".

5. Há, portanto, uma grande diferença entre uma lei geral e um mandato pessoal e particular; como o de um pai para um filho, ou de um senhor para um servo; pois este último notifica plenamente a vontade do governante naquele exato caso e para aquela exata pessoa. E, portanto, não se pode dizer que aqui exista qualquer exceção, ou que não seja a vontade dele; mas, em uma lei universal ou geral, deve-se supor que alguns casos particulares de exceção ocorrerão de forma extraordinária, embora não possam ser nomeados; e que, nesses casos, a vontade do governante dispensa a obrigação.

6. Às vezes também o governante, pelo mero descuido de exigir ou executar as suas próprias leis, permite que elas se tornem obsoletas e fora de uso; e às vezes ele se abstém da execução delas por algum tempo, ou para algum tipo de pessoas; e, ao fazê-lo, notifica que não era de sua vontade que em tal tempo, e em tais casos, elas obrigassem. Não digo que toda negligência de execução seja tal sinal; mas às vezes o é: e a própria palavra do legislador pode notificar a sua vontade dispensadora ou suspensora. Como, por exemplo, por ocasião do incêndio de Londres, houve muitas leis (sobre a frequência às igrejas paroquiais, assistência aos pobres da paróquia e semelhantes) que as pessoas se tornaram incapazes de obedecer; e era de se supor que a vontade do governante teria sido de excetuar tais casos se previstos; e que eles dispensaram a obrigação quando os casos ocorreram.

7. Às vezes também a penalidade da violação de uma lei é alguma multa ou serviço que o governante pretende

como uma comutação pelo dever, de modo que ele deixa livremente à escolha do súdito qual opção ele prefere. E então não constitui pecado pagar a multa e omitir a ação; porque isso não contraria a vontade do legislador.

8. Às vezes também a lei pode comandar isto principalmente por causa de alguns homens, o que tão pouco concerne a outros que não deveria estender-se a eles de modo nenhum, não fosse para evitar que a liberdade deles fosse um impedimento para a obediência dos outros e, consequentemente, para o bem comum. Caso em que, se essas pessoas tão pouco interessadas omitirem a ação secretamente, de modo a não causar escândalo ou dano público, parece que elas têm o consentimento implícito dos governantes.

9. Às vezes deveres particulares são comandados com esta exceção expressa: "A menos que tenham justo e razoável impedimento". Como para vir todo Dia do Senhor à igreja, etc.; o que parece implicar que (embora em casos em que o bem público esteja interessado, a própria pessoa não seja juíza, nem de modo nenhum quanto à penalidade, contudo) em ações de natureza indiferente em si mesmas, esta exceção ainda se supõe implícita: "a menos que tenhamos justos e razoáveis impedimentos", dos quais, em casos privados, quanto ao crime, podemos julgar.

10. Não preciso mencionar as exceções comuns e naturais: como que as leis não obrigam a uma coisa quando esta se torna naturalmente impossível; ou *cessante*

materia, vel capacitate subjecti obligati [cessando a matéria ou a capacidade do sujeito obrigado], etc.

11. As leis podem mudar o seu sentido em parte pela mudança do legislador; pois a lei não é formalmente para nós a lei daquele que morreu e foi outrora nosso governante, mas daquele que vive e é agora nosso governante. Se Henrique Oitavo faz uma lei sobre os atos externos de religião (como para vir à igreja, etc.) e esta permanece sem revogação nos dias do Rei Eduardo, da Rainha Maria, da Rainha Elizabeth, do Rei Tiago, etc., até mesmo agora; assim como não devemos pensar que os legisladores tinham o mesmo sentido e vontade, tampouco que a lei tenha o mesmo sentido e obrigação; pois, se as palavras gerais são capazes de vários sentidos, não devemos tomá-la como obrigatória para nós no sentido em que foi feita, mas no sentido de nossos atuais legisladores ou governantes, porque é a lei deles.

12. Portanto, se uma lei tinha uma razão especial para existir em sua primeira elaboração (como a lei para o uso de arcos e flechas), cessando essa razão, devemos supor que a vontade do legislador perdoa a obrigação, se ele não exigir a execução e não renovar a lei.

13. Por estes princípios claros, muitas dificuldades particulares podem ser facilmente resolvidas, as quais não podem ser previstas e nomeadas; por exemplo, a lei contra socorrer um mendigo não obriga quando ele está prestes a morrer se não for socorrido; ou em um caso como após o incêndio de Londres, quando não havia paróquia para onde levá-lo. Uma lei que visa

apenas ordenar a caridade dos homens (para a alma ou para o corpo, por pregação ou esmolas) não me desobrigará dos próprios deveres de caridade nos casos em que a Escritura ou a natureza provam ser eles impostos por Deus. Uma lei para o jejum não me obrigará quando isso for destrutivo para o meu corpo; mesmo nos sábados de Deus, os deveres de misericórdia deviam ser preferidos ao descanso e aos sacrifícios.

14. Se as próprias leis de Deus devem ser assim explicadas — de que, quando dois deveres coincidem e ambos não podem ser feitos, o menor cessa naquele momento de ser um dever, e o maior deve ser preferido —, as leis do homem devem também ser necessariamente assim explicadas: e com maior razão, porque as leis do homem podem ser contraditórias, ao passo que as de Deus nunca o são, quando corretamente compreendidas.

15. Onde o súdito deve obedecer, até aí ele deve discernir qual das leis inconsistentes deve ser preferida; mas, na execução magistrática, o magistrado ou juiz deve determinar.

Por exemplo: uma lei comanda que todos os pobres necessitados sejam mantidos na paróquia onde nasceram ou viveram por último. Outra lei diz que os ministros do evangelho não conformistas, que não prestarem o juramento de Oxford, não se aproximarão a menos de cinco milhas de cidade ou corporação (embora tenham nascido lá), ou de qualquer lugar onde tenham sido pregadores. Em caso de necessidade, o que devem fazer?

Resposta: para onde devem ir em busca de socorro, eles devem discernir o melhor que puderem; mas para onde devem ser levados ou enviados, o magistrado ou o guarda deve discernir e julgar.

Também se ele deve ir com um guarda que, por uma lei, o traz a um lugar ao qual, por outra lei, ele está proibido, sob pena de seis meses de prisão na cadeia comum, de comparecer? Resposta: se ele não for voluntário nisso, não é falha dele: e se um o traz para lá por força, e outro o prende por estar lá, ele deve sofrer pacientemente por isso.

1. Mas, fora de tais casos de exceção, as leis de nossos governantes (como os comandos dos pais) nos obrigam conforme explicado anteriormente; e constitui pecado contra Deus violá-las.

2. Sim, quando a razão da lei não alcança o nosso caso e pessoa particulares, contudo, quando temos razão para julgar que é da vontade do governante que todos fiquem obrigados por causa de alguns, e que a ordem e o bem comuns seriam prejudicados por nossa isenção, devemos obedecer para o nosso detrimento corporal, para evitar o detrimento público e para promover o bem público.

CAPÍTULO 4
INSTRUÇÕES AOS ADVOGADOS SOBRE SEU DEVER PARA COM DEUS.

Senhores, não há necessidade de responder a estas instruções com as costumeiras censuras ou suspeitas de

que os teólogos estão se intrometendo nos assuntos de sua vocação, que não lhes dizem respeito e que eles não entendem; verão que me absterei de tais assuntos tanto quanto puderem desejar. Se a sua vocação não deve ser santificada servindo a Deus nela e regulando-a pela sua lei, então ela não é honrosa nem desejável. Mas, se o for, permitam-me que, de forma muito breve, os oriente.

Direção 1. Tomem toda a estrutura do governo em conjunto, e estudem cada parte em seu devido lugar, conhecendo-a em sua devida relação com o resto; isto é, entendam primeiro a doutrina do governo e das leis *in genere* [em geral], e depois o governo universal e as leis de Deus *in specie* [em particular]; e então estudem o governo e as leis humanas, conforme se posicionam em sua devida subordinação ao governo e às leis de Deus, assim como as leis locais das corporações estão para as leis gerais do país.

Aquele que não entende o que é governo e lei *in genere* [em geral], dificilmente entenderá o que é o governo ou a lei divina ou humana *in specie* [em particular]; aquele que não sabe o que é governo, e o que é uma comunidade, e o que é uma sociedade política, dificilmente saberá o que é um Estado ou uma igreja; e aquele que não sabe o que é um Estado *in genere* [em geral], qual é o seu fim, quais são suas partes constitutivas, quais as causas eficientes, e o que é uma lei, um julgamento e uma execução, estudará com pouco sucesso a constituição ou as leis do reino em que vive.

E aquele que não entende o *dominium et imperium* [domínio e soberania] divino, fundado na criação (e refundado na redenção), e a sujeição do homem

ao seu Senhor absoluto, e as leis universais que ele deu na natureza e nas Escrituras ao mundo, nunca poderá ter uma compreensão verdadeira do governo ou das leis de qualquer reino em particular; não mais do que poderá compreender bem o verdadeiro estado de uma corporação, ou o poder de um prefeito, juiz ou policial, quem nada sabe sobre o estado do reino, ou do rei, ou de suas leis. Que discursos ridículos tal homem faria de seu governo ou leis locais! Ele não sabe nada que valha a pena saber, quem não sabe que todos os reis e estados não têm poder senão aquele que provém de Deus e lhe é submisso; e que são todos seus oficiais, muito mais abaixo dele do que seus juízes e oficiais estão para eles; e que suas leis não têm força contra as leis de Deus, sejam de revelação natural ou sobrenatural. E, portanto, é facílimo ver que aquele que deseja ser um bom advogado deve primeiro ser um teólogo; e que os ateus que ridicularizam ou desprezam a teologia não passam de tolos em todos os seus estudos fragmentados e independentes. Um homem pode ser um bom teólogo sem ser advogado, mas não pode ser um bom advogado quem não entende de teologia. Portanto, que o governo e as leis de Deus tenham o primeiro e principal lugar em seus estudos, e em toda a sua observação e respeito.

1. Porque é o fundamento do governo humano e a fonte do poder e das leis do homem.

2. Porque o governo divino é também o fim da política humana; sendo as leis do homem feitas, em última análise, para promover nossa obediência às leis de Deus e a honra de seu governo.

3. Porque as leis de Deus são a medida e o limite das leis humanas, contra as quais nenhum homem pode ter poder.

4. Porque as recompensas e os castigos de Deus são incomparavelmente mais dignos de consideração do que os dos homens; sendo a alegria ou a miséria eterna muito mais consideráveis do que a paz ou o sofrimento temporal; portanto, embora seja uma desonra para os advogados serem ignorantes de línguas, história e outras partes necessárias do aprendizado, é muito mais desonra para eles serem ignorantes do governo e das leis universais de Deus.

Direção 2. Certifiquem-se de não fazer da obtenção de dinheiro o seu fim principal no exercício de sua função; mas sim a promoção da justiça, para a defesa dos justos e o bem público; e, nisso, o agrado ao Deus mais justo. Pois o seu trabalho não pode ser melhor para vocês do que o seu fim. Um fim mesquinho rebaixa o seu trabalho. Não nego que o seu ganho e sustento competentes possam ser o seu fim secundário, mas a promoção da justiça deve ser o seu fim superior, buscado antes dele. A questão não é se vocês buscam viver de sua vocação; pois os melhores o fazem; nem se pretendem a promoção da justiça; pois os piores também o fazem (em algum grau). Mas a questão é: qual destes vocês preferem? E qual pretendem em primeiro lugar e principalmente? Aquele que visa principalmente o seu ganho terreno deve receber esse ganho em vez da recompensa de Deus, e não esperar mais do que aquilo que pretendia principalmente; pois formalmente não é boa obra aquela que não é destinada principalmente a agradar a Deus, e Deus não recompensa os servos do mundo;

tampouco pode alguém racionalmente imaginar que ele recompensaria um homem com a felicidade futura por ter buscado riquezas aqui. E se disserem que não esperam outra recompensa senão as riquezas, devem esperar um castigo pior do que a pobreza; pois o desprezo a Deus e ao seu fim último é um pecado que merece a privação de tudo o que negligenciam, e não deixa as suas ações em um estado de inocente indiferença.

Direção 3. Não sejam conselheiros ou defensores contra Deus, isto é, contra a justiça, a verdade ou a inocência. Uma causa ruim não teria patronos se não houvesse advogados ruins ou ignorantes. É um honorário caro aquele que se obtém pecando; especialmente por um pecado tão deliberado e agravado como a defesa intencional da iniquidade ou a oposição à verdade. O ganho de Judas e o conselho de Aitofel serão, no fim, quentes demais para a consciência, e os levarão mais rapidamente a enforcar-se na reflexão do que lhes trarão qualquer contentamento real; como diz Tiago àqueles a quem chama a chorar e uivar pela miséria que deles se aproxima: "As vossas riquezas estão podres, e as vossas vestes, comidas de traça; o vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados, e a sua ferrugem testemunhará contra vós e comerá a vossa carne como fogo. Acumulastes tesouros para os últimos dias" (Tg 5:2-3). Tudo o que dizem ou fazem contra a verdade, a inocência e a justiça, fazem-no contra o próprio Deus. E não é um caso triste que, entre cristãos confessos, não haja causa tão ruim que não encontre um defensor por um honorário? Não falo contra o conselho justo a um homem que tem uma causa ruim (para dizer-lhe que é ruim e persuadi-lo a desistir dela); nem falo contra vocês por pleitearem contra penalidades

ou danos excessivos; pois, até aí, a sua causa é boa, embora a causa principal do seu cliente fosse ruim; mas aquele que fala ou aconselha outro para a defesa do pecado, ou para lesar o inocente, ou fraudar outrem de seu direito, e abre a sua boca para ferir o justo por um pouco de dinheiro ou por um amigo, deve verificar se esse dinheiro ou amigo o salvará da vingança do Juiz universal (a menos que a fé e o verdadeiro arrependimento, que produzirão confissão e restituição, o evitem).

Os romanos chamavam de ladrões aqueles que, por fraude, alegação ou julgamento, obtinham ganho ilícito e privavam os outros de seu direito.

Lampridius diz de Alexandre Severo: *Tanti eum stomachi fuisse in eos judices qui furtorum fama laborassent, etiamsi damnati non essent, ut si eos casu aliquo videret, commotione animi stomachi choleram evomeret, toto vultu inardescente, ita ut nihil posset loqui.* [Que ele tinha tanta aversão aos juízes que sofriam com a fama de desonestidade, mesmo que não fossem condenados, que se por acaso os visse, vomitava a cólera de seu estômago pela agitação da mente, com todo o rosto inflamado, de modo que nada conseguia falar]. E depois: *Severissimus judex contra fures, appellans eosdem quotidianorum scelerum reos, et solos hostes inimicosque reipublicæ.* [Juiz severíssimo contra os ladrões, chamando-os de réus de crimes cotidianos, e os únicos hostes e inimigos da república]. Adicionando este exemplo: *Eum notarium, qui falsum causæ brevem in consilio imperatorio retulisset, incisis digitorum nervis, ita ut nunquam posset scribere, deportavit.* [Aquele tabelião que havia apresentado um resumo falso de uma causa no conselho imperial, ele o

baniu, após cortar os tendões de seus dedos de modo que nunca mais pudesse escrever]. E que ele fez com que Turino, um de seus cortesãos, fosse amarrado na praça do mercado a uma estaca e sufocado até a morte com fumaça por aceitar dinheiro das pessoas sob o pretexto de promover suas petições junto ao imperador; *Præcone dicente, Fumo punitur, qui vendidit fumum*. [Dizendo o pregoeiro: Com fumaça é punido quem vendeu fumaça]. Ele proibiu estritamente a compra de cargos, dizendo: *Necesse est ut qui emit, vendat: Ego vero non patiar mercatores potestatum: quos si patiar, damnare non possum*. [É necessário que quem compra, venda; eu deveras não tolerarei mercadores de poderes, aos quais, se tolerar, não poderei condenar]. A carranca ou o favor do homem, ou o amor ao dinheiro, provarão no final ser uma defesa pobre contra a justiça daquele a quem, pela injustiça, vocês ofendem.

O poeta pôde dizer:

Justum et tenacem propositi virum,
Non civium ardor prava jubentium
Non vultus instantis tyranni,
Mente quatit solida:—— Horat.
[O homem justo e firme em seu propósito não é abalado em sua mente sólida nem pelo ardor dos cidadãos que ordenam o mal, nem pelo rosto do tirano iminente].

Mas, se os homens primeiro fossem justos, não seria tão difícil levá-los a agir justamente; diz Plauto:

Justa autem ab injustis petere insipientia est:
Quippe illi iniqui jus ignorant neque tenent.

[Pedir coisas justas aos injustos é tolice; pois esses iníquos ignoram o direito e não o mantêm].

Direção 4. Façam da causa do inocente como se fosse a sua própria; e não permitam que ela fracasse por sua preguiça e negligência. É um amante do dinheiro mais do que da justiça aquele que sua na causa do rico que lhe paga bem, e desleixa e arruína a causa do pobre porque pouco obtém dele. O que quer que o seu lugar os obrigue a fazer, que seja feito diligentemente e com todas as suas forças; tanto na obtenção de habilidades quanto no uso delas. Cícero costumava dizer (conforme citado no *Digesto*, livro 42, título correspondente): *Jus civile vigilantibus scriptum est, non dormientibus*. [O direito civil foi escrito para os que vigiam, não para os que dormem]. Diz Agostinho: *Ignorantia judicis plerumque est calamitas innocentis*. [A ignorância do juiz é, na maioria das vezes, a calamidade do inocente]. E assim como vocês esperam que todo trabalhador que contratam seja laborioso em seu trabalho, e que o seu médico seja diante em seu emprego para a sua saúde; assim também é justo que sejam diligentes por aqueles cuja causa assumem, e onde Deus, que é o amante da justiça, o exige.

Direção 5. Familiarizem-se com as tentações que mais os ameaçam em sua posição e andem continuamente armados contra elas com os remédios verdadeiros, e com a fé cristã, a vigilância e a resolução. Manterão a sua inocência e, consequentemente, o seu Deus, se cuidarem para não amar nada mais do que aquilo que devem guardar. Nenhum homem trocará sua mercadoria por algo que julgue pior e menos útil para si. Saibam bem quão pouco os amigos ou a riqueza farão por vocês em

comparação com Deus, e não os ouvirão quando falarem contra Deus (Lc 14:26; Lc 17:33). Quando um de seus amigos foi importuno com P. Rutílio para que lhe fizesse um favor injusto, e irado disse: "De que me serve a tua amizade, se não queres conceder-me o meu pedido?" Ele lhe respondeu: "E de que me serve a tua amizade se, por amor de ti, devo ser instado a agir injustamente?" É um provérbio grave de Plutarco: *Pulchrum quidem est justitia regnum adipisci: pulchrum etiam regno justitiam anteponere: nam virtus alterum ita illustrem reddidit, ut regno dignus judicaretur; alterum ita magnum ut id contemneret*. [Belo é certamente alcançar o reino pela justiça; mas belo também é antepor a justiça ao reino; pois a virtude tornou um tão ilustre que foi julgado digno do reino, e o outro tão grande que o desprezou]. Mas lembrem-se especialmente de quem disse: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" E para que as tentações não os peguem de surpresa, sejam deliberados e deem tempo ao tempo, e não sejam precipitados em abraçar ou opor-se a uma causa ou pessoa antes de estarem bem informados; como diz Sêneca sobre a ira, assim digo eu aqui: *Dandum semper est tempus: veritatem enim dies aperit. Potest pœna dilata exigi; cum non potest exacta revocari*. [Sempre se deve dar tempo; pois o dia revela a verdade. A pena adiada pode ser aplicada; mas uma vez aplicada, não pode ser revogada]. É mais do que uma vergonha dizer "eu estava enganado" quando causaram dano a outro homem por sua temeridade.

CAPÍTULO 5
O DEVER DOS MÉDICOS.

Tampouco é o meu propósito dar qualquer ocasião para que os homens doutos desta honrosa profissão digam que me intrometo nos mistérios de sua arte. Apenas lhes direi, e de forma muito breve, o que Deus e a consciência esperarão deles.

Direção 1. Certifiquem-se de que a salvação das vidas e da saúde dos homens esteja em primeiro lugar e principalmente em sua intenção, antes de qualquer ganho ou honra de sua autoria. Sei que podem legitimamente ter respeito tanto ao seu sustento quanto à sua honra; mas apenas em segundo lugar, como um bem muito menor do que as vidas dos homens. Se o dinheiro for o seu fim último, vocês rebaixam a sua profissão, a qual, conforme exercida por vocês, não pode trazer-lhes mais honra ou conforto do que a sua própria intenção carrega. É mais o fim do que os meios que enobrece ou rebaixa os homens; se o ganho for a coisa que buscam principalmente, não importa muito (para vocês) se o buscam medicando homens ou animais, ou por meios inferiores a ambos. Para os outros, de fato, pode ser um benefício muito grande, cujas vidas vocês foram o instrumento para salvar; mas para vocês mesmos, não será maior do que a sua intenção determinar. Se a honra e o agrado a Deus, o bem público e a salvação das vidas dos homens estiverem realmente em primeiro lugar e no nível mais alto em seus desejos, então é a Deus que servem em sua profissão; caso contrário, servem apenas a si mesmos. E cuidado para não se enganarem aqui, pensando que o bem dos outros é o seu

fim e mais precioso para vocês do que o seu ganho, porque a sua razão lhes diz que é melhor e deve ser preferido; pois Deus e o bem público não são o fim de todo homem que sabe falar grandiosamente deles e dizer que deveriam sê-lo. Se a maior parte do mundo prefere praticamente a sua prosperidade carnal mesmo antes de suas almas, enquanto falam do mundo de forma tão desonrosa quanto os outros e o chamam de vaidade; com quanto mais facilidade podem enganar a si mesmos, preferindo o seu ganho antes das vidas dos homens, enquanto a sua língua sabe falar com desprezo do ganho!

Direção 2. Estejam prontos para ajudar os pobres tanto quanto os ricos; não os diferenciando além do que o bem público exigir que façam. Não deixem que a saúde ou as vidas dos homens sejam negligenciadas porque não têm dinheiro para lhes dar: muitos pobres perecem por falta de recursos, porque são desencorajados de procurar médicos devido ao vazio de suas carteiras; em tal caso, devem não apenas ajudá-los gratuitamente, mas também receitar-lhes os medicamentos mais baratos.

Direção 3. Não se aventurem desnecessariamente em coisas além de sua habilidade, mas, em casos difíceis, convençam seus pacientes a usarem a ajuda de médicos mais capazes, se houver algum disponível, ainda que seja contra a sua própria conveniência financeira. Tão distantes devem estar de invejar a maior estima e prática de homens mais capazes, e de todas as difamações ou detratores indignos, que devem fazer o seu melhor para persuadir todos os seus pacientes a buscarem os conselhos deles sempre que o perigo de suas vidas ou saúde o exigir. Pois as vidas deles são de maior valor do que o seu ganho.

Tão abstrato e conjectural é o negócio de sua profissão, que requer altíssimas qualificações para que alguém seja de fato um médico. Se não concorrerem: 1. Uma força natural de razão e sagacidade; 2. E uma grande quantidade de estudo, leitura e relacionamento com o método de homens excelentes; 3. E considerável experiência própria para amadurecer tudo isso; vocês têm motivos para ser muito temerosos e cautelosos em sua prática, para não sacrificarem as vidas dos homens à sua ignorância e temeridade. E um só homem que possua todas essas qualificações em alto grau pode fazer mais bem do que cem curiosos amadores: e quando estiverem conscientes de um defeito em qualquer uma delas, não deveriam a razão e a consciência ordenar-lhes que convençam o enfermo a procurar aqueles que são mais capazes do que vocês? Devem as vidas dos homens ser colocadas em risco para que obtenham com isso um ganho pequeno e sórdido? É uma dúvida tão grande se a classe de médicos ignorantes e inexperientes cura ou prejudica mais, que isso levou o povo comum em muitos países ao desprezo pelos médicos.

Direção 4. Dependam de Deus para a sua direção e sucesso. Roguem fervorosamente a sua ajuda e bênção em todos os seus empreendimentos. Sem isso, todo o seu trabalho é em vão. Quão fácil é para vocês negligenciarem alguma coisa entre uma multidão que deve ser vista sobre as causas e a cura das doenças; a menos que Deus a revele a vocês e lhes dê um discernimento claro e uma observação universal! E quando vinte coisas consideráveis são notadas, a vida de um homem pode ser perdida pela falta de vocês discernirem um ponto a mais. Que necessidade têm da ajuda de Deus para trazer os remédios mais adequados à sua memória! E muito mais para abençoá-los

quando forem administrados! Conforme a experiência de sua prática diária pode informá-los (onde o ateísmo não fez dos homens tolos).

Direção 5. Que a sua contínua observação da fragilidade da carne e da mortalidade do homem os torne mais espirituais do que os outros homens, e mais industriosos na preparação para a vida futura, e maiores desprezadores das vaidades deste mundo. Aquele que está tão frequentemente entre os doentes, e é espectador dos mortos e moribundos, é totalmente inescusável se ele próprio não estiver preparado para a sua doença ou para a morte. Se o coração não se torna melhor quando quase habitam na casa do luto, trata-se de um coração de fato péssimo e deplorável. É estranho que os médicos sejam tão suspeitos de ateísmo como comumente são; e *religio medici* [a religião do médico] seja uma expressão que signifique irreligiosidade: certamente este conceito foi adotado em alguma época ou país mais irreligioso; pois muitas vezes tenho sido muito grato a Deus ao observar o contrário, até mesmo quantos médicos excelentes e piedosos tem havido na maioria dos países onde a pureza da religião apareceu, e o quanto eles promoveram a obra da reforma (such as Crato, Platero, Erasto e abundância de outros que eu poderia nomear); e nesta terra e época, devo testemunhar que conheci proporcionalmente tantos médicos religiosos quanto de qualquer outra profissão, exceto os pregadores do evangelho. Mas, assim como nenhum homem é mais desesperadamente ímpio do que aqueles que são ímpios após uma educação piedosa e sob os meios mais poderosos de sua reforma; assim é muito provável que aqueles médicos que não são verdadeiramente bons sejam muito ruins; porque são

ruins contra tanta luz e tantas advertências; e é provável que de alguns destes tenha vindo este provérbio censorioso. E de fato a natureza do homem é tão apta a ser afetada com coisas que são incomuns, e a perder todo o sentido das coisas que se tornaram comuns, que nenhum homem tem mais necessidade de vigiar o seu coração, e de ter medo de ser endurecido, do que aqueles que estão continuamente sob os auxílios e advertências mais vivificantes. Pois é muito fácil tornar-se costumeiro e insensível sob eles; e então o perigo é que não restem melhores meios para vivificar um coração tão estúpido e endurecido. Ao passo que aqueles que desfrutam de tais auxílios apenas raramente, não são tão propensos a perder o sentido e o benefício deles. A visão de um homem doente ou moribundo geralmente desperta muito aqueles que têm tais visões apenas raramente; mas quem é mais endurecido do que soldados e marinheiros, que vivem continuamente como que entre os mortos? Quando viram duas ou três vezes o campo coberto com os cadáveres dos homens, costumam tornar-se mais obcecados do que quaisquer outros. E é isto que os médicos correm o risco de sofrer e que devem evitar com o maior cuidado. Mas, certamente, um médico ateu ou ímpio é inescusavelmente cego. Dizer, como alguns fazem, que estudam tanto a natureza que são afastados de Deus, é como se dissem que estudam tanto a obra que se esquecem do artífice; ou que olham tanto para o livro que ignoram o sentido; ou que estudam tanto a medicina que se esquecem tanto do paciente quanto de sua saúde. Olhar para a natureza e não ver a Deus é como ver as criaturas e não a luz pela qual as vemos; ou ver as árvores e as casas e não ver a terra que as sustenta. Pois Deus é a Causa criadora, conservadora,

dirigente e final de tudo. Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas; Ele é tudo em todos. E se eles não sabem que são súditos deste Deus e que possuem almas imortais, são maus estudantes no estudo da natureza, pois não conhecem melhor a natureza do homem. Gabarem-se de suas aquisições em outras ciências enquanto não sabem o que é um homem, ou o que eles mesmos são, é de pouca honra para o seu entendimento. Vocês, que vivem sempre como que à vista da morte, deveriam viver como que à vista de outro mundo, e superar os outros na sabedoria espiritual, na santidade e na sobriedade, à medida que as suas vantagens por estes auxílios vivificantes superam as deles.

Direção 6. Exercitem a sua compaixão e caridade para com as almas dos homens, bem como para com os seus corpos; e falem aos seus pacientes palavras que tendam a prepará-los para a sua transição. Vocês têm excelentes oportunidades, se tiverem corações para aproveitá-las. Se os homens alguma vez ouvirão, é quando estão doentes; e se alguma vez serão humilhados e sérios, é quando a aproximação da morte os constrange. Eles ouvirão esse conselho agora com paciência, o qual teriam desprezado em sua saúde. Poucas palavras sérias sobre o perigo de um estado não regenerado, e a necessidade de santidade, e o uso de um Salvador, e o estado eterno das almas, por que sabem vocês, podem ser abençoadas para a sua conversão e salvação. E é muito mais consolador para vocês salvarem uma alma do que curar o corpo. Não pensem em se desculpar dizendo: "É o dever do pastor"; pois embora seja dele *ex officio* [por dever de ofício], é de vocês também *ex charitate* [por dever de caridade]. A caridade obriga todo homem, conforme tem oportunidade, a fazer o bem a

todos; e especialmente o maior bem. Em Deus lhes dá a oportunidade ao colocá-los em seu caminho; o sacerdote e o levita que passaram pelo homem ferido foram mais culpados por não socorrê-lo do que aqueles que nunca passaram por aquele caminho e, portanto, não o viram (Lc 10:32). E muitos homens mandarão chamar o médico sem mandar chamar o pastor; e muitos ouvirão um médico enquanto desprezarão o pastor. Como reverenciam os seus proprietários de terras porque deles dependem as suas propriedades, assim o fazem com o médico porque pensam que ele pode fazer muito para salvar as suas vidas. E, infelizmente, em muitos lugares os pastores ou não se importam com esse trabalho, ou são insuficientes para ele; ou então estão em discórdia e distância das pessoas; de modo que há demasiada necessidade de sua ajuda caridosa. Lembrem-se, portanto, de que aquele que "converte um pecador do erro do seu caminho salvará da morte uma alma e cobrirá uma multidão de pecados" (Tg 5:20). Lembrem-se de que estão falando com alguém que está indo para outro mundo e deve ser salvo agora ou nunca! E que tudo o que deve ser feito para a sua salvação deve ser feito imediatamente, ou será tarde demais. Tenham piedade da natureza humana e não endureçam os seus corações contra um homem em sua extrema necessidade. Oh, falem algumas palavras sérias para a sua conversão (se ele for alguém que delas necessita) antes que a sua alma esteja além de sua ajuda, no mundo do qual não há retorno.

CAPÍTULO 6
DIREÇÕES AOS DIRETORES DE ESCOLA SOBRE O SEU DEVER PARA COM AS ALMAS DAS CRIANÇAS

Passando por cima de todo o seu emprego gramatical, deixarei apenas estas breves direções para os exercícios mais elevados e nobres de sua profissão.

Direção 1. Determinem primeiro corretamente o seu fim; e depois que ele esteja continuamente diante de seus olhos, e que todos os seus esforços sejam direcionados para a obtenção dele. Se o seu fim for principalmente a sua própria conveniência ou reputação, os meios serão distorcidos em conformidade, e os seus trabalhos pervertidos, e a sua vocação corrompida e rebaixada (para vocês mesmos) por suas intenções perversas. Vejam, portanto: 1. Que o seu fim último seja o agradar e glorificar a Deus. 2. E isto promovendo o bem público, capacitando a juventude para o serviço público. 3. E moldando as suas mentes para o amor e serviço de seu Criador. 4. E promovendo a sua salvação e o seu bem-estar no mundo. Estes nobres projetos elevarão as suas mentes para uma execução industriosa e alegre de seus deveres! Aquele que busca coisas grandes e celestiais fará isso com grande resolução e alacridade; quando qualquer ritmo sonolento e rastejante, e trabalhos enganosos e superficiais, satisfarão aquele que tem fins pobres e egoístas. Como Deus não aceitará os seus trabalhos como qualquer serviço dele se os seus fins forem errados, assim ele não costuma

dar uma bênção tão grande aos trabalhos de tais homens quanto aos de outros.

Direção 2. Entendam a excelência de sua vocação, e que belas oportunidades vocês têm para promover esses nobres fins; e também quão grande encargo assumem; para que assim sejam guardados da preguiça e da superficialidade, e sejam estimulados a um desonero diligente da confiança assumida. 1. Vocês não têm um encargo de ovelhas ou bois, mas de criaturas racionais. 2. Vocês não têm o cuidado de seus corpos, mas de suas mentes; não devem ensinar-lhes apenas um ofício para viverem no mundo, mas informar as suas mentes com o conhecimento de seu Criador, cultivar os seus talentos, desenvolver a sua razão e prepará-los para as conversações mais dignas do homem. 3. Vocês não os recebem (como os pastores) quando já estão endurecidos no pecado pelo preconceito e pelo longo costume; mas têm os ramos mais tenros para curvar e a idade mais tratável para domar; têm papel para escrever (notadamente branco, mas aquele) que tem menos manchas e linhas a serem apagadas. 4. Vocês não os têm como voluntários, mas sob a obrigação de obedecer-lhes e sob a correção da vara; o que, com a idade tenra, é uma grande vantagem. 5. Vocês não os têm apenas como ouvintes em uma palestra geral (como os pregadores os têm em um sermão), mas em seu convívio mais próximo, onde podem ensiná-los tão particularmente quanto quiserem, examinar o seu aproveitamento e chamá-los diariamente a prestar contas. 6. Vocês não os têm uma vez por semana (como os pregadores os têm), mas durante toda a semana, de dia para dia, e da manhã até a noite. 7. Vocês os têm naquela idade que crê em seus professores e aceita tudo sob confiança, antes de

crescerem para a presunção e para contradizer e brigar com os seus professores (como com os seus pastores muito comumente fazem). Todas estas são grandes vantagens para os seus fins.

Direção 3. Esforcem-se para ter prazer em seu trabalho, façam dele uma recreação e acautelem-se contra uma mente cansada ou desviada. 1. Para este fim, considerem frequentemente o que foi dito acima; pensem na excelência de seus fins, no valor das almas e na grandeza de suas vantagens. 2. Recebam todos os seus alunos como confiados ao seu encargo por Jesus Cristo; como se ele lhes tivesse dito: "Tomem estes que eu tão caro comprei, e preparem-nos para a minha igreja e serviço". 3. Lembrem-se do bem que um só aluno pode fazer quando chegar a amadurecer para o serviço da igreja ou do Estado! Quantas almas alguns deles podem ser o meio de salvar! Ou, se forem apenas preparados para uma vida privada, que bênçãos podem ser para as suas famílias e vizinhos! E lembrem-se de que coisa alegre será vê-los no céu com Cristo para sempre! Quão alegremente tais coisas excelentes devem ser buscadas! Se tiverem prazer em seu trabalho, isso não será apenas um alívio e felicidade para vocês mesmos, mas promoverá grandemente a sua diligência e sucesso. Mas quando os homens têm uma estima baixa por seu emprego, e olham para as crianças como tantos porcos ou ovelhas, ou têm algum assunto mais elevado em vista, e fazem de suas escolas apenas o caminho para alguma promoção ou vida mais desejada, então geralmente fazem o seu trabalho de forma enganosa, e qualquer coisa servirá, porque estão cansados dele e porque os seus corações estão em outro lugar.

Direção 4. Visto que é a teologia que lhes ensina o princípio e o fim de todos os seus outros estudos, que ela nunca seja omitida ou superficialmente desleixada e jogada num canto; mas deem-lhe a precedência, e ensinem-na com maior cuidado e diligência do que qualquer outra parte do aprendizado; especialmente ensinem-lhes o catecismo e as Sagradas Escrituras. Se pensam que isto não faz parte do seu trabalho, poucos homens sábios escolherão tais professores para os seus filhos. Se dizem, como alguns sectários, que as crianças não devem ser ensinadas a falar palavras sagradas até que sejam mais capazes de entender o sentido, porque isso é hipocrisia ou tomar o nome de Deus em vão; eu já respondi a isto antes e mostrei que as palavras, sendo os sinais, devem ser aprendidas a fim de se compreender o sentido ou a coisa que é significada; e que isto não é usar tais palavras em vão, por mais sagradas que sejam, mas para o fim próprio para o qual foram estabelecidas. Tanto no aprendizado divino quanto no humano, as memórias das crianças devem primeiro ser guarnecidas, a fim de guarnecer os seus entendimentos depois. E este é um ponto principal da habilidade do professor: que o tempo não seja perdido, nem o trabalho frustrado. Pois as memórias das crianças são tão capacitadas quanto as dos homens de idade mais madura; e, portanto, devem ser guardadas cedo com aquilo que lhes será útil mais tarde: mas até que cheguem a alguma maturidade de idade, os seus julgamentos não estão maduros para informação sobre quaisquer pontos elevados ou difíceis. Portanto, ensinem-lhes desde cedo as palavras dos catecismos e alguns capítulos da Bíblia; e ensinem-lhes o significado por graus, conforme forem capazes. E façam-nos perceber

que vocês consideram isto o melhor de todo o seu aprendizado.

Direção 5. Além das formas de catecismo que lhes ensinam, falem frequentemente com eles algumas palavras sérias sobre as suas almas e a vida futura, de maneira simples e familiar, que tenda principalmente a despertar as suas consciências e a fazê-los perceber quão grandemente o que vocês dizem lhes diz respeito. Um pouco de um discurso tão familiar e sério, de forma dialogada, pode tocar os seus corações e nunca ser esquecido; ao passo que as meras formas isoladas são sem vida e inúteis. Uma abundância de bem poderia ser feita nas crianças se os pais e os diretores de escola realizassem bem as suas partes nisto.

Direção 6. Exijam contas estritas de como eles passam o dia do Senhor! Como ouvem e o que lembram; e como passam o resto do dia. Pois o gasto correto desse dia é de grande importância para as suas almas! E o costume de brincar e de ociosidade nesse dia geralmente os corrompe e os prepara para coisas muito piores. Embora estejam fora de sua vista no dia do Senhor, se na segunda-feira forem chamados a prestar contas, isso deixará um temor neles na sua ausência.

Direção 7. Orem com eles e por eles. Se Deus não der o crescimento pelos orvalhos do céu e não brilhar sobre os seus trabalhos, o seu plantar e regar serão totalmente em vão. Portanto, a oração é um meio tão adequado quanto o ensino para fazer-lhes bem; e ambos devem andar juntos. Aquele que tem um coração para orar fervorosamente por seus alunos certamente terá ele mesmo o maior conforto

em seus trabalhos; e é provável que faça o maior bem a eles.

Direção 8. Vigiem-nos, uns por meio dos outros, quando estiverem longe de vocês, em seus esportes ou conversas mútuas. Pois é uma abundância de maldade que as crianças costumam aprender e praticar que nunca chega aos ouvidos de seus mestres; especialmente em algumas escolas grandes e públicas. Aqueles que para lá foram para aprender sobriedade e piedade de seus mestres, frequentemente aprendem profanidade, obscenidade, maldição, juramentos, zombaria, escárnio e injúria uns dos outros, de seus colegas de escola desprovidos de graça. E essas lições são tão facilmente aprendidas que poucas são as crianças que não são infectadas com alguma corrupção desse tipo, embora seus pais e mestres vigiem contra isso; e talvez nunca chegue ao conhecimento deles. O mesmo ocorre com os jogos de azar, o roubo de pomares, as brigas mútuas, a leitura de livros de peças teatrais e romances, a mentira e uma abundância de outros vícios que devem ser cuidadosamente vigiados.

Direção 9. Corrijam-nos com mais severidade pelos pecados contra Deus do que por sua lentidão e falhas em seus livros. Embora a negligência no aprendizado não deva ser tolerada, a dor da correção deve ensiná-los especialmente a ter cuidado com o pecado; para que compreendam que o pecado é o maior mal.

Direção 10. Especialmente refreiem ou expulsem os líderes da impiedade e da rebelião, que corrompem os demais. Poucas são as grandes escolas que não possuem alguns que são notoriamente corrompidos; que se gloriam

em sua maldade; que, em conversas imundas, brigas, maldições e palavras injuriosas, são os infectadores dos demais. E geralmente são alguns dos maiores que são os maiores brigões e dominam os outros, e por dominá-los e abusar deles, forçam-nos tanto a segui-los em seu pecado quanto a ocultá-lo. Corrigir tais indivíduos, ou expulsá-los se forem incorrigíveis, é de grande necessidade para preservar os demais; pois, se forem tolerados, os restantes serão secretamente infectados e arruinados antes que o mestre perceba. Isto faz com que muitos que têm cuidado com as almas de seus filhos tenham muito medo de enviá-los para escolas grandes e públicas, e prefiram escolher escolas particulares que estejam mais livres desse perigo; sendo quase de tão grande importância para as crianças quem são os seus companheiros quanto quem é o seu mestre.

CAPÍTULO 7
DIREÇÕES PARA OS SOLDADOS SOBRE O SEU DEVER EM QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA

Embora seja provável que poucos soldados leiam o que escreverei para eles, contudo, por amor daqueles poucos que o farão, agirei como João Batista fez e lhes darei algumas poucas direções necessárias, e não os omitirei como alguns fazem, como se fossem uma classe de homens sem esperança.

Direção 1. Sejam cuidadosos em fazer a sua paz com Deus e vivam em uma prontidão contínua para morrer. Sendo este o grande dever de todo homem racional, não podem negar que é especialmente o seu, cuja vocação os coloca tão frequentemente face a face com a morte. Embora alguns soldados de guarnição sejam tão raramente, se é que alguma vez o são, postos a lutar que vivem mais seguramente do que a maioria dos outros homens, contudo, o soldado, como tal, estando por sua posição engajado a lutar, devo ajustar as minhas direções à condição comum e expectativa dos homens nesse emprego. É uma negligência extremamente irracional e pior do que bestial viver descuidadamente sem preparação para a morte, considerando quão certa ela é, quão incerto é o tempo e quão inconcebivelmente grande é a mudança que ela infere; mas para um soldado estar despreparado para morrer, ele que tem razões tão especiais para esperar por isso e que se alista em um estado que está tão próximo dela, isto é viver e lutar como feras, e ser soldados antes de entenderem o que é ser um cristão ou um homem. Primeiro, portanto, certifiquem-se de que as suas almas estão regeneradas e reconciliadas com Deus por Cristo; e que, quando morrerem, tenham uma parte no céu; e que não estejam ainda no estado de pecado e da natureza: uma alma não renovada e não santificada certamente irá para o inferno, por qualquer morte ou em qualquer causa que morra. Se tal homem for um soldado, deve ser um covarde ou um louco; se ele correr ao encontro da morte quando não sabe para onde ela o enviará, sim, quando o inferno é certamente o próximo passo, ele é pior do que louco; mas se ele conhece e considera a terribilidade de tal mudança, isso deve necessariamente fazê-lo tremer ao pensar em

morrer. Ele não pode ser um bom soldado se não ousar morrer; e quem pode esperar que ele ouse morrer se será condenado quando morrer? A razão pode ordenar a um homem que se aventure na morte; mas nenhuma razão lhe permitirá aventurar-se no inferno. Nunca conheci senão duas classes de soldados valentes: uma era de jovens e brutos ignorantes, que não tinham sentido das preocupações de suas almas; e a outra (que era a única verdadeiramente valente) era a daqueles que haviam feito tais preparações para a eternidade que, pelo menos, estavam persuadidos de que tudo correria bem com eles quando morressem. E muitos soldados corrompidos eu conheci cuja consciência os tornou covardes, esquivando-se ou fugindo quando deveriam aventurar-se na morte, porque sabiam que estavam despreparados para morrer e tinham mais medo do inferno do que do inimigo. Aquele que está apto para ser um mártir é o homem mais apto para ser um soldado; aquele que é regenerado e depositou o seu tesouro e as suas esperanças no céu, e assim venceu os temores da morte, pode ser ousado como um leão, pronto para qualquer coisa e sem medo nos maiores perigos. Pois o que haveria ele de temer, ele que escapou do inferno e do desagrado de Deus, e conquistou o rei dos terrores? Mas o medo é o dever e o temperamento mais racional de uma alma culpada; e quanto mais destemidos tais indivíduos são, mais tolos e mais miseráveis se tornam.

Direção 2. Certifiquem-se de ter uma causa e um chamado justificáveis. Em uma causa ruim, é uma coisa terrível vencer ou ser vencido. Se vencerem, são assassinos de todos os que matarem; se forem vencidos e morrerem na execução de seu pecado, não preciso dizer-lhes o que

podem esperar. Sei que estamos aqui diante de uma dificuldade que deve ser tratada com delicadeza: se fizermos do poder soberano o juiz absoluto e único sobre se a causa e o chamado do soldado são bons, então seguir-se-ia que é o dever de todos os súditos cristãos do sultão lutar contra o cristianismo como tal e destruir todos os cristãos quando o sultão o ordenar; e que todos os súditos de outras terras estão obrigados a invadir este ou outros reinos cristãos e destruir seus reis sempre que seus príncipes ou estados papistas ou maliciosos os ordenarem; o que, sendo consequências intoleráveis, prova que o antecedente é intolerável. E, por outro lado, se os súditos devem ser os juízes de sua causa e chamado, o príncipe não será servido, nem o bem comum assegurado, até que o interesse dos súditos lhes permita discernir a bondade da causa. Entre estas duas consequências intoleráveis, é difícil encontrar uma justa descoberta do meio-termo. A maioria corre para um dos extremos, que consideram o menor, e pensa que não há outra forma de evitar o outro. Os grandes erros neste e em cem casos semelhantes vêm de não distinguir corretamente o caso *de esse* [do ser] do caso *de apparere* [da aparência] ou *cognoscere* [do conhecer], e não determinar primeiro o primeiro, como deve ser, antes que o segundo seja determinado. Ou a causa na qual os súditos são comandados a lutar é realmente legítima para eles, ou não é. (Não digam aqui importunamente: quem julgará? Pois estamos agora apenas na questão *de esse* [do ser]). Se não for legítima em si mesma, mas for mero roubo ou assassinato, passemos então ao caso da evidência; ou este mal é discernível pelo súdito por meios justos, ou não é: se for, não sou capaz, de minha parte, de justificá-lo do pecado se ele o fizer, não

mais do que justificaria as três testemunhas em Daniel 3 se tivessem se curvado diante da imagem de ouro, ou Daniel em Daniel 6 se tivesse se abstido de orar, ou os apóstolos se tivessem deixado de pregar, ou os soldados por prenderem e crucificarem Cristo quando seus superiores lhes ordenaram. Pois a Deus deve-se primeiro obedecer e temer. Mas, se o mal da causa for tal que o súdito não possa discernir por meios justos e comuns, então deve ele em seguida examinar o seu chamado; e um voluntário ele não pode ser desnecessariamente em uma causa duvidosa: é um pecado tão hediondo assassinar homens que nenhum homem deveria desnecessariamente aventurar-se naquilo que pode provar ser assassinato, por tudo o que ele sabe. Mas se perguntarem que chamado pode tornar necessária tal ação duvidosa, respondo: deve ser tal que a justifique, seja pelo fim da ação, seja pela autoridade de quem comanda, ou por ambos. E, pelo fim da ação, o caso pode tornar-se claro: se um rei fizesse mal a um inimigo estrangeiro e tivesse a pior causa, contudo, se a vingança que esse inimigo busca fosse a destruição do rei e do país, ou da religião, é legítimo e um dever lutar em defesa deles. E se o rei fosse o agressor ou o iniciador, aquilo que é uma guerra ofensiva nele (pela qual ele mesmo deve responder) pode ser apenas uma guerra defensiva nos súditos comandados, e eles serem inocentes: mesmo na estrada, se vejo um estranho provocar outro dando-lhe o primeiro golpe, ainda assim posso ser obrigado a salvar a sua vida da fúria da parte que se vinga. Mas se, ou até que ponto, o mero comando de um soberano pode autorizar os súditos a se aventurarem em uma causa duvidosa (supondo a coisa legítima em si mesma, embora eles tenham dúvidas), requer tanto a ser dito sobre o

assunto, o qual os governantes civis podem talvez pensar que sou ousado demais ao me intrometer, que considero mais seguro passar por cima; dizendo apenas que existem alguns casos nos quais o governante é o único juiz competente, e as dúvidas do súdito são tão irracionais que não desculparão o pecado de sua desobediência; e também que o grau da dúvida é frequentemente muito considerável no caso. Mas suponham que a causa da guerra seja realmente legítima em si mesma, e contudo o súdito tenha dúvidas sobre ela, sim, ou pense de outra forma; então ele está no caso como estão outras consciências errôneas, isto é, enredado em uma necessidade de pecar até que seja desenganado, caso os seus governantes exijam o seu serviço. Mas qual seria o pecado maior, fazê-lo ou não, os fins e as circunstâncias podem fazer muito para determinar; mas, sem dúvida, em verdadeira necessidade de salvar o rei e o Estado, os súditos podem ser compelidos a lutar em uma causa justa, não obstante a equivoquem como injusta; e se o súdito tem um julgamento de discernimento privado, na medida em que é um agente voluntário, contudo o soberano tem um julgamento de determinação público quando um negligente deve ser forçado ao seu dever. Assim como um homem que pensa ser ilícito sustentar sua esposa e filhos pode ser compelido legalmente a fazê-lo.

De modo que é aparente que, às vezes, a causa do soberano pode ser boa e, no entanto, uma consciência errônea pode tornar a causa dos soldados ruim se eles forem voluntários que correm desnecessariamente para aquilo que consideram roubo e assassinato; e contudo, os poderes superiores podem forçar mesmo tais equivocados a defenderem o seu país e os seus governantes em um caso

de verdadeira necessidade. E é manifesto que, às vezes, a causa do governante pode ser ruim e, no entanto, a causa do soldado ser boa; e que, às vezes, a causa pode ser ruim e pecaminosa para ambos, e às vezes boa e legítima para ambos.

Direção 3. Quando tiverem dúvidas se a sua causa e chamado são bons, é (comumente) mais seguro ficar quietos e não se aventurar em um caso tão perigoso sem grande deliberação e evidência suficiente para satisfazer as suas consciências. Neander bem pôde dizer da lei de Sólon, que punia aqueles que não tomavam um lado ou outro em uma guerra civil ou sedição: *Admirabilis autem illa atque plane incredibilis, quæ honoribus abdicat eum, qui orta seditione nullam factionem secutus sit.* [Admirável, porém, e claramente incrível é aquela que priva de honras aquele que, surgida uma sedição, não seguiu nenhuma facção]. Sem dúvida, é um neutro culpável aquele que não defende os seus governantes e o seu país quando tem um chamado; mas é uma coisa tão terrível ser culpado do sangue e das calamidades de uma guerra injusta que um homem sábio preferirá ser maltratado como neutro do que correr para o perigo de tal caso.

Direção 4. Quando a necessidade os forçar a sair em uma guerra justa, façam-no com a humilhação e a relutância que convêm a quem é paciente, espectador e ator em um dos mais dolorosos julgamentos temporais de Deus. Não vão para matar homens como se fossem a uma briga de galos ou a uma luta de ursos. Não façam esporte de uma calamidade comum; não sejam insensíveis ao desagrado de Deus expresso em tão grande julgamento. Que condição triste é para vocês mesmos serem empregados em destruir

outros! Se forem bons, quão triste é o pensamento de que devem matá-los! Se forem ímpios, quão triste é que, ao matá-los, vocês cortam todas as suas esperanças de misericórdia e os enviam de repente para o inferno! Que triste emprego é despojar e arruinar os pobres habitantes por onde passam! Lançá-los em pânico, privá-los daquilo pelo qual há muito trabalham! Preparar para a fome e ser como uma peste consumidora por onde passam! Se fosse apenas para ver tais desolações, isso deveria derreter vocês em compaixão; quanto mais serem vocês mesmos os executores. Quão inadequada é essa obra para a graça do amor! Embora eu não duvide de que seja um serviço que o amor a Deus, ao nosso país e aos nossos governantes possa às vezes justificar e comandar, contudo (quanto aos governantes e senhores do negócio), deve ser uma necessidade muito clara e grande para autorizar uma guerra. E, quanto aos soldados, devem necessariamente ir com grande pesar matar homens aos milhares, a quem amam como a si mesmos. Aquele que ama o seu próximo como a si mesmo, e abençoa e faz o bem ao seu inimigo perseguidor, achará penoso ser empregado em matá-lo, mesmo quando a necessidade torna isso o seu dever. Mas a maior calamidade da guerra é a perniciosidade dela para as almas dos homens. Os exércitos são comumente para a alma o que uma cidade infectada com a peste é para o corpo; os próprios viveiros e academias do orgulho, da crueldade, da embriaguez, do meretrício, do roubo, da licenciosidade; e a ruína da piedade, da civilidade comum e da humanidade. Não que todo soldado chegue a este ponto; a peste mais violenta não mata a todos; mas, oh, quão difícil é manter uma vida de fé e piedade em um exército! A grandeza dos seus negócios, e dos seus temores

e cuidados, toma tão inteiramente as suas mentes e conversas que raramente se encontra espaço para os assuntos de suas almas, embora indizivelmente maiores. Raramente têm tempo para ouvir um sermão, e menos ainda para orar. O dia do Senhor é comumente tomado em assuntos que dizem respeito às suas vidas e, portanto, podem alegar necessidade; de modo que deve ser uma pessoa muito resoluta, confirmada e vigilante para não se afastar de Deus. E depois, é um curso de vida que dá grande oportunidade ao tentador e vantagem às tentações, tanto para erros no julgamento quanto para a viciosidade de coração e de vida; aquele que nunca experimentou dificilmente pode conceber quão difícil é manter a piedade e a inocência em um exército. Se supuserem que não há diferença na causa, ou nos fins e acidentes, considero muito mais desejável servir a Deus em uma prisão do que em um exército; e que a condição de um prisioneiro tem muito menos em si para tentar o tolo, ou para afligir o sábio, do que a de um militar. (Excetuando aqueles cuja vida em guarnições e guerras demoradas difere pouco de um estado de paz). Não sou simplesmente contra a legitimidade da guerra; (nem, como concebo, o próprio Erasmo, embora visse a pecaminosidade daquela classe de homens, e costumasse falar verdadeiramente da horrível maldade e miséria daqueles que têm sede de sangue ou correm para as guerras sem necessidade); mas deve ser um exército muito extraordinário aquele que não é constituído de lobos e tigres, e não é para a honestidade comum e a piedade o mesmo que um lupanar ou prostíbulo é para a castidade. E, oh, quão mais doce é o trabalho de um médico honesto que salva as vidas dos homens do que o de um soldado, cuja virtude se mostra em destruí-las! Ou o de

um carpinteiro, ou pedreiro, que adorna cidades com edifícios belos, do que o de um soldado que as consome pelo fogo!

Direção 5. Certifiquem-se primeiro de que a sua causa seja melhor do que as suas vidas, e então resolvam aventurar as suas vidas por ela. É o risco de suas vidas que na sua vocação vocês assumem; e, portanto, não estejam despreparados para isso; mas contem com o pior e estejam prontos para passar por tudo o que assumirem. A vida de um soldado é inadequada para quem não ousa morrer. Um covarde é um dos assassinos mais perniciosos; ele confirma o dito de Cristo em outro sentido: "aquele que salvar a sua vida, perdê-la-á". Enquanto os homens permanecem firmes, geralmente são poucos os que morrem; porque rapidamente desanimam o inimigo e o mantêm na defensiva; mas assim que debandam e fogem, são mortos em montões e caem como folhas em um outono ventoso. Todo covarde que os persegue é encorajado pelo medo deles, e ousa trespassá-los ou atirar pelas costas, ele que não ousaria olhar em seus rostos de tão perto; e faz disso o seu esporte matar um fugitivo, ou alguém que depõe as suas armas, ele que fugiria diante de uma presença ousada. O seu medo covarde trai a causa do seu rei e país; trai as vidas de seus companheiros soldados, enquanto a fuga de alguns covardes assustados abre as portas da ruína para todos os demais; e joga fora as suas próprias vidas, as quais pensam em salvar. Se querem ser soldados, resolvam vencer ou morrer. Não é tanta habilidade ou força que conquista, mas a audácia. É o medo que perde o dia, e a falta de medo que o vence. O exército que permanece firme obtém a vitória, por mais fracamente que lute; pois, se vocês não fugirem, o inimigo

fugirá. E se as vidas de alguns poucos são perdidas pela coragem, isso geralmente salva as vidas de muitos (embora a sabedoria ainda seja necessária na conduta). E se a causa não vale as suas vidas, não deveriam se intrometer nela.

Direção 6. Resolvam uma obediência absoluta aos seus comandantes em todas as coisas consistentes com a sua obediência a Deus e ao poder soberano. A desobediência em lugar nenhum é mais intolerável do que em um exército; onde muitas vezes é inadequado para um soldado saber a razão de seus comandos; e onde a presunção e a obstinação são incompatíveis com a segurança comum, e as vidas de muitos podem pagar pela desobediência de poucos. Se não podem obedecer, não se proponham a ser soldados.

Direção 7. Detestem especialmente todos os murmúrios, motins, partidarismos e rebeliões. Pois estes são para um exército como febres violentas para o corpo, ou como um incêndio em uma cidade, e fariam de um exército a maior praga para o seu rei e país. Quantos imperadores, reis e comandantes perderam as suas dignidades e vidas pela fúria de soldados amotinados e enfurecidos! E quantos reinos e outras repúblicas foram assim derrubados e entregues nas mãos do inimigo! E quantos milhares e milhões de soldados perderam assim as suas vidas! Em seus descontentamentos e paixões murmuradoras, podem rapidamente incendiar a casa sobre as suas cabeças e, quando sentirem a sua miséria, arrepender-se tarde demais. A paixão pode começar aquilo que a penitência infrutífera deve terminar. Os líderes de motins podem facilmente ter muitos belos pretextos para inflamar um exército em descontentamentos: podem agravar muitas

injúrias aparentes; podem representar os seus comandantes como odiosos e indignos, colocando uma má aparência em suas ações; mas, no fim, aparecerá que era a sua própria ascensão que secretamente visavam, e a destruição do governo atual, ou a ruína dos soldados, que provavelmente será o efeito. Um exército amotinado é o que há de mais parecido com o inferno entre as criaturas de Deus e, depois do inferno, quase não há lugar pior para os seus comandantes estarem.

Direção 8. Não usem o seu poder ou liberdade para o roubo, a opressão ou a injúria de ninguém. Embora os ladrões e opressores militares possam escapar da forca mais do que os outros, chegarão tão cedo ao inferno quanto qualquer um. Se saquearem, despojarem e tiranizarem o povo pobre sob o pretexto de suprir as suas próprias necessidades, há um Deus no céu que ouvirá os seus clamores e os vingará rapidamente, embora pareçam sair impunes por um tempo. Podem orgulhar-se de dominar sobre os outros e de se tornarem senhores por violência dos bens alheios e, quando não virem ninguém que os questione por isso, podem tomar aquilo que mais desejarem. Mas os pobres e oprimidos têm um defensor justo, que tem um castigo mais severo para vocês do que a espada ou a forca! E embora ele não os apanhe no próprio ato, e a sua sentença não seja executada imediatamente, contudo, estejam certos de que o seu dia está chegando.

Direção 9. Cuidem para que o costume e a frequência dos julgamentos de Deus não endureçam os seus corações em uma estupidez reprovável. Muitos homens que antes, pela visão de um cadáver ou pelos gemidos dos doentes, eram despertados para pensamentos sérios sobre o seu fim,

quando entram em um exército e frequentemente veem os mortos juncarem a terra, e frequentemente escapam eles mesmos da morte, tornam-se totalmente insensíveis, e tomam a estupidez por valor, e o costume faz com que tais avisos não tenham efeito. Mal se pode nomear uma prova mais estranha e lamentável da natureza enlouquecedora e endurecedora do pecado! Que os homens sejam mais insensíveis quando estão no maior perigo! E temam menos a Deus quando estão entre os seus terríveis julgamentos! E ouçam menos a sua voz quando os seus chamados são mais altos! E vivam como se não fossem morrer quando olham para a morte tantas vezes de frente e veem tantos mortos diante de si! Que sejam tão negligentes de sua vida eterna quando estão mais próximos dela; e o próprio sentido tem uma vantagem tão notável para lhes falar de tudo isto! Que tipo de estupidez tola e monstruosa é esta! Pensem para onde a alma foi quando virem o cadáver na terra; e pensem onde a sua própria deve estar para sempre.

Direção 10. Cuidem para não cair na embriaguez e na sensualidade, por maiores que sejam as tentações e a liberdade. É muito comum entre os soldados, porque frequentemente são expostos à sede e às privações, pensar que podem legitimamente beber em excesso quando têm acesso à bebida, sem moderação ou restrição; assim como muitos homens pobres consideram uma refeição farta nenhum pecado porque passam tantos dias de fome; o mesmo ocorre com tais soldados em sua bebida: até que a embriaguez primeiro fira as suas consciências e depois se torne comum, até que os corrompa e os cauterize; e então afogam a religião e a razão, e tornam-se brutos estúpidos e miseráveis.

Direção 11. Se a necessidade os privar dos benefícios do culto público ou estabelecido de Deus, vejam que se esforcem para reparar essa perda por uma dupla diligência naqueles deveres espirituais para os quais ainda têm oportunidade. Se tiverem de marchar ou vigiar nos dias do Senhor, resgatem tanto mais o seu outro tempo. Se não puderem ouvir sermões, não fiquem sem algum livro proveitoso e leiam-no frequentemente; e que as suas meditações sejam santas e as suas conversas edificantes. Para isso, vocês têm oportunidades se tiverem corações.

Direção 12. Cuidem para que o comando ou os sucessos não os envaideçam e os façam superestimar a si mesmos, inclinando-os a rebelarem-se contra os seus governantes. Que lamentáveis efeitos a Inglaterra viu recentemente disto! Um soldado tolo e de pouca inteligência, se apenas for feito capitão, comporta-se como se fosse mais sábio do que os pregadores ou o juiz! Como se a sua dignidade tivesse acrescentado ao seu juízo! Quando as vitórias colocaram o poder aos pés dos homens e eles pensam agora que ninguém é capaz de controlá-los, quão poucos são os que não abusam de tal sucesso para a sua ruína, e não são vencidos pelo orgulho de seus próprios corações quando venceram os outros! Quão comumente interpretam mal a providência de Deus e pensam que ele colocou o governo em suas mãos porque têm a força; e pelas histórias de antigos rebeldes bem-sucedidos e pela facilidade de sua oportunidade, encorajam-se a rebelar e pensam que fazem apenas o que é o seu dever! Quão facilmente se justificam naqueles atos ilícitos cujo mal os observadores imparciais veem! E quão facilmente acalmam as suas consciências quando têm poder suficiente para suscitar bajuladores e tapar a boca da

repreensão saudável! Quão lamentavelmente a prosperidade os embriaga e a ascensão repentina lhes vira a cabeça! E a sua grandeza, juntamente com o seu orgulho e fúria, os preserva dos acessos da sabedoria e dos homens sóbrios, para que a sua doença não tenha remédio: e ali, como um homem embriagado, deliram por um tempo, e falam palavras pomposas, e golpeiam ao seu redor, e gloriam-se na honra de uma peste, de que podem matar homens; e não devemos falar com eles até que as suas cabeças estejam assentadas e caiam em si, o que geralmente não ocorre até que a mão de Deus os coloque mais abaixo do que os encontrou, e então talvez ouçam novamente a razão; a menos que o orgulho tenha deixado as suas almas tão desesperadas como por fim deixa os seus corpos ou bens. A experiência desta época pode ficar registrada como um ensinamento para as gerações futuras sobre o poder que há nos grandes sucessos para conquistar a razão, a religião, a retidão, as profissões de fé, os votos e todas as obrigações para com Deus e o homem, ao envaidecer o coração com o orgulho e, com isso, embriagar o entendimento.

CAPÍTULO 8
INSTRUÇÕES CONTRA O ASSASSINATO

Conselho contra o Assassinato.

Embora o assassinato seja um pecado contra o qual a natureza humana e o interesse próprio se levantam com tanto poder que se pensaria que, além das leis da natureza e do temor da punição temporal, não haveria necessidade

de outro argumento contra ele; e embora seja um pecado que não é frequentemente cometido, exceto por soldados; contudo, porque o coração corrompido do homem está sujeito a ele, e porque um pecado de natureza tão hedionda pode ser mais prejudicial do que muitas pequenas enfermidades, não passarei totalmente por este pecado, que se apresenta em ordem aqui diante de mim. Não darei aos homens outro conselho contra ele senão apenas expor-lhes: 1. As causas; 2. A gravidade; e 3. As consequências do pecado.

I. As causas do assassinato são ou as mais próximas, ou as mais radicais e remotas. A exposição das causas mais próximas não será senão dizer-lhes de quantas maneiras o mundo costuma assassinar! E quando vocês conhecem a causa, o contrário dela é a prevenção. Evitem essas causas e evitarão o pecado.

1. A maior causa dos assassinatos mais cruéis são as guerras ilegítimas. Todo aquele que um homem mata em uma guerra ilegítima, ele assassina; e tudo o que o exército mata, aquele que os colocou para trabalhar por comando ou conselho é culpado em si mesmo. E, portanto, quão terrível é uma guerra injusta! E quanta necessidade têm os homens de olhar ao seu redor, e tentar qualquer outro caminho legítimo, e sofrer longamente antes de se aventurarem na guerra! É a habilidade e a glória de um soldado quando ele pode matar mais do que outros homens. Ele estuda isso; ele faz disso o assunto de seu maior cuidado, valor e empenho; ele passa por dificuldades muito grandes para realizar isso; isto não é como um ato repentino ou involuntário. Ladrões e assaltantes matam pessoas

individualmente; mas os soldados assassinam milhares de uma vez: e porque não há ninguém no presente para julgá-los por isso, eles lavam as suas mãos como se fossem inocentes e dormem tão tranquilamente como se o vingador do sangue nunca fosse chegar. Oh, que demônios são esses conselheiros e incendiários dos príncipes e estados, que os incitam a guerras ilegítimas!

2. Outra causa e forma de assassinato dá-se pelo orgulho e pela tirania dos homens no poder; quando o fazem facilmente porque podem fazê-lo; quando a sua vontade e interesse são a sua regra, e a sua paixão parece uma justificativa suficiente para a sua injustiça. Não são apenas os Neros, Tiberios, Domicianos, etc., que são culpados deste crime clamoroso; mas, oh! Qual homem que se importa com a sua alma não preferiria ser atormentado por mil anos a ter a culpa de sangue de um famoso e aplaudido Alexandre, ou César, ou Tamerlão para responder! Tão perigosa é a posse de poder para fazer o mal que Urias pode cair pela culpa de um Davi, e Crispo pode ser morto por seu pai Constantino. Oh, que abundância de assassinatos horrendos as histórias de quase todos os impérios e reinos do mundo nos apresentam! Os mapas dos assuntos dos gregos e romanos, dos tártaros, turcos, russos, alemães, de pagãos e infiéis, de papistas e de protestantes em excesso são traçados com linhas roxas abundantes, e suas histórias escritas em letras de sangue. O que escrevem os cristãos sobre os infiéis, os ortodoxos sobre os arianos (romanos, Deusos ou vândalos), ou os historiadores mais imparciais sobre os falsos católicos de Roma senão "sangue, sangue,

sangue". Quão orgulhoso e altivo parece um tirano quando diz ao inocente oprimido que o desagrada: "Sujeito, eu farei você conhecer o meu poder! Levem-no, prendam-no, torturem-no, enforquem-no!" Ou como Pilatos a Cristo, em João 19:10: "Não sabes que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?" "Eu farei você saber que a sua vida está na minha mão: aqueçam a fornalha sete vezes mais", conforme Daniel 3. Ah, pobre verme! Tens poder para matar? O mesmo tem um sapo, ou uma víbora, ou um cão raivoso, ou a peste, quando Deus o permite. Tens poder para matar? Mas tens também poder para te manter vivo? E para guardar o teu cadáver da podridão e do pó? E para guardar a tua alma de pagar por isso no inferno? Ou para guardar a tua consciência de te atormentar por isso por toda a eternidade? Com que coração trêmulo e olhar fantasmagórico ouvirás finalmente falar disto, em que agora te glorias! Os ossos e o pó dos inocentes oprimidos serão tão grandes e honrosos quanto os teus; e as almas deles, talvez, em descanso e alegria, quando a tua for atormentada pelas fúrias infernais. Quando estiveres na glória de Nabucodonosor, que misericórdia seria para ti se pudesses ser lançado entre as bestas para evitar seres lançado entre os demônios! Se matar e destruir é a glória de tua grandeza, os demônios são mais honrosos do que tu; e como concordas com eles em teu trabalho e glória, assim concordarás na recompensa.

3. Outra causa mais hedionda de assassinato é a inimizade maligna contra os piedosos e um zelo perseguidor e destrutivo. Que multidão de inocentes isto tem consumido! E que inumeráveis companhias de

almas santas ainda estão clamando por vingança contra esses perseguidores! A inimizade começou imediatamente após a queda, entre a semente da mulher e a semente da serpente. Mostrou-se logo nos dois primeiros homens que nasceram no mundo. Uma inveja maligna contra o sacrifício aceito de Abel foi capaz de fazer de seu irmão o seu assassino. E é comum o diabo lançar também algum osso de interesse carnal entre eles para aumentar a inimizade maligna. Os homens ímpios são todos cobiçosos, voluptuosos e orgulhosos; e a doutrina e a prática dos piedosos os contradiz e os condena: e eles geralmente adotam algum interesse ímpio, ou se engajam em algum serviço do diabo, ao qual os servos de Cristo são obrigados em seus vários lugares e vocações a resistir. E então, não apenas esta resistência, embora seja apenas por palavras ou ações mais humildes, sim, o próprio conceito de que não são favoráveis ao seu interesse e caminho instiga o mundo tolo à persecução. E assim, um Ismael e um Isaque, um Esaú e um Jacó, um Saul e um Davi não podem viver juntos em paz; conforme Gálatas 4:29: "Mas, como, então, aquele que nascera segundo a carne perseguia ao que nascera segundo o Espírito, assim também é agora". O interesse de Saul o faz pensar que é justo perseguir Davi; e religiosamente ele abençoa aqueles que o ajudaram; em 1 Samuel 23:21: "Benditos sejais vós do Senhor, porque vos compadecestes de mim". Ele se justifica em assassinar os sacerdotes porque pensava que eles ajudavam Davi contra ele; e Doegue parece apenas um súdito obediente ao executar o seu comando sangrento, conforme 1 Samuel 22. E Semei pensou que

podia amaldiçoá-lo livremente, em 2 Samuel 16:7-8. E ele mal poderia tê-lo acusado de pecado mais odioso do que ser "homem de sangue e homem de Belial". Se o profeta fala contra a religião política de Jeroboão, ele dirá: "Prendei-o", em 1 Reis 13:4. Até Asa ficará enfurecido e prenderá o profeta que repreende o seu pecado, em 2 Crônicas 16:10. Acabe alimentará Micaías na prisão com o pão e a água da aflição se ele o contradisser, em 1 Reis 22:27. E até Jerusalém matou os profetas e apedrejou os que lhe foram enviados para reuni-los sob a asa graciosa de Cristo, conforme Mateus 23:37. "A qual dos profetas não perseguiram?" Conforme Atos 7:52. E se considerarem apenas quais correntes de sangue, desde a morte de Cristo e de seus apóstolos, foram derramadas por amor de Cristo e da justiça, isso os fará maravilhar-se de que tanta crueldade possa consistir com a humanidade, e que os homens e os demônios sejam tão semelhantes. O mesmo homem, como Paulo, assim que cessa de derramar o sangue dos outros, deve esperar perder o seu próprio da mesma maneira. Quantos milhares foram assassinados pela Roma pagã nas dez perseguições! E quantos pelos imperadores e reis arianos! E quantos por príncipes mais ortodoxos em seus desgostos particulares! E contudo, quão longe o pretendido vigário de Cristo superou a todos eles! Quantas centenas de milhares de albigenses, valdenses e boêmios a fúria papal consumiu! Duzentos mil os irlandeses assassinaram em pouco espaço de tempo, para superar os trinta ou quarenta mil com os quais o massacre francês acabou! Os sacrifícios oferecidos por sua fúria nas chamas, na perseguição mariana aqui na

Inglaterra, nada foram em comparação com o que um único dia fez em outras partes. Que volumes podem conter as histórias particulares deles? Que matadouro foi a sua inquisição nos Países Baixos! E qual é o emprego dela ainda hoje? De modo que um homem em dúvida seria inclinado a pensar que a Roma papal é a Babilônia assassina, bastando considerar: "Quão embriagada ela está com o o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus; e que o sangue dos santos será achado nela, no seu dia de julgamento", conforme Apocalipse 17:6; Apocalipse 18:24. Se olhássemos para todo o resto do mundo e contássemos os tormentos e assassinatos dos inocentes (no Japão e na maior parte do mundo por onde quer que o cristianismo tenha passado), isso poderia aumentar o seu espanto de que os demônios e os homens ainda sejam tão parecidos. Sim, embora haja um testemunho tão alto na natureza humana contra essa crueldade sanguínea quanto quase contra qualquer pecado; e embora os nomes dos perseguidores sempre fedam para as gerações seguintes, por mais orgulhosamente que tenham se comportado por um tempo; e embora se pensasse que um perseguidor não precisaria de cura senão o seu próprio orgulho, para que o seu nome não ficasse como o de Pilatos no credo, para ser odioso na boca das eras que vêm depois dele; contudo, apesar de tudo isso, tão profunda é a inimizade, tão potente é o diabo, tão cegante é o pecado, o interesse e a paixão, que ainda uma geração de perseguidores sucede à outra; e eles matam os santos do presente enquanto honram os do passado, constroem-lhes monumentos e dizem: "Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais,

não teríamos sido cúmplices com eles no sangue dos profetas". Leiam bem Mateus 23:29 até o fim. Que mar de sangue justo a malignidade e o zelo perseguidor têm derramado!

4. Outra causa de assassinato é o julgamento precipitado e injusto; quando os juízes são ignorantes, ou parciais, ou pervertidos pela paixão, ou preconceito, ou respeito por pessoas: mas, embora muitos inocentes tenham sofrido por esse caminho, espero que, entre os cristãos, esta seja uma das causas mais raras.

5. Outra forma de assassinato é pela opressão e pela falta de caridade; quando os pobres são mantidos destituídos do necessário para preservar as suas vidas: embora poucos deles morram diretamente de fome, contudo milhares deles morrem daquelas enfermidades que contraem por causa de alimentos insalubres. E todos esses são culpados de sua morte, quer os que a causam pela opressão, quer os que não os socorrem quando são capazes e obrigados a isso, conforme Tiago 5:1-5.

6. Outra forma e causa de assassinato é por ladrões e assaltantes, que o fazem para se apossarem daquilo que pertence a outro homem: quando a libertinagem ou a ociosidade consumiu o que eles mesmos tinham, e a preguiça e o orgulho não lhes permitem trabalhar, nem a sensualidade lhes permite suportar a necessidade, então eles o obterão por bem ou por mal, custe o que custar. As leis de Deus ou dos homens, a forca ou o inferno não os deterão; mas eles o obterão, embora roubem e assassinem, e sejam enforcados e

condenados por isso. Infelizmente! Que compra cara eles fazem! Quão mais fáceis são as suas maiores necessidades do que a ira de Deus e as dores do inferno!

7. Outra causa de assassinato é a culpa e a vergonha. Quando pessoas ímpias cometem algum grande pecado vergonhoso que as envergonhará totalmente ou as arruinará se for conhecido, são tentadas a assassinar aqueles que o sabem, para ocultar o crime e salvar-se. Assim, muitos libertinos assassinaram aquela com quem cometeram fornicação; e muitas prostitutas assassinaram o seu filho (antes do nascimento ou depois) para evitar a vergonha. Mas quão loucamente se esquecem do dia em que tanto um quanto o outro serão trazidos à luz! E o Juiz justo os fará saber que todos os seus expedientes perversos serão a sua confusão, porque não há como se esconder dele.

8. Outra causa é a ira furiosa, que domina a razão e no momento os torna loucos; e a embriaguez, que faz o mesmo. Muitos mataram outros em sua fúria ou em sua bebida; tão perigoso é permitir que a razão perca o seu poder e habituar-nos a um curso de manicômio! E tão necessário é obter um espírito sóbrio, manso e quieto, e mortificar e dominar esses vícios turbulentos e bestiais.

9. Outra causa de assassinato é a malícia e a vingança. Quando os próprios danos ou sofrimentos dos homens são um assunto tão grande para eles, e eles tão pouco aprenderam a suportá-los, que odeiam o homem que é a causa deles e fervem com um desejo vingativo de sua ruína. E este pecado tem tanto do diabo em si que

aqueles que uma vez se apegam a ele estão quase totalmente sob o seu comando. Ele faz bruxas de uns, assassinos de outros e miseráveis de todos! Que se colocam no lugar de Deus e farão justiça, como dizem, por si mesmos, como se Deus não fosse justo o suficiente para fazê-lo. E tão doce é a vingança para a sua natureza furiosa (como a condenação dos homens é para o diabo) que vingados eles serão, embora percam as suas almas por isso; e a impotência e a baixeza de seus espíritos é tal que dizem: a carne e o sangue são incapazes de suportar.

10. Outra causa de assassinato é uma impaciência ímpia com os parentes próximos e um ódio daqueles que deveriam ser mais carinhosamente amados. Assim, muitos homens e mulheres assassinaram suas esposas e maridos quando a luxúria adulterina entregou seus corações a outrem, ou uma mente contrariada, impaciente e descontente fez com que parecessem fardos intoleráveis uns para os outros; e então o diabo, que destruiu o amor deles e os trouxe até aqui, será o mestre deles no resto e lhes mostrará como se aliviarem, até que os tenha levado à forca e ao inferno. Quão necessário é manter-se no caminho do dever e abominar e suprimir os princípios do pecado!

11. E às vezes a cobiça tem causado assassinato, quando um homem deseja os bens de outro homem. Assim Acabe obteve as vinhas de Nabote às suas próprias custas. E muitos desejam a morte de outrem cujos bens devem reverter para si com a morte do outro. Assim, muitos filhos no coração são culpados do assassinato de seus pais, embora de fato não o cometam; sim, uma

alegria secreta quando estão mortos mostra a culpa de tais desejos enquanto estavam vivos; e a própria diminuição de um luto moderado, como o afeto natural deveria produzir (porque os bens lhes vieram como herdeiros), mostra que tais indivíduos estão longe de serem inocentes. Muitos Judas por cobiça traíram outros; muitos falsos testemunhos por cobiça venderam a vida de outrem; muitos ladrões por cobiça tiraram a vida de outrem para obter o seu dinheiro; e muitos proprietários cobiçosos ansiaram pela morte de seu inquilino e alegraram-se ao saber dela; e muitos soldados cobiçosos fizeram do assassinato de homens um comércio por dinheiro. Tão verdadeiro é que "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males"; e, portanto, é uma causa disto.

12. E a ambição é uma causa comum demais de assassinato entre os grandes do mundo. Quantos despacharam outros deste mundo porque se encontravam no caminho de sua ascensão! Por um longo período consecutivo foi o caminho comum de subir e de morrer para os imperadores romanos e gregos; um obter o assassinato do imperador para usurpar o seu assento, e depois ser ele mesmo assassinado por outro; e todo soldado que esperava promoção pela mudança estava pronto para ser um instrumento no ato. E assim até o assento romano de sua falsa santidade por um longo tempo e frequentemente recebeu os seus sucessores pelo veneno ou outro assassinato dos possuidores do lugar desejado. E, infelizmente, quantos milhares aquela sé devorou para defender o seu império universal sob o nome de chefia espiritual da igreja! Quantas guerras ilegítimas eles levantaram ou

alimentaram, mesmo contra imperadores e reis cristãos! Quantos milhares foram massacrados! Quantos assassinados, como Henrique III e Henrique IV da França! Além daqueles que os fogos e as inquisições consumiram: e todos estes foram as chamas do orgulho. Sim, quando os seus companheiros de seita em Münster e na Inglaterra (os anabatistas e buscadores) pegaram um pouco de sua doença orgulhosa, ela funcionou da mesma maneira de sangue e crueldade.

Mas além destes doze grandes pecados, que são as causas mais próximas do assassinato, há muitos outros que são ainda maiores e mais profundos na natureza, os quais são as raízes de tudo; especialmente estes:

1. A primeira causa é a falta de crença verdadeira na palavra de Deus, e no julgamento e punição por vir, e a falta do conhecimento do próprio Deus: o ateísmo e a infidelidade.

2. Daí vem a falta do verdadeiro temor de Deus e da sujeição às suas santas leis.

3. A predominância do egoísmo em todos os não santificados é a inclinação radical para o assassinato e para toda a injustiça que é cometida.

4. E a falta de caridade, ou de amar o nosso próximo como a nós mesmos, aproxima os homens da execução e deixa pouca restrição interna.

Por tudo isto podem ver como este pecado deve ser evitado. (E não pense nenhum homem que seja um trabalho desnecessário. Milhares foram culpados de

assassinato que outrora se julgavam tão distantes dele como vocês.) 1. A alma deve ser possuída com o conhecimento de Deus e a verdadeira crença em sua palavra e julgamento. 2. Por meio disto, deve ser possuída do temor de Deus e da sujeição a ele. 3. E o amor de Deus deve mortificar o poder do egoísmo. 4. E também deve possuir-nos com um amor verdadeiro aos nossos próximos, sim, e inimigos por amor dele. 5. E as doze causas de assassinato antes mencionadas serão assim destruídas na raiz.

II. E uma ajuda adicional será compreender a gravidade deste pecado. Considerem, portanto: 1. É uma destruição ilícita não apenas de uma criatura de Deus, mas de uma de suas criaturas mais nobres sobre a terra! Até mesmo uma que traz (pelo menos, a natural) imagem de Deus, conforme Gênesis 9:5-6: "E certamente requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; da mão de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem". Sim, Deus não apenas fará morrer o animal que mata um homem, mas também proíbe ali o comer sangue, no versículo 4, para que o homem não se acostume à crueldade.

1. É o abrir de uma porta para a confusão e toda a calamidade no mundo; pois se um homem pode matar outro sem a sentença do magistrado, outro pode matá-lo; e o mundo será como mastins ou cães raivosos soltos todos uns contra os outros, mata quem puder matar.

2. Se for um homem ímpio que é morto, é o enviar de uma alma para o inferno, e o cortar de seu tempo de arrependimento e de suas esperanças. Se for um homem piedoso, é um privar o mundo da bênção de um membro proveitoso, e todos os que estão ao seu redor dos benefícios de sua bondade, e a Deus do serviço que ele aqui deveria ter realizado. Estes são suficientes para inferir as consequências terríveis para o assassino, que são tais como estas.

III. 1. É um pecado que traz uma culpa tão grande que, se for arrependido e perdoado, contudo a consciência muito dificilmente alcança a paz e a quietude neste mundo; e se não for perdoado, é o suficiente para tornar o homem o seu próprio executor e atormentador.

1. É um pecado que raramente escapa à vingança nesta vida: se a lei da terra não tirar as suas vidas, como Deus determina em Gênesis 9:6, Deus costuma segui-los com as suas pragas extraordinárias e faz com que o seu pecado os encontre; de modo que o homem sanguinário raramente vive metade dos seus dias. Os tratados escritos de propósito sobre este assunto, e a experiência de todas as eras, dão-nos narrativas maravilhosas dos julgamentos de Deus na detecção de assassinos e em trazê-los à punição. Eles andam por um tempo como Caim, com uma consciência aterrorizada, temerosos de cada pessoa que veem, até que a vingança oportuna lhes dê a sua recompensa, ou antes os envie para o lugar onde devem recebê-la.

2. Pois é o tormento eterno sob a ira de Deus que é a punição final que devem esperar (se um

arrependimento muito grande e o sangue de Cristo não o evitarem). Há poucos, penso eu, que pela vergonha e terror da consciência não sejam trazidos a um arrependimento tal como Caim e Judas tiveram, ou como um homem que trouxe calamidade sobre si mesmo; e, portanto, desejam nunca o ter feito por causa de sua própria infelicidade com isso (exceto aqueles perseguidores ou assassinos que estão endurecidos pelo erro, pelo orgulho ou pelo poder); mas isto não evitará a vingança de Deus em sua condenação: deve ser um arrependimento profundo procedente do amor a Deus e ao homem, e do ódio ao pecado, e do sentido do desagrado de Deus por ele, o qual só se encontra em almas santificadas! E, infelizmente, quão poucos assassinos têm a graça de manifestar tal renovação e arrependimento!

Conselho contra o Suicídio.

Embora o suicídio seja um pecado contra o qual a natureza inclinou o homem com tanta força quanto contra qualquer pecado no mundo de que me lembre, e por isso direi pouco dele; contudo, a experiência nos diz que é um pecado de que algumas pessoas correm perigo, e por isso não o passarei por alto.

A prevenção dele reside em evitar as seguintes causas.

Direção 1. A causa mais comum é a melancolia predominante, que se aproxima da loucura; portanto, prevenir esta triste doença, ou curá-la se contraída, e vigiá-los enquanto isso, é a principal prevenção deste pecado.

Embora haja muito mais esperança de salvação daqueles que carecem do uso de seus entendimentos, porque até aí pode ser chamado de involuntário, contudo é um caso muito terrível, especialmente na medida em que a razão permanece em algum poder. Mas não é mais natural para um homem com febre ter sede e delirar do que para a melancolia, no seu auge, inclinar os homens a darem cabo de si mesmos. Pois a doença não os deixará sentir senão miséria e desespero, e nada dirão senão: "estou desamparado, miserável e arruinado!" E não apenas os torna cansados de suas vidas (mesmo enquanto têm medo de morrer), mas o diabo tem alguma grande vantagem com isso para instá-los a fazê-lo; de modo que se passam por uma ponte, ele os insta a saltar para a água; se veem uma faca, são presentemente instados a matar-se com ela; e sentem como se fosse algo dentro deles importunamente provocando-os e dizendo: "faz, faz isso agora"; e não lhes dando descanso. A ponto de muitos deles planejarem e calcularem secretamente como podem realizá-lo.

Embora a cura destas pobres pessoas pertença tanto ao cuidado dos outros quanto ao delas próprias, contudo, na medida em que ainda podem usar a sua razão, devem ser advertidas: 1. A abominarem todas estas sugestões e não lhes darem espaço um momento sequer em suas mentes.

E, 2. A evitarem todas as ocasiões do pecado, e não estarem perto de uma faca, de um rio ou de qualquer instrumento que o diabo queira que usem na execução.

E, 3. A exporem o seu caso a outros e dizer-lhes tudo, para que ajudem na sua preservação.

E especialmente a estarem dispostos a usar os meios, tanto a medicina quanto o conselho satisfatório, que tendem a curar a sua doença. E se houver alguma causa enraizada na mente que foi antecedente à melancolia, deve ser cuidadosamente observada na cura.

Direção 2. Cuidem com a aflição e o descontentamento do mundo; pois isto também é uma causa comum. Ou lança repentinamente os homens na melancolia, ou sem ela por si só derruba a sua razão a ponto de fazê-los despacharem-se violentamente; especialmente se ocorrer em uma mente onde há uma mistura destas duas causas: 1. Amor não mortificado por qualquer criatura. 2. E uma mente impotente e apaixonada; o seu descontentamento causa tal inquietação que eles irão furiosamente para o inferno em busca de alívio. Mortifiquem, portanto, primeiro as suas concupiscências mundanas e não deem muito valor a nenhuma coisa terrena: se vocês não superestimassem tolamente a si mesmos, ou ao seu crédito, ou às suas riquezas ou amigos, nada haveria para alimentar o seu descontentamento: não façam do mundo um caso maior do que ele merece, e não farão um caso tão grande de seus sofrimentos.

E, 2. Mortifiquem as suas paixões turbulentas e não deem lugar à fúria de manicômio para superar a sua razão. Vão a Cristo para pedir e aprender a ser mansos e humildes de espírito, e então as suas mentes perturbadas terão descanso, conforme Mateus 11:28-29. Mulheres apaixonadas e outras pessoas de espírito fraco que facilmente se perturbam e dificilmente se acalmam e se agradam têm grande causa para direcionar os seus maiores esforços para a cura deste temperamento

impotente da mente e para obter de Deus tal graça fortalecedora que possa restaurar a sua razão ao seu poder.

Direção 3. E às vezes a própria paixão repentina, sem qualquer descontentamento mais longo, fez com que os homens dessem cabo de si mesmos. Mortifiquem, portanto, e vigiem tais paixões perturbadoras.

Direção 4. Cuidem para não correr para a culpa de qualquer pecado hediondo. Pois embora possam não sentir nenhum dano disso no presente, quando a consciência é despertada, é uma coisa tão inquietante que faz com que muitos se enforquem. Alguns pecados graves são tão atormentadores para a consciência que não dão descanso a muitos até que os tenham levado ao fim de Judas ou de Aitofel. Especialmente cuidem de não pecar contra a consciência e de não ceder por medo dos homens àquilo que Deus e a consciência ordenam que evitem. Pois o caso de muitas centenas, bem como o de Spira, pode dizer-lhes em que calamidade isto pode lançá-los. Se o homem é o mestre de sua religião, vocês não têm religião; pois o que é religião senão a sujeição da alma a Deus, especialmente nos assuntos de seu culto; e se Deus for sujeito ao homem, ele é tomado por não-deus. Quando vocês adoram um deus que é inferior a um homem, então devem sujeitar a sua religião à vontade desse homem. Mantenham Deus e a consciência em paz com vocês se amam a si mesmos, embora com isso percam a sua paz com o mundo.

Direção 5. Mantenham uma previsão crente do estado para o qual a morte os enviará. E então, se tiverem o uso da razão, o inferno pelo menos segurará as suas mãos e os

fará temerosos de se aventurarem na morte. Que arrependimento é provável que tenham quando morrerem no próprio ato do pecado? E quando uma concupiscência não mortificada ou o amor do mundo os apressa para a corda por um descontentamento pecaminoso? E que esperança de perdão sem arrependimento? Quão extremamente provável é, portanto, que sempre que se livrarem de sua dor e aflição presentes enviarão as suas almas para tormentos eternos! E aliviará passar da pobreza ou das provações para o inferno? Ou condenarão as suas almas porque outro os prejudica? Oh, a loucura de um pecador! Quem pensarão que os prejudicou mais quando sentirem o fogo do inferno? Estão cansados de suas vidas e irão para o inferno em busca de alívio? Infelizmente, quão rapidamente ficariam contentes em estar aqui novamente, em uma condição mais dolorosa do que aquela de que estavam tão cansados! Sim, e suportá-la por mil anos! Suponham que vissem o inferno diante de seus olhos, saltariam para dentro dele? Não é o tempo de arrependimento uma misericórdia a ser valorizada? Sim, um pequeno alívio da miséria eterna é melhor do que nada. Que necessidade têm de ter pressa para chegar ao inferno? Não será cedo o suficiente se ficarem longe de lá o máximo de tempo que puderem? E por que jogarão fora as suas esperanças e se colocarão além de toda possibilidade de recuperação antes que o próprio Deus os coloque assim?

Direção 6. Entendam as maravilhas da misericórdia reveladas e concedidas à humanidade em Jesus Cristo; e entendam o teor do pacto da graça. A ignorância disto é o que mantém um gosto amargo em seus espíritos e os faz clamar: "desamparado e arruinado", quando tais milagres de misericórdia são operados para a sua salvação. E a

ignorância disto é o que os faz clamar tolamente: "não há esperança; o dia da graça passou; é tarde demais; Deus nunca me mostrará misericórdia!" Quando a sua palavra assegura a todos os que nela crerem que "o que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia", conforme Provérbios 28:13. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar", conforme 1 João 1:9. "E quem quiser tome de graça da água da vida", conforme Apocalipse 22:17. "E que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna", conforme João 3:16. Não tenho outra esperança de minha salvação senão aquele evangelho que promete perdão e salvação a todos os que a qualquer momento se arrependem e se convertem a Deus pela fé em Cristo: e ouso depositar a minha salvação na verdade disto: que Cristo nunca rejeitou nenhum pecador, por maior que fosse, que em qualquer momento desta vida estivesse verdadeiramente disposto a vir a ele, e a Deus por ele. "O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora", conforme João 6:37. Mas o diabo malicioso deseja de bom grado fazer Deus parecer odioso para a alma, e representa o próprio amor como o nosso inimigo, para que não o amemos! O desespero é de tal modo uma parte do inferno que se ele pudesse nos trazer a ele pensaria que nos tem já metade no inferno; e então nos instaria a nos despacharmos para que estivéssemos lá de fato e o nosso desespero fosse incurável. Quão cego é aquele que não vê o diabo em tudo isto!

CAPÍTULO 9
INSTRUÇÕES PARA O PERDÃO DOS INIMIGOS E DAQUELES QUE NOS PREJUDICAM; CONTRA A IRA, A MALÍCIA, A VINGANÇA E A PERSEGUIÇÃO.

Não é apenas o assassinato real que é proibido no sexto mandamento, mas também toda ira desordenada, malícia, desejos de vingança e injúria à pessoa do nosso próximo ou do nosso inimigo: pois assim o próprio Profeta e Juiz da igreja o expôs em Mateus 5:21-22. A ira tem uma inclinação prejudicial, e a malícia é uma ira fixada, e a vingança é o fruto de ambas ou de qualquer uma delas. Aquele que quer estar livre de ações injuriosas deve subjugar a ira e a malícia que são a sua causa. Os assassinatos e injúrias do coração devem ser cuidadosamente arrancados pela raiz; "porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes", etc., conforme Mateus 15:19. Este é o fogo do inferno com que a língua má é inflamada, conforme Tiago 3:6. E este deve ser apagado se querem ser inocentes.

Direção 1. Vejam Deus em seu próximo e amem-no por aquilo de Deus que está sobre ele. Se ele for santo, tem a imagem moral de Deus. Se for ímpio, tem a sua imagem natural como homem. Ele é não apenas criatura de Deus, mas a sua criatura racional e o senhor de suas obras inferiores: e são vocês filhos de Deus e contudo não podem vê-lo e amá-lo em suas obras? Sem Deus ele nada é, aquele com quem estão tão ofendidos: e embora haja algo nele

que não é de Deus, que pode merecer o seu ódio, contudo isso não é a sua substância ou pessoa: não odeiem nem prejudiquem aquilo que é de Deus. Despertaria em vocês tal reverência, que abrandaria a sua ira, se pudessem apenas ver Deus naquele com quem estão desagradados.

Direção 2. Para este fim, observem mais o bem que está em seu próximo do que o mal. A malícia ignora tudo o que é bom e amável, e nada consegue ver senão aquilo que é mau e detestável: dá ouvidos mais àqueles que depreciam e expõem as faltas dos outros do que àqueles que os elogiam e declaram as suas virtudes: não que o bem e o mal devam ser confundidos; mas o bem, bem como o mal, deve ser reconhecido. Nós mesmos temos mais utilidade para a observação das virtudes alheias do que de suas faltas; e é mais o nosso dever: e por menor que fosse o bem que estivesse neles, a observação correta dele pelo menos diminuiria muito a sua antipatia.

Direção 3. Aprendam apenas a amar o seu próximo como a si mesmos, e isto tornará fácil para vocês tanto suportá-lo quanto perdoá-lo. Conosco mesmos não costumamos ser tão irados. Contra nós mesmos não guardamos malícia, nem desejamos vingança que nos cause dano. Assim como estão irados com vocês mesmos de forma penitente pelas faltas que cometeram, mas não de modo a desejarem a sua própria destruição ou dano final, senão com um desagrado que tende à sua recuperação; assim também devem fazer com os outros.

Direção 4. Para este fim, certifiquem-se de mortificar o seu egoísmo. Pois é o respeito desordenado que os homens têm por si mesmos que os faz agravar as faltas de todos os

que estão contra eles ou os ofendem. Sejam humildes e abnegados, e considerar-se-ão tão insignificantes e sem importância que nenhuma falta poderá parecer muito grande, nem merecer muito desagrado, meramente por ser contra vocês. Um homem orgulhoso e que se estima muito é facilmente provocado e dificilmente reconciliado sem grande submissão; porque pensa tão altamente de si mesmo que considera hediondo tudo o que se diz ou faz contra ele; e é tão excessivamente caro a si mesmo que é impaciente com o seu adversário.

Direção 5. Não sejam o seu próprio juiz em casos de malícia ou vingança estabelecidas; mas deixem que algum observador imparcial e sóbrio seja o juiz. Pois uma mente egoísta, apaixonada e perturbada é muito pouco provável que julgue corretamente. E a maioria dos homens tem tanto destas doenças que são muito inaptos para serem juízes em seu próprio caso. Perguntem primeiro a algum homem sábio e imparcial se é melhor para vocês serem maliciosos e vingativos contra alguém que pensam que os prejudicou grandemente, ou antes amá-lo e perdoá-lo.

Direção 6. Tomem tempo para deliberar sobre o assunto e nada façam precipitadamente no calor da paixão contra outrem. A ira e a malícia desaparecerão se trouxerem o assunto para a luz e usarem apenas aquelas considerações eficazes que mostrarão a sua pecaminosidade e vergonha; apresentarei, portanto, em seguida, algumas considerações que são mais poderosas para as suprimir.

Consideração I. Lembrem-se, primeiro, que quem quer que os tenha ofendido, ofendeu a Deus com injúrias maiores, e se Deus lhe perdoa as maiores, por que não

deveriam vocês perdoar as menores? A mesma falta que ele cometeu contra vocês é um crime maior contra Deus do que contra vocês. E muitas centenas de outras faltas ele já cometeu. É uma coisa pequena desagradar a um verme como o homem, em comparação com o desagrado ao Deus Todo-Poderoso; e não deveriam os seus filhos imitar o seu Pai celestial? Perdoa ele as dores do inferno, e não podem vocês conter a sua vingança apaixonada? Permitam-me perguntar-lhes se desejam que Deus lhe perdoe os seus pecados ou não (tanto esse quanto todos os demais que ele cometeu): se disserem que não, vocês são diabólicos e desumanos, pois não quereriam que Deus perdoasse a um pecador; se disserem que sim, vocês se condenam, sim, e se contradizem, ao dizerem que quereriam que Deus lhe perdoasse e contudo vocês mesmos não o perdoam. (Não falo da correção necessária, mas da vingança).

Consideração II. Considerem também que vocês mesmos têm muito mais a ser perdoado por Deus, ou estarão arruinados para sempre. Não há comparação entre as ofensas de outros homens contra vocês e as suas ofensas contra Deus, seja pelo número delas, pela gravidade ou pelo merecimento. Devem a Deus dez mil talentos, e querem agarrar o seu irmão por cem denários? Vejam, então, a sua sentença em Mateus 18:34; os atormentadores cobrarão a sua dívida para com Deus. Convém a esse homem agravar ou vingar as suas pequenas injúrias, ele que merece a condenação e perde a sua alma todos os dias e horas? E não tem esperança de sua própria salvação senão pelo perdão gratuito de todos os seus pecados?

Consideração III. Ou vocês mesmos são membros de Cristo ou não. Se não forem, estão ainda sob a culpa de

todos os pecados que já cometeram. E convém a esse homem ser severo e vingativo contra os outros, ele que deve para sempre ser condenado por suas próprias transgressões se uma conversão rápida não o evitar? Certamente vocês têm outra coisa em que pensar do que em suas pequenas injúrias causadas por homens! Mas se forem de fato membros de Cristo, os seus pecados estão todos perdoados pelo preço do sangue do seu Redentor! E podem sentir a doçura de tão grande misericórdia e não sentir uma forte obrigação sobre si para perdoar o seu irmão? Deve Cristo ser um sacrifício por suas ofensas, e deve o seu irmão, que os ofendeu, ser sacrificado à sua ira?

Consideração IV. Vocês não são perdoados por Deus se não perdoarem. Pois: 1. Se alguma vez o amor de Deus e o sangue de Cristo tivessem vindo com poder sobre o seu coração, teriam indubitavelmente feito com que perdoassem o seu irmão. 2. Sim, Deus fez do seu perdoar aos outros uma condição sem a qual ele não os perdoará final ou plenamente. Não têm autorização para orar ou esperar pelo perdão sob quaisquer termos inferiores; mas: "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas", conforme Mateus 6:12,14-15. Da mesma forma, diz Cristo: "Assim também vos fará meu Pai celeste (entregar-vos aos atormentadores) se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas", conforme Mateus 18:35. "Pois o juízo é sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo", conforme Tiago 2:13.

Consideração V. Lembrem-se também de que vocês têm necessidade de perdão dos outros, bem como eles têm necessidade de perdão de vocês. Não prejudicaram a ninguém? Não provocaram a ninguém? Não têm paixões que devem ser perdoadas e uma natureza que deve ser suportada? Pode uma criatura tão corrompida como o homem ser nenhum incômodo para aqueles com quem vive? Certamente todos os pecados que os sobrecarregam e desagradam ao Senhor devem necessariamente ser algum problema para todos ao seu redor: e aquele que precisa de perdão está tanto mais obrigado a perdoar os outros.

Consideração VI. Pelo contrário, é a infelicidade de toda a humanidade que as suas corrupções serão em alguma medida prejudiciais a todos com quem têm de lidar; e é impossível para tais pecadores perturbados viverem juntos e, por seus erros, ou egoísmo, ou paixões, não exercitarem a paciência e a tolerância uns dos outros. Portanto, vocês devem ser maliciosos e vingativos contra toda a humanidade, ou então contra ninguém por motivos que são comuns a todos.

Consideração VII. Observem também quão facilmente perdoam a vocês mesmos, embora façam mil vezes mais contra vocês mesmos do que qualquer inimigo jamais fez. Não são os danos ou ofensas deles contra vocês que correm o risco de condená-los; não sofrerão pelos pecados deles, mas pelos seus próprios. No dia do julgamento, não serão os seus sofrimentos causados por outros, mas as suas próprias ofensas contra Deus que serão cobradas de vocês: e se alguma vez forem arruinados, será por causa destas. Os homens ou os demônios nunca poderão fazer contra

vocês aquilo que, por cada pecado, vocês fazem contra si mesmos. Nenhum ladrão, nenhum opressor, nenhum perseguidor, nenhum enganador poderá jamais prejudicá-los tanto quanto vocês prejudicam a si mesmos. E, contudo, quão suavemente aceitam isso de suas próprias mãos! Quão facilmente perdoam a vocês mesmos! Quão amorosamente pensam de vocês mesmos! Tão distantes estão da malícia ou da vingança contra si mesmos que mal conseguem suportar ouvir falar claramente de seus pecados! Mas estão mais inclinados a guardar malícia contra aqueles que os repreendem. Julguem se isto é um tratamento igualitário e amar os seus próximos como a si mesmos.

Consideração VIII. Considerem quão grande crime é para um verme usurpar a autoridade de Deus, e censurá-lo por não fazer justiça, e presumir antecipar o seu julgamento, e tomar a espada como que de suas mãos, como fazem todos os que querem ser os seus próprios vingadores. É o magistrado, e não vocês, que traz a espada da justiça pública; e o que ele não faz, Deus fará em seu tempo e modo. "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: Minha é la vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal (isto é, do mal que é feito contra vocês), mas vence o mal com o bem", conforme Romanos 12:19-21. Aquele que se torna um vingador de si mesmo diz com suas ações a Deus: "Tu és injusto e não me fazes justiça, e por isso eu a farei por mim mesmo". E ficará sem punição tal ateu impaciente e blasfemo?

Consideração IX. Considerem quão mais apto Deus é do que vocês para executar a vingança e a justiça sobre os seus inimigos. Ele tem a autoridade máxima, e vocês não têm nenhuma; ele é imparcial e justíssimo, e vocês são injustos e pervertidos pelo egoísmo e pela parcialidade. Ele é eterno e onisciente, e vê até o fim e qual será a consequência; e, portanto, conhece a época e o grau mais adequados; mas vocês são criaturas de vista curta, que não veem além do dia de hoje e não sabem o que será amanhã, e por isso podem ser ignorantes de cem coisas que os deteriam e mudariam o seu conselho se as tivessem previsto. Ele é sapientíssimo e bom, e sabe o que é adequado para cada pessoa e como fazer o bem com o menor dano possível na execução dele; mas vocês são ignorantes de si mesmos e cegados pelo interesse e pela paixão, e são tão maus que estão inclinados a fazer o mal aos outros. Pelo menos, por tudo o que sabem, podem falhar em sua paixão e terminar com culpa e uma consciência ferida; mas podem ter certeza de que Deus não falhará, mas fará tudo em perfeita sabedoria, retidão e verdade.

Consideração X. Não compreendem que a sua paixão, malícia e vingança: 1. Prejudicam a vocês mesmos muito mais do que podem prejudicar a outrem; e, 2. Muito mais do que qualquer outro pode prejudicá-los? Querem vingar-se de outro, e por isso prejudicarão a vocês mesmos? A pedra de censura que atiram nele voa de volta contra o seu próprio rosto e fere a vocês mesmos. Não sentem que o fogo da paixão e da malícia é como uma febre ardente que destrói a sua saúde e quietude, e os enche de inquietação e dor? E farão isto contra vocês mesmos porque outro os maltratou? Não fez já o suficiente contra vocês aquele que os ofendeu? Se querem mais, por que

estão ofendidos com ele? Se não querem mais, por que infligem isso a vocês mesmos? Se amam a inquietação, por que se queixam de quem os inquieta? Se não amam, por que se inquietam a si mesmos? E isso muito mais do que ele pode fazer? Aquele que os prejudica toca apenas em seus bens, corpos ou nomes; pode ser que seja apenas por um sopro de vento, as palavras de sua boca; e por isso ferirão a vocês mesmos no próprio coração? Deus trancou o seu coração contra os outros; ninguém pode tocar nele senão vocês mesmos. As palavras deles, os danos deles não podem alcançar os seus corações, a menos que vocês lhes abram a porta, sim, a menos que seja obra de vocês. Tomarão o punhal que perfurou apenas a sua pele e perfurarão o seu próprio coração com ele porque outro os prejudicou tanto? Se o fizerem, não culpem a ninguém por isso tanto quanto a vocês mesmos; culpem-nos por tocarem em seus bens ou nomes, mas culpem a vocês mesmos por tudo o que está em seus corações. E se pudessem desejar o dano de outrem, é tolice prejudicarem-se a si mesmos muito mais e causarem um mal maior a si mesmos para que possam causar um menor a ele. Se falam mal dele, ou o caluniam, ou o difamam, tocam apenas na reputação dele; se o perturbam na lei, tocam apenas nos bens dele; se o batem, atinge apenas a carne dele; mas a paixão e a culpa são um fogo em seus próprios corações; e a ira de Deus que adquirem cai sobre as suas almas para sempre! Ouvi falar de poucos que disseram abertamente: "estou contente em ser condenado, desde que possa ser vingado"; mas muitos milhares o dizem por suas obras. E, oh, quão justa é a condenação deles, que correrão para o inferno para poderem prejudicar a outrem! Assim como ouvi falar de algumas

esposas e filhos apaixonados que se enforcaram ou cortaram as suas gargantas para se vingarem de seus maridos ou pais entristecendo-os.

Consideração XI. Lembrem-se de que a malícia e a nocividade são os pecados especiais e a imagem do diabo. Todo pecado vem dele como o tentador; mas alguns pecados são tão eminentemente seus que podem ser chamados a natureza e imagem do diabo; e esses são principalmente: rebelião contra Deus, malignidade ou inimizade contra o bem, orgulho ou exaltação própria, mentira e calúnia, malícia, nocividade e assassinato; estes estão acima dos pecados de mera sensualidade ou carnalidade, e denominam mais propriamente os homens (em quem prevalecem) como a semente da serpente. Falo apenas como o próprio Cristo falou, em João 8:44, àqueles que eram considerados os mais sábios e mais (cerimoniosamente) religiosos daquela época: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira". E que pena é que um homem que deveria trazer a imagem de Deus seja transformado como que em um diabo encarnado por ser semelhante a Satanás e trazer a sua imagem!

Consideração XII. A pessoa com quem estão irados ou é um filho de Deus ou do diabo, e alguém que deve viver ou no céu ou no inferno. Se for um filho de Deus, não o reconciliará com ele o interesse e a imagem de seu Pai? Odiarão e prejudicarão um membro de Cristo? Se têm alguma esperança de serem salvos vocês mesmos, não se

envergonham de pensar em encontrar-se no céu com aquele a quem odiaram e perseguiram aqui na terra? Se houvesse alguma vergonha e tristeza no céu, isso os sobrecarregaria ali com vergonha e tristeza ao encontrarem na união daquelas alegrias bem-aventuradas aqueles a quem odiaram e maltrataram. Creiam sem fingimento que devem habitar com eles para sempre na mais querida intimidade do amor eterno, e não poderão possivelmente enfurecer-se contra eles, nem agir como demônios contra aqueles com quem devem viver em unidade diante de Deus. Mas se forem homens ímpios e tais que devem ser condenados (como a malícia facilmente os fará crer), não são já bastante miseráveis sendo escravos do pecado e de Satanás? E não serão miseráveis por tempo suficiente e bastante longo no inferno? Desejam que sejam atormentados antes do tempo? Oh, homens cruéis! Oh, malícia diabólica! Desejariam para eles mais castigo do que o fogo do inferno? Não podem pacientemente suportar ver um pobre pecador ter um pouco de prosperidade e facilidade, ele que deve jazer em chamas eternas? Mas a verdade é que os homens maliciosos são comumente ateus e nunca pensam em outro mundo; e, portanto, desejam ser os vingadores de si mesmos porque não creem que haja Deus para o fazer, ou qualquer julgamento e execução futuros a esperar.

Consideração XIII. E lembrem-se de quão próximos tanto ele quanto vocês estão da morte e do julgamento, quando Deus julgará retamente entre ambos. Há poucos tão cruelmente maliciosos que, se ambos estivessem morrendo, não diminuíssem a sua malícia e fossem facilmente reconciliados, lembrando-se de que o seu pó e ossos jazerão em quietude juntos, e a malícia é um caso

miserável em que comparecer diante do Senhor. Por que, então, alimentam o seu vício afastando o dia da morte de sua lembrança? Não sabem que estão morrendo? São mais alguns dias um assunto tão grande para vocês que farão isso porque têm mais alguns dias de vida, o que de outro modo não ousariam fazer ou pensar? Oh, ouçam a terrível trombeta de Deus, que os está chamando a todos a comparecer; e parece-me que isto deveria soar como uma retirada para os maliciosos da perseguição daqueles com quem vão ser julgados. Deus em breve fará o terceiro se vocês quiserem necessariamente brigar! A menos que se trate de cães de fila ou galos de briga, quase não há criaturas que não deixem de lutar se o homem ou a besta se aproximarem daqueles que destruiriam ou feririam a ambos.

Consideração XIV. As criaturas iradas e nocivas são comumente odiadas e perseguidas por todos; e as criaturas amorosas, mansas, inofensivas e proveitosas são comumente amadas. E querem fazer-se semelhantes a feras selvagens ou animais nocivos que todos os homens naturalmente odeiam e buscam destruir? Se um lobo, ou uma raposa, ou uma víbora apenas aparecerem, todo homem está pronto para buscar a morte deles como criaturas nocivas e inimigas da humanidade; mas nas criaturas inofensivas ninguém toca (a menos que seja para seu próprio benefício e uso): assim, se quiserem ser serpentes maliciosas e nocivas que sibilam, picam e perturbam os outros, serão o ódio comum do mundo, e pensar-se-á ser uma obra meritória prejudicar vocês; ao passo que se forem amorosos, gentis e proveitosos, considerar-se-á ser do interesse dos homens amar vocês e desejar o seu bem.

Consideração XV. Observem como se tornam inaptos para todos os deveres santos e comunhão com Deus enquanto alimentam a ira e a malícia em seus corações. Acham-se aptos para a meditação, conversação ou oração enquanto estão em ira? Sei que não podem: isso tanto os indispõe para o dever como a culpa os amedronta, dizendo-lhes que são inaptos para se aproximarem de Deus. Assim como a febre tira o apetite de um homem por sua comida e a sua disposição para o trabalho, assim a ira e a malícia destroem tanto a sua disposição para os deveres santos quanto o seu prazer neles. E a consciência lhes dirá que é tão terrível aproximar-se de Deus em tal caso que estarão mais prontos (se fosse possível) a esconderem-se como Adão e Eva, ou fugirem como Caim, por não suportarem a presença de Deus. E, portanto, o livro de Oração Comum, acima de todos os outros pecados, habilita o pastor a afastar os maliciosos do sacramento da comunhão; e a consciência faz com que muitos que têm pouca consciência em qualquer outra coisa não ousem ir a esse sacramento enquanto a ira e a malícia estão em seus peitos: e o próprio Cristo diz: "Se, pois, ao trazeres a tua oferta ao altar, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão", conforme Mateus 5:23-25.

Consideração XVI. E o seu pecado é agravado por impedirem o bem daqueles com quem estão ofendidos, e também por provocá-los a acrescentar pecado a pecado, e

a serem tão furiosos e sem caridade quanto vocês mesmos. Se o seu próximo não for culpado, por que estão tão desagradados com ele? Se for, por que querem torná-lo pior? Levarão ele à emenda pelo ódio ou pela crueldade? Pensam que um vício curará outro? Ou é provável que algum homem dê ouvidos ao conselho de um inimigo? Ou ame as palavras de alguém que o odeia? É a malícia e a ferocidade uma coisa atraente? Ou antes não é o caminho para afastar os homens ainda mais de seu dever e levá-los ao pecado, afastando-os de vocês que pretendem reformá-los por meios tão improváveis e contrários como estes? E assim como fazem o seu pior para endurecê-los em suas faltas e fazê-los odiar tudo o que gostariam de persuadi-los, assim no presente procuram acender em seus peitos o mesmo fogo de malícia ou paixão que está aceso em vocês mesmos. Assim como o amor é o caminho mais eficaz para causar o amor, assim a paixão é a causa mais eficaz da paixão, e a malícia é a causa mais eficaz da malícia, e prejudicar o outro é o meio mais poderoso de provocá-lo a prejudicar vocês novamente se for capaz; e as coisas fracas muitas vezes são capazes de fazer dano quando as injúrias fervem as suas paixões até o auge ou as tornam desesperadas. Se as suas provocações pecaminosas o encherem também de fúria e o fizerem amaldiçoar, jurar, insultar, tramar vingança ou causar-lhes um dano, vocês são culpados deste pecado e têm participação na condenação da alma dele tanto quanto em vocês reside.

Consideração XVII. Considerem como há meios muito mais adequados ao alcance das mãos para se justificarem e alcançarem quaisquer fins que sejam bons do que pela paixão, malícia ou vingança. Se o seu fim não for senão fazer o mal e tornar outrem miserável, vocês são para o

mundo como cães raivosos, lobos e serpentes para o país; e aqueles que os conhecem ficarão tão alegres quando o mundo estiver livre de vocês como quando uma víbora ou um sapo é morto. Mas se o seu fim for apenas justificar a si mesmos e recuperar o seu inimigo ou reformar o seu irmão, a fúria e a vingança não são o caminho. Deus estabeleceu governantes para fazerem justiça em repúblicas e famílias, e a esses podem recorrer, e não assumirem a tarefa de se vingarem a si mesmos. E o próprio Deus é o Governador mais justo de todo o mundo, e a ele podem confiantemente referir o caso quando os magistrados e governantes falharem com vocês; e o seu julgamento será suficientemente rápido e suficientemente severo. E se preferem que o seu próximo seja recuperado em vez de destruído, é o amor e a gentileza que é o caminho, com convicções pacíficas e raciocínios que mostrem que desejam o bem dele. Vençam-no com bondade se querem derretê-lo em arrependimento e amontoar brasas de fogo sobre a sua cabeça. Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber: isto é vencer o mal com o bem (e não por fúria bestial vencê-lo); mas quando são arrastados para a paixão pecaminosa e vingança, são vencidos pelo mal, conforme Romanos 12:19-21. Se querem fazer o bem, deve ser pelo bem e não pelo mal.

Consideração XVIII. Lembrem-se também de quão pouco lhes importa as palavras ou ações de outros homens em relação a vocês, em comparação com o seu comportamento para consigo mesmos e para com eles. Vocês têm assuntos maiores com que se importar do que os seus pequenos sofrimentos causados por eles; até mesmo a preservação de sua inocência e de sua paz com

Deus. São as suas próprias ações, e não as deles, pelas quais devem responder. Não serão condenados por sofrer o mal, mas por fazer o mal podem sê-lo. Todas as injúrias deles contra vocês não os tornam menos estimados por Deus e, portanto, não diminuem a sua felicidade: são eles mesmos que se ferem mortalmente, até mesmo para a condenação, se impenitentemente oprimirem a outrem: guardem a vocês mesmos e guardarão a sua salvação, seja o que for que os outros façam contra vocês.

Consideração XIX. Lembrem-se de que as injúrias são as suas provações e tentações; Deus os prova por elas, e Satanás os tenta por elas. Deus prova o seu amor, paciência e obediência; para que sejam perfeitos como o seu Pai celestial é perfeito, e possam ser de fato os seus filhos, enquanto: "amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem", conforme Mateus 5:44-45; e sendo provados possam receber a coroa da vida, conforme Tiago 1:3-4,12. E Satanás, por outro lado, está trabalhando para verificar se consegue arrastá-los pelas injúrias à impaciência, ao ódio, à malícia, à vingança ou à crueldade, e assim condenar as suas almas pelo dano de seus corpos. Andando vocês sabendo de antemão do projeto dele, permitirão que ele os vença? Ouçam cada palavra provocadora que lhes é dita e cada injúria que lhes é feita como se um mensageiro de Satanás fosse enviado para esbofeteá-los ou para falar aquela linguagem provocadora em nome dele; e como se ele dissesse a vocês: "venho do diabo para chamar-te de tudo o que não presta e para abusar de ti, e para verificar se consigo assim provocar-te à paixão, malícia, insulto ou vingança, para pecar contra Deus e condenar a tua alma".

Se soubessem que alguém vinha do diabo com esta incumbência, digam-me como o receberiam. E não sabem que este é de fato o caso? "Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar alguns de vós na prisão para que sejais provados, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida", conforme Apocalipse 2:10. Assim como as prisões de provação, todas as outras injúrias de provação vêm do diabo pela permissão de Deus, sejam quem forem os seus instrumentos; e seriam vencidos por ele quando sabem de antemão o fim de suas tentativas?

Consideração XX. Por fim, coloquem diante de vocês o exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo: vejam se ele era dado à ira e malícia, nocividade ou vingança. Se não o imitarem, não são dele; nem ele será o seu Salvador. Uma visão séria do padrão santo de amor, mansidão, paciência e perdão que está colocado diante de nós na vida de Cristo é um remédio poderosíssimo contra a malícia e a vingança; e a curará se alguma coisa a puder curar. Conforme Filipenses 2:5-7: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus... a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo". Conforme 1 Pedro 4:1: "Ora, pois, já que Cristo padeceu na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento". Conforme 1 Pedro 2:19-25: "Porque isto é grato, que alguém, por motivo de consciência para com Deus, suporte tristezas, sofrendo injustamente. Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados, o suportais com paciência? Mas se, fazendo o bem e sofrendo, o suportais com paciência, isto é grato diante de Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos

exemplo para seguirdes as suas pisadas, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente". Não pensem em viver e reinar com Cristo se não o seguirem e não sofrerem com ele. É presunção impudente, e não fé, esperar ser como os santos na glória enquanto são semelhantes ao diabo na malícia e na crueldade.

CAPÍTULO 10
CASOS RESOLVIDOS SOBRE O PERDÃO DE INJÚRIAS E DÍVIDAS, E SOBRE A AUTODEFESA E A BUSCA DE DIREITOS PELA LEI OU DE OUTRA FORMA.

Os casos sobre perdão e vingança são muitos, e alguns deles difíceis: resolverei aqueles de uso comum na nossa prática e passarei por cima do resto.

Pergunta I. Está o homem obrigado a perdoar todas as injúrias e danos que lhe são causados? Se não, quais são as injúrias que todo homem está obrigado a perdoar?

Resposta. A ambas estas perguntas respondo brevemente: 1. Devemos distinguir entre um crime ou pecado contra Deus e o bem comum, e uma injúria ou dano a nós mesmos. 2. E entre a justiça pública e a vingança privada. 3. E entre aqueles danos que caem apenas sobre mim mesmo e aqueles que por mim redundam em outros

(como esposa ou filhos, etc.). 4. E entre o perdão de uma punição e o perdão das reparações de minha perda. 5. E entre as várias punições a serem perdoadas. Aquele que confundir qualquer uma destas coisas antes enganará a si mesmo e aos outros do que resolverá as dúvidas.

Proposição I. Frequentemente ocorre que não está em nosso poder perdoar a pena de um crime; não, nem a pena temporal. Pois isto é um dano a Deus, o Governador universal, e Deus apenas pode perdoá-lo, e o homem não além do que Deus lhe comissionou. O assassinato, o meretrício, a embriaguez, o juramento falso, etc., como são pecados contra Deus, o magistrado está obrigado a punir, e os particulares a empenharem-se nisso por meio do magistrado. E se se puder dizer que o governante soberano de uma nação tem poder para perdoar tais crimes, o significado não é mais do que este: 1. Que, quanto à espécie destes pecados, se ele perdoar a punição temporal que em seu ofício deveria ter infligido, contudo nenhum poder humano o pode questionar por isso porque não tem ninguém na terra acima de si; mas contudo Deus o questionará e lhe mostrará que não tinha poder para dispensar as suas leis, nem para se desobrigar de seu dever. 2. E que, em alguns casos, um crime individual pode ser perdoado pelo magistrado quanto à punição temporal, mesmo onde os fins da lei e do governo o exijam; mas isto não deve ser comum.

Proposição II. Nem sempre está no poder do magistrado perdoar a punição temporal de crimes hediondos contra o bem comum. Porque é ordinariamente necessário ao bem comum que sejam punidos; e o seu poder é para o bem

comum e não contra ele. Os inimigos da paz pública devem ser contidos pela punição.

Proposição III. Muito menos está no poder de um particular perdoar uma pena a ser infligida por um magistrado. E o que digo dos magistrados aplica-se aos pais e outros governantes, *ceteris paribus* [com as devidas proporções], de acordo com a proporção de sua autoridade.

Proposição IV. Posso por meios justos exigir satisfação por danos causados a mim mesmo, em minha reputação ou bens, quando os fins do cristianismo, até mesmo a honra de Deus, o bem comum e o benefício das almas dos homens o exigirem; isto é, quando apenas defendo estes por meios legítimos, como os talentos que Deus me confiou para o seu serviço e pelos quais ele me chamará a prestar contas. Pode ocorrer que a defesa do nome de um ministro ou de outro cristão contra uma calúnia se torne muito necessária para o interesse e honra da religião, e para o bem de muitas almas. E se tenho bens que decido usar para Deus, e um ladrão ou um enganador mos tira, que nenhum bem fará com eles mas sim dano, posso ser obrigado a defendê-los; para que possa ser capacitado a fazer o bem e possa dar a Deus uma conta confortável de minha mordomia; além da supressão do roubo e do engano, conforme são contra o bem comum.

Proposição V. Quando os meus bens não são inteiramente meus, mas a esposa ou o filho ou qualquer outro é coproprietário deles, não está totalmente em meu poder perdoar qualquer dívida ou dano decorrente deles,

mas devo ter o consentimento daqueles que são coproprietários; a menos que eu seja confiado por eles.

Proposição VI. Se sou primariamente obrigado a sustentar a esposa e os filhos, ou quaisquer outros, com os meus bens, sou obrigado em favor deles a usar de todos os meios justos para defendê-los de qualquer pessoa que injuriosamente os invadir; caso contrário, sou culpado dos sofrimentos daqueles a quem deveria sustentar; não posso mais permitir que um ladrão do que um cão leve o mantimento de meus filhos.

Proposição VII. E assim como devo defender os meus bens por causa dos outros a quem sou confiado para administrar por Deus, assim devo fazê-lo também por mim mesmo, na medida em que Deus quer que eu mesmo os use. Pois aquele que me encarregou de prover para a minha família exige também que não me deixe morrer de fome; e exigiu-me que ame o meu próximo apenas como a mim mesmo; e, portanto, como estou obrigado a defender e ajudar o meu próximo se um ladrão ou opressor o quiser roubar (de acordo com o meu lugar e poder), assim devo fazer também por mim mesmo. Em todos estes sete casos não sou obrigado a perdoar.

Mas, por outro lado, em todos estes casos seguintes, sou obrigado a perdoar e abrir mão de meu direito.

Proposição I. Assim como a igreja pode declarar aos pecadores penitentes o perdão da punição eterna, assim pode perdoar a punição temporal da excomunhão aos penitentes; sim, isto eles estão obrigados por Cristo a fazer ministerialmente, sob ele.

Proposição II. Quando o arrependimento e a satisfação do pecador parecem conduzir mais ao bem comum, à honra de Deus e a outros fins do governo do que a sua punição faria, um particular pode não ser obrigado a processá-lo perante o magistrado, e o magistrado tem poder para lhe perdoar quanto à pena que lhe pertence infligir. (Embora isto não se aplique ao perdão de crimes de maneira comum e frequente, nem ao perdão de algum tipo de crimes hediondos de modo algum; porque isto não pode alcançar os fins do governo como supracitado.)

Proposição III. Todas as ofensas pessoais, na medida em que são meramente contra mim mesmo e não me impedem de meu dever para com Deus e o meu próximo, posso e devo perdoar: pois o meu próprio interesse é colocado mais em meu próprio poder; e é aqui que sou ordenado a perdoar. Se dizem que estou obrigado a preservar a minha própria vida e alma tanto quanto a de outrem; respondo: é verdade, estou obrigado a preservar a minha e a de outrem em última análise para o serviço e glória de Deus; e o interesse de Deus em mim não posso perdoar ou doar. Como não há obrigação de dever senão o que é originalmente de Deus, assim não há nenhuma senão o que é em última análise para Deus, para lhe agradar e glorificar.

Objeção. Mas se for apenas isto, não perdoarei nenhuma ofensa; pois não há nenhuma que não me impeça de alguma forma em meu dever.

Resposta. Sim, pode haver muitas ao seu corpo, aos seus bens e ao seu nome, que contudo podem não ser nenhum impedimento ou obstáculo para vocês, a menos que vocês

mesmos o façam: como se receberem uma bofetada, ou forem caluniados ou insultados onde ninguém o ouve senão vocês mesmos, ou de tal modo que não farão mau uso disso, ou se um pouco for diminuído injuriosamente de uma propriedade supérflua, ou de modo a ser empregado tão bem como vocês teriam feito. 2. Mas respondo ainda a esta objeção nas seguintes proposições.

Proposição IV. Se o meu sofrimento paciente de uma injúria pessoal, que de alguma forma me impede de meu dever, parecer ser um serviço tão grande a Deus, ou fazer mais bem do que eu faria por esse dever, devo passar por cima e perdoar essa injúria; porque então o interesse de Deus não me obriga a defender o meu direito.

Proposição V. Se, ao ser prejudicado e com isso impedido de fazer algum bem que de outro modo teria feito, não sou capaz de recuperar a minha capacidade e promover o serviço de Deus buscando reparação ou a punição da pessoa, sou obrigado a passar por cima e perdoar essa injúria. (Não falo da parte criminal, mas da injúria como tal; pois um homem pode ser obrigado a levar um ladrão à punição por causa da honra de Deus e do bem comum, embora de outro modo pudesse perdoar a injúria a si mesmo.)

Proposição VI. Se for provável que aquele que me defrauda de meus bens fará mais bem com eles do que eu teria feito, não sou obrigado a defendê-los dele por meu próprio interesse (embora, como ele é criminoso e o crime é prejudicial como um mau exemplo para o bem comum, possa estar obrigado a isso). Na verdade, se não fosse pelo referido aspecto criminal, estou obrigado antes a deixar

que ele os leve do que a defendê-los por quaisquer meios que quebrem a caridade e causem mais dano do que bem.

Proposição VII. Se sou absolutamente confiado com a pessoa ou bens de outrem, posso perdoar até certo ponto as ofensas feitas a esse outro, sob razões suficientes, tanto quanto contra mim mesmo.

Proposição VIII. Um particular não pode usurpar o poder do magistrado, ou praticar qualquer ato que seja próprio de seu ofício, nem pode violar as suas leis para se vingar a si mesmo; não pode usar outros meios além daqueles que a lei de Deus e o seu soberano lhe permitem. Portanto, ele não pode insultar, revidar, caluniar, roubar, agredir ou ferir ninguém (a menos que em caso de autodefesa, como adiante), nem tomar qualquer outro curso proibido.

Proposição IX. Nenhum rigor ou severidade deve ser usado para justificar a mim mesmo onde meios mais gentis provavelmente o farão; mas o caminho mais inofensivo deve primeiro ser tentado.

Proposição X. Em geral, todas as ofensas, dívidas e danos devem ser perdoados quando o dano que resultará de nos justificarmos parecer maior do que aquele que sofreremos pela tolerância; e tudo deve ser perdoado onde a lei de Deus ou a do homem não nos proíbe de perdoar. Portanto, o homem que quer saber aqui o seu dever deve conduzir as suas ações com muitíssima prudência (a qual, se ele próprio não possuir, deve fazer uso de um guia ou conselheiro): e deve ser capaz de comparar o mal que sofre com o mal que provavelmente se seguirá de sua defesa, e discernir qual deles é o maior; caso contrário, nunca

poderá saber até onde e quando pode e deve perdoar. E nisto ele deve observar:

1. O dano que causa à alma de um homem é maior do que o dano que sobrevém ao corpo; e, portanto, se o meu processo contra um homem na lei parecer prejudicar a sua alma pela falta de caridade, ou prejudicar a minha própria, ou as almas de outros por escândalo ou perturbações, devo antes sofrer quaisquer ofensas meramente corporais do que usar de tais meios; mas se um dano ainda maior para as almas se seguisse daquele meu sofrimento corporal, o caso então se altera em sentido contrário. Do mesmo modo, se ao perdoar dívidas ou ofensas parecer mais provável que eu faça mais bem à alma daquele a quem perdoo, ou de outros, do que a recuperação dos meus bens ou a justificação de mim mesmo pareça de alguma forma igualar, estou obrigado a perdoar essa dívida ou ofensa.

2. O bem ou dano que sobrevém a uma comunidade ou a muitos deve ser (*ceteris paribus* [com as devidas proporções]) mais considerado do que o que sobrevém a mim mesmo ou a um único indivíduo. Porque muitos têm mais valor do que um; e porque a honra de Deus (*ceteris paribus* [com as devidas proporções]) está mais envolvida no bem de muitos do que de um só. Portanto, não devo buscar o meu próprio direito com prejuízo de muitos, seja de suas almas ou de seus corpos, a menos que algum bem maior o exija.

3. O bem ou dano de pessoas públicas, magistrados ou pastores é (*ceteris paribus* [com as devidas proporções]) de maior consideração do que o bem ou

dano de homens individuais: portanto (*ceteris paribus* [com as devidas proporções]), não devo justificar-me com desonra ou prejuízo dos governantes (não, ainda que eu não estivesse sob o encargo ou sujeição deles); porque o bem público está mais envolvido na honra ou bem-estar deles do que no meu. O mesmo se pode dizer de pessoas que por seus dons e interesses são mais eminentemente úteis a Deus e ao bem comum do que eu sou.

4. O bem ou dano de um parente próximo, de um amigo querido, de uma pessoa digna é mais a ser considerado por mim, *ceteris paribus* [com as devidas proporções], do que o bem ou dano de uma pessoa vil e indigna, ou de um estranho. E, portanto, os israelitas não podiam cobrar usura de um irmão pobre, o que contudo podiam fazer de um estrangeiro de outra terra! As leis da natureza e da amizade podem obrigar-me mais a um do que a outro, ainda que fossem supostos iguais em si mesmos. Portanto, não estou obrigado a perdoar uma dívida ou ofensa a um ladrão, ou enganador, ou pessoa vil, quando uma pessoa mais próxima ou mais digna seria igualmente prejudicada pelo benefício dele. E até aqui (se sem qualquer amor-próprio parcial um homem puder estimar-se justamente), ele pode, não apenas por estar mais próximo de si mesmo, mas também por seu valor real, preferir a sua própria conveniência à conveniência de uma pessoa mais indigna e inútil.

5. As necessidades de outro homem são mais consideráveis do que as nossas superfluidades; assim como a vida dele é mais considerável do que os nossos

deleites corporais. Portanto, é um grande pecado para qualquer homem reduzir outro à extremidade e privá-lo do necessário para a sua vida, meramente para defender o seu próprio direito em superfluidades, para a satisfação de sua concupiscência e desejos sensuais. Se um homem pobre rouba para salvar a sua própria vida ou a de seus filhos, e o rico defende a sua própria propriedade meramente para viver em maior fartura ou pompa no mundo, ele comete tanto o pecado da sensualidade quanto o da falta de caridade (mas até que ponto pelo bem comum ele está obrigado a processar o ladrão como criminoso é um caso que depende de outras circunstâncias). E este é o caso mais comum no qual o perdão de dívidas e danos é exigido nas Escrituras, a saber: quando o outro é pobre e nós somos ricos, e as suas necessidades o exigem como um ato de caridade (e também o caso anterior, quando o prejuízo por nossa defesa parecer maior do que o benefício que o compensará).

Pergunta II. Qual é o significado daquelas palavras de Cristo em Mateus 5:38-42: "Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao mal; mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo em juízo para tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes"?

Resposta. O significado do texto é este: como se ele dissesse: "Porque ouvistes que se exige dos magistrados que façam justiça exatamente entre homem e homem, e

que tomem olho por olho, etc., portanto podem talvez acreditar nesses mestres que os persuadiriam de que, para qualquer homem, exigir essa satisfação não é falta nenhuma; mas eu lhes digo que os deveres de caridade devem ser realizados, bem como a justiça deve ser feita; e embora deva ser dever do magistrado fazer-lhes esta justiça, não é seu dever sempre exigi-la, mas a caridade pode fazer com que o contrário seja o seu dever. Portanto, digo-lhes: não superestimem as preocupações de sua carne, nem as ninharias deste mundo; mas se um homem os maltratar ou prejudicar nessas ninharias, não façam disso um caso grande, e não se inflamem imediatamente para a vingança e para se justificarem; mas exercitem a sua paciência e a sua caridade para com aquele que os prejudica, e por uma firmeza habituada nisso, estejam prontos para receber outra injúria com igual paciência, sim, muitas dessas, antes de recorrerem a uma defesa desnecessária de seu direito. Pois o que importa se ele lhes der outro golpe? Ou o que importa se ele também levar a sua capa? Ou o que importa se ele os obrigar a andar outra milha por ele? Deixem-no fazer; deixem-no levar; quão pequeno é o seu dano! Que coisas insignificantes são estas! A sua resistência e a defesa de seu direito podem violar a caridade e a paz, e inflamar a paixão dele, e acender a de vocês, e prejudicar a alma de ambos, e arrastá-los para outros pecados, e custar-lhes mais caro do que o seu direito valia: ao passo que a sua paciência, condescendência, submissão e prontidão para servir a outrem, e abrir mão do que é seu pela paz e pela caridade, podem envergonhá-lo ou derretê-lo, e evitar a contenda, e manter a sua própria paz e a paz pública, e mostrar a excelência de sua santa religião, e ganhar as almas dos

homens para o amor dela, para que sejam salvos. Portanto, em vez de exigirem ou defenderem o seu direito máximo, deem pouca importância aos seus sofrimentos e danos corporais, e estudem e trabalhem com todo o seu poder para se destacarem na caridade, e fazerem o bem a todos, e rebaixarem-se a qualquer serviço a outrem, e humilharem-se, e exercitarem a paciência, e darem e emprestarem de acordo com as suas capacidades, e não alegarem justiça contra os grandes deveres de caridade e paciência". De modo que aqui é proibida tanto a vingança violenta quanto a legal pelos nossos maus-tratos corporais quando a lei da caridade ou da paciência está contra ela: mas isto não desobriga os magistrados de fazerem justiça, ou os homens de a buscarem em qualquer dos casos mencionados nas sete primeiras proposições.

Pergunta III. Estou obrigado a perdoar a outrem se ele não me pedir perdão? A razão da pergunta é porque Cristo diz em Lucas 17:3-4: "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes no dia, se converter a ti, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe".

Resposta. Na resolução disto, enquanto alguns simplesmente afirmaram e outros negaram por falta de distinção, disseram pior do que nada. É necessário que distingamos:

1. Entre o perdoar a um inimigo, a um estranho, a um vizinho e a um irmão como tal.

2. Entre as várias punições a serem perdoadas (bem como vinganças a serem evitadas). E assim, brevemente, o caso deve ser resolvido da seguinte maneira.

Proposição I. Um inimigo, um estranho e um vizinho, como tais, devem ser perdoados (nos casos antes asseverados) embora não peçam perdão, nem digam "estou arrependido"; pois:

1. Muitas outras escrituras absolutamente o exigem.

2. E perdoá-los como tais não é senão mantê-los em nossa caridade comum, como homens ou vizinhos; isto é, o nosso não empenho em arruiná-los ou fazer-lhes qualquer mal, e o nosso sincero desejo e empenho em seu bem, de acordo com as capacidades deles ou as nossas; e até aqui devemos perdoá-los.

Proposição II. Um irmão também deve ser até aqui perdoado, embora não diga "estou arrependido"; isto é, devemos amá-lo como homem, e desejar e empenhar-nos em seu bem de acordo com as nossas forças.

Proposição III. Um irmão, como irmão, não deve ser de tal modo perdoado que seja restaurado à nossa estima, afeto e tratamento como irmão, seja na consideração espiritual ou no amor íntimo especial e familiaridade, enquanto for impenitente em suas ofensas graves; e isto é, até que se converta e diga "estou arrependido". Um irmão natural ainda deve ser amado como um irmão natural. Pois esse tipo de amor não depende de sua honestidade ou arrependimento. Mas:

1. Um irmão no sentido religioso,

2. Ou um amigo íntimo e familiar, são ambos inadequados para serem recebidos nestas capacidades até que estejam penitentes de ofensas graves; portanto, a igreja não deve perdoar o impenitente no ponto da

comunhão, nem os cristãos particulares perdoá-lo em sua estima e comportamento; tampouco estou obrigado a tomar uma pessoa inadequada para ser meu amigo íntimo para conhecer os meus segredos: portanto, se qualquer um destes ofender, não devo perdoá-los, isto é, pelo perdão mantê-los no respeito e tratamento desta irmandade até que se arrependam; e este (em primeiro lugar e especialmente) é o irmão mencionado no texto.

Pergunta IV. É legítimo processar um irmão na lei? A razão da pergunta provém das palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 6:7: "O só fato de haver entre vós demandas um contra o outro já é completa derrota para vós. Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?"

Resposta. 1. Distingam entre processar na lei perante pagãos, ou outros inimigos da religião cristã, e perante magistrados cristãos.

1. Entre processar na lei por malícia para vingança, e processar meramente para buscar o meu direito, ou para buscar a supressão e reforma do pecado.

2. Entre processar na lei quando estão obrigados a perdoar, e quando não estão.

3. E entre processar na lei com pressa e desnecessariamente, e processar na lei como último remédio, em caso de necessidade, quando outros meios falham.

4. E entre processar na lei quando o prejuízo parecer maior do que o benefício, e processar na lei quando for

provável que faça o bem. Há uma grande diferença entre estes casos.

Proposição I. Os cristãos devem antes sofrer a injustiça do que processar na lei perante os inimigos da religião quando for provável que isso os endureça e traga o cristianismo ao desprezo.

Proposição II. Não é legítimo fazer da lei e da justiça os meios de vingança privada ilícita; nem dar vazão à nossa malícia, nem oprimir o inocente.

Proposição III. Sempre que estou obrigado a perdoar a ofensa, o dano ou a dívida, então é ilícito buscar o meu direito na lei. Pois isso não é perdoar.

Proposição IV. Há muitos outros remédios que devem primeiro ser tentados (ordinariamente) antes de irmos à lei. Tais como:

1. Repreender o nosso próximo por seu erro e privadamente desejar as reparações necessárias.
2. Tomar dois ou três para o admoestar; ou referir o assunto a árbitros (ou, em alguns casos, a um sorteio). E se alguém faz da lei o seu primeiro remédio desnecessariamente, enquanto os outros meios deveriam primeiro ser usados, isso é um pecado.

Proposição V. Não é legítimo recorrer a processos judiciais quando a prudência puder discernir que o prejuízo que deles pode advir será maior do que o benefício (seja por endurecer a pessoa, ou perturbar a nós mesmos, ou escandalizar outros contra la religião, ou arrastar

alguém a caminhos de falta de paz e vingança, etc.). As consequências previstas podem anular o caso.

Mas, por outro lado: **Proposição** I. É legítimo fazer uso de tribunais cristãos, desde que isso seja feito de maneira legítima; sim, e em alguns casos, de tribunais de infiéis.

Proposição II. Sendo a supressão do pecado, a defesa do inocente e a justificação do prejudicado o dever dos governantes, é legítimo buscar estes benefícios de suas mãos.

Proposição III. Em casos onde não sou obrigado a perdoar (como mostrei antes que existem alguns), posso justamente fazer uso dos governantes como ordenança de Deus.

Proposição IV. A ordem e o momento ocorrem quando tentei outros meios em vão; quando a persuasão ou a arbitragem de nada servirem, ou não puderem ser usadas com esperança de sucesso.

Proposição V. E a grande condição para provar que é legítimo dá-se quando não parecer provável que cause mais prejuízo do que bem, seja diretamente por si mesmo, seja pelo abuso dos homens; quando a religião, ou a alma de qualquer homem, ou o corpo de alguém, ou os bens, ou o nome não parecerem perder mais do que o meu ganho, ou quaisquer outros benefícios compensarão; quando todos estes concorrem, é legítimo ir à lei.

Pergunta V. É legítimo defender a minha pessoa, vida ou bens contra um ladrão, ou assassino, ou invasor injusto por força de armas?

Resposta. Devem distinguir: 1. Entre a defesa que a lei da terra permite e a que ela proíbe.

2. Entre ações de defesa necessárias e desnecessárias.

Proposição I. Não há dúvida de que é tanto legítimo quanto um dever defender-nos por meios tão convenientes que sejam prováveis de alcançar o seu fim e não sejam contrários a nenhuma lei de Deus ou do homem. Devemos defender o nosso próximo se ele for assaltado ou oprimido, e devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos.

Proposição II. Esta autodefesa pela força é legítima quando necessária, e outros meios mais suaves tiverem sido ineficazes ou não tiverem lugar (supondo ainda que os meios sejam tais que a lei de Deus ou do homem não proíbe).

Proposição III. E é necessário para a legitimidade disso que o meio seja tal que, em sua natureza, pareça provável que seja bem-sucedido, ou pareça provável que faça mais bem do que mal.

Mas, por outro lado: **Proposição** I. Não podemos defender-nos por nenhuma força que as leis de Deus ou de nossos governantes, por ele autorizados para isso, proibirem. Pois:

1. As leis são feitas por aqueles que têm mais poder sobre as nossas vidas do que nós mesmos temos sobre as deles.

2. E são feitas para o bem da república; o qual deve ser preferido antes do bem ou da vida de qualquer pessoa individual. E seja o que for que os ateus egoístas digam,

> tanto a natureza quanto a graça nos ensinam a depor as nossas vidas pelo bem-estar da igreja ou do Estado, e a preferir a multidão a nós mesmos. Portanto, é melhor ser roubado, oprimido ou morto do que quebrar a paz da república.

Proposição II. Portanto, um particular não pode levantar um exército para defender a sua vida contra o seu príncipe ou governante legítimo. Talvez ele possa segurar as mãos dele se pessoalmente tentasse assassiná-lo, sem a violação da paz pública; mas não pode levantar uma guerra sem isso.

Proposição III. Não podemos fazer por sangue ou violência o que poderia ser feito por persuasão, ou por quaisquer meios legítimos e gentis: a violência deve ser usada, mesmo na defesa, apenas em caso de verdadeira necessidade.

Proposição IV. Quando a autodefesa parecer provável de ter consequências tão ruins que a salvação de nós mesmos não poderá compensar, ela é então ilegítima *finis gratia* [pelo fim a que se destina] e não deve ser tentada.

Proposição V. Portanto, se a autodefesa for improvável de prevalecer, sendo a nossa força insignificante, e quando parecer que o inimigo só ficará mais exasperado com ela, e os nossos sofrimentos parecerem ser maiores, a natureza e a razão ensinam-nos a submeter e a usar os meios legítimos mais eficazes.

Pergunta VI. É legítimo tirar a vida de outrem na defesa de minha bolsa ou bens?

Resposta. 1. Devem novamente distinguir entre a defesa que a lei da terra permite e a que ela proíbe.

1. Entre o que é necessário e o que é desnecessário.
2. Entre uma vida de menos valor do que o prêmio pelo qual se contende, e uma vida de mais valor do que ele, ou do que a minha própria.
3. Entre a simples defesa de minha bolsa e a defesa dela e de minha vida juntas.
4. Entre o que faço com propósito e desejo, e o que faço involuntariamente por causa da temeridade ou violência do agressor.
5. E entre o que faço em mera defesa, e o que faço para levar um ladrão ou assaltante à punição legal. E assim respondo:

Proposição I. Não podem defender a sua bolsa ou os seus bens por tais ações que a lei da terra proíbe (a menos que vá contra a lei de Deus); porque se deve supor que é melhor que os bens ou a bolsa de um homem se percam do que a lei e a ordem pública sejam violadas.

Proposição II. Não podem (contra um ladrão ou assaltante comum) defender a sua bolsa com o risco provável da vida dele se algumas boas palavras, ou outros meios seguros e gentis que têm oportunidade de usar, parecerem prováveis de resolver a situação sem tal violência.

Proposição III. Se se pudesse supor que um príncipe, ou outra pessoa de grande utilidade e serviço para a república, devesse, por capricho ou de outro modo, assaltar a sua

pessoa para lhe tirar os bens ou a bolsa, não é legítimo tirar-lhe a vida por uma violência defensiva se souberem que é ele; porque (embora em alguns países a lei lhes permitisse isso, contudo) *finis gratia* [pelo fim a que se destina] é ilegítimo; porque a vida dele é mais necessária ao bem comum do que a de vocês.

Proposição IV. Se um ladrão insignificante quiser roubar a sua bolsa, sem qualquer violência que arrisque a sua vida (ordinariamente), não podem tirar-lhe a vida na defesa dela. Porque é dever do magistrado puni-lo por meio da justiça pública, e a sua defesa não o exige.

Proposição V. Tudo isto se refere principalmente ao tirar a vida dele de forma voluntária e planejada, e não a qualquer ação legítima que o faça acidentalmente contra a sua vontade.

Por outro lado: **Proposição** I. Se a lei da terra lhes permite tirar a vida de um homem na defesa de sua bolsa, isso remove o escrúpulo, se a importância da matéria também o permitir: porque supõe que a lei considera o infrator digno de morte e faz de vocês, nesse caso, o executor dela. E se, de fato, o crime for tal que merece a morte, vocês podem ser o executor quando a lei o permite.

Proposição II. E isto é mais claro quando o assaltante, por causa de seu dinheiro, assalta a sua vida, ou parece provável que o faça, por tudo o que conseguem ver.

Proposição III. E quando meios mais gentis não resolverem a situação, senão a violência for o único remédio que lhes resta, o qual parece provável que sirva para a sua defesa.

Proposição IV. E quando a pessoa é um infrator vil, que é antes uma praga e um fardo para a república do que qualquer membro necessário dela.

Proposição V. Se não desejam e não planejam a morte dele, mas ele mesmo corre ao encontro dela em sua fúria enquanto vocês defendem legitimamente o que é seu, o caso é ainda menos questionável.

Proposição VI. Se um ladrão levou a sua bolsa, embora não possam tirar-lhe a vida depois para recuperá-la (porque é de menor valor), nem por vingança (porque isso não pertence a particulares); contudo, se a lei exigir ou permitir que o persigam para o levar a um julgamento judicial, se o matarem enquanto ele resiste, não é pecado de vocês; porque estão apenas suprimindo o pecado em seu lugar, de acordo com a permissão da lei.

Pergunta VII. Posso matar ou ferir a outrem na defesa ou justificação de minha honra ou bom nome?

Resposta. Não: não por agressão ou violência privada; mas se o crime for tão grande que a lei da terra o pune com a morte, se essa lei for justa, vocês podem em alguns casos procurar levar o infrator à justiça pública; mas isso é raro e, de outro modo, não podem fazê-lo. Pois:

1. Pertence apenas ao magistrado, e não a vocês, ser o vingador.

2. E matar um homem não pode ser nenhuma defesa adequada contra a calúnia ou difamação; pois se querem matar um homem para prevenção, matam o inocente; se o matam depois, não é defesa, mas uma vingança inútil, que não justifica a sua honra, mas os

desonra ainda mais. A sua paciência é a sua honra, e a sua vingança sangrenta mostra que são tão parecidos com o diabo, o destruidor, que é a sua maior vergonha.

3. É um orgulho odioso que faz com que os homens superestimem a sua reputação entre os homens e pensem que a vida de um homem é uma compensação justa para eles por sua desonra! Tais sacrifícios sangrentos são adequados para aplacar apenas o espírito sanguinário! Mas o que é que o orgulho não fará e justificará?

CAPÍTULO 11
DIREÇÕES ESPECIAIS PARA ESCAPAR DA CULPA DA PERSEGUIÇÃO. DETERMINANDO TAMBÉM O CASO SOBRE A LIBERDADE EM MATÉRIAS DE RELIGIÃO

Embora este seja um assunto que os culpados não suportam ouvir, a miséria dos perseguidores, o sangue, os gemidos e as ruínas da igreja, e as lamentáveis divisões dos cristãos professos, todos me impõem não passar por isso em silêncio; mas dizer-lhes a verdade, "quer ouçam quer deixem de ouvir"; ainda que fossem tais como Ez 3:7-9, 11.

Direção 1. Se você quer escapar dessa terrível culpa, entenda bem o que é a perseguição. Caso contrário, você pode correr para ela ignorantemente, ou opor-se a um dever como se fosse perseguição.

O verbo *persequor* [perseguir] é frequentemente tomado em um bom sentido, para nada mais do que *continuato motu vel ad extremum sequor* [seguir com movimento contínuo ou até o fim]; e às vezes para a acusação irrepreensível de um delinquente; mas nós o tomamos aqui como a palavra perseguir é mais comumente usada, para *inimico affectu insequor* [perseguir com afeto inimigo], um ferir ou perseguir malicioso ou injurioso a outrem, e isso por causa da religião ou da retidão. Pois não são injúrias comuns que pretendemos falar aqui. Três coisas, então, constituem a perseguição. 1. Que seja o ferir a outrem, em seu corpo, liberdade, relações, bens ou reputação. 2. Que seja feito injuriosamente, a alguém que não o merece, no particular que é a causa. 3. Que seja pela causa da religião ou da retidão, isto é, pela verdade de Deus que defendemos ou proferimos; ou pelo culto a Deus que realizamos; ou pela obediência à vontade de Deus revelada em suas leis. Esta é a causa por parte do sofredor, seja o que for que o perseguidor pretenda.

Há diversos tipos de perseguições. Quanto aos princípios dos perseguidores: 1. Há uma perseguição que é abertamente professada como sendo pela causa da religião; como pagãos e maometanos perseguem cristãos como cristãos. E há uma perseguição hipócrita quando a causa fingida é algum crime odioso, mas a causa real é a religião dos homens, ou a obediência a Deus. Esta é a perseguição comum, que cristãos nominais exercem sobre cristãos sérios, ou uns sobre os outros. Eles não dirão que os perseguem porque são piedosos ou cristãos sérios, mas essa é a verdadeira causa; pois se eles apenas colocarem os perseguidores acima de Deus, e os obedecerem contra Deus, eles diminuirão sua perseguição. Muitos dos pagãos

também perseguiam os cristãos assim, sob o nome de ímpios e malfeitores; mas a verdadeira causa era porque não obedeciam aos seus comandos no culto aos seus deuses ídolos. Assim também os papistas perseguem e assassinam homens, não como defensores da verdade (que é a verdadeira causa), mas sob o nome de heréticos e cismáticos, ou rebeldes contra o papa, ou o que quer que sua malícia queira acusar. E cristãos nominais e profanos raramente perseguem os sérios e sinceros diretamente por esse nome, mas sob algum apelido que colocam sobre eles, ou sob o nome de hipócritas, ou presunçosos, ou pessoas facciosas, ou coisas semelhantes. E se vivem em um lugar, e época, onde há muitas guerras civis ou divergências, eles certamente buscarão algum nome odioso ou acusação dali: seja qual for o lado em que estejam, ou se não se envolverem em nenhum lado, eles certamente ouvirão a religião ser carregada de tais calúnias, por qualquer partido a quem não agradem, conforme o que os tempos permitirem proferir contra ela. Mesmo os papistas, que adotam esse curso com os protestantes, parece que, segundo Acosta, são assim tratados eles mesmos, não pelos pagãos, mas uns pelos outros, sim, pela multidão, sim, por seus sacerdotes. Pois assim diz ele, falando dos padres paroquiais entre os índios, tendo repreendido seus jogos de dados, cartas, caça e ociosidade: *Itaque is cui pastoralis Indorum cura committitur, non solum contra diaboli machinas et naturae incentiva pugnare debet; sed jam etiam confirmatae hominum consuetudini et tempore et turba praepotenti sese objicere; et ad excipienda invidorum ac malevolorum tela forte pectus opponere; qui siquid a profano suo instituto abhorrentem viderint; proditorem, hypocritam, hostem*

clamant [Portanto, aquele a quem o cuidado pastoral dos índios é confiado deve não apenas lutar contra as artimanhas do diabo e os incentivos da natureza, mas também agora deve se opor ao costume arraigado dos homens, que se tornou muito poderoso tanto pelo tempo quanto pela multidão; e deve corajosamente opor seu peito para receber as setas dos invejosos e malévolos que, se virem algo contrário ao seu padrão profano, gritam: traidor, hipócrita, inimigo!]. Parece, então, que este é um curso comum.

1. A perseguição é feita por ignorância ou por conhecimento. A perseguição mais comum é aquela que é feita por ignorância e erro; quando os homens pensam que uma boa causa é má, ou que uma má causa é boa, e assim perseguem a verdade enquanto a tomam por falsidade, ou o bem enquanto o tomam por mal, ou impõem pela violência seus erros como verdades, e seus males como coisas boas e necessárias. Assim testemunha Pedro a respeito dos judeus, que mataram o Príncipe da vida; At 3:13-14, 17, "Eu sei que por ignorância o fizestes, como também as vossas autoridades". E Paulo; 1 Co 2:8, "A qual nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória". E o próprio Cristo diz, Jo 16:3, "Estas coisas vos farão, porque não conhecem o Pai, nem a mim". E Paulo diz de si mesmo, At 26:9, "Na verdade, a mim me parecia que devesse praticar muitos atos contra o nome de Jesus, o Nazareno, o que também fiz", etc. E, 1 Tm 1:13, "que foi por ignorância na incredulidade que eu era blasfemo, perseguidor e insolente". E, por outro lado, alguns perseguem a

verdade e a bondade sabendo que o são. Não porque seja verdade ou bondade, mas porque é contra o seu interesse carnal, mundano e sua inclinação. Assim como a consciência de um homem do mundo, de um bêbado, de um devasso, testemunha contra o seu pecado enquanto ele continua nele; assim, muitas vezes, faz a consciência do perseguidor; e ele tem convicções secretas de que aqueles a quem persegue são melhores e mais felizes do que ele mesmo.

2. Quanto à causa, às vezes a perseguição é pela cristandade e pela piedade em geral, ou por algum ponto essencial importante; e às vezes é apenas por alguma verdade ou dever particular, e que talvez seja de uma natureza menor, tão pequena ou tão obscura que se torna uma grande controvérsia se é verdade ou erro, dever ou pecado. Em alguns aspectos, é mais confortável para o perseguido, e mais hediondo no perseguidor, que o sofrimento seja pelas coisas maiores. Pois isso não deixa dúvida na mente se a nossa causa é boa ou não; e isso mostra que a mente do perseguidor está mais alheia a Deus e à verdade; mas, em outros aspectos, é uma agravação do pecado do perseguidor, e do conforto do perseguido, quando é por verdades e deveres menores. Pois é um sinal de grande falta de caridade e de crueldade quando os homens encontram em seus corações o desejo de perseguir os outros por coisas pequenas; e é um sinal de um coração que é fiel a Deus, e muito sincero, quando preferimos sofrer qualquer coisa dos homens a renunciar à menor verdade de Deus, ou cometer o menor pecado contra ele, ou omitir o menor dever, quando é um dever.

3. Às vezes a perseguição é diretamente pela religião; isto é, por questões de fé ou culto professado: e às vezes é por uma causa civil ou comum; contudo, ainda assim é pela nossa obediência a Deus (ou então não é a perseguição de que falamos), embora a matéria dela seja alguma coisa comum ou civil: como se eu fosse perseguido meramente por dar aos pobres, ou ajudar os doentes, ou por ser leal ao meu príncipe e às leis, ou por cumprir meu dever para com meus pais, ou porque não quero dar falso testemunho, ou contar uma mentira, ou assinar uma falsidade, ou qualquer coisa semelhante; isso é verdadeiramente perseguição, seja qual for a matéria dela, desde que seja verdadeiramente por obedecer a Deus que passamos pelo sofrimento.

Omito muitas outras divisões menos consideráveis: e também aquelas aflições que são apenas impropriamente chamadas de perseguições (como quando um homem é punido por uma falta em uma medida maior do que ela merece. Isso é injustiça, mas não perseguição, a menos que seja sua religião e obediência a Deus a causa secreta disso).

Direção 2. Entenda bem a grandeza do pecado da perseguição, para que você seja mantido em um devido temor de ser tentado a ele. Aqui, portanto, mostrarei quão grande pecado ele é.

1. A perseguição é uma luta contra Deus: assim é chamada em At 5:39. E lutar contra Deus é uma malignidade odiosa e uma loucura desesperada. 1. É uma malignidade venenosa, para uma criatura lutar contra o seu Criador, e um pecador contra o seu

Redentor que deseja salvá-lo; e para um verme tão cego levantar-se contra a sabedoria do Deus onisciente! E para um pecador tão vil opor-se à Fonte de amor e bondade! 2. E que loucura pode ser maior do que a de uma toupeira censurar o sol pela escuridão? Ou um pedaço de terra pegar em armas contra o Deus Todo-Poderoso e terrível? Você é capaz de sustentar a sua causa contra ele? Ou de permanecer diante dele quando ele se ofende e o acusa de pecado? Ouça um fariseu: "E agora vos digo: Dai de mão a estes homens e deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, se desfará; mas, se vem de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus", At 5:38-39. Ou ouça o próprio Cristo: "Eu sou Jesus, a quem tu perseguis; duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões", At 9:4-5; bater nos espinhos com pés ou mãos descalços! Que oponente inadequado é o homem para Deus! Ele não precisa de mais do que uma palavra para tirar a sua alma e esmagá-lo no inferno mais profundo. Sua vontade apenas pode colocá-lo sob as dores merecidas. Você pode conquistar o Deus Todo-Poderoso? Você assaltará o poder que nunca foi vencido, ou invadirá o trono ou reino de Jeová? Primeiro tente tirar o sol, a lua e as estrelas do firmamento, e parar o curso dos rios ou do mar; e repreender os ventos, e transformar a noite em dia, e o inverno em verão, e a velhice decrépita em juventude vigorosa. Não tente assuntos maiores até que tenha realizado estes; é um assunto maior do que qualquer um desses conquistar a Deus, contra cuja causa você luta. Ouça-o novamente: Is 45:9, "Ai daquele que contende com o seu Criador! O caco

contenda com os cacos da terra. Dirá, porventura, o barro ao que o formou: Que fazes? Ou a tua obra: Não tens mãos?". E Is 27:4, "Quem me dera espinhos e abrolhos diante de mim em batalha! Eu iria contra eles e juntamente os queimaria". Ai do homem que não se contenta em lutar com homens, mas escolhe o Deus mais terrível para ser seu inimigo! Teria sido melhor para você que todo o mundo estivesse contra você.

2. A perseguição se opõe ao plano gracioso de nosso Redentor, e impede o seu evangelho e obra de misericórdia para com o mundo, e se esforça pela ruína do seu reino na terra. Cristo veio para salvar os homens, e os perseguidores levantam seu poder contra ele, como se tivessem inveja da salvação do mundo. E se Deus fez da obra da redenção do homem a mais maravilhosa de todas as suas obras que ele já revelou aos filhos dos homens, você pode facilmente conceber que agradecimento ele dará àqueles que o resistem em um plano tão alto e glorioso. Se você pudesse arrancar as estrelas do firmamento, ou impedir os movimentos dos céus, ou negar a chuva à terra sedenta, você poderia esperar uma recompensa tão boa por isso quanto por se opor ao misericordioso Redentor do mundo na abençoada obra da salvação do homem.

3. A perseguição é uma resistência ou luta contra o Espírito Santo. Diz Estêvão aos judeus: "Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; como fizeram vossos pais, assim fazeis vós também", At 7:51. Se você silencia os ministros, que são os meios pelos quais o Espírito opera na iluminação e santificação das almas, At 26:17-

18; ou se você aflige os homens por aqueles deveres sagrados que o Espírito de Deus os ensinou a realizar, ou se os força a se afastar daquilo para o qual o Espírito de Cristo é enviado para atraí-los; isso é levantar guerra contra aquele Espírito em cujo nome vocês mesmos foram batizados.

4. A perseguição busca a condenação das almas dos homens, seja privando-os da pregação do evangelho que os salvaria, ou forçando-os ao pecado pelo qual Deus os condenará. Sim, o banimento ou o silenciamento de um único pregador fiel pode conduzir à condenação de muitas centenas! Se for dito que outros que são colocados em seu lugar podem salvar as almas dos homens tão bem quanto eles, eu respondo: 1. Deus raramente, ou nunca, qualificou trabalhadores supérfluos para a obra do ministério! Muitas nações tiveram poucos demais, mas nunca li de nenhuma nação que tivesse demais que fossem bem qualificados para essa grande e difícil obra, não, desde os dias de Cristo até agora! De modo que, se todos forem homens aptos, nenhum deles pode ser poupado; mas todos são poucos demais, se unirem sua maior habilidade e diligência. Cristo nos manda rogar ao Senhor da colheita que envie mais trabalhadores para a sua colheita; mas nunca nos manda orar para enviar menos, ou chamar de volta qualquer um que estivesse minimamente capacitado para a obra. 2. Muitos perseguidores banem todos os pregadores do evangelho, e não estabelecem nenhum outro para fazer o serviço para o qual foram chamados. E raramente se vê que qualquer um que encontre em seu coração o desejo de expulsar ministros fiéis de Cristo tenha

coração para estabelecer outros melhores, ou quaisquer que sejam competentes, em seu lugar; mas ordinariamente se vê que, quando o julgamento está tão depravado a ponto de aprovar a expulsão de homens dignos, está também tão depravado a ponto de pensar que um tipo de ministro ignorante, sem coração ou escandaloso é tão apto para salvar as almas dos homens quanto eles. E quantas pobres congregações nas igrejas orientais e ocidentais (na verdade, quantos milhares) têm pastores ignorantes, ímpios e sensuais, que são sal insípido, inadequados para a terra ou para o monturo! Enquanto os homens estão apagando as luzes mais claras, ou empurrando-as para a obscuridade, Mt 5:13-15; Lc 14:35. 3. E pode haver algo de adequação entre um pastor e o rebanho, o que pode lhe dar vantagem para ser mais proveitoso para as almas deles do que outro homem de habilidades iguais. 4. E, embora Deus possa operar pelos meios mais fracos, contudo ordinariamente vemos que sua obra sobre as almas dos homens é moral na medida em que ele geralmente prospera os homens de acordo com a adequação de seus trabalhos para a obra! E alguns homens têm muito mais sucesso do que outros. Aquele que expulsasse uma dúzia ou vinte dos médicos mais capazes de Londres, e dissesse: "Há outros suficientes em seus lugares que podem salvar as vidas dos homens tão bem quanto eles", poderia, apesar dessa afirmação, ser considerado culpado do sangue de um número não pequeno. E como os homens às vezes têm aversão a um tipo de comida (tão boa quanto qualquer outra para outro homem), e como esse distúrbio não é louvável; contudo, aquele que os forçasse a não comer nada além

daquela que eles tanto abominam teria mais probabilidade de matá-los do que de curá-los; assim é com as almas de muitos. E há poucos que têm qualquer discernimento e gosto espiritual que não tenham algum senso especial do que é útil ou prejudicial para suas almas, em sermões, livros e conversas, sobre o qual um observador externo não é tão apto para julgar quanto eles mesmos. De modo que está claro que a perseguição conduz os homens em direção à sua condenação! E, oh, quão triste caso é ter a condenação de uma única alma para responder! (O que é pior do que o assassinato de muitos corpos.) Quanto mais ser culpado da perdição de uma multidão!

5. A perseguição é injustiça e opressão dos inocentes! E que multidão de terríveis ameaças contra este pecado se encontram em todas as Escrituras Sagradas! Um homem merece ser tratado cruelmente por ser fiel ao seu Deus, e por preferi-lo antes do homem? E por ter medo de pecar contra ele? Ou por fazer aquilo que Deus lhe ordena, e isso sob pena de sofrimentos maiores do que o homem pode infligir sobre ele? Não foi o seu Salvador que disse: "Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer; mas temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, eu vos digo, temei a este". Embora o cristianismo tenha sido uma vez chamado de "seita que em toda parte é contestada", At 28:22; e Paulo tenha sido acusado como um homem pestilento, e promotor de sedições entre o povo, At 24:5; e Cristo tenha sido crucificado como um usurpador da coroa; contudo, a inocência continuará sendo inocência, apesar da malícia e das acusações mentirosas; porque Deus será

o Juiz final, e trará todas as coisas ocultas à luz, e justificará aqueles a quem a injustiça condenou, e não os chamará como as línguas caluniadoras os chamaram. Sim, as consciências dos perseguidores são muitas vezes forçadas a dizer, como disseram de Daniel, Dn 6:5, "Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, a menos que a procuremos na lei do seu Deus". E, portanto, a rede que eles tiveram de armar para ele foi uma lei contra a sua religião ou orações a Deus; pois uma lei contra traição, sedição, juramentos, embriaguez, fornicação, etc., não lhes teria servido de nada! E, no entanto, eles queriam muito difamá-lo ali, v. 4. Jr 22:13, "Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça!", etc. Is 33:1, "Ai de ti que despojas, e não foste despojado!". Is 5:20, "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal!". Jr 2:34, "Nas orlas das tuas vestes se achou o sangue da alma dos inocentes e necessitados". Pv 6:16-17, "Mãos que derramam sangue inocente, o Senhor odeia", etc.

6. A perseguição torna os homens mais parecidos com os demônios, e os torna seus servos mais notáveis no mundo. Muitos homens ímpios podem negligenciar aquele dever que estão convencidos de que deveriam fazer. Mas odiá-lo, e ter malícia contra os homens que o fazem, e buscar a sua ruína; isso, se houver algo, é um trabalho mais condizente com um demônio do que com um homem. Estes são os comandantes nos exércitos do diabo contra a causa e o reino do Senhor! Jo 8:42, 44. E, consequentemente, assim prosperarão.

7. A perseguição é um pecado desumano e desleal, e mostra uma extinção da luz da natureza. Um homem

de boa natureza, mesmo que não tivesse graça nenhuma, abominaria ser cruel e oprimir seus irmãos; e isso meramente porque eles são fiéis às suas consciências e obedecem ao seu Deus, enquanto não fazem mal a nenhum outro. Se eles merecessem a execução, uma natureza sincera não estaria disposta a ser seu executor; muito mais quando merecem encorajamento e imitação: não é nenhuma honra ser numerado com homens sedentos de sangue.

8. É um pecado que tem tão pouca conveniência, honra ou prazer para convidar os homens a ele, que o torna totalmente sem desculpa, e mostra que a natureza serpentina é a causa, Gn 3:15. O que os homens ganham derramando o sangue de inocentes, ou silenciando os pregadores fiéis do evangelho? Que doçura poderiam encontrar na crueldade, se uma natureza maldosa não a tornasse doce?

9. É um pecado contra o qual os homens têm advertências tão terríveis da parte de Deus quanto qualquer pecado no mundo de que eu possa me lembrar. 1. Nas ameaças de Deus. 2. Em tristes exemplos e julgamentos nesta vida, até mesmo sobre a posteridade. 3. E na infâmia que segue os nomes dos perseguidores quando morrem.

10. Quão terríveis são aquelas palavras de Cristo, Mt 18:6, "Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundeza do mar". Quão terrível é o caráter que Paulo dá dos judeus; 1 Ts 2:15-16, "Os quais

não somente mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, mas também a nós nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens, impedindo-nos de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao extremo". Tais terrores contra os perseguidores são tão comuns nas Escrituras que seria tedioso recitá-los.

11. E quanto a exemplos, o cativeiro primeiro, e depois a rejeição dos judeus, podem servir em vez de muitos. 2 Cr 36:16, "Eles, porém, zombavam dos mensageiros de Deus, desprezavam as suas palavras e escarneciam dos seus profetas, até que o furor do Senhor subiu contra o seu povo, e não houve mais remédio". E sobre a rejeição, veja Mt 23:37-38, "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta...". E v. 34-36, "Eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós caia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração". Para dar-lhes os exemplos particulares dos julgamentos de Deus contra os perseguidores, e sua posteridade depois deles, seria um trabalho volumoso;

vocês podem encontrá-los nas Escrituras Sagradas e nas Martirologias da igreja.

12. E, por uma maravilhosa providência, Deus de tal modo governa a voz da fama, e as canetas dos historiadores, e os pensamentos dos homens, que comumente os nomes dos perseguidores fedem quando eles morrem; sim, embora tenham sido muito honrados e lisonjeados enquanto viviam! Que nomes odiosos são os nomes de Faraó, Acabe, Pilatos, Herodes, Nero, Domiciano, Diocleciano, etc.! Que nome o massacre francês deixou em Carlos IX! E a perseguição inglesa na Rainha Maria! E assim com outros em todo o mundo. Sim, que mancha deixa em Asa, Amazias, ou em qualquer um que faça mal a um profeta do Senhor! O capítulo 11 de Hebreus, e todas as Martirologias que são escritas para preservar o nome das testemunhas de Cristo, são todos registros da impiedade e da vergonha perpétua daqueles por quem sofreram. Até mesmo o aprendizado, a sabedoria e a virtude comum alcançaram tal estima na natureza do homem que aquele que persegue apenas um Sêneca, um Cícero, um Demóstenes ou um Sócrates feriu irrecuperavelmente sua reputação para a posteridade, e deixou seu nome ao ódio de todas as gerações seguintes. Pv 10:7, "A memória do justo é abençoada, mas o nome dos ímpios apodrecerá".

13. A perseguição da piedade como tal em ministros ou cristãos particulares é uma das marcas mais visíveis e indubitáveis de alguém que ainda não é santificado, e está em um estado de pecado e condenação; pois mostra mais claramente a predominância da natureza

serpentina no perseguidor. Embora Asa, em um acesso de mau humor, possa prender o profeta, e os cristãos que estão engajados em uma seita ou partido possam, em um zelo pecaminoso, ser prejudiciais àqueles do partido contrário; e ainda assim possa restar algumas raízes de retidão no interior; contudo, aquele que se propõe a impedir o evangelho, e a prática séria da piedade no mundo, e para esse fim impede ou persegue os pregadores, e professores, e praticantes dele, tem a marca mais clara de um filho do diabo, e a marca mais visível da ira de Deus sobre a sua alma, de qualquer tipo de homem na terra. Se pudesse haver alguma esperança de graça naquele que presentemente apenas negligencia ou desobedece ao evangelho, e não vive ele mesmo uma vida piedosa (como de fato não há), contudo não pode haver possibilidade de que ele tenha graça no presente quando a odeia e se opõe a ela; e que seja justificado pelo evangelho quem o persegue; e que seja um homem piedoso quem se opõe aos piedosos e busca destruí-los.

14. E é um pecado muito mais hediondo em um cristão professo do que em um infiel ou pagão. Pois estes agem de acordo com a escuridão de sua educação, e o interesse de seu partido, e os princípios de sua própria profissão. Mas para um cristão professo perseguir o cristianismo, e alguém que professa crer no evangelho perseguir os pregadores e praticantes sérios da doutrina do evangelho; isso é tão próximo daquele pecado que comumente se diz ser o pecado imperdoável contra o Espírito Santo que não é fácil perceber uma diferença; e se eu concordasse com essa descrição do pecado imperdoável, teria pouca

esperança na conversão de qualquer um desses. Mas, de qualquer forma, eles compõem tal mistura de hipocrisia, impiedade e crueldade que mostra que eles excedem todos os pecadores comuns em malignidade e miséria. Eles são um tipo de homem autocondenado; da sua própria boca Deus os condenará. Eles professam crer em Deus, e contudo perseguem aqueles que o servem: eles não ousam falar contra a pregação e a prática da doutrina da piedade, diretamente, e em expressões claras; e contudo eles os perseguem, e não podem suportá-los! Eles lutam contra o interesse e a lei de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, quando no batismo se consagraram ao seu serviço. De todos os homens na terra, estes homens terão menos a dizer pelo seu pecado, ou contra a sua condenação.

15. Por fim, lembre-se de que Cristo considera tudo o que é feito pelos perseguidores contra os seus servos por causa dele como sendo feito a ele mesmo, e consequentemente em julgamento cobrará isso deles. Assim fala ele a Saulo, At 9:4-5, "Saulo, Saulo, por que me persegues?... Eu sou Jesus, a quem tu perseguis". E Mt 25:41-46, mesmo para aqueles que não alimentaram, vestiram, visitaram e socorreram os seus, ele diz: "Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes meus pequeninos, a mim o deixastes de fazer". O que, então, dirá ele àqueles que os empobreceram e prenderam? Lembre-se de que é a Cristo figurativamente que você odeia, ridiculariza e persegue.

Direção 3. Se você deseja escapar da culpa da perseguição, a causa e o interesse de Cristo no mundo

devem ser verdadeiramente compreendidos. Aquele que não sabe que a santidade é o fim de Cristo, e que a Escritura é a sua palavra e lei, e que os pregadores do evangelho são os seus mensageiros, e que a pregação é o seu meio designado, e que os crentes santificados são os seus membros, e que o número total deles é o seu corpo místico; e que todos os que professam ser tais são o seu corpo visível, ou reino no mundo; e que o pecado é a coisa que ele veio destruir, e o diabo, o mundo e a carne são os inimigos que ele nos faz vencer; digo, aquele que não sabe disso, não sabe o que é o cristianismo ou a piedade, e por isso pode facilmente persegui-lo em sua ignorância. Se você não sabe, ou não crê, que a piedade séria no coração e na vida, e a pregação e disciplina sérias para promovê-la, são a grande causa e interesse de Cristo no mundo, você pode lutar contra ele no escuro, enquanto ignorantemente se chamam de seus seguidores. Se o diabo puder apenas fazê-lo pensar que a ignorância é tão boa quanto o conhecimento, e a formalidade farisaica e os shows hipócritas são tão bons quanto o culto espiritual e o serviço racional de Deus; e que o serviço labial e aparente é tão bom quanto a seriedade na religião; e que o obedecer estrito e sério a Deus, e viver como professamos, de acordo com os princípios da nossa religião, é apenas hipocrisia, orgulho ou facção (isto é, que todos são hipócritas que não querem ser hipócritas, mas seriamente religiosos): digo, se Satanás puder levá-lo uma vez a tais pensamentos errôneos e malignos como esses, não admira se ele o tornar um perseguidor. Oh, valorize a grande bênção de um entendimento sadio! Pois se o erro o cegar (seja erro ímpio ou erro faccioso), não há maldade tão grande que você não possa promover, e nada tão bom e santo que você não

possa perseguir, pensando o tempo todo que está fazendo bem. Jo 16:2, "Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso prestar culto a Deus". Que profeta tão grande, ou santo tão santo, que não tenha sofrido por tais mãos? Sim, o próprio Cristo foi perseguido como um pecador, ele que nunca pecou.

Direção 4. E (se você deseja escapar da culpa da perseguição) a causa e o interesse de Cristo devem estar no nível mais alto em sua estima, e preferidos antes de todos os interesses mundanos e carnais que sejam nossos. Caso contrário, o diabo estará sempre persuadindo você de que o seu próprio interesse exige que você suprima o interesse de Cristo; pois a verdade é que o evangelho de Cristo é totalmente contra o interesse da carnalidade e da concupiscência; ele condena a ambição, a avareza e a luxúria; proíbe esses pecados sob pena de condenação, os quais os orgulhosos, os avarentos e os sensuais amam e não querem abandonar; e por isso não é mais de admirar que um homem orgulhoso, ou um homem avarento, ou um homem luxurioso e voluptuoso seja um perseguidor, do que um cão se lançar contra aquele que lhe tira o osso. Se você ama o seu orgulho, a sua luxúria e os seus prazeres mais do que o evangelho e uma vida santa, não admira que seja um perseguidor; pois estes não concordarão bem entre si: e embora às vezes a providência de Deus possa dispor as coisas de tal modo que um hipócrita ambicioso possa pensar que o seu interesse mundano exige que ele pareça religioso, e promova a pregação e a prática da piedade; isso ocorre raramente e geralmente não por muito tempo. Pois ele não pode deixar de descobrir rapidamente que Cristo não é patrono de seu pecado, e que

a santidade é contrária aos seus desejos mundanos. Portanto, se você não puder valorizar a causa da piedade acima de seus desejos e interesses carnais, não sei como lhe dizer para evitar a culpa da perseguição, nem a ira e a vingança do Deus Todo-Poderoso.

Direção 5. Sim, embora você prefira o interesse de Cristo no principal, deve tomar muito cuidado para não dar nenhum passo em um caminho proibido, e esposar qualquer interesse próprio ou de outrem que seja contrário às leis ou ao interesse de Cristo. Caso contrário, na defesa ou prossecução da sua causa, você será levado a uma aparente necessidade de perseguir antes que se dê conta. Esta tem sido a ruína de multidões de grandes homens no mundo. Quando Acabe se colocou em um caminho de pecado, o profeta teve de repreendê-lo; e então ele odeia e persegue o profeta, porque ele não profetizava o bem a seu respeito, mas o mal. Quando Jeroboão pensou que o seu interesse exigia que ele estabelecesse bezerros em Dã e Betel, e fizesse sacerdotes para eles dentre os mais baixos do povo, o profeta teve de falar contra o seu pecado; e então ele estende a mão contra ele e diz: "Prendei-o". Se Asa peca e o profeta lhe diz isso, sua ira pode levá-lo a prender o seu repreendedor. Se Amazias peca com os idólatras, o profeta deve repreendê-lo, e ele o silenciará ou o ferirá. E silenciado ele é, e o que deve se seguir? 2 Cr 25:16, "Disse-lhe o rei: Porventura, fomos nós que te estabelecemos conselheiro do rei? Cala-te! Por que te expões a que te matem? (Isso parece ser um tratamento gentil.) Então, parou o profeta e disse: Bem sei eu que Deus resolveu destruir-te, porque fizeste isto e não deste ouvidos ao meu conselho". Se Pilatos ouve apenas: "Se soltas a este, não és amigo de César", ele pensa que é de

seu interesse crucificar a Cristo: como Herodes pensou que era de seu interesse matá-lo, e por isso matar tantas outras crianças quando ouviu falar do nascimento do rei dos judeus. Por causa de uma Herodias e pela honra de sua palavra, Herodes não hesitará em decapitar João Batista; e outro Herodes matará Tiago com a espada, e prenderá Pedro, porque vê que isso agrada aos judeus. Os exemplos deste pecado desesperado são inumeráveis. Não há caminho tão comum pelo qual Satanás tenha engajado os governantes do mundo contra o reino de Jesus Cristo, e contra os pregadores de seu evangelho, e o povo que lhe obedece, do que persuadindo-os como Hamã fez a Assuero, Et 3:8-9, "Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as leis do rei; pelo que não convém ao rei tolerá-lo. Se bem parecer ao rei, decrete-se que sejam destruídos". Uma vez que o diabo tenha conseguido que os homens, por erro ou sensualidade, esposassem um interesse ao qual Cristo se opõe, ele tem metade do seu trabalho feito: pois então ele sabe que Cristo ou os seus servos nunca se dobrarão às vontades dos pecadores, nem se reconciliarão com os seus caminhos ímpios, nem tomarão parte com eles em uma causa pecaminosa. E então é fácil para Satanás persuadir tais homens de que estes pregadores e pessoas precisas são seus inimigos, e são contra o seu interesse e honra, e que são um tipo de povo turbulento e sedicioso, inadequado para ser governado (porque não querem ser falsos para com Deus, nem tomar parte com o diabo, nem ser amigos do pecado). Uma vez que Nabucodonosor estabeleceu a sua imagem de ouro, ele pensa que é obrigado em honra a perseguir

aqueles que não se curvam, como pessoas refratárias que não obedecem ao rei. Uma vez que Jeroboão está engajado em estabelecer os seus bezerros, ele está imediatamente engajado contra aqueles que se opõem a eles; e isso é contra Deus e todos os seus servos. Portanto, assim como os governantes amam as suas almas, que tomem cuidado com a causa e o interesse que esposam.

Direção 6. Amar o seu próximo como a si mesmo e fazer aos outros o que gostaria que fizessem a você é o meio infalível de evitar a culpa da perseguição. "A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta", 1 Co 13:4-7. "O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor", Rm 13:10. E se cumpre a lei, não prejudica a ninguém. Quando você viu um homem perseguir a si mesmo? Prender, banir, difamar, caluniar, ultrajar ou condenar à morte a si mesmo (se estivesse em seu perfeito juízo)? Nunca tema a perseguição de um homem que "ama o seu próximo como a si mesmo e faz o que gostaria que fizessem a ele", e que não é egoísta nem desprovido de caridade.

Direção 7. O orgulho também deve ser subjugado, se você não quer ser um perseguidor. Pois um homem orgulhoso não suporta ter sua palavra desobedecida, ainda que ela contradiga a palavra de Deus: nem suporta ser repreendido pelos pregadores do evangelho; mas agirá como Herodes com João Batista, ou como Asa, ou Amazias, com os profetas! Até que a alma seja humilde,

não suportará os remédios cortantes que nosso Salvador prescreveu, mas perseguirá aquele que os administrar.

Direção 8. A paixão deve ser subjugada, e a mente mantida calma, se você deseja evitar a culpa da perseguição. Asa estava furioso quando prendeu o profeta (um trabalho adequado para um homem furioso). E Nabucodonosor estava cheio de raiva e furor quando ordenou a punição das três testemunhas, Dn 3:13. "A ira do homem não opera a justiça de Deus", Tg 1:20. A natureza da ira tende a ferir aqueles com quem se está irado. E a ira é impaciente, e injusta, e não ouvirá o que os homens têm a dizer, mas apressadamente proferirá uma sentença injusta. E ela cega a razão, de modo que esta não pode ver a verdade.

Direção 9. E dar ouvidos a difamadores e caluniadores maliciosos, e favorecer os inimigos da piedade em suas calúnias, envolverá os homens na perseguição antes que percebam. Pois quando os ímpios estão no favor e aos ouvidos dos governantes, eles têm a oportunidade de ventilar aqueles relatórios falsos que nunca lhes falta a vontade de ventilar! E qualquer coisa pode ser dita das pessoas pelas costas, com uma aparência de verdade, quando não há ninguém para contradizer. Se Hamã puder ser ouvido, os judeus serão destruídos, como não sendo de proveito para o rei, nem obedientes às suas leis. Se Sambalate e Tobias puderem ser ouvidos, a reconstrução dos muros de Jerusalém não significará nada melhor do que uma rebelião pretendida. São palavras verdadeiras, embora para alguns desagradáveis, as que são ditas pelo Espírito Santo, Pv 29:12, "Se o governador dá ouvidos a palavras mentirosas, todos os seus servos são ímpios"

(pois eles logo se acomodarão a um temperamento tão vicioso). Pv 25:4-5, "Tira o refugo da prata, e sairá vaso para o fundidor. Tira o ímpio da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça". Se o diabo pudesse ser acreditado, Jó era alguém que servia a Deus por ganho, e poderia ser levado a amaldiçoá-lo na sua cara. E se os seus servos puderem ser acreditados, não há nada tão vil de que os melhores homens não sejam culpados.

Direção 10. Tenha cuidado para não se envolver em uma seita ou facção. Pois assim que você se afasta da caridade católica, cresce em seu lugar um respeito parcial pelo interesse daquela seita à qual você se une; e você pensará que tudo o que promove aquela seita promove o cristianismo; e tudo o que é contra aquela seita é contra a igreja ou a causa de Deus. Uma mente estreita, sectária e separadora fará com que todas as verdades de Deus deem lugar às opiniões de seu partido; e medirá a prosperidade do evangelho no mundo pela prosperidade de seu partido, como se tivesse esquecido que existem mais homens na face da terra, ou pensasse que Deus não se importa com ninguém além deles. Ele não hesitará em perseguir todo o resto da igreja de Cristo, se o interesse de sua seita o exigir. Uma vez que os homens se incorporam a um partido, este os possui com outro espírito, até mesmo com uma estranha falta de caridade, injustiça, crueldade e parcialidade! O que o mundo cristão sofreu com uma seita perseguindo a outra, e facções levantando-se em fúria para manter seu próprio interesse, como se fosse para manter a existência de toda a religião! Os papistas sedentos de sangue, cuja inquisição, massacres e múltiplos assassinatos encheram a terra com o sangue de inocentes, são um testemunho suficiente disso. E ainda aqui entre

nós eles parecem tão sedentos de sangue como sempre, e nos dizem na cara que logo acabariam conosco se estivéssemos em seu poder: como se os duzentos mil recentemente assassinados em tão curto espaço de tempo na Irlanda tivessem antes irritado do que saciado a sua sede. E toda facção tende naturalmente à perseguição. Não adote, portanto, quaisquer opiniões ou nomes divisores; mantenha a unidade do corpo de Cristo (não do corpo do papa). Que cristão e católico sejam todos os seus títulos, quanto à sua religião. "Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles", Rm 16:17.

Direção 11. Para este fim, não valorize excessivamente quaisquer opiniões privadas ou singulares, suas ou de outrem. Pois se uma vez o orgulho espiritual e a ignorância de sua própria fraqueza o fizeram esposar alguma opinião particular como peculiarmente sua, você ficará obcecado pelas crias de seu próprio cérebro e pensará que seus conceitos são muito mais iluminadores e necessários do que realmente são; como se a sinceridade dos homens estivesse em abraçá-los, e a sua salvação em recebê-los! E então você formará um partido para a sua opinião, e pensará que todos os que são contra ela merecem ser expulsos como inimigos da reforma, ou da verdade de Deus, ou da igreja. E talvez vinte anos depois, a experiência o trará de volta ao bom senso e o fará ver a falsidade ou a pequenez de todos aqueles pontos de que você fez uma questão tão grande; e então que conforto você terá em suas perseguições?

Direção 12. Não obedeça às solicitações de debatedores egoístas e apaixonados. Bispos e teólogos desentendo-se

entre si, e depois atraindo príncipes para assumirem suas disputas quando descobrem que seus argumentos não servem, tem sido a distração, divisão e ruína do mundo cristão. E aquele que se alia a uma das partes para sustentar aquilo pela ruína da outra, perde-se a si mesmo em suas contendas. Se os governantes deixassem em paz os bispos e debatedores briguentos, e nunca lhes emprestassem suas espadas para pôr fim às suas diferenças, a menos que a substância da religião estivesse em perigo, eles se cansariam de brigar, e se reconciliariam, e não se seguiriam consequências tão trágicas como as que ocorrem quando a espada se interpõe para suprimir a parte desfavorecida e para encerrar seus silogismos e contendas em sangue.

Direção 13. Tenha cuidado para que um espírito sem caridade e prejudicial não prevaleça sob o nome de zelo santo. Como aconteceu com Tiago e João, quando queriam que descesse fogo do céu para vingar o desprezo ao seu ministério; a quem Cristo disse: "Vós não sabeis de que espírito sois", Lc 9:55. A diferença entre um zelo cristão e um zelo invejoso, contencioso, censor e prejudicial é excelentemente descrita pelo apóstolo Tiago, capítulo 3, do início ao fim. "Porque, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há perturbação e toda obra perversa. Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia".

Direção 14. A igreja católica e as igrejas particulares, bem como nossa comunhão com cada uma delas, devem ser distinguidas; e um homem não deve ser expulso de nossa comunhão católica porque, por alguma diferença

tolerável, ele é incapaz de comunhão com alguma igreja particular. Se um homem for impenitente em qualquer heresia ou pecado que seja contrário à natureza comum do cristianismo ou da piedade, e assim inadequado para a comunhão católica, ele deve ser expulso da comunhão cristã: mas se alguma igreja particular impõe alguma doutrina ou prática desnecessária, e ele não ousa aprová-la ou unir-se a ela (esteja certa ou errada); sim, ou se ele se retira de uma igreja devido à ruindade do ministro, ou por causa de qualquer desentendimento entre eles, e se junta a outra que tem um ministro mais adequado ao seu caso; estes não são crimes a serem punidos com a ejeção da comunhão católica. Aquele que não é apto para a comunhão com alguma igreja particular pode ser apto para a comunhão com muitas outras que não lhe dão tal ocasião de diferença ou desagrado. Sem princípios católicos, a perseguição não será evitada.

Direção 15. Que a união e a comunhão da igreja sejam fundamentadas em nada além de termos católicos, os quais são possíveis e adequados para que todos concordem. A razão comum dirá a qualquer homem imparcial que não pode haver instrumento mais eficaz para dividir as igrejas, e levantar contendas e perseguições, do que fazer leis para a comunhão da igreja exigindo condições com as quais é certo que os membros não podem consentir. Se alguém soubesse que minha opinião é contra a doutrina da transubstanciação, ou da predeterminação dos dominicanos, e fizesse uma lei estabelecendo que nenhum homem terá comunhão com aquela igreja que não subscrever a estas doutrinas, ele inevitavelmente me excluiria (a menos que eu seja um animal a ponto de não crer em nada com solidez e,

portanto, dizer qualquer coisa). Se algum dia as igrejas entrarem em acordo e os cristãos se reconciliarem, deve ser deixando de lado todas as imposições divisoras e não exigindo nada como necessário para a comunhão que não se possa racionalmente esperar que todos consentam. Ora, estes princípios católicos de comunhão devem ser tais como estes:

1. Apenas os pontos de fé que constituem o cristianismo e que todo cristão íntegro defende; e, portanto, apenas aqueles que estão contidos em nossa aliança ou profissão batismal, que nos torna cristãos; e não aqueles outros em que apenas alguns cristãos mais fortes creem ou entendem; porque os fracos não devem ser expulsos da família de Cristo.

2. Pontos com os quais as igrejas primitivas concordavam, e não inovações que elas nunca praticaram ou com as quais nunca concordaram; pois elas são o nosso padrão e eram melhores do que nós; e nada mais pode ser necessário para a nossa concórdia e comunhão do que era para a delas.

3. Pontos com os quais toda a igreja em algum momento ou outro, pelo menos, concordou; pois que razão podemos ter para pensar que as igrejas deveriam agora concordar naquilo com o qual nunca concordaram até hoje?

4. Pontos com os quais todos os verdadeiros cristãos no mundo concordam agora; pois, caso contrário, excluiremos alguns verdadeiros cristãos da nossa comunhão cristã.

5. Nenhum ponto de culto, muito menos de modos e circunstâncias, que não seja necessário, e mais necessário para o bem da igreja, do que a comunhão de todas aquelas pessoas que, por divergirem, provavelmente serão separadas ou expulsas, e cuja omissão não causaria mais dano do que esta separação e divisão provavelmente causarão.

6. Especialmente, nenhuma dessas coisas deve ser tornada necessária para a comunhão das quais os mais conscientes comumente têm medo e aversão, e que podem ser toleradas sem qualquer grande detrimento para a piedade.

Objeção. Mas, dir-se-á, que a comunhão católica de fato não requer mais do que você diz; mas as igrejas particulares podem requerer mais de seus membros, pois aquilo que pode ser necessário ou adequado para um membro desta igreja particular pode não ser para todos.

Resposta. A comunhão católica é aquela que todos os cristãos e igrejas têm uns com os outros, e os termos dela são tais que todos os cristãos podem concordar. A comunhão católica existe e é exercida principalmente em igrejas particulares (assim como não existe cristianismo ou fé que não existam em cristãos individuais). Portanto, se uma igreja particular pode estreitar tanto a porta da sua comunhão, então outra e outra, e cada uma pode fazer o mesmo; se não pelas mesmas imposições particulares, contudo por outras de natureza semelhante; pois o poder que uma igreja tem nisso, outras também têm; e então a comunhão católica raramente será encontrada existente externamente no mundo: mas a um mero cristão católico

seria negada a comunhão em cada igreja particular a que ele chegasse. E como você mantém a comunhão católica quando não admite nenhum mero cristão católico como tal à sua comunhão, mas apenas aqueles que superrogam de acordo com os termos privados da sua igreja?

1. Mas admitindo que cada igreja possa impor mais aos seus membros, deve ser apenas aquilo que é necessário para aquelas coisas comuns em que todos concordam; e então a necessidade será perceptível para todas as pessoas de mente sóbria, e evitará divisões; assim como é necessário que aquele que deseja comungar com as nossas igrejas se junte a elas na mesma tradução das Escrituras, e versão dos Salmos, e sob o mesmo pastor que o resto da igreja: pois aqui a igreja não pode usar variedade de pastores, traduções, versões, etc., para se ajustar à variedade dos temperamentos dos homens; há uma necessidade evidente de que, se desejam ser uma única sociedade, devem concordar no mesmo, em cada um desses aspectos. Portanto, quando a igreja se uniu em um, se algum homem recusa aquela única pessoa ou caminho em que a igreja está necessariamente unida, ele recusa a comunhão com aquela igreja, e a igreja não o excomunga! Mas se aquela igreja concorda em coisas prejudiciais ou desnecessárias como necessárias para a sua comunhão, ela própria deve carregar a culpa das separações!

2. E admita ainda que algumas igrejas não possam admitir pessoas tão escrupulosas à sua comunhão que não ousem participar de cada minúcia,

circunstância ou modo; não se segue que essas pessoas devam, portanto, ser excomungadas ou proibidas de adorar a Deus entre si, sem aquilo que as escrupuliza; ou de se juntar a ou com uma congregação que não lhes impõe tais coisas. A perseguição inevitavelmente entrará através de termos tão dominadores e estreitos como esses. O homem ainda é um cristão, embora escrupulize um de nossos modos ou cerimônias, e é capaz de comunhão católica. E se inconveniências privadas e pequenas forem consideradas causa suficiente para proibir a todos esses a adoração pública de Deus, sob o pretexto de que em uma nação não deve haver variedade de modos, este é um princípio divisor, e não católico, e mergulha os homens na culpa da perseguição. Não era assim nas igrejas do Império Romano. Nos dias de Basílio, a sua igreja e a de Neocesareia diferiam; e ordinariamente vários bispos usavam várias formas de oração e culto em suas várias igrejas, sem ofensa. E além disso,

Direção 16. Faltas diferentes devem ter penalidades diferentes; e a excomunhão ou a proibição dos homens de toda adoração pública de Deus não deve ser a penalidade de cada divergência. Não há penalidade menor suficiente, se uma subscrição duvidosa ou cerimônia for escrupulizada, do que silenciar os ministros de pregar o evangelho por causa disso, ou excomungar os homens e proibi-los de adorar a Deus de modo algum, a menos que possam fazer isso? Esta é a maior penalidade eclesiástica que se pode impor aos homens pela maior heresia ou crime. Sem dúvida, há punições menores que podem bastar para faltas menores.

Direção 17. Todo amigo de Cristo e da igreja deve escolher para os ministros e cristãos particulares que ofendem tais penalidades que tragam o menor impedimento ao evangelho ou prejuízo às almas das pessoas. Portanto, silenciar ministros não é uma penalidade adequada para cada falta que cometam! A providência de Deus (como eu disse antes) dotou o mundo de tão poucos que são aptos para essa obra alta e sagrada que nenhum homem pode pretender que eles sejam supérfluos ou desnecessários, e que outros possam ser substituídos para o proveito da igreja: pois o número é tão pequeno que todos são muito poucos; e tantos quantos forem silenciados, tantas igrejas (sejam as mesmas ou outras) devem ficar desprovidas ou mal providas. E operando Deus ordinariamente por meios, podemos concluir que o silenciamento de tais pregadores tende tão claramente à condenação dos homens quanto a proibição de médicos tende à sua morte, e mais. E não é papel de um amigo, seja de Deus ou dos homens, buscar a condenação de uma única alma, muito menos de multidões, porque um ministro o desagradou. Se um homem deve pagar pelos pecados de outro homem, que seja uma multa pecuniária, ou a perda de um membro, antes do que a perda de sua alma. É mais misericordioso, cada vez que um ministro ofender, cortar uma mão ou um braço de alguém de seu rebanho, do que dizer a ele: "Não lhes ensine mais o caminho da salvação", para que assim sejam condenados. Se um pai ofende, e seus filhos precisam necessariamente pagar por todas as suas faltas, é melhor bater nos filhos, ou mutilá-los, do que proibi-lo de alimentá-los quando não há mais ninguém para fazê-lo, e assim deixá-los morrer de fome. Que razão há para que as almas dos homens fiquem

sem ensino porque um ministro ofendeu? Eu sei que aqueles homens que não se importam com as suas próprias almas, e por isso se importam tão pouco com as dos outros, dirão: "E se o povo tiver apenas um leitor, ou um pregador fraco, ignorante e sem vida? Segue-se daí que o povo deve ser condenado?". Eu respondo: Não; não mais do que se segue que a cidade que não tem senão mulheres como médicas deve morrer de suas doenças, ou que aqueles que vivem apenas de grama ou raízes devem morrer de fome. A natureza pode fazer mais para vencer uma doença sem um médico em um do que em outro. Alguns talvez já estejam convertidos, e têm a lei escrita em seus corações, e são ensinados por Deus, e podem dar um jeito de viver sem um instrutor; mas para os demais, cujas doenças precisam de um médico habilidoso e diligente, cuja ignorância e impenitência necessitam extremamente de um instrutor habilidoso, diligente e vivo, aquele que os priva de tal pessoa toma o rumo provável para condená-los! E é o mesmo rumo que o próprio diabo tomaria; e ele sabe em parte o que tende à condenação dos homens! Aquele que sabe em que situação o mundo pagão, infiel e maometano está por falta de instrutores; e em que situação a igreja grega, os moscovitas, os abissínios, sírios, armênios, papistas e a maioria dos cristãos do mundo estão por falta de pastores capazes, habilidosos e piedosos, porá a mão na boca e não se envolverá mais em tais raciocínios como estes.

Objeção. Mas com este recurso você deixará o clero sem lei ou, como os papistas, os isentará das punições do magistrado, por medo de privar as pessoas de instrução.

Resposta. Nada disso: é o oposto que estou aconselhando; eu gostaria que fossem punidos mais severamente do que outros homens, pois seus pecados são mais agravados do que os de outros homens. Sim, e eu gostaria que fossem silenciados quando for apropriado, e isso em dois casos, a saber: Se cometerem crimes capitais tais que Deus e o homem queiram ver punidos com a morte, é justo que morram (e então são silenciados): pois neste caso supõe-se que suas vidas (pela sua impunidade) provavelmente fariam mais mal do que bem. 2. Se a sua heresia, insuficiência, escândalo ou qualquer falta que seja os tornar mais prejudiciais do que proveitosos para a igreja, é justo que sejam expulsos. Se o seu ministério não for provavelmente apto para fazer mais bem do que as suas faltas para fazer mal, que sejam silenciados! Mas se for de outra forma, então que sejam punidos em seus corpos ou bolsos, em vez de as almas das pessoas sofrerem. As leis têm variedade de penalidades para os outros homens! Nenhuma delas bastará para os ministros?

Mas, infelizmente! O que falo eu de suas faltas? Pesquise toda a história da igreja e observe se em todas as eras os ministros não foram silenciados mais pelos seus deveres do que pelas suas faltas; ou por não subscreverem a alguma opinião ou imposição desnecessária de um partido prevalecente; ou em torno de controvérsias briguentas que os perturbadores da igreja colocam em marcha! Há muitos e muitos pobres ministros que trabalhariam em uma casa de correção, ou seriam amarrados para varrer as ruas o resto da semana, se pudessem ter apenas a liberdade de pregar o evangelho! E não seria tal penalidade suficiente para uma divergência em algum ponto desnecessário? Como não é por qualquer falta que um magistrado é

deposto pelo soberano, mas apenas por aquelas que o tornam inapto para o cargo, assim também é com os ministros.

Direção 18. A malignidade e a profanidade não devem ser agraciadas ou encorajadas. Deve-se considerar como "a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser"; e que a inimizade é colocada entre a semente da mulher e a da serpente; e que todo o negócio do mundo não é senão a continuação da guerra entre os exércitos de Cristo e de Satanás; e que a malignidade inclina o mundo ímpio a caluniar e reprovar os servos do Senhor; e eles se alegram com qualquer oportunidade de torná-los odiosos, ou de exasperar os magistrados contra eles; e que o silenciamento e a queda deles são a alegria dos ímpios. E se houver quaisquer diferenças civis ou partidarismos, a turba ímpia tomará aquele lado, certo ou errado, que eles pensarem que fará mais pela queda dos piedosos, a quem odeiam. Portanto, além dos méritos da causa particular, o governante que preza o interesse do evangelho e a salvação dos homens deve ter algum cuidado para que o curso que toma contra os ministros e o povo piedoso, quando estes o desagradam, seja tal que não fortaleça as mãos dos malfeitores, nem os endureça, aumente ou alegre. Não digo que o governante deva ser contra tudo o que a parte ímpia apoia; ou que deva apoiar o que a maior parte dos homens piedosos apoia (sei que esta é uma regra enganosa). Mas, contudo, aquilo que agrada à turba maligna e desagrada ou prejudica a generalidade dos homens piedosos raramente é agradável a Deus, de modo que é muito de se suspeitar.

Direção 19. A substância da fé e a prática da piedade devem ser valorizadas acima de todas as opiniões, partidos e interesses mundanos; e os homens piedosos considerados, como são (*ceteris paribus* [em igualdade de condições]), os melhores membros tanto da igreja quanto do estado. Se os governantes conhecessem uma vez a diferença entre um santo e um sensualista, "o réprobo seria desprezível aos seus olhos, mas honrariam os que temem ao Senhor", Sl 15:4. E se os honrassem como Deus lhes ordena, não os perseguiriam; e se a promoção da piedade prática fosse o seu desígnio, haveria pouco perigo de oprimirem aqueles que devem ser os instrumentos de propagá-la, se ela alguma vez prosperar no mundo.

Direção 20. Para este fim, lembre-se da relação próxima e querida que cada verdadeiro crente possui com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Eles são chamados por Deus de "Seu tesouro peculiar, suas joias, seus filhos, os membros de Cristo, os templos do Espírito Santo; Deus habita neles pelo amor, e Cristo pela fé, e o Espírito por todos os seus dons santificadores". Se isso fosse bem crido, os homens os reverenciariam mais por causa de Deus do que os perseguiriam sem causa. "Aquele que toca em vós toca na menina do meu olho", Zc 2:8.

Direção 21. Não olhe tanto para as enfermidades dos homens a ponto de negligenciar ou fazer pouco caso de tudo o que há de bom neles. Mas olhe tanto para o bem quanto para o mal; e então você verá razão para a leniência, bem como para a severidade; e para o amor e a ternura, antes do que para o ódio e a perseguição; e discernirá que aqueles podem ser úteis para a igreja em

quem a malícia cega não consegue ver nada digno de honra ou respeito.

Direção 22. Estime e use todas as questões menores como meios para o culto espiritual e a santidade prática. Se houver algo de valor em controvérsias, cerimônias e outras matérias de nível inferior, é na medida em que são um meio para o poder da piedade, que é o seu fim. E se uma vez não forem de outro modo estimadas, não serão utilizadas contra o interesse da piedade, para o silenciamento dos pregadores e perseguição dos que a professam.

Direção 23. Lembre-se de que o entendimento não é livre (salvo apenas de forma participativa, na medida em que está sujeito à vontade). Ele age por si mesmo *per modum naturae* [pelo modo da natureza], e é necessitado pelo seu objeto (além de estar sob o poder da vontade). Um homem não pode manter a opinião que ele mesmo gostaria de ter, nem ser contra o que não gostaria que fosse verdade; muito menos pode crer conforme outro homem lhe ordena. O meu entendimento não está sob o meu próprio comando; não posso ser da crença de cada homem que está no poder. A evidência, e não a força, é o meio natural para compelir a mente; assim como a bondade, e não a força, é o meio natural para conquistar o amor dos homens. É uma atitude tão sábia dizer "Ame-me ou eu o matarei" quanto dizer "Creia em mim ou eu o matarei".

Direção 24. Considere que é essencial para a religião estar acima da autoridade do homem (a menos que este sirva à autoridade de Deus). Aquele que adora um Deus que é sujeito a qualquer homem deve sujeitar a sua religião

a esse homem. (Mas isto não é religião, porque não é Deus a quem ele adora.) Mas se o Deus a quem sirvo está acima de todos os homens, a minha religião ou serviço a ele deve necessariamente estar também acima da vontade dos homens.

Direção 25. Considere que uma disposição obediente em relação à lei de Deus, e uma consciência sensível que teme ofendê-lo na menor questão, é uma parte substancial da santidade e de grande necessidade para a salvação. É parte da excelência da alma, e por isso deve ser grandemente encorajada pelos governantes. Conduzir isso para fora do mundo é conduzir a piedade para fora, e tornar os homens rebeldes contra o seu Criador. E nada é mais certo do que o fato de que a imposição violenta de coisas desnecessárias e discutíveis no culto a Deus tende inevitavelmente a corromper a consciência e desviar os homens de sua obediência a Deus, ou a destruí-los, ou arruiná-los no mundo: pois não é possível que todas as pessoas conscientes discirnam a licitude de todas essas coisas discutíveis.

Direção 26. Lembre-se de que tal violência em assuntos duvidosos é o caminho para estabelecer os ateus mais depravados e, consequentemente, arruinar a igreja e a comunidade. Pois quaisquer juramentos ou subscrições que você exigir, aquele que não crê que existe um Deus ou um diabo, um céu ou um inferno, cederá a tudo, e não fará mais caso de um perjúrio ou de uma mentira do que de comer um pedaço de pão! Se você expulsar todos os ministros que não jurarem ou subscreverem esta ou aquela forma sobre coisas duvidosas, você não expulsará nenhum ateu ou infiel depravado com isso. Todos os que não têm

consciência serão mantidos dentro; e todos os que são fiéis a Deus e à sua consciência, se pensarem que é pecado o que você exige deles, serão expulsos. E para onde isso tende, você pode facilmente prever.

Direção 27. Lembre-se de que se pela força você prevalecer sobre um homem para ir contra a sua consciência, você apenas o fará dissimular e mentir. E se os hipócritas não são odiosos para você, por que você clama tanto contra os hipócritas (onde você não pode provar a sua acusação)? Mas se eles são tão odiosos, por que você com tanta ânsia torna os homens hipócritas? O que quer que as suas línguas digam, você mal pode crer que prisões ou fogo mudarão os julgamentos dos homens em questões de fé e dever para com Deus.

Direção 28. Considere não apenas se a coisa que você impõe é pecado em si mesma, mas também o que ela representa para aquele que a considera um pecado. A sua própria consciência duvidosa pode tornar aquilo um pecado para ele, o que não é pecado para outro. "Mas aquele que tem dúvidas (se tal ou tal carne é lícita) é condenado se come, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado", Rm 14:23. E é provável que seja condenação para aquele que o faz contra a sua consciência? E você conduzirá qualquer homem em direção à condenação? "Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu", Rm 14:15; 1 Co 8:11.

Se for objetado que, assim, não haverá governo se cada homem deve ser deixado à sua própria consciência, eu respondo que o Espírito Santo não temeu tais objetores

quando estabeleceu esta doutrina aqui expressa. 1. É fácil distinguir entre coisas necessárias e coisas desnecessárias. 2. E entre penalidades grandes e pequenas. E primeiro, não se segue que um homem deva ser deixado à sua própria consciência em tudo, porque deve sê-lo em algumas coisas. Em coisas necessárias, assim como é pecado fazê-las com dúvida, assim pode ser um pecado ainda maior deixá-las por fazer (como para um homem sustentar a sua família, ou defender o seu rei, ou ouvir a palavra de Deus, etc.). Aquele que pode dizer: "A minha consciência é contra isso", não deve ser dispensado de um dever necessário; e aquele que pode dizer: "A minha consciência me manda fazer isso", não deve ser desculpado em um pecado. Mas, contudo, o apóstolo sabia o que dizia quando ele (que era um governante da igreja maior do que você) determinou o caso da tolerância mútua, como em Rm 14 e 15 e 1 Co 8. Segundo, ele não é totalmente deixado a si mesmo quando é punido com uma pequena penalidade por uma pequena ofensa; pois se um homem deve ser sempre punido mais, enquanto obedece a Deus e à sua consciência antes dos homens, um homem honesto não deve ter permissão para viver. Pois ele certamente o fará até a morte.

Direção 29. Lembre-se da maravilhosa variedade das compreensões dos homens, que deve ser suposta em todas as leis! Os rostos dos homens mal são mais variados e dessemelhantes do que os seus entendimentos: pois além de a natureza ter diversificado os intelectos bem como os rostos, a diversidade e dessemelhança são muito aumentadas pela variedade de educações, companhia, representações, acidentes, cogitações e muitas outras causas. É mais sábio fazer leis estabelecendo que todos os

homens tomem o mesmo remédio, ou comam apenas a mesma comida, ou que todos os sapatos sejam de um tamanho, e todas as roupas da mesma largura, sob a suposição de que a saúde, ou apetite, ou pés, ou corpos de todos os homens são iguais; do que fazer leis determinando que todos os homens concordem (out digam que concordam) em cada opinião, circunstância ou cerimônia, em matéria de religião.

Direção 30. Lembre-se, especialmente, de que a maioria dos cristãos é ignorante, e de fraco entendimento, e incapaz de fazer uso de todas as distinções e sutilezas que são necessárias para trazê-los ao seu modo de pensar em coisas duvidosas e desnecessárias. Portanto, as leis que serão os meios de paz devem supor esta fraqueza e ignorância da maioria dos súditos! E quão conveniente é dizer a um pobre e ignorante cristão: "Saiba isto, ou professe isto ou aquilo", sobre o qual os próprios pastores piedosos mais capazes não estão de acordo, ou senão você será preso ou banido, deixo para que os homens justos julguem.

Direção 31. Enfermidades humanas devem ser supostas nos melhores e mais fortes cristãos. Todos têm seus erros e suas faltas; os próprios teólogos bem como os outros. Portanto, ou alguns erros e faltas devem ser considerados toleráveis, ou então nenhuma das duas pessoas deve tolerar a outra no mundo, mas matar até que apenas o mais forte sobreviva. "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido em alguma falta, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando para ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis

a lei de Cristo", Gl 6:1-2. E se os fortes devem ser tolerados em si mesmos, "mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a nós mesmos; mas cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação; porque também Cristo não agradou a si mesmo", etc., Rm 15:1-3. "Ora, ao que é fraco na fé acolhei-o, mas não para discutir opiniões", Rm 14:1.

Direção 32. Os pastores não devem ser impacientes sob os abusos que recebem de irmãos fracos ou perturbados. Devemos superar os outros na paciência, e na mansidão, e na tolerância, tanto quanto os superamos no conhecimento e em outras graças. Se a babá ou a mãe tomar cada palavra ou ação da criança como se fosse a injúria de um inimigo, não haverá preservação da família em paz! Se as crianças choram, ou brigam, ou gritam, ou fazem qualquer trabalho sujo ou problemático, a mãe não as expulsará por isso de casa, nem as tratará como estranhas, mas lembrará que é seu lugar e dever suportar aquela fraqueza que ela não pode curar. A impaciência orgulhosa dos pastores frequentemente os trouxe para a culpa da perseguição, para a alienação dos corações do povo, e para a distração e divisão das igrejas: quando pessoas pobres e perturbadas se ofendem com eles, e talvez os insultam, e os chamam de sedutores, ou anticristãos, ou supersticiosos, ou o que o seu orgulho e paixão sugerirem; ou se alguns fracos levantam algumas opiniões errôneas, infelizmente! Muitos pastores não têm mais inteligência, ou graça, ou piedade do que imediatamente serem ásperos com eles, e insultá-los de volta, e buscar fazer-se justiça por vias de força, e rebater cada erro e contenda; quando deveriam vencê-los pela evidência da verdade, e pela mansidão, paciência e amor.

(Embora haja lugar também para a severidade com heréticos turbulentos, implacáveis e impenitentes.)

Direção 33. Tempo de aprendizado e de superação de seus erros deve ser concedido àqueles que estão mal informados. Não devemos expulsar aqueles das classes inferiores da escola de Cristo porque não aprendem tanto quanto os das classes mais altas em poucas semanas ou anos. O Espírito Santo ensina aqueles que, pelo tempo, poderiam ter sido mestres de outros, e contudo tinham necessidade de que se lhes ensinassem novamente os primeiros princípios, Hb 5:11-12. Ele não os expulsa da igreja por sua falta de proficiência. E onde há ignorância, haverá erro.

Direção 34. Algumas inconveniências devem ser esperadas e toleradas, e nenhuma ordem ou concórdia perfeita esperada aqui na terra. Não é um bom raciocínio dizer: "Se tolerarmos estes homens, eles causarão esta ou aquela desordem ou inconveniência"; mas você deve também considerar para onde deve conduzir isso, se não os tolerar; e quais serão as consequências. Aquele que seguirá a sua consciência até a prisão, provavelmente a seguirá até a morte. e se nada além da morte, ou prisão, ou banimento puder contê-los daquilo que consideram seu dever, deve-se considerar quantos devem ser tratados assim; e se (caso fossem verdadeiramente culpados) merecem tanto; e se merecem, contudo, se os males da tolerância ou da punição parecem ser os maiores. A paz e a concórdia nunca serão perfeitas até que o conhecimento e a santidade sejam perfeitos.

Direção 35. Você pode ir mais longe em restringir do que em constranger; em proibir os homens de pregar contra doutrinas ou práticas aprovadas da igreja, do que em forçá-los a pregar a favor delas, ou a subscrever ou falar a sua aprovação ou consentimento: se não forem pontos ou práticas de grande necessidade, um homem pode ser apto para o ministério e para a comunhão da igreja não se envolvendo com eles, mas pregando as verdades saudáveis do evangelho e deixando-os em paz. E, porque nenhum dever é em todos os momentos um dever, o julgamento de um homem sóbrio lhe permitirá calar-se diante de muitos erros, quando ele não ousa subscrever ou aprovar o menor deles. Mas se aqui quaisquer pastores orgulhosos e cruéis intervierem com suas inconveniências menores e egoístas, e disserem: "Se eles não aprovarem o que dizemos e fazemos, secretamente fomentarão uma facção contra nós"; eu lhes responderia que, assim como os homens bons não fomentarão nenhuma facção, assim também se tais homens orgulhosos, impacientes e turbulentos não tolerarem ninguém que não subscreva a todas as suas opiniões, ou que difira deles em uma circunstância ou cerimônia, eles levantarão uma facção maior (se quiserem chamá-la assim) contra si mesmos, e farão o povo olhá-los como tiranos e não como pastores; e verão no final, quando tiverem comprado a sua inteligência por uma experiência cara, que apenas despedaçaram a igreja ao prevenir divisões por meios carnais, e que se perderam por serem excessivamente zelosos por si mesmos; e que a doutrina e o amor são os instrumentos de um pastor sábio, que ama o rebanho e entende o seu trabalho.

Direção 36. Distinga entre fazer novas leis ou artigos de crença e punir os homens pelas leis já feitas. E não pense

que devemos ter novas leis ou cânones cada vez que os antigos são quebrados; ou que qualquer lei possa ser feita de modo que possa se guardar de ser quebrada. A perversidade neste erro trouxe a igreja à miséria que ela suporta. Deus fez uma lei universal suficiente para a igreja universal em matéria de fé e prática santa; deixando aos homens determinar as circunstâncias necessárias que eram inadequadas para uma lei universal: e se a suficiência da lei de Deus fosse reconhecida nas práticas dos homens, as igrejas teriam tido mais paz: mas quando países particulares têm seus volumes particulares de artigos, confissões, liturgias e não sei mais o que para ser subscrito, e ninguém deve pregar a menos que diga, ou escreva, ou jure que crê ser tudo isso verdadeiro e bom, e nada nele contrário à palavra de Deus, este instrumento estica os membros das igrejas até despedaçá-los. E qual é, então, o pretexto para esta calamidade epidêmica? Ora, nada melhor do que isto: "Cada herético subscreverá às Escrituras e as tomará em seu próprio sentido". E o que se segue? Devemos, por isso, necessariamente ter novas leis que os heréticos não subscreverão, ou que não possam quebrar? É o elogio da lei de Deus, como apta para ser o meio de unidade, que todos concordem tão facilmente com ela em termos e, portanto, concordariam no sentido se o entendessem. Mas não farão o mesmo com as leis dos homens: todos ou muitos heréticos nos tempos primitivos professavam assentimento ao credo da igreja; sem dúvida em um sentido corrupto e privado; mas as igrejas, por isso, não faziam novos credos; até que, cerca de trezentos anos depois de Cristo, começaram a colocar algumas palavras particulares para obviar os heréticos, o que Hilário lamentou como a causa de todas as suas divisões! E se os

heréticos subscreverem a tudo o que você lhes ordenar, e tomarem em seu próprio sentido corrompido? Deve você, por isso, estar sempre fazendo novas leis e artigos, até encontrar algum que eles não possam entender mal, ou não ousem abusar assim? E se os homens interpretarem mal e quebrarem as leis da terra? Devem ser feitas novas leis até que ninguém possa interpretá-las mal ou violá-las? Certamente há um caminho mais sábio do que este: a palavra de Deus contém, em expressões suficientes, tudo o que é necessário subscrever; não exija de ninguém, portanto, subscrever a nada mais (em matéria de fé ou de prática santa); mas se você pensa que quaisquer artigos precisam de uma interpretação especial, que a igreja dê o seu sentido a esses artigos; e se algum homem pregar contra esse sentido, e corromper a palavra de Deus que subscreveu, que a sua falta seja provada, e que ele seja admoestado e censurado como merece: censurado, digo, não por não subscrever mais do que a Escritura, mas por corromper as Escrituras que ele subscreveu, ou quebrar as leis de Deus que prometeu observar.

Direção 37. O bem dos homens, e não a sua ruína, deve ser o objetivo de toda a disciplina da igreja: ou o bem da igreja, quando tivermos pouca esperança no bem deles. Se isso fosse feito, perceber-se-ia facilmente que a perseguição é um meio improvável de se fazer o bem.

Direção 38. Nem a liberdade ilimitada em matérias de religião deve ser permitida, nem a força e o rigor desnecessários devem ser usados, mas as diferenças e os partidos toleráveis devem ser tolerados, e os intoleráveis suprimidos pelos meios mais sábios. E para este fim, pelo conselho dos teólogos mais prudentes e pacíficos, o

tolerável e o intolerável devem ser distinguidos de forma declarada! E aqueles que são apenas tolerados devem estar sob uma lei para a sua tolerância, prescrevendo-lhes os seus termos de boa conduta; e aqueles que são aprovados devem, além disso, ter o apoio e o sustento do magistrado: e se isso fosse feito, 1. A vantagem do referido encorajamento dos governantes, 2. Juntamente com a regulamentação da tolerância, e o governo cuidadoso do magistrado sobre os tolerados, evitaria tanto a perseguição quanto a maioria das divisões e calamidades da igreja. Assim fizeram os antigos imperadores e bispos cristãos (e a experiência deles não foi nada?). Aos novicianos (como homens bons e ortodoxos) foi permitido ter suas próprias igrejas e bispos até mesmo em Constantinopla, bem diante do nariz do imperador. Especialmente se for atribuído ao trabalho de alguns juízes: 1. Julgar quais pessoas devem ser toleradas e conceder-lhes patentes, 2. E governá-las e puni-las quando merecerem: nenhuma outra forma evitaria tantas inconveniências.

Direção 39. As coisas intoleráveis são estas duas: 1. (Não o crer, mas) o pregar e propagar princípios contrários aos fundamentos da piedade ou do cristianismo, ou do governo, da justiça, da caridade ou da paz. 2. A gestão turbulenta e conflituosa daquelas opiniões que em si mesmas são toleráveis. Se alguém quiser pregar contra os artigos do credo, as petições da Oração do Senhor ou qualquer um dos dez mandamentos, tal pessoa não deve ser tolerada; e se alguns que são ortodoxos fizerem, em suas reuniões separadas, com que o seu trabalho seja difamar os outros e destruir a caridade dos homens, ou incitar os homens à rebelião ou sedição, ou ao desprezo da magistratura; nada disso deve ser suportado.

Quanto àqueles libertinos que, sob o nome de liberdade de consciência, pleiteiam uma liberdade para tais práticas viciosas e, para tanto, gostariam de provar que o magistrado nada tem a ver com matérias de religião, eu preguei e escrevi tanto contra eles, enquanto esse erro reinava, e acho tão inoportuno agora que a constituição das coisas aponta para outro lado, que não vou me cansar e ao leitor com uma tarefa tão desnecessária quanto confutá-los. Apenas direi que Rm 13 nos diz que os governantes são um terror para os que fazem o mal; e que os heréticos e os propagadores turbulentos de discórdias fazem o mal; portanto, os governantes devem ser um terror para eles; e que se todas as coisas devem ser feitas para a glória de Deus, e o seu interesse deve ser colocado no ponto mais alto do mundo, então os magistrados e o governo existem para o mesmo fim; e se nenhuma ação que realizamos é de natureza tão baixa que se limite em última análise aos interesses da carne, muito menos o governo é uma coisa tão vil, quando os governantes são chamados de deuses nas Escrituras, por serem oficiais de Deus.

Direção 40. Lembre-se da morte e vivam juntos como homens que estão perto de morrer, e que devem viver juntos em outro mundo. A tola expectativa de prosperidade e vida longa é o que coloca os homens em conflito mútuo. Quando Ridley e Hooper estavam ambos na prisão e se preparando para as chamas, suas contendas logo terminaram, e Ridley se arrependeu de seu caminho perseguidor. Se os perseguidores e os perseguidos fossem trancados juntos em uma casa que estivesse com a peste, no tempo desta lamentável contaminação, seria de dois para um que se reconciliariam. Quando os homens veem

que estão indo para outro mundo, isso tira o fio de sua amargura e violência; e as apreensões do justo julgamento de Deus os contêm em uma paciência e tolerância mútua. Você pode perseguir na terra aquele homem com quem espera habitar no céu? (Mas conter um homem de condenar almas, por heresia ou turbulência, ou qualquer curso semelhante, a minha consciência não me proibiria se eu estivesse morrendo).

Direção 41. Que os próprios orgulhosos, que não darão atenção a motivos mais elevados, lembrem-se de como a fama e a história os representarão para a posteridade quando estiverem mortos. Não há homem que deseje que o seu nome seja fétido e odioso para as gerações futuras: não há nada que um homem ambicioso deseje mais do que um grande nome sobrevivente. E você irá, consciente e deliberadamente, expô-lo ao desprezo e ódio perpétuos? Leia a história que preferir e procure o nome de um perseguidor, se puder, que não seja agora uma palavra de ignomínia, e que não apodreça, como Deus ameaçou! Se você disser que é apenas na estima de pessoas como eu ou do partido perseguido; nem a sua opinião será juíza nem a minha; mas sim a opinião e a linguagem dos historiadores, e dos homens mais sábios, que são os senhores da fama. Certamente o relato da Sagrada Escritura e da história que prevaleceu continuará a prevalecer; e enquanto houver homens sábios, bons e misericordiosos no mundo, os nomes e os costumes dos tolos, dos ímpios e dos cruéis serão odiosos, como continuam a ser até o dia de hoje.

Escrevi estas direções para cumprir o meu dever, para aqueles que estão dispostos a escapar da culpa de um pecado tão desesperado; mas de modo algum com a

expectativa de que isso faça muito bem a um número considerável de perseguidores; pois eles não lerão coisas como estas; e Deus raramente entrega cristãos professos a este pecado até que tenham cegado muito gravemente as suas mentes e endurecido os seus corações, e pela malignidade e obstinação estejam preparados para os seus julgamentos mais severos; e eu sei que todo aquele que quer viver piedosamente em Cristo Jesus (não se diz "quem professa crer em Cristo Jesus", mas "viver piedosamente") sofrerá perseguição, e que a cruz deve continuar a ser a passagem para a coroa.

CAPÍTULO 12
DIREÇÕES CONTRA O ESCÂNDALO COMO ALGO QUE SE PROVOCA

Sendo o escândalo um assassinato de almas, é uma violação da lei geral da caridade e do sexto mandamento em particular. Ao tratar deste assunto, eu irei: 1. Mostrar o que é o verdadeiro escândalo provocado a outrem. 2. Quais coisas passam sob o nome de escândalo sem o ser, sendo falsamente chamadas assim. 3. Quais são as formas e tipos particulares de escândalo. 4. A grandeza deste pecado. 5. Direções para evitá-lo.

O escândalo: o que é.

1. Não precisarei me deter na etimologia da palavra escândalo; se ela vem de *skazo* [mancar], como pensava Erasmo, ou de *skambon* [curvo], etc., conforme Martinius, Stephanus, Lyserus, etc., que já o

fizeram suficientemente, para onde os remeto. Quanto ao sentido da palavra, está além de dúvida que o uso comum dela nas Escrituras é para uma pedra de tropeço para um homem cair, ou uma armadilha para prender um homem; e no Antigo Testamento é frequentemente usada para uma pedra de tropeço na qual um homem pode cair em qualquer calamidade corporal, ou uma cilada para ferir ou arruinar um homem no mundo (como Êx 10:7; 1 Sm 18:21; 25:31; Sl 119:165; Ez 7:19, na Septuaginta). Mas no Novo Testamento (que fala mais de danos espirituais), ela é tomada por uma pedra de tropeço ou tentação pela qual um homem corre o risco de cair em pecado, ou perda espiritual, ou ruína, ou aversão à piedade, ou de qualquer modo ser desviado de Deus, ou impedido em um caminho religioso e santo (e se às vezes é tomado por entristecer ou perturbar, é na medida em que isso impede ou enreda); de modo que escandalizar é às vezes tomado pelo ato de realizar uma ação irrepreensível da qual outro injustamente toma ocasião para cair, ou pecar, ou ser pervertido: mas quando significa um pecado (como tomamos neste lugar), então escandalizar é, por meio de algo ilícito em si mesmo, ou pelo menos desnecessário, o que pode ocasionar o dano ou ruína espiritual de outrem. 1. A matéria é ou algo que é simplesmente pecaminoso (e então é um pecado duplo), ou algo indiferente ou desnecessário, e então é simplesmente o pecado de escândalo. 2. Deve ser aquilo que pode ocasionar a queda de outrem, digo, ocasionar; pois nenhum homem pode forçar outro a pecar, mas apenas

ocasionar isso, ou tentá-lo a isso, como uma causa moral.

O que não é escândalo, que por muitos é assim chamado.

2. Por isso você pode ver: 1. Que escandalizar não é meramente desagradar ou entristecer a outrem; pois muitos homens ficam desagradados, por sua tolice e vício, por aquilo que tende ao seu bem; e muitos homens são tentados (isto é, escandalizados) por aquilo que os agrada; quando Cristo diz: "Se o teu olho direito ou a tua mão te escandaliza, arranca-o ou corta-o", etc., Mt 5, ele não quer dizer, ao escandalizar, desagradar ou entristecer; pois ao escandalizar assim isso pode nos aproveitar; mas ele quer dizer claramente: se isso te atrai ao pecado; ou então ele nunca teria acrescentado: "Porque te é melhor entrar na vida manco do que, tendo dois olhos ou duas mãos, ser lançado no inferno!". Isto é, em uma palavra: a sua condenação é um dano maior do que a perda de uma mão ou de um olho, e por isso, se não houvesse outro caminho para evitá-la, este seria um caminho muito barato. Assim, *pedem offendere in lapidem* [tropeçar com o pé em uma pedra] é tropeçar em uma pedra. O tipo de homem mais censor e temperamental adquiriu a noção de que tudo o que os ofende ou descontenta é escandaloso! E eles pensam que nenhum homem deve fazer qualquer coisa que os entristeça ou descontente, para não ser culpado de escândalo; e por este artifício, quem conseguir adquirir impaciência e irritabilidade suficientes para estar sempre descontente com as ações dos outros governará o mundo. Mas a verdade é que a

forma comum de escandalizar estes homens é agradando-os.

Darei um exemplo de escândalo nas Escrituras que pode ajudar este tipo de pessoa a entendê-lo melhor: Gl 2:10-16. Pedro ali dá um verdadeiro escândalo aos judeus e gentios; ele não andava retamente conforme a verdade do evangelho, mas colocou uma pedra de tropeço diante dos judeus e gentios; e isso não foi por desagradar os judeus, mas por agradá-los. Os judeus pensavam que era pecado comer com os gentios e ter comunhão com homens incircuncisos. Pedro sabia o contrário, mas, por medo dos que eram da circuncisão, para que não se escandalizassem com ele como pecador, ele "se retirou e se separou". Este escândalo tendeu a endurecer os judeus em sua separação pecaminosa e a seduzir os gentios a uma concepção de necessidade da circuncisão; e Barnabé foi levado pela dissimulação. Aqui você pode ver que, se alguém pensa que é pecado para nós ter comunhão em tais ou tais congregações, com tais pessoas, em tal culto, do qual Deus não nos permite nos separar, é um pecado de escândalo em nós nos separarmos para evitar a ofensa desses homens. Nós os escandalizamos e a outros, inclusive agradando-os, e evitando aquilo que eles falsamente chamavam de escandaloso. E se não quisermos escandalizá-los, devemos fazer o que é justo, e não ocultar por nossa prática a sã doutrina que é contrária ao seu erro separador.

3. E é igualmente aparente que escandalizar a outrem não é (como vulgarmente imaginam os ignorantes) fazer aquilo que é comumente reputado pecaminoso, ou que

tem a aparência de pecado, ou que fará com que um homem seja mal considerado ou mal falado por outros; no entanto, comumente, quando os homens dizem: "Esta é uma ação escandalosa", eles querem dizer que é uma ação que é vergonhosa ou de má fama como um pecado. E por isso, em nossa língua, é comum dizer de quem calunia outrem que ele levantou um escândalo sobre ele. Mas este não é o significado da palavra nas Escrituras: materialmente, de fato, o escândalo pode consistir em qualquer coisa que possa ser uma pedra de tropeço para outrem; mas formalmente é o tentar outrem, ou ocasionar a sua queda, ou ruína, ou dano, que é a natureza do escandalizar. E isto é feito mais raramente cometendo pecados abertos e vergonhosos, e fazendo aquilo que fará com que o praticante seja mal falado; pois por esse meio os outros são mais auxiliados contra a tentação de imitá-lo; mas o escândalo é mais comumente encontrado naquelas ações que estão sob menor reprovação entre os homens, ou que têm a aparência mais plausível de bem nelas, quando são más! Pois estas são mais aptas para enganar e derrubar outrem.

4. E é também aparente que não é nenhum escandalizar pecaminoso fazer um dever ou ação necessária que não tenho o poder de deixar de fazer, embora saiba que outro se ofenderá ou cairá por ela em pecado. Se Deus tornou isso o meu dever, mesmo neste momento, não devo desobedecer-lhe e omitir o meu dever porque outro fará disso uma ocasião de seu pecado. Deve ser uma ação pecaminosa ou indiferente para ser escândalo, ou algo que está em meu poder fazer ou deixar de fazer; contudo, deve-se acrescentar que, não

obrigando os preceitos afirmativos para sempre, para todos os momentos, e nenhum dever sendo um dever a cada instante, pode muitas vezes acontecer que aquilo que de outro modo teria sido o meu dever neste momento possa tornar-se neste momento não um dever, mas um pecado, pelas consequências más que posso prever, como se outro homem fizer disso uma ocasião de sua queda. De modo que isto pode me obrigar a adiar um dever para um momento e lugar mais adequados. Pois todos os deveres que têm a natureza de um meio nunca são deveres quando contrariam o interesse de seus fins principais e agem contra aquilo que são usados para realizar. E por isso aqui a prudência cristã, prevendo as consequências e pesando o bem e o mal juntos, é necessária para aquele que deseja distinguir um dever de um pecado, e um escândalo de um não escândalo.

Os tipos de escandalização.

5. As diversas formas de escandalizar são as seguintes: 1. O escândalo é pretendido ou não pretendido, ou seja, aquilo que é feito maliciosamente de propósito, ou aquilo que é feito por negligência, descuido ou desprezo. Alguns homens planejam propositalmente a queda ou ruína de outrem; e esta é uma agravação diabólica do pecado: e alguns causam dano a outros sem a intenção de fazê-lo; contudo, isto está longe de desculpá-los do pecado; pois é voluntário como uma omissão da vontade, embora não como sua escolha positiva: chama-se voluntário aquilo que é imputável à vontade, ou do qual ela é culpável; e ela é imputável por suas omissões e negligências preguiçosas do dever que

deveria fazer. Aqueles que não se importam com a consequência de suas ações, e desprezam as almas dos outros homens, e seguem seu próprio caminho, venha o que vier, e dizem: "Que os outros homens cuidem de si mesmos", são o tipo mais comum de escandalizadores; e são tão culpáveis quanto um servo que deixasse água quente ou fogo perto de onde as crianças correm o risco de cair; ou que deixasse palha ou pólvora perto do fogo, ou que deixasse as portas abertas, embora sem o propósito de deixar entrar os ladrões.

6. O escândalo é aquilo que tende à queda de outrem, seja direta ou indiretamente, imediata ou remotamente. O primeiro pode ser facilmente previsto; mas o último requer uma compreensão ampla de previsão e comparação; contudo, este tipo de escândalo também deve ser evitado; e os homens sábios, que não gostariam de arruinar as almas dos homens enquanto pensam não fazer mal, devem olhar muito à frente, e prever o que provavelmente será a consequência de suas ações à maior distância e em muitos desdobramentos.

7. Os escândalos também são aptitudinais ou reais: muitas coisas são aptas a tentar e ocasionar a ruína de outrem, as quais, contudo, nunca atingem um fim tão mau porque Deus as frustra; mas isso não é mérito daqueles que dão o escândalo.

8. O escândalo, quanto aos seus meios, é de vários tipos. 1. Pela doutrina. 2. Pela persuasão. 3. Por promessas atraentes. 4. Por ameaças. 5. Pela violência. 6. Por

presentes. 7. Pelo exemplo. 8. Pela omissão de deveres e pelo silêncio: por todas estas formas você pode escandalizar.

9. A falsa doutrina é diretamente escandalosa; pois seduz o julgamento, que então orienta mal a vontade, que por sua vez governa mal o restante das faculdades. A falsa doutrina, se estiver em pontos práticos e importantes, é a praga perniciosa das almas e das nações.

10. Também as solicitações de sedutores e de pessoas que tentam são escandalosas e tendem à ruína das almas; quando as pessoas não têm razão para atrair um homem ao pecado, elas o cansam por meio de importunação tediosa. E muitos cedem à insistência, ou importunação, ou tédio de uma persuasão, que facilmente a resistiriam se ela viesse apenas com pretexto de razão.

11. Promessas atraentes de algum ganho ou prazer que virá pelo pecado é outro escândalo que causa a queda de muitos. O curso que Satanás tentou com Cristo, "Tudo isto te darei", foi o mesmo que ele considerou mais bem-sucedido com os pecadores no mundo. Esta é uma isca que os próprios pecadores buscarão se não lhes for oferecida. Judas irá aos fariseus com um "O que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?". Pedro diz dos heréticos escandalosos de seu tempo: "Enganam com as concupiscências da carne, com dissoluções, aos que verdadeiramente se tinham escapado dos que andam em erro, prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção", 2 Pe 2:18-19.

12. Ameaças e escárnios também são escândalos que assustam as almas incrédulas para o pecado. Assim Rabsaqué pensou em prevalecer contra Ezequias. Assim Nabucodonosor, Dn 3, pensou em ter atraído aqueles três homens dignos à idolatria. Assim os fariseus pensaram em ter assustado os apóstolos para que não pregassem mais no nome de Cristo, At 4:17, 21. Assim Saulo pensou em ter pervertido os discípulos, respirando ameaças contra eles, At 9:1.

13. E o que as palavras não fazem, os ímpios pensam em fazer pela força; e isso os enfurece, que alguém resista às suas vontades e que a sua força seja pacientemente suportada. Que tormentos cruéis, que tipos variados de graves sofrimentos o diabo e seus instrumentos conceberam para serem pedras de tropeço para os fracos, para assustá-los para o pecado!

14. Presentes também cegaram os olhos de alguns que pareciam sábios: "Como a opressão faz enlouquecer o sábio, assim o suborno corrompe o coração", Ec 7:7. Que escândalos as preferências provaram ser para o mundo, e quantos arruinaram! Poucos são capazes de considerar o vitupério de Cristo como maiores riquezas do que os tesouros do mundo.

15. E os maus exemplos são o tipo mais comum de escândalo: não na medida em que ofendem, ou entristecem, ou são aparentemente pecaminosos; mas na medida em que parecem bons e, portanto, são tentações para os fracos os imitarem. Tão aptos são os homens à imitação, especialmente no mal, que farão o que veem outro fazer, sem examinar se é justificável ou

não. Especialmente se for o exemplo de homens importantes, ou de homens instruídos, ou de homens reputados como eminentemente piedosos, ou de uma multidão; qualquer um destes o povo é apto a imitar: esta, portanto, é a forma comum de escândalo. Quando as pessoas fazem o que é mau como se fosse bom, e assim atraem os ignorantes a pensar que é bom, e assim os imitam. Ou então quando fazem o que é lícito em si mesmo de tal maneira que tende a enganar a outrem, e atraí-lo àquilo que é de fato ilícito; ou a impedi-lo em qualquer coisa que seja boa.

16. Por fim, até mesmo o silêncio e as omissões também podem ser escandalosos, e atrair outrem ao erro e ao pecado. Se pelo silêncio você parece consentir com a falsa doutrina, ou com obras ímpias, quando tem oportunidade de contestá-las, por este meio você atrai outros a consentirem também com o pecado: ou se você omite aqueles deveres públicos ou privados dos quais outros podem ser testemunhas, você os tenta à mesma omissão, e a pensarem que não são deveres, mas coisas indiferentes: pois no mal eles facilmente se apoiarão no seu julgamento e dirão que você é mais sábio do que eles; mas não são tão maleáveis e flexíveis para o bem.

17. Os escândalos também são distinguíveis pelos efeitos, que são como os que se seguem:

18. Alguns escândalos tentam os homens à infidelidade real, e a negar ou duvidar da verdade do evangelho.

19. Alguns escândalos atrairiam os homens apenas para algum erro particular, e para longe de alguma verdade particular, enquanto mantêm o resto.

20. Alguns escândalos atraem os homens a não gostarem e a terem aversão ao caminho da piedade; e alguns a não gostarem dos servos de Deus.

21. Alguns escândalos tendem a confundir os homens e a trazê-los a incertezas totais na religião.

22. Alguns tendem a aterrorizar os homens para longe do caminho da piedade.

23. Alguns apenas os detêm por um tempo, e os desanimam ou impedem em seu caminho.

24. Alguns tendem a atraí-los a algum pecado particular.

25. E alguns a afastá-los de algum dever particular.

26. E alguns tendem a quebrar e enfraquecer seus espíritos, pela dor ou perplexidade da mente.

27. E como a palavra é tomada no Antigo Testamento, as armadilhas que homens maliciosos armam para enredar os outros em suas vidas, ou liberdades, ou bens, ou nomes, são chamadas de escândalos. E por todas estas formas um homem pode pecar ao escandalizar a outrem.

E para que você possa ver que o escândalo proibido no Novo Testamento é sempre desta natureza, tomemos nota dos textos particulares onde a palavra é usada. E primeiro, escandalizar é usado ativamente nestes seguintes textos: em Mt 5 antes citado, e nos outros evangelistas citando as mesmas palavras, o sentido é claro; que o escandalizar de uma mão ou de um olho não é desagradar, nem buscar má reputação; mas impedir a nossa salvação atraindo-nos ao pecado. Assim em Mt 18:8; e Mc 9:42-43, onde o sentido é

o mesmo. Em Mt 17:27, "Para que os não escandalizemos", etc., não é apenas para que não os desagrademos, mas para que não lhes demos ocasião de desgostar da religião, ou pensar mal do evangelho, e assim colocar uma pedra de tropeço para o perigo de suas almas. Assim Mt 18:6, e Mc 9: "Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos que creem em mim", etc., isto é, não quem os desagradar, mas quem por ameaças, perseguições, crueldades ou qualquer outro meio tentar desviá-los da fé de Cristo, ou detê-los em seu caminho para o céu, ou impedi-los em uma vida santa: embora estes dois textos pareçam mais próximos do sentido negado, contudo esse não é, de fato, o seu significado. Assim em Jo 6:61, "Isto escandaliza-vos?" isto é, isso parece incrível para vocês, ou difícil de crer, ou digerir? Isso impede a sua fé e faz com que vocês desgostem de minha doutrina? Assim 1 Co 8:13, "Se a comida escandalizar o meu irmão"; nossos tradutores verteram como: "Se a comida servir de tropeço para o meu irmão". Assim, não era apenas desagradá-lo, mas tentá-lo ao pecado, que é o escandalizar aqui reprovado.

Veja também os locais onde a palavra escândalo é usada. Mt 13:41, *Panta ta skandala* [todos os escândalos], traduzido como "Tudo o que serve de tropeço", não significa tudo o que é desagradável; mas todas as tentações para o pecado, e impedimentos ou pedras de tropeço que teriam detido os homens nos caminhos para o céu. Assim em Mt 16:23 (um texto tanto quanto qualquer outro próximo ao sentido negado; contudo, de fato), "Tu és para mim escândalo" (traduzido como pedra de tropeço), não significa apenas "Tu me desagradas", mas "Tu tentas me impedir em meu ofício assumido, de sofrer pela redenção do mundo"; era um escândalo aptidional, embora não

eficaz. Assim Mt 18:7, "É inevitável que venham escândalos" (traduzido como tropeços), isto é, que haja muitas pedras de tropeço colocadas diante dos homens em seu caminho para o céu. Assim Lc 17:1, no mesmo sentido. E Rm 9:33, "Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo" (traduzido como escândalo), isto é, tal que não será apenas desagradável, mas uma ocasião de ruína total para os judeus incrédulos e perseguidores; conforme aquilo de Simeão, Lc 2:34, "Este menino foi posto para queda e elevação de muitos em Israel". Rm 11:9, "Torne-se-lhes a sua mesa em laço, e em armadilha, e em tropeço". A palavra grega *eis skandalon* não significa apenas um desagrado, mas uma ocasião de ruína. Assim Rm 14:13 expõe a si mesmo: "Que não ponhais tropeço ou escândalo no caminho do irmão". A palavra grega é, ou um escândalo. Esta é a justa exposição da palavra em seu uso comum no Novo Testamento. Assim Rm 16:17, "Notais os que promovem dissensões e escândalos" (traduzido como escândalos), isto é, que colocam pedras de tropeço no caminho dos cristãos, e os perturbariam nele, ou os desviariam dele. Assim 1 Co 1:23, "Para os judeus é escândalo", isto é, um escândalo (como é a palavra grega), conforme exposto antes. Assim Gl 5:11, "O escândalo da cruz", traduzido como o escândalo, significa não o mero vitupério, mas o vitupério como ele é a provação e pedra de tropeço do mundo, que torna o crer difícil. Assim 1 Jo 2:10, "Nele não há escândalo", traduzido como nenhuma ocasião de tropeço. Estes são todos os locais de que me lembro onde a palavra é usada.

O verbo passivo *skandalizomai*, ser escandalizado, é frequentemente usado. Como Mt 11:6, "Bem-aventurado é

aquele que não se escandalizar" (traduzido como não se escandalizar em mim), isto é, que não se desgostar com a minha pessoa e doutrina por meio de preconceitos carnais; e assim mantido na incredulidade: havia muitas coisas na pessoa, vida e doutrina de Cristo que eram inadequadas para a razão e expectativa carnais. Estes homens consideravam-nas difíceis e estranhas, e não as podiam digerir, e por isso eram impedidos por elas de crer: e isto era ser escandalizado em Cristo. Assim em Mt 13:57, e Mc 6:3, "Escandalizavam-se nele ou por causa dele"; isto é, tomavam aversão ou desgosto dele por suas palavras. E Mt 13:21, "E, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza"; isto é, tropeçam e caem; e Mt 15:12, "Os fariseus escandalizaram-se" (ou foram escandalizados), isto é, de tal modo ofendidos que ficaram com mais aversão a Cristo. E Mt 24:10, "Nesse tempo muitos serão escandalizados" (ou se escandalizarão), isto é, recuarão e se desviarão de Cristo. E Mt 26:31, 33; Mc 14:27, 29, "Todos vós vos escandalizareis por minha causa", etc. "Ainda que todos se escandalizem (ou sejam escandalizados), eu nunca me escandalizarei"; isto é, levado a duvidar de Cristo, ou a abandoná-lo, ou a negá-lo, ou a ser impedido de assumir sua relação com ele. Assim Jo 16:1, "Tenho-vos dito estas coisas para que vos não escandalizeis"; isto é, para que, quando chegar o momento, a aflição inesperada não o surpreenda tanto a ponto de desviá-lo da fé, ou fazê-lo hesitar em sua obediência ou esperança. Rm 14:21 expõe exatamente isso: "É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa em que teu irmão tropece, ou se escandalize (ou se ofenda), ou se enfraqueça": é um tornar fraco. Assim 2 Co 11:29, "Quem se escandaliza"; isto é,

tropeça, ou é impedido, ou está pronto a apostatar. Isto quanto à natureza e aos tipos de escândalo.

Você deve observar agora as agravações deste pecado. Que resumidamente são estas:

1. O escândalo é um assassinato de almas; é um impedimento à salvação dos homens, e um atrai-los ou conduzi-los em direção ao inferno. E, portanto, em alguns aspectos, pior do que o homicídio, na medida em que a alma é melhor do que o corpo.

2. O escândalo é uma luta contra Jesus Cristo na sua obra de salvação do homem. "Ele veio buscar e salvar o que se havia perdido"; e o escandalizador busca perder e destruir aquilo que Cristo gostaria de buscar e salvar.

3. O escândalo rouba de Deus os corações e o serviço de suas criaturas; pois gera nelas uma aversão ao seu povo, à sua palavra, aos seus caminhos e a ele mesmo: e desvia dele os corações daqueles que deveriam aderir a ele.

4. O escândalo é um serviço ao diabo, em sua obra própria de inimizade contra Cristo e de perdição de almas; os escandalizadores fazem a obra dele no mundo e propagam a sua causa e o seu reino.

Os meios para evitar a culpa do escândalo são os seguintes.

Direção 1. Não confunda (como a maioria) a natureza do escândalo, como se ela consistisse em ofender os homens, o que não é nada mais do que entristecê-los ou desagradá-los; ou em fazer-se de má fama; mas lembre-se de que o escândalo é aquela ofensa aos homens que os tenta ao pecado, afastando-os de Deus e da piedade, e os faz tropeçar e cair, ou os leva a pensar mal de uma vida santa. É uma coisa lamentável ouvir pessoas religiosas defenderem o pecado de agradar aos homens sob o nome de evitar o escândalo; sim, ouvi-las estabelecer um domínio usurpado sobre as vidas de outros homens, e tudo pela vantagem da palavra escândalo mal compreendida. De modo que todos os homens devem evitar tudo o que uma pessoa censora chamar de escandaloso, quando ela própria não quer dizer outra coisa por escândalo senão uma coisa que é de má fama com pessoas como ela. Sim, o próprio orgulho é frequentemente defendido por esse mal-entendido do escândalo; e os homens são ensinados a valorizar excessivamente suas reputações, e a forçar suas consciências para manter a sua estima, e tudo sob o pretexto de evitar o escândalo; e, enquanto isso, são realmente escandalosos, mesmo naquela ação pela qual pensam que o estão evitando. Não preciso de outro exemplo senão o caso da separação injustificável. Alguns não manterão comunhão com ninguém além dos rebatizados; alguns pensam que uma liturgia imposta é suficiente para provar que a comunhão com tal igreja é ilícita (pelo menos no uso dela); e quase toda seita faz de suas diferenças uma razão para se separar de outras igrejas. E se alguém deseja manter comunhão com aqueles de quem eles se separam, dizem imediatamente que é escandaloso agir assim, e unir-se em qualquer culto que

considerem ilícito: e por escândalo não querem dizer mais do que o fato de ser, entre eles, de má fama, e ofensivo ou desagradável para eles. Ao passo que, na verdade, o argumento do escândalo deveria mover os homens a praticarem tal comunhão, a qual homens errôneos, sem caridade e divisores consideram ilícita. Pois de outro modo, ao evitar essa comunhão, colocarei uma pedra de tropeço no caminho do fraco; irei tentá-lo a pensar que um dever é um pecado, enfraquecerei a sua caridade, e o atrairei para uma separação pecaminosa, ou para a negligência de algumas ordenanças de Deus, ou de oportunidades de obter o bem. E é esta tentação que é, de fato, o escândalo. Isto já foi provado antes no exemplo de Pedro, Gl 2, que escandalizou ou endureceu os judeus ao ceder a uma separação pecaminosa dos gentios, temendo a censura dos judeus, a quem buscava agradar; e cuja ofensa estava evitando, quando na verdade os ofendeu, isto é, foi um escândalo, ou tentação para eles.

Direção 2. Aquele que deseja escapar da culpa do escândalo não deve ser um desprezador das almas dos outros, mas deve ser verdadeiramente caridoso e ter um amor terno pelas almas. Aquilo que um homem valoriza altamente e ama ternamente, ele terá o cuidado de preservar e relutará em ferir. Tal homem abrirá mão facilmente de seus próprios direitos, ou se submeterá a perdas, injúrias ou desonra, para preservar a alma de seu próximo do pecado. Ao passo que um desprezador de almas insistirá em seu próprio poder, direito e honra, e enredará e condenará cem almas antes de abrir mão de uma palavra ou de uma cerimônia que ele julgue que seu interesse exige que ele exija. Diga-lhe que isso enredará as almas dos homens no pecado, e ele estará pronto a dizer,

como os fariseus a Judas: "O que nos importa? Isso é contigo". Um cão tem tanta pena de uma lebre, ou um gavião de uma perdiz, quanto um Diótrefes carnal, mundano e ambicioso, ou um Elimas, tem das almas. Diga-lhe que isso levará os homens a pecar, a ferir suas consciências, a ofender a Deus, e isso não o moverá mais do que falar-lhe da menor inconveniência para si mesmo: ele fará mais para salvar um cavalo ou um cão de sua propriedade do que para salvar a alma de outrem do pecado. Colocar armadilhas em seu caminho, ou privá-los da pregação do evangelho, ou de outros meios de sua salvação, é algo a que podem ser induzidos pelo menor interesse próprio; sim, mesmo que seja apenas por uma questão de aparente honra. E, portanto, quando homens carnais e mundanos se tornam os administradores das questões de religião, é fácil ver que medida e uso os homens devem esperar; sim, embora assumam o ofício e o nome de pastores, que deveriam ter o cuidado mais terno e paternal das almas de todas as ovelhas, ainda assim suas inclinações e interesses carnais os engajarão na obra de lobos, para enredar, ou faminto deixar, ou destruir as ovelhas de Cristo.

Direção 3. Também vocês devem ser pessoas que valorizam suas próprias almas, e que se exercitam diligentemente em salvá-las das tentações; do contrário, é muito provável que sejam escandalizadores e tentadores das almas dos outros. E, portanto, quando tal homem é feito governante de uma igreja, sem conhecimento da obra renovadora da graça e do governo interno de Cristo na alma, que obra diabólica ele provavelmente fará entre as ovelhas de Cristo, sob o nome de governo! Que corrupção da doutrina, do culto ou da disciplina de Cristo! Que

invenções próprias para enredar as consciências dos homens! E conduzindo-os, pela força armada, a fazer aquilo que, pelo menos para eles, é pecado, e que nunca poderá compensar a perda, seja de suas almas ou da igreja, por tais perturbações! Quão implacável ele será quando um pobre membro de Cristo lhe implorar apenas para ter piedade de sua alma, e lhe disser: "Não posso fazer isto, ou jurar isto, ou subscrever isto, sem a culpa de um pecado deliberado; e não posso pecar sem desagradar a Deus e impedir a minha salvação". Aquele que ousa pecar deliberadamente contra si mesmo, e faz disso a sua escolha intencional, e ousa arriscar a sua própria salvação no jogo mais pobre a que o diabo o convidar, e venderá a sua própria alma pelo preço mais baixo, mesmo por um pouco de dinheiro, ou prazer, ou altos títulos, por tão curto espaço de tempo, certamente este homem dificilmente será muito terno com as almas dos outros, ou hesitará em escandalizá-las e enredá-las, ou se importará mais em assassinar almas do que um açougueiro se importa em matar um porco: o coração de Judas os fará vender o seu Senhor, ou o seu rebanho, pelo preço de Judas; e se prepararão para a recompensa de Judas. E é por isso que a semente carnal, mesmo dentro da igreja, comumente tem perseguido a semente espiritual. Pois diz Paulo: "Mas, como então aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também agora", Gl 4:29.

Direção 4. Estar bem familiarizado com os métodos de Satanás e com o caminho das tentações particulares é uma grande ajuda para evitar que você escandalize os outros. Aquele que vê o diabo como o principal em cada tentação, e sabe de que maneira ele engaja seus instrumentos para

realizar a sua obra, e para onde tudo isso tende no final, dificilmente desejará servir a tal mestre em tão má obra. Lembre-se de que os escandalizadores e tentadores de outros, e os que impedem a salvação dos homens, são servos do diabo, e estão executando a sua malícia para a condenação das almas de seus irmãos. E que recompensa podem esperar por tal obra de tal mestre? O diabo os usa como os homens usam furões, cujas bocas são seladas porque não devem participar da presa, mas apenas trazê-la à mão de seu mestre. Vivam vocês mesmos em uma constante e vigilante resistência às tentações, e não terão desejo pelo trabalho penoso de tentar os outros.

Direção 5. Não se dediquem a nenhum projeto mundano e ambicioso. Pois o amor às riquezas e às honras do mundo não apenas os engajará em um curso de pecado, mas também fará parecer de seu interesse tornar os outros tão maus e miseráveis quanto vocês, e conduzi-los a servirem aos seus interesses por meio do pecado deles.

Direção 6. Tenham cuidado para que uma inclinação carnal não os atraia ao amor dos prazeres carnais. E para que suas mentes não se voltem para o agrado de suas fantasias, sentidos ou apetites; seja na comida, na bebida, nas roupas, nas moradias, nas recreações ou em quaisquer deleites semelhantes: se uma vez o amor a estas coisas crescer forte, ele conquistará a sua razão e a seduzirá ao libertinismo, fazendo-os pensar que uma vida voluptuosa e de agrado da carne (desde que não seja por pecados grosseiros e desonrosos) é apenas o uso lícito da criatura, que Cristo comprou não apenas para a nossa necessidade, mas para o nosso deleite; e que a opinião contrária é

apenas o rigor excessivo daqueles que não entendem a sua liberdade cristã.

Direção 7. Não sejam apressada e ignorantemente zelosos em solicitar e importunar os outros para as suas opiniões privadas antes de terem a certeza de que elas vêm de Deus. Oh, quanto zelo e trabalho muitos homens dedicaram para trazer outros ao seu modo de pensar nos pontos do antinomianismo, anabatismo, separação, papismo, etc., pensando que a salvação de suas almas dependia disso; e no final descobrem que, assim como eles próprios erraram, todo o seu trabalho não foi senão para escandalizar os fracos e colocar uma pedra de tropeço no seu caminho para o céu!

Direção 8. Nunca persuada nenhum homem (muito menos o force) a nada desnecessário que ele considere um pecado (seja qual for a opinião de vocês sobre o assunto). Pois se ele julga ser pecado, é pecado para ele. Nenhum homem pode fazer inocentemente aquilo que pensa ser proibido por Deus. E uma coisa desnecessária deve ser preferida à salvação de uma alma? Sim, à alma de milhares, como é feito por muitos homens implacáveis? De fato, se houver uma necessidade antecedente (bem como uma licitude na coisa), e tal necessidade que não esteja em seu poder remover, então fazer isso será pecado para ele, e não fazer será o seu pecado ainda maior; e o pecado maior é o que mais deve ser evitado (mas por meios convenientes).

Direção 9. Lembrem-se do encargo que têm das almas uns dos outros. Embora não sejam magistrados ou pastores (pois o cuidado deles com as almas é tão

inquestionável e tão grande que o escândalo neles é como pais assassinando os próprios filhos); contudo, nenhum homem privado deve dizer como Caim: "Sou eu o guardião do meu irmão?". Todo homem é obrigado a fazer o seu melhor pela salvação de seu próximo; muito mais a abster-se de infectá-lo, seduzi-lo, escandalizá-lo e destruí-lo.

Direção 10. Mantenham uma ternura especial pelos fracos. Assim faz o próprio Deus, e assim devemos fazer nós. "Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos", etc., Is 40:11. Se os seus bebês choram, ele não por isso quebra as suas cabeças ou os joga para fora de casa. Nem diz que não são seus filhos por causa de cada ignorância ou paixão irritada de que sejam culpados. Cristo não expulsa os homens de sua escola porque lhes falta conhecimento. Pois por que, então, ele quer que as criancinhas venham? E para que vêm elas, senão para aprender? Ele não odeia os seus bebês recém-nascidos, mas os alimenta e ampara com uma ternura especial; e ordenou e comunicou a mesma ternura aos seus ministros; que não devem ser fracos com os fracos, e obstinados com os obstinados, mas com mansidão e paciência devem suportar os fracos, e suportar suas censuras e retribuições mais amargas. "E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem", etc., 2 Tm 2:24-25. E se eles demoram a aprender antes de chegarem ao conhecimento da verdade, não devem ser por isso rejeitados. Aquele que pode ler Rm 14 e 15; 1 Co 12:12; 8; Gl 6; e contudo pode ser tão implacável e cruel a ponto de expulsar homens do ministério ou da igreja, ou arruiná-los, por fraquezas toleráveis, as quais Deus tão seriamente nos encarregou de

suportar em nossos irmãos, ou ele não entende o que lê, ou não crê nisso, ou tem alguma outra coisa em seu coração a que dá mais valor do que à autoridade ou ao amor de Deus.

Direção 11. Não censurem todo homem como teimoso ou obstinado que não seja de sua opinião depois de ter ouvido as suas razões, por mais claras que possam parecer a vocês. Infelizmente! Quantas coisas existem, além da teimosia obstinada, para impedir que um homem seja tão sábio quanto outro! Se repetir algumas vezes as razões de uma opinião fosse suficiente para implantá-la em todos os ouvintes, por que os seus filhos vão por tanto tempo à escola, e depois disso às universidades? E por que vocês passam tanto tempo pregando a todos os seus paroquianos? Certamente não pregam novidades para eles enquanto viverem! E, contudo, trinta ou quarenta anos de pregação dedicada, mesmo dos mesmos fundamentos da religião, deixarão muitos ignorantes deles nas melhores paróquias da terra. Deve haver uma disposição correta e madura nos ouvintes, do contrário o raciocínio mais claro pode ser ineficaz. Uma mente desabituada ou desprovida, que não recebeu todas as verdades que são pressupostas àquelas que você apresenta, ou não as digeriu em um entendimento claro, pode ouvir por muito tempo as razões mais verdadeiras e nunca apreender o seu peso. Há necessidade de mais esforço do que uma simples exposição da verdade para fazer com que um homem a receba em sua devida evidência. Talvez ele tenha sido por muito tempo influenciado por opiniões contrárias, que não são facilmente arrancadas. Ou se ele estiver apenas confiante na verdade de alguma opinião que é inconsistente com a de vocês, não admira se ele não puder receber aquilo que é contrário ao que ele tão verdadeiramente crê ser a verdade.

Há uma maravilhosa variedade de compreensões dos homens, das mesmas opiniões ou razões, conforme são de várias formas representadas aos homens, e de várias formas ponderadas, e conforme a capacidade natural dos homens varia, e conforme todo o curso de suas vidas, sua educação, companhia e conversação moldaram de várias formas as suas mentes. É como montar todas as partes de um relógio quando ele está desmontado; se uma única parte de muitas for colocada no lugar errado, isso pode necessitar o erro de posicionamento daquelas que se seguem, sem qualquer obstinação intencional daquele que o faz. Se em toda a estrutura da verdade sagrada houver apenas um ponto mal compreendido, isso pode trazer outros erros, e manter fora muitas verdades, mesmo de uma mente honesta e disposta. E quem há que possa dizer que está livre de erro? Vocês não perceberam em si mesmos que as verdades que ouviram cem vezes, com pouco proveito, quando eram crianças, foram recebidas de forma mais convincente e satisfatória quando eram homens? E que encontraram uma deliciosa clareza em alguns pontos de repente, os quais antes ou resistiram, ou mantiveram com pouca observação ou consideração? E, no entanto, é comum aos escandalizadores de almas clamar contra todos os que não se conformam com suas opiniões e vontades, assim que ouvem as suas razões, rotulando-os como teimosos, refratários, obstinados e facciosos, passando então dos argumentos para os bastões; como se nunca tivessem conhecido a si mesmos ou aos outros, nem quão fracos e sombrios são os entendimentos de quase todos os homens. Mas terão juízo sem misericórdia os que não mostrarem misericórdia. E quando todos os seus próprios erros forem expostos a eles

pelo Senhor, eles relutarão em que todos sejam imputados à sua obstinação intencional. E talvez estes mesmos homens tão censores provem a si mesmos estar do lado errado; pois o orgulho e a falta de caridade são geralmente errôneos.

Direção 12. Não se envolvam em uma causa má. Pois se o fizerem, isso os obrigará a atrair outros; vocês esperarão que os seus amigos tomem o seu partido, e pensem como vocês pensam, e digam o que dizem; mesmo que seja totalmente contra a verdade ou a justiça.

Direção 13. Não falem apressadamente contra qualquer causa ou pessoas antes de conhecê-las, ou de terem considerado bem o que vão dizer. Especialmente tenham cuidado ao acreditar no que um homem de qualquer seita na religião fala ou escreve contra os seus adversários de uma seita contrária. Se a experiência não o tivesse provado em nossos dias, além de qualquer contradição, pareceria incrível quão pouco se deve acreditar nos homens neste caso, e como os relatórios falsos correm entre as pessoas da seita contra aqueles a quem o interesse de sua opinião e partido as obriga a representar mal! Não pensem que estão desculpados por receber ou propagar um relatório mau porque podem dizer: "Foi um homem honesto que o disse"; pois muitos que de outro modo são honestos fazem com que seja parte de sua honestidade serem desonestos nisto. Eles pensam que não são zelosos o suficiente por aquelas opiniões que chamam de sua religião a menos que sejam fáceis em crer e falar mal daqueles que são adversários dela. Quando, talvez, diante de um julgamento justo, tudo se prove falso; e então todas as palavras que você ignorantemente profere contra a verdade, ou contra

aqueles que a seguem, são escândalos ou pedras de tropeço para os ouvintes, para desviá-los dela e fazê-los odiá-la. Não estou falando contra uma credulidade justa; deve haver crença humana, do contrário não pode haver convívio humano; mas sempre suspeite de parcialidade em um partido. Pois o interesse de sua religião é um encanto mais poderoso para as consciências dos que falam mal do que o interesse pessoal ou subornos seriam. Quantas lendas nos dizem isso, quão facilmente alguns homens considerados piedosos foram levados a mentir por Deus!

Direção 14. Tenham cuidado de não zombar de uma vida religiosa; sim, ou de fazer piadas ou escárnios com as fraquezas de qualquer pessoa em exercícios religiosos, o que pode possivelmente refletir sobre os próprios exercícios. Muitos milhares de almas foram mantidas longe de uma vida santa pelos escárnios do povo comum, que fala dela como matéria de zombaria ou esporte. Ler as Escrituras, conversas santas, oração, instruir nossas famílias, a observância santa do dia do Senhor e a disciplina da igreja são comumente a zombaria de pessoas ímpias, que podem escarnecer daquilo que não podem confutar nem aprender; e as pessoas fracas são grandemente movidas por tais meios sem sentido. Uma zombaria ou deboche tem mais efeito sobre elas do que um argumento; elas não suportam ser feitas de motivo de riso. Assim foi o nome do Deus crucificado a zombaria dos pagãos e o escândalo do mundo, tanto de judeus quanto de gentios. E dificilmente há maior escândalo ou pedra de tropeço hoje em dia, que mantém multidões fora do céu, do que quando o diabo consegue fazer com que seja matéria de perigo ou de vergonha ser um cristão, ou viver

uma vida santa e mortificada. A perseguição e a zombaria são os grandes escândalos de sucesso do mundo. E, portanto, vendo que os homens são tão aptos a se desviarem de Cristo e da piedade, nunca fale com irreverência ou desrespeito a respeito deles. É um curso profano e escandaloso de alguns que, se um pregador tem um tom ou gesto menos atraente, fazem disso uma piada e dizem: "Ele lamentou", ou "ele falou pelo nariz", ou lançam algum escárnio semelhante sobre ele; o que os ouvintes rapidamente aplicam a todos os outros, e transformam em escárnio da pregação, ou da oração, ou da própria religião: ou se os homens diferem uns dos outros em opinião em questões de religião, são imediatamente inclinados a ridicularizá-los por algo em sua adoração a Deus! E enquanto ridicularizam um homem como anabatista, como independente, como presbiteriano, como prelatício, pouco sabem que marca maligna isso pode deixar na mente do ouvinte, ensinando as pessoas carnais a fazerem piada de tudo igualmente.

Direção 15. Não imputem as faltas dos homens a Cristo, e não culpem a religião pelas faltas daqueles que pecam contra ela. Este é o artifício maligno de Satanás e de seus instrumentos cegos: se um hipócrita erra, ou se um homem que em todas as outras coisas andou retamente é derrubado por uma tentação em algum pecado odioso, eles imediatamente clamam: "Estes são os seus professos! O seu povo religioso! Que é tão preciso, puro e estrito! Teste-os, e eles parecerão tão ruins quanto os outros!". Se um Noé se embriaga uma vez, ou se Ló é derrubado por isso, ou se David comete adultério e homicídio, ou se Pedro nega o seu mestre, ou se Judas o trai, eles imediatamente clamam: "São todos iguais!" e transformam isso em

escárnio da própria piedade. Criaturas indignas! Como se as leis de Cristo devessem ser desprezadas porque os homens as quebram! E a obediência a Deus fosse ruim porque alguns são desobedientes! Cristo proibiu os pecados que vocês culpam, ou não? Se não proibiu, não os culpe, pois não são pecados; se proibiu, elogiem a justiça e a santidade de suas leis. Ou os transgressores que vocês culpam agiram bem ou mal. Se agiram bem, por que os culpam? Se agiram mal, por que não elogiam a religião e a Escritura que os condena? Ou é melhor para todos os homens viverem em pecados como esses que essas pessoas caídas ou hipócritas cometeram, ou não é. Se for, por que vocês se ofendem com eles por aquilo que vocês mesmos permitem? Se não for, por que consolam os ímpios em seus pecados, e desculpam uma vida ímpia, por causa das quedas daqueles que parecem religiosos? Não há nenhuma honestidade comum nisto, mas rancor malicioso contra Deus e contra a santidade (sobre o que falaremos mais no próximo capítulo).

Direção 16. Não façam uso de disputas civis para lançar um opróbrio sobre a religião. É comum que homens ímpios e maliciosos se esforcem para voltar o desagrado dos governantes contra homens de integridade; e se houver quaisquer tumultos ou guerras civis, agarram qualquer pretexto, por mais falso que seja, para chamá-los de traidores e inimigos do governo. Mesmo que seja apenas porque são contra um usurpador, ou porque algumas pessoas fanáticas (a quem se opõem) se comportaram de forma rebelde ou desobediente; uma vida santa (que é a maior amiga da lealdade) deve ser culpada por tudo. E tudo não passa de gratificar o diabo ao afastar as pobres almas de Deus e da santidade.

Direção 17. Quando vocês pensarem ser o seu dever falar das faltas de homens que professam uma vida piedosa, lancem a culpa apenas sobre a pessoa, mas falem tanto ou mais em elogio à própria piedade; e elogiem aquilo que é bom neles enquanto desaprovam aquilo que é mau. O orar deles é ruim? O instruir suas famílias e o santificar o dia do Senhor são ruins? O temer o pecado e o obedecer a Deus são ruins? Se não forem, por que vocês não dizem o mesmo para elogiá-los por estas coisas, ou pelo menos para elogiar estas coisas em si mesmas, tanto quanto fazem para desaprová-los por suas faltas? Por que não temem que os ouvintes sejam levados a desgostar de uma vida piedosa pela desonra que vocês lançam sobre pessoas consideradas piedosas? E, portanto, avisem-nos para nunca pensarem pior da piedade por causa disso? Vocês que dão o veneno deveriam, por questão de bom senso, dar o antídoto, se o seu desígnio não for envenenar as almas. É realmente o seu desígnio, ao falar contra homens considerados piedosos, atrair os ouvintes ao ódio da piedade, ou não é? Se for, vocês são demônios encarnados: se não for, por que se esforçam para isso, tornando odiosas as pessoas sob o nome de professos e homens piedosos? E por que não falam mais para atrair as pessoas a uma vida piedosa e a imitá-las naquilo que é bom, enquanto as rejeitam naquilo que é mau?

Direção 18. Sejam especialmente ternos com as reputações daqueles de quem as almas dos homens mais dependem: como os pregadores do evangelho, e os homens mais eminentes em conhecimento e religiosidade. Não que eu deseje que o pecado seja mais bem considerado por ser deles, ou que o mal seja chamado de bem em quem quer que seja; mas a experiência disse ao mundo, desde

que Deus e o diabo tiveram os seus caminhos e servos diferentes na terra, que tem sido o curso de maior sucesso do diabo ferir a religião através das laterais dos religiosos, e culpar as pessoas quando deseja afastar os homens do caminho! Pois ele sabe que as pessoas religiosas têm as suas faltas, e nelas a sua malícia pode encontrar algo em que se agarrar; mas a religião não tem falta, e a própria malícia raramente é tão impudente a ponto de falar diretamente contra uma vida santa e celestial. Mas o caminho é tornar desonrosos e odiosos aqueles que se destacam por levar tal vida; e então secretamente inferir: "Se aqueles que parecem piedosos não são melhores, você não precisa ser piedoso, você está tão bem quanto está. Esta religião não passa de fantasia; uma coisa desnecessária, se não incômoda e prejudicial". Vendo, portanto, que o diabo não tem golpe contra a religião tão certeiro quanto atingir as pessoas dos pregadores e professores dela, todo amigo de Cristo deve estar familiarizado com o seu plano, e não deve servi-lo nele, mas agir contra ele, e preservar a reputação até mesmo das pessoas dos religiosos: não tanto por caridade para com eles, mas pelas almas das pessoas e pela honra de Cristo.

Direção 19. Que todos os que pregam e professam o evangelho, e uma vida piedosa, tenham a certeza de viver de acordo com a sua profissão; para que o nome de Deus não seja mal falado entre os ímpios por causa de seus maus atos, Rm 2. Foi a agravação do pecado de David que Deus não perdoaria totalmente, o fato de ele ter feito os inimigos do Senhor blasfemarem, 2 Sm 12:14. "Todos os servos que estão debaixo do jugo considerem a seus senhores dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados", 1 Tm 6:1. Os deveres das boas

mulheres são particularmente nomeados pelo apóstolo, Tt 2:3-5, com este motivo para a prática deles: "Para que a palavra de Deus não seja blasfemada". A obediência ao governo é ordenada com este motivo, 1 Pe 2:15: "Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos". E v. 11-12: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais, que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem". E foi a agravação do pecado dos heréticos que "muitos seguirão as suas dissoluções, por causa dos quais será blasfemado o caminho da verdade", 2 Pe 2:2. Oh, então, quão cuidadosamente deveriam andar os ministros e todos os que são piedosos! O mundo cego não pode ler o evangelho em si mesmo, mas apenas conforme ele é exemplificado pelas vidas dos homens: eles julgam as ações dos homens não pela lei, mas a lei de Deus pelas ações dos homens! Portanto, o salvar ou condenar das almas dos homens depende muito das vidas dos professores da religião; porque o gostar ou desgostar de uma vida santa por parte dos outros depende deles. Diz Paulo sobre as mulheres jovens: "Quero que... não deem ocasião ao adversário de maldizer; porque já algumas se desviaram, indo após Satanás", 1 Tm 5:14-15. É por isso que até mesmo a aparência do mal deve ser tão cuidadosamente evitada por todos os que temem a Deus, para que outros não sejam atraídos por ela a falar mal da piedade. Cada escândalo (verdadeiramente assim chamado) é uma punhalada na alma daquele que é escandalizado, e uma mancha

vergonhosa para a causa cristã. Posso dizer das faltas dos cristãos o que Plutarco diz das faltas dos príncipes: uma verruga ou mancha no rosto é mais visível e desonrosa do que em outras partes.

Direção 20. Não permitam que nenhum pretexto do mal da hipocrisia os deixe tão contentes com a sua inocência secreta a ponto de negligenciarem a edificação e a satisfação de seus vizinhos. Quando apenas o seu próprio interesse está envolvido no assunto, então não importa se alguém tem conhecimento de algum bem que você faça; e importa muito pouco como julgam ou o que dizem de você; a aprovação de Deus só é suficiente. Não importa quem o condene se ele o justifica. Mas quando a vindicação de sua inocência, ou a manifestação de sua virtude, é necessária para o bem das almas de seus vizinhos, ou para a honra de sua profissão sagrada, a negligência disso não é sinceridade, mas crueldade.

CAPÍTULO 13
DIREÇÕES CONTRA O ESCÂNDALO SOFRIDO, OU A APTIDÃO PARA RECEBER DANO PELAS PALAVRAS OU ATOS DE OUTREM.

Não foi apenas uma admoestação, mas uma profecia de Cristo, quando ele disse: "Ai do mundo, por causa dos escândalos! Porque é inevitável que venham escândalos". E: "Bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim". Ele previu que os erros e os maus atos de alguns

seriam a armadilha e a ruína de muitos outros; e que, quando "surgirem heresias destruidoras, muitos seguirão as suas dissoluções, por causa dos quais será blasfemado o caminho da verdade", 2 Pe 2:2. Como homens no escuro, onde, se um cai, o que vem logo atrás cai sobre ele.

Existem quatro tipos de pessoas que costumam ser escandalizadas ou prejudicadas pelos pecados de outros:

1. Inimigos malignos de Cristo e da piedade, que estão em parte endurecidos em sua malícia, e em parte se alegram com a desonra da religião, e insultam aqueles que dão o escândalo, ou tomam ocasião dele para blasfemar ou perseguir.

2. Alguns que são mais moderados, receptivos e que têm maior possibilidade de conversão, os quais são detidos por isso em seus desejos, propósitos e tentativas de uma vida piedosa.

3. Professores vacilantes, ou hipócritas, que são desviados pelos escândalos do caminho da piedade em que pareciam andar.

4. Cristãos fracos, que se perturbam e se atrasam em seu caminho de piedade, ou que são atraídos para algum erro ou pecado particular, embora não venham a desviar-se.

De modo que os efeitos do escândalo podem ser reduzidos a estes dois: I. A perversão do julgamento dos homens, para desgostarem da religião e pensarem mal da doutrina ou da prática do cristianismo. II. O encorajamento dos homens a cometerem pecados particulares, ou a omitirem deveres particulares; ou, pelo menos, o perturbar e o

atrasar na realização deles: contra os quais darei primeiramente, de forma distinta, algumas direções meditativas, e depois algumas direções práticas contra ambos conjuntamente.

Direção 1. Considere que sinal evidente de uma alma cega ou maliciosa é ser tão apta a criar disputas com Deus e com a piedade por causa dos pecados de outros homens.

O amor não pensa mal daqueles a quem amamos: a má vontade e a malícia estão sempre prontas a imputar tudo o que está errado àqueles a quem odeiam. A inimizade é contenciosa e caluniadora; e fará da própria virtude um crime, e de qualquer tema buscará matéria de vitupério. Nenhuma testemunha lhe parece incrível quando diz algo que é mau daqueles que ela odeia. O argumento *a baculo ad verbera* [do bastão para as pauladas] é suficiente. Assim faziam os pagãos com os cristãos primitivos; e fará você o mesmo com Deus? Você aterrorizará a sua própria consciência, quando ela acordar e encontrar uma serpente tão feia em seu peito, como a malícia e a inimizade contra o seu Criador e Redentor? É a natureza do diabo, o seu próprio pecado principal. E você não apenas usará a farda dele, mas carregará a sua imagem, para provar que ele é o seu pai? E, pela comunhão de naturezas, para provar que você também deve ter uma comunhão com ele na condenação e na punição? E uma marca tão visível de diabolismo em sua alma não o assusta, nem o deixa pronto para fugir de si mesmo? Nada além da malícia diabólica pode imputar a Deus ou à piedade aquilo que é feito pelos pecadores contra as leis dele. Você trataria um amigo assim? Se um assassinato fosse cometido, ou uma calúnia fosse levantada contra você, ou a sua casa fosse

incendiada, ou os seus bens fossem roubados, você suspeitaria do seu amigo por causa disso? Ou de alguém que você honrasse, amasse ou considerasse bem? Certamente não, mas sim de seu inimigo, ou de alguma pessoa devassa e dissoluta que tivesse mais probabilidade de ser culpada. Você está cego pela malícia se não vê quão evidente prova de sua malícia diabólica é esta: estar pronto, quando os homens que professam a religião fazem algo errado, a pensar pior da piedade ou da religião por causa disso! A causa desta suspeita está alojada em seu próprio coração.

Direção 2. Lembre-se de que esta foi a primeira tentação pela qual o diabo derrubou a humanidade: persuadi-los a pensar mal de Deus, como se ele tivesse sido falso à sua palavra e tivesse invejado a felicidade deles. "Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, sabendo o bem e o mal", Gn 3:4-5. E você não será alertado pela calamidade de todo o mundo, para ter cuidado de não pensar mal de Deus, e de sua palavra, e de crer nos relatos do diabo contra ele?

Direção 3. Considere que pensar mal de Deus é considerá-lo um diabo; e pensar mal da piedade é considerá-la maldade: e pode o homem ser culpado de um crime mais diabólico? Na verdade, não é pior do que o diabo que o tenta a isso pode cometer? Ser Deus é ser bom, o bem infinito, eterno, perfeito, no qual não há mal, nem pode haver. Ser um diabo é ser mau, o principal que faz o mal e que deseja atrair os outros a fazer o mesmo. Não é uma forma feia em que um pintor representa o diabo que nos mostra a sua verdadeira feiura: um inimigo da piedade

é mais parecido com ele do que essa imagem: é a sua pecaminosidade contra Deus que é a sua verdadeira deformidade. Portanto, suspeitar de Deus como mau é suspeitar de que ele seja o diabo; de tamanha blasfêmia terrível este pecado participa. E se a piedade for ruim, então aquele que é o autor e o fim dela não pode ser bom.

Direção 4. Considere que terrível cegueira é imputar as faltas dos homens a Deus, que é o maior adversário do pecado em todo o mundo, e que mais severamente o punirá, e à piedade, que é perfeitamente o seu contrário. Não há anjo no céu que seja tão pouco suspeito de ser amigo do pecado quanto Deus. As criaturas são mutáveis em si mesmas; os anjos têm a imperfeição inocente das criaturas; os santos na terra têm uma imperfeição culpável devido ao que resta do pecado. Se você tivesse suspeitado apenas destes, poderia ter tido algum pretexto para isso; mas questionar Deus ou a piedade é mais insano do que pensar que a luz é a causa das trevas.

Direção 5. E pense que extremo de injúria e injustiça é este para com Deus: culpar a ele ou às suas leis pelos pecados dos homens que são cometidos contra ele e contra as suas leis. Contra quem o pecado é cometido senão contra Deus? Não foi ele quem fez as leis das quais o pecado é a transgressão? Não são essas leis, pensa você, estritas o suficiente contra ele? Não é a estridência delas que pessoas como você desgostam? Se fossem leis que dessem permissão para você ser mundano, sensual e orgulhoso, você nunca questionaria com elas; e, no entanto, você imputa os pecados dos homens a estas leis porque são tão estritas contra eles. Você imputa o pecado a Deus porque ele julgará os homens por ele no fogo do

inferno, e os lançará para sempre fora de sua presença gloriosa na miséria? Oh, audácia maldita! Quão justo é Deus ao condenar almas tão maliciosas! Diga-nos, se puder, você gostaria que Deus tivesse proibido o pecado de forma mais estrita? Ou o condenasse de forma mais severa? Ou o punisse de forma mais terrível? Se você quisesse, você oraria por uma vingança maior do que o inferno sobre si mesmo! Ai de você, quando ele executar apenas aquilo que já ameaçou! O crime dos rebeldes será imputado ao rei contra quem eles se rebelam? Se um ladrão o roubar, ou um servo o enganar, ou um filho o desprezar, será justo aquele que tanto aumentará a sua injúria a ponto de lançar a culpa de tudo sobre você mesmo? Você dirá: "Não é de Deus que nos ofendemos". Mas se for de uma vida santa, é de Deus; pois o que é a piedade senão amar, servir e obedecer a Deus? Se você disser que também não é da piedade; por que, então, você desgosta ou fala contra uma vida piedosa nesta ocasião? Se você disser: "É apenas destes hipócritas que desgostamos"; pelo que você desgosta deles? É por sua virtude ou por seus vícios? Se for por seus pecados, por que, então, você não fala e faz mais contra o pecado, em si mesmo e nos outros? Nós nos uniremos a você ao máximo para nos opormos ao pecado onde quer que ele seja encontrado. Se é a hipocrisia deles que você culpa, convença a si mesmo e aos outros homens a serem sinceramente piedosos. Como você gostaria que a hipocrisia fosse evitada? Por uma profissão aberta de servir ao diabo? Ou pela sinceridade em servir a Deus? Se for pela última, por que, então, você pensa mal da obediência mais séria a Deus? Infelizmente! Todos os países cristãos estão cheios demais de hipócritas. Cada um que é batizado e professa o cristianismo é um santo ou um

hipócrita! Todos os cristãos bêbados, avarentos, ambiciosos, sensuais e impuros são hipócritas, e não cristãos de fato! E estes hipócritas podem viver tranquilamente uma vida mundana e carnal, e nunca lamentar a sua própria hipocrisia, nem a sua pérfida violação do voto batismal. Mas se alguém que parece diligente com a sua alma se prova um hipócrita, ou cai em algum pecado escandaloso, imediatamente fazem um alvoroço; não para chamar o homem para fora de seu pecado, mas para fazer com que uma vida piedosa e diligente pareça odiosa a todos, dizendo aos homens: "Estes são os seus homens piedosos". É com a piedade que eles implicam, enquanto fingem apenas encontrar falhas no pecado. Por que, de outro modo, você não encontra falhas no mesmo pecado igualmente em todos? Ou, pelo menos, persuade os homens por tais exemplos a serem menos pecadores e mais vigilantes, e não a serem menos religiosos e mais libertinos? Diga-me verdadeiramente se há alguém que seja mais contra o pecado do que Deus, ou qualquer coisa mais contrária a ele do que a piedade e a verdadeira religião, ou quaisquer homens que façam mais contra ele do que os mais religiosos, e então eu me juntarei a você em preferir esses. Até lá, lembre-se de como vocês se condenam quando condenam aqueles que são melhores do que vocês.

Direção 6. Pense que coisa tola e audaciosa é colocar-se contra o seu Deus e Juiz. Você acusará a ele de mal porque os homens fazem o mal? Você é apto para julgá-lo? São os vermes culpados sábios ou justos o suficiente para tal tentativa, ou fortes o suficiente para sustentá-la? O que você faz senão voltar o seu rosto contra o céu e professar

rebelião contra Deus quando culpa as suas leis e governo, e pensa que o obedecer e servir a ele é um mal?

Direção 7. Considere que crueldade é para com vocês mesmos transformar as faltas dos outros em sua própria ruína, o que deveria servir de aviso para evitarem o mesmo. Se outro homem peca, você não apenas fará o mesmo, mas será ainda mais avesso ao arrependimento e à reforma? Você cortará a sua garganta porque outro cortou o dedo, ou fez isso antes de você? Por que você deveria causar a si mesmo tal dano?

Direção 8. Lembre-se de que este foi o plano do diabo ao tentar as pessoas religiosas ao pecado: não apenas destruí-las, mas arruinar você e os outros pelas quedas delas. Se ele puder fazer com que você pense pior da religião, ele terá o seu plano e vontade; ele matou muitos com um único golpe. Sim, talvez o pecador possa se arrepender e ser perdoado, enquanto você, que é afastado do arrependimento e da piedade pelo escândalo, pode ser condenado. E você irá agradar tanto o diabo na destruição deliberada de si mesmo? O pecado é contagioso; e esta é a sua infecção, se ele prevalecer para afastar você ainda mais de Deus. E assim esta praga devora multidões.

Direção 9. Aquele que pensar mal da piedade pelos pecados dos homens nunca sentirá falta de ocasião para tal ofensa, nem de tais tentações para fugir de Deus. Se você for tão tolo ou malicioso a ponto de criar disputas com Deus e com a piedade pelas faltas dos homens (as quais nada além de Deus e da piedade pode reformar), você pode erguer o seu estandarte de desafio contra o céu e ver o que ganhará com isso no final. Pois Deus não removerá toda

ocasião de seu escândalo. Sempre houve e haverá hipócritas na igreja na terra. A arca de Noé tinha um Cam; a família de Abraão tinha um Ismael, e a de Isaque um Esaú, e a de David um Absalão, e a de Cristo um Judas. As quedas de homens bons são citadas nas Escrituras para alertá-lo a tomar cuidado. Noé, Ló, David, os irmãos de José, etc., deixaram uma marca para trás onde caíram, para que você possa seguir um caminho mais seguro. Se você fizer de todos esses a ocasião de sua malícia, você transforma o seu remédio em seu veneno, e escolhe o inferno porque alguns outros o escolheram, ou porque alguns tropeçaram no caminho para o céu.

E para aqueles que se sentem encorajados no pecado porque veem seus superiores ou homens religiosos cometendo-o, ou leem que David, Noé, Pedro, etc., caíram, que considerem:

Direção 1. Que é pela regra, e não pelo exemplo, que você deve principalmente viver. As leis de Deus pelas quais você deve ser julgado permitem o pecado? Se permitem, então não o tema.

Direção 2. Não é o exemplo de Cristo muito melhor do que o de um pecador? Se você quer seguir exemplos, siga o melhor, aquele que lhe foi dado de propósito para imitar. O maior e mais instruído homem é falível, e o mais religioso não é totalmente livre de pecado: a sinceridade copia um modelo perfeito, embora não possa alcançá-lo.

Direção 3. Considere que o pecado não é melhor, mas pior, por ser cometido por um homem religioso,

importante ou instruído. O lugar deles, o seu conhecimento e a sua profissão o agravam. E você se sentirá encorajado naquilo que Deus mais odeia?

Direção 4. E considere que, quando aquele que cai por uma surpresa se levanta novamente pelo arrependimento e é perdoado, aqueles que são por isso encorajados a pecar deliberadamente e sem arrependimento serão condenados. Você pode pecar com David ou Pedro quando quiser, mas não pode levantar-se com eles pelo verdadeiro arrependimento sem aquela graça que você deliberadamente resiste e perde.

Direção 5. Por fim, considere que os melhores homens, e os maiores, são os tentadores mais perigosos quando nos desviam. Um David era uma tentação mais forte para Bateseba do que outro homem poderia ter sido. Um Pedro poderia mais facilmente desviar Barnabé, e outros, para uma dissimulação e separação pecaminosas do que outro poderia ter feito. Portanto, não pense que, onde o seu perigo é maior, a sua ousadia deve ser máxima.

Direções Práticas contra a Ofensa e o Dano por outros.

Direção 1. Estabeleça bem o seu fundamento, e entenda a natureza e as razões da religião; e então você estará tão longe de desgostar dela pelos erros e quedas de outros que estará escrito em sua mente, como com um raio de sol, que não pode haver razão contra o obedecer a Deus, e contra a segurança cuidadosa de nossa salvação. Este será o primeiro e indubitável princípio, que nada no mundo

poderá fazê-lo questionar. Quaisquer que sejam os escândalos, perseguições ou sofrimentos que possam acompanhar uma vida santa, você ainda estará além de qualquer dúvida de que não há outro caminho; nenhum outro elegível, nenhum outro tolerável, nenhum outro racional, ou que conduzirá à felicidade. Aconteça o que acontecer no mundo, se os maiores, ou mais instruídos, ou mais religiosos caírem, isso não fará com que você questione se um homem é uma criatura viva, nem se o sol brilha, nem se dois e dois são quatro. Tampouco deveria fazer com que você questione se Deus é melhor do que a criatura, o céu do que a terra, ou uma vida de santidade do que uma vida de pecado. Você dirá como Pedro: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna", Jo 6:68. Quaisquer que sejam os escândalos que se deem, ou o que quer que aconteça à igreja, ou se todos os discípulos de Cristo o abandonarem, isto permanece tão certo quanto o fato de a terra estar debaixo de nós: que não há outro caminho senão a santidade para um homem sábio colocar em seus pensamentos.

Direção 2. Obtenha uma vez um amor sincero a Deus e a uma vida santa, e então nenhum escândalo o tornará ciumento dela, nem o fará pensar em olhar para outro lado. É a falta de amor verdadeiro e sincero que faz com que você seja tão facilmente desviado.

Direção 3. Para este fim, conheça a religião por experiência; e isto o colocará além de toda dúvida sobre a bondade dela. Aquele que nunca provou açúcar pode ser convencido por argumentos de que não é doce, ou pode considerá-lo amargo quando vê outro cuspi-lo; e aquele que conhece a piedade apenas por olhar, ou por ouvir falar,

pode assim ser levado a considerá-la ruim; mas não será assim com aquele que verdadeiramente a provou: não me refiro apenas a provar o que é ouvir, ler e orar; mas o que é ser humilde, santo e celestial, tanto no coração quanto na vida.

Direção 4. Quando você vir qualquer homem pecar, certifique-se de fazer aquele dever a que isso o chama. Cada queda que você vê de outros o chama a ver a hediondez do pecado (como você fará quando vê um bêbado vomitando, ou um ladrão no poste de açoite). E chama você a buscar e lamentar a raiz de tal pecado em si mesmo, e a colocar a sua vigilância de forma mais estrita sobre tal aviso; e chama você a compadecer-se do pecador e, se tiver esperança e oportunidade, a buscar a sua recuperação. Se você fizer conscientemente este dever que é seu, estará em menor perigo de dano por escândalo. É o dever que deve ajudar a prevenir a infecção.

Direção 5. Seja vigilante entre todos os homens, importantes e simples, instruídos ou não instruídos, bons e maus. Não se aventure cegamente na opinião singular de quaisquer homens que sejam; nem em qualquer caminho novo não provado. Lembre-se de que todos os homens são uma tentação para os outros; e, portanto, esteja armado e vigie contra tal tentação. Saiba bem o que é a tentação peculiar que a qualidade daqueles com quem você tem de lidar coloca diante de você. Não passe nenhum dia ou hora em qualquer companhia, boa ou má, sem uma vigilância sábia e cuidadosa.

Direção 6. Esteja o menos que puder em companhia escandalosa e tentadora. Não presuma tocar no piche e

prometer a si mesmo escapar da contaminação. Especialmente fuja de dois tipos de escândalos. Primeiro, dos discursos e sociedades de homens heréticos ou cismáticos, que falam coisas perversas para atrair os discípulos atrás de si, At 20:30. Aqueles que presumem correr em tais armadilhas, e pensam que o seu próprio entendimento e estabilidade são suficientes para preservá-los, mostram por seu orgulho que estão perto de cair, 1 Co 10. Segundo, da companhia de pessoas sensuais, em peças de teatro, jogos, brincadeiras desordenadas e carícias lascivas. Pois isto é trazer a sua isca e pólvora para o fogo; e quanto menos você temer, maior será o seu perigo.

Direção 7. Olhe mais para o bem que há nos outros do que para as suas faltas e quedas. A mosca que pousa em nada além do lugar ferido e ulcerado alimenta-se daquela matéria. É um professor da religião avarento, bêbado ou de outra forma escandaloso? Lembre-se de que é a sua avareza ou embriaguez que é ruim. Reprove isso, e fuja disso, e não hesite; mas a religião é boa; que ela, portanto, seja elogiada e imitada. Deixe a carniça para os cães e corvos se banquetearem; mas escolha as coisas que são louváveis, e pense nelas, mencione-as e imite-as.

Direção 8. Por fim, pense e fale tanto contra o pecado e o perigo de se escandalizar quanto contra o pecado e o perigo de provocar o escândalo. Quando outros clamarem: "Estes são os seus homens religiosos", clame você tanto quanto contra a malícia e a loucura deles, que desgostarão ou caluniarão a religião pelos pecados dos homens; o que é culpar os legisladores ou as leis porque elas são quebradas; ou desentender-se com a saúde porque muitos que uma vez estiveram com saúde adoecem; ou encontrar falhas

com o comer porque alguns são magros; ou com o vestuário porque alguns sentem frio. Exponha para si mesmo e para os outros que coisa ímpia e perigosa é desentender-se com a piedade porque alguns são ímpios que parecem piedosos. Muitos clamam contra o escândalo que nunca pensam em que pecado hediondo é ser escandalizado, ou permitir que os pecados dos homens sejam um escândalo para você; e ser pior porque os outros são tão ruins. Ninguém deve diferir deles em uma opinião, ou em um estilo de vestuário, ou em um modo ou forma de culto, sem que alguns fiquem imediatamente escandalizados; sem saberem que é um pecado maior neles ser escandalizados do que no outro, por tais meios (supondo-os culpados), dar-lhes a ocasião. Você sabe o que é ser escandalizado ou ofendido no sentido das Escrituras? Não é meramente ficar desagradado, ou desgostar das ações de outrem (como dito antes); mas é ser atraído a algum pecado, ou impedido de algum dever, ou detido no curso da religião, ou pensar pior da verdade, ou do dever, ou de uma vida santa, por causa das palavras ou ações de outros homens: e você o considera um bom cristão, e um amigo fiel ou constante da piedade, aquele que é tão facilmente levado a questionar com ela? Ou é tão facilmente desviado dela, ou impedido nela? Algumas pessoas irritadiças e infantis são como estômagos doentes, que nenhuma comida pode agradar; você não pode prepará-la de forma tão refinada sem que reclamem que está ruim, ou que isto está errado, ou aquilo está errado, quando a falta está nelas mesmas; ou como crianças, ou pessoas doentes, que mal podem ser tocadas sem se ferirem: você acha que esta fraqueza ou excentricidade na religião é um crédito para você? Esta não é a ternura de

consciência que Deus requer, ser facilmente ferido pelas diferenças ou faltas dos outros homens. Assim como é a vergonha de muitas senhoras e mulheres nobres serem tão excêntricas e excessivamente organizadas que nenhum servo sabe como agradá-las; assim é na religião um sinal de sua tolice infantil, e pior, ser culpado de tal orgulho excêntrico que ninguém pode agradá-lo se não for exatamente de sua mente e caminho. Todos os homens devem seguir os seus caprichos em gestos, estilos, opiniões, formalidades e modos, do contrário você fica perturbado, e ofendido, e escandalizado; como se todo o mundo tivesse sido feito para agradar e satisfazer a você! Ou você fosse sábio o suficiente, e importante e bom o suficiente, para ser a regra de todos ao seu redor! Deseje e não hesite que você mesmo e todos os homens agradem a Deus tão exatamente quanto possível. Mas se a falta dessa exatidão em coisas duvidosas, ou uma diferença em coisas disputáveis e duvidadas entre verdadeiros cristãos, diminuir ou impedir o seu amor ou estima por seus irmãos, ou a comunhão com eles, ou qualquer outro dever cristão, ou tentar você à censura ou desprezo de seus irmãos, ou ao cisma, perseguição ou qualquer outro pecado; é você o grande ofensor, e é você quem provavelmente sofrerá; e tem causa para lamentar essa aptidão pecaminosa para ser assim escandalizado.

CAPÍTULO 14
DIREÇÕES CONTRA O ASSASSINATO DA ALMA E A PARTICIPAÇÃO NOS PECADOS DE OUTROS HOMENS.

As direções especiais dadas na parte 3, capítulo 22, aos pais e senhores serão, neste caso, de grande utilidade para todos os outros; mas porque aqui é oportuno falar disso mais amplamente, sob o sexto mandamento, e a matéria é da maior importância, irei, 1. Dizer como os homens são culpados de assassinato da alma. 2. E depois dar-lhes algumas direções gerais para a promoção da salvação dos homens. 3. E a seguir dar-lhes algumas direções especiais para a exortação cristã e repreensões.

Primeiro, os homens são culpados de assassinato da alma de todas estas formas:

1. Pregando doutrina falsa e assassina da alma. Tal como a que nega qualquer ponto necessário da fé ou da vida santa; tal como a que é oposta a uma vida santa, ou a qualquer dever particular necessário; tal como a que faz do pecado não pecado; que chama o bem de mal, e o mal de bem; que coloca as trevas por luz, e a luz por trevas.

2. Pela aplicação falsa da doutrina verdadeira, refletindo indiretamente e desonrando aquela santidade de vida pela qual em termos eles pregam; por prevaricação minando aquela causa que o seu ofício foi designado para promover; como fazem aqueles que propositalmente descrevem qualquer vício de tal modo que os ouvintes possam ser levados a pensar que as práticas estritas e piedosas são ou o próprio pecado, ou apenas um disfarce para escondê-lo.

3. Ao trazer as pessoas mais religiosas ao ódio por tais aplicações falsas, reflexões ou insinuações secretas, ou calúnias abertas; fazendo os homens acreditarem que

não passam de hipócritas, ou cismáticos, ou sediciosos, ou pessoas fanáticas e presunçosas! O que geralmente é feito por calúnias impudentes levantadas contra alguns homens particulares, e assim refletidas sobre o resto; ou pela vantagem de facções, controvérsias ou guerras civis; ou pelas quedas de quaisquer professores, ou pelos crimes de hipócritas; com o que gostariam de fazer o mundo crer que são todos iguais; como se a família de Cristo devesse ser julgada pela queda de Pedro ou pela falsidade de Judas. E a representação odiosa de homens piedosos prevalece muito para manter os outros longe da piedade, e é um dos meios de maior sucesso do diabo para a condenação de multidões de almas.

4. A desonra das pessoas dos pregadores do evangelho promove grandemente a condenação dos homens. Pois quando o povo pensa que os seus instrutores são hipócritas, avarentos, orgulhosos e secretamente tão ruins quanto os outros, é muito provável que pensem de forma semelhante de sua doutrina, e que toda religião estrita não passa de hipocrisia, ou pelo menos recusam a sua ajuda e conselhos. Até mesmo Plutarco notou que "acontece que não acolhemos a virtude, nem somos arrebatados pelo desejo de imitá-la, a menos que honremos e amemos altamente a pessoa em quem ela é discernida". E se veem ou pensam que o próprio pregador leva uma vida frouxa, descuidada e licenciosa, pensarão que o mesmo é muito desculpável neles mesmos; e que a sua doutrina não passa de uma forma de discurso que o seu ofício o obriga a proferir, mas que não deve ser mais considerada por eles do que por ele mesmo.

De duas formas a condenação dos homens é assim promovida. 1. Pelas vidas ruins de pregadores hipócritas e ímpios, que de fato trazem as suas próprias pessoas à desonra, e com isso também as pessoas de outros e, consequentemente, o seu trabalho e função sagrados. 2. Por pregadores e pessoas ímpias que, por meio de um ódio maligno contra aqueles que são mais capazes e melhores do que eles mesmos, e por inveja de sua reputação, esforçam-se para fazer com que os pregadores mais zelosos e fiéis do evangelho sejam considerados os mais hipócritas, errôneos, ou facciosos e cismáticos.

1. A negligência dos deveres ministeriais é uma causa comum do pecado e da condenação dos homens. Quando aqueles que assumem o encargo das almas não são capazes ou não estão dispostos a fazer o seu ofício; quando lhes ensinam muito raramente, ou de forma muito inábil, de maneira inadequada; não escolhendo a doutrina de que mais precisam, ou não a expondo de forma clara e metódica em adequação às suas capacidades, ou não a aplicando com a seriedade e urgência necessárias ao estado dos ouvintes. Quando pregam aos ímpios que estão perto da condenação de forma formal, como um colegial recitando a sua lição, ou em um tom de leitura sonolento, como se tivessem vindo para pregar para que todos dormissem, ou estivessem com medo de acordá-los. Quando falam do pecado, da miséria, de Cristo, do céu e do inferno como se pela maneira estivessem vindo contradizer a matéria, e convencer os homens de que não existem tais coisas.

O mesmo mal segue-se da negligência da inspeção privada e pessoal. Quando os ministros pensam que fizeram tudo quando proferiram um sermão, e nunca fazem consciência de trabalhar pessoalmente para convencer os ímpios, reconduzir os transgressores, atrair os pecadores para Deus e confirmar os fracos. E a omissão (muito mais a perversão e o abuso) da disciplina sagrada tem os mesmos efeitos. Quando as chaves da igreja são usadas para fechar a porta aos bons, ou não usadas quando deveriam ser para repreender ou fechar a porta aos ímpios impenitentes; nem para diferenciar entre o precioso e o vil; isso endurece multidões em sua impiedade, e convence-os de que são realmente da mesma família de Cristo de que os piedosos são, e que têm os seus pecados perdoados porque são participantes dos mesmos santos sacramentos. (Não conhecendo a diferença entre a igreja mística e a visível, nem entre o julgamento dos ministros e o do próprio Cristo).

2. A negligência dos pais em instruir os filhos, e em outras partes da educação santa, é uma das maiores causas da perdição da humanidade em todo o mundo; mas sobre isso falaremos em outro lugar.

3. A perseguição ou oposição dos magistrados à religião, ou o desfavorecimento daqueles que a pregam ou a praticam mais seriamente, tende a enganar alguns, que reverenciam excessivamente o julgamento dos superiores, e a assustar outros para longe da obediência a Deus.

4. Sim, a negligência de magistrados, senhores e outros superiores, ao omitirem a devida repreensão dos pecadores, a devida correção dos transgressores e o devido encorajamento dos bons, é uma grande causa da maldade e condenação do mundo.

5. Mas acima de tudo, quando fazem leis para o pecado, ou para o desprezo, desonra ou supressão da religião ou da prática séria dela; isto constrói o reino de Satanás de forma mais eficaz, e volta a ordenança de Deus contra ele mesmo: milhares, sob príncipes infiéis e ímpios, são conduzidos pela obediência à condenação; e seus governantes os condenam tão honrosamente quanto o médico que matou seus pacientes e se orgulhou de ter feito isso *secundum artem* [segundo a arte], conforme as regras da arte.

6. O exemplo comum da multidão de ímpios é uma grande causa da impiedade e condenação dos homens. Eles devem estar bem decididos por Deus e pela santidade para não cederem ao voto da maioria, nem serem levados pela correnteza comum, nem correrem com a turba ao excesso de dissolução. Quando o cristianismo é uma seita que em toda parte é contestada, prova ser um caminho tão estreito que poucos têm vontade de andar nele. Os homens pensam que estão pelo menos desculpados por não serem mais sábios e melhores do que a multidão. A singularidade em honra, riquezas, força ou saúde não é considerada crime; mas a singularidade na piedade é, pelo menos, considerada desnecessária. "O quê! Você será mais sábio do que toda a cidade, ou do que tais e tais superiores?" é considerada uma boa repreensão da

piedade onde ela é rara; mesmo por aqueles que, com isso, concluem que seus superiores, ou toda a cidade, são mais sábios do que Deus.

7. Também o escarnecer e ridicularizar a piedade por parte do povo comum é uma causa comum de assassinato de almas: porque o diabo sabe que não se pode trazer uma única palavra de razão sólida contra a razão de Deus, e assim contra uma vida santa; por isso ele ensina os homens a usarem as armas que têm. Um cão tem dentes, e uma víbora tem um ferrão, embora não tenham as armas de um homem. Um tolo pode rir, zombar e ultrajar; e não é necessário grande talento ou aprendizado para sorrir, rir com escárnio ou chamar um homem de puritano, ou legalista, ou herético, ou cismático, ou qualquer nome que a malícia da época venha a cunhar. O Sr. Robert Bolton mostra amplamente como a malícia de sua época se manifestava contra a piedade pelo uso reprovável da palavra puritano. Quando a razão pode ser subornada para tomar o partido do diabo (seja a razão natural ou literária), ele a contratará a qualquer preço; mas quando não pode, ele fará uso do que conseguir. O latir ou o assobiar podem servir onde o falar e o disputar não podem ser obtidos. Tambores e trombetas em um exército servem em vez de oratória para animar os covardes e abafar o ruído das queixas e gemidos dos homens que morrem. Milhares foram afastados de sua religião e salvação de uma só vez por zombarias, e ridicularizados até o inferno, os quais agora sabem se um escárnio ou o fogo do inferno é o sofrimento maior. Como os tiranos pensam que os maiores, mais capazes e mais sábios homens devem ser atraídos para o seu

partido ou destruídos; assim o tirano do inferno, que governa nos filhos da desobediência, pensa que se a razão, o aprendizado e o talento não puderem ser contratados para disputar por ele contra Deus, devem ser suprimidos, silenciados e desonrados; o que o ruído de clamores rudes e zombarias tolas é perfeitamente adequado para realizar

8. Também a conversa fiada e sem sentido contra a religião, tratando-a como uma coisa desnecessária, serve para enganar os simples; pessoas ignorantes, que não convivem com homens mais sábios, são ordinariamente levadas pelas objeções tolas de um bêbado ignorante, que tem apenas um pouco mais de volubilidade ou frouxidão de língua do que os seus companheiros. Faria doer a cabeça e o coração de qualquer um ouvir com que reverente absurdo um deles falará contra as doutrinas ou práticas da piedade, e quão submissamente o rebanho dócil recebe e consente com as suas instruções!

9. Também tende muito a ajudar Satanás, e a assassinar almas, manter a reputação dos mais ímpios e rebaixar a reputação dos bons. O diabo sabe que o pecado em si é uma coisa que poucos homens conseguem amar abertamente, ou recomendar; e que a bondade ou a santidade é uma coisa que poucos homens conseguem odiar, ou pelo menos condenar, em seu nome e cores próprios. Portanto, ele busca fazer com que a reputação das pessoas sirva para promover ou impedir a causa pela qual ele é a favor ou contra. Aquele que se envergonha de dizer da embriaguez ou da prostituição que são práticas boas e honestas, atreve-se, contudo, a

dizer dos bêbados e dos prostitutos que são homens muito honestos; e, pela reputação deles, retira parte da hediondez do pecado e reconcilia os ouvintes com ele. E aquele que não pode, por vergonha, dizer da abstenção do pecado, e do viver uma vida santa em contemplação celestial, oração e obediência, que estas coisas são hipocrisia, cisma ou sedição, avareza, engano e orgulho; atreve-se, contudo, a dizer da pessoa que as pratica que ela é tão avarenta, enganadora, orgulhosa, hipócrita, cismática ou sediciosa quanto quaisquer outras que não fazem profissão de religião. E o diabo sabe que, embora a sã doutrina não tenha mistura de mal, nem o próprio Cristo tenha qualquer mancha ou defeito, as melhores pessoas são tão falhas ou defectíveis que um relato ruim a respeito delas é menos incrível, havendo matéria excessiva para levantar uma suspeita. E através das laterais delas é mais fácil ferir a doutrina ou a santidade que professam.

10. Também persuadir os pecadores a fazerem o mal, e dissuadi-los de uma vida piedosa, é outra forma de assassinar almas. As tentações do diabo dão-se principalmente por meio de instrumentos; ele tem os seus pregadores bem como Cristo; e seria bom se eles não nos superassem em seriedade, frequência e constância. Onde há uma pobre alma que é movida por Deus a se converter e viver, sem que o diabo tenha alguém por perto para afastá-la disso, persuadindo-a de que é desnecessário, e de que tudo está bem com ela, e contando-lhe algumas histórias sombrias sobre uma vida santa?

11. Outra forma de assassinato da alma é colocar iscas de engano e pecado diante do pecador: assim como os homens destroem ratos e camundongos por meio de iscas e veneno adoçado; ou pescam peixes ou caçam aves cobrindo a morte deles com aquilo que mais amam; assim o diabo e os seus instrumentos destroem almas: as iscas de um copo agradável, ou de uma companhia agradável, ou de comidas agradáveis, ou de esportes, peças ou jogos agradáveis; um banquete, uma taverna, uma hospedaria, uma prostituta, uma peça de teatro, um romance, um baralho de cartas ou dados, podem fazer o serviço. Se ele puder, provará que é uma coisa lícita; se não puder, provará que é um pecado venial; se isso não for possível, ele afogará a ponderação, fechará a boca da razão e da consciência, e gritará: "Siga em frente". Alguns têm iscas ainda mais altas do que estas, senhorios e terras, domínio e honra, para sufocar as suas almas.

12. Também um nome honesto para o pecado, e um nome desonesto para o dever para com Deus, serve de recurso para a perdição de muitos homens. Chamar a embriaguez de boa companhia, ou de tomar um copo; e a gula de boa hospitalidade; e a sensualidade de recreação ou passatempo; e o orgulho de manutenção de sua honra; e o mundanismo de boa administração; e a prodigalidade de liberalidade; e a luxúria e a prostituição de amor, e de ter uma amante; e a opressão de busca pelo que lhe é devido; e a dissimulação pérfida de cortesia; e a zombaria de inteligência. Estas, e outras coisas semelhantes, são armadilhas para as almas. E do mesmo uso é chamar

os deveres por nomes de vícios, o que tende a torná-los odiosos ou desprezíveis.

13. Também o lisonjear os pecadores, e elogiá-los em seu pecado, é um encorajamento assassino de almas para continuarem na má prática; e aos grandes pecadores raramente faltam tais inimigos.

14. Uma prontidão obediente a tudo o que os superiores ímpios ordenam é um encorajamento para que continuem no mal. Se os pais ou senhores ordenam aos seus inferiores que passem o dia do Senhor em danças ou outros exercícios ilícitos; ou mandam que roubem, ou mintam, ou os proíbem de adorar a Deus; aqueles que lhes obedecem os endurecem em seu pecado. Como Daniel e as três testemunhas teriam feito com o rei se lhe tivessem obedecido.

15. Também quando aqueles que têm o poder de impedir o pecado, e promover a piedade, não o fazem. Quando dão aos homens permissão para pecar, ou se abstêm de seu dever quando deveriam contê-lo. Aquele que fica por perto e vê o seu vizinho ser roubado ou assassinado, e não faz o que pode para salvá-lo, é culpado do pecado e do dano do sofredor.

16. O silêncio, quando somos obrigados a repreender um pecador, ou a instruir o ignorante, ou a exortar o obstinado, ou de qualquer forma falar pela salvação dos homens, é prejudicial às suas almas e nos torna participantes de seu pecado. O assassinato da alma pode ser feito por meras omissões.

17. Opor-se aos magistrados, ministros ou a quaisquer outros no cumprimento de seu dever pela piedade, ou contra o pecado, é um ato de hostilidade contra Deus e contra a salvação dos homens.

18. Uma provocação desnecessária do pecado, ou fazer algo sem necessidade, o que podemos prever que, por acidente, fará com que outrem se destrua, é ser culpado de seu pecado e de sua destruição; assim como é aquele que venderia veneno a alguém que ele pudesse prever que se mataria com ele; ou emprestaria fogo ao seu vizinho sabendo que ele queimaria a sua casa com ele. Mas sobre isto já se falou antes, no capítulo do escândalo.

19. Aqueles que são culpados de cismas ou divisões na igreja são assassinos de almas, ao privá-las daquele meio (a concórdia e a harmonia dos crentes) que Deus designou para a convicção e salvação dos homens; e ao colocar diante delas o maior escândalo, para trazer a religião ao desprezo e enfraquecer os piedosos.

20. Aqueles também que não lamentam os pecados da época, e não os confessam a Deus, e não oram contra eles, e não oram pelos pecadores quando deveriam, são assim culpados.

21. E o mesmo ocorre com aqueles que secretamente se alegram no pecado, ou consentem com ele, ou o aprovam quando é feito; o que, se manifestarem, é pernicioso também para os outros.

22. Por fim, uma frieza ou indiferença no cumprimento do nosso dever contra o pecado, sem o devido zelo, e

piedade para com o pecador, e reverência à verdade, é uma forma de culpa e prejudica os outros. Repreender o pecado como Eli fez com seus filhos; ou falar contra ele de leve, como entre a brincadeira e a seriedade, é o caminho para fazer o pecador pensar que se trata de uma questão pequena ou de brincadeira. Persuadir os homens à conversão ou a uma vida piedosa, sem um amor terno e piedade pelas suas almas, e sem a reverência de Deus e a seriedade de mente que a natureza e o peso da coisa requerem, é o caminho para endurecê-los em seu pecado e miséria. De todas estas formas um homem pode ser culpado, primeiro, do pecado, e segundo, da perdição de outrem.

Mas aqui (na parte negativa) tome nota das seguintes coisas:

Como não somos culpados do pecado ou da ruína de outros homens.

1. Que propriamente nenhum homem participa do mesmo pecado formal e numérico que pertence a outrem; *noxa caput sequitur* [a culpa segue a pessoa]. O pecado é individuado e informado pela vontade individual do transgressor. Não é possível que o pecado de outro homem seja propriamente e formalmente meu, a menos que eu fosse individualmente e formalmente esse mesmo homem, e não outro. Se dois homens põem as mãos na mesma má ação, eles são causas e sujeitos distintos da culpa formal distinta; embora sejam concausas e causas parciais do efeito: de modo que é apenas por multiplicação que fazemos do pecado

ou da culpa de outrem a matéria de pecado para nós, sendo a forma resultante de nós mesmos.

2. Nem todos os homens que são culpados do pecado e da condenação de outros homens são igualmente culpados; não apenas porque alguns são perdoados mediante o arrependimento e alguns permanecem impenitentes e não perdoados; mas porque alguns contribuem deliberadamente para o dano, e com prazer, e em maior medida; e alguns apenas em pequeno grau, por um descuido, ou pequena omissão, ou fraco desempenho de um dever, por mera enfermidade ou surpresa.

3. Nem todos os que não impedem o pecado, ou não o repreendem, são culpados dele; não mais do que todos os que não o punem; mas apenas aqueles que têm poder e oportunidade, e por isso são chamados por Deus para fazê-lo.

4. Se outro homem quiser pecar e destruir a sua alma por ocasião de meu dever necessário, não devo cessar o meu dever para evitar o pecado ou o dano de tais homens; do contrário, um ou outro, por sua perversidade, desculpar-me-á de quase todo o dever que eu deveria fazer. Não devo cessar de orar, de ouvir, de participar dos sacramentos, nem me retirar da comunhão da igreja porque outro transformará isso em seu pecado; do contrário, Satanás usaria o pecado dos outros para frustrar todo o culto a Deus. Contudo, devo acrescentar que muitas coisas deixam de ser um dever quando outrem será tão prejudicado por elas.

5. Não sou culpado de todos os pecados dos homens que são cometidos em minha presença; não, embora eu saiba de antemão que eles pecarão. Pois o meu chamado ou dever pode me levar à presença daqueles que posso saber de antemão que pecarão. Os homens ímpios pecam em tudo o que fazem, e contudo não se segue que eu não deva ter nada a ver com eles. De muitas falhas, que são pecado dele, um ministro ou uma igreja podem ser culpados, mesmo naquele culto público a Deus do qual, contudo, sou obrigado a estar presente.

Mas sobre tudo isso já se falou algo antes, no capítulo 12.

CAPÍTULO 15
DIREÇÕES GERAIS PARA A PROMOÇÃO DA SALVAÇÃO DE OUTROS

Os grandes meios que devemos usar para a salvação de nossos vizinhos são:

Direção 1. A sã doutrina: que aqueles que são seus instrutores inculquem os princípios saudáveis da piedade, que são: a negação de si mesmo, a mortificação, o amor a Deus e ao homem, as esperanças do céu, a obediência universal e absoluta a Deus; e tudo isso pela fé em Jesus Cristo, de acordo com as Escrituras Sagradas. Em vez de novidades, ou conversas vãs e disputas perversas, ensine-lhes estes princípios aqui resumidamente nomeados, repetidas vezes, centenas de vezes; exponha-os claramente

até que sejam bem compreendidos. Estas são as coisas necessárias e salvadoras; esta é a doutrina que é segundo a piedade, a qual formará cristãos sadios, de julgamentos sadios, corações sadios, condutas sadias e consciências sadias! Deus santifica os seus escolhidos por meio destas verdades.

Direção 2. Portanto, faça o seu melhor para ajudar os outros a terem o benefício de pastores e instrutores capazes e fiéis. Um solo fértil não é melhor para a sua semente, nem uma boa pastagem para o seu cavalo ou gado, nem uma dieta saudável para vocês mesmos, do que tais instrutores são para as almas de seus vizinhos. Se você os ama, deve desejar mais ajudá-los a ter bons mestres, ou estabelecê-los sob um ministério sadio e poderoso, do que procurar obter para eles quaisquer benefícios mundanos. Em um momento ou outro, a palavra poderá prevalecer com eles. É esperançoso estar sempre no caminho da misericórdia.

Direção 3. A concórdia dos instrutores entre si é uma grande ajuda para a salvação do rebanho. "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste", Jo 17:21, 25. A concórdia promove muito a reverência e a crença; e, consequentemente, a salvação dos homens (desde que seja uma concórdia santa).

Direção 4. A concórdia dos cristãos piedosos e privados tem o mesmo efeito. Quando os ignorantes veem aqui uma seita e ali outra, e os ouvem condenando-se mutuamente, isso os ensina a desprezar a todos e a pensar de forma

depreciativa da própria piedade; mas a concórdia lhes impõe respeito.

Direção 5. As vidas irrepreensíveis, humildes, amorosas e celestiais dos cristãos são um meio poderoso de ganhar almas. Preguem, portanto, cada um de vocês, por meio de tal conduta, a todos os seus vizinhos a quem desejam salvar.

Direção 6. Mantenham aqueles que desejam salvar em uma postura humilde, paciente e de aprendizado; e evitem que entrem em disputas orgulhosas e corram atrás de novidades e seitas. O aprendiz humilde cria raízes para baixo e cresce silenciosamente em sabedoria; mas se uma vez se tornam presunçosos, voltam-se para as contendas e colocam a sua religião em opiniões singulares adotadas, e em estarem deste ou daquele lado ou igreja; e caem em congregações divididas, onde o trabalho consiste em edificar almas destruindo a caridade, e ensinando os sectários a se valorizarem excessivamente e a desprezarem os que divergem; até que finalmente perdem o fôlego e, talvez, rompem com toda a verdadeira religião.

Direção 7. Façam o que puderem para colocá-los em boas famílias e, quando forem se casar, para uni-los àqueles que sejam aptos para serem seus ajudantes. Em famílias e relações desse tipo, as pessoas estão tão próximas e em convívio tão constante que isso será de grande ajuda ou impedimento para a sua salvação.

Direção 8. Mantenham-nos também, tanto quanto possível, em boa companhia, e fora de companhias ruins e sedutoras; especialmente aqueles que serão seus companheiros íntimos. A experiência do mundo nos diz

que poder a companhia tem para tornar os homens melhores ou piores: e que grande vantagem é ter influência sobre a mente dos homens, ter interesse neles e intimidade com eles; especialmente com aqueles que ainda receberão suas impressões mais profundas.

Direção 9. Mantenham-nos afastados das iscas, oportunidades e tentações mais perigosas da sensualidade. Afastem a isca e a pólvora do fogo. Não há como curar um bêbado ordinariamente em uma hospedaria ou taverna, nem um fornicador enquanto estiver perto dos objetos de sua luxúria, nem um glutão diante de uma mesa farta e atraente. Coloquem-nos a uma distância maior do perigo se quiserem que fiquem seguros. *Nemo diu tutus periculo proximus* [Ninguém fica seguro por muito tempo perto do perigo]. Sêneca.

Direção 10. Aproveitem a oportunidade de suas aflições pessoais, ou quaisquer outros avisos notáveis que estejam próximos a eles. Mantenham-nos frequentemente na casa do luto, onde a morte possa estar como que diante de seus olhos; e mantenham-nos fora da casa da alegria tola. O tempo da doença é um tempo de despertar, e abre poderosamente o ouvido para o conselho. A visão de pessoas mortas ou moribundas, o ouvir os desejos e queixas dos homens doentes, a visão de túmulos e ossos de homens mortos (se não forem frequentes a ponto de tornarem-se habituais) frequentemente forçam os mais tolos e obstinados a alguns pensamentos humanos e proveitosos; ao passo que o ruído da alegria tola e dos esportes, em reuniões da turba, peças de teatro e festejos de maio, excessos ou brincadeiras imoderadas, rudes ou tentadoras, matam todos os movimentos sóbrios e

salvadores, e tornam a mente indisposta para tudo o que é bom. Embora os deleites oportunos e úteis sejam lícitos, aqueles que são inoportunos, imoderados, enredadores, escandalosos ou inúteis são perniciosos e veneno para a alma.

Direção 11. Envolvam-nos na leitura das Escrituras Sagradas e de livros de teologia prática que, ao mesmo tempo, os familiarizem de forma mais clara com os princípios da religião e os apliquem de forma penetrante na consciência; para que o julgamento e o afeto, a cabeça e o coração, sejam edificados de uma só vez. Tais livros adequados podem ser diariamente seus companheiros; e é uma grande vantagem para eles que possam ter um sermão poderoso quando quiserem, e ler as mesmas coisas quantas vezes a fragilidade de suas memórias exigir. Tais companheiros privados e inocentes salvaram muitas almas.

Direção 12. Envolvam-nos em um curso constante de oração (seja com um livro, ou fórmula, ou sem ele, de acordo com a capacidade e a condição da pessoa). Pois o aproximar-se frequentemente de Deus em uma obra tão santa assustará ou envergonhará o homem de pecar, e o despertará para pensamentos sérios sobre a sua salvação, e o engajará em uma vida piedosa.

Direção 13. Se vocês querem que todos estes meios sejam eficazes para a conversão e salvação dos homens, mostrem-lhes todo o amor sincero e bondade, e façam-lhes todo o bem que puderem. Os homens são naturalmente mais sensíveis ao bem de seus corpos do que ao de suas almas; e uma bondade ao corpo é recebida com

gratidão, e pode prepará-los para receber um benefício maior. O que vocês mesmos não forem capazes de fazer por eles, solicitem àqueles que são capazes; ou, se também não puderem fazer isso, pelo menos mostrem a sua piedade e boa vontade. O amor é o pregador mais poderoso do mundo.

Direção 14. Certifiquem-se de não ter desentendimentos ou brigas com aqueles a quem desejam fazer o bem. E, para esse fim, geralmente o melhor caminho é ter o mínimo possível a ver com eles em compra e venda, ou quaisquer assuntos mundanos onde o "meu" e o "teu" possam entrar em competição; ou, se não puderem evitar, devem estar contentes em abrir mão de parte de seu direito, e sofrer algumas injustiças, por medo de dano à alma de seu vizinho. Mesmo pessoas piedosas, sim, pais e filhos, irmãos e irmãs, geralmente desentendem-se sobre o "meu" e o "teu". E quando o interesse próprio gera a disputa, geralmente pensam mal da pessoa de quem se supõe receber a injustiça; e então tornam-se incapazes de receber qualquer bem espiritual por meio dela, e se ela parece religiosa, frequentemente afastam-se da religião por causa dela. E todas as pessoas não convertidas são egoístas, e geralmente esperam que você satisfaça os desejos delas e se adeque ao interesse delas, sem respeito ao certo ou errado, ou aos seus próprios sofrimentos! Contudo, pessoas assim devem ser compadecidas e ajudadas; e, portanto, geralmente é melhor evitar todas as negociações ou tratativas mundanas com elas, para não as perder. E quando isso não puder ser feito, você deve considerar um pequeno desvio de seu próprio direito como um preço muito barato para obter o bem da alma de um vizinho.

Direção 15. Vejam que, em questões de religião, vocês não corram longe demais de tais homens em coisas lícitas, nem façam qualquer coisa pecaminosa em conformidade com eles. Ao concordar com eles em qualquer pecado, vocês os endurecerão e impedirão a sua conversão; e o mesmo farão por meio de oposição singular ou violenta em coisas indiferentes. Aquelas pessoas estão totalmente enganadas que pensam que os homens piedosos devem ir tão longe dos ímpios quanto puderem, em coisas lícitas; e dizem: "Os ímpios fazem assim, e por isso devemos fazer de outro modo". Paulo era de outra mente e prática, quando circuncidou Timóteo e "se fez tudo para com todos, para salvar alguns". Colocar a religião em coisas indiferentes, e clamar contra coisas lícitas como pecaminosas, ou fugir dos outros por singularidades desnecessárias, é uma grande causa do endurecimento e perdição de multidões, voltando os seus corações contra a religião, e fazendo-as pensar que não passa de escrúpulo desnecessário, e que as pessoas religiosas não passam de indivíduos presunçosos e de mente doente, que fazem de sua superstição um dever, e condenam a todos os que não são tão excêntricos quanto eles. Não coloquem tais pedras de tropeço diante de ninguém cujas almas vocês desejem salvar.

CAPÍTULO 16
DIREÇÕES ESPECIAIS PARA A CONVERSA, EXORTAÇÃO E REPREENSÃO CRISTÃS

Seção 1. Motivos para a Conversa e Exortação Cristãs.

Sendo o uso correto da fala um dever de tão grande importância, como já mostrei antes sobre o governo da língua; e sendo uma forma de comunicação pela qual todos somos obrigados a exercitar o nosso amor uns para com os outros, mesmo na maior das questões, que é a salvação das almas; procurarei primeiro persuadir a este dever aqueles que fazem pouca consciência dele; e isso pelas seguintes considerações.

Motivo 1. Considere que é o exercício de nossa humanidade: a razão e a fala nos diferenciam dos brutos. Se por sermos racionais somos homens, então pelo uso da razão vivemos como homens; e o primeiro uso comunicativo da razão é pela fala: ao pensar, exercitamos a razão para nós mesmos; ao falar, exercitamos a razão (primeiramente) para os outros. Portanto, se a nossa razão nos é dada para os usos mais elevados para nós mesmos (conhecer a Deus e a vida eterna, e os meios para isso), então certamente a nossa fala também nos é dada para os mesmos usos mais elevados, por meio de comunicação aos outros. Use, portanto, a sua língua para esses fins nobres para os quais ela lhe foi dada. Use-a como língua de homem, para os fins para os quais a natureza humana foi criada.

Motivo 2. Não há assunto tão sublime e honroso para a língua do homem ser empregada quanto os assuntos de Deus e da vida eterna. As crianças falarão de brinquedos infantis, os camponeses falarão de seus grãos e gado, e os príncipes e estadistas olharão para estes com sorrisos de desprezo, como coisas muito abaixo deles: mas coroas e

reinos estão incomparavelmente mais abaixo do interesse de uma alma santa! Quanto mais elevados os temas de que os filósofos tratam, mais honrosos (se bem feitos) são os seus discursos. Mas nenhum é tão alto quanto Deus e a glória.

Motivo 3. É o assunto mais proveitoso para os ouvintes. Um discurso sobre riquezas, no máximo, pode apenas direcioná-los sobre como enriquecer; um discurso sobre honras geralmente infla a mente dos ambiciosos: e se pudesse elevar os ouvintes à honra, o fruto seria uma vaidade pouco desejável. Mas um discurso sobre Deus, o céu e a santidade tende a transformar a mente dos ouvintes na natureza das próprias coisas discursadas: tem sido o meio de converter e santificar milhares de almas. Assim como os discursos eruditos tendem a tornar os homens eruditos nas coisas discursadas, os discursos santos tendem a tornar os homens santos. Pois assim como a geração natural não gera ouro ou reinos, mas sim o homem; a fala não é feita para comunicar aos outros (diretamente) a riqueza, a saúde, as honras ou quaisquer coisas extrínsecas que o orador possui; mas para comunicar as excelências mentais de que ele está possuído. Pv 16:21-22, "A doçura dos lábios aumenta o ensino. O entendimento, para aquele que o possui, é uma fonte de vida". Pv 10:13, 21, "Nos lábios do prudente se acha a sabedoria... Os lábios do justo apascentam a muitos". Pv 15:7, "Os lábios dos sábios difundem o conhecimento; mas o coração dos tolos não faz assim". Pv 20:15, "Há ouro e abundância de rubis; mas os lábios do conhecimento são joia preciosa". Pv 10:20, "Prata escolhida é a língua do justo; o coração dos ímpios vale muito pouco".

Motivo 4. O discurso santo também é extremamente proveitoso para o próprio orador. A graça aumenta com o exercício. Mesmo ao instruir os outros e expor a verdade, somos frequentemente guiados de forma mais poderosa a verdades ainda maiores nós mesmos do que por estudos solitários. Pois a fala desperta a faculdade intelectual e mantém os pensamentos em ordem, e uma verdade frequentemente infere outras para uma mente assim estimulada e preparada. E a língua tem o poder de mover os nossos corações; quando assopramos o fogo para aquecer outro, tanto o exercício quanto o fogo aquecem a nós mesmos: acende as chamas do santo amor em nós declarar o louvor de Deus aos outros; aumenta em nós o ódio ao pecado expor a sua hediondez aos outros. Deixamos a nós mesmos morrer de fome quando deixamos morrer de fome as almas que deveríamos nutrir.

Motivo 5. O discurso santo e celestial é o mais agradável. Refiro-se à sua própria aptidão, e para uma mente que não está doente pela corrupção. Aquilo que é maior, melhor e mais necessário é o mais agradável. O que deveria nos agradar melhor senão o que é melhor para nós, melhor para os outros e melhor em si mesmo? A excelência do assunto torna-o deleitável! E o mesmo faz o exercício de nossas graças sobre ele: e a conversa séria ajuda a descer a verdade aos nossos corações, onde ela é mais doce. Além disso, a natureza e a caridade tornam agradável fazer o bem aos outros. Não pode ser nada além de uma subversão do apetite pela carnalidade e pela impiedade o que faz alguém pensar que piadas tolas, histórias ou jogos são mais agradáveis do que a conversa espiritual e celestial; e que falar de riquezas, esportes ou desejos carnais é mais doce do que falar de Deus, de Cristo, da graça e da glória.

Uma mente santa tem um banquete contínuo em si mesma ao meditar nessas coisas, e a comunicação de tais pensamentos aos outros é um banquete mais comum e, portanto, mais agradável.

Motivo 6. Nossa fidelidade para com Deus nos obriga a proclamar o seu louvor, a promover a sua verdade e a defender a sua causa contra a iniquidade. Deu-nos ele línguas para engrandecer o seu nome e colocou diante de nós a estrutura admirável de todo o mundo para declarar a sua glória? E seremos relutantes em obra tão doce e grandiosa? Quão preciosa e útil é toda a sua santa palavra! Que luz, vida e conforto ela pode causar! E iremos sepultá-la no silêncio? Em que companhia podemos entrar quase sem que a prática aberta do pecado, ou a defesa dele, ou a oposição à verdade ou à piedade, ou a frieza dos corações dos homens para com Deus e a negligência supina das coisas santas não nos chamem, se somos servos de Deus, a tomar o partido dele; e se somos filhos da luz, a dar o nosso testemunho contra as trevas do mundo; e se amamos a Deus, a verdade e as almas dos homens, a mostrá-lo por nossa fala prudente e oportuna? É fiel a Deus e à sua causa aquele que não abre a boca para falar por ele?

Motivo 7. E quão preciosa é uma alma imortal e, portanto, não deve ser negligenciada! Considerou Cristo que as almas valiam a sua mediação, por tão estranha condescendência, mesmo até uma morte vergonhosa? Considerou ele que valiam a sua vinda na carne para ser o instrutor delas? E não considerará você que valem a pena falar com elas?

Motivo 8. Veja também a grandeza do seu pecado na negligência de ministros infiéis. É fácil ver a hediondez do pecado daqueles que não pregam o evangelho, ou que não fazem mais do que, por um discurso seco e morto de uma hora, esquivar-se do trabalho sério que deveriam realizar, e pensam que podem ser desculpados de toda a supervisão pessoal e ajuda às almas das pessoas durante toda a semana seguinte. E por que você não deveria perceber que um cristão privado mudo também deve ser condenado, bem como um ministro mudo? Não é a conversa proveitosa o seu dever, assim como a pregação proveitosa é o dele? Quantas pessoas condenam a si mesmas enquanto falam contra pastores infiéis, sendo elas mesmas tão infiéis às famílias e vizinhos quanto os outros são para com o rebanho!

Motivo 9. E considere como o baixo custo do meio agrava o pecado de sua negligência, e mostra grande falta de misericórdia para com as almas. Palavras custam pouco a você; de fato, sozinhas, sem a companhia de boas obras, são baratas demais para que Deus as aceite. Mas se um hipócrita pode trazer um sacrifício tão barato, o qual é rejeitado, o que merece aquele que o considera caro demais? O que fará esse homem por Deus, ou pela alma de seu vizinho, se não abre a boca para falar por eles? Ele parece ter menos amor do que aquele homem no inferno, Lc 16, que tanto desejava que um mensageiro fosse enviado de outro mundo para alertar os seus irmãos e salvá-los daquele lugar de tormento.

Motivo 10. Sua conversa frutífera é uma ajuda necessária para o trabalho ministerial. Quando o pregador entregou publicamente a palavra de Deus à assembleia, se você o

apoiasse a ponto de, no seu convívio diário, aplicá-la ao coração daqueles com quem você tem a oportunidade de conversar, quão grande assistência isso seria para o sucesso dele! Embora ele deva ensinar publicamente, e de casa em casa, At 20:20, contudo não lhe é possível ser tão frequente e familiar na conversa diária com todos os ignorantes do lugar quanto aqueles que estão sempre com eles podem ser. Vocês são muitos, e ele é apenas um, e só pode estar em um lugar de cada vez. Os negócios de vocês os trazem para a companhia deles quando ele não pode estar presente. Oh, feliz é o ministro que tem um povo assim, que diariamente prega o tema de seus sermões públicos em sua conversa privada uns com os outros! Muitas mãos tornam o trabalho rápido. Isto prevaleceria de forma mais eficaz contra os poderes das trevas e expulsaria Satanás de multidões de almas miseráveis.

Motivo 11. Sim, quando faltam ministros devido à escassez, perseguição ou infidelidade e negligência, a conversa santa e proveitosa do povo faria muito para suprir essa falta. Poucos lugares e épocas do mundo foram tão felizes que os pastores instruídos, capazes e fiéis não fossem tão poucos a ponto de precisarmos rogar ao Senhor da colheita que envie mais. E não é nada incomum ter esses poucos silenciados ou impedidos de pregar o evangelho pelas facções ou pela malícia do mundo! E é ainda mais comum ter pessoas ignorantes ou ímpias nesse ofício, que traem as almas do povo por sua usurpação, impiedade ou preguiça. Mas se, em todas essas necessidades, o povo que teme a Deus fizesse a sua parte em conversas privadas, isso seria um excelente suprimento. Os ministros podem ser silenciados de pregar

publicamente, mas vocês não podem ser silenciados de conversar proveitosamente.

Motivo 12. É um dever que tem muitas grandes vantagens para o sucesso. 1. Você pode escolher a sua oportunidade; se um momento não for adequado, pode aproveitar outro. 2. Você pode escolher a pessoa que considera ter maior necessidade ou capacidade, e onde o seu trabalho tem mais probabilidade de dar resultado. 3. Você pode escolher o seu assunto e falar daquilo que considera mais adequado. Não há restrição nem imposição sobre você para impedir a sua liberdade nisto. 4. Você pode escolher os argumentos pelos quais irá reforçá-lo. 5. A conversa dialogada mantém os seus ouvintes atentos e os conduz junto com você à medida que avança. E torna a aplicação muito mais fácil, pela proximidade e familiaridade do discurso; ao passo que os sermões geralmente são ouvidos apenas como um som insignificante ou palavras de rotina. 6. Você pode, a seu critério, voltar e repetir aquelas coisas que o ouvinte não entende ou esquece; o que um pregador no púlpito não pode fazer sem a censura dos ouvintes mais exigentes. 7. Você pode perceber pelas respostas daqueles a quem fala quais particulares precisa enfatizar mais e quais objeções deve resolver com mais cuidado; e quando os tiver satisfeito, pode prosseguir. Tudo isso é difícil para um ministro fazer na pregação pública; e não é um grande pecado negligenciar um dever tão vantajoso?

Motivo 13. E deveria encorajá-lo um pouco o fato de ser um dever inquestionável, quando muitos outros são colocados em controvérsia. Os ministros pregam sob a regulamentação de leis humanas e cânones, e é uma grande controvérsia para muitos se devem pregar quando

são silenciados ou proibidos por seus superiores; mas se você pode falar de Deus e da salvação dos homens em sua conversa familiar, ninguém questiona, nem nenhuma lei o proíbe.

Motivo 14. A conversa frutífera dos outros, nos dias de sua ignorância, não lhe fez bem? Não foi você instruído, convencido, persuadido e confortado por ela? O que teria sido de você se todos os homens o tivessem deixado em paz, tivessem passado por você e o tivessem deixado entregue a si mesmo? E não exige a justiça que você faça o bem aos outros, como os outros fizeram a você, no uso de um meio tão provado?

Motivo 15. Considere quão dispostos os servos do diabo estão a defender a causa dele! Quão prontamente e ferozmente um bêbado ignorante derramará as suas reprovações e escárnios contra a religião, e falará mal das coisas que nunca compreendeu! Quão zelosamente um papista, herético ou cismático promoverá o interesse de sua seita e trabalhará para converter outros ao seu partido! E seremos nós menos zelosos e prestativos para Cristo do que os servos do diabo são para ele? E faremos menos para salvar almas do que eles farão para condená-las?

Motivo 16. Na verdade, no tempo de seu pecado e ignorância, se você não falou contra a religião, nem ensinou os outros a amaldiçoar, jurar ou falar em linguagem vulgar e obscena, pelo menos passou muitas horas em conversas inúteis e sem fruto? E isso não o obriga agora a mostrar o seu arrependimento por meio de conversas mais frutíferas? Falará você de forma tão improfícua após a sua conversão quanto fazia antes?

Motivo 17. A conversa santa evitará a culpa das conversas tolas e inúteis. Os homens não ficarão em silêncio por muito tempo, mas falarão de alguma coisa, e se não tiverem coisas proveitosas de que falar, falarão de vaidade. Todo o bate-papo tolo, piadas fúteis, vulgaridades obscenas e fofocas invejosas que tomam o tempo dos homens e envenenam os ouvintes ocorrem pela falta de conversas edificantes que deveriam mantê-los afastados. As mentes e línguas mais férteis produzirão mais ervas daninhas se não forem cultivadas e ensinadas a produzir uma colheita melhor.

Motivo 18. Suas línguas serão instrumentos para o bem público ou para o mal público. Quando a linguagem obscena, fútil e ímpia se torna comum, ela trará pragas e julgamentos comuns! E se você não contrariar o costume, parecerá conivente e endurecerá os homens em seu pecado. Mas a conversa santa pode, pelo menos, mostrar que alguns não participam do mal e pode livrá-los da praga, se não prevalecerem com os outros a ponto de evitá-la. "Então, os que temiam ao Senhor falavam frequentemente uns aos outros; o Senhor atentou e ouviu; e houve um livro de lembrança escrito diante dele, para os que temiam ao Senhor e para os que se lembravam do seu nome. Eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que prepararei, serão para mim propriedade peculiar; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve", Ml 3:16-17.

Motivo 19. Considere que grande necessidade há em toda parte de conversas frutíferas e edificantes. 1. Na multidão de ignorantes e na grandeza de sua ignorância. 2. No número de sensuais e obstinados. 3. No poder da cegueira

e de cada pecado: que raiz ele fincou na maioria dos homens. 4. Na multidão de iscas que estão em toda parte diante deles. 5. Na sutileza de Satanás e de seus instrumentos ao tentar. 6. Na fraqueza e inconstância do homem, que precisa de constante solicitação. 7. Na falta de pastores santos e fiéis, o que torna a diligência dos homens privados ainda mais necessária. E em tal necessidade fechar a nossa boca é fechar as entranhas de nossa compaixão quando vemos a necessidade de nosso irmão; e como, então, o amor de Deus permanece em nós? 1 Jo 3:17. Reter a nossa exortação é como reter o trigo dos pobres em tempo de fome, o que atrai maldição, Pv 11:26. E embora, neste caso, os homens sejam insensíveis à sua falta e não considerem ruim serem ignorados, Cristo, que morreu por eles, considerará ruim.

Motivo 20. Por fim, considere quão pouco tempo você provavelmente falará; e por quanto tempo deve ficar em silêncio. A morte rapidamente interromperá a sua respiração, o colocará nas trevas e dirá que todas as suas oportunidades chegaram ao fim. Fale agora, pois você não tem muito tempo para falar. As vidas de seus vizinhos estão correndo para o fim, e as suas também; eles estão morrendo e não devem ouvir mais nada (até ouvirem a sua condenação), e você está morrendo e não deve falar mais nada; e eles serão perdidos para sempre se não tiverem ajuda: compadeça-se deles, então, e chame-os a prever o dia final; alerte-os agora, pois deve ser agora ou nunca: não há instrução nem admoestação para eles na sepultura. Aqueles crânios que você vê desenterrados já tiveram línguas que deveriam ter louvado ao seu Criador e Redentor, e ajudado a salvar as almas uns dos outros; mas agora estão sem línguas. É uma grande dor para nós, que

estamos agora aqui silenciados, não termos usado o nosso ministério de forma mais laboriosa e zelosa enquanto tínhamos tempo. e não será assim com você, quando a morte o silenciar, se não falou por Deus enquanto tinha língua para falar?

Que todas essas considerações despertem todos aqueles a quem Deus ensinou uma linguagem santa a usá-la para o serviço de seu Mestre enquanto podem, e a se arrependerem do silêncio pecaminoso.

Seção 2. Direções para a Conversa Cristã e a Fala Edificante.

Direção 1. A direção mais necessária para uma língua frutífera é obter uma mente bem equipada, um coração santo e andar com Deus em santidade você mesmo: pois da abundância do coração fala a boca. Aquilo de que você está mais cheio é o mais pronto a sair. 1. Não poupe estudos nem trabalhos para obter entendimento nas coisas de Deus: é um cansaço ouvir homens falarem tolamente de qualquer coisa, mas em lugar nenhum tanto quanto sobre as coisas divinas e celestiais. Um cristão sábio instruído para o reino de Deus tem um tesouro em sua mente, do qual pode tirar coisas novas e velhas, Mt 13:52. "Desvia-te da presença do homem insensato, porque nele não acharás lábios de conhecimento", Pv 14:7. 2. Obtenha toda aquela santidade em você mesmo para a qual deseja persuadir a outrem. Há um estranho poder comunicativo no curso da natureza para que cada coisa produza o seu semelhante. O aprendizado e a boa elocução são de grande ajuda; mas é a santidade que é mais apta a gerar santidade nos outros.

Palavras que procedem do amor de Deus e de uma mente verdadeiramente celestial tendem de forma mais poderosa a gerar nos outros esse amor de Deus e mente celestial. 3. Viva na prática daquilo que deseja atrair o seu vizinho a praticar. Um homem que vem aquecido pela meditação santa ou oração fervorosa traz ao seu coração uma plenitude de matéria, um desejo ardente e uma aptidão para comunicar aos outros o bem que ele mesmo sentiu.

Direção 2. Especialmente veja que você mesmo creia piamente naquilo que vai falar aos outros. Aquele que tem infidelidade secreta em seu coração, e ele próprio não está convencido se há um céu e um inferno, e se o pecado é tão ruim e a santidade tão necessária quanto as Escrituras dizem, falará sem entusiasmo sobre essas coisas para outrem; mas se cremos nessas coisas como se as víssemos com os nossos próprios olhos, quão entusiasticamente conversaremos sobre elas!

Direção 3. Mantenha um senso compassivo da miséria das almas ignorantes, ímpias e impenitentes. Pense em que miserável servidão de trevas e sensualidade elas se encontram; e que é a luz que deve recuperá-las: pense frequentemente em quão rapidamente devem morrer, e em que apresentação devem fazer diante do Senhor, e quão miseráveis devem ser para sempre se agora não forem convencidas e santificadas! E certamente isto despertará as suas entranhas de misericórdia para se compadecer delas e fará com que você fale.

Direção 4. Subjugue a timidez ou vergonha tola, e obtenha uma santa fortaleza mental. Lembre-se do pecado que é ter vergonha de tal Mestre, e de tal causa e trabalho,

os quais todos gostarão de assumir no final; e que os ímpios não se envergonham do serviço do diabo e das obras mais vis. E lembre-se daquela ameaça: "Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos", Mc 8:38.

Direção 5. Esteja sempre munido daquelas verdades particulares que podem ser de maior utilidade neste serviço. Estude para fazer o seu trabalho (no seu grau) assim como os ministros estudam para fazer o deles; os quais não se contentam com os equipamentos habituais de suas mentes, mas também fazem preparações particulares para o seu trabalho particular. Se você vai ao campo trabalhar, levará as ferramentas com as quais o trabalho deve ser feito: faça o mesmo quando for para o meio daqueles a quem pode fazer o bem, e não esteja desprevenido para uma conversa edificante.

Direção 6. Fale mais sobre as coisas mais importantes (a loucura do pecado, a vaidade do mundo, a certeza e a proximidade da morte e do julgamento, o peso avassalador da eternidade, a necessidade da santidade, a obra da redenção, etc.) e não escolha as questões menores da religião para gastar o seu tempo (a menos que por alguma razão especial). Entre homens bons que não perderão o seu tempo na vaidade, o diabo frequentemente prevalece para fazê-los perdê-lo em tais conversas religiosas que pouco servem para edificação, para que as questões maiores sejam por isso excluídas; tais como Paulo chama de "contendas de palavras e disputas sobre questões que geram discórdia, e não edificação piedosa": como sobre as

suas várias opiniões ou partidos, ou comparar um pregador ou pessoa com outra, ou coisas que tendem muito pouco a tornar os ouvintes mais sábios, santos ou celestiais.

Direção 7. Adapte todo o seu discurso à qualidade de seus ouvintes. O que é melhor em si mesmo pode não ser melhor para cada ouvinte. Você deve variar tanto o seu assunto quanto a maneira de falar, 1. Conforme a variedade de conhecimento dos homens: não se deve falar com sábios e tolos da mesma maneira. 2. Conforme a variedade de suas qualidades morais: um pode ser muito piedoso, outro fraco na graça, outro apenas dócil e tratável, outro ímpio e impenitente, e outro obstinado e zombador. Com estes não se deve falar com a mesma maneira de discurso. 3. Conforme a variedade de pecados particulares aos quais estão inclinados; os quais em alguns representam o orgulho, em alguns a sensualidade, a luxúria ou a preguiça, em alguns a avareza, e em alguns um zelo errôneo contra a igreja e a causa de Cristo. Cada médico sábio variará os seus remédios, não apenas conforme o tipo de doença, mas conforme os seus vários acidentes, e também a constituição do paciente.

Direção 8. Certifique-se de fazer mais onde você tem mais autoridade e obrigação. Aquele que negligencia e despreza a sua família, parentes, filhos e servos que estão sob ele, e sempre com ele, e contudo é zeloso pela conversão de estranhos, revela muita hipocrisia e mostra que é outra coisa, e não o amor pelas almas ou o senso de dever, que o move.

Direção 9. Nunca fale de coisas santas senão com a maior reverência e seriedade que puder. A maneira, bem como o assunto, é necessária para o efeito. Falar de pecado e conversão, de Deus e da eternidade, de forma comum, apressada e descuidada, como se fala dos homens e dos assuntos do mundo, é muito pior do que o silêncio, e tende apenas a corromper os ouvintes e trazê-los ao desprezo de Deus e da santidade. Lembro-me de que, quando era jovem, tive algumas vezes a companhia de um antigo ministro piedoso, de habilidades mais fracas do que muitos outros, mas que, contudo, me aproveitou mais do que a maioria; porque ele nunca em oração ou conversa falava de Deus ou da vida futura senão com tamanha seriedade e reverência maravilhosas, como se estivesse vendo a majestade e a glória de que falava.

Direção 10. Tenha cuidado com passagens impensadas e imprudentes que podem estragar todo o resto e dar aos ouvintes maliciosos a oportunidade de desprezo e zombaria. Muitos cristãos honestos, por sua ignorância, prejudicam grandemente a causa que defendem (gostaria de não ter de dizer o mesmo de muitos ministros). Poucas palavras não são tão ruins quanto uma única palavra imprudente e tola a mais.

Direção 11. Condescenda com os fracos e suporte a sua enfermidade. Se lhe derem respostas tolas, não fique irritado nem impaciente com eles; sim, mesmo se contestarem e contradisserem perversamente. "E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se Deus porventura lhes dará o arrependimento para conhecerem a verdade", 2 Tm

2:24-25. É um médico tolo aquele que não pode suportar as palavras de um paciente delirante.

Direção 12. Quando você estiver entre aqueles que podem lhe ensinar, não seja tão apressado em ensinar quanto em aprender. Não seja ansioso por expor o que tem a dizer, mas desejoso de ouvir o que os seus superiores têm a dizer. Perguntas nesse caso deveriam fazer a maior parte de sua participação: requer grande habilidade e diligência extrair dos outros aquilo que possa aproveitá-lo; e não fique impaciente se eles contrariarem as suas opiniões ou expuserem a sua ignorância. Sim, aqueles a quem você pode ensinar em outras coisas, contudo, em alguns pontos podem ser capazes de acrescentar muito ao seu conhecimento.

Seção 3. Direções Especiais para a Repreensão e Exortação para o bem dos outros.

Este dever é tão grande que Satanás o impede com todo o seu poder, e tão difícil que a maioria dos homens o omite completamente (a menos que uma reprovação irada possa passar por exortação cristã): e alguns o estragam na execução; e algumas pessoas orgulhosas e censoras confundem o exercício de seu orgulho e paixão com o exercício de um dever cristão de caridade; e parecem ser mais sensíveis ao pecado e miséria de seu vizinho do que ao seu próprio. Portanto, para que você não erre em obra tão necessária, acrescentarei as seguintes direções.

Direção 1. Certifique-se primeiro de que a sua repreensão tenha um fim correto; e depois que a maneira seja

adaptada a esse fim. Se for para convencer e converter uma alma, deve ser feito de uma forma propensa a prevalecer; se for apenas para rebater o argumento de um enganador, para preservar os observadores, para vindicar a honra de Deus e da piedade, e para desonrar o pecado, e desonrar um agente obstinado do diabo, então outro curso é adequado. Portanto, resolva primeiro, pela qualidade da causa e da pessoa, qual deve ser o seu fim.

Direção 2. Certifique-se de não repreender como pecado aquilo que não é pecado; seja por equívoco da lei ou do fato. Fazer deveres e pecados de nossas próprias opiniões e invenções, e depois aplicar o nosso zelo a estes, e censurar ou repreender todos os que não pensam de forma tão dura de tais coisas quanto nós; isto é tornar a nós mesmos objetos da piedade dos ouvintes, e não exercer a devida piedade para com os outros! Tais repreensões merecem repreensão; pois revelam grande ignorância, orgulho e presunção, e endurecem grandemente os pecadores em seu caminho; fazendo-os pensar que toda repreensão não passa de vaidade de hipócritas excêntricos. Em alguns casos, com um filho, servo ou amigo íntimo, ou por prevenção, podemos falar de faltas por ouvir dizer ou por suspeita; mas deve ser como de coisas incertas, e como um aviso antes do que como uma repreensão. Na repreensão comum, você deve compreender o caso antes de falar; é uma vergonha dizer depois: "Pensei que tivesse sido de outro modo". Uma repreensão errônea assim é pior do que nenhuma.

Direção 3. Não escolha os menores pecados para repreender, nem os menores deveres para exortá-los. Pois isso os fará pensar que todo o seu zelo está voltado para

questões pequenas, e que não há grande necessidade de dar atenção a você; e a consciência será muito pouco movida pela sua fala: ao passo que as coisas maiores afetarão os homens de forma mais fácil e intensa.

Direção 4. Não se detenha (com homens não regenerados) na menção de pecados ou deveres particulares; mas faça uso dos particulares para convencê-los de um estado de pecado e miséria. É fácil convencer um homem de que ele é um pecador; e quando isso é feito, ele nunca fica por isso mais humilhado ou convertido: pois ele lhe dirá que todos são pecadores; e por isso ele espera passar tão bem quanto você. Mas você deve fazê-lo discernir o seu estado pecaminoso, e mostrar-lhe a diferença entre um pecador arrependido e um impenitente; um pecador convertido e um não convertido; um pecador justificado e perdoado e um não justificado e não perdoado; do contrário, você lhe fará muito pouco bem.

Direção 5. Adapte a maneira de sua repreensão à qualidade da pessoa. É raro que um pai, senhor ou superior deva ser repreendido por um subordinado privado; e quando isso é feito, deve ser feito com grande submissão e respeito. Um indivíduo irritado e melindroso deve ser tratado com ternura, como quem lida com espinhos; mas uma pessoa mais apática e simplória deve ser tratada com mais seriedade e entusiasmo. Da mesma forma, um pecado maior deve ser tratado de forma mais dura, ou com maior detestação, do que um menor.

Direção 6. Escolha uma oportunidade oportuna. Não quando o homem estiver alcoolizado, ou sob paixão, ou

entre outros onde a vergonha o irritará e endurecerá; mas em segredo entre ele e você (se a conversão dele for o seu fim).

Direção 7. Faça tudo em amor e terna piedade. Se você não convencer o ouvinte de que faz isso em amor sincero, deve (geralmente) esperar perder o seu trabalho; porque você não aproveita o amor-próprio dele para promover as suas exortações: portanto, o caminho da exortação deve ser mais frequente do que o da repreensão; pois a repreensão envergonha e exaspera, ao passo que a mesma coisa formulada em uma exortação pode prevalecer.

Direção 8. Portanto, dedique-se tanto ou mais a mostrar o bem para o qual deseja atraí-los quanto o mal do qual deseja afastá-los. Pois eles nunca são convertidos de forma salvadora até que sejam conquistados para o amor de Deus e da santidade; portanto, a exposição das riquezas do evangelho, do amor de Deus e das alegrias do céu deve ser a maior parte de seu diálogo com um pecador.

Direção 9. E trabalhe de tal modo para ajudá-lo a uma verdadeira compreensão da natureza da religião que ele perceba que ela não é apenas uma coisa necessária, mas agradável. Todo amor deleita: é a calúnia e a representação deturpada da piedade por parte do diabo, do mundo e da carne que fazem os pecadores enganados evitá-la. O caminho para convertê-los, e ganhar os seus corações para ela, é fazê-los saber quão boa e agradável ela é, e confutar essas calúnias.

Direção 10. No entanto, sempre insira a lembrança da morte, do julgamento e do inferno. Pois a mente sonolenta precisa ser despertada; e o amor opera melhor quando o

medo o serve. É difícil conseguir uma audiência séria e consideração das coisas por parte de corações endurecidos se a visão da morte e do inferno não ajudar a torná-los sérios. O perigo do qual se deve escapar deve ser conhecido e pensado. Estas coisas põem peso e poder em sua fala.

Direção 11. Faça tudo como que com autoridade divina; e, portanto, tenha prontos alguns textos claros das Escrituras para o dever e contra o pecado de que fala. Mostre-lhes onde o próprio Deus o disse.

Direção 12. Interrogações oportunas, induzindo-os a julgarem a si mesmos em sua resposta, têm uma força convincente e comprometedora. Como quando você lhes mostra as Escrituras, pergunte-lhes: "Não é esta a palavra de Deus? Você não crê que ela é verdadeira? Você não acha que aquele que escreveu isto sabe melhor do que você ou eu?", etc.

Direção 13. Conduza-os à prática rápida e, prudentemente, comprometa-os a isso pela promessa deles. Como, se você fala a um bêbado, leve-o a prometer-lhe não ir mais (pelo menos, por tanto tempo) a uma hospedaria; ou a não beber cerveja ou vinho senão com o consentimento de sua esposa ou de algum amigo doméstico sóbrio que possa vigiá-lo. Comprometa o voluptuoso, o impuro e o jogador a abandonarem a companhia que os enreda. Comprometa o ímpio a ler as Escrituras, a frequentar boa companhia, a orar de manhã e à noite (com um livro ou sem ele, conforme forem mais capazes). A promessa deles pode trazê-los a uma mudança atual de prática que os prepare para mais.

Direção 14. Se você conhece alguém perto de você que seja muito mais apto do que você mesmo, e com mais probabilidade de prevalecer, procure que ele tente aquilo que você não pode fazer com sucesso. Pelo menos quando os pecadores percebem que não se trata apenas da opinião de um homem, isso pode motivá-los de algum modo a reverenciar a repreensão.

Direção 15. Coloque algum bom livro em suas mãos que seja adequado ao trabalho que você gostaria de ver feito. E faça-os prometer-lhe seriamente lê-lo todo e considerá-lo; como, se for para a conversão de um pecador descuidado, o "Tratado da Regeneração" do Sr. Whateley ou do Sr. Swinnock; ou algum outro tratado de arrependimento e conversão. Se for para alguém que está preconceituoso contra uma vida religiosa estrita, a "Vindicação da Piedade" do Sr. Allen. Se for uma pessoa ociosa e voluptuosa, que desperdiça o precioso tempo em peças ou recreações desnecessárias, em jogos ou em uma vida ociosa, o sermão do Sr. Whateley chamado "A Redenção do Tempo". Se for uma pessoa que não ora, "O Exercício Diário do Santo" do Dr. Preston; se for um bêbado, "O Cálice do Bêbado" do Sr. Harris: e para muitos pecados específicos dominantes, um livro chamado "A Prescrição de Salomão contra a Peste": para direções na prática diária da piedade, "A Prática da Piedade", ou as "Direções" do Sr. Thomas Gouge, etc. Tais livros podem falar de forma mais pertinente do que você, e servir de alimento constante para os pensamentos sóbrios deles, e assim impulsionar o que você começou.

Direção 16. Quando você não puder falar, ou onde a sua fala não prevalecer, lamente por eles e ore fervorosamente

pela sua recuperação. O semblante triste de Neemias lembrou Artaxerxes de seu dever. Um suspiro ou uma lágrima por um pecador miserável pode mover o seu coração quando a exortação não o faz. Tem coração de pedra aquele que não terá nenhum senso de sua condição quando vê outrem chorando por ele.

Pergunta. Mas é sempre um dever repreender ou exortar um pecador? Como saberei quando é o meu dever e quando não é?

Resposta. Não é dever em nenhum dos seguintes casos:

1. Em geral, quando você tem razão suficiente para julgar que isso fará mais mal do que bem, e não atingirá o seu fim próprio; pois Deus não nos designou para fazer o mal sob o pretexto de dever; não é um meio aquilo que contraria o fim que deveria atingir. Assim como a oração e a pregação podem ser pecado quando propensas a contrariar o seu fim próprio, o mesmo pode ocorrer com a repreensão.

2. Portanto, não deve ser usado quando impede visivelmente um bem maior. Assim como não devemos orar ou pregar quando deveríamos estar apagando um incêndio na cidade, ou salvando a vida de um homem: da mesma forma, quando a repreensão exclui algum dever ou benefício maior, ela é inoportuna e não é dever naquele momento. Cristo nos permite abster-nos de lançar pérolas aos porcos, ou dar o que é santo aos cães, por causa destas duas razões mencionadas: não serve de meio para os desdenhosos, e eles se voltarão para nos despedaçar. Muito mais se for algum inimigo poderoso da igreja, que não apenas nos despedaçará,

mas à própria igreja, se for assim provocado: repreendê-lo, então, não é o nosso dever.

3. Particularmente, quando um homem está sob paixão ou bêbado, geralmente não é momento para repreendê-lo.

4. Nem quando você estiver entre outros que não deveriam ser testemunhas da falta ou da repreensão; ou cuja presença o envergonhará e ofenderá (exceto se for apenas a vergonha de um pecador incorrigível ou malicioso o que você pretende).

5. Nem quando você estiver incerto sobre o fato que gostaria de repreender, ou incerto se é um pecado.

6. Ou quando você não tiver testemunha disso (embora esteja pessoalmente seguro), com alguns que tirarão vantagem contra você como caluniadores, a repreensão pode ser omitida.

7. E quando os transgressores forem de tal modo seus superiores que você provavelmente não terá melhor sucesso do que ser considerado arrogante; um gemido ou lágrimas é, então, a melhor repreensão.

8. Quando você for tão totalmente incapaz de conduzir uma repreensão que a imprudência ou a falta de razão convincente provavelmente a tornará um meio de maior dano do que bem.

9. Quando você prever uma oportunidade mais vantajosa se adiar.

10. Quando outro puder ser obtido para fazê-lo com muito mais vantagem, o que a sua ação poderia antes impedir.

Em todos estes casos, pode ser pecado aquilo que, em outro momento, pode ser um dever.

Mas lembre-se sempre, primeiro, de que o orgulho, a paixão e a preguiça costumam fingir tais razões falsamente, sobre algumas conjecturas leves, para afastar um dever. Segundo, que nenhum homem deve considerar outrem como cão ou porco para se desculpar deste dever, sem evidência convincente. E não é cada oposição briguenta, nem reprovação e escárnio, que nos autorizará a dar um homem como sem remédio e não falar mais com ele; mas apenas aquela que: 1. Mostra um coração totalmente endurecido após longos meios. 2. Ou trará mais sofrimento ao repreendedor do que bem ao transgressor. 3. Que quando a coisa é ordinariamente um dever, as razões de nossa omissão devem ser claras e seguras antes de nos desculparem.

Pergunta. Devemos repreender infiéis ou pagãos? O que temos a ver com julgar os que estão de fora?

Resposta. Não para os fins de excomunhão, porque eles não são capazes disso, o que se entende em 1 Co 5. Mas devemos repreendê-los, primeiro, em compaixão comum às suas almas. Para que foram enviados os apóstolos e outros pregadores senão para chamar todos os homens de seus pecados para Deus? Segundo, e para a defesa da verdade e da piedade contra as suas palavras ou maus exemplos.

CAPÍTULO 17
DIREÇÕES PARA MANTER A PAZ COM TODOS OS HOMENS

A paz é tão amável para a própria natureza que até os seus maiores destruidores a elogiam; e aquelas pessoas, em todos os tempos e lugares, que são a causa de o mundo não poder desfrutá-la, ainda assim falarão bem dela e clamarão contra os outros como inimigos da paz; como se não houvesse outro nome senão o deles próprios suficiente para tornar os seus adversários odiosos. Assim como desejam a salvação, os ímpios também desejam a paz; o que se dá com um duplo erro: um sobre a natureza dela, e outro sobre as condições e demais meios. Por paz, eles entendem o desfrute tranquilo e imperturbável de suas honras, riquezas e prazeres; que possam satisfazer os seus desejos e vontade sem qualquer contradição; e as condições nas quais gostariam de tê-la são a conformidade de todos os outros com as suas opiniões e vontades, e a submissão humilde ao seu domínio, paixões ou desejos. Mas a paz é outra coisa, e de outro modo deve ser desejada e buscada. A paz na mente é o efeito deleitável de sua harmonia interna, assim como a paz no corpo não é senão a sua saúde agradável, na posição, estado, ação e concórdia natural de todas as partes, dos humores e dos espíritos: e a paz nas famílias, vizinhanças, igrejas, reinos ou outras sociedades é a tranquilidade e o prazer de sua ordem e harmonia; e deve ser alcançada e preservada por estes seguintes meios.

Direção 1. Tenham os seus próprios corações em uma estrutura humilde; e abominem todos os movimentos de

orgulho e autoexaltação. Um homem humilde não tem grandes expectativas em relação a outrem; e, portanto, é facilmente agradado ou acalmado. Ele pode curvar-se e ceder ao orgulho e à violência dos outros, como o salgueiro aos ventos impetuosos. Sua linguagem será submissa; sua paciência, grande; ele contenta-se em que os outros vão adiante dele; não se ofende por outro ser preferido. Uma mente baixa agrada-se em uma condição baixa. Mas o orgulho é a pólvora da mente, da família, da igreja e do estado; ele torna os homens ambiciosos e os coloca a disputar quem será o maior. A opinião de um homem orgulhoso deve sempre passar por verdade, e a sua vontade deve ser uma lei para os outros, e ser desprezado ou contrariado parece-lhe uma injustiça insuportável. E ele deve ser um homem de maravilhosa conformidade, ou um excelente artífice em agradar aos homens e em lisonja, para não ser considerado como alguém que o desvaloriza injustamente: aquele que se supervaloriza considerará ruim que todos os outros também não o supervalorizem. Se você (por esquecimento) for adiante dele, ou não o notar, ou negligenciar um cumprimento, ou negar-lhe algo que ele esperava, ou não falar honrosamente dele, muito mais se você o repreender e lhe disser as suas faltas, você colocou fogo na pólvora, você quebrou a paz dele, e ele quebrará a sua, se puder. O orgulho quebrou a paz entre Deus e os anjos apóstatas; mas nada conflituoso deve estar no céu; e, portanto, pela autoexaltação eles desceram para as trevas; e Cristo, pela autohumilhação, ascendeu à glória. É uma questão de enorme dificuldade viver pacificamente em qualquer família, igreja ou sociedade com qualquer pessoa que seja muito orgulhosa. Eles esperam tanto de você que você nunca poderá responder a todas as suas

expectativas, mas irá desagradá-los por suas omissões, embora não fale nem faça nada para desagradá-los. O que é senão o desejo de orgulho que causa a maioria das guerras e derramamentos de sangue em todo o mundo? O orgulho de dois ou três homens deve custar a muitos milhares de seus súditos a perda de sua paz, bens e vidas. *Delirant reges, plectuntur Achivi* [Os reis enlouquecem, os gregos pagam o pato]. Quais foram as conquistas daqueles imperadores, Alexandre, César, Tamerlão, Maomé, etc., senão os efeitos perniciosos de seu orgulho infame; o qual, como pólvora pegando fogo em seus peitos, explodiu tantas cidades e reinos, e chamou as suas vilanias pelo nome de valor, e os seus assassinatos e roubos pelo nome de guerra? Se o orgulho de um homem inflar tanto que o seu próprio reino não possa contê-lo, a paz de tanto do mundo quanto ele possa conquistar é considerada apenas um sacrifício razoável para este vício infernal. As vidas de milhares, tanto de súditos quanto de vizinhos (chamados de inimigos por este espírito maligno), devem ser lançadas fora, meramente para tornar este único homem o governante do resto, e subjugar as pessoas dos outros à sua vontade. O qual, talvez, quando terminar, dirá que não é tirano, mas faz do *bonum publicum* [bem público] o seu fim; e é bondoso com os homens contra a vontade deles; e mata, queima e despovoa países para o bem-estar corporal dos homens; assim como os papistas envenenam, queimam e massacram homens para a salvação das almas. *Cuncta ferit dum cuncta timet, desaevit in omnes* [Fere a todos enquanto teme a tudo, enfurece-se contra todos]. Eles são os turbilhões, os furacões ou ciclones do mundo, cujo trabalho é derrubar e arruinar. *Tantum ut noceat cupit esse potens* [Deseja ser

poderoso apenas para poder prejudicar]. Se eles queimam e matam por direito ou erro é de pouca importância para a sua investigação; mas sim: quantos são mortos? E quantos se submeteram ao seu orgulho e vontades? Como quando Q. Flávio queixou-se de que sofria inocentemente, Valério respondeu-lhe: *Non sua re interesse, dummodo periret* [Não importava para os seus negócios, desde que ele perecesse]: o que foi um tratamento mais franco do que estes conquistadores gloriosos usaram, mas de modo algum pior. Aquele que não pode comandar os humores pútridos para fora de suas veias, nem os vermes para fora de seus intestinos, nem será capaz em breve de impedi-los de rastejar ou se alimentar de seu rosto, agora condenará a sua alma e derramará o sangue dos homens para obter a predominância de sua vontade. E quando ele conquistou muitos, apenas fez para si muitos inimigos, e pode descobrir que *in tot populis vix una fides* [em tantos povos há pouca fidelidade]. Um homem tranquilo mal sabe, com toda a sua inteligência, como encontrar um lugar onde possa viver em paz, onde o orgulho e a crueldade não o persigam, ou as chamas da guerra não o sigam e o encontrem; e talvez ele seja levado a dizer, como Cícero sobre Pompeu e César: *Quem fugiam scio; quem sequar nescio* [Sei de quem fugir, mas não sei a quem seguir]. E se eles vencem por conquista, tornam-se para os seus súditos quase tão terríveis quanto para os seus inimigos. De modo que aquele que se aproximasse deles com uma petição por justiça deveria fazê-lo como Augusto falou a um peticionário temeroso: como se estivesse *assem dare elephanto* [dando uma moeda a um elefante]; ou como se eles habitassem na luz inacessível, e devessem ser servidos como Deus com temor e tremor. E aqueles que os

lisonjeiam como conquistadores gloriosos apenas atiçam o fogo de seu orgulho para causar mais ruínas e calamidades na terra, e fazem o trabalho de uma peste furiosa. Como disse um orador ateniense aos homens de Atenas, quando queriam contar Alexandre entre os deuses: *Cavete ne dum coelum liberaliter donetis, terram et domicilia propria amittatis* [Acautelai-vos para que, enquanto lhes dais liberalmente o céu, não percais a terra e os vossos próprios lares]. E quando o orgulho deles consumiu e baniu a paz, o que ganharam com isso? Aquilo a que um Temístocles, após teste, preferiria uma sepultura, *Si una via ad solium duceret, altera ad sepulchrum* [Se um caminho conduzisse ao trono e o outro à sepultura]. Aquilo a que Demóstenes preferiu o exílio. Aquilo que os filósofos mais sábios recusaram em Atenas: o grande problema do governo. *Inexpertus ambit; expertus odit* [Aquele que não experimentou deseja-o; aquele que experimentou odeia-o]. Cíneas perguntou a Pirro, quando este se preparava para invadir os romanos: "O que faremos quando tivermos conquistado os romanos?". Ele respondeu: "Iremos a seguir para a Sicília". "E o que faremos quando a Sicília for conquistada?", disse ele: Pirro disse: "Iremos a seguir para a África". "E o que faremos a seguir?", disse o outro: "Bem, então", disse ele, "ficaremos quietos, e alegres, e descansaremos". "E", disse Cíneas, "se isso é o último e melhor, por que não podemos fazer isso agora?". É pela tranquilidade e pela paz que tais pessoas fingem lutar e quebrar a paz; mas geralmente morrem antes de alcançá-la (como Pirro fez); e teriam feito melhor permitindo que a paz permanecesse, do que derrubá-la para construí-la melhor. Como alguém perguntou a um ancião em Atenas: "Por que se chamam filósofos?". O qual respondeu:

"Porque buscamos a sabedoria". Disse ele: "Se você está apenas buscando-a nesta idade, quando pensa em encontrá-la?". Assim posso dizer aos orgulhosos guerreiros do mundo: se tantos homens devem ser mortos e tantos conquistados na busca da paz, quando será ela encontrada por esse caminho? Mas talvez pensem que a sua sabedoria e bondade são tão grandes que o mundo não pode ser feliz a menos que eles o governem: mas o que poderia tê-los convencido a pensar assim senão o seu orgulho? *Nihil magis aegris prodest, quam ab eo curari a quo voluerint* [Nada aproveita mais aos doentes do que serem tratados por quem eles quiserem], diz Sêneca. Os pacientes devem escolher os seus próprios médicos. Os homens costumam dar-lhes poucos agradecimentos por os cumularem com tais benefícios, e por trazerem a eles a porção da paz tão quente que o toque do copo deve queimar os seus lábios, e por, em sua bondade, cortarem a garganta de uma parte para que o seu governo possa ser uma bênção para os sobreviventes. Em uma palavra, é o orgulho que é o grande incendiário do mundo, quer se encontre nos grandes ou nos pequenos. Ele não permitirá a nenhum reino, família ou igreja desfrutar dos frutos agradáveis da paz.

Direção 2. Se você quer ser pacífico, não seja um amante avarento do mundo, mas esteja contente com o seu pão de cada dia. Cães famintos raramente têm tanta fartura de carne que os contente a todos e os impeça de brigar por ela. Se você amar excessivamente o mundo, nunca sentirá falta de ocasiões de discórdia: ou o seu vizinho vende caro demais, ou compra barato demais de você, ou o passa para trás, ou vai adiante de você, ou de alguma forma lhe faz injustiça; contanto que ele tenha algo que você deseja, ou

não satisfaça todas as suas expectativas. Os homens ambiciosos e avarentos devem ter tanto espaço que o mundo não é largo o suficiente para muitos deles: e, contudo, infelizmente! Há muitos deles; e, por isso, eles estão sempre em conflito, como meninos nas noites de inverno quando os cobertores são estreitos demais para cobri-los; um puxa, e outro puxa, e todos reclamam. Você deve certificar-se de não transgredir na menor medida, nem avançar sobre a menor de suas mercadorias, de não exigir o que é seu, nem negar-lhe nada que ele deseje, nem obter nada que ele próprio queira, nem jamais deixar de alimentar as expectativas gananciosas dele, e de suportar a sua injustiça e abuso, se quiser viver pacificamente com um homem de mente mundana.

Direção 3. Se você quer ser pacífico, ame os seus vizinhos como a si mesmo. O amor não planeja, não fala, nem pratica nenhum mal contra os outros: cobre as enfermidades; tudo crê; tudo espera; tudo suporta, 1 Co 13:7. O egoísmo e a falta de amor aos outros causam todas as contendas no mundo. Você pode suportar grandes faltas em si mesmo, e nunca brigar consigo mesmo por causa delas; mas com os seus vizinhos você está brigando por aquelas que são menores! Você briga com outro porque ele falou desonrosamente ou de leve a seu respeito, ou o caluniou, ou de alguma forma lhe fez injustiça? Você fez mil vezes pior do que tudo isso contra si mesmo, e contudo pode suportar pacientemente a si mesmo! Se outro fala mal de você, ele não o torna mau: é pior torná-lo ruim do que chamá-lo assim: e isto você faz contra si mesmo. O seu vizinho o prejudica em sua honra ou bens? Mas ele não põe em perigo a sua alma! Ele não perde a sua salvação! Ele não merece a condenação por você, nem torna a sua alma

desagradável a Deus! Mas tudo isto você faz contra si mesmo (até mais do que todos os demônios do inferno fazem), e contudo você se ofende muito pouco consigo mesmo. Veja aqui o poder do amor-próprio cego! Se você amasse os seus vizinhos como a si mesmo, concordaria tão pacificamente com os seus vizinhos quase quanto consigo mesmo. Ame-os mais, e você suportará mais com eles, e os provocará menos.

Direção 4. Componha a sua mente para a gentileza e mansidão cristãs, e não permita que a paixão o torne turbulento e inquieto para com os outros, ou impaciente e problemático para consigo mesmo. Uma mente gentil e tranquila tem uma língua gentil e tranquila. Pode suportar tanta injustiça quanto outrem possa fazer (conforme a sua medida); não está sob o poder de Satanás; ele não pode, a seu critério, enviar o seu emissário e, por injúrias ou palavras duras, levá-lo a pecar; mas uma pessoa apaixonada está frequentemente provocando ou sendo provocada. Uma coisa pequena a torna injusta com os outros; e uma pequena injustiça dos outros a desquieta. Ela está diariamente perturbando os outros ou a si mesma, ou a ambos. Carvões de fogo saem de seus lábios: é o seu próprio desejo provocar e irritar aqueles com quem está irada: a paz de seu vizinho e a sua própria são o combustível de sua ira, que ela consome em um instante. Conversar com ela e não provocá-la é uma tarefa para aqueles que são eminentemente mansos e abnegados: ela é como as folhas do álamo, que nunca descansam a menos que o dia esteja muito calmo. O menor sopro de uma língua irada pode sacudi-la para fora de sua tranquilidade e transformá-la em uma febre de desassossego. As velas do moinho de vento mal estão mais ao comando do vento do

que o coração e a língua dela estão ao comando de Satanás; ele pode movê-la quase quando quiser. Basta que um vizinho lhe dirija palavras duras, ou que alguém de sua família a negligencie ou contrarie, e ela fica imediatamente como o mar agitado, cujas águas lançam lama e sujeira. Um homem impaciente não tem segurança de sua própria paz por uma hora: qualquer inimigo ou pessoa irada pode tirá-la dele quando quiser. E estando perturbado, ele é problemático para todos ao seu redor. Se vocês não possuírem as suas almas em paciência, elas estarão à mercê de cada um que desejar irritá-los. Lembre-se, então, de que nenhuma paz pode ser esperada sem paciência; nem paciência sem uma mente mansa e gentil. Lembre-se de que "o adorno de um espírito manso e tranquilo é de grande valor diante de Deus", 1 Pe 3:4. E que "a sabedoria que do alto vem é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável", Tg 3:17. E que a Eterna Sabedoria do alto lhe ordenou que aprendesse dele, a ser manso e humilde de coração, se você quer encontrar descanso para a sua alma, Mt 11:28-29. E aquele que perde a sua própria paz é mais propenso a quebrar a paz dos outros.

Direção 5. Tenha o cuidado de manter aquela ordem de governo e obediência que é estabelecida por Deus para a preservação da paz nas famílias, igrejas e estados. Se você quebrar este vaso, a paz fluirá e será rapidamente derramada. Que paz há nas escolas senão pela autoridade do mestre? Ou nos exércitos senão pela autoridade do general? Se um governante insensato e ímpio viola as fundações e limites da paz, e fraca ou deliberadamente faz leis divisoras, não admira se tais feridas gastam o sangue vital e os espíritos daquela sociedade: estando mais no poder dos governantes do que do súdito destruir a paz ou

preservá-la. E se os súditos não fazem consciência de seu dever para com os seus superiores, os limites da paz logo serão quebrados, e tudo será inundado em tumulto e confusão. Tenha cuidado, portanto, com tudo o que tende a subverter o governo: a desobediência ou a rebelião raramente carecem de um belo pretexto; mas mais raramente respondem à expectativa do agente. Ela costuma alegar as fraquezas, erros ou tratos injustos dos superiores; mas costuma consertar uma inconveniência com um dano ainda maior. Coloca fogo na casa para queimar os ratos e camundongos que a incomodavam. Deve ser, de fato, uma doença grave para necessitar de tal dano como remédio. Certamente não é meio estabelecido por Deus. Tenha cuidado, portanto, com qualquer coisa que dissolva estes vínculos. Não cultive pensamentos desonrosos sobre os seus governantes, e não receba nem profira palavras desonrosas contra eles: se forem culpados, não exponha a vergonha deles: a honra deles é o interesse deles, e o do povo também; sem ela, estarão incapacitados para um governo eficaz. Quando os súditos, ou servos, ou filhos são atrevidamente censores com os superiores, e se fazem juízes de todas as suas ações, mesmo daquelas que não compreendem, e quando presumem difamá-los e, com línguas petulantes, lançar desprezo sobre eles, o fogo começou, e os sagrados vínculos da paz estão afrouxados. Quando os superiores governam com piedade, justiça e amor verdadeiro para com os seus súditos, e os subordinados mantêm o seu lugar e rank, e todos conspiram para o bem público, então a paz prosperará, e não antes disso.

Direção 6. Evite todas as palavras vingativas e provocadoras. Quando o veneno de víboras está sob os

lábios dos homens (Rm 3:13), não admira se as mentes dos ouvintes que não estão suficientemente vacinadas contra ele inflamem. A morte e a vida estão no poder da língua, Pv 18:21. Quando a língua é como uma espada, sim, uma espada afiada (Sl 57:4), e quando ela é propositadamente afiada (Sl 64:3), não admira se ela perfura e fere aqueles que estão desarmados. Mas "pela longanimidade se persuade o príncipe, e a língua branda quebranta os ossos", Pv 25:15. O caluniador é contado com aqueles com quem o cristão não deve comer, 1 Co 5. Pois o cristianismo é tanto a favor da paz que abomina tudo o que é contra ela. Nosso Senhor, quando foi ultrajado, não retribuiu com ultrajes, e nisto foi o nosso exemplo, 1 Pe 2:21, 23. Uma língua zombadora, caluniadora e injuriosa "é inflamada (como diz Tiago, 3:6) pelo inferno, e inflama o curso da natureza"; até mesmo pessoas, famílias, igrejas e estados. Muitas sociedades arruinadas podem dizer por experiência: "Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia", Tg 3:5.

Direção 7. Não se engajem muito apressada ou ansiosamente em disputas, nem em momento algum sem necessidade: e quando a necessidade os chamar, coloquem uma vigilância extraordinária sobre as suas paixões. Embora disputar seja lícito, e às vezes necessário para defender a verdade, raramente é o caminho para fazer o bem àqueles com quem você disputa: engaja os homens em parcialidade e palavras apaixonadas e provocadoras antes que percebam; e enquanto pensam que estão apenas defendendo a verdade, estão militando pela honra de seus próprios entendimentos. Aqueles que não se inclinarão a ouvi-lo como aprendizes, enquanto você expõe de forma ordenada a verdade em suas partes coerentes, dificilmente

se aproveitarão de suas contendas quando você engaja uma pessoa orgulhosa a voltar toda a sua inteligência e palavras contra você. O servo do Senhor não deve contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, etc., 2 Tm 2:24.

Direção 8. Tenha o mínimo a ver com os homens em assuntos em que a conveniência deles esteja envolvida, quanto puder. Como em transações comerciais, ou em qualquer outra coisa onde o "meu" e o "teu" estejam muito envolvidos: pois poucos homens são tão justos que não esperem aquilo que os outros consideram injusto; e os amigos mais próximos foram afastados por causa disso.

Direção 9. Compre a paz pelo preço de qualquer coisa que não seja melhor do que ela. Não com a perda do favor de Deus, ou de nossa inocência, ou da verdadeira paz de consciência, ou com a perda do evangelho, ou ruína das almas dos homens; mas você deve frequentemente abrir mão de seu direito pela paz, e tolerar injustiças em palavras ou atos. O dinheiro não deve ser considerado caro demais para comprá-la quando a perda dela for pior do que a perda de dinheiro para si mesmo ou para aqueles com quem você contende. Se uma alma for posta em perigo por isso, ou sociedades forem arruinadas por isso, será dinheiro caro aquele que é obtido ou economizado por tais meios. Não é verdadeiro amigo da paz aquele que não a quer senão quando ela é barata.

Direção 10. Evite a censura, que é o julgamento de homens ou assuntos com os quais você não tem chamado para se envolver, e o tornar as coisas piores do que a prova suficiente o autorizará. Não sejam intrometidos, metendo-

se nos assuntos dos outros homens, nem agravantes irritadiços das faltas de todos os homens. "Não julgueis, para que não sejais julgados; porque com a medida com que medirdes vos medirão a vós", Mt 7:1-2. Você será censurado se censurar: e se Cristo é um verdadeiro discernidor de mentes, são aqueles que têm traves em seus próprios olhos os que mais rapidamente percebem os ciscos nos dos outros. As pessoas censoras são as grandes divisoras da igreja e, em toda parte, adversárias da paz; enquanto abrem as suas bocas contra os seus vizinhos para tirar o pior de tudo o que dizem e fazem, semeando assim as sementes da discórdia entre todos.

Direção 11. Não falem contra os homens pelas costas deles, nem ouçam pacientemente aqueles que usam esse recurso. Embora o detectar um inimigo perigoso, ou a prevenção de dano a outrem, possa às vezes tornar um dever culpá-los quando ausentes; contudo este caso, que é raro, não é desculpa para o pecado do difamador. Se você tem algo a dizer contra o seu vizinho, diga-o de maneira amigável na cara dele, para que ele possa melhorar com isso: se você o diz apenas a outro para torná-lo odioso, ou ouve difamadores que desonram os homens secretamente, mostra que o seu negócio não é fazer o bem, mas diminuir o amor e a paz.

Direção 12. Fale mais sobre o bem do que sobre o mal que há nos outros. Não há ninguém tão ruim que não tenha nenhum bem em si: por que você não menciona isso? O que é mais útil para o ouvinte do que ouvir falar das faltas dos homens. Mas sobre isto falaremos mais depois.

Direção 13. Não seja distante, mas amavelmente familiar com os seus vizinhos. Difamadores, calúnias e suspeitas injustas fazem os homens parecerem uns para os outros aquilo que, quando se conhecem, descobrem que não é nada daquilo: entre quaisquer pessoas honestas e bem-intencionadas, a familiaridade reconcilia grandemente. Embora, de fato, haja alguns poucos tão orgulhosos e explosivos, e inimigos amargos da paz honesta, que o caminho para estar em paz com eles é estar longe deles, onde não possamos ser lembrados por eles: mas não é assim com vizinhos comuns ou amigos que se desentenderam, nem com cristãos que divergem: é a proximidade que deve torná-los amigos.

Direção 14. Não afete uma distância e singularidade amarga em coisas lícitas. Aproxime-se deles tanto quanto puder, como homens e vizinhos; e não tome por dever fugir deles, para não correr para o extremo oposto.

Direção 15. Não sejam excessivamente rígidos em suas próprias opiniões, como aqueles que não podem ceder em nada para o outro. Nem sejam tão fáceis e complacentes a ponto de traírem ou perderem a verdade. Agrada grandemente a mente de um homem orgulhoso quando você parece ser convencido por ele e mudar de opinião sob os seus argumentos, ou ser muito informado e edificado por ele; mas quando você nega esta honra ao seu entendimento, e o contradiz, e rigidamente mantém a sua opinião contra ele, você o desagrada e o perde; e, de fato, um homem sábio deveria de bom grado aprender com qualquer um que possa lhe ensinar mais; e deveria, mais facilmente do que qualquer outro, abrir mão de um erro e ser grato a qualquer um que aumente o seu conhecimento:

e não apenas em erros mudar a nossa mente, mas em coisas pequenas e indiferentes submeter-se pelo silêncio convém a um homem modesto e pacífico.

Direção 16. Contudo, não construam a paz sobre a fundação da impiedade, injustiça, crueldade ou facção; pois isso provará apenas o caminho para destruí-la no final. Traidores, rebeldes, tiranos, perseguidores e clérigos ambiciosos e avarentos, todos fingem paz para a sua iniquidade: mas que paz há com as prostituições de Jezabel! O reino de Satanás é sustentado por uma paz no pecado, a qual Cristo veio quebrar para poder destruí-la: enquanto este homem forte armado guarda a sua casa, os seus bens estão em paz, até que um mais forte o amarre, o vença e o expulse. Meios enganosos e pecaminosos de paz foram o grande instrumento de Satanás e do clero papal, pelo qual baniram e mantiveram fora a paz por tantos séculos da maior parte do mundo cristão. *Impiis mediis ecclesiae paci consulere* [Cuidar da paz da igreja por meios ímpios] foi um dos três meios que Lutero previu que expulsariam o evangelho. Onde o perjúrio, ou a falsa doutrina, ou qualquer pecado, ou quaisquer termos injustos ou inconsistentes são feitos condição de paz, os homens constroem sobre palha e espinhos, aos quais Deus deitará fogo e logo consumirá, e toda aquela paz resultará em nada.

As direções para a paz da igreja eu já apresentei antes, para onde devo remeter você.

CAPÍTULO 18
DIREÇÕES CONTRA TODO ROUBO E FRAUDE, OU A OBTENÇÃO E MANUTENÇÃO INJUSTAS DAQUILO QUE PERTENCE A OUTREM, OU O SEU DESEJO.

Aquele que quer saber o que é o roubo deve saber o que é a propriedade; e esta é aquele título pleno sobre uma coisa pelo qual ela é chamada de nossa; é aquele direito a qualquer coisa como minha pelo qual posso justamente tê-la, possuí-la, usá-la e dela dispor. Este domínio ou propriedade é absoluto (e isso não pertence a ninguém senão a Deus) ou subordinado, respectivo e limitado (que é a única propriedade que qualquer criatura pode ter). O qual é um direito que se sustentará contra a reivindicação de qualquer criatura semelhante, embora não contra a de Deus. E entre os homens há proprietários ou donos que são principais, e alguns que são apenas dependentes, subordinados e limitados. A propriedade simples pode permanecer em um proprietário de terras ou pai, que pode transferir ao seu inquilino ou ao seu filho uma propriedade limitada e dependente sob ele. Privar injustamente um homem desta propriedade, ou da coisa sobre a qual ele tem propriedade, é o pecado de que falo neste capítulo; o qual não tem um único nome e, portanto, eu o expresso aqui por muitos. Quer seja roubo, furto, trapaça, extorsão ou qualquer outra forma de privar outrem injustamente do que é seu; estas direções gerais são necessárias para evitá-lo.

Direção 1. "Não ame o mundo, nem as coisas que há no mundo", 1 Jo 2:15. Cure a avareza, e você matará a raiz da fraude e do roubo. Assim como um bêbado seria facilmente curado de sua embriaguez se você pudesse curá-lo de sua sede e amor pela bebida; assim, um extorsionário, ladrão ou enganador seria facilmente curado de seu pecado externo se os seus corações fossem curados da doença do mundanismo. O amor ao dinheiro é a raiz de todo esse mal. Valorize estas coisas não mais do que merecem.

Direção 2. Para este fim, familiarize os seus corações com as maiores riquezas da vida futura; e então você encontrará a verdadeira satisfação. As verdadeiras esperanças do céu curarão os seus desejos gananciosos da terra. Você não ousaria então perder a sua parte naquela bem-aventurança perpétua pela provisão temporária de alguma necessidade corporal: você não ousaria, com Adão, trocar o Paraíso por um pedaço proibido; nem, como Esaú, profanamente vender o seu direito de primogenitura por um bocado. É a incredulidade e o desprezo do céu que fazem os homens arriscarem-no pelas pobres mercadorias deste mundo.

Direção 3. Esteja contente em submeter-se à disposição de Deus; e não permita que nenhum pensamento ansioso e descontente se alimente em seus corações. Quando você permite que a sua mente corra o dia inteiro sobre as suas necessidades e apertos, o diabo a seguir o tenta a pensar em caminhos ilícitos para supri-los. Ele lhe mostrará o dinheiro, ou os bens, ou as terras do seu vizinho, e lhe dirá como seria bom para você se isso fosse seu; ele mostrou a Acã a capa babilônica; ele disse a Geazi quão irracional era

que o dinheiro e as vestes de Naamã fossem recusados: ele disse a Balaão sobre as esperanças de promoção que ele poderia ter com Balaque; ele disse a Judas como obter as suas trinta moedas de prata; ele convenceu Ananias e Safira de que era razoável reter parte daquilo que era deles. Na verdade, comumente são os descontentamentos e cuidados que preparam os pobres infelizes para aquelas aparições do diabo que os atraem à feitiçaria para o suprimento de suas necessidades. Se você considerasse Deus como o seu Deus, você o consideraria como o ordenador suficiente do mundo, e Alguém que é mais apto para medir a sua parte das coisas terrenas do que vocês mesmos: e então você descansaria na sabedoria, vontade e providência paternal dele; e não se viraria por meios pecaminosos. O descontentamento da mente e a desconfiança em Deus são a causa de todas as fraudes e injustiças. Confie em Deus, e você não terá necessidade disso.

Direção 4. Lembre-se de quais promessas Deus fez para o suprimento competente de todas as suas necessidades. A piedade tem a promessa desta vida e daquela que há de vir: todas as outras coisas lhe serão acrescentadas se você buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça, Mt 6:33. Aqueles que temem ao Senhor não terão falta de nada que seja bom, Sl 34. "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus", Rm 8:28. "Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com o que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei", Hb 13:5. Viva pela fé nessas promessas suficientes, e você não precisará roubar.

Direção 5. Não supervalorize a acomodação e o prazer da carne, e não viva nos pecados da gula, embriaguez, orgulho, jogos ou cursos desordenados, que podem trazê-lo à necessidade, e assim a buscar sustento ilícito. Aquele que é servo de sua carne não pode suportar desagradá-la, nem pode suportar a falta de nada de que ela precise. Mas aquele que dominou e mortificou a sua carne pode suportar o seu trabalho e fome, sim, e a morte também, se Deus assim o quiser. Grandes receitas serão pequenas demais para uma pessoa de mente carnal; mas um pouco servirá àquele que colocou a carne sob o poder da razão. *Magna pars libertatis est bene moratus venter* [Uma grande parte da liberdade é um estômago bem-educado], diz Sêneca: um estômago bem-educado e de boa condição é uma grande parte da liberdade de um homem, porque um estômago mal-educado e malcondicionado é uma das servidões mais baixas do mundo. Como um filósofo disse a Diógenes: "Se você soubesse lisonjear Dionísio, não precisaria comer ervas"; mas disse Diógenes: "Se você soubesse comer ervas, não precisaria lisonjear Dionísio": ele considerou esta a tarefa mais difícil. Assim, o ladrão e o enganador dirão ao pobre: "Se você pudesse fazer como nós fazemos, não precisaria passar tanta necessidade"; mas um pobre satisfeito pode responder-lhe melhor e dizer: "Se você pudesse passar necessidade como eu passo, não precisaria enganar ou roubar como faz". Uma pessoa orgulhosa, que não suporta habitar em uma cabana, ou ser vista em roupas pobres ou remendadas, será facilmente tentada a qualquer caminho ilícito de ganho para manter-se longe da desonra e servir ao seu orgulho. Um glutão cujo céu está em sua garganta deve comer bem, não importa como consiga a comida: um

bêbado deve ter provisão para o seu gole, por direito ou por erro. Mas um homem humilde e temperante pode dispensar tudo isso, e quando olha para toda a mobília do homem orgulhoso, pode abençoar-se como Sócrates fazia em uma feira, dizendo: *Quam multa sunt quibus ipse non egeo!* [Quantas coisas há de que eu não preciso!]. E ele pode compadecer-se dos desejos sensuais que os outros necessariamente devem satisfazer; assim como um homem saudável se compadece de outro que tem sarna, ou da sede de um doente em febre que clama por bebida. Como diz Sêneca: "É o vício e não a natureza que precisa de muito": a natureza, a necessidade e o dever contentam-se com pouco. Mas aquele que deve ter o prazer de seu pecado deve ter provisão para manter esse prazer. Apague o fogo do orgulho, da sensualidade e da luxúria, e você poderá dispensar o custo do combustível, Rm 13:13-14; Rm 8:13.

Direção 6. Não vivam na ociosidade ou preguiça; mas sejam laboriosos em seus chamados, para que possam escapar daquela necessidade ou pobreza que é a tentação para este pecado do roubo. A ociosidade é um crime que não deve ser tolerado nas sociedades cristãs. 2 Ts 3:6, 8, 10, 12, "Ordenamos-vos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu; porque vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos, pois não nos portamos desordenadamente entre vós, nem comemos de graça o pão de ninguém, antes com trabalho e fadiga trabalhamos noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos direito, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes; porque, quando estávamos convosco, isto

vos ordenamos: se alguém não quer trabalhar, também não coma: pois ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando de modo algum, mas metendo-se em vidas alheias; a esses tais ordenamos e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão". Ef 4:28, "Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade". Aquele que rouba para manter a sua ociosidade peca para poder pecar; e por um pecado consegue provisão para outro: vocês veem aqui que são obrigados a trabalhar não apenas para manter a si mesmos, mas para ter o que dar aos outros em suas necessidades.

Direção 7. Mantenham uma consciência sensível, que fará o seu ofício e não permitirá que pecem sem remorso. Uma consciência cauterizada e insensível permitirá que você minta, roube e engane, e não fará disso uma grande questão, até que Deus a desperte por sua graça ou vingança. É por isso que os servos podem enganar os seus senhores, ou pegar aquilo que não lhes é permitido, e compradores e vendedores enganarem-se mutuamente, porque não têm consciências sensíveis para os repreender.

Direção 8. Lembrem-se sempre de que Deus está presente, e nenhum de seus segredos pode ser escondido dele. O que melhora para você enganar o seu vizinho ou o seu senhor, e escondê-lo do conhecimento deles, contanto que o seu Criador e Juiz veja tudo? Sendo que é a ele que você mais prejudica, e com ele que você tem mais a ver, e ele é o que será o vingador mais terrível! Que ateus cegos

são vocês, que ousam fazer aquilo na presença do Deus mais justo que não ousariam fazer se os homens os vissem!

Direção 9. Não se esqueçam de quão caro deve custar-lhes tudo o que ganham de forma ilícita. O tempo do acerto de contas ainda está por vir. Ou você se arrependerá verdadeiramente ou não; se se arrepender, isso lhe custará remorso e tristeza, e confissão vergonhosa, e restituição de tudo o que você obteve de forma errada; e não é melhor abster-se de engolir esse bocado que deve voltar com dor de cortar o coração e vergonha? Mas se você não se arrepender sinceramente, isso será a sua condenação; será exposto no julgamento para a sua confusão perpétua, e você deve pagar caro por todo o seu ganho no inferno. Nunca olhe para o ganho, portanto, sem a vergonha e a condenação que devem seguir. Se Acã tivesse previsto as pedras, e Geazi a lepra, e Acabe a flecha mortal, e Jezabel os cães lambendo o seu sangue, e Judas o enforcamento ou precipitação, e Ananias e Safira a morte súbita, ou qualquer um deles a miséria posterior, isso os teria mantido longe de seu ganho pernicioso. Normalmente, mesmo nesta vida, uma maldição acompanha o que é mal adquirido, e traz fogo sobre todo o resto.

Direção 10. Se vocês são pobres, considerem bem a misericórdia que essa condição pode lhes trazer, e seja o seu estudo como conseguir que ela seja santificada para o seu bem. Se os homens compreendessem e cressem que Deus ordena tudo para o melhor, e os torna pobres para lhes fazer bem, e considerassem que bem é esse que a pobreza pode lhes fazer, e fizessem do seu principal cuidado transformar isso em ganho, não achariam que é uma coisa tão intolerável a ponto de buscarem curá-la por

fraude ou roubo. Pensem que misericórdia é que vocês sejam salvos daquelas tentações de amar excessivamente o mundo pelas quais os ricos são arruinados. E que vocês não estejam sob aquelas tentações de intemperança, excesso e orgulho como eles estão: e que tenham ajudas tão poderosas para a mortificação da carne e vitória sobre o mundo enganador. Aproveitem a sua pobreza, e vocês escaparão destes pecados.

Direção 11. Se vocês estiverem dispostos a escapar deste pecado, podem fazê-lo facilmente por uma confissão livre àqueles a quem prejudicaram ou são tentados a prejudicar. Aquele que não está disposto a abster-se de seu pecado é culpado diante de Deus, embora se abstenha dele. Mas se você estiver verdadeiramente disposto, é fácil abster-se. Não diga que está disposto até que a necessidade o aperte ou você veja a isca; pois se estiver, pode facilmente evitá-lo naquele momento em que está disposto. Se alguma vez estiver disposto, de fato, aproveite essa oportunidade e, se prejudicou algum homem, vá e confesse-lhe (da maneira que explicarei mais adiante). E isso facilmente evitará o pecado; pois a vergonha o comprometerá, e a autopreservação o comprometerá a ter mais cuidado com você. Ou, se você ainda não prejudicou a ninguém, mas é fortemente tentado a isso, se não tiver outro remédio suficiente, vá dizer a ele, ou a outra pessoa adequada, que você é tentado a roubar e a enganar de tal ou tal maneira, e peça-lhes para não confiarem em você. Se você acha o preço da vergonha de tal confissão caro demais para salvá-lo do pecado, não finja mais que está verdadeiramente disposto a abster-se dele, ou que alguma vez se arrependeu sinceramente dele.

Seção 2. Certos Casos de Consciência sobre Roubo e Injustiça.

Pergunta 1. É pecado para um homem roubar em absoluta necessidade, quando é meramente para salvar a sua vida?

Resposta. O caso é muito difícil. Irei, I. Dizer-lhe o que está fora de controvérsia, e depois falar sobre a parte controversa. 1. Se todos os outros meios inquestionáveis não forem usados primeiro, é indubitavelmente pecado. Se o trabalho ou o mendigar puderem salvar as nossas vidas, é ilícito roubar. Sim, ou se quaisquer outros meios puderem ser usados para interceder por nós. Caso contrário, não é roubar para salvar a vida de um homem, mas roubar para poupar o seu trabalho, ou para satisfazer o seu orgulho e salvar a sua honra. 2. É indubitavelmente pecado se o salvar as nossas vidas por esse meio trouxer um dano maior para a comunidade ou para outros homens do que as nossas vidas valem. 3. E é pecado se privar o dono de sua vida, sendo ele uma pessoa mais digna e útil para o bem comum. Estes casos não são matéria de controvérsia.

4. E está acordado que nenhum homem pode roubar antecipadamente por medo desconfiado de necessidade. 5. Ou se ele pegar mais do que o estritamente necessário para salvar a sua vida. Estes casos também são colocados como fora de controvérsia.

Mas se, em uma necessidade absoluta e inocente, é lícito roubar tanto quanto seja meramente suficiente para salvar

a própria vida, é algo sobre o qual os casuístas não estão de acordo. Aqueles que consideram lícito dizem que a preservação da vida é um dever natural, e a preservação da propriedade é apenas uma coisa subordinada que deve dar lugar a ela. Assim, Amésio em *De Conscientia*, livro V, cap. 50, coloca como um caso de obtenção lícita daquilo que é de outrem: *Si irrationabiliter censeatur dominus invitus: ut in eis quae accipit aliquis ex alieno ad extremam et praesentem suam necessitatem sublevandam, cui alia ratione succurrere non potest. Hoc enim videtur esse ex jure naturali, divisione rerum antiquiore et superiore; quod jure humano quo facta est divisio rerum non potuit abrogari: Quo sensu non male dicitur, omnia fieri communia in extrema necessitate* [Se o dono for considerado irracionalmente relutante: como naquelas coisas que alguém pega do alheio para aliviar a sua extrema e presente necessidade, à qual de outra forma não pode socorrer. Pois isto parece ser do direito natural, divisão de coisas mais antiga e superior; o qual pelo direito humano, pelo qual foi feita a divisão das coisas, não pôde ser revogado: em cujo sentido não se diz mal que tudo se torna comum na extrema necessidade].

Por outro lado, aqueles que o negam dizem que o mesmo Deus que nos ordenou preservar as nossas vidas estabeleceu a propriedade e nos proibiu de roubar, sem excetuar o caso de necessidade, e por isso tornou-o simplesmente mau, o que não podemos fazer para a obtenção de qualquer bem: e o salvar a vida de um homem não provará ser um bem tão grande quanto a quebra da lei de Deus será um mal.

Para a verdadeira determinação deste caso, devemos distinguir entre pessoas, lugares e ocasiões. 1. Entre aqueles cujas vidas são necessárias para o bem e segurança pública, e aqueles que não têm tal importância. 2. Entre aqueles que estão em um país inimigo ou estrangeiro, e aqueles que estão no seu próprio. 3. Entre aqueles que estão em um estado, e aqueles que estão em uma comunidade ou entre pessoas não constituídas ou associadas. 4. Entre aqueles que pegam apenas aquilo que o relutante era obrigado a lhes dar, e aqueles que pegam aquilo que ele não era obrigado a lhes dar. E assim respondo:

1. Sempre que a preservação da vida daquele que pega não for, em probabilidade aberta, propensa a ser mais útil para o bem comum do que a violação do direito de propriedade será prejudicial, a obtenção dos bens de outro homem é pecaminosa, embora seja apenas para salvar a vida de quem pega. Pois o bem comum deve ser preferido ao bem de qualquer indivíduo.

2. Em casos comuns, o salvar a vida de um homem não fará tanto bem quanto o seu roubo fará mal. Porque as vidas de pessoas comuns não são de grande importância para o bem comum; e a violação das leis pode encorajar os pobres a se tornarem ladrões, com a perda de bens e vidas de outros, e a destruição da paz e da ordem. Portanto, ordinariamente, é um dever antes morrer do que pegar os bens de outro homem contra a sua vontade, ou sem o seu consentimento.

3. Mas caso o bem comum exija de forma aparente mais a preservação da vida da pessoa do que a preservação

> da propriedade e a manutenção da lei naquele caso, então não é pecado (conforme concebo): o que pode ocorrer em muitos casos.

Como, (1) No caso de o rei e o seu exército marcharem pelo país de um príncipe vizinho, em uma guerra necessária contra os seus inimigos; se lhes for negado alimento em sua marcha, podem pegá-lo antes de perecerem. (2) No caso de o exército do rei em seus próprios domínios não ter pagamento, e dever disbandar ou morrer se não tiver provisões, podem antes pegar alojamento gratuito, no caso de a sua obediência ao rei, e a preservação do país, proibir-lhes o disbandar. (3) Quando for uma pessoa de tanta honra, dignidade e merecimento que o seu valor e utilidade farão mais do que recompensar o prejuízo: como se Alexandre ou Aristóteles estivessem em um navio com um capitão avarento que os deixaria morrer antes de socorrê-los. (4) Quando uma criança pega comida de um pai cruel que a deixaria morrer de fome, ou uma esposa de um marido cruel! Ou qualquer homem pega o que é seu por furto de outro que injustamente o retém, quando é para salvar a sua vida. Pois aqui há um direito fundamental *ad rem* [à coisa], e a hediondez do crime daquele que deixaria outro morrer de fome, antes de dar-lhe o que é seu, ou o que lhe é devido, retira o escândalo e as consequências más da maneira de obtê-lo. (5) Mas a maior dificuldade está no caso de que apenas a lei comum de humanidade e caridade obriga outro a dar a alguém que, de outro modo, deve morrer, e aquele que precisa pode pegar de forma tão secreta que provavelmente nunca será conhecido, e assim nunca será escandaloso, nem encorajará qualquer outro a roubar! Não pode o necessitado, então, roubar para salvar a sua vida? Este

caso é tão difícil que não me aventurarei a determiná-lo; mas apenas direi que aquele que o fizer em tal caso deve resolver, quando o tiver feito, pagar ao dono se alguma vez for capaz (mesmo que seja apenas um pedaço de pão); ou pagar-lhe por seu trabalho e serviço, se não tiver outra forma e for capaz; ou, se não for assim, confessar-lhe de quem pegou, e reconhecer-se seu devedor (a menos que seja a alguém cuja crueldade abusaria de sua confissão).

Pergunta 2. Se outro for obrigado a socorrer-me e não o fizer, posso pegar, embora não seja para o salvamento imediato de minha vida?

Resposta. Se ele for obrigado apenas pela lei de Deus a socorrer você, você deve queixar-se a Deus e esperar até que ele lhe faça justiça, e não quebrar a sua lei e ordem, fazendo justiça por si mesmo, caso não esteja na necessidade mencionada. Se ele for obrigado também pela lei do homem a socorrer você, você pode queixar-se aos governantes e buscar o seu direito pela assistência deles; mas não por furto.

Pergunta 3. Se outro pedir emprestado ou possuir meus bens ou dinheiro, e recusar pagar-me, e eu não puder ter lei e justiça contra ele, ou não for rico o suficiente para processá-lo, posso pegá-los se tiver oportunidade?

Resposta. Se ele se tornar seu inimigo em tempo de guerra, ou viver sob outro príncipe com quem você esteja em guerra, ou onde o seu príncipe lhe permita pegá-lo; ali parece indubitavelmente lícito pegar o que é seu por aquela lei das armas que então é soberana. Mas quando a lei sob a qual você está o proíbe, o caso é mais difícil. Mas é certo que a propriedade existe nas comunidades, e é na

ordem da natureza antecedente ao governo humano nas repúblicas; e a preservação dela é um dos fins do governo. Portanto, concebo que caso você pudesse pegar o que é seu de forma tão secreta, ou de tal maneira que não impedisse de modo algum os fins do governo quanto aos outros, ao encorajar o roubo ou a violência injusta, não é ilícito diante de Deus, sendo o fim da lei a parte principal da lei; mas quando você não pode pegar o que é seu sem encorajar o roubo ou a violência nos outros, ou enfraquecer o poder das leis e do governo por sua desobediência (que é o caso comum), é ilícito: porque a preservação da ordem e da honra do governo e das leis, e a supressão do roubo e da violência, é muito mais necessária do que o fazer justiça a si mesmo e recuperar o que é seu.

Pergunta 4. Se outro tirar por roubo ou força de mim, posso pegar o que é meu novamente dele, por força ou secretamente, quando não tiver outra forma?

Resposta. Não quando você causar mais dano à comunidade por quebrar a lei e a ordem do que o seu próprio benefício pode recompensar; pois você deve sofrer antes que a comunidade sofra; mas você pode quando nenhum desses males o seguir.

Pergunta 5. Se eu não estiver em nenhuma necessidade pessoal, posso pegar de homens ricos para dar aos pobres que estão em extrema necessidade?

Resposta. A resposta ao primeiro caso pode bastar para este; naqueles casos em que um pobre não pode pegar para si mesmo, você não pode pegar para ele. Mas naqueles casos em que ele pode pegar para si mesmo, e ninguém mais for adequado para fazê-lo, sendo ele próprio incapaz,

você pode fazê-lo (quando nenhumas consequências acidentais o proibirem).

Pergunta 6. Se ele tiver tanto que não sentirá falta, e eu estiver em grande necessidade, embora não propenso a morrer de fome, posso pegar um pouco para suprir a minha necessidade?

Resposta. Não: porque Deus estabeleceu os meios da justa propriedade; e o que não é obtido por esses meios não é seu por aprovação dele. Ele é o dador de riquezas; e não pretende dar a todos igualmente: se der mais a outros, exigirá mais deles. E se der menos a você, é a medida que ele considera mais adequada para você; e a condição na qual a sua obediência e paciência devem ser provadas; e ele não considerará bom se você alterar a sua medida por meios proibidos, e for juiz por si mesmo, ou nivelar os outros.

Pergunta 7. Há certas medidas que a humanidade obriga um homem a conceder àqueles que estão em necessidade, e por isso os homens pegam sem pedir: como colher uma maçã de uma árvore ou, como os discípulos de Cristo, debulhar as espigas de trigo para comer; se um Nabal me negar tal coisa, posso pegá-la?

Resposta. Se as leis do país lho permitirem, você pode; porque a propriedade dos homens é sujeita à lei para o bem comum. Mas se a lei lho proibir, você não pode; exceto quando for necessário para salvar a sua vida, sob os termos expressos na primeira pergunta.

Pergunta 8. Não pode uma esposa, ou filho, ou servo pegar mais do que um marido, ou pai, ou senhor cruel permite? Suponha que seja melhor comida ou bebida?

Resposta. Até que ponto a esposa tem uma verdadeira propriedade em si mesma, e por isso pode pegá-la, depende do contrato e das leis do país, nas quais não irei agora mexer. Mas para filhos e servos, não podem pegar mais do que os pais ou senhores mais cruéis e injustos lhes permitem; exceto para salvar as suas vidas sob as condições do primeiro caso: mas o servo pode buscar socorro com o magistrado; e pode deixar esse senhor injusto: e o filho deve suportar com paciência como a cruz pela qual apraz a Deus prová-lo; a menos que o governo do pai seja tão ruim que tenda à sua ruína; e então penso que ele pode deixar os seus pais para uma condição melhor (exceto quando a necessidade deles o obriga a ficar e sofrer para a sua ajuda e benefício). Pois é verdade que um filho deve aos seus pais tudo o que puder realizar por via de gratidão pelo bem deles; mas é verdade também que um pai não tem propriedade plena e absoluta em seu filho, como os homens têm em seu gado, mas é feito pela natureza o guardião deles para o benefício deles; e, portanto, quando os pais querem arruinar as almas ou corpos de seus filhos, os filhos podem abandoná-los, como sendo abandonados por eles; além do que são obrigados em gratidão a ajudá-los, como dito antes.

Pergunta 9. Se um homem merece perder algo do que tem por via de punição, posso pegá-lo dele?

Resposta. Não, a menos que a lei o torne um magistrado ou oficial para fazê-lo, ou o permita, pelo menos; porque

não é para você que a perda é feita: ou se for, você deve executar a lei de acordo com a lei, e não contra ela; pois de outro modo você ofenderá ao punir ofensas.

Pergunta 10. Mas e se eu resolver plenamente, quando pegar uma coisa em minha necessidade, pagar ao dono, ou fazer-lhe satisfação se alguma vez for capaz?

Resposta. Isso é alguma atenuação do pecado, mas nenhuma justificação do ato; o qual, de outro modo, não tem justificativa, porque continua a ser feito sem o consentimento dele.

Pergunta 11. E se eu não souber se o dono consentiria ou não?

Resposta. Em um caso onde o costume comum e a humanidade permitem considerar como certo que ele não lho negaria (como colher uma espiga de trigo, ou colher uma erva para remédio em seu campo), você não precisa de escrúpulo; a menos que conjecture que ele é um Nabal e lho negaria. Mas, de outra forma, se duvida de seu consentimento, deve pedi-lo, e não presumir dele sem justa causa.

Pergunta 12. E se eu pegar uma coisa de um amigo apenas em tom de brincadeira, pretendendo restaurá-la?

Resposta. Se você tiver motivos justos para pensar que o seu amigo consentiria se soubesse, não será culpável: mas, de outro modo, quer você pegue para o seu próprio benefício e uso, quer pegue apenas para fazer brincadeira; o primeiro é roubo, apesar de sua brincadeira; o segundo é apenas uma forma ilícita de brincar.

Pergunta 13. E se eu pegar dele apenas para evitar que ele prejudique o seu corpo com isso: como se eu roubasse veneno de um que pretendia matar-se com ele; ou pegasse uma espada de um homem bêbado que se machucaria; ou uma faca de um homem melancólico? Ou e se for para salvar outro; como pegar a espada de um homem louco que mataria aqueles que estão em seu caminho, ou de um homem irado que matará outro?

Resposta. Este é o seu dever de acordo com o sexto mandamento, o qual o obriga a preservar a vida de seu vizinho; desde que estas condições sejam observadas: 1. Que você não guarde a espada dele para seu benefício e vantagem, nem reivindique propriedade nela; mas a dê aos amigos dele, ou a entregue ao magistrado. 2. Que você não faça nada sem o magistrado em que possa seguramente esperar pela sua autoridade e ajuda: mas se dois estiverem brigando, ou ladrões estiverem roubando ou assassinando um homem, ou a vida de outro estiver em perigo presente, você deve ajudá-los sem esperar pela autoridade do magistrado. 3. Que você não faça disso um pretexto para a usurpação de autoridade, ou para resistir ou depor o seu príncipe lícito, ou magistrado, ou pai, ou senhor, ou para exercer a sua própria vontade e paixões contra os seus superiores; fingindo que retira as espadas deles para salvar a si mesmos ou a outros de sua ira, quando na verdade é apenas para impedir a justiça.

Pergunta 14. Não posso então, muito mais, tirar aquilo com que ele destruiria a sua própria alma ou as de outros homens: como tirar cartas ou dados de jogadores; ou livros heréticos ou sediciosos, ou livros de peças e romances; ou

derrubar ídolos que os idólatras adoram, ou que são instrumentos de idolatria?

Resposta. Há muita diferença nos casos, embora a alma seja mais preciosa do que o corpo: pois, 1. Aqui supõe-se haver tanto lazer e espaço que você pode ter tempo para avisar o magistrado disso, de quem é o dever primário: ao passo que no outro caso supõe-se que tal atraso seria a morte de um homem. Portanto, o seu dever é familiarizar o magistrado com o pecado e o perigo, e não se antecipar a ele, fazendo você mesmo o papel de magistrado. Ou no caso de cartas, dados e livros prejudiciais, você pode familiarizar as pessoas com o pecado, e convencê-las a deitá-los fora por si mesmas. 2. O seu retirar estes instrumentos não é provável que as salve: pois o amor ao pecado e a vontade de fazê-lo permanecem; e o pecador apenas será endurecido por sua indignação contra o seu curso irregular de caridade. 3. Os homens são obrigados a salvar os corpos dos homens, quer queiram quer não, porque isso pode ser feito assim; mas nenhum homem pode salvar a alma de outrem contra a sua vontade! E é a vontade de Deus que a salvação ou condenação deles seja mais o fruto de suas próprias vontades do que de quaisquer outras. Portanto, embora seja possível conceber um caso no qual é lícito roubar um livro venenoso ou um ídolo de outro (quando isso é feito de forma tão secreta que não encorajará nenhuma desobediência ou desordem; nem é provável que endureça o pecador, mas de fato lhe faça bem, etc.), contudo, ordinariamente, tudo isso é ilícito para homens privados, que não têm governo sobre os outros, ou interesse extraordinário neles.

Pergunta 15. Não pode um magistrado pegar os bens dos súditos quando for necessário para a sua própria preservação?

Resposta. Respondi a esta pergunta uma vez anteriormente em meus *Political Aphorisms* [Aforismos Políticos]: e porque me arrependo de me meter em tais assuntos e de ter escrito esse livro, deixarei tais casos daqui em diante para pessoas mais adequadas resolverem.

Pergunta 16. Mas não posso pegar de outro para um uso santo; como para dar à igreja ou sustentar os bispos? Se David pegou o pão consagrado em sua necessidade, não podem pessoas consagradas pegar pão comum?

Resposta. Se pessoas santas estiverem em perigo presente de morte, as suas vidas podem ser salvas como as de outros homens sob os termos mencionados no primeiro caso. De outra forma, Deus não tem necessidade de roubo ou violência; nem você deve roubar os leigos para vestir o clero; mas fazer tal mal sob pretexto de piedade e do bem é uma agravação do pecado.

CAPÍTULO 19
DIREÇÕES GERAIS E CASOS PARTICULARES DE CONSCIÊNCIA SOBRE OS CONTRATOS EM GERAL, E SOBRE COMPRA E VENDA, EMPRÉSTIMO E MÚTUO, USURA, ETC. EM PARTICULAR.

Seção 1. Direções Gerais contra Negociações e Contratos Injustos.

Além das últimas direções, capítulo 18, tome estas como mais diretamente pertinentes a este caso.

Direção 1. Vejam que os seus corações tenham os dois grandes princípios da justiça profundamente e habitualmente naturalizados ou radicados neles, a saber: o verdadeiro amor ao seu próximo e a negação de si mesmo; os quais, em um único preceito, são chamados de "amar o seu próximo como a si mesmo". Pois então vocês estarão livres da inclinação para injustiças e fraudes, e do poder daquelas tentações que conduzem os homens a esses pecados. Eles serão contrários à sua vontade ou inclinação habitual; e vocês serão mais dedicados a ajudar o seu próximo do que a obter algo dele.

Direção 2. No entanto, não se contentem com esses hábitos, mas certifiquem-se de chamá-los à ação sempre que tiverem qualquer negociação com outros; e que uma consciência fiel lhes seja como um arauto para proclamar a lei de Deus e dizer-lhes: "Agora lembre-se do amor e da negação de si mesmo, e faça como gostaria que fizessem com você". Se Alexandre Severo valorizava tanto este ditado, *Quod tibi fieri non vis, alteri ne feceris* [O que não queres que te façam, não faças ao outro], a ponto de torná-lo o seu lema, e escrevê-lo e gravá-lo em suas portas e edifícios (tendo-o aprendido de alguns cristãos ou judeus, diz Lamprídio); que crime e vergonha é para os próprios discípulos professos de Cristo nem o aprenderem nem o amarem! Coloque a questão diretamente quando tiver

qualquer negociação com os outros: "Como eu gostaria de ser tratado se o meu caso fosse o mesmo que o dele?".

Direção 3. Quando o tentador o levar a pensar apenas em sua própria comodidade e ganho, lembre-se de quanto mais você perderá pelo pecado do que o seu ganho poderá de alguma forma compensar. Se Acã, Geazi, Acabe, Judas, etc., tivessem previsto o fim e a grandeza de sua perda, isso teria refreado os seus desejos avarentos. Creia na palavra de Deus do fundo do seu coração, que você perderá as coisas eternas se obtiver pecaminosamente as coisas temporais, e então não terá pressa para tal negócio, para ganhar o mundo e perder a sua alma.

Direção 4. Entenda o caso do seu vizinho corretamente, e medite em suas necessidades e interesses. Você pensa no que você próprio necessita; mas não pensa se as necessidades daquele com quem você negocia não são tão grandes quanto as suas: considere o que a mercadoria dele lhe custa; ou qual é o esforço do trabalho do operário; quanto ele tem de pagar de aluguel de casa, e que família tem de manter; e se tudo isto pode ser bem feito com as taxas que você deseja negociar com ele. E não acredite em todo boato comum sobre as riquezas dele, ou sobre o preço de sua mercadoria; pois a fama nesses casos é frequentemente falsa.

Direção 5. Atentem para o bem público acima de sua própria comodidade. Não é lícito assumir ou manter qualquer monopólio ou comércio opressor que tenda a enriquecer você pela perda da comunidade ou de muitos.

Direção 6. Portanto, tenham uma consideração especial pelas leis do país onde vivem; tanto quanto ao seu

comércio em si, quanto ao preço do que vendem ou compram. Pois a lei é feita para o benefício público, o qual deve ser preferido ao de qualquer homem privado. E quando a lei estabelece direta ou indiretamente taxas sobre trabalhos ou mercadorias, ordinariamente elas devem ser observadas; ou então você cometerá dois pecados de uma só vez, a injustiça e a desobediência.

Direção 7. Também tenham respeito especial pela estimativa comum e pelo preço de mercado. Embora nem sempre deva ser a nossa regra, contudo ordinariamente deve ser uma parte considerável dela, e de grande consideração.

Direção 8. Não permitam que um pensamento imprudente o faça parecer mais avarento do que você é. Algumas pessoas imprudentes não sabem como fazer as suas compras sem tantas palavras, mesmo por causa de um centavo ou uma futilidade, o que faz os outros pensarem que são avarentas, quando na verdade é falta de bom senso. A aparência do mal deve ser evitada. Conheço alguns que estão prontos a dar uma libra para um uso caridoso a uma palavra, que contudo usarão tantas palavras por um centavo em suas negociações que os faz serem profundamente censurados e mal compreendidos. Se você vê causa para romper por um centavo ou uma questão pequena, faça-o de forma mais elegante em poucas palavras, e vá embora: e não tente o vendedor a multiplicar palavras porque você age assim.

Direção 9. Tenham o mínimo a ver em negociações com outros, especialmente com pessoas censoras, do que for estritamente necessário; pois em muito negócio

geralmente haverá muito mal-entendido, ofensa, censura e reclamação.

Direção 10. Em casos duvidosos, quando estiverem incertos sobre o que é lícito, escolham aquele lado que é mais seguro para a paz de suas consciências daqui em diante; embora seja contra a sua comodidade, e possa provar-se a perda de seu direito.

Seção 2. Casos de Consciência sobre a Justiça nos Contratos.

Pergunta 1. Devo sempre fazer como gostaria que fizessem comigo? Ou esta regra tem alguma exceção?

Resposta. A regra não pretende mais do que que a sua justa negação de si mesmo e amor aos outros sejam devidamente exercidos em seus tratos com todos. E, 1. Supõe que a sua própria vontade ou desejos sejam honestos e justos, e que a lei de Deus seja a regra deles. Pois uma vontade pecaminosa não pode ser feita regra de suas próprias ações ou das ações de outros homens. Aquele que gostaria que outro o embriagasse não pode, por isso, embriagar a outro; e aquele que abusaria da esposa de outro homem não pode, por isso, desejar que outro homem cobice ou abuse de sua esposa. Aquele que não quer ser instruído, repreendido ou reformado não pode, por isso, abster-se de instruir ou repreender os outros. E aquele que se mataria não pode, por isso, matar a outro. Mas aquele que não quer que nenhum dano lhe seja feito injustamente não deve fazê-lo aos outros: e aquele que

quer que os outros lhe façam o bem deve estar igualmente disposto a fazer o bem a eles.

Supõe que a questão deva ser variada conforme as suas várias condições. Um pai que justamente deseja que o seu filho lhe obedeça não é obrigado, por isso, a obedecer ao seu filho; nem o príncipe a obedecer aos seus súditos; nem o senhor a fazer todo o trabalho para os seus servos o qual gostaria que os seus servos fizessem por ele. Mas você deve tratar ao outro como gostaria (regularmente) que o tratassem se você estivesse no caso dele, e ele no seu. E nesses termos é uma regra de justiça.

Pergunta 2. Está um filho obrigado pelo contrato que os seus pais ou tutores fizeram por ele em sua infância?

Resposta. A algumas coisas ele está obrigado, e a outras não. O infante é capaz de ser obrigado por outrem por quatro razões: 1. Como ele é propriedade dos pais (ou de um senhor a quem está em servidão absoluta). 2. Como ele deve ser governado pelos pais. 3. Como ele é devedor de seus pais pelos benefícios recebidos. 4. Como ele é um pretendente ou capaz de futuros benefícios a serem desfrutados sob condições a serem por ele cumpridas. 1. Nenhum pai ou senhor tem propriedade absoluta em qualquer criatura racional; mas têm uma propriedade *secundum quid* [em certa medida], e para este fim: e a propriedade de um pai expira ou diminui em parte à medida que o filho cresce para o uso pleno da razão, e assim tem maior propriedade em si mesmo. Portanto, ele pode obrigar o seu filho apenas até onde se estende a sua propriedade, e para tais atos, e não para outros; pois nesses a vontade dele é representativamente a vontade do

seu filho. Como, se um pai vende o seu filho para a servidão, este está obrigado a tal serviço que convém a um homem impor a outro. 2. Como ele é governante de seu filho, ele pode, por contrato com uma terceira pessoa, prometer que o seu filho fará tais atos que ele tem poder para ordenar e fazer com que faça: como ler, ouvir a palavra de Deus, trabalhar conforme for capaz; mas isto não mais do que enquanto ele estiver sob o governo de seus pais: e por tanto tempo a obediência exige dele cumprir os contratos deles, ao cumprir os comandos deles. 3. O filho, tendo recebido o seu ser e sustento deles, permanece obrigado a eles como seus benfeitores na dívida de gratidão enquanto viver: e isso de forma tão profunda que alguns questionaram se alguma vez ele poderá retribuir-lhes (o que *quoad valorem beneficii* [quanto ao valor do benefício] ele pode fazer apenas promovendo a salvação deles; como muitos filhos foram a causa da conversão dos pais). E até onde o filho é assim um devedor de seus pais, ele é obrigado a fazer aquilo que os pais, por contrato com uma terceira pessoa, lhe impuserem. Como se os pais não pudessem ser libertados do cativeiro senão obrigando o filho a pagar uma grande soma de dinheiro, ou a viver em servidão para a libertação deles: embora nunca lhe tivessem dado nenhum dinheiro, contudo ele é obrigado a pagar a soma, se puder obtê-la, ou a cumprir a servidão; porque ele recebeu mais deles, o seu próprio ser. 4. Como os pais são donos (*secundum quid*), governantes e benfeitores de seu filho, em todos os três aspectos conjuntos, eles podem obrigá-lo a uma terceira pessoa que esteja disposta a ser seu benfeitor, por uma obrigação condicional de cumprir tais condições para que ele possa possuir tais ou tais benefícios: e assim um tutor ou

qualquer amigo que seja adequado para intervir por ele pode obrigá-lo. Como fazer um arrendamento em seu nome, no qual ele será obrigado a pagar tal aluguel, ou fazer tal serviço, para que possa receber tal benefício que é maior. Assim, os pais obrigam os seus filhos sob governos civis às leis da sociedade ou do reino, para que possam ter a proteção e os benefícios de súditos. Nesses casos, o filho não pode queixar-se de nenhuma injustiça; pois é para o seu benefício que ele é obrigado: e o pai (neste aspecto) não pode obrigá-lo ao seu prejuízo: pois se ele quiser abrir mão do benefício, pode ser libertado quando quiser de sua obrigação, e pode recusar manter o pacto se não gostar dele. Se ele abrir mão de seu arrendamento, pode ser desobrigado do aluguel e do serviço.

Em tudo isto você pode ver que nenhum homem pode obrigar a outro contra Deus ou contra a sua salvação: e, portanto, um pai não pode obrigar um filho a pecar, nem a abster-se de ouvir ou ler a palavra de Deus, ou de orar, ou de qualquer coisa necessária para a sua salvação: nem pode obrigá-lo a ouvir um pastor herético; nem a casar-se com uma esposa infiel ou ímpia, etc.

E aqui também você pode perceber em que bases Deus determinou que os pais obrigassem os seus filhos na aliança do batismo a serem servos de Deus e a viverem em santidade todos os seus dias.

E disto é aparente que nenhum pai pode obrigar os seus filhos a serem miseráveis, ou a qualquer condição que seja pior do que não ter existência.

Também que quando os pais (como comumente fazem) professam obrigar os seus filhos como benfeitores para o

bem deles, a obrigação deve ser interpretada de acordo: e o filho não é então obrigado a nada que seja realmente o seu prejuízo.

Sim, toda a propriedade e governo dos pais não podem autorizá-los a obrigar o filho ao seu prejuízo, mas sim em ordem a algum bem maior, seja para os próprios pais, ou para a comunidade, ou para outros; pelo menos aquilo que os pais consideram ser um bem maior: mas se eles errarem por ignorância ou parcialidade, e obrigarem o filho a um prejuízo maior por um bem menor deles (como pagar duzentas libras para poupá-los de pagar cem libras), se a injustiça e o pecado deles desculpam o filho de ser obrigado a mais do que a proporção do benefício exigido, deixo por determinar.

Pergunta 3. Mas e se os pais discordarem, e um deles quiser obrigar o filho, e o outro não?

Resposta. 1. Se for um ato dos pais como meros donos para o seu próprio bem, qualquer um deles pode obrigá-lo em um grau justo; porque possuem individualmente uma propriedade. 2. Se for um ato de governo (como se o obrigarem a fazer este ou aquele ato de serviço ao comando deles em sua menoridade), o pai pode obrigá-lo contra o consentimento da mãe, porque ele é o governante principal; mas não a mãe contra a vontade do pai, embora ela possa fazê-lo sem ela.

Pergunta 4. Está um homem obrigado por um contrato que fez por ignorância ou equívoco da matéria?

Resposta. Respondi a isto antes no caso do casamento, parte III, cap. 1: acrescento aqui:

1. Devemos distinguir entre erro culpável e inculpável. 2. Entre um erro sobre a matéria principal, e sobre alguns acidentes ou circunstâncias menores. 3. Entre um caso em que a lei do país ou o bem comum intervém, e onde não intervém.

2. Se for culpa sua você estar enganado, você não está totalmente livre da obrigação; mas se foi sua culpa grave, por negligência ou vício, você não está de modo algum livre; mas se foi apenas uma fraqueza a que quase todos os homens estão sujeitos, de modo que ninguém além de uma pessoa de extraordinária virtude ou diligência poderia ter evitado o equívoco, então a equidade proporcionalmente lhe fará um abatimento ou o libertará da obrigação. Até onde você era obrigado a compreender a matéria, até aí você está obrigado pelo contrato; especialmente quando outro é perdedor pelo seu erro.

3. Um erro inculpável sobre as circunstâncias, ou partes menores, não o libertará de uma obrigação na matéria principal; mas um erro inculpável nos pontos essenciais o libertará.

4. Exceto quando a lei do país ou o bem comum determinar o contrário; pois então você pode ser obrigado por esse acidente. Em diversos casos, os governantes podem julgar necessário que o efeito do contrato dependa das palavras nuas, ou escritos, ou ações; para que falsos pretextos de mal-entendido não isentem pessoas enganadoras de suas obrigações, e nada seja uma segurança para os contratantes. E então

a comodidade privada dos homens deve dar lugar à lei e ao bem público.

5. As enfermidades naturais devem ser contadas com as faltas, embora não sejam vícios morais, quanto à contração de uma obrigação, se forem em uma pessoa capaz de contratar. Como se você tiver algum defeito especial de memória ou ignorância da matéria em que está envolvido. Outro que não tem culpa nenhuma por passar você para trás não deve ser perdedor por sua fraqueza. Pois aquele que vem ao mercado, ou contrata com outro que não conhece a sua enfermidade, deve ser suposto compreender o que faz, a menos que o contrário seja manifesto: você não deve meter-se em assuntos que não compreende; ou, se o fizer, deve contentar-se em ser perdedor por sua fraqueza.

6. Contudo, nesses casos, outro que ganhou com o negócio pode ser obrigado pelas leis de equidade e caridade a abrir mão do ganho, e não tirar vantagem de sua fraqueza; mas ele pode mantê-lo até aí para se proteger de perdas; exceto em casos em que você se torna o objeto de caridade dele, e não apenas de justiça comutativa.

Pergunta 5. Está um homem bêbado, ou um homem sob uma paixão avassaladora, ou uma pessoa melancólica, obrigado por um contrato feito em tal caso?

Resposta. Lembre-se ainda de que estamos falando apenas de contratos sobre assuntos de lucros ou interesse mundano; e não de casamento ou de outra natureza. E a pergunta, no que diz respeito a um homem em embriaguez ou paixão, é respondida como a anterior sobre o erro

culpável; e no que diz respeito a um homem melancólico, deve ser respondida como a pergunta anterior, no caso de enfermidade natural. Mas se a melancolia for tão grande que o torne incapaz de negociar, ele deve ser considerado na mesma condição que um idiota, ou um em estado de delírio ou distração.

Pergunta 6. Mas pode outro reter o que ganhou daquele que, em embriaguez ou paixão, faz um mau negócio, ou dá ou perde o seu dinheiro em jogo; e se arrepende quando está sóbrio?

Resposta. Ele pode (ordinariamente) receber o dinheiro do perdedor, ou daquele que o lança fora assim; mas não pode guardá-lo para si mesmo: mas se o perdedor for pobre, ele deve dá-lo à esposa ou filhos dele, a quem ele rouba pelo seu pecado: se não, deve dá-lo ao magistrado ou inspetor para os pobres, ou dar ele mesmo aos pobres. A razão desta determinação é porque o perdedor abriu mão de sua propriedade e não pode fazer mais nenhuma reivindicação à coisa; mas, contudo, o ganhador não pode ter nenhum direito decorrente do crime de outrem: se fosse de uma injustiça, ele poderia, até onde fosse necessário para reparações; mas de um crime não pode; pois a perda dele deve ser estimada como uma multa ou penalidade, e ser disposta como tais multas que são impostas aos que praguejam e aos bêbados. Apenas a pessoa, por seu contrato voluntário, fez o outro parte em vez do magistrado, e o autorizou (em casos comuns) a dispor do ganho para os pobres ou para o bem público.

Pergunta 7. Estou obrigado pelas palavras ou escritos que costumam expressar uma aliança, sem qualquer

intenção de aliança ou de auto-obrigação em mim, quando as falo ou escrevo?

Resposta. Ou você profere ou escreve aquelas palavras com o propósito de fazer outro acreditar que pretende uma aliança; ou, pelo menos por negligência culpável, de tal maneira que ele é obrigado a compreendê-lo assim, ou justificado por compreendê-lo assim: ou então você usa as palavras de tal modo que, pela maneira, significa suficientemente que não pretende nenhuma aliança ou auto-obrigação. No primeiro caso, você se obriga (como dito acima); porque outro homem não deve ser perdedor, nem você ganhador ou poupador, por sua própria fraude ou negligência grave. Mas no segundo caso você não está obrigado, porque a intenção de se obrigar é o eficiente interno da obrigação; e a significação de tal intenção é o eficiente externo, sem o qual ela não pode existir. Se você lê as palavras de uma fiança, ou as repete apenas em uma narrativa, ou de brincadeira; ou se um tabelião escreve uma fórmula de obrigação de si mesmo a um rapaz como modelo, ou a um estudante como precedente, estas coisas não induzem nenhuma obrigação em consciência, nem o tornam devedor de outrem. Assim também o caso da intenção do batizador ou batizado (ou pai) deve ser determinado.

Pergunta 8. Pode um homem de bem prometer dinheiro a um ladrão para salvar a sua vida, ou para poupar uma soma maior, ou mercadoria mais preciosa?

Resposta. Sim, em caso de necessidade, quando a sua vida ou bens não puderem ser mais bem preservados; e assim taxas podem ser pagas a um inimigo armado, ou a

um soldado saqueador (supondo que isso não cause outro prejuízo que seja maior do que o bem). Qualquer homem pode abrir mão de um bem menor para preservar um maior; e isso não é mais voluntário ou imputável às nossas vontades do que o lançamento de nossos bens ao mar para salvar a embarcação e as nossas vidas.

Pergunta 9. Posso dar dinheiro a um juiz, ou autoridade, ou oficial de tribunal para contratá-lo para me fazer justiça, ou para impedi-lo de me fazer injustiça; ou para evitar a perseguição?

Resposta. Você não pode, caso a sua causa seja má, dar qualquer coisa para obter injustiça contra outrem; nem falar uma palavra a favor disso, nem desejá-lo: isto considero como pressuposto. Você não pode dar dinheiro para obter justiça quando a lei do país o proíbe, e quando isso causar acidentalmente mais prejuízo aos outros do que bem a você: quando isso endurecer os homens no pecado do suborno, e os fizer esperar o mesmo dos outros. Mas exceto quando algum prejuízo acidental maior tornar isso mau, é tão lícito quanto contratar um ladrão para não me matar: quando você não pode obter o seu direito por outros meios, pode abrir mão de uma questão menor por uma maior.

Pergunta 10. Mas se eu fizer tal contrato, pode o outro legalmente recebê-lo de mim?

Resposta. Não: pois supõe-se agora que é ilícito por parte dele.

Pergunta 11. Mas se sob necessidade de força eu prometer dinheiro a um ladrão, ou a um juiz, ou oficial,

estou obrigado a cumpri-lo quando a minha necessidade passar?

Resposta. Você perdeu a sua própria propriedade pela sua aliança e, portanto, não deve retê-la; mas ele não pode adquirir nenhum direito pelo seu pecado: e, portanto, alguns dizem que em ponto de justiça você não está obrigado a dar-lhe o dinheiro, mas sim a dá-lo ao magistrado para os pobres; mas a prudência pode lhe falar de outras razões para dar o dinheiro ao próprio homem, embora a justiça não o obrigue a isso; como no caso de que ele possa vingar-se e fazer-lhe algum prejuízo maior; ou se algum prejuízo maior for de qualquer outro modo provável de ser a consequência, o que é lícito evitar com dinheiro. Mas muitos acham que você está obrigado a entregar o dinheiro ao próprio ladrão ou oficial; porque é uma coisa lícita fazê-lo, embora ele não tenha justo título para isso; e porque essa era a sua intenção, ou a significação de suas palavras em sua aliança com ele; e se não fosse lícito fazê-lo, não seria lícito prometer fazê-lo, do contrário a sua promessa é uma mentira. Para isso, os da outra opinião dizem que, assim como um homem que é desobrigado de sua promessa por aquele a quem foi feita não deve ser considerado falso se não a cumprir, o mesmo se aplica ao ladrão ou oficial em questão; porque ele, não tendo direito, é para você como o outro que abriu mão de seu direito. E esta resposta de fato provará que não é injustiça estrita não pagar o dinheiro prometido; mas não provará que não é mentira fazer tal promessa com a intenção de não a cumprir, ou que não é mentira fazê-la com a intenção de cumpri-la e não o fazer quando puder. Embora aqui um jesuíta lhe diga que você pode dizer as palavras de uma promessa com equívoco ou reserva mental a um ladrão ou

magistrado perseguidor (sobre o que veja mais nos capítulos sobre mentira, votos e perjúrio). Sou, portanto, de opinião de que a sua promessa deve ser feita sinceramente, e conforme a verdadeira intenção dela você deve oferecer o dinheiro ao ladrão ou oficial; exceto no caso de o magistrado o proibir, ou se houver alguma razão maior contra isso a qual você não previu quando fez a promessa. Mas o transgressor está indubitavelmente obrigado a não receber o dinheiro.

A mesma determinação se sustenta quanto a todos os contratos e promessas feitas a tais pessoas que, por força injuriosa, nos constrangeram a fazê-las. Há sobre nós uma obrigação de veracidade, embora nenhuma para com eles em ponto de justiça, porque não possuem direito próprio; nem podem eles legitimamente receber o nosso pagamento ou serviço prometido. E no caso de o bem público inesperadamente contrariar o nosso cumprimento, não devemos cumpri-lo: semelhante é o caso dos conquistadores, e daqueles que sob a conquista se tornam seus vassalos ou súditos sob termos injustos. Mas lembre-se ainda de que, se for não apenas uma aliança com o homem, mas um voto a Deus, que o torna parte, o caso é alterado, e permanecemos obrigados.

Pergunta 12. Mas posso prometer ao ladrão ou ao subornado ocultar a sua falta? E estou obrigado ao cumprimento de tal promessa?

Resposta. Esta é uma promessa de omitir aquilo que, de outro modo, seria um dever. Ordinariamente, é um dever revelar um ladrão e um subornado para que sejam punidos. Mas os preceitos afirmativos não obrigam para

sempre; nenhum ato (especialmente externo) é um dever em todos os momentos, portanto não este, de revelar a falta de um transgressor. E se não é sempre um dever, então não deve ser nenhum quando for inconsistente com algum benefício ou dever maior; pois quando dois bens se encontram, o maior deve ser preferido: portanto, caso você veja em probabilidade justa que a ocultação do pecador fará mais mal à comunidade ou às almas dos homens do que o salvar a sua vida provavelmente fará bem, você não pode prometer ocultá-lo, ou se prometeu pecaminosamente, não pode cumpri-lo; mas caso a sua vida se mostre um bem maior do que o não prometer ocultá-lo, então tal promessa não é falta, porque o revelá-lo não é dever. Mas julgar corretamente sobre isto é uma questão de grande dificuldade. Se for menos do que a vida que você salva por tal promessa, muitas vezes acontece que é um bem menor do que a detecção da ofensa.

Mas dir-se-á aqui: "Se eu não prometer ocultar um ladrão, devo ocultá-lo da mesma forma; pois quando ele me matar, não poderei revelá-lo: e devo ocultar o subornado; pois até que eu tenha prometido segredo, não posso prová-lo culpado. E aquele que promete abster-se de uma ação boa específica enquanto viver reserva contudo a sua vida para todas as outras boas obras; ao passo que, se morrer, não fará nem aquela nem nenhuma outra". Mas este caso não é tão facilmente determinado: se Daniel morrer, não poderá orar nem fazer nenhum bem na terra. E se viver, poderá fazer muito outro bem, embora nunca ore; e contudo ele não podia prometer deixar de orar para salvar a sua vida. Concebo que devemos distinguir entre deveres essenciais à parte externa do cristianismo, ou de necessidade constante e indispensável; e deveres que são

alteráveis e pertencem apenas a algumas pessoas, tempos e lugares; também entre as várias consequências das omissões. E concebo que ordinariamente um homem pode prometer, para o salvamento de sua vida, que se absterá de um dever ou relação específica e alterável; como não ler tal comentário, não falar com tal ministro, não ser um magistrado ou um ministro, etc., caso não tenhamos nos obrigado antes a nunca abandonar o nosso chamado até a morte; e caso o bem que seguirá a nossa abstenção seja provável (para uma pessoa criteriosa) de ser maior do que o mal. Mas nenhum homem pode prometer omitir tal dever que Deus tornou necessário durante a vida; como não amar a Deus, ou não temê-lo, ou não confiar nele; não adorá-lo, e não invocá-lo, e não louvá-lo; não fazer o bem às almas ou corpos dos homens em geral; ou não pregar ou orar enquanto for ministro de Cristo; ou de modo algum governar enquanto for governante; pois todos estes contradizem algumas promessas ou deveres anteriores e maiores. Nem se pode omitir o menor dever para salvar a vida em um momento em que a sua morte é propensa a fazer mais bem do que a sua vida faria sem esse único dever. Aplique isto ao presente caso.

Pergunta 13. Se outro homem me enganar em uma promessa ou aliança contra o meu bem, estou obrigado a cumpri-la quando tiver descoberto o engano?

Resposta. Sim, 1. Caso a lei do país, ou outras razões para o bem público, o exijam. 2. Ou caso você tenha culpa por negligência, falta de atenção ou de outra forma seja culpado de seu próprio engano, em qualquer grau considerável e evitável. Caso contrário, na medida em que ele o enganou, e nesses aspectos, você não está obrigado.

Pergunta 14. Se as partes contratantes nenhuma delas compreender a outra, é uma aliança? Ou se for, qual sentido deve prevalecer?

Resposta. Se não se compreenderem nos pontos essenciais do contrato, não é contrato em ponto de consciência; exceto onde as leis para a segurança pública anexam a obrigação ao ato puramente externo. Mas se não se compreenderem em algumas circunstâncias, e forem igualmente culpáveis ou inocentes, devem chegar a um novo acordo nesses particulares; mas se apenas uma das partes for culpada do mal-entendido, ela deve arcar com a perda se a outra insistir nisso.

Pergunta 15. Estou obrigado a manter os negócios que o meu amigo, ou administrador, ou servo faz por mim quando se provar muito prejudicial ou com perda para mim?

Resposta. Sim, 1. Se não excederem os limites daquela comissão ou encargo que receberam de você. 2. Ou, se excederem, contudo se por sua anterior confiança e uso deles, ou por qualquer outro sinal, você deu à outra parte causa suficiente para supô-los encarregados por você para fazerem o que fazem, de modo que ele é enganado por sua culpa, você é obrigado pelo menos a cuidar de que ele não seja perdedor por sua causa; embora não esteja obrigado a fazê-lo ganhador, a menos que você verdadeiramente tenha significado que os autorizou a fazer o contrato. Pois se for meramente erro do seu amigo ou servo, sem culpa sua, isso não o obriga perante uma terceira pessoa. Mas até que ponto você pode ser obrigado a perdoar esse erro ao seu amigo ou servo é outra questão; e até que ponto você

está obrigado a mantê-los livres de prejuízos. E isso deve ser determinado considerando todas as outras obrigações entre eles e você.

Pergunta 16. Se eu disser que darei a este ou àquele isto ou aquilo, estou obrigado por isso a fazê-lo?

Resposta. Uma coisa é expressar a sua mente e resolução atual, sem abrir mão da liberdade de mudá-la; e outra coisa é pretender obrigar-se a fazer a coisa mencionada. E essa obrigação é pretendida para com o homem, ou para com Deus apenas; e isso é em ponto de entrega e uso, ou em ponto de veracidade, ou no cumprimento daquele dever moral de falar a verdade. Se você não quis dizer mais ao dizer: "Eu o farei" ou "Eu o darei", senão que esta é a sua vontade, propósito e resolução atuais, sim, mesmo que acrescente a persuasão confiante de que a sua vontade não mudará; contudo, isto não o obriga mais do que você está obrigado a continuar naquela vontade; e as resoluções confiantes de um homem podem ser legalmente alteradas por causa suficiente. Mas se você pretendia transferir o título a outrem, ou dar-lhe direito atual, ou obrigar-se para o futuro com ele por aquela promessa; ou obrigar-se para com Deus a fazê-lo por via de asserção peremptória, como alguém que será culpado de uma mentira se não o cumprir; ou se você dedica a coisa a Deus por aquelas palavras como um voto; então você está obrigado a agir de acordo (supondo que nada mais o proíba).

Pergunta 17. Uma promessa interna da mente não expressa obriga?

Resposta. Em um voto a Deus, obriga; e se você a pretende como uma asserção que o obriga em ponto de

veracidade, ela o obriga de tal modo que você não deve mentir. Mas não é contrato, nem dá a nenhum homem direito àquilo em que você tacitamente pensou.

Pergunta 18. Posso prometer uma coisa ilícita (simplesmente assim) sem a intenção de cumpri-la, para salvar a minha vida de um ladrão ou perseguidor?

Resposta. Não: porque é uma mentira, quando a língua não concorda com o coração. De fato, aqueles que pensam que a mentira não é pecado quando não prejudica a outrem podem justificar isto, se essa premissa fosse boa; mas eu já a confutei antes, parte I, no capítulo contra a mentira.

Pergunta 19. Pode qualquer coisa de outro modo ilícita tornar-se um dever sob a promessa de fazê-la?

Resposta. Isto foi respondido antes, parte I, capítulo sobre o perjúrio e votos: uma coisa ilícita continuará sendo assim, apesar de um voto ou promessa; e alguns dizem o mesmo também daquilo que é ilícito antecedente mas por acidente; como, por exemplo, não é simplesmente ilícito jogar fora um copo de vinho ou um pedaço de prata (pois é lícito por uma causa suficiente); mas é ilícito fazê-lo sem qualquer causa suficiente. Agora suponha que eu faça um contrato com outro de que o farei; estou obrigado por tal contrato? Muitos dizem que não, porque a matéria é ilícita, embora apenas por acidente; e o contrato não pode torná-la lícita. Eu antes penso que estou obrigado em tal caso; mas que a minha obrigação não me isenta totalmente do pecado; era pecado antes de eu prometê-lo (ou votá-lo) jogar fora um centavo sem causa. E se eu o prometi sem causa, pequei naquela promessa; mas, contudo, pode

haver causa para o cumprimento: e se eu me enredei em uma necessidade de pecar, quer o faça quer não, devo escolher o pecado menor; pois esse é então o meu dever. (Embora eu devesse ter escolhido nenhum deles, contanto que pudesse evitá-lo). Em um pecado grande e prejudicial posso ser obrigado antes a quebrar a minha aliança do que a cometê-lo, contudo é difícil dizer o mesmo de cada mal acidental: as minhas razões são: 1. Porque a promessa ou aliança é agora um acidente a ser colocado na balança; e pode pesar mais do que um acidente mais leve do outro lado (mas eu sei que a grande dificuldade é discernir qual é de fato o acidente preponderante).

2. Penso que se um magistrado me ordenar fazer qualquer coisa que por um pequeno acidente é má (como gastar uma hora em vão, dar um centavo em vão, falar uma palavra que, antecedente, era vã) devo fazê-lo; e que então não é vã porque manifesta a minha obediência (do contrário, a obediência seria grandemente estreitada). Portanto, o meu próprio contrato pode tornar isso o meu dever; porque sou capaz de obrigar-me tão bem quanto um magistrado é capaz. 3. Porque a quebra de aliança (e o perjúrio) é realmente um pecado maior do que falar uma palavra vã; e o meu erro não o torna não pecado, mas apenas me enreda em uma necessidade de pecar, qualquer que seja o caminho que eu tome.

Pergunta 20. Se um homem faz um contrato para promover o pecado de outro por uma recompensa (como um juiz ou advogado corrupto, oficial ou escrivão para promover a injustiça; ou um receptador para ajudar um ladrão; ou uma alcoviteira ou prostituta pelo preço da

fornicação), pode ele receber a recompensa quando o pecado for cometido (supondo que haja arrependimento)?

Resposta. O transgressor que prometeu a recompensa abriu mão de seu título ao dinheiro; portanto, você pode recebê-lo dele (e deve, a menos que ele próprio o queira dispor corretamente); mas também confessando o pecado e persuadindo-o também a arrepender-se: mas você não pode receber nada desse dinheiro como seu próprio (pois nenhum homem pode adquirir verdadeira propriedade pela iniquidade); mas sim dá-lo à parte prejudicada (a quem você está obrigado a fazer satisfação), ou ao magistrado ou aos pobres, conforme o caso particularmente exigir.

Pergunta 21. Se eu contratar, ou negociar, ou prometer a outro, entre nós dois, sem qualquer forma legal ou testemunha, isso me obriga ao cumprimento?

Resposta. Sim, *in foro conscientiae* [no foro da consciência], supondo a coisa lícita; mas se a coisa for ilícita *in foro Dei* [no foro de Deus], e tal que a lei do país apenas o cobraria ou o forçaria se tivesse havido testemunha, então a lei do país pode bem ser evitada pela falta de formas legais e testemunhas.

Pergunta 22. Posso comprar um cargo por dinheiro em um tribunal de justiça?

Resposta. Alguns cargos você pode comprar (onde a lei o permite, e isso não tende à injustiça); mas outros cargos você não pode: a diferença os advogados podem lhe dizer melhor do que eu, e seria tedioso prosseguir em exemplos.

Pergunta 23. Pode alguém comprar um lugar de magistratura ou judicatura por dinheiro?

Resposta. Não quando a sua própria honra ou comodidade for o seu fim: porque o bem comum é o fim do governo; e, para um governante fiel, é um lugar de grande trabalho e sofrimento, e requer muita negação de si mesmo e paciência. Portanto, aqueles que o compram como um lugar de honra, ganho ou prazer, ou não sabem o que assumem, ou têm fins carnais; do contrário, antes comprariam a sua liberdade e o evitariam. Mas se um rei, ou um juiz, ou outro magistrado vê que um homem mau (mais inapto para governar) está prestes a ser colocado se ele for descartado, é lícito para ele comprar a libertação do povo a um preço muito caro (mesmo por uma guerra lícita, o que é mais do que dinheiro, quando o poder do soberano está em tal perigo): mas o coração deve ser vigiado, para que não finja o bem comum e pretenda a sua própria comodidade e honra; e as consequências prováveis devem ser pesadas; e as leis do país devem ser consultadas também; pois se elas proíbem absolutamente a compra de um lugar de judicatura, devem ser obedecidas. E os maus efeitos podem tornar isso pecaminoso.

Pergunta 24. Pode alguém vender um benefício eclesiástico, ou reitoria, ou ordens?

Resposta. Se o benefício for originalmente de sua própria doação, está no início em seu poder dar parte ou tudo, fazer algumas deduções dele ou não: mas se ele for realmente dado à igreja, e você tiver apenas o patronato ou a escolha do incumbente, é sacrilégio vendê-lo por qualquer comodidade sua: mas se você pode tirar algo de

um benefício maior para dar a outra igreja que é mais pobre, depende em parte da lei do país, e em parte das consequências prováveis. Se a lei o proíbe absolutamente (supondo que os contratos ilícitos não possam ser evitados a menos que alguns legítimos sejam restritos), ela deve ser obedecida pelo bem comum; e se a consequência de um contrato lícito for propensa a ser o encorajamento mais prejudicial de contratos ilícitos, tais exemplos devem ser evitados, embora a lei não fosse contra eles. Mas vender ordens é indubitável simonia (isto é, o ofício do ministério, ou o ato de ordenação); embora os escrivães possam ser pagos para escrever os documentos.

Pergunta 25. Pode um homem dar dinheiro por ordens ou benefícios quando não podem ser obtidos de outra forma?

Resposta. Isto foi respondido na pergunta 22. 1. Se a lei o proibir absolutamente, para a segurança comum, você não pode. 2. Se o seu fim for principalmente a sua própria comodidade, facilidade ou honra, você não pode. Mas caso você esteja livre de todos esses males, e o caso seja apenas este: se você não poderia dar dinheiro para entrar você mesmo, para manter fora um herético, um lobo ou um homem insuficiente, que poderia destruir as almas do povo, não vejo por que não poderia ser feito.

Pergunta 26. Posso dar dinheiro a oficiais, servos ou assistentes para a ajuda deles?

Resposta. Para escritos ou outros atos servis sobre as circunstâncias, você pode; mas não (direta ou indiretamente) para promover o contrato simoníaco. O

que você não pode dar ao agente principal, não pode dar aos seus instrumentos ou outros para o mesmo fim.

Pergunta 27. Posso dar ou fazer qualquer coisa depois por via de gratidão ao patrono, bispo ou a quaisquer outros, seus parentes ou contratados?

Resposta. Não quando a expectativa dessa gratidão era uma condição (secreta ou aberta) da apresentação ou das ordens; e você crê que, de outra forma, não as teria recebido: portanto, a gratidão prometida não passa de um tipo de contrato. Nem pode você demonstrar gratidão por qualquer caminho escandaloso que pareça simonia. Caso contrário, não há dúvida de que você pode ser prudentemente grato por essa ou qualquer outra gentileza.

Pergunta 28. Não pode um bispo ou pastor receber dinheiro por sermões, sacramentos ou outros ofícios?

Resposta. Não pelas coisas em si mesmas; ele não deve vender a palavra de Deus e os sacramentos, ou qualquer outra coisa santa. Mas os que servem no altar podem viver do altar, e os presbíteros que governam bem são dignos de dupla honra; e a boca do boi que debulha o trigo não deve ser amordaçada. Podem receber o devido sustento enquanto realizam o serviço de Deus, para que estejam livres para atender ao seu próprio trabalho.

Pergunta 29. Pode uma pessoa desobrigar outra de uma promessa feita a ela?

Resposta. Sim, se não for mais do que uma promessa a essa pessoa; porque um homem pode abrir mão de seu direito; mas se for além disso um voto a Deus, ou se você pretende obrigar-se em ponto de veracidade sob a culpa de

uma mentira se fizer o contrário, estes alteram o caso, e nenhuma pessoa pode nisto desobrigá-lo.

Pergunta 30. Mas e se o contrato for confirmado por um juramento, pode outro então me liberar?

Resposta. Sim, se esse juramento apenas o obrigava a cumprir a sua promessa; e não era nenhum voto a Deus que o fizesse parte ao dedicar-lhe qualquer coisa; pois então o juramento, sendo apenas subordinado à promessa, aquele que o desobriga da promessa desobriga-o também do juramento que o obrigava honestamente a mantê-la.

Pergunta 31. Estou obrigado por uma promessa quando a causa ou razão dela prova-se um equívoco?

Resposta. Se por causa você quer dizer apenas as razões extrínsecas que o moveram a ela, você pode ser obrigado não obstante ter descoberto o seu equívoco; apenas até onde o outro foi a causa culpável (como dito antes), ele está obrigado a satisfazê-lo; mas se por causa você quer dizer a razão formal que constitui o contrato, então o equívoco pode em alguns casos anulá-lo (sobre o que já se falou o suficiente antes).

Pergunta 32. E se um acidente seguinte tornar o contrato mais prejudicial para mim do que poderia ser previsto?

Resposta. Em alguns contratos supõe-se ou expressa-se que os homens assumem correr o risco; e então devem manter-se obrigados. Mas em alguns contratos supõe-se racionalmente que as partes pretendem estar livres se uma alteração tão grande vier a ocorrer. Mas dar exemplos de ambos os casos seria uma obra muito longa.

Pergunta 33. E se algo inesperadamente acontecer que torne o contrato prejudicial a uma terceira pessoa? Certamente não posso ser obrigado a prejudicar a outrem.

Resposta. Se o caso for o último mencionado na resposta anterior, você pode estar assim livre; mas se for o primeiro (sendo você suposto correr o risco e garantir a outra parte contra todos os outros), então ou você estava de fato autorizado a fazer este negócio, ou não; se não, a terceira pessoa pode garantir o seu direito contra o outro; mas se você estava, então deve fazer a satisfação que puder à terceira pessoa. Sim, se você fez uma aliança sem autoridade, está obrigado a manter o outro livre de prejuízos, a menos que ele soubesse que o seu poder era duvidoso e resolvesse correr o risco.

Pergunta 34. E se algo acontecer que torne o cumprimento um pecado?

Resposta. Você não deve fazê-lo; mas deve fazer ao outro a satisfação por toda a perda de que você foi a causa, a menos que ele tenha assumido correr o risco disso também (explícita ou implicitamente).

Pergunta 35. Estou obrigado se o outro quebrar a aliança comigo?

Resposta. Há alianças que fazem relações (como entre marido e mulher, pastor e rebanho, governantes e súditos); e alianças que transmitem título a mercadorias, das quais apenas devo aqui falar. E nestas há algumas condições que são essenciais à aliança; se o outro quebrar primeiro estas condições, você está desobrigado. Mas há outras condições que não são essenciais, mas apenas

necessárias para algum benefício seguinte, cujo não cumprimento apenas fará perder aquele benefício específico; e há condições que são apenas deveres subsequentes assumidos, confiados na honestidade do cumpridor; e nestas uma falha não o desobriga. Estas últimas são apenas impropriamente chamadas de condições.

Pergunta 36. Posso contrair para realizar uma coisa que prevejo ser provável de tornar-se impossível ou pecaminosa antes que chegue o tempo do cumprimento, embora não seja assim no presente?

Resposta. Com todas as pessoas você deve tratar verdadeiramente; e com os contratantes justos abertamente; mas com ladrões, assassinos e perseguidores você nem sempre é obrigado a tratar abertamente. Isto posto, ou a sua aliança é absoluta: "Isto eu farei, seja lícito ou não, possível ou impossível"; e tal aliança é pecado e tolice: ou é condicional: "Isto eu farei se continuar lícito ou possível": esta condição (ou antes, exceção) é sempre implícita onde não é expressa, a menos que o contrário seja expresso: portanto, tal aliança é lícita com um ladrão com quem você não está obrigado a tratar abertamente; porque não passa de ocultar dele o evento que você prevê. Como, por exemplo, você tem informação de que um navio se perdeu no mar, ou é provável de ser tomado por piratas, o qual o ladrão espera que em breve chegue seguro ao porto: você pode prometer-lhe entregar-se como seu prisioneiro quando esse navio chegar. Ou você sabe que uma pessoa está mortalmente doente e morrerá antes da próxima semana; você pode obrigar-se a casar-se com essa pessoa ou a servi-la daqui a dois meses; pois está implícito: se ele

ou ela estiver então viva. Mas com contratantes iguais isto é ilícito, com os quais você é obrigado não apenas à verdade, mas à justiça; como nos casos seguintes será demonstrado.

Seção 3. Casos Especiais sobre a Justiça na Compra e Venda.

Pergunta 1. Estou obrigado a me esforçar para que aquele com quem negocio seja um ganhador com o negócio bem como eu?

Resposta. Sim, se vocês estiverem igualmente em necessidade, ou na mesma condição; mas se ele for muito pobre, e você for rico, a caridade deve estar de tal modo misturada com a justiça que você deve esforçar-se para que seja mais para a comodidade dele do que para a sua (se ele for um de fato a quem você deve caridade). E se você for pobre, e ele for rico, você pode querer ser o único ganhador, contanto que não cobice o alheio, nem deseje que ele seja prejudicado; pois quando ele tem o poder de tratar caridosamente, você pode querer a caridade ou gentileza dele.

Pergunta 2. Posso desejar ou receber mais do que o meu trabalho ou mercadorias valem, se puder conseguir?

Resposta. 1. Não por engano, convencendo a outro de que valem mais do que valem. 2. Não por extorsão, agindo sobre a ignorância, erro ou necessidade dos homens (sobre o que falaremos mais adiante). 3. Não de ninguém que seja mais pobre do que você, ou de ninguém que pretenda senão um negócio igual. 4. Mas se você negociar com os

ricos, que em generosidade não se importam com uma questão pequena, e estão dispostos a que outro seja ganhador com eles, e compreendem o que fazem, é lícito receber tanto quanto queiram dar-lhe.

Pergunta 3. Posso pedir no mercado mais do que as minhas mercadorias verdadeiramente valem?

Resposta. No caso mencionado por último, você pode; quando estiver vendendo aos ricos, que estão dispostos a mostrar a sua generosidade e a torná-lo ganhador. Mas então o caminho honesto é dizer: "Vale apenas tanto; mas se você der tanto mais porque necessito, eu o receberei com gratidão". Alguns acham também que onde o costume comum é pedir mais do que o valor, e as pessoas não comprarão a menos que você baixe de sua primeira exigência, que então você pode legalmente pedir mais, porque de outro modo não há comércio com tais pessoas. O meu julgamento neste caso é este: 1. Que ordinariamente é melhor não pedir nada mais do que um ganho justo; e que as inconveniências de agir de outra forma são maiores do que quaisquer do outro lado; pois aquele que o ouve pedir injustamente pode bem pensar que você receberia injustamente se pudesse consegui-lo, e consequentemente que você é injusto. 2. Mas este ganho justo não se encontra sempre em uma quantidade indivisível ou preço determinado. Um homem que tem uma família para manter por seu comércio pode legalmente obter um ganho proporcional e moderado; embora se obtiver menos possa conseguir algo também. Estar sempre justo a uma palavra não é conveniente; pois aquele que pode legalmente obter dois ou três xelins ou mais na libra do rico pode ver causa para permitir que uma

pessoa mais pobre o leve por menos; mas nunca peça acima do que é razoável receber. 3. E se você uma vez disse peremptoriamente: "Não aceitarei menos", então não é adequado voltar atrás em sua palavra. 4. E se você de fato encontrar tais tolos ou orgulhosos elegantes que não negociarão com você a menos que peça caro, é justo que quando eles lhe derem mais do que vale você lhes diga isso e ofereça o excedente novamente. E para aqueles que esperam que você baixe muito de sua pedida, é uma inconveniência a ser suportada, a qual reverterá sempre em sua vantagem quando você for mais conhecido.

Pergunta 4. Como se julgará o valor de uma mercadoria?

Resposta. 1. Quando a lei estabelece uma taxa sobre qualquer coisa (como sobre o pão e a bebida conosco), ela deve ser observada. 2. Se você vai ao mercado, o preço de mercado deve ser muito observado. 3. Se for em um contrato igual, com alguém que não está em necessidade, você pode estimar as suas mercadorias conforme lhe custaram, ou conforme valem para você, embora seja acima do preço comum; visto que o comprador é livre para levá-las ou deixá-las. 4. Mas se aquilo que você tem para vender for extraordinariamente desejável, ou valer para alguma pessoa mais do que para você ou outro homem, você não deve tirar vantagem excessiva da conveniência ou desejo dele; mas sim alegrar-se por poder agradá-lo em termos iguais, justos e honestos. 5. Se houver um valor secreto em sua mercadoria que o mercado não notará (como é comum em um cavalo), é lícito para você receber de acordo com esse valor real, se puder conseguir. Mas é uma regra falsa a daqueles que acham que a sua mercadoria vale tanto quanto qualquer um der por ela.

Pergunta 5. É lícito fazer uma coisa parecer melhor do que é, por meio de arranjos, enfeites ou colocando o melhor lado para fora ou à vista; ou ocultar as faltas do que vou vender?

Resposta. É lícito arrumar, polir, enfeitar ou expor a sua mercadoria para fazê-la parecer como de fato é, mas não para fazê-la parecer melhor do que é: exceto em alguns poucos casos incomuns; como se você negociar com algum tolo fantástico que não a comprará, nem lhe dará o valor real, a menos que seja exposta assim e feita em alguns aspectos parecer melhor do que é. É lícito até aí servir à curiosidade ou ao humor deles para conseguir o valor de sua mercadoria. Mas se você o faz para obter mais do que o valor enganando, é um pecado. E tal maquiagem tem uma aparência tão notável de engano que, por esse escândalo, deveria ser evitada.

E quanto a ocultar a falta, o caso é o mesmo; você não deve enganar o seu vizinho, mas deve fazer como gostaria que fizessem com você; e, portanto, não deve ocultar nenhuma falta que ele deseje ou tenha interesse em saber. Exceto se for quando você negocia com alguém que faz um caso muito maior daquela falta do que há causa, e o prejudicaria no preço se fosse conhecida: sim, e essa exceção também não se sustentará, exceto em um caso em que você precisa vender e eles precisam comprar: porque, 1. Você não pode ter o dinheiro de outro homem contra a vontade dele, embora não seja mais do que a coisa vale. 2. Porque será escandaloso quando a falta for conhecida por aquele que a comprar.

Pergunta 6. E se a falta foi ocultada de mim quando comprei a mercadoria, ou se fui enganado ou passado para trás por quem ma vendeu e dei mais do que o valor, não posso reparar a minha perda fazendo como fizeram comigo?

Resposta. Não: não mais do que você pode cortar a bolsa de outrem porque a sua foi cortada; você deve fazer como gostaria que fizessem com você, e não como fazem com você. O que você pode fazer com o homem que o enganou é uma pergunta mais difícil; mas sem dúvida você não pode prejudicar um homem honesto porque foi prejudicado por um trapaceiro.

Objeção. Mas considera-se como certo no mercado que todo homem obterá tanto quanto puder conseguir, e que o *caveat emptor* [cuidado do comprador] é a única segurança; e, portanto, todo homem confia em sua própria inteligência, e não na honestidade do vendedor, e assim resolve correr o risco.

Resposta. Não é assim entre os cristãos, nem entre os infiéis que professam a verdade ou a honestidade comum. Se você entrar em um bando de cortadores de bolsas onde o acordo é feito assim: "Cuide você de sua bolsa e eu cuidarei da minha, e aquele que conseguir mais que leve!", então de fato você não tem razão para confiar em outro. Mas não há comerciantes ou compradores que declarem que não esperam que se confie neles, ou digam: "Eu mentirei ou o enganarei se puder". Entre ladrões e piratas tal desconfiança total pode ser permitida; mas entre pessoas sóbrias em sociedades civis e convívio, devemos em razão e caridade esperar alguma verdade e

honestidade, e não presumir que sejam todos mentirosos e enganadores para que pareçamos ter permissão para sermos nós mesmos assim. De fato, confiamos neles, não absolutamente como santos, mas com uma mistura de desconfiança, como homens falíveis e falhos: e de modo a confiarmos em nossa própria circunspecção acima de suas palavras, quando não conhecemos as pessoas como sendo muito justas. Mas não temos causa para fazer de um mercado um lugar de mero engano, onde cada um diz: "Não confie em mim, e eu não confiarei em você; mas consideremo-nos todos como trapaceiros e mentirosos, e consigamos o que pudermos!". Tais censuras não provêm da caridade ou de intenções justas.

Pergunta 7. E se eu prever uma fartura e preço baixo em um tempo de carestia, o que o comprador não prevê (como se eu souber que há navios chegando com estoque daquela mercadoria que a tornará barata), estou obrigado a contar isso ao comprador e impedir o meu próprio ganho?

Resposta. Pode haver alguns casos em negociações com inimigos, ou com homens ricos que não se importam com tais assuntos, ou com homens que se supõe saberem disso tão bem quanto você, nos quais você não é obrigado a contar. Mas em sua negociação comum igual, quando você tem razão para pensar que o comprador não o sabe, e não daria tão caro se soubesse, você está obrigado a contar-lhe; porque deve amar o seu próximo como a si mesmo, e fazer como gostaria que fizessem com você, e não tirar vantagem da ignorância dele.

Pergunta 8. Se eu prever uma carestia, não posso guardar a minha mercadoria até lá?

Resposta. Sim, a menos que seja em prejuízo da comunidade; como se o seu guardar a mercadoria for a causa da carestia, e o seu trazê-la para fora ajudasse a preveni-la.

Pergunta 9. Pode alguém usar muitas palavras na compra e venda?

Resposta. Você não deve usar mais do que as verdadeiras, justas e úteis: mas há mais palavras necessárias com algumas pessoas que são faladoras e insatisfeitas do que com outras.

Pergunta 10. Posso comprar tão barato quanto puder conseguir, ou dar menos do que a coisa vale?

Resposta. Se valer mais para você do que o preço de mercado (devido à sua necessidade), você não está obrigado a dar acima do preço de mercado. Se valer menos para você do que o preço de mercado, você não está obrigado a dar mais do que vale para você, conforme adequada ao seu uso. Mas você não deve desejar nem buscar obter os bens ou o trabalho de outro por menos do que vale em ambos esses aspectos (em estimativa comum, e para você).

Pergunta 11. Posso tirar vantagem da necessidade de outro para comprar por menos do que o valor, ou vender por mais: como, por exemplo, um pobre homem precisa de dinheiro urgentemente por suas mercadorias, embora as venda apenas por metade do valor; e eu não necessito delas: estou obrigado a dar-lhe o valor quando não necessito? E quando é uma grande gentileza para ele dar-lhe qualquer coisa naquele aperto? Da mesma forma,

quando não tenho desejo de vender o meu cavalo, e a necessidade de outro o faz disposto a dar mais do que ele vale, não posso aceitar?

Resposta. Para o primeiro caso: você deve distinguir entre um ato de justiça e um de caridade; e entre a sua necessidade da coisa e o valor dela para você. Embora você não necessite dos bens do pobre homem, contudo se os comprar, tanto a justiça quanto a caridade exigem que você lhe dê tanto quanto valem para você, embora não tanto quanto valem no mercado: sim, e que os compre dele em sua necessidade; pois se você lhe der apenas o que valem para você, não será perdedor por isso; e você deveria fazer o bem a outrem quando não for para o seu próprio prejuízo ou perda. Por aquilo que valem para você, quero dizer tanto que você não seja perdedor. Como, se for comida ou bebida, embora você não tenha necessidade presente, talvez em breve tenha necessidade, e se não comprar aquilo, deve comprar tanto de outra coisa. Em justiça estrita, você pode ser um poupador, mas não um ganhador, comprando dos pobres em sua necessidade. 2. Mas se você comprar uma mercadoria durável por menos do que ela vale, deve recebê-la apenas como penhor, e permitir ao vendedor a liberdade de resgatá-la se puder, para que ele possa obter mais depois de outro. 3. E para os pobres em tal necessidade, a caridade deve ser exercida bem como a justiça. Portanto, se você for capaz de emprestar-lhes dinheiro para poupá-los da perda de subfaturar, deve fazê-lo. (Considero capaz apenas aquele homem que tem dinheiro o qual nenhum serviço maior de Deus exige). E se você mesmo não for capaz, deve esforçar-se para conseguir que alguns outros o ajudem, se puder fazer isso sem uma inconveniência maior.

E para o segundo caso, foi respondido antes: você não pode receber mais do que vale, nunca mais pela necessidade de outro; nem em qualquer outro caso em que não pudesse ter feito isso se não houvesse tal necessidade da parte dele.

Pergunta 12. Não posso tirar vantagem da ignorância ou erro de outro nas negociações?

Resposta. Não para obter mais do que a sua mercadoria vale, nem para obter os bens dele por menos do que o valor; não, nem para obter o valor real contra a vontade dele, ou com escândalo: mas se for apenas para obter o valor real de sua própria mercadoria quando ele está disposto, mas se ofenderia se a sua ignorância em algum ponto fosse curada, você pode até aí fazer uso da ignorância dele para um fim lícito, como dito antes no caso de ocultar faltas.

Pergunta 13. Posso me esforçar para chegar antes de outro para conseguir um bom negócio que ele deseja?

Resposta. Sim, se você não o fizer por uma mente gananciosa, nem para o prejuízo de um que é mais pobre do que você: você deveria antes promover o suprimento das maiores necessidades de seu vizinho; de outro modo, a rapidez e a indústria no seu chamado não são falta, nem contudo o contrariar os desejos de um homem avarento: você não está obrigado a permitir que cada homem tenha o que gostaria de ter.

Pergunta 14. Posso comprar uma coisa tirando-a da mão de outro, ou contratar um servo com o qual outro está tratando ou negociando? Ou posso chamar um cliente de outro para comprar de mim?

Resposta. Há alguns casos em que você não pode fazer isso, e alguns em que pode. Você não pode fazer isso por uma avareza gananciosa; nem para o prejuízo dos pobres: nem quando o outro foi tão longe no negócio que este não pode ser honestamente desfeito; pois então você prejudica a terceira pessoa e tenta o outro ao pecado: nem pode fazer isso de modo a perturbar a ordem devida e civil que deve existir entre homens moderados nas negociações. E é uma grande questão como a coisa é considerada pelo costume do país ou mercado onde você negocia; pois onde for de má fama, e considerado injusto, o escândalo deveria fazê-lo evitar tal curso. Mas contudo, em alguns casos, é lícito e em alguns um dever necessário. É lícito quando nenhum dos motivos mencionados (ou qualquer outro semelhante) for contra isso: é um dever quando a caridade para com os pobres ou oprimidos o exigir. Como, por exemplo, um pobre homem precisa vender as suas terras, o seu cavalo, o seu trigo ou bens: um opressor avarento oferece-lhe menos do que vale. O pobre homem deve aceitar a oferta dele se não puder conseguir mais: o opressor diz que é injustiça para qualquer um tirar-lhe o negócio da mão, ou oferecer dinheiro até que ele tenha terminado: neste caso, pode ser um dever oferecer ao pobre homem o valor de sua mercadoria e salvá-lo do opressor. Um homem avarento oferece a um servo ou trabalhador menos do que o serviço ou trabalho deles vale; e o acusará se você interromper o negócio dele e oferecer mais ao servo: neste caso, pode ser o seu dever ajudar o servo a conseguir um senhor melhor. Um cliente está prestes a ser enganado por um comerciante sem consciência, dando muito mais por uma mercadoria do que o seu valor: a caridade pode obrigar você em tal caso a oferecê-la mais barata a ele. Em uma

palavra, se você o faz para o seu próprio ganho, de maneira gananciosa, é um pecado; mas se o faz quando não é escandaloso ou prejudicial, ou se o faz em caridade para o bem de outro, é lícito e às vezes um dever.

Pergunta 15. Posso depreciar a mercadoria de outro para atrair o comprador para a minha?

Resposta. Este caso está suficientemente respondido no anterior: 1. Você não pode usar nenhuma depreciação falsa: 2. Nem uma verdadeira por avareza, nem de maneira escandalosa. 3. Mas você pode ajudar a salvar outrem de um trapaceiro, expondo o engano em caridade para com ele.

Pergunta 16. O que devo fazer em casos duvidosos, onde estou incerto se a coisa é justa ou não?

Resposta. Escrúpulos infundados, perplexos e melancólicos que impediriam um homem no curso de seu dever não devem ser alimentados: mas em dúvidas racionais, primeiro use de sua maior diligência (tanto quanto a natureza da causa exigir) para resolver-se; e se ainda duvida, certifique-se de seguir o caminho mais seguro, e de evitar o pecado antes do que a perda, e de manter as suas consciências em paz.

Pergunta 17. Se o comprador perder a mercadoria entre o negócio e o pagamento (como se ele comprar o seu cavalo, e ele morrer antes do pagamento, ou logo após), o que deveria o vendedor fazer para o alívio dele?

Resposta. Se foi por culpa do vendedor, ou por qualquer falta no cavalo que ele ocultou, ele está obrigado a dar ao comprador plena satisfação. Se foi apenas por caso

fortuito, a justiça rigorosa não lhe concederá nada; e, portanto, se for a um homem que é rico o suficiente para suportar isso sem qualquer grande sentimento da perda, ou em um caso onde no costume comum o comprador sempre arca com a perda, a mera justiça não lhe fará nenhuma compensação. Mas se for onde o costume torna algum abatimento considerado um dever, ou onde a pessoa é tão pobre a ponto de ser afetada pela perda, aquela humanidade comum, que todos os homens bons usam nas negociações, que tempera a justiça com a caridade, ensinará os homens a arcarem com a sua parte da perda; porque devem fazer como gostariam que fizessem com eles.

Pergunta 18. Se a coisa comprada e soldada provar depois valer muito mais do que era por qualquer das partes compreendido (como na compra de âmbar-cinzento e joias frequentemente acontece), está o comprador obrigado a dar ao vendedor mais do que foi barganhado?

Resposta. Sim, se foi a mera ignorância e insuficiência do vendedor naquele negócio que o fez vender por menos (como se um camponês ignorante vende uma joia ou âmbar-cinzento, que não sabe o que é, uma satisfação moderada deve ser feita a ele). Mas se era o comércio do vendedor, no qual ele deve ser suposto ser suficiente, e se for considerado como certo de antemão que tanto o comprador quanto o vendedor manterão o negócio o que quer que prove, e que o vendedor não teria baixado nada se tivesse provado menos ou pior do que o preço, então o comprador pode desfrutar de seu ganho; muito mais se correr qualquer risco notável por isso, como os comerciantes costumam fazer.

Pergunta 19. E se o título da coisa vendida provar ser ruim, o que antes era desconhecido?

Resposta. Se o vendedor sabia que era ruim, ou por sua notável negligência ignorava isso, e não familiarizou o comprador com o que sabia de incerteza e perigo, ou se foi de alguma forma culpa dele que o comprador foi enganado, e não culpa do comprador, ele está obrigado a dar-lhe satisfação proporcional. Como também no caso de, por lei ou contrato, ele ser obrigado a garantir o título ao comprador. Mas não no caso de ser o acordo explícito ou implícito deles que o comprador corra o risco, e o vendedor tenha cumprido o seu dever de fazê-lo saber o que é duvidoso.

Pergunta 20. E se uma mudança de governos ou leis derrubar o título quase assim que a mercadoria é vendida (como frequentemente acontece sobre cargos e terras), quem deve arcar com a perda?

Resposta. O caso é quase o mesmo da pergunta 17. Supõe-se que o vendedor teria perdido o título ele mesmo se o tivesse guardado apenas um pouco mais; e que nenhum deles previu a mudança; e, portanto, que o vendedor tem todo o seu dinheiro antes por sua boa sorte do que por suas terras ou cargo (que o comprador não tem). Portanto, exceto se for a um homem rico que não sente a perda, ou a um que expressamente assumiu correr todos os riscos, prevendo a possibilidade deles, a caridade e a humanidade ensinarão o vendedor a dividir a perda.

O mesmo é o caso de Londres agora consumida pelo fogo; onde milhares de processos tendem a surgir entre os proprietários e os inquilinos. Onde a providência de Deus

(permitindo o zelo ardente de alguns papistas) privou os homens das casas que haviam alugado ou tomado arrendamento, a humanidade e a caridade exigem que os ricos arquem com a maior parte da perda, e não exijam os seus aluguéis ou reconstruções dos pobres, o que quer que a lei diga, a qual não podia supor tais acidentes. Amem os seus vizinhos como a si mesmos; façam como gostariam que fizessem com vocês; e não oprimam os seus irmãos pobres; e então por estas três regras vocês mesmos decidirão uma multidão de tais dúvidas e dificuldades, as quais os sem caridade apenas não conseguem compreender.

Seção 4. Casos de Consciência sobre Empréstimo e Mútuo.

Pergunta 1. Pode um homem pobre pedir dinheiro emprestado quando sabe que é incapaz de pagar, e não tem nenhuma prova racional de que será muito provável ser capaz daqui em diante?

Resposta. Não: a menos que seja quando ele conta verdadeiramente ao credor o seu caso, e este está disposto a correr o risco; do contrário, é mero roubo coberto com o engano do empréstimo; pois o tomador deseja aquilo de outrem que este não lhe emprestaria se não o esperasse de volta; e receber o dinheiro ou os bens de um homem contra a sua vontade é roubo.

Objeção. Mas estou em grande necessidade.

Resposta. Mendigar na necessidade é lícito; mas roubar ou enganar não é, embora você o chame de pedir emprestado.

Objeção. Mas é uma vergonha mendigar.

Resposta. O pecado de pedir emprestado fraudulentamente é pior do que a vergonha.

Objeção. Mas ninguém me dará se eu mendigar.

Resposta. Se derem apenas para salvar a sua vida no presente, você deve aceitar, embora não lhe deem o que você gostaria de ter: a vida do mendigo mais pobre é melhor do que a do ladrão.

Objeção. Mas espero que Deus possa me capacitar a pagar daqui em diante.

Resposta. Se você não tem nenhum caminho racional para manifestar a solidez dessa esperança a outrem, isso não passa de fingir fé e esperança para o roubo e o engano.

Objeção. Deus prometeu que aqueles que o temem não terão falta de nenhum bem. E por isso espero poder pagar daqui em diante.

Resposta. Se você não tem falta, por que pede emprestado? Se você tem o suficiente para mantê-lo vivo mendigando, Deus cumpre todas as suas promessas para com você; sim, mesmo se você morrer de fome. Pois ele apenas lhe promete aquilo que é melhor; o que, por tudo o que você sabe, pode ser a mendicância ou a morte. Deus não quebra a promessa com os seus servos que morrem em fome comum, não mais do que com aqueles que morrem em pragas ou guerras. Não faça de Deus o patrono do

pecado; sim, e de sua fé um pretexto para a sua desconfiança. Se você confia em Deus, não use meios pecaminosos; se não confia nele, esta alegação de sua promessa é hipocrisia.

Pergunta 2. Pode um comerciante conduzir um comércio com dinheiro emprestado quando o seu sucesso, e assim o seu pagamento, é uma coisa totalmente incerta?

Resposta. Há alguns comércios onde o ganho é tão excessivamente provável, próximo do certo, que pode autorizar o empréstimo de dinheiro para administrá-los, quando não há probabilidade racional de falha no pagamento. E há alguns comerciantes que têm bens próprios suficientes para pagar todo o dinheiro que pedem emprestado. Mas, de outra forma, quando o dinheiro corre risco racional, o tomador é obrigado em consciência a familiarizar o credor totalmente com o risco, para que ele não o tenha contra a sua vontade. Do contrário, vive em constante engano ou roubo. E se ele por acaso pagar, isso não desculpa o seu pecado.

Pergunta 3. Se um tomador for totalmente incapaz de pagar, e assim falir enquanto tem alguma coisa, não pode reter algo para a sua comida ou vestuário?

Resposta. Não: a menos que seja com o fim de estabelecer-se novamente na esperança de pagar as suas dívidas: pois tudo o que ele tem pertencendo a outros homens, ele não pode levar sequer o pão à sua boca daquela parte que é deles, sem o consentimento deles.

Pergunta 4. Mas se um homem se obrigou com os amigos de sua esposa sob o casamento a estabelecer tanto sobre

ela ou seus filhos, e esta obrigação foi antecedente às suas dívidas, não pode ele garantir isso à sua esposa ou filhos, sem qualquer prejuízo para os seus credores?

Resposta. A lei do país deve em muito decidir esta controvérsia. Se a propriedade for realmente antes transferida para a esposa ou filhos, é deles, e não pode ser tirada deles; mas se foi feito depois por um documento de doação para fraudar os credores, então esse documento de doação é inválido até que as dívidas sejam pagas. Se for apenas uma obrigação e nenhuma transferência de propriedade, a lei deve determinar quem deve ser pago primeiro; e se a esposa é suposta correr o risco de ganhar ou perder com o marido: e embora as leis de vários países nisto difiram, e algumas deem à esposa mais propriedade do que outras dão, contudo devem em cada lugar ser conscientemente observadas, como sendo a regra de tal propriedade. Mas devemos ver que não haja intenção fraudulenta na transação.

Pergunta 5. Não pode um comerciante reter algo para estabelecer-se novamente se os seus credores estiverem dispostos a fazer um acordo por uma certa parte da dívida?

Resposta. Se ele verdadeiramente os familiarizar com todos os seus bens, e eles voluntariamente lhe permitirem parte para si mesmo, seja em caridade, ou na esperança de daqui em diante serem satisfeitos, este não é um caminho ilícito; mas se ele esconder parte deles, e fazê-los crer que o resto é tudo, isto não passa de uma obtenção fraudulenta de seu acordo ou consentimento.

Pergunta 6. Pode um tomador quebrar legitimamente o seu dia de pagamento prometido, em caso de necessidade?

Resposta. A verdadeira necessidade não tem lei: isto é, um homem não está obrigado a fazer coisas naturalmente impossíveis; mas se ele pudesse prever essa necessidade, ou a dúvida de seu pagamento no dia, era pecado dele prometê-lo, a menos que colocasse alguma limitação: "Se eu for capaz", e familiarizasse o credor com a incerteza. Seja como for, quando o tempo chegar, ele deve ir ao seu credor e dizer-lhe da sua necessidade, e pedir mais tempo, e esforçar-se para pagar assim que for capaz: e se não for capaz, fazer-lhe a satisfação que puder, por seu trabalho ou qualquer outro caminho lícito.

Pergunta 7. Posso pedir emprestado de um para pagar a outro, para manter o meu dia com o primeiro?

Resposta. Sim, se você não tratar fraudulentamente com o segundo, mas for capaz de pagar-lhe, ou familiarizá-lo verdadeiramente com o seu caso.

Pergunta 8. Suponha que eu não tenha probabilidade de pagar ao último credor, posso pedir emprestado de um para pagar a outro, e assim viver de empréstimos; ou devo antes continuar na dívida de um homem?

Resposta. Se você verdadeiramente familiarizar os seus credores com o seu estado, pode fazer como for mais para a sua conveniência. Se o primeiro credor for capaz e estiver disposto antes a confiar em você por mais tempo do que a que você peça emprestado a outro para pagar-lhe, você pode continuar devedor dele até que possa pagar-lhe sem pedir emprestado; mas se ele for pobre ou não estiver disposto a suportá-lo, e outro que é capaz estiver disposto a arriscar, você pode melhor pedir emprestado de outro para pagar-lhe. Mas se todos estiverem igualmente

indispostos a correr qualquer risco por você, então deve antes continuar na dívida do primeiro homem, porque se você prejudicar a outro cometerá outro pecado: na verdade, você não pode pedir emprestado em tal caso, porque se supõe que o outro não emprestará quando souber do seu caso. E você não deve de modo algum esconder dele.

Objeção. Mas pode ser a minha ruína expor o meu estado completo a outrem.

Resposta. Você não deve viver de trapaça e roubo para evitar a sua ruína: e o que pode ser menos do que isso obter o dinheiro de outro homem contra a sua vontade se você esconder o seu caso, o qual, se ele soubesse, não lho emprestaria?

Objeção. Mas e se eu lhe disser claramente que lhe pagarei certamente pedindo emprestado a outro, embora não possa pagar-lhe do meu próprio bolso, e embora não seja provável pagar ao último?

Resposta. Se você verdadeiramente abrir o seu caso a cada um de quem pedir emprestado, pode recebê-lo se eles quiserem emprestá-lo; pois então você tem o consentimento deles: e supõe-se que cada um está disposto a correr o risco de ser o último credor.

Pergunta 9. Posso emprestar sobre garantias, penhores ou hipotecas para a minha segurança?

Resposta. Sim, contanto que não tire de um homem pobre por penhor aquilo que é necessário para o seu sustento e manutenção: como a cama em que deve deitar-se, as roupas que deve vestir ou as ferramentas com as

quais deve trabalhar; e não seja cruel sob pretexto de misericórdia.

Pergunta 10. Posso receber a perda da garantia e guardar um penhor ou hipoteca sobre as alianças?

Resposta. Se for entre comerciantes e homens ricos, um ato de comércio, e não de mera segurança por dinheiro emprestado, então é outro caso: como se eles fizessem um negócio assim: "Fique com esta joia ou com esta terra por seu dinheiro; e ela será sua se eu não lhe pagar em tal dia: estou disposto a correr o risco da incerteza; se eu não lhe pagar, suponha que seja para a minha própria comodidade, e não por incapacidade". Neste caso, é lícito receber a perda da garantia ou reter a coisa. Mas se for propriamente apenas um penhor para garantir o dinheiro, então o desígnio final é apenas que o seu dinheiro seja pago; e você não pode tirar vantagem da quebra de um dia para tirar de outro aquilo que não é seu. A justiça permitirá apenas que você receba tanto quanto o seu dinheiro somava, e dê o excedente (se houver) ao devedor. E a misericórdia exigirá antes que perdoe a dívida do que guarde um penhor que ele não pode dispensar senão para a sua ruína e miséria (como a sua comida, as suas roupas, as suas ferramentas, a sua casa, etc.), a menos que você esteja em tão grande necessidade quanto ele.

Pergunta 11. Posso receber a fiança ou promessa de uma terceira pessoa como segurança para o meu dinheiro?

Resposta. Sim, caso esse outro seja capaz e esteja disposto a ser responsável; pois você tem o consentimento dele; mas grande cautela deve ser usada para que não receba ninguém que seja insuficiente, de quem a

misericórdia o proíba de receber em caso de falha do devedor principal; a menos que receba a sua fiança apenas *in terrorem* [para impor respeito], resolvendo não a receber dele: e também que você diga fielmente aos fiadores que deve exigir deles em caso de não pagamento, e por isso teste se eles estão verdadeiramente dispostos a pagar: pois se forem tais que verdadeiramente presumem que você não receberá deles, ou considerarão ruim serem processados por isso, você não deve receber a fiança deles, a menos que não pretenda buscá-la (exceto em necessidade).

Pergunta 12. É lícito emprestar sobre usura, juros ou aumento?

Resposta. Esta controvérsia tem tantos tratados completos escritos sobre ela que não posso esperar que tão poucas palavras quanto devo usar nisto satisfaçam o leitor dedicado. Todas as disputas sobre o nome de usura eu passo por alto; sendo esta o receber qualquer ganho adicional como devido pelo dinheiro emprestado, o que é comumente entendido pela palavra, e o que queremos dizer na pergunta. Pois as perguntas: se podemos contratar por isso, ou obrigar o devedor a pagar? Se podemos recebê-lo após o ganho dele como participando nele, ou antes? Se devemos participar também na perda, se o devedor for perdedor? com outras semelhantes, são apenas subsequentes à questão principal: se qualquer ganho (chamado juros) pode ser recebido pelo credor como seu devido pelo dinheiro emprestado? O meu julgamento é o seguinte:

1. Há algum ganho ou usura desse tipo lícito e louvável. 2. Há algum ganho ou usura desse tipo ilícito e um pecado hediondo. Apresentarei primeiro as minhas razões para a primeira proposição.

2. Se toda usura fosse proibida, seria ou pela lei da natureza ou por alguma lei positiva de revelação sobrenatural: se a última, seria ou por alguma lei de Moisés ou por alguma lei de Cristo: se a primeira, seria ou como contra a regra da piedade para com Deus, ou contra a justiça ou caridade para com os homens. Aquilo que não é violação das leis naturais da piedade, justiça ou caridade, nem contra as leis reveladas sobrenaturalmente de Moisés ou de Cristo, não é ilícito. Mas há alguma usura que não é contra nenhuma de todas estas; logo, há alguma usura que não é ilícita.

Apresentarei primeiro os exemplos de tal usura, e depois a provarei. Há uma parcela de terra a ser vendida por mil libras, a qual vale quarenta libras por ano, e tem madeira nela no valor de mil libras (já conhecemos algumas coisas assim): John N. está disposto a comprá-la; mas ele tem um pobre vizinho, T. S., que não tem dinheiro, mas sim um grande desejo do negócio. J. N., amando o seu vizinho como a si mesmo e desejando a sua riqueza, empresta-lhe as mil libras sobre usura por um ano. T. S. compra a terra, e vende a madeira pelo mesmo dinheiro, e paga em um ano, e assim tem toda a terra por quase nada; como se J. N. tivesse comprado a terra e a tivesse dado livremente a ele após um ano ou dois; o dom teria sido o mesmo.

Objeção. Aqui você supõe o vendedor prejudicado ao vender a sua terra quase por nada.

Resposta. 1. Isso não tem nada a ver com o presente caso, mas é um caso diferente por si só. 2. Posso colocar muitos casos em que tal venda pode ser feita sem qualquer prejuízo ao vendedor: como quando é feito por algum príncipe, ou estado, ou pessoa nobre e liberal, projetando propositadamente o enriquecimento dos súditos, ou após uma guerra, como recentemente na Irlanda. De modo que a pergunta é: se J. N. não pode dar a T. S. mil ou oitocentas libras em terra, recebendo primeiro um ano de aluguel da terra, ou um ano de juros pelo dinheiro, o que soma a mesma quantia.

Outro: um comerciante rico comerciando para as Índias Orientais, tendo cinco mil libras para gastar em suas mercadorias em tráfego, quando gastou quatro mil e quinhentas libras, empresta em caridade as outras quinhentas libras a um de seus servos para gastar em uma mercadoria que, quando chegar ao porto, valerá duas mil libras; e oferece-lhe garantir o transporte com o seu próprio; exigindo apenas os juros do seu dinheiro a seis por cento. Aqui, o receber trinta libras de juros não passa de dar-lhe mil quatrocentas e setenta libras, e é o mesmo que deduzir parte do dom.

Outro exemplo: certos órfãos não tendo nada deixado a eles senão dinheiro suficiente para que, pelo uso permitido dele, encontrem pão e roupas pobres; o tutor não pode aplicar isso em terras para eles; e se os mantiver com o capital, este será rapidamente gasto, e ele deve responder por isso: um homem rico que é vizinho deles trabalha em obras de ferro (fornos ou forjas), ou obras de chumbo, ou outras mercadorias semelhantes, nas quais ele constantemente obtém o dobro do capital que emprega, ou

pelo menos vinte ou quarenta libras em cada cem; o tutor não ousa emprestar o dinheiro a nenhum homem pobre, para que ele não fale e nunca seja capaz de pagar; portanto, empresta-o a este homem rico. E se ele o tiver sem usura, os pobres órfãos dão ao homem rico livremente vinte ou quarenta libras por ano, supondo que o seu capital seja de cem; se ele receber usura, o homem rico não faz senão dar aos pobres órfãos alguma parte de seu ganho constante.

Outro exemplo: em uma cidade ou corporação onde há um rico comércio de vestuário ou fabricação de sedas, há um capital de dinheiro dado por legado para os pobres, e confiado nas mãos dos mais ricos da cidade para comerciarem e darem aos pobres os juros dele: e há outro capital deixado para estabelecer os jovens iniciantes que não têm capital para se estabelecerem por si mesmos; na condição de darem a terça parte de seu ganho aos pobres, e ao final de sete anos devolverem o capital: a pergunta é se os pobres deveriam ficar sem este uso do seu dinheiro e permitir que os ricos fiquem com ele? Ou se podem recebê-lo?

Agora provo que tal usura não é proibida por Deus.

1. Não nos é proibida pela lei de Moisés: (1) Porque a lei de Moisés nunca a proibiu: pois, 1. Ela é expressamente proibida como um ato de falta de misericórdia; e por isso proibida apenas aos pobres e aos irmãos, Êx 22:25; Lv 25:36-37. Sim, quando os pobres não são nomeados, são os pobres que se entendem; porque naquele país não mantinham capitais para comércio ou tráfego, mas emprestavam comumente aos necessitados apenas: pelo menos as circunstâncias dos vários textos

mostram que é apenas o empréstimo aos necessitados, e não o empréstimo para impulsionar comércios enriquecedores, o que se entende onde a usura é proibida. 2. E ela é expressamente permitida de ser usada com os estrangeiros, Dt 23:19-20, aos quais nada de injusto ou sem caridade poderia ser feito; apenas não se exigia deles tal medida de caridade como para com os irmãos. E havia mais comerciantes estrangeiros que comerciavam com eles em mercadorias estrangeiras do que judeus que as buscavam fora: de modo que a proibição da usura está na própria lei restrita apenas ao empréstimo aos pobres; mas nos profetas que apenas reprovam o pecado, ela é expressa sem essa limitação, em parte porque se supõe que o significado da lei é conhecido, o qual os profetas apenas aplicavam, e em parte porque pouco ou nenhum empréstimo era usado entre os judeus senão aos necessitados como ato de caridade.

(2) E se tivesse sido proibida apenas na lei de Moisés, não se estenderia aos cristãos agora; porque a lei de Moisés, como tal, não está em vigor: a matéria dela é em muito parte da lei da natureza de fato; mas como mosaica, era própria dos judeus e prosélitos, ou pelo menos não se estendia aos gentios cristãos; como está claro em 2 Co 3:7; Gl 3:19, 24; 5:3; Ef 2:15; 1 Tm 1:7; Hb 7:12, 16, 19. A lei de Moisés como tal nunca obrigou nenhuma outra nação senão os prosélitos que se uniam aos judeus (nem todo o mundo era obrigado a se fazer prosélito para adotar as suas leis): muito menos nos obrigam a nós que somos servos de Cristo, tanto tempo após a dissolução de sua comunidade. Tanto delas quanto faz parte da lei da natureza, ou de qualquer lei

positiva de Cristo, ou da lei civil de qualquer estado, é obrigatório como sendo tais leis naturais, cristãs ou civis. Mas nenhuma delas como mosaica: embora a lei mosaica seja de grande uso para nos ajudar a compreender a lei da natureza em muitos casos particulares nos quais isso nos é difícil.

2. Não há lei positiva de Cristo proibindo toda usura: quanto a Lc 6:32, 35, não tem claramente relação com o caso; pois ele não diz: "Emprestai, não esperando nenhum ganho ou aumento", mas "não esperando nada de volta". E o contexto mostra que o significado deve ser um destes dois; ou: "Emprestai não apenas àqueles que lhes emprestarão de volta quando vocês estiverem em necessidade, mas até mesmo aos pobres dos quais nunca podem esperar pedir emprestado"; ou: "Emprestai não apenas àqueles que são capazes de pagar-lhes, e onde o seu capital está seguro, mas aos necessitados onde o seu dinheiro corre risco; e embora eles paguem a vocês se forem capazes, contudo vocês têm pouca ou nenhuma esperança de que alguma vez sejam capazes de pagar de volta: emprestai de tal modo que estejam dispostos a fazer um dom disso caso o devedor nunca pague". E não há outro texto que possa ser pretendido contra isso no Novo Testamento.

3. E que a lei da natureza não proíbe toda usura aparecerá examinando as suas várias partes. A lei da natureza não proíbe senão três tipos de pecados: 1. Aqueles que são contra a piedade para com Deus. 2. Aqueles que são contra o nosso próprio bem-estar. 3. Aqueles que são contra o bem de nosso vizinho: e isto é, 1. Contra a

justiça. 2. Contra a caridade. Não há nenhum que não caia sob uma dessas categorias.

4. E que a usura não é naturalmente má como contra a piedade para com Deus; 2. Ou como contra nós mesmos, e o nosso próprio bem-estar; não preciso provar, porque nenhuma razão nem pessoa razoável apresenta qualquer acusação desse tipo contra ela. Embora os que a consideram absolutamente ilícita digam que ela é consequentemente contra Deus, como o é toda violação de sua lei. Mas isso nada tem a ver com o caso.

5. Portanto, não há dúvida de que toda a controvérsia se resolve nesta última pergunta: se toda usura é contra a justiça ou caridade para com o nosso vizinho? A justiça me obriga a dar-lhe o que é seu; a caridade me obriga a dar-lhe mais do que o que é seu, em certos casos, como quem o ama como a si mesmo. Aquilo que não é contra a justiça pode ser contra a caridade; mas aquilo que é contra a caridade nem sempre é contra a justiça estritamente tomada. E aquilo que é um ato de verdadeira caridade nunca é contra a justiça; porque aquele que dá ao seu vizinho mais do que o que é seu dá-lhe o que é seu e mais. Há uma usura que é contra a justiça e a caridade; há uma usura que é contra a caridade, mas não contra a mera justiça; e há uma usura que não é contra a justiça nem contra a caridade. Se eu provar que ela é caridosa, é supérfluo dizer mais.

Todos os exemplos antes dados são notoriamente caridosos. Aquilo que é para a preservação das vidas e confortos dos pobres, e dos órfãos, ou para o

enriquecimento de meu vizinho, é um ato de caridade; mas tal é alguma usura, além de toda dúvida, como declarado antes. Onde o contrário é um ato de crueldade, a usura não é contra a caridade, mas a favor dela. Para os ricos negar aos pobres e órfãos uma parte daquele ganho que fazem pelo emprego do dinheiro deles é opressão e crueldade; se é cruel deixar um mendigo morrer ou passar fome quando deveríamos alimentá-lo e vesti-lo do nosso próprio bolso, muito mais é deixar os pobres e órfãos passarem fome e perecerem antes do que dar-lhes o aumento do que é deles, ou pelo menos parte disso. Quanto àqueles que dizem: "Pode ser igualmente bem empregado de outra forma", são homens sem experiência; é uma falsidade conhecida quanto à maioria, embora alguns poucos possam encontrar tais oportunidades. Pelo menos nada representa para aqueles que não podem ter outras formas de empregá-lo; os quais são muitíssimos.

Além disso, quando não é um ato de caridade, contudo pode não ser contra a caridade nestes casos: 1. Quando o credor é pobre e o devedor rico; sim, pode ser um pecado emprestar livremente. "O que oprime ao pobre para se enriquecer a si mesmo, ou dá ao rico, certamente empobrecerá", Pv 22:16. É dar ao rico emprestar livremente aquele dinheiro que eles empregam para o aumento de suas riquezas. 2. Quando o credor não é obrigado àquele ato de caridade, embora o devedor seja mais pobre do que ele mesmo. O que acontece em cem casos; e pode ser compreendido sob esta regra geral: quando o credor é obrigado a gastar esse mesmo dinheiro em alguma outra obra maior, melhor e mais excelente: como no mesmo momento em que um homem que possui apenas vinte libras por ano está em dívida com um homem

que possui mil libras por ano, pode haver cem ou mil pessoas pobres que nada possuem, prontas a perecer, as quais o rico está antes obrigado a socorrer do que aquele que tem vinte libras por ano. E pode haver obras de piedade (como estabelecer uma escola, ou promover a pregação do evangelho) que podem ser tão grandes quanto qualquer uma das duas. E o mais rico que existe não pode fazer todo o bem que há de ser feito, nem socorrer a todas as pessoas que estão em necessidade; portanto, quando ele deve deixar muito por fazer se quiser dar toda a sua substância, é (em igualdade de condições) um pecado dar isso a um homem que pode passar sem isso, e deixar passar cem pessoas em necessidade e angústia muito mais profundas; de modo que aquele que ou exerce caridade em sua usura, ou nada faz contra a caridade e a justiça, certamente não peca por essa usura. Pois todas as escrituras que falam contra a usura falam contra ela como uma coisa cruel ou sem caridade.

Objeção. Mas às vezes é necessário que uma lei proíba aquilo que de outra forma seria bom, quando isso não pode ser feito sem encorajar os outros a um mal maior; como o é a usura comum; e então essa lei deve ser observada.

Resposta. Isto é verdade em tese, que tais casos existem; mas é não provado e falso neste caso; pois, 1. Não há tal lei. 2. Não há tal razão ou necessidade de tal lei. Pois Deus pode perfeitamente fazer leis contra o aumento ou usura injustos ou sem caridade sem proibir aquilo que é caridoso e justo, assim como pode fazer leis contra a compra ou venda injusta ou sem caridade sem condenar aquilo que era bom e justo; ou como pode proibir a gula, a embriaguez, a ociosidade, o orgulho, sem proibir o comer,

o beber, o vestir ou as riquezas. Ele pode facilmente dizer aos homens de quem e em que caso receber juros, e quando não.

Aquele que quiser ver todas as outras objeções respondidas, e o caso tratado por completo, tem muitos tratados em ambos os lados disponíveis para informá-lo.

Que há um tipo de usura que é mau eu não conheço ninguém que duvide, e por isso não preciso me deter a provar.

Pergunta. Quando é a usura pecaminosa?

Resposta. Como dito antes, quando é contra a justiça ou contra a caridade. 1. Quando é como negócio fraudulento, o qual sob pretexto de consentimento e de uma forma de justiça engana ou oprime, obtendo de outro aquilo que não é verdadeiramente nosso, mas dele. 2. Quando você empresta para aumento onde a caridade o obriga a emprestar livremente; assim como é pecado emprestar esperando receber de volta quando a caridade o obriga a dar. 3. Quando você sem caridade exige aquilo que o seu irmão está totalmente incapacitado de pagar, e usa de crueldade para obtê-lo (seja os juros ou o capital). 4. Quando você não lhe permite uma proporção justa do ganho conforme o seu trabalho, risco ou pobreza exige; mas, porque o dinheiro é seu, quer viver no ócio sobre os trabalhos dele. 5. Quando, em caso de perdas dele, você rigidamente exige o seu devido sem aquele abatimento ou perdão de dívidas (seja juros ou capital) que a humanidade e a caridade exigem. Em uma palavra, quando você é egoísta, e não faz conforme, segundo o verdadeiro juízo, desejaria que fizessem com você se estivesse no caso dele.

Pergunta. Mas quando sou obrigado a exercer esta caridade em não receber juros?

Resposta. Como eu disse antes, 1. Sempre que você não tiver obra mais urgente, necessária e excelente para empregar aquele dinheiro o qual deve receber. 2. Sim, embora outra obra possa ser em si mesma melhor (como socorrer a muitos homens mais pobres e melhores com esse dinheiro), contudo quando você não puder recebê-lo sem a ruína total do devedor, e trazê-lo a um estado tão ruim quanto o de qualquer pessoa singular que você queira socorrer, é o lado mais seguro deixar o outro sem socorro (a menos que seja uma pessoa de quem o bem público dependa muito), antes do que extorquir o que é seu de alguém para dar a outro. Porque aquilo que você não pode obter sem uma aparência escandalosa de crueldade não é *quoad jus in re* [quanto ao direito à coisa] seu para dar até que possa melhor obter posse dele; e, portanto, Deus não esperará que você o dê a outro.

Em tudo isto eu implico que, assim como você deve preferir as vidas dos outros ao dar esmolas antes de suas próprias conveniências e confortos, e não deve dizer: "Não posso dispensar", quando a sua necessidade pode dispensar, embora não o seu prazer; assim também ao receber juros daqueles a quem você está obrigado a demonstrar caridade, a mesma regra e proporções devem ser observadas em sua caridade.

Note também que em tudo isto aparece que o caso é apenas gradualmente diferente entre receber os juros e receber o capital. Pois quando a razão para perdoar é a mesma, você está tão bem obrigado a perdoar o capital quanto os juros.

Mas esta diferença existe: que muitos homens de baixa condição podem permitir-se emprestar livremente a um homem mais pobre por um curto tempo, quando não podem permitir-se dar o dinheiro. E a prudência pode nos orientar a escolher um homem para emprestar livremente por um tempo, devido à sua necessidade súbita, quando contudo outro é mais adequado para receber a doação.

Pergunta 13. É o emprestar um dever? Se sim, devo emprestar a todos que me pedirem, ou a quem?

Resposta. Emprestar é um dever quando o temos e a necessidade de nosso irmão o exige, e a verdadeira prudência nos diz que não temos melhor caminho para empregá-lo que seja inconsistente com isso. E, portanto, os homens ricos ordinariamente deveriam tanto emprestar quanto dar conforme a prudência orientar. Mas há um emprestar imprudente e, por isso, pecaminoso: como, 1. Quando você empresta aquilo que é de outrem, e não tem poder para emprestar. 2. Quando você empresta aquilo que deve necessariamente exigir de volta enquanto poderia facilmente prever que o tomador não é provável que pague. Não empreste nada senão o que você tenha grande probabilidade de ser pago de volta, ou então que esteja disposto a dar caso o devedor não possa ou não queira pagar; ou pelo menos quando o processar por isso não tiver efeitos escandalosos e piores do que o não emprestar. Pois é muito comum, quando você vem a exigir e a processar por isso, despertar o ódio do devedor contra você, e tornar o seu inimigo, e quebrar a caridade dele por sua caridade imprudente; em tal caso, se você é obrigado a socorrê-lo, dê-lhe tanto quanto possa dispensar, antes do que lhe emprestar aquilo que não pode dispensar e deve

processar para receber. Em tais casos, se a caridade não vai sem a prudência, nem a prudência sem a caridade, você pode perfeitamente ver quando emprestar e quanto.

Pergunta 14. É lícito tomar sobre usura na necessidade quando o credor injustamente ou sem misericórdia o exige?

Resposta. Não no caso de as consequências (por encorajar o pecado ou de outra forma) serem propensas a causar mais prejuízo do que o dinheiro lhe fará bem. Do contrário, é lícito quando for para o seu benefício; como é lícito receber parte do seu salário por seu trabalho, ou parte do valor de sua mercadoria quando não puder ter o todo; e como é lícito comprar os seus direitos de um inimigo, ou a sua vida de um ladrão; como dito antes. Um homem pode comprar o seu próprio benefício de um homem injusto.

Pergunta 15. Não torna o contrato por uma certa soma de ganho a usura em tal caso ilícita, a qual poderia legalmente ser recebida de um que é livre?

Resposta. Sim, no caso de o contrato determinar um caso incerto sem causa suficiente: como se você concordar que, quer o tomador ganhe quer perca, e seja pobre quer rico, eu receberei tanto ganho; isto é, quer se prove misericordioso quer sem misericórdia, eu o receberei. Mas então nesse caso, se se provar sem misericórdia, não pode ser recebido sem contrato, se oferecido livremente. Nenhum contrato pode obrigar o devedor àquilo que é contra a justiça ou a caridade; e nenhum contrato pode absolutamente exigir aquilo que pode provar-se sem caridade; a menos que haja uma condição tácita ou

exceção de tal caso implícita. De outra forma, não vejo nenhuma escritura ou razão pela qual um contrato altere o caso, e não possa ser usado para garantir aquele aumento que não é injusto nem sem caridade: ele pode ser o vínculo da equidade, mas não da iniquidade. Como no caso de um ganho certo pelo tomador, um juro certo pode ser contratado; e no caso de ganho incerto para o tomador, um contrato condicional pode ser feito. Sim, no caso de comércio, onde a pobreza dos homens não proíbe tais negócios, não vejo senão que é lícito vender um ganho incerto maior por um ganho certo menor; e assim fazer os contratos absolutos (como Amésio em *Casus Conscientiae* sobre esta pergunta mostra). Como toda opressão e falta de misericórdia devem ser evitadas, e todos os homens devem fazer como, segundo o verdadeiro juízo, desejariam que fizessem com eles; assim é uma coisa ruim corromper a religião e encher o mundo de escrúpulos infundados, tornando pecado o que não é pecado. Os teólogos que vivem em grandes cidades e entre o comércio são geralmente juízes mais aptos neste caso do que aqueles que vivem mais obscuramente (sem experiência) no campo.

Seção 5. Casos de Consciência sobre os Contratos Ilusórios ou de Jogos.

Pergunta 1. É lícito fazer apostas baseadas no crédito ou na confiança das opiniões ou asserções uns dos outros em um discurso? Como, por exemplo: "Aposto com você tanto que estou certo"?

Resposta. Sim, se estas três coisas concorrerem: 1. Que o verdadeiro fim da aposta seja servir de penalidade àquele que for culpado de uma asserção precipitada e falsa, e não satisfazer a avareza do outro. 2. Que não seja uma soma maior do que aquela que pode ser exigida e paga sem quebra de caridade, ou sem prejuízo excessivo para o perdedor (conforme a proporção de seu erro). 3. Que não seja outra coisa senão aquela com cuja perda ambas as partes estejam verdadeiramente dispostas a arcar, se qualquer uma delas perder, e que de antemão pareçam verdadeiramente dispostas a isso uma para com a outra.

Pergunta 2. É lícito fazer apostas em corridas de cavalos, cães, falcões, combates de ursos ou jogos semelhantes que dependem da atividade de animais ou de homens?

Resposta. Sim, sob as duas últimas condições expressas; e, 3. Que não seja um exercício que seja em si mesmo ilícito, por crueldade com os animais ou risco para as vidas dos homens (como em esgrima, corrida, luta livre, etc., pode vir a acontecer se não for feito com cautela), ou pelo gasto de uma proporção indevida de tempo neles, o que é a malignidade comum de tais recreações.

Pergunta 3. Posso legitimamente dar dinheiro para ver tais esportes, como combates de ursos, peças de teatro, máscaras, shows, teatros de fantoches, atividades de homens ou animais? Etc.

Resposta. Há muitos espetáculos que são desejáveis e louváveis (como de criaturas estranhas, monstros, engenhos raros, habilidades físicas, etc.), cuja visão é lícito comprar a um preço proporcional; assim como uma observação através de um dos tubos de Galileu ou outro

semelhante vale muito dinheiro para uma pessoa dedicada aos estudos. Mas quando o exercício é ilícito (como são todas as peças de teatro que já vi ou de que tive informações justas; sim, odiosamente más; contudo é muito possível que uma comédia ou tragédia pudesse, com abundância de cautelas, ser legalmente encenada), é então (geralmente) ilícito ser espectador, quer por dinheiro quer gratuitamente. Digo (geralmente) porque é possível que alguém que seja necessitado de estar lá, ou que vá para descobrir o mal deles para suprimi-los, ou que seja uma vez apenas induzido a conhecer a verdade sobre eles, possa fazê-lo inocentemente; mas não agem assim aqueles que estão presentes voluntariamente e com aprovação. 3. E se a recreação for lícita em si mesma, contudo, quando pessoas fúteis vão lá para alimentar uma fantasia carnal e um humor vicioso que se deleita mais na vaidade do que na piedade, e quando isso desperdiça o seu tempo e corrompe as suas mentes, e as afasta do bem, ou impede o dever, é para elas ilícito.

Pergunta 4. É lícito jogar cartas ou dados por dinheiro, ou em qualquer loteria?

Resposta. A maior dúvida é se os jogos são lícitos, estando muitos teólogos eruditos pelo lado negativo, e muitos pelo afirmativo; e aqueles que estão pelo afirmativo estabelecem tantas condições ou requisitos necessários para prová-los lícitos como raramente vi reunirem-se; mas se forem provados de algum modo lícitos, o caso das apostas resolve-se como o próximo.

Pergunta 5. Posso jogar boliche, correr, atirar, etc., ou usar tais atividades pessoais por dinheiro?

Resposta. Sim, 1. Se você não tornar o jogo em si ruim por nenhum acidente. 2. Se a sua aposta for feita por esporte, e não por avareza (esforçando-se para obter o dinheiro de outrem e não lhe dar nada por isso). 3. E se não for apostado mais do que o adequado ao esporte, e o perdedor pagar bem e de boa vontade.

Pergunta 6. Se o perdedor, que disse estar disposto, mostrar-se irado e indisposto quando chega o momento do pagamento, posso recebê-lo ou obtê-lo por lei contra a vontade dele?

Resposta. Não, não em casos comuns: porque você não deve transformar um esporte em avareza ou quebra de caridade; mas caso seja um esporte que lhe custou alguma coisa, você pode em justiça receber os seus gastos quando a prudência não o proibir.

Seção 6. Casos de Consciência sobre Perder e Achar.

Pergunta 1. Se eu encontrar dinheiro ou qualquer coisa perdida, estou obrigado a procurar o dono se ele não procurar por mim? E até onde estou obrigado a procurá-lo?

Resposta. Você está obrigado a usar de tais meios razoáveis quanto a natureza do caso exigir, para que o verdadeiro dono possa ter o que é seu novamente. Aquele que ousa guardar o dinheiro de outro homem porque o encontra é provável que roubaria se pudesse fazê-lo de forma tão secreta. O achado não lhe dá propriedade se o dono puder ser encontrado: faça como gostaria que

fizessem com você, e poderá satisfazer a sua consciência. Se uma investigação mais próxima não servir, você está obrigado a mandar anunciar no mercado, ou proclamar na igreja, ou mencionar nos jornais que trazem as notícias semanais, ou qualquer caminho provável que não o coloque em custos ou trabalhos irracionais.

Pergunta 2. Posso receber algo por ter encontrado a coisa, como meu direito?

Resposta. Você pode exigir tanto quanto pague por qualquer trabalho ou custo que tenha tido com isso, ou para encontrar o dono. Mas não mais como seu direito; embora uma gratificação moderada possa ser aceita se ele a der livremente.

Pergunta 3. Posso desejar encontrar dinheiro ou qualquer outra coisa em meu caminho? Ou posso alegrar-me quando a tiver encontrado?

Resposta. Você deveria primeiramente estar indisposto a que o seu vizinho perdesse a coisa, e lamentar que ele a tenha perdido; mas, supondo que ela esteja perdida, você pode moderadamente desejar encontrá-la antes de outro; não com um desejo avarento do ganho, mas para que possa fielmente satisfazer o dono ao restaurá-la, ou, se ele não puder ser encontrado, possa dispor dela como deve. E você deveria estar mais triste por ela ter sido perdida do que alegre por tê-la encontrado, exceto pelo dono.

Pergunta 4. Se nenhum dono puder ser encontrado, não posso pegá-la e usá-la como minha?

Resposta. As leis do país costumam regular as reivindicações de propriedade em tais assuntos. Onde a lei

a dá ao senhor do feudo, é dele, e você deve dar-lha. Onde não a dá a nenhum outro, é daquele que a encontra; e a ocupação dar-lhe-á a propriedade. Mas de modo que lhe convém julgar, se for pobre, que a providência de Deus ordenou isso para o seu próprio sustento; mas se for rico, que Deus lha enviou apenas como ao seu administrador, para dar aos pobres.

Pergunta 5. Se muitos estiverem presentes quando eu encontrar a coisa, não posso retê-la totalmente para mim? Ou não posso escondê-la deles se puder?

Resposta. Se a lei determinar o caso, ela deve ser obedecida; mas se não o fizer, você pode, se puder, escondê-la, e tornar-se assim o único achador, e tomá-la como sua se o dono não for encontrado: mas se você não puder escondê-la no momento do achado, aqueles que a veem com você são em parte os achadores bem como você; embora talvez a maior parte seja devida ao ocupante.

Pergunta 6. Se eu confiar o meu dinheiro ou bens ao meu vizinho ou servo, ou se outro confiar em mim, quem deve arcar com a perda se forem perdidos?

Resposta. Aqui também a lei do país, como reguladora de propriedades, deve ser muito considerada; e especialmente o verdadeiro significado das partes deve ser compreendido: se era antecedente o significado expresso ou implícito de que uma das partes em tal caso deveria arcar com a perda, deve em estrita justiça ser de acordo com o verdadeiro significado das partes. Portanto, se um transportador que se compromete a garantir a mercadoria a perde, ele a perde para si mesmo. Ou se aquele a quem ela é emprestada naquela condição (explícita ou implícita)

a perde, é para si mesmo. Mas se um amigo, a quem você é grato pelo transporte, a perde, o qual não se comprometeu a mais do que conceder o seu trabalho, a perda deve ser sua; sim, embora tenha sido a negligência ou embriaguez dele a culpada; pois você o tomou e confiou nele como ele é. Mas se um servo, ou alguém obrigado a fazê-lo por salário, apenas se compromete, sem qualquer outro acordo, a servi-lo nisso, e a perde, a lei ou o costume do país está em lugar de um contrato; pois se a lei ou o costume lança a perda sobre ele, supõe-se que ele consentiu com isso ao consentir em ser seu servo; se a lança sobre você, supõe-se que você tomou o seu servo sob tais termos de risco. Mas se for deixado sem decisão pela lei e pelo costume, você pode fazer o seu servo pagar apenas tanto quanto seja uma penalidade proporcional para a sua falta, mas não mais como satisfação para a sua perda; exceto se você concordou com ele em pagar tais perdas que fossem por falta dele. E quando se considera o que a justiça estrita exige, deve-se também considerar o que a caridade e a misericórdia exigem, para que os pobres não sejam oprimidos.

Seção 7. Direções aos Comerciantes, Agentes, Capelães e Viajantes que vivem entre os infiéis.

Pergunta 1. É lícito colocar a si mesmo, ou aos servos, especialmente jovens aprendizes não estabelecidos, em tentações de um país infiel (ou papista) para a obtenção de riquezas, como fazem os comerciantes?

Resposta. Isto não pode ser verdadeiramente respondido sem distinguir: 1. Dos países de onde saem. 2. Dos lugares

para onde vão. 3. Da qualidade das pessoas que vão. 4. Das causas de sua ida.

I. Alguns países de onde saem podem ser tão ruins quanto aqueles para onde vão, ou estar em estado de guerra, quando é melhor estar ausente, ou em tempo de perseguição, ou pelo menos de maior tentação do que são propensos a ter no exterior. E alguns são, pelo contrário, como um paraíso em comparação com aqueles para onde vão, quanto à santidade e ajudas para o céu, e para a paz e oportunidades de utilidade para com Deus e o bem público.

II. Alguns países para onde podem ir podem ter tão boas ajudas para as suas almas quanto em casa, se não por aqueles da religião da nação, contudo pelos cristãos que vivem entre eles, ou pela companhia que vai com eles; ou pelo menos pode não haver grandes tentações para mudar de religião, ou corrompê-los, seja pela civilidade e moderação daqueles entre quem vivem, seja pela ignorância tola e viciosidade deles, o que antes voltará o coração dos homens contra eles. Mas alguns países têm tentações tão fortes para corromper o entendimento dos homens através da sutileza dos sedutores, e alguns têm tais atrativos para corromper os homens, e alguns tais crueldades para tentá-los a negar a verdade, que é difícil entre eles manter a inocência de alguém.

III. Alguns que vão para fora são cristãos instruídos e estabelecidos, capazes de fazer bom uso dos erros, pecados, maus exemplos ou sugestões dos outros homens, e talvez de fazer muito bem aos outros; mas alguns são jovens, imaturos e sem experiência, cujas cabeças estão

desprovidas daquelas evidências e razões pelas quais deveriam manter firme a sua própria profissão contra os raciocínios astutos de um adversário, e cujos corações estão desprovidos daquele amor à verdade e daquela resolução séria que é necessária para a sua segurança e, portanto, são propensos a serem corrompidos.

IV. Alguns são enviados por seus príncipes como agentes ou embaixadores em empregos necessários ao bem público; e alguns são enviados por sociedades em negócios necessários aos fins da sociedade; e alguns vão em caso de extrema pobreza e necessidade, não tendo outro caminho de sustento em casa; e alguns vão em obediência aos seus pais e senhores que lhes ordenam; e alguns vão para evitar as misérias de uma guerra, ou o perigo de uma perseguição severa em casa, ou as maiores tentações de uma época corrompida ou sedutora, ou algumas grandes tentações em suas famílias. Mas alguns vão por capricho, e alguns por mera avareza, sem necessidade.

Por estas distinções o caso pode ser respondido por homens que são criteriosos e imparciais. Como:

I. Afirmativo. 1. É lícito para os embaixadores irem para o meio de infiéis, sendo enviados por príncipes e estados; porque o bem público deve ser garantido.

2. É lícito para os agentes de sociedades legítimas ou companhias de comércio irem (em igualdade de condições, sendo as pessoas capazes); porque o comércio deve ser promovido, o qual tende ao bem comum de todos os países.

3. É não apenas lícito, mas uma das melhores obras do mundo para pessoas aptas irem com o desígnio de converter os pobres infiéis e pagãos para onde vão. Portanto, os pregadores do evangelho não deveriam ser relutantes em aproveitar qualquer oportunidade, como capelães de embaixadores, ou de fábricas, etc., para se colocarem em tal caminho.

4. É lícito para um filho ou servo (cujos vínculos se estendem a tal serviço) ir em obediência ao comando de um superior; e a proteção especial de Deus pode ser confiada em um caminho de obediência.

5. É lícito para quem está em dívida ir, se tiver esperanças prováveis por esse caminho e nenhum outro para pagar as suas dívidas. Porque ele é um fraudador se retém o dinheiro de outros homens quando um caminho lícito de pagá-lo pode ser tomado.

6. É lícito para uma pessoa devidamente qualificada ir em caso de extrema pobreza, para poder viver no mundo; e essa pobreza pode ser chamada de extrema para alguém que nasceu nobre e foi educado como tal, o que não seria pobreza para quem foi criado na mendicância.

7. É lícito para uma pessoa bem qualificada, que deseja riquezas para servir a Deus e fazer o bem com elas, ir em um caminho de comércio, embora não esteja em nenhuma pobreza ou necessidade pessoal. Porque a bênção de Deus sobre um comércio lícito pode ser desejada e buscada, e aquele que deve fazer todo o bem que pode deve usar os meios legítimos que puder para ser capacitado a fazê-lo. E as necessidades dos outros

homens deveriam ser para nós como as nossas próprias e, portanto, podemos esforçar-nos para ser capazes de socorrê-los.

8. Em um tempo de guerra civil assim, quando um homem não sabe que lado tomar, pode ser melhor para alguns homens viverem fora; sim, entre infiéis.

9. Há pouco para dissuadir um homem cujo comércio o conduz a um país que é melhor do que o seu próprio, ou tão simplório a ponto de ter pequena tentação, e que tem a companhia de cristãos fiéis com os quais ele pode adorar a Deus abertamente e conversar privadamente para a sua edificação espiritual.

10. Em casos urgentes, pode-se ir por um tempo para onde não se pode ter uso do culto público da igreja, desde que se tenha meios privados e oportunidades de vida santa.

11. É lícito em ocasiões menores deixar o próprio país em um tempo de corrupção, quando as tentações em casa são maiores do que aquelas no exterior, ou em um tempo de perseguição que possa legitimamente ser evitada, do que em outro tempo.

12. Um cristão estabelecido pode ir com mais segurança, e portanto legitimamente, em urgências menores do que um jovem imaturo, cheio de desejos carnais, fantasioso e instável pode.

II. Negativo. 1. Não é lícito para ninguém buscar riquezas ou comércio fora ou em casa, principalmente pelo amor às riquezas, para elevar a si mesmo e à família à fartura, prosperidade ou dignidade: embora tudo isso possa ser

desejado quando for um meio para o serviço e honra de Deus, e para o bem público, e for desejado principalmente como tal meio.

1. Não é lícito ir para fora, especialmente para países infiéis ou papistas, sem um negócio justificável cuja comodidade seja suficiente para superar todas as perdas e perigos da mudança.

2. Os perigos e perdas da alma devem ser valorizados muito acima dos do corpo e bens, e não podem ser superados por nenhuma comodidade meramente corporal.

3. É menos perigoso geralmente ir para o meio de turcos e pagãos (cuja religião não tem poder tentador para seduzir os homens) do que de socinianos ou papistas, cujos erros e pecados são astuta e eruditamente promovidos e defendidos.

4. Não é lícito para os comerciantes ou outros, por comércio e amor às riquezas ou ao dinheiro, enviarem jovens pobres, imaturos e instáveis para tais países onde as suas almas correm risco notável de serem prejudicadas, seja por serem privadas de tal ensino e ajudas da igreja de que necessitam, seja por serem expostas às tentações perigosas do lugar; porque as almas deles são de mais valor do que o dinheiro.

5. Não é lícito, portanto, para o senhor ou servo arriscar a sua própria alma em um caso como este último mencionado; isto é, até onde ele é livre e sem necessidade o faz apenas por causa da comodidade.

6. Não devemos ir para onde não podemos adorar a Deus publicamente, sem necessidade ou algum incentivo decorrente de um bem maior.

7. Quanto mais destes impedimentos concorrerem, maior é o pecado: é, portanto, um mero lançar fora deliberado de suas próprias almas quando jovens desprovidos e instáveis (ou outros semelhantes a eles) deixam, por mero capricho, fantasia ou avareza, uma terra como esta, onde têm ajudas tanto públicas quanto privadas para a sua salvação, para irem para o meio de papistas, infiéis ou pagãos, onde conversas ou maus exemplos são propensos a colocá-los em perigo, e nenhum grande bem pode ser esperado para compensar tal risco, nem há qualquer verdadeira necessidade para impeli-los, e onde não podem adorar a Deus publicamente, não, nem confessar abertamente a verdade, e onde não têm sequer nenhuma companhia privada com quem conversar que seja adequada para promover a sua preservação e salvação, e tudo isso por sua própria vontade, etc.

Pergunta 2. Pode um comerciante ou embaixador deixar a sua esposa para viver fora?

Resposta. 1. Devemos distinguir entre o que é necessitado e o que é voluntário. 2. Entre o que é feito com o consentimento da esposa e o que é feito sem ele. 3. Entre uma esposa que pode suportar tal ausência e uma que não pode. 4. Entre uma permanência curta e uma permanência longa ou contínua.

1. O comando do rei, ou as necessidades públicas, podem tornar isso lícito, exceto em um caso tão raro que não

deve ser suposto (o qual, portanto, não me deterei a descrever). Pois embora seja um assunto muito delicado determinar uma diferença entre a autoridade ou interesse público e as relações e interesse familiares, quando são contraditórios e irreconciliáveis, contudo aqui me parece que o príncipe e o interesse público podem dispor de um homem de forma contrária à vontade e interesse de sua esposa; sim, embora isso causasse a perda: 1. De sua castidade. 2. Ou de seu entendimento. 3. Ou de sua vida: e embora o vínculo conjugal faça do marido e da mulher uma só carne. Porque, 1. O rei e o interesse público podem obrigar um homem a arriscar a sua própria vida, e portanto a de sua esposa. Em caso de guerra, ele pode ser enviado ao mar, ou para além-mar, e assim deixar a sua esposa (como Urias fez) e arriscar a si mesmo. Quem pensou que nenhum homem casado poderia ir para guerras estrangeiras sem o consentimento de sua esposa? 2. Porque, assim como o todo é mais nobre do que a parte, aquele que se casa obriga-se à sua esposa, mas sob a suposição de ser um membro da comunidade, para com a qual é ainda mais obrigado do que para com ela.

2. Um homem pode, para o benefício de sua família, deixar a sua esposa para viagem ou comércio por um tempo, quando consentirem mutuamente, com boa razão, que isso será provavelmente para o bem deles.

3. Ele não deve deixá-la, nem sem nem com o consentimento dela, quando for provável que venha disso um prejuízo maior do que o ganho compensará. Não direi mais sobre isto, porque o resto pode ser reunido do que é dito nos casos sobre deveres para com

as esposas, onde muitos outros assuntos semelhantes são tratados.

Pergunta 3. É lícito para os jovens cavalheiros viajarem para outros reinos como parte de sua educação?

Resposta. As muitas distinções que foram estabelecidas para a resposta da primeira pergunta devem ser aqui supostas, e a resposta será em sua maior parte a mesma daquela, e por isso não precisa ser repetida.

1. É lícito para eles viajarem quando forem necessariamente expulsos de seu próprio país por perseguição, pobreza ou qualquer outra causa necessitadora.
2. É lícito para aqueles que são comandados por seus pais (a menos nos casos anteriormente exceptuados, os quais não me deterei a nomear).
3. É tanto mais lícito quando viajam para países tão bons ou melhores do que o seu próprio, onde são propensos a obter mais bem do que poderiam ter feito em casa.
4. É mais lícito para quem é prudente e firmemente estabelecido tanto na religião quanto na sobriedade e temperança contra todas as tentações que é propenso a encontrar do que para quem é desprovido de preparação para uma devida resistência às tentações do lugar para onde vai.
5. É mais lícito para quem vai em companhia sóbria, sábia e piedosa, ou é enviado com um tutor e inspetor sábio e fiel do que deixar pessoas jovens e instáveis entregues a si mesmas.

6. Em uma palavra, é lícito quando há uma probabilidade racional de que obterão não apenas mais bem do que mal (pois isso não tornará o ato lícito), mas também mais bem do que de outras formas provavelmente teriam alcançado.

II. Mas o curso ordinário das viagens dos jovens cavalheiros para fora da Inglaterra hoje praticado eu considero apenas como um perigo mais perigoso, se não uma traição manifesta que os entrega à ruína total, e para torná-los depois as pragas de seu país e os instrumentos da calamidade comum. Porque, 1. Eles são ordinariamente enviados para países muito piores e mais perigosos do que o seu próprio, onde as tentações são mais fortes do que eles são capazes de lidar; para alguns países onde são tentados à sensualidade, e para alguns onde são tentados ao papismo ou à infidelidade. Em alguns países, aprendem a beber vinho em vez de cerveja; e passando das qualidades mais fracas para as mais fortes, se não se tornarem bêbados, contraem aquele apetite ao vinho e à bebida forte que provará (como Clemente de Alexandria chama a gula e o beber) uma loucura da garganta, e um demônio do estômago, mantendo-os no pecado da gula todos os seus dias. E em alguns países aprenderão a arte da gula, de tratar os seus intestinos de modas curiosas, caras e exóticas, e de vestir-se em roupas novas e fantásticas, e de fazer um negócio do adornar a si mesmos, exibindo-se com fantasias e afetos orgulhosos e insolentes para serem olhados como pessoas elegantes aos olhos dos outros. Em alguns países aprenderão a desperdiçar as suas preciosas horas em peças de teatro, e espetáculos vãos, e cerimônias, assistências e visitas, igualando a sua vida com a morte, e vivendo para menos utilidade e benefício ao mundo do que

o cavalo que os transporta. Na maioria dos países, aprenderão ou a praguejar contra a piedade, tratando-a como o humor de alguns poucos tolos melancólicos, e a serem mais sábios do que para crer em Deus ou obedecer-lhe, ou serem salvos; ou pelo menos a crescerem indiferentes e frios nos afetos e práticas santos: pois quando veem papistas e protestantes, luteranos e calvinistas de mentes contrárias, e os ouvem reprovando e condenando-se mutuamente, isso esfria o seu zelo por toda a religião, parecendo apenas uma questão de incerteza e contenda. E quando veem também como os sábios e santos são feitos motivo de zombaria em um país, como beatos e huguenotes, e como os protestantes são bêbados e mundanos em outro país, e quão poucos no mundo têm qualquer verdadeiro senso e sabor da religião sólida e prática, e de uma vida verdadeiramente santa e celestial (com os quais raramente têm a felicidade de conversar), isto primeiro os acostuma a uma negligência da santidade, e depois conduz as suas mentes a uma opinião mais baixa e indiferente sobre ela, pensando ser desnecessária para a salvação. Pois não crerão que tão poucos serão salvos quantos eles consideram ser santos no mundo; e então passam a considerar isso apenas como uma fantasia e um perturbador do mundo.

E acrescenta-se à sua tentação o fato de serem obrigados, pelos fins carnais que os atraíram para fora, a estarem na pior e mais perigosa companhia e lugares, isto é, nas cortes de príncipes, e entre a galanteria esplêndida do mundo; pois são as modas dos grandes que devem ver, e sobre as quais, quando voltam para casa, devem ser capazes de discursar: de modo que devem viajar para as casas de peste da pompa, da luxúria, da ociosidade, da gula, da

embriaguez e do orgulho, do ateísmo, da falta de religiosidade e da impiedade, para que sejam capazes de gloriar-se de que conhecimento obtiveram da grandeza e galanteria dos subúrbios do inferno, para que representem o caminho para a condenação deleitável e honroso para os outros, bem como para si mesmos.

But o perigo maior é o de corromper os seus intelectuais por meio do convívio com os enganadores de onde vão; sejam infiéis, ou jesuítas e frades trapaceiros: pois quando estes são propositadamente treinados para enganar, quão fácil é para eles silenciar noviços imaturos e desprovidos (sim, mesmo quando todos os seus cinco sentidos devem ser cativados na doutrina da transubstanciação)! E quando são silenciados, devem ceder: ou pelo menos têm histórias ilusórias suficientes sobre a antiguidade, universalidade, infalibilidade, unidade de sua igreja, com uma multidão de mentiras sobre Lutero, Calvino, Zuínglio e outros reformadores, para voltarem os seus corações e fazê-los ceder. Mas contudo, para que sejam capazes de lhes prestar mais serviços, são instruídos por um tempo a dissimularem a sua conversão, e a servirem ao orgulho e facção romanos em veste e nome de protestante.

Especialmente quando vão a Roma, e veem a sua glória, e os monumentos da antiguidade, e são atraídos com o seu esplendor e civilidades, e levados a crer que todos os relatos de suas inquisições e crueldades são falsos, isto impulsiona a fascinação dos jovens sem experiência.

1. E geralmente, durante todo esse tempo, a maioria deles deixa de lado todos os estudos sérios, e todo o emprego constante, e faz da ociosidade e do convívio com os

ociosos ou com os tentadores o seu trabalho diário. E para onde uma mente é propensa a ir, a qual por apenas meio ano ou doze meses está acostumada à ociosidade, e a espetáculos vãos, e a um convívio agradável com pessoas ociosas e luxuosas, é fácil para um homem com qualquer conhecimento do mundo ou da natureza humana conjecturar.

2. E vão para fora em perigo notável de suas saúdes ou vidas. Alguns caem em febres e morrem pela mudança de ar e bebidas: alguns caem em brigas nas tavernas, ou por causa de suas prostitutas, e são assassinados. Alguns poucos provam-se tão firmes contra todas as tentações dos papistas que se julga favorável à causa santa que sejam mortos sob o pretexto de alguma briga, ou sejam envenenados. Alguns, por beberem vinho, contraem tal doença que torna as suas vidas desconfortáveis até o fim. E o cérebro de muitos fica tão aquecido por isso que enlouquecem.

3. E todo este perigo é principalmente fundado na qualidade da pessoa enviada a viajar; que ordinariamente são rapazes vazios, entre dezoito e vinte e quatro anos de idade, que é o tempo de maior vantagem do diabo; quando naturalmente são propensos àqueles vícios que provam ser a ruína da maioria, embora você tenha o maior cuidado com eles que puder. 1. A sua luxúria está então no seu furor mais alto e indomado. 2. Os seus apetites por comidas e bebidas agradáveis estão então mais fortes. 3. As suas inclinações alegres para esportes e recreações são então maiores. 4. E o orgulho ignorante e insolente começa então a agitar-se. 5. Todas as coisas que são

mais vis e vãs parecem então aptas a parecerem excelentes para eles, devido à novidade da matéria quanto a eles, que nunca viram tais coisas antes, e devido à falsa estima daquelas pessoas carnais com cuja pompa, e consequentemente com cujo julgamento, gostariam de estar conformados. 6. E estão nessa idade excessivamente inclinados a pensar que todas as suas próprias apreensões estão certas, e a estarem muito confiantes de suas próprias concepções, e sábios aos seus próprios olhos; porque o seu intelecto juvenil estando então na atividade mais afetiva, parece-lhes sempre claro e seguro, porque afeta muito a eles mesmos. 7. Mas acima de tudo, estão ainda desprovidos de quase toda aquela sabedoria sólida, santidade estabelecida e larga experiência que é mais necessária para o seu proveito nas viagens, e para a sua resistência a todas estas tentações. Infelizmente! Quão poucos deles são capazes de lidar com um jesuíta, ou de manter firme a sua religião contra os enganadores! Se os próprios vícios, a ambição, as políticas carnais e pompas, a imundície e o mundanismo do clero romano não se tornassem um preservativo para as mentes dos homens contra as tentações que os atrairiam para o seu caminho, e se o ateísmo, a infidelidade, os adultérios e a profanidade dos papistas não se tornassem antídotos, quão poucos retornariam não infectados! E porque os jesuítas sabem que nunca podem tirar esta pedra de tropeço do caminho, por isso muitos deles acharam melhor corromper aqueles primeiro a quem gostariam de converter, e reconciliá-los primeiro com jogos, e embriaguez, e adultérios, para que a antipatia por estes não impeça a sua reconciliação com o reino de Roma;

sim, para que uma aparente necessidade do perdão do sacerdote faça parecer necessário tornar-se súdito deles.

E tão desprovidos estão estes jovens viajantes geralmente de resistir às tentações a esta sensualidade, luxúria e pompa, como aquelas do papismo; de modo que são perfidamente enviados para uma casa de peste quando estão na maior disposição de serem infectados. E se não voltam para casa bêbados, glutões, jogadores, ociosos, prodigalizadores, orgulhosos, infiéis, irreligiosos ou papistas, agradeça-se muito pouco àqueles pais pérfidos, que assim cumprem a sua promessa feita por eles no batismo, enviando-os às escolas e universidade de Satanás para serem educados.

Ao passo que, se fossem apenas mantidos nos seus devidos estudos, e sob um governo santo em casa, até que estivessem equipados com o sólido conhecimento religioso, e até que estivessem enraizados na santidade, e no amor a uma vida piedosa e sóbria, e até que tivessem obtido um ódio estabelecido à intemperança e a todo pecado, e até que tivessem um mapa dos lugares, pessoas e assuntos do mundo bem impresso em suas mentes pelo estudo e devida informação, então a viagem necessária seria mais segura; e então estariam em capacidade de aprender sabedoria da tolice de outros homens, e virtude do vício de outros homens, e piedade da impiedade de outros homens; o que os noviços são antes aptos a imitar.

4. E, entretanto, a perda de todas as ajudas que deveriam ter em casa tende grandemente à sua destruição. Pois frequentemente viajam para países onde não terão nenhum culto público de Deus que seja lícito, ou que compreendam; ou, se tiverem, é geralmente pregação fria e oração sem vida, quando têm necessidade do melhor, e tudo é muito pouco. E raramente têm tal sociedade piedosa para os edificar e avivar por meio do convívio privado quanto têm, ou poderiam ter, aqui em casa; e raramente entram em famílias tão bem ordenadas e religiosas. E se a natureza humana é propensa à infecção pelas tentações, e tão avessa à santidade que todo meio é muito pouco, e mesmo nas melhores famílias a tolice e a sensualidade, e o desgosto pela piedade, frequentemente prosperam; (como ervas daninhas não semeadas cobrem o jardim onde apenas com grande custo e trabalho as melhores coisas foram semeadas); o que então senão pecado e miséria se pode esperar daqueles que por seus próprios pais são banidos de sua pátria (não tanto como para um deserto, mas) para os países pestilentos e infectados do mundo?

   Eu gostaria de perguntar àqueles pais que defendem este crime e crueldade como uma gentileza: vocês não são mais sábios ou melhores do que a companhia para onde enviam os seus filhos? Não podem ensiná-los e educá-los melhor, nem dar-lhes melhores exemplos do que eles são propensos a ter no exterior? Não podem colocá-los em nenhum trabalho melhor para o proveito de seu tempo? Se não, por que não se arrependem desta sua vergonha e miséria, e se reformam? Se podem, por que querem então trair os seus filhos? Ou

se não podem, não há escolas, nem homens sábios e piedosos, nem famílias e companhia religiosas em casa, em sua própria terra, onde pudessem colocá-los para melhor vantagem do que assim expô-los ao tempter? Indubitavelmente há; e tais que podem ser obtidas a taxas mais baratas.

5. E não é a menor parte da culpa e do perigo o fato de serem enviados para fora sem a devida supervisão e conduta. Aqueles que conseguem obter-lhes algum servo sóbrio ou honesto para os atender, ou algum companheiro sóbrio, pensam ter feito bem; ao passo que tinham necessidade de algum teólogo ou tutor de grande aprendizado, piedade, prudência e experiência, a quem reverenciassem e obedecessem, que pudesse exercer a supervisão sobre eles e estar pronto a responder a qualquer sofista que quisesse seduzi-los. Mas o custo disto é considerado grande demais para a segurança de seus próprios filhos, os quais eles próprios expõem a uma necessidade disso.

Eu sei que as mentes carnais desgostarão de tudo isto e terão objeções suficientes contra, e razões próprias para fazer parecer um dever trair e arruinar as almas de seus filhos, e quebrar a promessa feita por eles no batismo: "Tudo isto não passa de nosso rigorismo: devem ter experiência e conhecer o mundo, do contrário serão tenebriones [moradores das trevas] ou corujas desprezíveis! Sempre que forem será uma tentação, e tais eles devem ter em casa. Não há outra parte de sua idade tão adequada, ou que possa ser dispensada, e devemos confiar em Deus com eles onde quer que estejam; e aqueles que quiserem ser ruins, serão ruins em um lugar bem

como em outro; e muitos são tão ruins ficando em casa". E assim, *quos perdere vult Jupiter hos dementat* [aquele a quem Júpiter quer destruir, ele primeiro enlouquece]; sim, os pobres filhos e a comunidade devem sofrer por tal tolice insensata dos pais. E bem diz Salomão: "O homem rico é sábio aos seus próprios olhos", Pv 28:11. E porque não se trata de razão de fato, mas de orgulho, e da doença rica e carnalidade que deve ser confutada aqui, não os honrarei com uma resposta distinta e particular; mas apenas lhes direi: se todas as companhias forem iguais, envie-os para Bedlam [o manicômio] ou para uma casa de prostituição. Se todos os meios forem iguais, que sejam janízaros, e criados onde Cristo é desprezado: se você acha que eles precisam de poucas ajudas e pouca vigilância, parece que você nunca lhes deu mais. E é uma pena que você tenha filhos antes de saber o que é um homem, e quanto a natureza é corrompida, e quanto é necessário para a sua recuperação. E é uma pena que os tenha dedicado a Deus no batismo antes de ter crido em Cristo, e saber o que fez, e comprometê-los a renunciar ao mundo, à carne e ao diabo, sob um Cristo crucificado, enquanto propunha, como hipócritas, treiná-los na escola e serviço do mundo, da carne e do diabo, e no desprezo da cruz de Cristo, ou de uma vida santa e mortificada. E se todas as idades forem iguais, e os noviços forem iguais às pessoas experientes, que os alunos governem o seu mestre, e que os rapazes sejam parlamentares e juízes, e que sejam os seus guias em casa! E se o conhecimento da corte e os costumes do mundo, e a reputação de tal conhecimento, valerem o risco de suas almas, renuncie a Deus e entregue os seus nomes a Mamom, e não seja tais hipócritas mesquinhos a ponto de professar que crê nas Escrituras, e manter os seus votos

batismais, e colocar as suas esperanças em um Cristo crucificado, e a sua felicidade no favor de Deus e na vida futura. E se a pregação do evangelho, e todas as ajudas religiosas semelhantes, forem desnecessárias para os seus filhos instáveis, não dissimule indo à igreja como se as considerasse necessárias para si mesmos. Em uma palavra, digo como Elias aos israelitas: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se Deus é Deus, segui-o". Se o mundo é Deus, e o orgulho e a sensualidade e o aplauso do mundo forem a sua felicidade, siga-os, e que sejam a porção de seus filhos. Vocês não veem mais pessoas sábias, instruídas, santas e úteis entre nós, proporcionalmente, na igreja e no estado, que nunca foram enviadas para uma educação entre os papistas e profanos do que daquelas que foram?

Mas prosseguirei com as direções que são necessárias para aqueles que devem ou precisam ir ao exterior, seja como comerciantes, agentes ou como viajantes.

Direção 1. Certifique-se de não ir sem uma autorização clara de Deus; a qual deve ser (consideradas todas as coisas) uma grande probabilidade, no julgamento de homens sábios, experientes e imparciais, de que você possa obter ou fazer mais bem do que provavelmente teria feito em casa. Pois se você for pecaminosamente sem um chamado ou autorização, você se coloca fora da proteção de Deus, tanto quanto está em você; isto é, você a perde: e qualquer praga que lhe advenha armará a sua consciência acusadora para torná-la dupla.

Direção 2. Envie com os seus filhos que viajam algum tutor ou inspetor piedoso e prudente como o descrito

anteriormente: e coloque-os, ou aos seus aprendizes, em tão boa companhia quanto for possível.

Direção 3. Envie-os como a última parte de toda a sua educação, quando estiverem estabelecidos no conhecimento, na sã doutrina e na piedade, e tiverem primeiro obtido tal conhecimento do estado do mundo quanto a leitura, os mapas, o convívio e o discurso possam ajudá-los: e não enquanto forem jovens, imaturos e incapazes de autodefesa, ou de melhorar devidamente o que veem. E aqueles que estão assim preparados não terão grande desejo ou capricho de vagar, e perder o seu tempo, sem necessidade; pois saberão que não há nada de melhor (consideravelmente) para ser visto fora do que em casa; que em todos os países as casas são casas, e as cidades são cidades, e as árvores são árvores, e os animais são animais, e os homens são homens, e os tolos são tolos, e os sábios são sábios, e os instruídos são instruídos, e o pecado é pecado, e a virtude é virtude; e estas coisas não são fora senão as mesmas que em casa: e que uma sepultura é em toda parte uma sepultura, e você está viajando em direção a ela, seja qual for o caminho que tomar. E feliz é aquele que gasta o seu pouco tempo de modo a prestar a Deus o melhor serviço, e melhor prepará-lo para o estado de imortalidade.

Direção 4. Se a experiência de sua luxúria e orgulho juvenis, e de sua tolice viciosa, ou de seu estado instável e perigoso lhe diz claramente que o seu filho ou aprendiz é inapto para viajar, não o aventure nisso, seja pelos ornamentos carnais da educação, seja pelo seu ganho mundano. Pois as almas que custaram o sangue de Cristo são mais preciosas do que para serem vendidas a um preço

tão baixo; e especialmente por parte daqueles pais e senhores que são duplamente obrigados a amá-los, e a guiá-los no caminho para o céu, e devem prestar contas deles.

Direção 5. Escolha aqueles países para os seus filhos viajarem que são mais sadios na doutrina e de melhor exemplo, e onde possam obter mais bem do que mal; e não os aventure sem necessidade nos lugares e companhias de maior perigo; especialmente entre os jesuítas e frades, ou heréticos astutos, ou inimigos de Cristo.

Direção 6. Estude antes de ir quais tentações particulares você é propenso a encontrar, e estude bem os preservativos particulares contra todas elas: assim como você não entraria em um lugar infectado com a peste sem um antídoto. Não é tarefa pequena preparar uma mente para a viagem.

Direção 7. Leve consigo os livros que forem mais adequados para o seu uso, tanto para preservação quanto para edificação: como para preservá-lo do papismo, o pequeno manual de Drelincourt e o do Sr. Pool: para cujo uso a minha "Chave para os Católicos" (*Key for Catholics*), e "Religião Segura" (*Safe Religion*), e "Folheto contra o Papismo" (*Sheet against Popery*) podem não ser inúteis. E o *Credo Ecclesiam Catholicam* do Dr. Challoner é curto e muito forte. Para preservá-lo contra a infidelidade, "Vander Meulin", em latim, e Grotius; e em inglês o meu "Razões da Religião Cristã" (*Reasons of the Christian Religion*) podem não ser inadequados. Para a sua prática, a Bíblia e a "Prática da Piedade" (*Practice of Piety*), e o "Caminhar Diário" (*Daily Walk*) do Sr. Scudder, e as

"Direções" (*Directions*) do Sr. Reyner, e os "Casos de Consciência" (*Cases of Conscience*) do Dr. Ames.

Direção 8. Obtenha conhecimento dos teólogos reformados mais capazes nos lugares para onde viaja; e faça uso de seu convívio frequente para a sua edificação e defesa. Pois são os homens mais sábios e melhores em todos os países para onde você vai que devem ser proveitosos para você, se houver algum.

Direção 9. Estabeleça para si mesmo um caminho de estudo regular se você for viajante, como se estivesse em casa, e um curso de emprego regular se for comerciante, e não faça do mero vagar e contemplar as novidades o seu comércio e negócio; mas remisso o seu tempo tão laboriosamente quanto faria na vida mais estabelecida. Pois o tempo é precioso onde quer que você esteja; e deve ser a diligência em toda parte que deve causar o seu progresso; pois o lugar e a companhia não o farão sem o seu trabalho. Não é uma universidade que tornará sábia uma pessoa preguiçosa, nem uma terra estrangeira que equipará um bêbado sensual com sabedoria: *Coelum non animum mutant qui trans mare currunt* [Mudam de céu, mas não de alma, aqueles que correm do outro lado do mar]. Há mais esforço necessário para torná-lo sábio, ou levá-lo ao céu, do que fazer longas jornadas ou ver muitas pessoas.

Direção 10. Evite as tentações: se você se familiarizar com os humores, e opiniões pecaminosas, e modas do tempo e lugares onde estiver, que seja apenas como os lacedemônios chamavam os seus filhos para verem um bêbado, para odiarem o pecado; portanto, veja-os, mas

não os prove, assim como faria com o veneno ou coisas abomináveis. Ver uma tolice e pecado uma ou duas vezes é o suficiente. Se o fizer frequentemente, o costume diminuirá a sua detestação e fará muito para reconciliá-lo com isso.

Direção 11. Estabeleçam-se no caminho de fazer todo o bem que puderem ao povo miserável nos lugares para onde vão. Equipem-se com os livros e argumentos mencionados antes, não apenas para se preservarem, mas também para convencerem os pobres infiéis e papistas. E compadeçam-se de suas almas, como aqueles que creem que há de fato uma vida futura onde a felicidade e a miséria mostrarão a diferença entre os piedosos e os ímpios. Especialmente comerciantes e agentes, que vivem constantemente entre os pobres cristãos ignorantes, armênios, gregos, papistas que os ouvirão; e entre pagãos (no Industão e em outros lugares) e maometanos (especialmente os persas, que permitem liberdade de discurso). Mas, acima de todos, os capelães das várias embaixadas e fábricas. Oh, que oportunidade têm eles de semear as sementes do cristianismo entre as nações pagãs! E de tornar Cristo conhecido aos povos infiéis para onde vão! E quão pesada culpa repousará sobre eles se negligenciarem isso! E como a grande indústria dos jesuítas se levantará em julgamento contra eles e os condenará!

Direção 12. Quanto mais privado você estiver do benefício do culto público de Deus, tanto mais trabalhador deve ser na leitura das Escrituras e de bons livros, e na oração secreta e meditação, e no aproveitamento de qualquer amigo piedoso que o acompanhe para compensar

a sua perda, e para estar em lugar dos meios públicos. Será de grande conforto entre infiéis, ou papistas, ou gregos ignorantes, ou povo profano ler livros sadios, santos e espirituais, e conferenciar com algum amigo piedoso, e meditar nos doces e gloriosos assuntos que da terra e do céu são colocados diante de nós; e nos consolarmos nos louvores de Deus, e derramarmos as nossas petições diante dele.

Direção 13. E para que o seu trabalho seja bem feito, certifique-se de ter fins corretos; e que não seja para agradar a uma fantasia andante, nem a uma mente orgulhosa e vã, nem a um desejo avarento de ser rico ou importante que você vai para fora; mas que o faça de propósito e principalmente para servir a Deus no exterior, e ser capaz de servi-lo melhor quando voltar para casa, com a sua inteligência, experiência e bens. Se sinceramente você vai para este fim, e não pelo amor ao dinheiro, pode esperar o maior conforto.

Direção 14. Não permaneça no exterior mais tempo do que os seus fins e trabalho legítimos exigirem: e quando voltar para casa, que se veja que você viu o pecado para que pudesse odiá-lo; e que pela observação dos erros e males do mundo, você ama a sã doutrina, o culto espiritual e a vida santa, sóbria e justa melhor do que amava antes; e que está melhor resolvido e equipado para uma vida piedosa, exemplar e frutífera.

Mais uma coisa advertirei a alguns pais que enviam os seus filhos a viajar para evitar que se casem antes do tempo, para que não tenham parte de seus bens cedo demais: que há outros meios melhores do que este, os quais a prudência

pode descobrir: se os mantiverem simples, longe da fartura, da ociosidade e da má companhia (o que um homem sábio, abnegado e diligente pode fazer, mas outro não), e os comprometerem com tanto estudo e negócios (conjuntos) quanto puderem bem realizar, e quando precisarem casar-se, que seja feito com escolha prudente e cuidadosa; e aprendam eles mesmos a viver um pouco mais simplesmente para que possam dispensar aquilo de que o filho necessitará: este curso seria melhor do que aquele perigoso em questão.

CAPÍTULO 20
DIREÇÕES CONTRA A OPRESSÃO

Seção 1. Motivos e Direções contra a Opressão.

A opressão é o ferimento de inferiores que são incapazes de resistir ou de obter justiça por si mesmos; quando os homens usam o poder para derrubar o direito. Contudo, nem tudo é opressão que é assim chamado pelos pobres, ou por inferiores que sofrem; pois estes são propensos a ser parciais em sua própria causa bem como os outros. Pode haver injustiça nas expectativas dos pobres, bem como nas ações dos ricos. Alguns pensam que são oprimidos se forem justamente punidos por seus crimes; e alguns dizem que são oprimidos se não tiverem as suas vontades e desejos injustos, e se não lhes for permitido prejudicar os seus superiores: e muitos dos pobres chamam de opressão tudo o que sofrem de qualquer um que esteja acima deles, como se fosse o suficiente para provar ser uma injustiça o fato de um homem rico fazê-lo:

mas, contudo, a opressão é um pecado muito comum e hediondo.

Há tantas formas de oprimir os outros quantas são as vantagens que os homens de poder têm contra eles. Mas as principais são as seguintes:

1. O tipo mais comum e hediondo são as injustiças e crueldades malignas dos ímpios contra os homens que não querem ser tão indiferentes nas questões de Deus e da salvação quanto eles próprios; e que não serão de suas opiniões na religião, e tão ousados com o pecado, e tão descuidados de suas almas como eles. Estes são odiados, reprovados, caluniados, abusados e de alguma forma perseguidos comumente onde quer que vivam em todo o mundo. Mas deste tipo de opressão já falei antes.

2. Um segundo tipo é a opressão dos súditos por seus governantes; seja por leis injustas, por execuções cruéis, por imposições ou exações injustas, impondo ao povo impostos, tributos ou servidões maiores do que o bem comum exige, e do que são capazes de bem suportar. Assim Faraó oprimiu os israelitas até que os seus gemidos trouxeram a vingança de Deus sobre ele. Mas evito propositadamente meter-me nos pecados dos magistrados.

3. Os soldados também são comumente culpados de opressões desumanas e bárbaras; saqueando os pobres camponeses, dominando sobre eles e roubando-lhes o fruto de seus duros trabalhos, e o pão com o qual deveriam manter as suas famílias, e tomando tudo o que podem deitar as mãos como seu próprio. Mas (a

menos que seja por alguns poucos que são uma maravilha no mundo) este tipo de homem é tão bárbaro e desumano que não lerá nem considerará nenhum conselho que eu lhe der. (Nenhum homem os descreve melhor do que Erasmo).

4. Da opressão de servos por seus senhores já falei o suficiente antes; e entre nós, onde os servos são livres para mudar para senhores melhores, não é o tipo mais comum de opressão; mas antes os servos são geralmente negligentes e infiéis porque sabem que são livres (exceto no caso dos aprendizes).

5. É um tipo muito comum de opressão para os ricos em todos os lugares dominarem de forma muito insolente sobre os pobres, e forçá-los a seguir as suas vontades e servir ao seu interesse, certo ou errado: de modo que é raro encontrar um homem pobre que ouse desagradar ao rico, embora seja em uma causa onde Deus e a consciência o exijam. Se um homem rico os prejudica, eles não ousam buscar o seu remédio por lei, porque ele os cansará pela vantagem de seus amigos e riqueza; e ou vencerá a causa contra eles, por mais injusta que seja, ou prolongará o processo até os ter arruinado e forçado a submeterem-se à sua vontade opressora.

6. Especialmente os proprietários de terras sem misericórdia são os comuns e severos opressores dos camponeses: se alguns poucos homens puderem apenas conseguir dinheiro suficiente para comprar todas as terras de uma região, pensam que podem fazer com o que é deles o que bem entenderem, e estabelecem condições tão duras para os seus

inquilinos que estes não passam de servos deles, sim, e vivem uma vida mais problemática do que os servos vivem: quando trabalharam duramente todo o ano, mal conseguem juntar o suficiente para pagar o aluguel do proprietário; as suas necessidades são tão urgentes que não têm sequer lazer para orar de manhã ou à noite em suas famílias, ou para ler as Escrituras, ou qualquer livro bom; nem quase nenhum espaço em seus pensamentos para as coisas santas: as suas mentes estão tão distraídas com necessidades e cuidados que mesmo no dia do Senhor, ou em um momento de oração, mal conseguem manter as suas mentes atentas ao trabalho sagrado que têm em mãos. Se as mentes mais livres têm muito esforço para manter os seus pensamentos em seriedade e ordem, na meditação ou na adoração a Deus; quão difícil deve ser para um pobre homem oprimido, cujo corpo está cansado de trabalhos fatigantes, e a mente distraída com cuidados contínuos, como pagar o seu aluguel, e como ter comida e vestuário para a sua família! Quão inapta é uma pessoa assim perturbada e descontente para viver em gratidão a Deus e em seus alegres louvores! A abundância dos grandes homens voluptuosos do mundo usa os seus inquilinos e servos apenas como as suas feras, como se tivessem sido feitos apenas para trabalhar e cansar-se por eles, e a sua principal felicidade consistisse em cumprir a vontade deles e viver sob o seu favor.

Direção 1. O principal meio para vencer este pecado é compreender a grandeza dele. Pois a carne convence os homens carnais a julgarem o pecado de acordo com o seu próprio interesse egoísta, e não de acordo com o interesse

dos outros, nem de acordo com os verdadeiros princípios de caridade e equidade; e assim justificam-se em sua opressão.

Consid. 1. Que a opressão é um pecado não apenas contrário à caridade cristã e à negação de si mesmo, mas até mesmo à própria humanidade. Somos todos feitos de uma mesma terra, e temos almas do mesmo tipo: há um parentesco tão próximo entre toda a humanidade quanto uma identidade específica; como entre uma ovelha, uma pomba, um anjo e outro: como entre várias gotas da mesma água, e várias faíscas do mesmo fogo; as quais têm uma tendência natural para a união mútua. E assim como é uma coisa desumana para um irmão oprimir a outro, ou para um membro do mesmo corpo estabelecer um interesse próprio seu, e fazer com que todos os outros, por mais dolorosamente que seja, sirvam a esse interesse privado; o mesmo é para os homens que são filhos do mesmo Criador. Muito mais para aqueles que se consideram membros do mesmo Redentor, e irmãos em Cristo pela graça e regeneração, com aqueles a quem oprimem. Ml 2:10, "Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus? Por que seremos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais?". Se não devemos mentir uns aos outros porque somos membros uns dos outros, Ef 4:25; e se todos os membros devem ter o mesmo cuidado uns dos outros, 1 Co 12:25; certamente então não devem oprimir-se uns aos outros.

Consid. 2. Um opressor é um anticristo e um antigo Deus: ele é contrário a Deus, que tem prazer em fazer o bem, e cuja bondade mantém todo o mundo; que é bondoso com

os seus inimigos, e faz o seu sol brilhar e a sua chuva cair sobre os justos e sobre os injustos: e mesmo quando aflige o faz contra a vontade, não tem prazer em entristecer os filhos dos homens. Ele é contrário a Jesus Cristo, que se deu a si mesmo em resgate por seus inimigos, e se fez a si mesmo maldição para os remir da maldição, e condescendeu em sua encarnação à natureza do homem, e em sua paixão à cruz e sofrimento que mereciam: e sendo rico e Senhor de tudo, contudo se fez pobre para que nós por sua pobreza fôssemos feitos ricos. Ele suportou a cruz e desprezou a vergonha, e esvaziou-se de sua reputação, considerando a sua honra e alegria ser o Salvador das almas dos homens, mesmo dos pobres e desprezados do mundo. E estes opressores vivem como se tivessem sido feitos para afligir o justo, e para roubar-lhe as misericórdias de Deus, e para fazer cruz para os outros homens carregarem, e para pisar em seus irmãos como degraus para a sua própria ascensão. O Espírito Santo é o Consolador do justo e do fiel. E estes homens vivem como se o seu chamado fosse privar os homens de seu conforto.

Consid. 3. Sim, um opressor é não apenas o agente do diabo, mas a sua imagem: é o diabo que é o destruidor, e o devorador, que faz de sua atividade arruinar os homens e trazê-los à miséria e angústia. Ele é o grande opressor do mundo: contudo, nisto ele é muito inferior à malignidade dos homens-demônios, 1. Que ele não o faz por força e violência, mas por engano, e não prejudica nenhum homem até que obtenha o seu próprio consentimento para pecar; ao passo que os nossos opressores o fazem por sua força e poder brutos. 2. E o diabo destrói os homens, que não são os seus irmãos, nem do seu mesmo tipo; mas estes

opressores nunca hesitam diante da violação de tais relações.

Consid. 4. A opressão é um pecado que serve grandemente ao diabo para a condenação das almas dos homens, bem como para a aflição de seus corpos. E não são poucos, mas milhões que são arruinados por ela. Pois, como mostrei antes, ela consome a mente e o tempo dos homens de forma tão completa para obterem um pobre sustento no mundo que não têm mente nem tempo para coisas melhores. Estão tão preocupados com muitas coisas que a única coisa necessária é deixada de lado. Todos os trabalhos de muitos pastores dignos e capazes são frustrados por opressores: para não dizer nada da maior parte do mundo, onde a tirania e a opressão de príncipes pagãos infiéis e maometanos mantêm fora o evangelho e os meios de vida; nem contudo de quaisquer outros perseguidores: se exortamos um servo a ler as Escrituras, e a invocar a Deus, e a pensar no seu estado eterno, ele nos diz que não tem tempo para o fazer, senão quando o seu corpo cansado precisa de descanso. Se desejamos que os chefes de família instruam e catequizem os seus filhos e servos, e orem com eles, e leiam as Escrituras e outros livros bons para eles, dizem-nos o mesmo: que não têm tempo, senão quando deveriam dormir; e que no dia do Senhor os seus corpos cansados e mentes preocupadas são inaptos para atender e dedicar-se a tal trabalho (o que quietude as suas consciências em sua ignorância e negligência das coisas celestiais, e os faz pensar ser apenas trabalho de cavalheiros e homens ricos que têm lazer; mas são mais afastados disso por sua prosperidade do que estes por sua pobreza): e assim a opressão destrói a religião e as almas do povo bem como os seus bens.

Consid. 5. A opressão põe ainda mais em perigo tanto as almas dos homens quanto a paz pública, e a segurança dos príncipes, ao tentar a multidão pobre a descontentamentos, sedições e insurreições. Cada homem é naturalmente amante de si mesmo acima dos outros: e os pobres, bem como os ricos e governantes, têm um interesse próprio que os governa; e dificilmente honrarão, amarão ou pensarão bem daqueles por quem sofrem. É quase tão natural para um homem sob opressão estar descontente e queixar-se quanto para um homem febril queixar-se de doença, calor e sede. Nenhum reino na terra é tão santo e feliz que tenha todos ou a maioria dos súditos como santos confirmados e eminentes que se contentarão em ser arruinados, e amarão e honrarão aqueles que os arruínam. Portanto, os homens devem ser tomados como são. Se "a opressão faz enlouquecer o sábio", Ec 7:7, muito mais a multidão, que está longe da sabedoria. A miséria torna os homens desesperados quando pensam que não podem estar muito piores do que já estão. Quantos reinos foram assim incendiados (como rodas de madeira se incendeiam quando uma parte roça com muita força e por muito tempo sobre a outra)! Sim, se o príncipe for excelente e irrepreensível, a crueldade dos nobres e dos homens ricos da terra pode ter os mesmos efeitos. E nestas combustões, a paz do reino, as vidas e as almas dos sediciosos são feitas sacrifício para os desejos carnais dos opressores.

Direção 2. Considerem com temor como a opressão transforma os gemidos e gritos dos pobres ao Deus da vingança contra os opressores. E vá àquele homem que tem as lágrimas e as orações dos inocentes oprimidos soando o alarme para a justiça vindicativa despertar para

o seu alívio. "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça", Lc 18:7-8. "O Senhor será também um alto refúgio para o oprimido", Sl 9:9. "Para fazer justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem da terra não prossiga em usar de violência", Sl 10:18. "O Senhor faz justiça e juízo a todos os oprimidos", Sl 103:6; Sl 146:7. Sim, Deus está duplamente engajado em vingar-se dos opressores, e ameaçou com uma execução especial de seu julgamento contra eles acima da maioria dos outros pecadores: em parte como um ato de misericórdia e alívio para os oprimidos; de modo que a matéria de ameaça e vingança para o opressor é a matéria de promessa e favor de Deus para os que sofrem: e em parte como um ato de sua justiça vindicativa contra aqueles que quebram de forma tão hedionda as suas leis. O opressor tem de fato o seu tempo de poder, e nesse tempo os oprimidos parecem estar desamparados e negligenciados por Deus; como se ele não ouvisse os seus gritos: mas quando a sua paciência tiver suportado a tirania dos soberbos, e a sua sabedoria tiver provado a paciência dos sofredores até o tempo determinado; quão rapidamente e terrivelmente então a vingança alcança os opressores e os torna avisos para aqueles que os seguem! Na hora do ímpio e do poder das trevas, o próprio Cristo foi oprimido e afligido, Is 53:7, e "na sua humilhação foi o seu julgamento tirado", At 8. Mas quão rapidamente a vingança destruidora alcançou aqueles zelotes sangrentos, e quão grave é a ruína sob a qual jazem até hoje, a qual pensavam por esse mesmo assassinato ter escapado! Salomão diz, Ec 4:1: ele "considerou todas as opressões que se fazem debaixo do

sol; e eis as lágrimas dos oprimidos, e eles não tinham consolador; e o poder estava do lado dos seus opressores; mas eles não tinham consolador". O que o fez louvar os mortos e os que ainda não nasceram. Mas contudo, aquele que entra com David no santuário e vê o fim dos opressores percebê-los-á postos em lugares escorregadios e caindo na destruição em um momento, Sl 37; Sl 73. Os israelitas no Egito pareceram por muito tempo gemer e clamar em vão; mas quando o tempo determinado para a sua libertação chegou, Deus disse: "Tenho visto com efeito a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheço as suas dores. E desci para o livrar... E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem", Êx 3:7-9. Dt 26:6-7, "E os egípcios nos maltrataram e nos afligiram, e sobre nós puseram uma dura servidão; e clamamos ao Senhor Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa miséria, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão". Veja Sl 107:39-42. Assim Sl 12:5, "Por causa da opressão dos pobres, do gemido dos necessitados, me levantarei agora, diz o Senhor; porei em salvo aquele contra quem eles assopram. Tu os guardarás, Senhor; desta geração os livrarás para sempre". "Não confieis na opressão", Sl 62:10. Porque Deus é o vingador, e as suas pragas vingarão as injustiças dos oprimidos.

Direção 3. Lembrem-se de que nome odioso os opressores comumente deixam para trás na terra. Nenhum tipo de homem é mencionado pela posteridade com maior ódio e desprezo. Porque o interesse da humanidade os direciona para isso, e pode prognosticar isso bem como a justiça de Deus. Embora o poder dos

opressores soberbos possa fazer os homens terem medo de falar na cara deles o que pensam, contudo aqueles que estão fora de seu alcance derramarão a amargura de suas almas contra eles. E quando a morte tiver amarrado as suas mãos cruéis, ou qualquer julgamento de Deus os tiver lançado por terra e quebrado os seus dentes, quão livremente os afligidos expressarão a sua dor! E a fama não terá medo de entregar a sua imagem feia à posteridade, de acordo com o merecido. Penso, portanto, que até mesmo o orgulho em si deveria ser uma grande ajuda para banir a opressão do mundo. Que nome honroso tem um Trajano, um Tito, um Antonino, um Alexandre Severo! E que nome odioso tem um Nero, um Calígula, um Cômodo, um D'Alva, etc.! A maioria dos homens orgulhosos deseja ser exaltada e ter um nome glorioso sobrevivendo a eles quando estiverem mortos; e contudo tomam o curso para tornar a sua memória abominável; tanto o pecado contradiz e frustra as esperanças do pecador!

Direção 4. Não sejam estranhos à condição ou às reclamações de quaisquer de seus inferiores. É a miséria de muitos príncipes e nobres estarem cercados de tais assessores que mantêm todas as lamentações de seus súditos e inquilinos longe de seus ouvidos; ou representam-nas apenas como murmúrios de homens inquietos e descontentes; de modo que os superiores não saberão mais do caso de seus inferiores do que os seus atendentes queiram; nem mais do opróbrio que cai sobre eles mesmos. O caso deles é de se compadecer; mas o caso de seus inferiores mais (porque é a sua própria escolha deliberada que aprisionou o seu entendimento com tais informantes; e é a sua negligência inescusável que os mantém longe de buscar informação mais verdadeira). Um

bom proprietário de terras será familiar com o mais simples de seus inquilinos e os encorajará livremente a expor as suas reclamações, e esforçar-se-á por se informar sobre quem está em pobreza e angústia, e como isso veio a acontecer; para que, quando tiver ouvido tudo, possa compreender se é a sua própria opressão ou a falta de seus inquilinos que é a causa: quando homens soberbos, que buscam apenas a si mesmos, desprezam tal convívio inferior, e se têm servos que apenas lhes dizem que os inquilinos têm um bom negócio e são murmuradores, esbanjadores, pessoas ociosas, acreditam neles sem mais investigações e, em negligência ignorante, oprimem o pobre.

Direção 5. Mortifiquem as suas próprias paixões e curiosidade pecaminosa que o faz pensar que precisa de tanto, o que o tenta a consegui-lo oprimindo os outros. Saibam bem quão pouco é verdadeiramente necessário! E com quão pouco a natureza (bem ensinada) está satisfeita! E que privilégio é precisar de pouco! O orgulho e a curiosidade são um abismo insaciável. O incômodo diário parece-lhes uma acomodação necessária. Tanto deve ser gasto em recreações supérfluas, construções, enfeites, móveis, equipagem, acompanhantes, banquetes, visitas, ostentação e um mundo de coisas desnecessárias (chamadas pelos nomes de beleza, limpeza, capricho, conveniência, prazer, utilidade, honra, cortesia, elegância, etc.). Tanto a concupiscência carnal, o orgulho e a curiosidade consomem que centenas de pobres devem ser oprimidos para mantê-los; e muitos homens que têm dezenas ou centenas de inquilinos que, com todas as suas famílias, trabalham diariamente para lhe dar provisão para as suas paixões carnais descobrem ao final do ano que

tudo mal serve para a tarefa, mas este devorador ganancioso poderia encontrar espaço para mais; quando um de seus pobres inquilinos poderia viver e manter toda a sua família confortavelmente se tivesse apenas tanto quanto o seu proprietário gasta em um terno de roupa, ou um banquete orgulhoso, ou um cavalo, ou uma matilha de cães. Não estou persuadindo os mais altos a nivelarem o seu vestuário e despesas igual aos mais baixos; mas mortifiquem o orgulho, a curiosidade e a gula, e encontrarão menos necessidade de oprimir o pobre ou de alimentar a sua concupiscência com o suor e os gemidos dos afligidos.

Direção 6. Não sejam o único juiz de suas próprias ações em um caso controvertido; mas se alguém se queixar de você, ouça o julgamento de outros que são sábios e imparciais no caso. Pois é fácil julgar mal onde o interesse próprio está envolvido.

Direção 7. Amem os seus irmãos pobres como a si mesmos, e deleitem-se no bem-estar deles como se fosse o seu próprio. E então vocês nunca os oprimirão de boa vontade; e se o fizerem por ignorância, rapidamente o sentirão e desistirão após a reclamação justa deles; como você rapidamente sentirá quando ferir a si mesmo e não precisará de grande exortação para abster-se.

Seção 2. Casos de Consciência sobre a Opressão, especialmente de Inquilinos.

Pergunta 1. É lícito para um homem de posses modestas, que precisa aproveitar o melhor de sua terra, comprar

terras alugadas de um proprietário liberal que cobra de seus inquilinos um preço muito mais baixo do que o comprador pode arcar?

Resposta. Distinga: 1. Entre um vendedor que compreende tudo isso e um que não compreende. 2. Entre um inquilino que tem por costume um meio-direito ao seu aluguel mais brando e um que não tem. 3. Entre um inquilino que consente e um que não consente. 4. Entre comprá-la quando um homem liberal poderia de outra forma tê-la comprado, e comprá-la quando outro pior a teria comprado. 5. Entre um caso de escândalo e de nenhum escândalo.

E assim respondo: 1. Se o proprietário que a vende espera que o comprador trate os inquilinos tão bem quanto ele fez, e a vende de acordo, é injusto agir de outro modo (ordinariamente). 2. Em muitos países é costume não expulsar um inquilino, nem aumentar o seu aluguel; de modo que muitas gerações mantiveram a mesma terra pelo mesmo aluguel; o que, embora não dê título legal, é contudo um meio-direito na estimativa comum. Em tal caso, será escandaloso, infame, injusto e, portanto, ilícito comprá-la com o propósito de aumentar o aluguel e agir de acordo. 3. No caso de um proprietário melhor comprá-la se você não o fizer, o qual trataria o inquilino melhor do que você pode tratar, não é (ordinariamente) lícito você comprá-la. Eu expresso ou implico "ordinariamente" na maioria de minhas soluções; porque há algumas exceções contra quase todas essas respostas em casos extraordinários, os quais o maior volume mal pode enumerar.

Mas se, 1. For ato do próprio vendedor retirar a sua liberalidade dos inquilinos a ponto de vender a sua terra por taxas duras, sob a suposição de que o comprador irá melhorá-la. 2. E se for um inquilino que não possa, por costume ou qualquer outra alegação, apresentar um direito em equidade à sua terra de aluguel brando. 3. E se outro proprietário tão ruim quanto você a compraria se você não o fizesse. 4. Se não for um escândalo real: digo, se todos estes quatro requisitos concorrerem; 5. Ou (isoladamente) se o inquilino consentir livremente com a sua compra nestes termos; então não é injustiça. Mas o curso comum é um homem avarento que tem dinheiro nunca considerar que perda o inquilino sofre com a sua compra, mas comprar e melhorar a terra ao seu bel-prazer; o que nada é melhor do que opressão.

Pergunta 2. Não pode um proprietário de terras receber tanto por sua terra quanto ela vale?

Resposta. 1. Às vezes é terra à qual nenhum homem pode reivindicar um título equitativo para manter por um aluguel mais suave, e às vezes é de outro modo, como dito antes, por costume e longa posse, ou outros motivos. 2. Às vezes o inquilino é alguém a quem você está obrigado a mostrar misericórdia; e às vezes é alguém a quem nada mais do que a justiça comutativa é devido. E assim respondo: 1. Se for um inquilino antigo que, por costume ou qualquer outro fundamento, possa reivindicar um título equitativo ao seu antigo preço brando, você não pode aumentar o aluguel para o valor total. 2. Se for alguém a quem você está obrigado a mostrar misericórdia bem como justiça, você não pode receber o valor total. 3. O caso comum na Inglaterra é os proprietários de terras serem da

nobreza ou fidalguia, e os inquilinos serem homens pobres que nada têm senão o que conseguem por seu duro trabalho na terra que possuem; e, neste caso, algum abatimento do valor total não passa de uma misericórdia necessária, a qual pode ser chamada de justiça. Note ainda que, pelo valor total, quero dizer tanto quanto você poderia alugar para um estranho que não espera senão estrita justiça, como os homens compram e vendem coisas em um mercado.

Mas, 1. Se você tratar com um inquilino tão rico ou mais rico do que você mesmo, ou com um que não necessite de sua misericórdia, ou não seja objeto adequado dela; 2. E se for terra à qual nenhum homem pode por costume reivindicar equitativamente condições mais baixas, e assim não representa injustiça para outro, nem justo escândalo, então você pode legalmente aumentá-lo ao valor total. Às vezes um homem pobre aluga uma casa ou terra para um homem rico, onde o escrúpulo não tem lugar.

Pergunta 3. Pode um proprietário de terras aumentar os seus aluguéis, embora não receba o valor total?

Resposta. Ele pode fazê-lo quando houver razão justa para isso, e nenhuma contra. Há razão justa para isso quando: 1. A terra estava muito abaixo do valor antes. 2. Ou quando a terra está proporcionalmente melhorada. 3. Ou quando a abundância de dinheiro torna uma soma maior em efeito nada mais do que uma menor anteriormente. 4. Ou quando um aumento de pessoas, ou outro acidente, torna a terra mais cara do que era. Mas então deve supor-se: 1. Que nenhum contrato, 2. Nem

costume, 3. Nem serviço e mérito deem ao inquilino qualquer direito equitativo ao seu melhor preço brando. E também que a misericórdia não proíba a mudança.

Pergunta 4. Quanto deve um proprietário de terras colocar a sua terra abaixo do valor total para que não seja nenhum opressor, ou sem misericórdia para com os seus inquilinos?

Resposta. Nenhuma proporção única pode ser determinada; porque uma grande alteração pode ser feita em relação à capacidade do inquilino, ao seu mérito, ao tempo e lugar, e outros acidentes. Alguns inquilinos são tão ricos, como dito, que você não está obrigado a nenhum abatimento. Alguns são tão ruins que você não está obrigado a mais do que estrita justiça e humanidade comum para com eles. Alguns anos (como o último, quando uma seca mais longa do que qualquer homem vivo conhecera queimou a grama) desabilitam o inquilino de pagar o seu aluguel; algumas regiões são tão escassas de dinheiro que um pequeno abatimento representa mais do que em outro lugar; mas ordinariamente o tipo comum de inquilinos na Inglaterra deveria ter tanto abatido do valor total que possam viver confortavelmente da terra, e seguir os seus trabalhos com alegria de mente, e liberdade para servir a Deus em suas famílias, e atentar para as questões de sua salvação, e não serem necessitados a tais trabalhos fatigantes, cuidados e falta penosa que os tornem mais parecidos com escravos do que com homens livres, e tornem as suas vidas desconfortáveis para eles, e os tornem inaptos para servir a Deus em suas famílias, e oportunamente atentar para as coisas eternas.

Pergunta 5. E se o proprietário de terras estiver em dívida, ou tiver alguma necessidade atual de dinheiro, não pode ele então aumentar o aluguel daquelas terras que estavam abaixo do valor antes?

Resposta. Se o seu orgulho finge necessidade onde não há nenhuma (como dar dotes extraordinários para as suas filhas, erguer edifícios suntuosos, etc.), esta não é uma boa desculpa para a opressão. Mas se ele realmente cair em necessidade, então tudo o que os seus inquilinos possuem como meras dádivas livres de sua liberalidade ele pode retirar (visto não ser mais capaz de doar). Mas aquilo a que tinham por costume um direito equitativo, ou por contrato também um direito legal, ele não pode retirar. (E, contudo, tudo isto é pecado dele se ele trouxe essa pobreza culpavelmente sobre si mesmo; é pecado dele na causa, embora, supondo essa causa, o aumento de seu aluguel seja lícito). Mas não é qualquer dívida em um homem rico, que tem outras formas de pagá-la, que constitui uma verdadeira necessidade neste caso; e se uma dívida atual tornou isso necessário apenas naquele momento, é melhor (por multa ou de outra forma) fazer um suprimento atual, do que com isso impor um fardo perpétuo sobre os inquilinos quando a causa já cessou.

Pergunta 6. E se houver abundância de pessoas honestas em necessidade muito maior do que os meus inquilinos estão (sim, talvez pregadores do evangelho), e eu não tiver outro caminho para socorrê-las a menos que aumente os meus aluguéis; não estou obrigado antes a dar aos melhores e mais pobres do que a outros?

Resposta. Sim, se fosse um caso que dissesse respeito ao mero dar; mas quando você deve tirar de um para dar a outro, há mais a ser considerado nisso. Portanto, nestes dois casos, pelo menos, você não pode aumentar os aluguéis de seus inquilinos para socorrer os melhores ou mais pobres que sejam: 1. No caso de ele ter algum direito equitativo à sua terra, como por um aluguel mais suave. 2. Ou no caso de o escândalo de aparente injustiça ou crueldade ser propenso a causar mais prejuízo ao interesse da religião e às almas dos homens do que o seu socorrer os pobres com o acréscimo faria de bem (o que um homem prudente, por comparação de consequências prováveis, pode satisfatoriamente discernir): mas se fosse não apenas para preservar os confortos, mas para salvar as vidas de outros em sua fome atual, a natureza ensina você a tirar aquilo que é verdadeiramente seu, tanto de seus inquilinos quanto de seus servos e de sua própria boca, para socorrer os homens em tal extrema aflição; e a natureza ensinará todos os homens a julgarem isso como o seu dever, e nenhuma opressão escandalosa. Mas quando você não puder socorrer as necessidades comuns dos pobres sem um aumento tão escandaloso de seus aluguéis que cause mais mal do que as suas esmolas fariam de bem, Deus não o chama então a dar tais esmolas; mas você deve ser suposto incapaz de fazê-lo.

Pergunta 7. Posso aumentar o aluguel de um inquilino, ou expulsá-lo de sua casa, porque ele é um homem mau; por meio de uma espécie de penalidade?

Resposta. Um homem mau tem direito ao que é seu, bem como um homem bom; e, portanto, se ele tiver direito legal ou equitativo, você não pode; nem contudo se o escândalo

disso for propenso a causar mais prejuízo do que o bem que você pretende pode compensar. De outra forma, você pode aumentar o seu aluguel ou expulsá-lo se ele for uma pessoa ímpia, devassa e incorrigível após a devida admoestação; sim, e você deve fazê-lo, para não ser um protetor da impiedade. Se os pais sob a lei de Moisés eram obrigados a acusar o seu próprio filho aos juízes em tal caso, e dizer: "Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz; é um comilão e um beberrão; e todos os homens da sua cidade o apedrejarão com pedras, até que morra; e tirarás o mal do meio de ti", Dt 21:18-21; então certamente um inquilino ímpio não deve ser poupado a ponto de ser protegido por bondade em seu pecado. É trabalho do magistrado puni-lo por justiça governamental; mas é seu trabalho, como benfeitor prudente, reter dele as suas dádivas de bondade. E penso que é um dos grandes pecados desta época que isto não seja feito, sendo um dos meios mais nobres imagináveis para reformar a terra e torná-la feliz: se os proprietários de terras punissem ou expulsassem assim os seus inquilinos ímpios e incorrigíveis, isso faria muito mais do que o magistrado pode fazer. O povo comum é governado de forma mais eficaz pelo seu interesse, assim como governamos os nossos cães e cavalos mais pelo governo de seus estômagos do que pela força. Eles obedecerão mais àqueles de quem consideram que o seu bem ou mal tem mais dependência. Se os proprietários de terras considerassem as almas de seus inquilinos tanto a ponto de corrigi-los assim por sua impiedade, seriam os maiores benfeitores e reformadores da terra; mas, infelizmente, quem reformará primeiro os proprietários de terras? E

quando se pode esperar que muitos ou a maioria dos grandes homens sejam assim?

Pergunta 8. Pode alguém tomar uma casa sobre a cabeça de outrem (como se diz), ou pegar a terra de que ele é inquilino, antes que ele seja retirado da posse?

Resposta. Não por um desejo ganancioso de ser rico, nem cobiçando o que é de outrem; nem contudo enquanto ele for de alguma forma prejudicado por isso; nem contudo quando o ato for propenso a ser tão escandaloso que prejudique as almas dos homens mais do que aproveitará ao seu corpo. Se você vier com a oferta de um aluguel maior do que ele pode pagar, ou do que o proprietário tem justa causa de exigir dele, para tirá-lo de suas mãos oferecendo mais, isto é mera opressão avarenta. Mas em outros casos é lícito tomar a casa e terra de que outro inquilino tem posse: como, 1. No caso de ele voluntariamente deixá-la e consentir. 2. Ou se ele involuntariamente (mas justamente) for retirado; e outro inquilino deve ser providenciado para o momento em que ele deve ser despojado da posse. 3. Sim, se ele for injustamente retirado, se aquele que o sucede não tiver participação nisso, nem por sua tomada da casa ou terra promova a injustiça, nem apoie escandalosamente a injustiça. Pois quando um imóvel está vago, embora por injustiça, não se segue que nenhum homem possa jamais viver nele mais; mas se o título for daquele que foi expulso, então você não pode tomá-lo de outro; porque possuirá a habitação de outro homem. Mas se devesse valer como regra permanente que nenhum homem pode, em caso algum, tomar uma casa sobre a cabeça de outro homem (como as pessoas do campo gostariam de ter), então a casa

e terra de todo homem devem ficar por muito tempo desocupadas para agradar a vontade de cada possuidor contencioso ou injusto; e qualquer um que não tenha título, ou queira agir como velhaco, pode prejudicar o verdadeiro dono ao seu bel-prazer.

Pergunta 9. Pode um homem rico expulsar os seus inquilinos para anexar as terras deles às suas próprias terras senhoriais, e assim juntar casa a casa, e terra a terra?

Resposta. Em dois casos ele não pode: 1. No caso de prejudicar o inquilino que é expulso, tirando dele aquilo a que tem direito, sem a satisfação e o consentimento dele. 2. E no caso de tender realmente ao prejuízo da comunidade, por despovoamento e diminuição da força dela. De outra forma, é lícito; e feito com moderação por um homem piedoso pode ser muito conveniente: 1. Evitando que a terra caia na mendicância pela multidão de famílias pobres que a sobrecarregam. 2. Mantendo mais servos, entre os quais ele possa manter uma melhor ordem e um governo mais piedoso em sua própria casa (tornando-a como uma igreja) do que se pode esperar em famílias pobres; e os seus servos terão (para a alma e para o corpo) uma vida muito melhor do que se tivessem se casado e tivessem famílias e pequenas propriedades próprias; mas em um país que antes necessita de pessoas, é de outra forma.

Pergunta 10. Pode um homem ser inquilino de vários imóveis?

Resposta. Sim, se não tender: 1. Ao prejuízo de qualquer outro; 2. Nem ao despovoamento, ou a impedir o sustento

de outros, enquanto um homem monopoliza mais do que é necessário ou adequado; pois então é ilícito.

Pergunta 11. Pode um homem ter muitos comércios ou chamados?

Resposta. Não quando o fizer em um desejo avarento de crescer rico, incapacitando os seus vizinhos pobres de viverem perto dele nos mesmos chamados, buscando monopolizar todo o ganho para si mesmo; nem contudo quando forem chamados que são inconsistentes; ou quando ele não puder administrar um corretamente sem a negligência pecaminosa do outro. Mas, de outra forma, é tão lícito ter dois comércios quanto um.

Pergunta 12. É lícito para um homem manter lojas em várias cidades de mercado?

Resposta. A mesma resposta servirá para a pergunta anterior.

CAPÍTULO 21
CASOS SOBRE, E DIREÇÕES CONTRA, A PRODIGALIDADE E O DESPERDÍCIO PECAMINOSO

Como o interesse carnal e a sensualidade dos homens são predominantes com a maior parte do mundo, e por isso os governam em seu julgamento sobre o dever e o pecado, daí resulta que o desperdício e a prodigalidade são facilmente considerados faltas quando trazem os homens à vergonha ou à mendicância, ou contrariam visivelmente o seu

próprio prazer ou comodidade: mas em outros casos, raramente são reconhecidos como pecados de modo algum; sim, todos os que são beneficiados por eles os consideram virtudes, e mal há qualquer pecado que seja tão comumente elogiado; o que deve necessariamente tender ao aumento dele, e a endurecer os homens em sua impenitência nele; e na verdade, se a avareza, e o egoísmo ou a pobreza não o refreassem em mais pessoas do que a verdadeira consciência faz, ele seria considerado a qualidade mais louvável, e julgado como o mais meritório de louvor presente e felicidade futura. Portanto, ao direcioná-lo contra este pecado, devo primeiro dizer-lhe o que ele é; e depois dizer-lhe em que consiste a malignidade dele: o primeiro será melhor feito na definição dele, e na enumeração dos exemplos, e no exame de cada um deles.

Direção 1. Compreendam verdadeiramente o que são a frugalidade necessária, ou parcimônia, e o desperdício pecaminoso.

O que é a frugalidade necessária.

A frugalidade necessária ou parcimônia é um ato de fidelidade, obediência e gratidão pelo qual usamos todos os nossos bens de forma tão fiel para com o Proprietário principal, tão obedientemente para com o nosso Governante principal, e tão grata para com o nosso Benfeitor principal, que não os desperdiçamos de nenhum outro modo.

Como possuímos os nossos bens sob Deus, como Proprietário, Governante e Benfeitor, assim devemos dedicá-los a ele e usá-los para ele em cada relação: e a parcimônia cristã não pode ser definida por uma mera

negação de desperdício ativo, porque a própria ociosidade, e o não usá-los corretamente, é desperdício real.

O desperdício, o que é.

O desperdício ou prodigalidade é aquele pecado de infidelidade, desobediência e ingratidão pelo qual, por ação ou omissão, gastamos mal ou desperdiçamos alguma parte de nossos bens para o prejuízo de Deus, nosso Senhor absoluto, nosso Governante e Benfeitor: isto é, além e contra o interesse dele, o seu comando e o seu prazer e glória, e o nosso fim último.

Estas são definições verdadeiras do dever de frugalidade e do pecado de desperdício.

Exemplo 1. Uma forma de desperdício pecaminoso é no mimo ao estômago no excesso, curiosidade ou custo da comida ou bebida, de que já falei, capítulo 8, parte I.

Pergunta 1. Estão todos os homens obrigados a comer da mesma forma? Ou quando se trata de desperdício e excesso?

Resposta. Esta pergunta é respondida no referido capítulo da gula, parte IV, seção 1. 1. Distinga entre os vários temperamentos, e forças, e apetites dos homens. 2. E entre a restrição da necessidade e a restrição da lei de Deus. E assim resolve-se assim:

1. Tal diferença em quantidade ou qualidade conforme a saúde ou força dos homens e o seu real benefício exijam pode ser feita por aqueles que não têm necessidade.

2. Quando a necessidade priva os pobres daquilo que seria realmente para a sua saúde, força e benefício, não

é dever daqueles que não têm tal necessidade conformarem-se às aflições dos outros homens; exceto quando outras razões o exigirem.

3. Mas todos os homens são obrigados a evitar o real excesso em matéria, ou maneira, e curiosidade, e a não gastar nada sem necessidade com os seus estômagos; sim, nada que sejam chamados a gastar de outra forma melhor. Compreenda esta resposta e ela bastará.

Exemplo 2. Outra forma de prodigalidade é por visitas e banquetes desnecessários e caros.

Pergunta 2. Que custo em visitas e banquetes é ilícito e prodigal?

Resposta. 1. Não apenas tudo o que tem uma origem má, como o orgulho ou a lisonja ao rico, e tudo o que tem um fim mau, como ser feito meramente para manter um interesse e correspondência carnais e inúteis; mas também tudo o que é excessivo em grau. Eu sei que você dirá: "Mas essa é a dificuldade, saber quando é excessivo". Não é totalmente impertinente dizer: quando for acima da proporção de seus próprios bens, ou do uso comum daqueles de sua própria posição, ou quando tender claramente a incentivar a gula ou o excesso nos outros: mas estas respostas não são solução exata. Acrescento, portanto, que é excesso quando qualquer coisa é gasta por esse caminho a qual você é chamado a gastar de outro modo.

Objeção. Mas isto deixa a questão ainda tão difícil quanto antes.

Resposta. Quando na probabilidade racional um bem maior puder ser feito por outro caminho de despesa, pesadas todas as circunstâncias, e um bem maior é por este caminho negligenciado, então você teve um chamado para gastá-lo de outra forma, e esta despesa é pecaminosa.

Objeção. É uma dúvida se, entre dois bens, é dever de um homem escolher sempre o maior.

Resposta. Falando daquele bem que está dentro de sua escolha, não é mais dúvida do que saber se o bem é o objeto da vontade. Se Deus é elegível como bom, então o maior bem é o mais elegível.

Se um homem é obrigado a preferir o maior bem.

Objeção. Mas esta continua sendo uma dificuldade insuperável: como pode um homem em cada ação e despesa discernir por que caminho é mais provável que o maior bem seja alcançado? Isto coloca a consciência de um homem em perplexidades infinitas, e nunca teremos certeza de que não pecamos; pois quando dei a um homem pobre, ou fiz algum bem, por tudo o que sei havia outro mais pobre que deveria ter recebido, ou um bem maior que deveria ter sido feito.

Resposta. 1. A opinião contrária legitima quase toda vilania e destrói a maior parte das boas obras quanto a nós mesmos ou aos outros. Se um homem pode legitimamente preferir um bem menor conhecido antes de um maior, e ser justificado porque o menor é um bem real, então ele pode estar alimentando o seu cavalo quando deveria estar salvando a vida de seu filho ou vizinho, ou apagando um incêndio na cidade, ou defendendo a pessoa de seu rei: ele

pode negar-se a servir ao seu rei e país e dizer: "Eu estava arando ou semeando enquanto isso". Ele pode preferir o sacrifício antes da misericórdia; ele pode negligenciar a sua alma e servir ao seu corpo. Ele pode arar no dia do Senhor e negligenciar todo o culto de Deus. Um dever menor não é dever, mas pecado, quando um maior deve ser feito. Portanto, é certo que quando dois bens se apresentam juntos à nossa escolha, o maior deve ser escolhido, do contrário pecamos. 2. Assim como você espera que o seu administrador proporcione as suas despesas de acordo com a necessidade de seus negócios, e não dê mais por uma coisa do que ela vale, nem gaste o seu dinheiro em mercadoria menor enquanto deixa os seus negócios maiores desprovidos; e assim como você espera que o seu servo, que tem muitas coisas no dia para fazer, tenha tanta habilidade para saber qual preferir, e não deixe por fazer o principal enquanto gasta o seu tempo no menor: assim também Deus exige que os seus servos procurem ser tão habilidosos em seu serviço que sejam capazes de comparar os seus negócios juntos, e saber qual preferir em cada época. Se o cristianismo não exigisse nenhuma sabedoria e habilidade, estaria abaixo dos chamados e profissões comuns dos homens. 3. E, no entanto, quando você tiver feito o seu melhor aqui, e verdadeiramente procurar servir a Deus fielmente, com a melhor habilidade e diligência que tem, não precisa fazer disso uma questão de escrupulosidade, perplexidade e aflição; pois Deus aceita você, e perdoa as suas fraquezas, e recompensa a sua fidelidade. E o que importa se se segue que você não sabe se pode haver alguma omissão pecaminosa de um caminho melhor? É essa uma conclusão tão estranha ou intolerável, contanto que seja

uma falha perdoada, a qual não deve impedir o conforto de sua obediência? É estranho para você que sejamos todos imperfeitos? E imperfeitos em cada bem que fazemos, mesmo por uma imperfeição culpável e pecaminosa? Você nunca amou a Deus em sua vida sem uma imperfeição pecaminosa em seu amor; e contudo nada em você é mais aceitável para ele do que o seu amor. Devemos pensar que um caso de consciência está mal resolvido a menos que possamos concluir que temos certeza de não ter nenhuma imperfeição pecaminosa em nosso dever? Se o seu servo não tem habilidade perfeita para saber o que preferir na compra e venda, ou em seu trabalho, penso que você não lhe permitirá, por isso, negligenciar o maior e melhor, conscientemente, ou por negligência descuidada, nem gostaria que ele se sentasse e choramingasse, dizendo: "Não sei qual escolher"; mas gostaria que ele aprendesse a ser tão habilidoso quanto puder, e então de boa vontade e alegremente fizesse os seus negócios com a melhor habilidade, cuidado e diligência que puder, e isto você aceitará melhor.

De modo que isto vale como a solução mais verdadeira e exata deste e de muitos outros casos semelhantes: Aquele que gasta em um banquete para alguns grandes aquilo que deveria socorrer algumas famílias pobres e aflitas que estão prestes a perecer gasta-o pecaminosamente. Se você não pode ver isso na causa de Deus, suponha que fosse na do rei, e verá: se você tem apenas vinte libras para gastar, e o seu imposto ou subsídio chega a tanto; se você receber algum amigo nobre com esse dinheiro, o rei ficará satisfeito com isso como desculpa? Ou não lhe será dito que o rei deveria ter sido servido primeiro? Lembre-se dele, então, que um dia perguntará: "Alimentastes-me, ou

vestistes-me, ou visitastes-me?", Mt 25. Vocês não são donos absolutos de nada, mas administradores de Deus; e devem gastá-lo conforme ele determina a vocês. E se permitirem que os pobres fiquem definhando em necessidades enquanto gastam muito para receber os ricos sem necessidade ou bem maior, devem responder por isso como um servo infiel.

E, no entanto, por outro lado, pode acontecer que uma pessoa de distinção, por meio de um acolhimento oportuno, prudente, elegante, respeitoso de seus iguais ou superiores, possa fazer mais bem do que distribuindo esse custo aos pobres. Ela pode economizar mais do que gasta, ao evitar o desagrado de homens no poder: pode manter o seu interesse por meio do qual, se for fiel, poderá prestar a Deus e ao seu país mais serviço do que se tivesse dado tanto aos pobres. E quando realmente for um meio necessário para um bem maior, é um dever; e então omiti-lo, e dar esse custo aos pobres, seria um pecado.

Objeção. Mas se esta regra valer, um homem nunca deve fazer senão um tipo de bem; quando tiver encontrado o maior, não deve fazer mais nada.

Resposta. Ele deve sempre fazer o maior bem: mas a mesma coisa não é em todos os momentos o maior bem. Fora de época e medida um bem pode ser transformado em um mal: orar em sua época é melhor do que arar; e arar em sua época é melhor do que orar, e fará mais bem; pois Deus aceitará mais e abençoará mais isso.

Objeção. Portanto, parece o caminho mais prudente dividir as minhas despesas de acordo com a proporção de outros de minha posição; algum para os pobres, algum

para despesas necessárias e algum para atos de devida cortesia.

Resposta. Que deve haver uma distribuição justa não há dúvida; porque Deus determinou a você vários deveres para as suas despesas: mas a pergunta é sobre as proporções de cada um respectivamente. Onde Deus tornou muitos deveres constantemente necessários (como manter os seus próprios corpos, os seus filhos, pagar tributo ao rei, ajudar os pobres, manter as despesas da igreja), ali todos devem ser sabiamente proporcionados. Mas banquetes, recreações e outras despesas que depois serão mencionadas, as quais não são deveres constantes, podem ser às vezes boas e às vezes pecaminosas: e a medida de tais despesas deve ser variada apenas pela regra já estabelecida, a saber, de acordo com a proporção do efeito ou bem que é provável de seguir: embora o costume dos outros de mesma posição possa às vezes indicar qual proporção será adequada para esse fim lícito; e às vezes o costume desordenado dos outros dirá antes o que deve ser evitado. Portanto, a verdadeira prudência (sem um viés carnal) comparando os efeitos bons juntos, os quais racionalmente são prováveis de seguir, é o único resolvedor desta dúvida. O que tendo mostrado tão amplamente, remeto você a isso na solução de muitas das seguintes perguntas.

Exemplo 3. Outra forma de desperdício pecaminoso é em edifícios suntuosos desnecessários.

Pergunta 3. Quando é prodigalidade erguer edifícios suntuosos?

Resposta. Não quando são para o bem público, seja em ponto de utilidade ou ornamento e honra, desde que nenhum bem maior seja com isso omitido. Portanto, não é de igrejas, hospitais, bolsas de comércio ou salões comuns que estou falando. Nem quando são proporcionados à qualidade da pessoa, para a honra da magistratura, ou para o uso necessário de um homem. Mas quando é para ostentação das riquezas de um homem, ou antes de seu orgulho, e para a satisfação de uma fantasia carnal e irracional; e quando um homem gasta mais em edifícios do que é proporcionado aos seus bens e às suas despesas melhores; e (para falar de forma mais exata) quando gasta em seus edifícios aquilo que algum serviço maior exige naquele momento; é então a sua prodigalidade e pecado.

Pergunta 4. Aqui de uma vez por todas investiguemos se não é lícito, como na alimentação, assim nos edifícios, recreação e outras coisas semelhantes, gastar algo para o nosso prazer, bem como para as nossas necessidades?

Resposta. A pergunta é assim comumente formulada, mas não bem; pois parece implicar que nenhum prazer é necessário, e assim coloca as coisas em oposição as quais são frequentemente coincidentes. Portanto, distingo: 1. De necessidade: algumas coisas são necessárias para a nossa existência, e algumas para a nossa felicidade, e algumas apenas para os nossos benefícios menores. 2. De prazer: algum prazer é pecaminoso; como satisfazer um humor ou disposição pecaminosa: algum é desnecessário ou totalmente inútil; e algum é necessário, seja para o nosso bem maior ou menor. E assim a verdadeira solução é: (1) O prazer pecaminoso de uma mente orgulhosa, avarenta, lascívia, voluptuosa não deve ser comprado nem usado. (2)

Um prazer totalmente desnecessário, isto é, inútil, é pecaminoso se for comprado, mesmo que seja pelo preço de um centavo, ou de um bocado de pão, ou de um minuto de tempo; porque aquilo que o compra é lançado fora. (3) Um prazer que tende à saúde do corpo, e à alegria da mente, para adaptá-la ao nosso chamado e ao serviço de Deus (não sendo colocado em nenhuma coisa proibida), pode ser tanto usufruído quanto comprado, de modo que não seja acima do seu valor. (4) Até onde o prazer em casas, ou esportes, ou qualquer criatura tende a corromper as nossas mentes, e a atrair-nos ao amor deste mundo presente, e a afastar os nossos corações do céu, até aí devem ser resistidos e mortificados, ou santificados e voltados para um caminho melhor. (5) Nos utensílios de nosso dever para com Deus, comumente um prazer moderado, natural, é uma grande ajuda para o dever, e pode tornar-se um prazer espiritual: como o prazer em muitos livros, na elocução do pregador, na melodia dos salmos, em meu estudo e suas conveniências, em minha caminhada para meditação, etc. E o prazer em nossa alimentação e recreações torna-os muito mais adequados para conservar a saúde e alcançar os seus fins; desde que não seja corrupto, immoderado ou abusado para fins maus.

Exemplo 4. Outra forma de prodigalidade é em recreações desnecessárias e caras.

Pergunta 5. É todo custo despendido em recreações ilícito?

Resposta. Não: mas, em igualdade de condições, devemos escolher as mais baratas, e não estar em nenhum

custo desnecessário com elas; nem gastar nada nelas que, consideradas todas as circunstâncias, pudesse ser melhor empregado. Mas disto já se falou antes.

Exemplo 5. Outra forma de prodigalidade é no vestuário excessivamente caro.

Pergunta 6. O que pode ser considerado prodigalidade no custo do vestuário?

Resposta. Não aquilo que é apenas para uma distinção devida dos superiores dos inferiores, ou que é necessário para manter a reverência do povo comum para com os magistrados. Mas, 1. Tudo o que é meramente útil para o orgulho, ou curiosidade vã, ou desejo lascivo, ou uma afetação de ser considerado mais elegante e bonito do que os outros. 2. Tudo o que tem mais custo despendido nele do que o benefício ou fim vale. 3. Ou que tem aquele custo que deveria ser antes empregado de outro modo em usos melhores. O vestuário mais barato deve ser escolhido, o qual seja quente e elegante, e mais adequado para os fins corretos. E devemos aproximar-nos mais daqueles que estão abaixo de nossa posição do que daqueles acima dela.

Exemplo 6. Também a prodigalidade mostra-se muito no custo que é despendido para pompa desnecessária e ostentação de grandeza ou curiosidade, em manter um séquito numeroso, e em sua elegância, e em manter muitos cavalos, móveis caros e criados.

Pergunta 7. Quando é um séquito caro e outros móveis pomposos para serem considerados prodigalidade?

Resposta. Não quando são necessários para a honra da magistratura, e assim para o governo da comunidade; nem

quando são feitos apenas como meio devido para algum fim lícito que compensa o custo. Mas quando são os frutos e a manutenção do orgulho, ou excedem a proporção dos bens dos homens, ou (especialmente) quando gastam aquilo que usos melhores e mais necessários exigem. É um crime mais odioso e enorme desperdiçar tantas centenas ou milhares de libras por ano nas vaidades da pompa, curiosidades inúteis e coisas desnecessárias, enquanto os usos públicos do estado e da igreja são prejudicados pela falta, e enquanto milhares de famílias pobres estão atormentadas com preocupações e apertadas com necessidades ao nosso redor.

Exemplo 7. Outra forma de prodigalidade é aquela que é chamada por muitos de manter uma boa casa, isto é, em abundância desnecessária e desperdício de comida e bebida, e outras provisões.

Pergunta 8. Quando pode a grande manutenção da casa ser considerada prodigalidade?

Resposta. Não quando for apenas um trabalho conveniente de caridade para alimentar os pobres, e socorrer os necessitados, ou receber estrangeiros, ou para dar tal acolhimento necessário a iguais ou superiores conforme descrito antes: mas quando o socorro mais verdadeiro dos pobres for omitido (e talvez inquilinos pobres sejam explorados e oprimidos) para manter a fama e a grandeza de sua abundância, e parecerem magníficos, e elogiados pelos homens como grandes mantenedores de casa. Os bens inteiros e grandes de muitos dos ricos e grandes do mundo vão por este caminho, e tanto é

devorado por isso que mata de fome quase todas as boas obras.

Exemplo 8. Outro ato de prodigalidade são as cartas e dados, e outros jogos; nos quais, enquanto os homens desejam obter aquilo que é de outrem, perdem e desperdiçam o seu próprio.

Exemplo 9. Outro ato de prodigalidade é dar dotes excessivamente grandes aos filhos: sendo um desperdício pecaminoso do capital de nosso Mestre gastá-lo de outro modo do que ele gostaria que fizéssemos, e servir ao nosso orgulho e interesse próprio nos nossos filhos em vez de a ele.

Pergunta 9. Quando os dotes de nossos filhos podem ser considerados prodigalidade ou excessivos?

Resposta. Não quando você provê para o sustento confortável deles de acordo com os seus bens, e lhes dá aquela proporção devida que condiz com o cumprimento de outros deveres: mas quando tudo o que os homens podem obter é considerado pouco para os seus filhos; e a atividade de suas vidas é viverem eles mesmos na fartura enquanto puderem, e depois deixarem isso para a sua posteridade quando não puderem mais reter consigo mesmos! Quando este abismo de mimo próprio e de provisão de coisas semelhantes para os filhos devora quase tudo o que vocês podem juntar, e os pobres e outros usos necessários são postos de lado com alguma esmola insignificante; e quando não há uma proporção devida mantida entre a sua provisão para os seus filhos e os outros deveres que Deus exige de vocês. Sl 49:11, 13, "O seu pensamento íntimo é que as suas casas serão perpétuas, e

as suas habitações, de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes... Este caminho deles é a sua loucura; contudo, a sua posteridade aprova as suas palavras". Sl 73:12, "Eis que estes são ímpios; e, sempre em segurança, multiplicam riquezas". Sl 17:14, "Homens do mundo, cuja porção está nesta vida... Estão cheios de filhos e deixam o resto dos seus bens às suas criancinhas". Um pai que tem um herdeiro, ou outros filhos, tão sábio, religioso e liberal que é propenso a ser mais caridoso e prestativo para bons usos do que qualquer outro a quem ele possa confiar o seu patrimônio, deve não apenas deixar a tais filhos o suficiente para si mesmos, mas capacitá-los tanto quanto puder para fazer o bem; pois eles serão administradores mais fiéis para ele do que os estranhos. Mas um pai que tem filhos comuns e não confiáveis deve fazer ele mesmo todo o bem que puder, e o que ele gostaria que fosse feito quando estivesse morto deve confiar àqueles que são mais fiéis, e permitir aos seus filhos apenas o seu sustento adequado. E os pais que têm filhos devassos, ímpios e sem Deus (tais como Deus ordenou que fossem mortos, Dt 21) deveriam permitir-lhes nada mais do que o seu pão diário, se é que devem receber alguma coisa (daquilo que é dele para dispor).

Exemplo 10. Também ser descuidado em muitas pequenas despesas ou perdas, porque são apenas coisas pequenas, e deixar que qualquer coisa assim seja jogada fora é prodigalidade pecaminosa.

Pergunta 10. Até onde é um dever ser frugal em pequenas questões, e o contrário um pecado?

Resposta. Não devemos supervalorizar nada, grande ou pequeno; nem sermos poupadores por avareza; nem de uma forma imprudente que pareça significar baixeza e mundanismo quando não o é; nem devemos ser muito calculistas ao negociar com os outros quando cada centavo que ganhamos com isso é perdido para alguém que necessita mais dele. Mas devemos cuidar para que nada de qualquer utilidade seja perdido por saciedade, negligência ou desprezo; pois a menor parte é dos dons e talentos de Deus, dados a nós não para serem jogados fora, mas para serem usados como ele gostaria que fizéssemos; e não há nada de bom tão pequeno do que alguém não tenha necessidade, ou de que algum uso bom ou outro não possa ser feito. Mesmo Cristo, quando alimentou milhares por um milagre, ordenou aos seus discípulos: "Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca", Jo 6:12. O que mostra claramente que é um dever do qual o homem mais rico que existe não está isento ser frugal, e pecado no maior príncipe ser desperdiçador de qualquer coisa que seja boa; mas isto não deve ser por avareza sórdida, mas em obediência a Deus, e para fazer o bem aos outros. É louvável aquele que dá liberalmente aos pobres de sua abundância; mas é muito mais louvável aquele que é um bom administrador para os pobres, assim como os mundanos são para si mesmos; e frugalmente obtém e economiza tanto quanto pode, e nega todas as superfluidades a si mesmo e a todos ao seu redor para que possa ter mais para dar a usos piedosos e caridosos.

Exemplo 11. A ociosidade também e a negligência em nossos chamados é desperdício pecaminoso e prodigalidade; quando o orgulho da fidalguia faz as pessoas pensarem que são boas demais para trabalhar, ou

para cuidar dos assuntos de suas famílias, ou quando a preguiça as faz pensar que é uma vida trabalhosa demais para a sua carne suportar. Pv 18:9, "O que é negligente na sua obra é irmão do desperdiçador": estes zangões consomem aquilo pelo que os outros trabalham, mas não são eles mesmos ajuntadores.

Pergunta 11. Está cada um obrigado a trabalhar em um chamado?

Resposta. Isto foi respondido antes em seu devido lugar, parte I. Cada um que for capaz, rico ou pobre, deve viver em algum curso proveitoso de esforço ou trabalho.

Pergunta 12. É um dever desejar e esforçar-se por obter, prosperar e enriquecer por nossos trabalhos; quando Salomão diz: "Não te fatigues para enriqueceres"? Pv 23:4.

Resposta. É pecado desejar riquezas como os mundanos e os sensuais fazem, para a provisão e manutenção das paixões carnais e do orgulho; mas não é pecado, mas sim um dever, trabalhar não apenas pelo trabalho em si, descansando formalmente no ato realizado, mas para aquele aumento honesto e provisão que é o fim do nosso trabalho; e, portanto, escolher um chamado lucrativo de preferência a outro, para termos condições de fazer o bem e socorrer os pobres. Ef 4:28, "Trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade".

Pergunta 13. Pode alguém ser prodigal ao dar à igreja?

Resposta. Sim, se for em um zelo cego para manter uma pompa inútil ou superstição; ou se ele der aquilo que

deveria ser usado ou dado de outra forma: mas este é um pecado que poucos nestes dias correm o risco de cometer.

Pergunta 14. Pode alguém ser prodigal ao dar aos pobres?

Resposta. Sim, quando é feito cegamente para alimentar a ociosidade em mendigos errantes; ou com uma presunção de merecer em ponto de justiça comutativa de Deus; ou quando se dá aos pobres aquilo que deveria ser dado para outros usos (como tributo público, sustento de filhos, promoção do evangelho, etc.): mas este é um pecado de que poucos têm necessidade de ser contidos.

Pergunta 15. Pode um homem rico gastar algo em pompa (de outro modo) lícita, ou conveniências, ou prazeres, em um momento em que há multidões de famílias pobres em extrema necessidade? Como agora, quando as chamas que consumiram Londres deixaram muitos milhares em aflição?

Resposta. Sem dúvida, cada homem deve economizar tanto quanto puder para o socorro dos outros; e, portanto, deve abster-se não apenas de todas as despesas desnecessárias, mas também daquelas que são necessárias apenas para tais conveniências e acomodações que possam ser dispensadas sem um prejuízo maior do que é a falta daqueles a quem esse gasto socorreria. Para salvar as vidas das pessoas em necessidade, devemos economizar qualquer coisa de nós mesmos que as nossas próprias vidas possam dispensar. E para socorrê-las em sua profunda pobreza, devemos reduzir muito mais do que as nossas superfluidades. Gastar qualquer coisa com o orgulho e a lascívia é um pecado duplo em tal momento,

quando Lázaro está às nossas portas em necessidade. Se Lc 16 fosse bem estudado (no qual residia o pecado e o perigo do homem rico, ao vestir-se de púrpura e linho fino e banquetear-se suntuosamente todos os dias, enquanto Lázaro passava necessidade), tornaria alguns sensuais mais sábios do que são.

No entanto, deve-se confessar que algumas poucas pessoas podem ser de tanto valor e utilidade para a comunidade (como reis e magistrados), e algumas de tão pouco, que a manutenção da honra e dos socorros dos primeiros pode ser mais necessária do que o salvamento das vidas dos segundos. Mas tenha cuidado para que o orgulho ou a crueldade não o ensinem a entender mal isto, ou a abusar disso para si mesmo.

Há várias outras formas de prodigalidade ou desperdício pecaminoso que passo por alto por serem tais que poucos estão envolvidos nelas; e o meu propósito não é dizer tudo o que pode ser dito, mas tudo o que é necessário. Como em música, remédios, livros desnecessários (o que Sêneca elegantemente repreende), presentes a servos que não necessitam, em mera ostentação de orgulho para ser bem falado, e muitos semelhantes; e em guerras ilícitas, que é o maior desperdício pecaminoso em todo o mundo. E quanto a despesas em libertinagem e maldade grosseira, como prostituição, vingança, em processos judiciais pecaminosos, etc., eu os omito aqui.

Direção 2. Compreendam bem as agravações deste pecado de prodigalidade, a saber:

1. É um desperdício daquilo que não é nosso, e um roubo a Deus do uso ou serviço devido a ele no melhoramento

de seus dons. Eles são dele, e não nossos; e de acordo com o prazer dele apenas devem ser usados. 2. É um roubo aos pobres daquilo que o Senhor comum do mundo determinou para eles em sua lei; e eles terão a sua ação no céu contra o prodigal. 3. É um vício desumano desperdiçar com prazeres, orgulho e coisas desnecessárias aquilo de que tantas pessoas aflitas têm necessidade. 4. É um prejuízo à comunidade, a qual é enfraquecida pelo desperdiçador. E os avarentos mesmos (que não são opressores) são membros muito melhores das sociedades públicas do que o prodigal. 5. Alimenta uma vida de outro vício e maldade. É um gasto do dom de Deus para alimentar aquelas paixões que ele abomina. 6. Geralmente envolve muitos outros em comércios e trabalhos que são inúteis, para que possam servir às paixões destes prodigais sensuais. 7. E, na conclusão, prepara uma conta triste para estes infelizes quando tiverem de responder no tribunal de Deus como usaram todos os seus dons e talentos. Lembrem-se de todas estas agravações.

Direção 3. Mortifiquem cuidadosamente essa fantasia gananciosa e paixões carnais que constituem o pecado desperdiçador e o abismo devorador. Apague o fogo e poderá economizar todo este combustível. Cure a febre ou hidropesia e poderá economizar tanto a bebida quanto a vida. Uma garganta gananciosa e uma fantasia doente nunca estão satisfeitas até terem desperdiçado a paz de suas consciências junto com os seus patrimônios, e terem levado você ao fim dos pecadores brutos: a sabedoria, o dever e o benefício real contentam-se com pouco; mas a paixão é insaciável; o bruto voluptuoso diz: "Deço ter os meus copos, as minhas paixões, o meu prazer"; e a fantasia

afeminada e viciosa daquelas almas vazias que não atentam para coisas grandes e sólidas está sempre buscando uma vaidade ou outra, e como crianças choram por tudo o que veem outro ter: e as coisas mais desnecessárias, sim, incômodas parecem necessárias a tais pessoas; dizem: "Preciso necessariamente ter isto, e preciso de aquilo, não há como viver sem isso"; quando nada necessita disso senão uma mente doente, a qual necessita muito mais de uma cura pela graça e verdadeira mortificação. Subjugue o orgulho, a sensualidade e a fantasia, e poderá escapar da prodigalidade.

Direção 4. Lembrem-se da proximidade de sua prestação de contas, e perguntem às suas consciências que caminho de despesas agradará mais a vocês na retrospectiva. Se na morte e no julgamento será o seu conforto encontrar em sua conta: tanto gasto com roupas desnecessárias para enfeitar esta carcaça que agora se transforma em pó; item, tanto com banquetes orgulhosos de grandes; item, tanto com cartas, dados e peças de teatro; e tanto com cães de caça e prazeres desnecessários, etc. Ou antes: tanto para promover a pregação do evangelho; tanto para colocar crianças pobres no aprendizado de um ofício, ou na escola; tanto para socorrer famílias aflitas, etc. Que Mt 25 seja bem lido, e a sua conta bem considerada.

Direção 5. Mantenham uma conta de suas despesas e examinem-nas antes de um jejum ou de um sacramento; e perguntem à consciência como ela julga sobre elas; sim, perguntem a algum amigo santo e prudente se tais proporções são permitidas diante de Deus e serão confortáveis para você no dia de sua extremidade. Se você

estiver apenas disposto a ser curado, tais meios como estes não serão em vão.

CAPÍTULO 22
CASOS E DIREÇÕES CONTRA PROCESSOS JUDICIAIS PREJUDICIAIS, DEPOIMENTOS FALSOS E JULGAMENTOS OPRESSIVOS

Seção 1. Casos de Consciência sobre Processos Judiciais e Procedimentos.

Pergunta 1. Em quais casos é lícito ir a juízo com os outros?

Resposta. 1. Em caso de defesa necessária, quando o autor o obriga a isso. 2. Quando você está encarregado por órfãos ou outros a quem de outra forma não pode fazer justiça. 3. Quando os seus filhos, ou a igreja, ou os pobres a quem deveria fazer o bem são propensos a sofrer se você não recuperar o seu talento com que Deus o confiou para tais usos das mãos de homens injustos; e eles recusam todas as arbitragens justas e outros meios iguais que poderiam evitar tais processos. 4. Quando a sua própria necessidade o constrange a buscar o que é seu, o que não pode obter por meios mais fáceis. 5. Quando a sua tolerância for propensa a fazer mais mal ao encorajar os trapaceiros em sua injustiça do que fará de bem. 6. Sempre que a sua causa for justa, e nem a misericórdia, a paz nem a prevenção de escândalo o proibirem: isto é, quando for

provável que faça mais bem do que mal, é então um curso lícito.

Mas é ilícito ir a juízo: 1. Quando você negligencia arbitragens justas, paciência e outros meios necessários para evitá-lo. 2. Quando a sua causa for injusta. 3. Quando oprime o pobre com isso. 4. Quando é feito por avareza, vingança ou orgulho. 5. Quando o escândalo ou prejuízo ao seu irmão for propenso a ser um mal maior do que o fazer justiça a si mesmo é propício a fazer de bem; então você não deve ir de boa vontade a juízo.

Pergunta 2. Posso processar um homem pobre por uma dívida ou transgressão?

Resposta. 1. Se ele for tão pobre que não possa pagar, nem lhe prestar satisfação, o processo é inútil e tende apenas à crueldade. 2. Se ele não tiver meios de pagar senão aquilo que o privará de comida e vestuário, e dos bens necessários de sua vida ou conforto, você não pode processá-lo, a menos que seja para o suprimento de necessidades igualmente grandes suas; ou em encargo para órfãos onde você não tem poder para perdoar a dívida; sim, e para estes nenhuma crueldade deve ser usada. 3. Se a sua tolerância for propensa a torná-lo mais capaz por sua diligência ou outros meios, você deve tolerar, se possível. 4. Mas se ele for competentemente capaz, e recusar pagar por velhacaria e injustiça, e você tiver melhores caminhos para usar esse dinheiro, se o escândalo não o proibir, você pode buscar por lei recuperar o que é seu dele.

Pergunta 3. Posso processar um fiador cujo interesse não estava envolvido no caso?

Resposta. Se a pobreza dele não tornar o ato uma crueldade, nem o escândalo o proibir, você pode; porque ele estava disposto e declarou o seu consentimento de que você recebesse a dívida dele se o devedor principal não pagasse. Tornar-se fiador é consentir com isso; e não é injustiça receber o dinheiro de um homem pelo seu próprio consentimento e aliança. Ele sabia que você não o teria emprestado senão naqueles termos; e você tinha razão para supor que aquele que assumiria pagar a dívida de outro homem tinha razão suficiente para isso, seja em relação ou em contragarantia. Mas assim como deve usar de misericórdia com o devedor principal em sua pobreza, deve também com o fiador.

Pergunta 4. Posso processar pelos juros do dinheiro bem como pelo capital?

Resposta. Isto depende do caso de usura antes resolvido. Naqueles casos em que ela não pode ser recebida, não se pode processar por ela; nem contudo quando o escândalo disso fizer mais mal do que o dinheiro fará de bem. Mas em outros casos pode-se processar por ela nos termos em que se pode processar pelo aluguel de terras.

Pergunta 5. Podem processos judiciais ser usados para incapacitar ou humilhar um homem insolente e ímpio?

Resposta. Você não pode assumir uma causa ruim contra ele para nenhum fim bom desse tipo; mas se você tiver uma causa boa contra ele a qual de outra forma não teria processado, pode fazer uso dela para incapacitá-lo de fazer o mal quando realmente for um meio provável para isso; e quando nem o escândalo nem outros acidentes o proibirem.

Pergunta 6. Pode um homem rico fazer uso de seus amigos e bolso em uma causa justa para abater ou cansar um homem pobre que tem uma causa ruim?

Resposta. Não por suborno ou qualquer meio mau; pois o seu procedimento deve ser justo bem como a sua causa. Mas se for um velhaco obstinado que se propõe a causar prejuízo aos outros, é lícito fazer uso do favor de um juiz ou magistrado justo contra ele; e é lícito humilhá-lo pela extensão e custo do processo quando esse for o meio mais adequado, e nenhuma ação injusta for feita nele; supondo ainda que o escândalo não o proíba. Mas que nenhuma pessoa orgulhosa ou cruel pense que por isso pode, por bolso, amigos e processos judiciais tediosos, oprimir o inocente para alcançar as suas próprias vontades injustas.

Pergunta 7. Pode-se usar de fórmulas em processos judiciais que no sentido literal são falsidades grosseiras (em declarações, respostas ou semelhantes)?

Resposta. O uso de palavras é expressar a mente; e o uso comum é o intérprete delas: se forem palavras às quais o uso comum notório deu outro sentido além do literal, devem ser tomadas no sentido que o uso público colocou sobre elas. E se esse sentido público for verdadeiro ou falso, em conformidade com isso podem ou não ser usadas.

Pergunta 8. Pode uma pessoa culpada declarar-se inocente, ou negar o fato?

Resposta. O uso comum é o intérprete das palavras. Se o uso comum daquelas palavras torna o seu sentido público uma mentira, isso não pode ser feito. Mas se o uso comum forense da negação delas é tomado para significar nada

mais do que isto: "Que aquele que me acusa prove; não estou obrigado a acusar a mim mesmo", ou "No tribunal sou inocente até que se prove", então é lícito declarar-se inocente e negar o fato, exceto em casos nos quais você está obrigado a uma confissão aberta, ou nos quais o escândalo fará mais mal do que a negação fará de bem.

Pergunta 9. Está um homem alguma vez obrigado a acusar a si mesmo e buscar justiça contra si mesmo?

Resposta. 1. Em muitos casos, um homem está obrigado a punir a si mesmo; como quando a lei contra juramentos, praguejar ou semelhantes deve dar aos pobres uma certa multa que é a penalidade, ele deve dar esse dinheiro por si mesmo; e em casos onde for uma cura necessária para si mesmo, e em qualquer caso onde o bem público o exigir: como se um magistrado ofende, a quem ninguém mais punirá, ou que é o juiz em sua própria causa; ele deve punir a si mesmo até onde for necessário para a supressão do pecado e para a preservação da honra das leis; como ouvi falar de uma autoridade que praguejou vinte vezes e pagou os seus vinte xelins por isso. 2. Um homem pode estar obrigado em tal vingança divina ou julgamento que busca o seu pecado específico a oferecer-se para fazer um sacrifício à justiça para deter o julgamento; como Jonas e Acã fizeram. 3. Um homem pode estar obrigado a confessar a sua culpa e oferecer-se à justiça para salvar o inocente que está falsamente acusado e condenado por seu crime. 4. Mas em casos comuns um homem não está obrigado a ser o seu próprio acusador público ou executor.

Pergunta 10. Pode uma testemunha voluntariamente falar aquela verdade que sabe que impulsionará uma causa injusta, e será usada para oprimir o inocente?

Resposta. Ela não pode fazê-lo como cúmplice naquela intenção: nem pode fazê-lo quando sabe que tenderá a tal evento (embora ameaçada ou comandada), exceto quando algum acidente de maior importância preponderar para o fazer (como a prevenção de um prejuízo maior para os outros do que trará ao oprimido, etc.).

Pergunta 11. Pode uma testemunha ocultar alguma parte da verdade?

Resposta. Não quando jura entregar a verdade completa; nem quando uma causa boa for propensa a sofrer, ou uma causa ruim ser impulsionada pela ocultação; nem quando estiver sob qualquer outra obrigação de revelar o todo.

Pergunta 12. Devem o juiz e o júri proceder *secundum allegata et probata* [conforme o alegado e o provado], de acordo com a evidência e prova, quando sabem que a testemunha é falsa e a verdade é contrária ao testemunho; mas não são capazes de o demonstrar?

Resposta. Distinga entre a parte negativa e a positiva do veredicto ou sentença: na negativa devem seguir de acordo com a evidência e os testemunhos, a menos que a lei do país deixe o caso ao conhecimento pessoal deles. Como, por exemplo, não devem sentenciar um ladrão ou assassino a ser punido com base em seu conhecimento pessoal não provado: não devem julgar dinheiro ou terras para o verdadeiro dono de outro sem evidência e prova suficientes: devem abster-se de fazer justiça porque não

são chamados a isso, nem capacitados. Mas positivamente não podem fazer nenhuma injustiça com base em qualquer evidência ou testemunho contra o seu próprio conhecimento da verdade: como não podem, com base em testemunha comprovadamente falsa, dar as terras ou o dinheiro de um homem, ou condenar o inocente; mas devem em tal caso renunciar ao cargo; o juiz deve descer do tribunal, e o júri protestar que não se intrometerá, nem dará qualquer veredicto (aconteça o que acontecer); porque Deus e a lei da natureza proíbem a sua injustiça.

Objeção. É a lei que o faz, e não nós.

Resposta. É a lei e vocês; e a lei não pode justificar a sua agência em nenhuma sentença injusta. O caso é claro e fora de disputa.

Seção 2. Direções contra Processos Judiciais Contentiosos, Depoimentos Falsos e Julgamentos Opressivos.

Direção 1. A primeira cura para todos estes pecados é conhecer o mal intrínseco deles. Bons pensamentos sobre o pecado constituem a sua vida e força. Quando for bem conhecido, será odiado; e quando for odiado, está até aí curado.

I. O mal dos processos judiciais contentiosos e injustos.

1. Tais processos contentiosos mostram o poder do egoísmo no pecador; como o interesse próprio é desordenadamente estimado. 2. Mostram o amor excessivo ao mundo; como os homens supervalorizam

as coisas pelas quais contendem. 3. Mostram a falta de amor dos homens para com os seus vizinhos; quão pouco consideram o interesse de outro homem em comparação com o seu próprio. 4. Mostram quão pouco tais homens se importam com o bem público, o qual é mantido pela concórdia e pelo amor dos vizinhos. 5. Tais contendas são motores poderosos do diabo para destruir todo o amor cristão em ambos os lados; e para despertar inimizade e ira mútuas; e assim envolver os homens em um curso de pecado por nova falta de caridade e injustiças, tanto em coração, palavra quanto em ato. 6. Os pobres são com isso roubados de seu sustento necessário, e as suas famílias inocentes submetidas à angústia. 7. Advogados e oficiais de tribunal sem consciência, que vivem do pecado do povo, são por isso mantidos, encorajados e sustentados. 8. As leis e tribunais de justiça são pervertidos para fazer injustiça aos homens, os quais foram feitos para lhes fazer justiça. 9. E o transgressor declara quão pouco senso tem da autoridade ou amor de Deus, e quão pouco senso tem da graça de nosso Redentor; e quão longe está de ser ele mesmo perdoado pelo sangue de Cristo, o qual não pode melhor perdoar a outro.

II. O mal do depoimento falso.

1. Pelo depoimento falso os inocentes são prejudicados; roubo e assassinato são cometidos sob pretexto de verdade e justiça. 2. O nome de Deus é horrivelmente abusado pelo pecado clamoroso do perjúrio (de que se falou antes). 3. A presença e a justiça de Deus são desprezadas quando os pecadores ousam, diante de

seus olhos e ouvidos, apelar ao seu tribunal na confirmação de uma mentira. 4. A vingança é pedida ou consentida pelo pecador; que traz a maldição de Deus sobre si mesmo e como que deseja que Deus o fustigue ou condene se mentir. 5. Satanás, o príncipe da malícia e da injustiça, e pai da mentira, dos assassinatos e da opressão, é com isso satisfeito e eminentemente servido. 6. O próprio Deus é abertamente prejudicado, o qual é o Pai e patrono dos inocentes; e a causa de cada pessoa justa é mais a causa de Deus do que do homem. 7. Todo governo é frustrado, e as leis abusadas, e a segurança de todos os homens para com as suas reputações, bens ou vidas é derrubada por testemunhas falsas; e, consequentemente, o convívio humano é tornado indesejável e inseguro. Que bem pode a lei, ou o direito, ou a inocência, ou a honestidade do juiz fazer a qualquer homem onde testemunhas falsas se combinam contra ele? Que segurança tem a pessoa mais inocente ou digna para com a sua fama, liberdade, bens ou vida se testemunhas falsas conspiram para caluniá-la ou destruí-la? E então como os homens suportarão conversar uns com os outros? Ou o inocente deve buscar um deserto e fugir da presença dos homens como fazemos diante de leões e tigres, ou então a paz será pior do que a guerra; pois na guerra um homem pode lutar por sua vida; mas contra testemunhas falsas não tem defesa: mas Deus é o vingador do inocente, e acima da maioria dos outros pecados raramente permite que este passe sem punição, mesmo neste mundo presente; mas frequentemente começa o inferno na terra para tais instrumentos perjuros do diabo.

III. O mal dos julgamentos injustos.

1. Um juiz injusto condena a causa do próprio Deus; pois cada causa justa é dele. 2. Sim, condena o próprio Cristo em seus membros; pois naquilo que faz a um dos menores daqueles a quem chama de irmãos, faz a ele mesmo, Mt 25. É um pecado condenável não socorrer o inocente e o preso em sua angústia quando temos poder; o que é então oprimi-los e injustamente condenar? 3. É um transformar o remédio em uma dupla miséria, e retirar a única ajuda da inocência oprimida. Que outra defesa tem a inocência senão a lei e a justiça? E quando o seu próprio refúgio cai sobre ela e a oprime, para onde fugirão os justos? 4. Subverte as leis e o governo, e abusa dele para destruir os fins para os quais é designado. 5. Com isso transforma a sociedade humana em um estado de miséria, como as depredações de hostilidade. 6. É um pecado deliberado e resolvido, e não feito sob paixão por surpresa: é cometido naquele lugar, e daquela forma, como atos de maior deliberação devem ser feitos; como se ele dissesse: "Após inquirição completa, evidência e deliberação, condeno esta pessoa e a sua causa". 7. Tudo isto é feito como que no nome de Deus, e por sua própria comissão, por alguém que finge ser seu oficial ou ministro, Rm 3:3-6. Porque o julgamento é do Senhor, 2 Cr 19:5-8, 10. E quão grande maldade é assim blasfemar, e representá-lo como Satanás, um inimigo da verdade e da justiça, de seus servos e de si mesmo! Como se dissesse: "God enviou-me para condenar esta causa e pessoa". Se falsos profetas pecam tão de forma hedionda ao mentirem sobre o Senhor e dizerem: "Ele nos enviou a falar isto" (o que é falsidade); o pecado de

juízes falsos não pode ser muito menor. 8. É pecado contra as proibicões mais completas e frequentes de Deus. Leia Êx 23:1-3, etc.; Levítico; Dt 1:16-17; 16:18; Is 1:17, 20, 23; Dt 24:17; e 27:19, "Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva; e todo o povo dirá: Amém". Esdras 7:26; Sl 33:5; 37:28; 72:2; 94:15; 106:3, 30; Pv 17:27; 19:28; 20:8; 29:4; 31:5; Ec 5:8; Is 5:7; 10:2; 56:1, 2; 59:14, 15; Jr 5:1; 7:5; 9:24; Ez 18:8; 45:9; Os 12:6; Amós 5:7, 15, 24; 6:12; Mq 3:9; Zc 7:9; 8:16; Gn 18:19; Pv 21:3, 7, 15. Não cito as palavras para evitar prolixidade. Quase nenhum pecado é tão frequentemente e veementemente condenado por Deus. 9. Os juízes falsos fazem com que os pobres apelem a Deus contra eles, e os clamores dos afligidos não serão esquecidos, Lc 18:5-8. 10. Eles clamam pelo julgamento de Deus sobre si mesmos, e transferem o trabalho para as mãos dele: como pode esse homem esperar outra coisa senão um julgamento de condenação do Deus justo, ele que deliberadamente condenou o próprio Cristo em sua causa e servos, e sentou-se em julgamento para condenar o inocente? Sl 9:7-9, "O Senhor preparou o seu trono para julgar. Ele mesmo julgará o mundo com justiça; julgará os povos com retidão. O Senhor será também um alto refúgio para o oprimido". Sl 37:6, "E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia". Sl 89:14, "Justiça e juízo são a base do teu trono". Sl 103:6, "O Senhor faz justiça e juízo a todos os oprimidos". Sl 146:7. Em uma palavra, a sentença de um juiz injusto é passada contra a sua própria alma, e ele clama a Deus para o condenar justamente, ele que injustamente condenou os outros. De todos os homens

ele não pode subsistir em julgamento, nem suportar a sentença justa de Cristo.

Direção 2. Quando compreenderem bem a grandeza do pecado, descubram e vençam a raiz e as causas dele em si mesmos; especialmente o egoísmo, a avareza e a paixão. Um homem egoísta não se importa com o que outro sofre, contanto que os seus próprios fins e interesses sejam promovidos com isso. Um homem avarento contenderá e prejudicará o seu vizinho sempre que a sua própria comodidade o exigir. Ele ama tanto o seu dinheiro que este pode prevalecer com ele para pecar contra Deus e lançar fora a sua própria alma; muito mais para ferir e prejudicar o seu vizinho. Um homem orgulhoso e apaixonado tem tanta sede de vingança, para fazer os outros se curvarem a ele, que não se importa com o que lhe custa para realizá-lo. Vença estes vícios internos, e poderá facilmente abster-se dos pecados externos.

Direção 3. Amem os seus vizinhos como a si mesmos: pois esse é o remédio universal contra todos os empreendimentos prejudiciais e sem caridade.

Direção 4. Mantenham uma consciência sensível, que não fará pouco caso do pecado. São aqueles que cauterizaram as suas consciências por infidelidade ou por um curso de pecado os que ousam arriscar com Judas ou Geazi pela presa, e ousam oprimir o pobre e inocente, e não sentem nem temem, enquanto se lançam sobre a vingança de Deus.

Direção 5. Lembrem-se do dia em que todas estas causas devem ser ouvidas novamente, e o Deus justo colocará tudo em ordem, e defenderá a causa do oprimido.

Considerem que aparência terrível esse homem é propenso a ter no tribunal do céu, ele que falsamente acusou ou condenou o justo nos tribunais dos homens. Que terrível acusação, convicção e sentença deve esse homem esperar! Se o ouvir sobre a justiça e o julgamento vindouro fez Félix tremer, certamente é a infidelidade ou a praga de um coração estupificado o que impede as pessoas contenciosas, os pervertedores da justiça, as testemunhas falsas e os juízes falsos de tremerem.

Direção 6. Lembrem-se da presença daquele Deus que deve ser o seu Juiz final. De que ele vê todo o seu orgulho e avareza, e todas as suas secretas armações para vingança, e está a par de todos os seus enganos e injustiças. Você os comete sob a visão aberta dele.

Direção 7. Não se metam com processos judiciais até terem oferecido uma arbitragem igual de homens imparciais, ou usado todos os meios possíveis de amor para evitá-los. Processos judiciais não são o primeiro, mas o último remédio. Experimentem todos os outros antes de usá-los.

Direção 8. Quando tiverem de ir a juízo por necessidade, componham as suas mentes para o amor sincero em relação àquele com quem devem contender, e vigiem sobre os seus corações com suspeita e com o cuidado mais estrito, para que a desafeição secreta não obtenha vantagem por meio disso: e vá ao seu vizinho, e esforce-se por possuir o coração dele também com amor, e acalmar a sua mente; para que não usem os tribunais de justiça como os soldados usam as suas armas, para fazer o pior que puderem contra outro como inimigo; mas como amigos

amorosos usam uma arbitragem amigável; resolvendo com contentamento manter-se naquilo que o juiz determinar, sem qualquer alienação de mente ou diminuição do amor fraternal.

Direção 9. Não sejam excessivamente confiantes na justiça de sua própria causa; mas peçam conselho a alguns homens instruídos, piedosos e imparciais; e ouçam tudo o que puder ser dito, e pacientemente considerem o caso, e façam como gostariam que os outros fizessem com vocês.

Direção 10. Observem que terrores de consciência costumam assombrar os pecadores despertados, especialmente em um leito de morte, por pecados como depoimentos falsos, julgamentos falsos, opressão e ferimento do inocente, mesmo acima da maioria dos outros pecados.

CAPÍTULO 23
CASOS DE CONSCIÊNCIA E ORIENTAÇÕES CONTRA A DIFAMAÇÃO, A CALÚNIA E A INJÚRIA

Pergunta 1. Não posso falar mal daquilo que é mau? E chamar cada um verdadeiramente pelo que é?

Resposta. Você não deve dizer uma falsidade conhecida de homem algum sob o pretexto de caridade ou de falar bem. Mas você não deve falar todo o mal de todo homem que seja verdade: pois expor as falhas do rei ou de seus pais, por mais verdadeiras que sejam, é um pecado contra

o quinto mandamento, "Honra a teu pai e a tua mãe"; assim, se você o faz sem um chamado, peca contra a honra do seu próximo e ofende de muitas outras maneiras.

Pergunta 2. Não é um silêncio pecaminoso, e um consentimento ou apoio aos pecados alheios, nada dizer contra eles, zelando pela honra deles?

Resposta. É pecaminoso calar-se quando se tem o chamado para falar: se você deixa de repreender o transgressor em amor, a sós entre você e ele, quando tem oportunidade e justa causa, é pecaminoso calar-se então. Mas silenciar a difamação não é pecado. Se você fosse culpado de cada pecado alheio sobre o qual não fala pelas costas, todo o seu discurso não passaria de difamação.

Pergunta 3. Não posso falar aquilo que pessoas honestas, religiosas e credíveis relatam?

Resposta. Não sem evidência suficiente e um chamado suficiente. Você não deve julgar a ação pela pessoa, mas a pessoa pela ação. Nem deve imitar homem algum no fazer o mal. Se um bom homem o calunia, você gostaria que todos os homens o seguissem e o caluniassem ainda mais?

Pergunta 4. Posso acreditar no mau relato de uma pessoa honesta e credível?

Resposta. Você deve primeiro considerar se deve ouvir isso ou intrometer-se no assunto: pois se for um caso com o qual você nada tem a ver, você não deve aplicar seu julgamento a ele, quer para acreditar, quer para descrever. E se for algo que você é chamado a julgar, ainda assim a palavra de nenhum homem honesto deve ser acreditada imediatamente: você deve primeiro saber se é algo que ele

viu ou de que tem certeza por si mesmo, ou algo que ele apenas aceita por ouvir dizer; e qual é a sua evidência e prova; e se ele não está comprometido por interesse, paixão ou qualquer diferença de opinião; ou se não está envolvido em alguma facção contrária, onde o interesse de um partido ou causa seja sua tentação; ou se ele não está habituado a relatos precipitados e discursos sem caridade; e qual concorrência de testemunhos existe, e o que é dito do outro lado; especialmente o que a pessoa acusada diz em sua própria defesa. Se é um crime tão hediondo no julgamento público emitir sentença antes que ambas as partes sejam ouvidas, e condenar um homem antes que ele fale por si mesmo, não pode ser justificável no julgamento privado. Estariam vocês mesmos dispostos a que se acreditasse em tudo o que de vocês é falado por qualquer homem honesto? E quão incertos estamos da honestidade de outros homens, para que, por esse motivo, pensemos mal dos outros!

Pergunta 5. Não posso falar mal daqueles que são inimigos de Deus, da religião e da piedade, e são abertos perseguidores dela; ou são inimigos do rei ou da igreja?

Resposta. Você pode, em todas as ocasiões propícias, falar mal do pecado; e das pessoas quando tiver um justo chamado; mas não ao seu próprio bel-prazer.

Pergunta 6. E se for alguém cuja honra e crédito apoiam uma causa ruim, e sua desonra o incapacitaria de fazer o mal?

Resposta. Você não deve mentir sobre o diabo, nem injustiçar o pior homem que exista, ainda que sob o pretexto de fazer o bem; Deus não necessita de malícia,

nem de calúnias, nem de injustiça para a sua glória: é uma causa ruim aquela que não pode ser mantida sem tais meios. E quando o assunto for verdadeiro, você deve ter um chamado para dizê-lo, e deve dizê-lo justamente, sem agravantes injustos ou ocultando a melhor parte, o que faria com que o caso e a pessoa fossem melhor compreendidos. Há um tempo e uma maneira devida em que os crimes e a justa desonra daquele homem cuja falsa reputação prejudica a verdade podem ser publicados. Mas, ainda assim, devo dizer que uma grande quantidade de vilania e calúnia é cometida sob esse pretexto plausível, e que quase não há capa mais comum para as mentiras e calúnias mais desumanas.

Pergunta 7. Não posso legitimamente fazer uma narrativa verdadeira de tais fatos que são criminosos e desonrosos para os transgressores? Do contrário, ninguém poderia escrever uma história verdadeira para a posteridade sobre os crimes dos homens.

Resposta. Quando você tiver um justo chamado para fazê-lo, você pode; mas não ao seu próprio bel-prazer. Os historiadores podem tomar muito mais liberdade para falar a verdade sobre os mortos do que você sobre os vivos: embora nenhuma falsidade deva ser dita de nenhum deles: todavia, a honra dos príncipes e magistrados enquanto vivos é necessária ao seu governo e, portanto, deve ser mantida, muitas vezes pela ocultação de suas faltas; e, proporcionalmente, a honra de outros homens é necessária para uma vida de amor, paz e sociedade justa; mas quando estão mortos, não são sujeitos capazes do direito a qualquer honra que deva ser mantida por tal silenciamento da verdade, em prejuízo da posteridade; e a

posteridade geralmente tem direito à verdade histórica, para que os bons exemplos possam atraí-los à imitação, e os maus exemplos possam alertá-los a afastar-se do pecado. Deus fará com que o nome dos ímpios apodreça; e as faltas de um Noé, Ló, Davi, Salomão, Pedro, etc., serão registradas. Contudo, nada de infrutífero para a posteridade deve ser registrado sobre os mortos, embora seja verdade; nem as faltas dos homens devem ser desnecessariamente divulgadas; muito menos devem os mortos ser caluniados ou ultrajados.

Pergunta 8. E se for alguém que já foi frequentemente admoestado em vão? Não podem as faltas de tal pessoa ser mencionadas pelas suas costas?

Resposta. Confesso que tal pessoa (sendo o caso provado, e ela sendo notoriamente impenitente) fez uma perda muito maior de sua honra do que os outros homens; e homem nenhum pode salvar a honra daquele que a joga fora por si mesmo. Contudo, não é toda pessoa que comete um pecado após a admoestação que deve ser aqui entendida; mas sim aquelas que são impenitentes em algum pecado mortal ou dominante: pois alguns podem pecar frequentemente em um ponto pequeno e controverso, por falta de capacidade para discernir a verdade; e alguns podem viver em fraquezas diárias (como os melhores homens o fazem), pelas quais se condenam e das quais desejam ser libertados. E mesmo com os pecados do homem mais impenitente não se deve intrometer qualquer pessoa ao seu bel-prazer, mas apenas quando houver justa causa.

Pergunta 9. E se for alguém com quem não posso falar face a face?

Resposta. Você deve deixá-lo em paz, até que tenha justa causa para falar dele.

Pergunta 10. Quando tem o homem uma justa causa e chamado para expor as faltas de outrem?

Resposta. Negativamente: 1. Não para preencher o tempo com outras conversas ociosas ou papos de mesa. 2. Não para apoiar qualquer homem, por melhor que seja, que difame outros; não, ainda que ele pretenda fazê-lo para tornar o pecado mais odioso, ou para exercitar a tristeza piedosa pelo pecado de outrem. 3. Não sempre que o interesse, a paixão, a facção ou a companhia pareçam exigi-lo. Mas, afirmativamente: 1. Quando podemos dizê-lo à sua face, em amor e privacidade, de maneira e circunstâncias devidas, conforme seja mais promissor para conduzir à sua emenda. 2. Quando, após a devida admoestação, levamos duas ou três testemunhas e, depois disso, dizemos à igreja (em um caso que o exija). 3. Quando temos causa suficiente para acusá-lo perante o magistrado. 4. Quando o magistrado ou os pastores da igreja o repreendem ou punem. 5. Quando for necessário para a preservação de outrem: como se vejo meu amigo em perigo de casar-se com uma pessoa ímpia, ou de contratar um servo desonesto, ou de negociar e comerciar com alguém que provavelmente irá trapaceá-lo, ou de andar entre trapaceiros, ou de ir ouvir ou conversar com um herético perigoso ou sedutor; devo expor as faltas daqueles de quem estão em perigo, tanto quanto a segurança deles e a minha caridade exigirem. 6. Quando for qualquer

traição ou conspiração contra o rei ou o Estado; onde minha ocultação possa ser um prejuízo ao rei, ou dano ou perigo para o reino. 7. Quando a própria pessoa, por sua autojustificação, me força a isso. 8. Quando a reputação dela é de tal modo construída sobre o prejuízo de outrem e sobre calúnias contra o justo, que o ato de justificá-la é a condenação do inocente, podemos então indiretamente condená-la, vindicando o justo; como se for em um caso de contenda entre dois, se não podemos justificar o direito sem desonra para o injusto, não há remédio senão que ele carregue com a sua culpa. 9. Quando a impiedade notória de um homem o colocou como um espetáculo de advertência e lamentação, de modo que seus crimes não podem ser ocultados e ele perdeu sua reputação, devemos alertar os outros por sua queda: como uma pessoa excomungada, ou um malfeitor na forca, etc. 10. Quando temos justa ocasião para fazer uma simples narrativa de alguns fatos públicos; como a sentença de um juiz, ou a punição de transgressores, etc. 11. Quando o crime for tão hediondo, que todas as pessoas de bem sejam obrigadas a unir-se para torná-lo odioso, como Fineias fez ao executar o julgamento. Como em casos de rebelião aberta, traição, blasfêmia, ateísmo, idolatria, assassinatos, perjúrio, crueldade; tais como o massacre francês, o ainda maior massacre irlandês, o assassinato de reis, a conspiração da pólvora, o incêndio de Londres, etc. Crimes notórios não devem circular na boca ou nos ouvidos dos homens, a não ser com justa detestação. 12. Quando a falsa reputação de qualquer pessoa for uma sedução para as almas dos homens e for feita por si mesma ou por outros instrumento de desonra para Deus e prejuízo para a igreja, o Estado ou outros, embora não devamos fazer nada injusto para

destruir sua reputação, podemos dizer a verdade até onde a justiça, a misericórdia ou a piedade o exigirem.

Pergunta 11. E se eu ouvir bajuladores aplaudindo homens ímpios, e falando bem deles, e atenuando seus crimes, e louvando-os por fazerem o mal?

Resposta. Você deve, em todas as ocasiões justas, falar mal do pecado; mas quando isso for suficiente, você não precisa se intrometer com o pecador; não, nem mesmo que outros homens o aplaudam e você saiba que é falso; pois você não está obrigado a contradizer toda falsidade que ouvir. Mas se em qualquer um dos doze casos antes mencionados você tiver um chamado para fazê-lo (como para a preservação dos ouvintes de uma armadilha por esse meio; como se os homens recomendam um traidor ou um homem ímpio para atrair outro a gostar do seu caminho), em tais casos você pode contradizer o falso relato.

Pergunta 12. Estamos obrigados a repreender cada difamador, nesta época em que as pessoas honestas passaram a fazer pouca consciência disso, mas pensam ser seu dever divulgar as faltas dos homens?

Resposta. Acima de tudo, para que você possa conter a corrente deste pecado comum, ordinariamente sempre que pudermos fazê-lo sem causar maior dano, devemos repreender a língua que relata o mal de outros homens sem causa, pelas suas costas; pois o nosso silêncio é o encorajamento deles no pecado.

Direção 1. Mantenha a vida do amor fraterno. Ame o seu próximo como a si mesmo.

Direção 2. Vigie atentamente para que o interesse ou a paixão não prevaleçam sobre você. Pois onde estes prevalecem, a língua é inflamada pelo inferno e inflamará o curso da natureza (Tg 3:6). O egoísmo e a paixão não apenas incitarão você a falar o mal, mas também a justificá-lo e a pensar que faz bem; sim, e a irar-se com aqueles que não quiserem ouvi-lo e acreditar em você.

Direção 3. Especialmente, não se envolvam em nenhuma facção, religiosa ou secular. Não quero dizer com isso que vocês não devam imitar os melhores e manter a mais íntima comunhão com eles; mas que abominem as divisões e partidarismos ilícitos; e quando o erro, a falta de caridade ou o interesse carnal tiverem fragmentado a igreja onde você vive, e um for de Paulo, outro de Apolo, e outro de Cefas, um deste partido e outro daquele, tenha cuidado de não adotar o interesse de nenhum partido que se oponha ao interesse do todo. Seria quase inacreditável, se a triste experiência não o tivesse provado, quão comum e hediondamente quase toda seita de cristãos peca neste ponto uns contra os outros! E até que ponto o interesse de sua seita, que eles consideram o interesse de Cristo, prevalecerá com multidões de pessoas, mesmo zelosas, para mentir, caluniar, difamar e censurar aqueles que são contra a sua opinião e o seu partido! Sim, quão facilmente passarão das censuras para as perseguições sangrentas! Aquele que pensa prestar culto a Deus matando Cristo ou seus discípulos, pensará que lhe presta culto chamando-o de enganador, e dizendo que ele tem um demônio, que é blasfemo e inimigo de César, e chamando seus discípulos de homens pestilentos e promotores de sedição entre o povo, e considerando-os como a escória e o refugo do mundo. Aquele zelo que assassinou e destruiu muitos

milhares de valdenses e albigenses, e trinta ou quarenta mil em um massacre francês, e duzentos mil em um massacre irlandês, e que acendeu as fogueiras marianas na Inglaterra, planejou a mina de pólvora, queimou a cidade de Londres e mantém a Inquisição; digo, esse zelo certamente considerará um serviço à igreja (isto é, à sua seita) escrever as mentiras e calúnias mais odiosas sobre Lutero, Zuínglio, Calvino, Beza e quaisquer outros excelentes servos do Senhor. Tão cheios de mentiras horríveis e desavergonhadas estão os escritos de (não uma, mas) muitas seitas contra aqueles que foram seus principais opositores, que ainda admoesto toda a posteridade a buscar boas evidências antes de acreditar nas palavras duras de qualquer historiador ou teólogo faccioso contra aqueles que são contra o seu partido. São apenas os homens de eminente consciência, candura, veracidade e imparcialidade que devem ser acreditados em seu mau relato sobre os outros, exceto onde a notoriedade ou uma evidência muito boa exija a crença acima de sua própria autoridade e veracidade. Um zelo partidário e faccioso, que é mais ardente por qualquer seita ou partido do que pelo cristianismo comum e pela igreja católica, é sempre um zelo difamador, mentiroso e caluniador, e é notavelmente descrito em Tg 3:15 como "terreno, animal e demoníaco", causando "inveja, contenda, confusão e toda obra má".

Direção 4. Observe bem o quão comum é este pecado de difamação, para que isso o torne mais temeroso de cair naquilo de que tão poucos escapam. Não direi entre altos e baixos, ricos e pobres, corte e campo, quão comum é este pecado; mas entre os homens que professam o maior zelo e rigor na religião, quão poucos fazem consciência dele!

Observe em todas as companhias em que você entrar, quão comum é tomar a liberdade de dizer o que pensam de todos os homens; sim, de relatar o que ouvem, embora não ousem dizer que acreditam nisso! E como comumente o relato das faltas alheias, e o dizer o que este ou aquele homem é, fez ou disse, faz parte da conversa para passar o tempo! E se for apenas verdade, pensam que não pecam: não, nem mesmo se apenas ouviram dizer que é verdade. De minha parte, devo confessar que, tendo minha consciência me levado ao costume de repreender tais difamadores, sou ordinariamente censurado por isso, quer como alguém que ama a contradição, quer como alguém que defende o pecado e a impiedade ao tomar o partido de homens ímpios; tudo porque eu gostaria de deter o curso deste vício comum de falar mal e difamar onde os homens não têm chamado. E devo confessar com gratidão que, entre todos os outros pecados do mundo, os pecados de egoísmo, orgulho e difamação são os que mais passei a odiar e temer pela observação de quão comuns eles são, mesmo em pessoas que parecem piedosas: nada fixou em mim uma percepção tão profunda de sua odiosidade, nem engajou meu coração contra eles acima de todos os outros pecados, quanto esta lamentável experiência de sua prevalência no mundo, entre os mais religiosos, e não apenas entre os profanos.

Direção 5. Não tome a honestidade da pessoa como uma causa suficiente para ouvir ou acreditar em um mau relato sobre os outros. É lamentável ouvir quão longe homens, de outra forma honestos, frequentemente ofendem aqui. Suspeite dos que falam mal e não seja excessivamente crédulo deles. A caridade não pensa o mal, nem acredita nele fácil e apressadamente. Os mentirosos são mais

afeitos a falar mal do que os homens de verdade e crédito o são. Não é injustiça para com o melhor homem que você não acredite nele quando ele difama sem boas evidências.

Direção 6. Repreenda os difamadores e não os encoraje dando ouvidos às suas histórias. Pv 25:23, "O vento norte afasta a chuva, assim a cara irada afasta a língua difamadora". Talvez eles se considerem pessoas religiosas e considerarão uma ofensa serem afastados com uma cara irada; mas o próprio Deus, que ama os seus servos melhor do que nós, está mais ofendido com o pecado deles; e aquilo que o ofende deve nos ofender. Não devemos prejudicar as almas deles e desagradar a Deus, trazendo sobre nós a culpa de seus pecados por medo de desagradá-los. Diga-lhes como Deus odeia a difamação e aconselhe-os, se souberem de algum mal em outros, a irem a eles em particular e dizer-lhes isso de uma maneira que conduza ao arrependimento.

Direção 7. Costume mencionar o bem que há nos outros (exceto se for inoportuno e parecer uma promoção de seu pecado): os dons de Deus em cada homem merecem elogios; e temos permissão para mencionar as virtudes dos homens com mais frequência do que para mencionar seus vícios. De fato, quando um homem mau é elogiado com o propósito de depreciar o bom, ou para honrar alguma causa ou ação ímpia contra a verdade e a piedade, não devemos concordar com tais elogios maliciosos; mas, de outra forma, devemos elogiar aquilo que é verdadeiramente louvável em todos. E este costume trará um duplo benefício contra a difamação: habituará a sua própria língua a um curso contrário e repreenderá as

línguas más de outros, servindo-lhes de exemplo de uma linguagem mais caridosa.

Direção 8. Compreendam por si mesmos, e falem frequentemente aos outros, sobre a pecaminosidade do falar mal e da difamação. Mostre-lhes as Escrituras que o condenam e a malignidade intrínseca que nele há: conforme segue.

Direção 9. Faça consciência da justa repreensão e de exortar os pecadores face a face. Vá e diga-lhes suas faltas em particular e com amor; isso trará melhores efeitos, dar-lhe-á mais conforto e curará o pecado da difamação.

1. É proibido por Deus entre os pecados hediondos e condenáveis, sendo constituído o caráter de uma pessoa notoriamente ímpia; e o ato de evitá-lo é colocado como a marca daqueles que são aceitos por Deus e serão salvos: Rm 1:29-30, é colocado como a marca de uma mente reprovável e associado ao homicídio e ao aborrecimento de Deus, a saber: "cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores". Sl 15:2-3, "Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte? Aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu próximo, nem aceita afronta contra o seu próximo". E quando Paulo descreve aqueles a quem ele deve repreender e censurar severamente, ele descreve exatamente o tipo de cristãos facciosos de nossos tempos: 2Co 12:20, "Porque receio que, quando chegar, não vos ache tais como eu quisera, e eu seja achado de vós qual não gostaríeis; que de algum modo haja contendas, invejas, iras, porfias, detrações, murmurações, orgulhos, tumultos". Ef 4:31-32, "Toda

amargura, e ira, e cólera, e clamor, e maledicência sejam tirados de entre vós, com toda a malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos...".

2. É um pecado que agrada a Satanás e serve à sua malícia contra o nosso próximo. Ele é malicioso contra todos, e falar o mal e fazer o dano são as obras que se adequam à sua malignidade! E deveria um cristão fazer de sua língua o instrumento do acusador dos irmãos para realizar a obra dele uns contra os outros?

3. Significa falta de amor cristão. Pois o amor não fala o mal, nem expõe as faltas dos homens sem causa, mas cobre as fraquezas; muito menos irá mentir e caluniar os outros, e espalhar relatos incertos contra eles. Não é fazer como você gostaria que fizessem com você: e quão essencial o amor é para o verdadeiro cristianismo, o próprio Cristo nos disse frequentemente.

4. É um pecado que serve diretamente para destruir o amor dos ouvintes e, consequentemente, para destruir suas almas. Se o difamador se compreendesse, confessaria que seu objetivo exato é fazer com que você odeie (ou diminua seu amor por) aquele de quem ele fala mal. Aquele que fala bem de um homem apresenta-o como amável; pois amabilidade e bondade são uma e a mesma coisa. E aquele que fala mal de um homem apresenta-o como odioso ou desprovido de encanto; pois o que é odioso, desprovido de encanto e o mal são uma e a mesma coisa. E assim como não é o caminho natural para conquistar o amor implorar e mendigar por ele, dizendo: peço-lhe que ame esta pessoa ou aquela coisa; mas sim expor a bondade da coisa ou pessoa, o que atrairá o amor;

do mesmo modo, o caminho natural para incitar o ódio não é implorar aos homens que odeiem este ou aquele homem; mas sim contar quão maus eles são, o que atrairá o ódio naqueles que acreditarem nisso. Portanto, falar mal de outrem é mais do que dizer aos ouvintes: peço-lhe que odeie este homem, ou diminua seu amor por ele. E que o assassinato do amor é o assassinato ou a destruição das almas dos homens, o apóstolo João declara frequentemente.

5. E tende também a destruir o amor e, consequentemente, a alma daquele de quem você fala mal. Pois quando chegar ao conhecimento dele (como de uma forma ou de outra poderá chegar) o mal que você relatou dele pelas suas costas, isso tenderá a fazer com que ele o odeie, e assim a torná-lo pior.

6. É um grande causador de discórdias e perturbador da paz onde quer que seja praticado. Tende a colocar as pessoas umas contra as outras. Quando se conta que tal pessoa falou mal de você em determinado lugar, surgem ressentimentos, repetições, partidarismos e a consequente malícia que o diabo planejou com esse desígnio.

7. Aqueles que costumam falar mal dos outros pelas costas, há dez chances contra uma de que falarão falsidades deles sem o saber. A fama é ordinariamente mentirosa, e mentirosos serão aqueles que forem seus mensageiros. Como você sabe se aquilo que relata é verdade? É apenas porque uma pessoa credível o disse? Mas como essa pessoa sabia que era verdade? Não poderia ela ter aceitado isso por confiança, assim como você? E não poderia ela considerar credível uma pessoa que não o é? E

quão comumente a facção, ou o interesse, ou a paixão, ou a credulidade tornam aquela pessoa incrível em uma coisa, a qual é credível em outras onde não tem tal tentação! Se você não sabe se é verdade, ou se não tem evidências suficientes para prová-lo, você é culpado de mentira e calúnia interpretativamente, mesmo que venha a se provar verdadeiro; porque poderia ter sido uma mentira por tudo o que você sabia.

8. É uma grave injustiça falar das faltas de um homem antes de ouvi-lo falar por si mesmo. Sei que é comum que tais pessoas digam: Oh, ouvimos isso de pessoas que temos certeza de que não mentiriam. Mas ele é um juiz insensato e injusto que será peremptório ao ouvir apenas uma das partes falar, e não sabe quão comum é para um homem, quando fala por si mesmo, dissipar as acusações mais confiantes e plausíveis, e fazer com que o caso pareça uma coisa totalmente diferente. Você não sabe o que o outro tem a dizer até que o tenha ouvido.

9. A difamação ensina outros a difamarem. O seu exemplo convida-os a fazer o mesmo: e pecados que são comuns são facilmente tolerados e dificilmente reparados; os homens pensam que a comunhão do erro justifica ou atenua a falta.

10. Encoraja homens ímpios ao odioso pecado de difamar e caluniar a pessoa mais religiosa e justa. É comum na família do diabo fazer dos servos mais fiéis de Cristo o assunto de suas conversas de mesa, e os objetos de seu desprezo e escárnio, e a canção dos bêbados? Que abundância de mentiras corre livremente entre tais pessoas malignas contra os mais inocentes, as quais todas seriam envergonhadas se primeiro lhes permitissem falar

por si mesmas. E tais calúnias e mentiras são os meios comuns do diabo para afastar os homens ímpios do amor à piedade e, assim, do arrependimento e da salvação. E os professores da religião que difamam encorajam os homens a isso; pois com a mesma medida com que medirem, lhes será medido de volta. E aqueles que são eles próprios mal falados pensarão que estão autorizados a retribuir aos difamadores com o mesmo teor.

11. É um pecado que comumente exclui a verdadeira e proveitosa repreensão e exortação. Aqueles que mais falam pelas costas dos homens costumam dizer o mínimo à face do pecador, de qualquer maneira que tenda à sua salvação. Eles não irão amorosamente a ele em particular para aplicar o pecado à sua consciência e exortá-lo ao arrependimento; mas qualquer coisa servirá como desculpa suficiente contra este dever, para que possam fazer com que o pecado da difamação o substitua: e tudo por uma autopreservação carnal; temem que os homens fiquem ofendidos se falarem às suas faces e, portanto, murmuram contra eles pelas suas costas.

12. É, no mínimo, uma conversa ociosa e um desperdício de seu tempo: em que os ouvintes são beneficiados por ouvir sobre os erros de outros homens? E você sabe que isso em nada aproveita a pessoa de quem você fala. Uma admoestação habilidosa e amigável poderia fazer-lhe bem! Mas negligenciar isso e falar de suas faltas infrutiferamente pelas suas costas é apenas agravar o pecado de sua falta de caridade, não se contentando em recusar sua ajuda a um homem no pecado, mas também prejudicando-o e fazendo-lhe o mal.

CAPÍTULO 24
CASOS E ORIENTAÇÕES CONTRA A CENSURA E O JULGAMENTO SEM GARANTIAS

Pergunta 1. Não sou obrigado a julgar verdadeiramente cada um como ele é?

Resposta. 1. Há muitos com quem você não deve se intrometer, nem emitir julgamento algum. 2. Há muitos cujas faltas são secretas e suas virtudes são abertas; e de tais você não pode julgar como são, porque não tem provas ou evidências que o capacitem: você não pode ver aquilo que está oculto no coração, ou que é feito nas trevas. 3. Você não deve, sob pretexto de caridade, nem pode, acreditar em uma falsidade evidente e conhecida de homem algum.

Pergunta [sem numeração]. A caridade não me obriga a julgar os homens melhores do que eles são?

Resposta. A caridade obriga você a: 1. Observar antes o melhor neles do que o pior. 2. E, como eu disse, a não julgar as faltas de homem algum sem ser chamado. 3. Nem julgar aquilo que não é evidente, mas fora de vista; e assim, consequentemente, ela o obriga a julgar alguns homens como melhores do que são; mas não diretamente.

Objeção. Então o homem é obrigado a errar e acreditar em uma falsidade.

Resposta. Não: você não é obrigado a acreditar que seja certamente verdade que tal homem é melhor do que é; porque você não tem evidências de sua certeza. Mas você é obrigado a acreditar que é algo provável ou *verisimile* [verossímil], que provavelmente seja verdade, por uma opinião ou fé humana falível; e isso não é uma falsidade; pois aquilo é provável e verossímil para você que tem a evidência mais provável, e tem mais a seu favor do que contra: de modo que a proposição em que você deve acreditar imediatamente é esta: há mais evidência para mim para provar ser provável que este homem seja sincero do que o contrário; e, consequentemente, você acredita nisso e não acredita no contrário, porque o contrário não tem evidência. Mas você não deve tomar como algo certo que o contrário não tenha uma realidade latente.

Pergunta 2. Até que ponto posso julgar mal de alguém por aparências externas, como pelo semblante, gestos e outros sinais incertos, mas suspeitos?

Resposta. Existem alguns sinais que não são sequer prováveis, mas apenas um pouco suspeitos, e pelos quais os homens frequentemente se enganam: como aqueles que julgam um homem à primeira vista pelo seu rosto; e aqueles que julgam uma pessoa estudiosa e séria (um advogado, um juiz ou um teólogo) como morosa ou soberba porque não são elogiosos, mas de poucas palavras; ou porque não têm paciência para desperdiçar horas preciosas ouvindo um vaso vazio soar, ou uma pessoa ignorante e presunçosa falar tolamente. Tais censuras são apenas os efeitos de falta de julgamento, injustiça e pressa precipitada. Há outros sinais que tornam provável a uma

pessoa sábia e caridosa que o homem seja mau (por exemplo, soberbo, ou cobiçoso, ou hipócrita). Se com estes existem pecados tão grandes que tornam o contrário provável, devemos inclinar-nos antes para o melhor do que para o pior. Mas se não for assim, podemos temer o pior daquela pessoa, mas não concluí-lo como certeza; e, portanto, não devemos em censuras públicas proceder com base em tais incertezas, nem nos aventurarmos a divulgá-las; mas apenas usá-las para nos ajudar na devida cautela, piedade, oração e esforço para a recuperação e ajuda de tal pessoa.

Pergunta 3. Até que ponto posso censurar com base no relato de outros?

Resposta. De acordo com o grau de credibilidade das pessoas e da evidência da narrativa; não simplesmente em si mesmos, mas quando comparados com tudo o que deve ser ouvido do lado contrário; de outra forma, você é parcial e injusto.

Pergunta 4. O quinto mandamento não me obriga, em honra aos pais e príncipes, a julgá-los melhores do que suas vidas declaram que são?

Resposta. Você deve gradualmente honrá-los mais do que aos outros e, portanto, ter mais medo de desonrá-los, e não deve assentar-se em julgamento sobre eles para acreditar em qualquer mal a seu respeito que a evidência não o obrigue a acreditar. Mas você não deve julgar pecado algum como menor porque é deles; nem julgar contra a evidência, nem chamar o mal de bem, nem ser voluntariamente cego, nem lisonjear ninguém em seu pecado.

Pergunta 5. Quem devemos julgar como cristãos sinceros e santificados?

Resposta. 1. Todos aqueles que professam sê-lo, a quem você não possa refutar. 2. Mas, como há vários graus de evidência e probabilidade, assim deve haver vários graus de sua boa opinião sobre os outros. Daqueles que lhe dão a maior probabilidade, você pode ter a mais forte confiança próxima da certeza: de outros você pode ter menos; e de alguns você pode ter muito mais temor do que esperança. 3. E, no entanto, em questões de direitos da igreja e comunhão pública, seus temores não lhe permitirão tratá-los como não cristãos; pois a profissão de fé e arrependimento deles é certa; e enquanto seus temores de sua hipocrisia ou falta de solidez forem apenas incertos, isso não deve (por esse motivo) prevalecer para privar outrem do seu direito.

Pergunta 6. Mas o meu erro não é meu pecado, se eu estiver enganado, e tomar por cristão sincero aquele que não o é?

Resposta. Se você julgou isso como certo, seu julgamento e erro foram seu pecado; mas se você apenas o julgou um professor do cristianismo, e alguém com quem, por esse motivo, você estava obrigado a manter comunhão na igreja como se fosse sincero, porque não pode provar o contrário, isso não foi erro; ou se você errou por falta de evidência suficiente para conhecer a verdade, este erro não é em si mesmo um pecado.

Pergunta 7. Quem devo julgar como um membro visível da igreja, com quem estou assim obrigado a manter comunhão?

Resposta. 1. Se você for o pastor da igreja a quem cabe julgar, na sua admissão pelo batismo, ou depois disso, você deve assim julgar cada um que fizer uma profissão credível do verdadeiro cristianismo, isto é, do seu consentimento atual ao pacto sacramental: e essa profissão é credível quando for: 1. Compreendida por aquele que a faz. 2. Deliberada. 3. Voluntária. 4. Aparentemente séria. 5. E não for refutada por evidência válida em contrário. Estas são as verdadeiras medidas da comunhão da igreja; pois cada homem, depois de Deus, é o juiz de seu próprio coração; e Deus quer que cada homem seja o que escolhe ou recusa as suas próprias misericórdias.

Mas se você for apenas um membro privado da igreja, você deve julgar essa pessoa como um membro visível da igreja a quem o pastor recebeu pelo batismo e não excluiu novamente por excomunhão; a menos que o contrário seja notório: e mesmo assim você é frequentemente obrigado, por uma questão de ordem, a comportar-se em relação a ela como um membro visível, até que seja regularmente excluída.

Pergunta 8. Quem devo julgar como um verdadeiro adorador de Deus, e quem não?

Resposta. Aquele que professa o verdadeiro cristianismo e une-se ao verdadeiro culto em uma igreja cristã, ou em particular (quando impedido) reconhece o Deus verdadeiro em todos os seus atributos essenciais, e ouve a sua palavra, e ora a ele por todas as coisas necessárias para a salvação, e o louva devidamente, não prestando o culto próprio de Deus a nenhuma criatura; e faz tudo isso como um pecador redimido por Jesus Cristo, confiando em seus

méritos, sacrifício e intercessão, e não confere o ofício dele a nenhum outro. E é um falso adorador aquele que nega qualquer atributo essencial de Deus, ou parte essencial do ofício de Cristo, ou entrega estes a outrem; ou recusa a sua palavra, ou exclui em suas orações qualquer coisa essencial ao cristianismo, ou absolutamente necessária para a salvação. Mas *secundum quid* [em certo aspecto], em partes menores, ou em circunstâncias, ou medidas, cada homem na terra é um falso adorador, isto é, ele oferece a Deus um culto de algum modo falho e imperfeito, e tem algum pecado em seu ato de adorar a Deus; e o pecado é algo que Deus não requer, mas proíbe mesmo nas menores medidas.

Pergunta 9. Qual devo julgar como uma verdadeira igreja de Cristo, e qual como uma igreja falsa?

Resposta. A igreja universal é apenas uma, e é a sociedade inteira de cristãos unidos a Cristo, seu único Cabeça; e esta não pode ser uma igreja falsa. Mas se qualquer outra estabelecer um usurpador como cabeça universal, e assim criar outra política e igreja, esta é uma igreja falsa formalmente, ou em sua política; mas, contudo, os membros desta falsa igreja ou política podem, alguns deles, como cristãos, ser também membros da verdadeira igreja de Cristo: e assim a igreja de Roma, como papal, é uma falsa igreja católica, possuindo a política de um usurpador; mas, como cristãos, eles podem ser membros da verdadeira igreja católica de Cristo. Mas quanto a uma igreja particular, que é apenas parte da universal, esta é uma igreja verdadeira considerada meramente como uma comunidade sem governo, a qual é uma parte verdadeira da católica, preparada para um

pastor, embora esteja sem ele: mas apenas aquela é uma igreja política verdadeira que consiste em cristãos professos reunidos sob um pastor verdadeiro, para comunhão na profissão do verdadeiro cristianismo, e para o verdadeiro culto a Deus, e para um caminhar ordenado em assistência mútua e salvação.

Pergunta 10. Quem devemos julgar como verdadeiros profetas e pastores da igreja?

Resposta. Ele é um verdadeiro profeta que é enviado por Deus e fala a verdade por revelação ou inspiração sobrenatural imediata. E ele é um falso profeta que falsamente diz ter revelações divinas ou inspiração, ou profetiza falsidades como se fossem de Deus. E ele é um verdadeiro pastor perante o tribunal de Deus quando está: 1. Competentemente qualificado com habilidades para o cargo. 2. Competentemente disposto para ele, com prontidão e desejo de sucesso; e possui fins corretos ao assumi-lo e desempenhá-lo. 3. Quando possui uma admissão justa, por ordenação verdadeira de pastores e consentimento do rebanho; e ele deve ser considerado um verdadeiro pastor *in foro ecclesiae* [no tribunal da igreja], no julgamento da igreja, a qual julga que ele possui todas essas qualificações, e com base nisso o admite na posse do lugar, até que sua incapacidade seja notória ou pública e suficientemente provada, ou que ele seja removido ou tornado incapaz.

Título 2. Orientações para a Cura da Inclinação Censória Pecaminosa

Direção 1. Não se intrometa de modo algum no julgamento dos outros sem um chamado. Saiba primeiro se isso faz parte do seu trabalho; se não for, tema aquelas palavras do seu Juiz, Mt 7:1-5: "Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados", etc. E Rm 14:4: "Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai". E os versículos 10 e 13: "Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. — De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus. Assim que não nos julguemos mais uns aos outros". 1Co 4:3-5: "Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou pelo juízo humano — Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações —". Cl 2 :16: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados".

Pergunta. Mas quando tenho um chamado para julgar outrem?

Resposta. Você pode extrair a resposta para isso da resposta à pergunta 10 do capítulo XXIII, título 1. 1. Se o seu ofício e lugar o exigirem, como magistrado, pastor, pai, senhor, tutor, etc. 2. Se a segurança da igreja ou do seu próximo o exigir. 3. Se o bem do pecador o exigir, para que você busque o seu arrependimento e reforma. 4. Se a sua própria preservação ou bem-estar (ou qualquer outro dever) o exigir.

Direção 2. Mantenha uma percepção humilde de suas próprias faltas, e isso o tornará compassivo para com os outros. Aquele que é verdadeiramente vil aos seus próprios olhos é o menos inclinado a vilipendiar os outros; e aquele que se julga com a maior severidade penitente é o menos inclinado a ser censório com o seu irmão. O orgulho é a causa comum da censura: aquele que diz com o fariseu: "Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo; não sou adúltero", etc., também dirá: "Não sou como os demais homens, nem ainda como este publicano"; ao passo que o verdadeiro penitente encontra tanto em si mesmo a ser condenado, que bate em seu próprio peito e diz: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador". A classe de cristãos mais orgulhosa e cheia de si é sempre a mais censória em relação aos seus vizinhos.

Direção 3. Portanto, gaste muito tempo em casa examinando, vigiando e corrigindo o seu próprio coração; e então você encontrará tanto o que fazer a respeito de si mesmo que não terá disposição nem lazer para censurar os outros; ao passo que o hipócrita superficial, cuja religião está nas coisas externas e que não tem familiaridade com o seu próprio coração e com o céu, é tão pouco empregado no verdadeiro trabalho de um cristão que tem tempo de sobra para o trabalho de um fariseu censório.

Direção 4. Esforce-se por obter uma profunda percepção experimental da natureza da religião e de cada dever. Pois ninguém é tão censório quanto os ignorantes que não sabem o que dizem; ao passo que as pessoas experientes conhecem aquelas dificuldades e outras razões que acalmam as suas mentes. Assim como nos negócios comuns, ninguém criticará mais rapidamente um operário

em seu trabalho do que os tagarelas ociosos que menos o entendem. Assim é comumente nas questões de religião: mulheres e jovens que nunca enxergaram os grandes mistérios da teologia, mas que foram recentemente transformados de uma vida viciosa, e não têm familiaridade com os pontos difíceis da religião, nem com a sua própria ignorância sobre eles, são os censuradores comuns e orgulhosos de seus irmãos muito mais sábios do que eles, e de todos os homens que são mais moderados e pacíficos do que eles, e que são mais afeitos à unidade e mais avessos a seitas e separações do que eles. Estude mais arduamente e espere até crescer para a experiência dos mais velhos, e você será menos censório e mais pacífico.

Direção 5. Não se considerem juízes aptos daquilo que não entendem; e não pensem orgulhosamente que vocês têm mais probabilidade de compreender as dificuldades da religião, com seus estudos curtos e preguiçosos, do que aqueles que, em leitura, meditação e oração, gastaram suas vidas investigando-as. Não permita que o orgulho faça você abusar do Espírito Santo, fingindo que ele lhe deu mais sabedoria em pouco tempo, e com poucos recursos e diligência, do que aos seus superiores pela santa dedicação de suas vidas: não diga que Deus pode dar mais a você em um ano do que a outros em vinte; pois é um argumento pobre provar que Deus o fez apenas porque ele pode fazê-lo. Ele pode fazer de você um anjo, mas isso não provará que você seja um. Prove a sua sabedoria antes de presumi-la, e não a superestime: Hb 5:11-12 mostra que é o caminho comum de Deus dar aos homens sabedoria de acordo com o tempo e os recursos deles, a menos que a negligência própria os prive de sua bênção.

Direção 6. Estude para manter o amor cristão e mantê-lo vivo. Pois o amor não é censório, mas está inclinado a julgar da melhor forma, até que a evidência o constranja ao contrário. A censura é um verme que rasteja na carcaça do amor cristão quando a vida deste já se foi.

Direção 7. Valorize todas as graças de Deus em seus servos; e então você verá algo pelo qual amá-los, quando os hipócritas nada conseguem ver: não faça pouco caso de pequenos graus de graça, e então a sua censura não os desconsiderará.

Direção 8. Lembre-se da ternura de Cristo, que não condena o fraco, nem expulsa os bebês de sua família, nem os enfermos de seu hospital; mas trata com eles com uma doçura tão graciosa como convém a um Salvador de coração terno: ele não quebrará a cana quebrada; ele carrega os seus cordeiros em seus braços e guia mansamente as que amamentam! Ele acolhe o homem ferido quando o sacerdote e o levita passam de largo. E não têm vocês mesmos necessidade da ternura de Cristo tanto quanto os outros? Não temem que ele encontre faltas maiores em vocês do que as que encontram nos outros, e os condene assim como vocês os condenam?

Direção 9. Que a percepção da corrupção comum do mundo, e da imperfeição dos piedosos, modere as suas censuras particulares. Como diz Sêneca: censurar um homem por aquilo que é comum a todos os homens é, de certa forma, censurá-lo por ser homem, o que não convém àquele que é homem também. Não conhecem vocês a fragilidade dos melhores e a depravação comum da natureza humana? Quão poucos existem que não precisem

de grande tolerância, do contrário não passarão por válidos na balança! Elias era homem sujeito às mesmas paixões: Jonas à petulância: Jó teve a sua impaciência: Paulo diz até dos mestres da igreja primitiva: "Todos (os que estavam com ele) buscam o que é seu, e não o que é de Jesus Cristo". Que manchas são imputadas a quase todas as igrejas e a quase todas as pessoas santas mencionadas em todas as Escrituras! Aprendam, pois, com Paulo uma lição melhor do que a censura: Gl 6:1: "Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em alguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo. Mas prove cada um a sua própria obra, e então terá motivo de glória unicamente em si mesmo", etc.

Direção 10. Lembre-se de que o julgamento é prerrogativa de Deus (além daquilo para o qual somos chamados para a execução de algum dever, seja de ofício, de caridade privada ou de autopreservação); e que o Juiz está à porta! E que julgar sem misericórdia nos torna sujeitos ao julgamento sem misericórdia. A previsão daquele julgamento universal e próximo, que proferirá a sentença sobre nós e todos os homens, fará muito para nos curar de nossa censura precipitada.

Direção 11. Examine e observe todas as orientações do último capítulo contra o falar mal e a difamação, para que eu não precise repeti-las: evite especialmente: 1. A armadilha do egoísmo e do interesse pessoal. Pois a maioria dos homens julga os outros principalmente pelo seu próprio interesse. Bom é o homem que é bom para

eles, ou que está do lado deles; que os ama, os honra e atende aos seus desejos: este é o julgamento falso e comum do mundo corrompido e egoísta, que vilipendia e odeia os melhores porque parecem inadequados para eles e para o seu interesse carnal. Portanto, tenha cuidado com o julgamento deles sobre qualquer homem com quem você tenha uma desavença: pois há duas chances contra uma de que você o injustiçará por causa deste egoísmo. 2. Evite a paixão, que cega o julgamento. 3. Evite a facção, que faz você julgar todos os homens conforme concordem ou discordem de suas opiniões, ou de seu lado e partido. 4. Evite crer rápido demais em censuras, e repreenda-as. 5. Ouça cada homem falar por si mesmo antes de censurá-lo, se for possível e se o caso não for notório.

Direção 12. Mantenha sempre em sua mente uma justa e profunda apreensão da malignidade deste pecado de censura precipitada. Para a mortificação de qualquer pecado, o que mais importa é quais apreensões dele estão na mente. Se as pessoas religiosas percebessem a odiosidade disso tanto quanto percebem a do jurar, da embriaguez, da fornicação, etc., elas o evitariam com o mesmo cuidado. Portanto, mostrar-lhes-ei a malignidade deste pecado.

1. É uma usurpação da prerrogativa de Deus, que é o Juiz de todo o mundo: é subir em seu tribunal e assumir a sua obra; como se você dissesse: serei Deus quanto a esta ação. E se é chamado de anticristo aquele que usurpa o ofício de Cristo de ser o monarca universal e cabeça da igreja, você pode imaginar o que faz aquele que (embora apenas em um ponto) se coloca no lugar de Deus.

2. Aqueles que não usurpam a parte de Deus no julgar, ordinariamente usurpam a parte do magistrado ou dos pastores da igreja. Como quando cristãos equivocados e censores se recusam a participar do sacramento da comunhão porque muitas pessoas estão ali a quem julgam ser ímpias, o que fazem eles senão usurpar o ofício dos pastores da igreja, a quem as chaves são confiadas para admissão e exclusão, sendo assim os juízes designados para esse caso? O dever dos membros privados é apenas admoestar o transgressor primeiro secretamente, e depois perante testemunhas, e dizê-lo à igreja se ele não se arrepender, e humildemente dizer aos pastores o dever deles se eles o negligenciarem; e quando isso for feito, eles desincumbiram-se de sua parte, e não devem mais excomungar os homens por si mesmos do que devem enforcar ladrões quando o magistrado negligencia enforcá-los.

3. A censura significa a ausência ou o declínio do amor, o qual inclina os homens a pensar o mal, a julgar o pior, a agravar as fraquezas e a desconsiderar ou atenuar qualquer bem que haja nos outros. E há menos graça onde há menos amor.

4. Mostra também muita falta de autoconhecimento e daquele emprego do coração com o qual os cristãos mais sinceros estão ocupados. E mostra muita falta de humildade cristã e de percepção de suas próprias fraquezas e ruindade; e muita prevalência de orgulho e presunção. Se você soubesse quão ignorante é, não seria tão peremptório em julgar; e se soubesse quão mau é, não seria tão ávido por condenar os seus vizinhos. De modo que aqui se encontram reunidos o efeito de muito

distanciamento de si mesmo, hipocrisia e orgulho. Considerou você alguma vez o pensamento de Cristo quando disse aos que acusavam a mulher adúltera, Jo 8:7: "Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire uma pedra contra ela"? Certamente o adultério era um crime hediondo e punível com a morte, e Cristo não era patrono da impureza; mas ele sabia que era a um tipo de pessoas hipócritas que ele falava, as quais estavam ocupadas em julgar os outros antes de si mesmas. Estudou você as palavras dele contra os censuradores precipitados, Mt 7:3-4: "E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não botes de sentido na trave que está no teu próprio olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão". Sei muito bem que os pecadores impenitentes costumam perverter todas essas palavras de Cristo contra qualquer um que queira levá-los ao arrependimento por seu pecado; e consideram todos os homens como censuradores precipitados que queiram fazê-los conhecer seus corações e vidas não santificados. Mas não é o abuso que eles fazem da Escritura que justificará o fato de passarmos por ela com negligência. Cristo não a falou em vão; e ela deve ser estudada por seus discípulos.

5. A censura é injustiça, na medida em que os censuradores não gostariam de ser assim censurados. Você dirá: sim, se fôssemos tão maus e o merecêssemos. Mas, embora você não tenha aquela mesma falta, não tem nenhuma outra? E está disposto a vê-la agravada e a ser assim precipitadamente julgado? Você não faz como gostaria que fizessem com você: sim, comumente os

censuradores são culpados de julgamento falso; e enquanto aceitam as coisas apressadamente por confiança, e não esperam para ouvir os homens falarem por si mesmos, ou para investigar minuciosamente a causa, eles comumente condenam o inocente; e chamam o bem de mal, e colocam a luz pelas trevas; e tiram a retidão do justo, quando Deus amaldiçoou tais pessoas com um ai.

6. E o falso censurar é a obra própria do diabo, o acusador dos irmãos, Ap 12:10, "que os acusava diante do nosso Deus dia e noite"; e os cristãos não devem carregar a sua imagem, nem fazer a sua obra.

7. A censura é contrária à natureza e ao ofício de Jesus Cristo: ele veio para perdoar o pecado, cobrir as fraquezas de seus servos, lançá-las para trás de suas costas e nas profundezas do mar, e sepultá-las em seu túmulo; e é obra do censurador revolvê-las e fazê-las parecer maiores e mais numerosas do que são, e trazê-las à luz aberta.

8. A censura causa a falta de caridade e separações pecaminosas nos censuradores: quando eles julgam seus irmãos piores do que são, devem então reprová-los, ou não ter comunhão com eles, e evitá-los como sendo maus demais para a companhia de pessoas como eles; ou quando usurpam a obra do pastor ao julgar, iniciam a execução por meio de uma separação pecaminosa.

9. A censura é um pecado infeccioso, que facilmente contagia os cristãos mais jovens e mais orgulhosos, levando-os a vilipendiar os outros: e por esta pequena brecha entra toda falta de caridade, difamações, ultrajes, divisões na igreja e seitas, sim, e com muita frequência guerras rebeldes e sangrentas por fim.

10. A censura é uma dura tentação para aqueles que são censurados, quer para desprezar aqueles que os censuram e ir, por outro lado, longe demais deles; quer para comprazer-se com os erros e humores pecaminosos dos censuradores, forçando suas consciências a manter o passo com os censores.

E aqui devo deixar registrado para a posteridade, para sua advertência, que as grandes e lamentáveis ações, mudanças e calamidades desta era surgiram (ao lado da impiedade grosseira) deste pecado de censura, produzindo estes dois efeitos contrários e, por meio disso, dividindo os homens em dois partidos opostos: a classe mais jovem das pessoas religiosas, e os mais ignorantes, e muitas mulheres, possuindo mais zelo do que julgamento, colocaram grande parte de sua religião em uma oposição ferrenha a todas as cerimônias, formalidades e opiniões que pensavam ser ilícitas; e estavam muito inclinados ao cisma e a separações injustas por esse motivo; e, portanto, censuravam tais coisas como anticristãs, e aqueles que as usavam como supersticiosos e conformistas; e o aprendizado, a piedade, a sabedoria ou a dedicação de nenhum homem no ministério podiam salvá-lo dessas censuras afiadas e injuriosas. Diante disso, um partido não teve humildade e paciência suficientes para suportar ser assim julgado; nem amor e ternura suficientes por tais cristãos petulantes para tolerá-los com piedade, como os pais fazem com bebês obstinados; mas porque estes professavam santidade e zelo, até mesmo a santidade e o zelo foram trazidos sob suspeita por causa deles; e eles foram tidos como pessoas intoleráveis, inadequadas para compor qualquer edifício e rebeldes ao governo cristão; e, portanto, adequadas para serem tratadas em

conformidade. Outra classe estava tão cansada da profanação e impiedade da plebe vulgar, e via tão poucos que eram criteriosamente religiosos, que julgou ser seu dever amar e acalentar o zelo e a piedade de seus fracos censores, e suportar pacientemente a sua obstinação, até que a maturidade e a experiência os curassem (e até aí estavam certos). E porque pensavam que não poderiam fazer-lhes bem algum se uma vez perdessem a simpatia deles (e sendo também eles próprios muito impacientes em relação à censura deles), alguns pareceram (para agradá-los) ser mais da opinião deles do que realmente eram; e a maioria deles deixou de repreender a sua petulância, mas silenciosamente permitiu que continuassem; especialmente quando caíram nas seitas dos antinomistas, anabatistas e separatistas, não ousaram repreendê-los como mereciam, temendo expulsá-los da colmeia para alguns desses enxames recentes. E assim a inclinação á censura nos ignorantes e presunçosos afastou uma parte para considerá-los como seus inimigos; e silenciou ou atraiu outro partido a segui-los na liderança de algumas ações irregulares e violentas; e os moderadores sábios e sóbrios foram desconsiderados e, no ruído desses tumultos e contendas, não puderam ser ouvidos, até que a dor de ambos os partidos em seus sofrimentos os forçou a honrar aqueles a quem na sua exaltação novamente desprezaram ou maltrataram. Esta é a verdadeira soma de todas as tragédias na Grã-Bretanha nesta era.

Direção 1. Lembre-se, quando for ferido por censuras, que Deus está agora provando a sua humildade, caridade e paciência; e, portanto, seja extremamente zeloso em exercitar e preservar estas três. 1. Tenha cuidado para que o orgulho não o torne desdenhoso em relação ao

censurador; um homem humilde pode suportar o desprezo; as censuras duras ferem os homens na medida em que são orgulhosos. 2. Tenha cuidado para que a fraqueza não se some à sua impaciência e concorra com o orgulho: não pode você suportar coisas maiores do que estas? A impaciência revelará aquela ruindade em vocês mesmos que fará com que sejam muito mais censurados; e mostrará que vocês são tão fracos em um aspecto quanto os censuradores são em outro. 3. Tenha cuidado para que a falta deles não o leve a desconsiderar ou desvalorizar aquela piedade séria que há em muitos dos censores; e que você não os julgue imediatamente como hipócritas ou cismáticos, diminuindo a sua caridade para com eles ou inclinando-se a tratá-los de forma mais rude do que a ternura de Cristo lhe permite. Lembre-se de que em todas as eras tem sido assim: a igreja tem tido filhos petulantes por dentro, bem como inimigos perseguidores por fora; de modo que Paulo, em Rm 14, apresenta-lhe a cópia destes tempos e dá-lhes este conselho, o qual dele estou transmitindo a você. Os fracos no conhecimento eram censores e julgavam os fortes; os fortes no conhecimento eram fracos na caridade e desprezavam os fracos: exatamente como agora um partido diz: estes são supersticiosos e anticristãos; o outro diz: que cismáticos instáveis são estes! Mas Paulo repreende a ambos; uma classe por censurar e a outra por desprezá-los.

Direção 2. Tenha cuidado para que, enquanto estiver impaciente sob as censuras deles, você não caia no mesmo pecado. Eles o censuram por diferir em algumas formas ou cerimônias deles? Tenha cuidado para não supercensurá-los; se você os censura como hipócritas por censurarem você como supersticioso, você se condena enquanto os está

condenando. Pois por que o censurar longe demais não provará que você também é hipócrita, se prova que eles o são?

Direção 3. Lembre-se de que Cristo suporta a fraqueza deles, ele que é mais injustiçado por ela do que você, e é mais contra ela. Ele não renuncia ao seu direito sobre eles por sua obstinação, nem cessa o seu amor, nem expulsa de sua família cada bebê que chora e briga, nem cada paciente de seu hospital que reclama e geme; e nós devemos imitar o nosso Senhor, e amar onde ele ama, e compadecer-nos onde ele se compadece, e ser misericordiosos como o nosso Pai celestial é misericordioso.

Direção 4. Lembre-se de quão amável é o menor grau de graça, mesmo quando está obscurecido e manchado por fraquezas. É a natureza divina, e a imagem de Deus, e a semente da glória; e, portanto, assim como um bebê tem a nobre natureza de um homem e, em toda a sua fraqueza, é muito mais honrável do que o melhor dos brutos (de modo que é morte matar um bebê, mas não um animal), assim o mais fraco e obstinado cristão verdadeiro é mais honrável e amável do que o mais esplêndido infiel. Suporte-os em amor e honra à imagem e ao interesse de Cristo.

Direção 5. Lembre-se de que você mesmo já foi fraco na graça; e se uma educação feliz sob guias pacíficos não o evitou, há duas chances contra uma de que você mesmo tenha sido censurador. Suporte, portanto, os outros como você suporta as crianças que choram, porque você já foi uma criança. Não que o pecado seja de algum modo melhor por isso, mas você deve ser mais compassivo.

Direção 6. Lembre-se de que a sua própria força e julgamento são uma misericórdia tão grande que você deveria suportar mais facilmente uma língua censora. Os ricos e nobres podem suportar os invejosos, lembrando que é uma felicidade possuir aquele valor ou felicidade que os homens invejam. Vocês sofrem os tolos de boa mente, visto que vocês mesmos são sábios. Se você está no caminho certo, deixe os perdedores falarem.

Direção 7. Lembre-se de que em breve estaremos juntos no céu, onde eles retratarão as suas censuras, e você facilmente os perdoará e os amará perfeitamente. E não fará a previsão de tal encontro com que você os suporte, perdoe e ame agora?

Direção 8. Lembre-se de quão insignificante é para o seu próprio interesse ser julgado pelo homem; e que você fica de pé ou cai pelo julgamento do Senhor, 1Co 4:3-4. Em que você é melhor ou pior pelos pensamentos ou palavras de um homem, quando a sua salvação ou condenação depende do julgamento de Deus? É hipocrisia excessiva ser demasiadamente desejoso da estima e aprovação do homem, e demasiadamente perturbado com o seu desprezo e censura, e não se satisfazer com a aprovação de Deus. Leia o que está escrito contra o agradar aos homens na parte I.

Direção 9. Tire algum proveito das censuras alheias para o seu próprio progresso. Se homens bons o censurarem, não seja rápido demais em concluir que você é inocente e em se justificar; mas desconfie de si mesmo, para que não se prove que eles estão certos, e examine-se com dupla diligência. Se constatar que você está limpo no ponto pelo

qual é censurado, desconfie e examine se algum outro pecado não provocou a Deus a prová-lo por meio destas censuras; e se não encontrar outra falta notável, faça com que isso o torne mais vigilante a título de prevenção, visto que os olhos de Deus e dos homens estão sobre você; e pode ser o aviso de Deus para que você tenha cuidado no tempo vindouro. Se você for assim levado ao arrependimento, ou a uma vida mais cuidadosa, por ocasião das censuras dos homens, elas provarão ser um benefício tão grande para você que você as poderá suportar com mais facilidade.

CAPÍTULO 25
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE CUSTÓDIAS E SEGREDOS

Pergunta 1. De que maneira nos é proibido colocar a nossa confiança no homem? E como pode ser feito?

Resposta. 1. Você não deve confiar no homem para além de sua proporção e daquilo que compete ao homem fazer: você não deve esperar dele aquilo que somente Deus pode fazer. 2. Você não deve confiar em um homem mau e infiel para fazer aquilo que é próprio de um homem bom e fiel fazer. 3. Você não deve confiar no melhor homem, sendo este imperfeito e falível, tão plenamente como se o supusesse perfeito e infalível: mas, tendo de lidar com um mundo corrompido, devemos viver nele com alguma medida de desconfiança em relação a todos os homens (embora Cícero pensasse que isso contrariava as leis da amizade). Mas especialmente os homens ignorantes,

desonestos e fraudulentos devem ser os mais desconfiados. Como Bucholtzer disse ao seu amigo que estava prestes a se tornar cortesão: *Commendo tibi fidem diabolorum, crede et contremisce* [Recomendo-te a fidelidade dos demônios: crê e estremece]: aquele que conversa com homens diabólicos deve acreditar neles não mais do que é devido aos filhos do pai da mentira. Mas devemos confiar nos homens como homens, de acordo com os princípios de veracidade que restam na natureza corrompida; e devemos confiar nos homens até onde a razão nos mostra causa, por sua habilidade, fidelidade, honestidade ou interesse: assim, um cirurgião, um médico, um piloto podem ser confiados com as nossas vidas; e quanto mais habilidoso e fiel for um homem, mais ele deve ser confiado.

Pergunta 2. Quem deve o homem escolher para uma questão de confiança?

Resposta. Conforme for o assunto: alguém que tenha sabedoria, habilidade e fidelidade, por meio da consciência, honestidade, amizade ou pelo seu próprio interesse aparente.

Pergunta 3. Em que casos posso confiar um segredo a outrem?

Resposta. Quando houver necessidade de que ele o saiba, ou uma probabilidade maior de bem do que de mal por isso, conforme a evidência que um homem prudente possa enxergar.

Pergunta 4. E se outrem me confiar algo sob encargo de segredo, e eu nada lhe disser, e assim não o prometer; estou obrigado ao segredo nesse caso?

Resposta. Se você tiver causa para crer que ele tomou o seu silêncio por consentimento, e não teria confiado isso a você de outra forma, você está obrigado em termos de fidelidade, bem como de amizade: exceto se for com assaltantes, ou com aqueles com quem não estamos obrigados a lidar abertamente e em termos de igualdade.

Pergunta 5. E se for um segredo, mas eu não estiver sob nenhuma ordem ou promessa de modo algum a esse respeito?

Resposta. Você deve então proceder de acordo com as leis da caridade e da amizade; e não revelar aquilo que seja para o prejuízo de outrem, sem uma causa maior.

Pergunta 6. E se for contra o rei, ou o Estado, ou o bem comum?

Resposta. Você está obrigado a revelá-lo, tanto quanto a segurança do rei, ou do Estado, ou do bem comum o exigir; sim, ainda que você jure o contrário.

Pergunta 7. E se for apenas contra o bem de uma terceira pessoa comum?

Resposta. Você deve empenhar-se em evitar o dano dela, seja revelando a coisa, seja dissuadindo dela, ou pelos meios que a prudência lhe disser serem os mais adequados, exercendo o seu amor para com um sem fazer injustiça ao outro.

Pergunta 8. E se um homem secretamente me confiar os seus bens, para si mesmo ou para seus filhos, quando estiver endividado, para fraudar os seus credores?

Resposta. Você não deve aceitar tal custódia: e se o fez, não deve mantê-la, mas devolvê-la àquele que lha confiou. Sim, e revelar a fraude para a reparação dos credores, exceto se for em um caso em que o credor seja uma pessoa tão viciosa ou opressora que você não esteja obrigado a exercer aquele ato de caridade por ela; ou quando as consequências de revelá-lo forem um dano maior do que a reparação dele compensará; especialmente quando for contra o bem público.

Pergunta 9. E se um delinquente me confiar os seus bens ou a sua pessoa para os proteger de uma penalidade?

Resposta. Se for alguém processado pelo devido curso da justiça, *cujus poena debetur reipublicae* [cuja punição é devida à república], cuja punição o bem comum exige, o caso deve ser decidido como o anterior: você não deve aceitar nem manter tal custódia. Mas se for alguém cujo arrependimento lhe dê razões para crer que a sua impunidade será mais proveitosa para o bem comum do que a sua punição, e que se o magistrado soubesse disso, deveria poupá-lo ou perdoá-lo, neste caso você pode ocultar a sua pessoa ou bens; desde que não o faça por meio de mentira, ou qualquer outro meio pecaminoso, ou que venha a causar mais dano do que bem.

Pergunta 10. E se um amigo me confiar os seus bens para os proteger de grandes impostos ou tributos devidos ao rei? Posso manter tal custódia ou não?

Resposta. Não: se forem impostos justos e legais para a manutenção do magistrado ou preservação do Estado: mas se for feito por um usurpador que não tem autoridade (causando, sem autoridade ou além dela, a opressão do súdito), você pode ocultar os bens dele ou os seus por meios legítimos.

Pergunta 11. E se um homem que sofre pela religião confiar a sua pessoa ou os seus bens à minha guarda?

Resposta. Você deve ser fiel à sua custódia: 1. Se for a verdadeira religião e uma boa causa pela qual ele sofre. 2. Ou se ele for falsamente acusado de abusos na religião. 3. Ou se ele for culpado, mas a penalidade pretendida, da qual você o protege, for incomparavelmente superior à sua falta e injusta. Supondo sempre que você o salve apenas por meios legítimos, e que isso não tenda a causar mais dano do que bem à causa da religião ou do Estado.

Pergunta 12. E se um papista ou outra pessoa errônea me confiar (sendo eu da mesma opinião) a educação de seus filhos naquele caminho quando ele morrer, e depois eu passar a ver o erro, devo cumprir essa confiança ou não?

Resposta. Não: 1. Porque nenhuma confiança pode obrigá-lo a fazer o mal. 2. Porque é contrário à intenção primária de seu amigo, a qual era o bem de seus filhos. E você pode muito bem supor que, se ele tivesse visto o seu erro, teria confiado em você para agir em conformidade: você está obrigado, portanto, a responder à intenção primária dele e buscar verdadeiramente o bem de seus filhos.

Pergunta 13. Mas e se um homem a quem outro confiou seus filhos tornar-se papista ou herético, e assim pensar que o erro é a verdade? O que deve ele fazer?

Resposta. Ele está obrigado a voltar novamente para a verdade e agir em conformidade.

Objeção. Mas um diz que esta é a verdade e outro que é aquela; e ele pensa que está certo.

Resposta. Apenas uma das contrárias é verdadeira. O fato de os homens pensarem que estão certos não faz com que estejam. E Deus não mudará as suas leis porque eles as compreendem mal ou as quebram: portanto, aquilo a que Deus os vincula ainda é retornar à verdade. E se eles pensam que é verdade aquilo que não é, estão obrigados a pensar de outra forma. Se você disser: eles não podem; ou não é verdade, ou a culpa é deles mesmos por não poderem: e aqueles que não podem imediatamente, contudo mediatamente podem fazê-lo, no uso devido dos meios.

Pergunta 14. E se eu previr que aceitar uma custódia pode arriscar meus bens, ou de outra forma me prejudicar, e mesmo assim meu amigo prestes a morrer (ou vivo) o desejar?

Resposta. Até que ponto a lei do cristianismo ou da amizade o obriga a prejudicar-se pelo bem dele deve ser discernido por uma consideração prudente de quais são as suas obrigações para com a pessoa, e se o bem de conceder os desejos dela ou o prejuízo para si mesmo tem probabilidade de ser o maior e de consequência mais pública: e se você não prejudica seus próprios filhos ou

outros ao satisfazê-lo. E diante de tal comparação, a prudência deve determinar o caso.

Pergunta 15. Mas e se depois a custódia provar-se mais prejudicial para mim do que eu previa?

Resposta. Se foi por culpa sua que você não o previu, você deve sofrer proporcionalmente por essa falha; mas, de outra forma, você deve comparar o seu próprio prejuízo com o dos órfãos, caso você não cumpra a custódia: e considerar se eles não podem ser socorridos de outra maneira; e se você tem razões para pensar que, se o pai estivesse vivo e soubesse do perigo, esperaria que você cumprisse a sua custódia, ou se o desobrigaria dela. Se forem perigos grandes e inesperados, dos quais você pensa, com bons fundamentos, que o pai o absolveria se estivesse vivo, você cumpre a sua custódia se os evitar e fizer aquilo que teria sido a vontade dele se ele o soubesse. Caso contrário, você deve cumprir a sua promessa, embora seja para sua perda e sofrimento.

Pergunta 16. Mas e se foi apenas uma custódia imposta pelo desejo e vontade dele, sem a minha aceitação ou promessa de cumpri-la?

Resposta. Você deve agir como gostaria que agissem com você, e conforme o bem comum e as leis do amor e da amizade o exigirem. Portanto, a qualidade da pessoa, as suas obrigações para com ela e, especialmente, a comparação do bem e do mal resultantes devem decidir o caso.

Pergunta 17. E se os parentes sobreviventes do órfão forem mais próximos a ele do que eu, e eles me censurarem

e caluniarem como prejudicial ao órfão, posso eu me desobrigar da custódia e lançá-la sobre eles?

Resposta. Neste caso também, a medida do seu sofrimento deve primeiro ser comparada com a medida do bem do órfão; e então a sua consciência deve lhe dizer se você verdadeiramente pensa que o pai que confiou em você o desobrigaria se estivesse vivo e soubesse do caso. Se ele o faria, embora você tenha prometido, supõe-se que não era o sentido do desejo dele ou da sua promessa incorrer em tal sofrimento: e se você não crê que ele o desobrigaria se estivesse vivo, então, se prometeu, deve cumprir; mas se não prometeu, não deve ir além do que a lei do amor exige.

Pergunta 18. O que deve fazer um ministro de Cristo se uma pessoa penitente lhe confessar secretamente algum crime hediondo ou capital (como adultério, furto, roubo, homicídio)? Deve isso ser ocultado ou não?

Resposta. 1. Se um propósito de pecar for confessado antecedentemente, é ilícito cooperar com o crime ou dar oportunidade a ele por meio da ocultação: mas ele deve ser exposto até onde for necessário para a prevenção do dano de outrem ou do pecado da pessoa; especialmente se for traição contra o rei ou o reino, ou qualquer coisa contra o bem comum.

1. Quando a punição do infrator for aparentemente necessária para o bem de outros, especialmente para fazer justiça ao rei ou ao país, e para preservá-los de perigo por parte do infrator ou de qualquer outro, é um dever expor uma falta passada que foi confessada e trazer o infrator à

punição, em vez de prejudicar o inocente pela impunidade dele.

2. Quando a restituição for necessária a uma pessoa lesada, você não deve, pela ocultação, impedir tal restituição; mas deve procurá-la, na medida do seu poder, onde ela possa ser feita.

3. É ilícito prometer segredo universal absolutamente a qualquer penitente. Mas você deve dizer-lhe antes que ele confesse: "Se o seu crime for tal que a sua exposição seja necessária para a preservação ou justiça do rei, do país, do seu próximo ou para a minha própria segurança, eu não o ocultarei". Para que os homens saibam até que ponto confiar em você.

4. Contudo, em alguns casos raros (como a preservação de nossos pais, rei ou país), pode ser um dever prometer e realizar a ocultação, quando não houver probabilidade de que resulte outro dano além da perda ou risco de nossas próprias vidas, liberdades ou bens; e, consequentemente, se não houver probabilidade de que resulte outro dano senão alguma perda privada de outrem, a qual não posso evitar sem um dano maior.

5. Se um homem ignorante da lei e de seu próprio perigo fez precipitadamente uma promessa de segredo e, no entanto, estiver em dúvida, ele deve expor o caso apenas *in hypothesi* [em hipótese] a algum advogado honesto e capaz, perguntando se, caso ocorresse tal situação, o que a lei exige do pastor, ou em que perigo ele se encontra se a ocultar; para que ele possa julgar melhor o caso.

6. Aquele que não fez promessa de segredo, virtual ou real, pode, *ceteris paribus* [em igualdade de condições], trazer o infrator à vergonha ou à punição antes de incorrer ele mesmo no mesmo por causa da ocultação.

7. Aquele que precipitadamente prometeu segredo universal deve comparar o perigo do penitente com o seu próprio, e considerar cujo sofrimento tem probabilidade de ser mais prejudicial ao público, consideradas todas as coisas, e isso deve ser evitado primeiro.

8. Aquele que achar ser seu dever revelar o crime para se salvar deve, contudo, dar aviso disso ao penitente, para que ele possa fugir e escapar; a menos que, como foi dito, o interesse do rei, do país ou de outros exija mais a sua punição.

9. Mas quando não houver tal necessidade de punição do infrator para a prevenção do dano ou injustiça contra outros, nem qualquer grande perigo por ocultação para o próprio ministro, penso que o crime, embora fosse capital, deve ser ocultado. Minhas razões são:

(1) Porque, embora todo homem esteja obrigado a fazer o seu melhor para evitar o pecado, nem todo homem está obrigado a trazer os infratores à punição. Aquele que não é magistrado, nem tem um chamado especial para fazê-lo, pode, em muitos casos, não ser obrigado a isso.

(2) Conclui-se comumente que (na maioria dos casos) um infrator capital não está obrigado a entregar-se à punição: e aquilo que você não poderia saber senão pela livre confissão dele, confessado a você apenas sob

a sua promessa de ocultação, parece-me não colocá-lo sob nenhuma outra obrigação de trazê-lo à punição do que aquela sob a qual ele mesmo se encontra.

(3) As palavras e a prática de Cristo ao dispensar a mulher apanhada em adultério mostram que nem sempre é um dever, para quem não é magistrado, processar um infrator capital, mas que às vezes o arrependimento e a vida dele podem ser preferidos.

(4) E os indultos dos magistrados mostram o mesmo.

(5) Do contrário, nenhum pecador teria o benefício de um conselheiro para abrir a sua consciência atribulada: pois, se é um dever detectar um grande crime tendo em vista uma grande punição, por que não também um menor tendo em vista uma menor punição? E quem confessaria quando isso significasse entregar-se à punição?

1. Naqueles países onde as leis permitem aos pastores ocultar todos os crimes que os penitentes confessam livremente, fica ao julgamento do pastor ocultar tudo o que ele discernir que pode ser ocultado sem maior prejuízo de outros, ou do rei, ou do Estado.

2. Há um conhecimento das faltas de outros por fama comum, especialmente muitos anos após a comissão do ato, o qual não obriga os ouvintes a processar o infrator. E, no entanto, um crime publicamente conhecido deve ser mais punido (para que a impunidade não encoraje outros ao mesmo) do que um crime desconhecido revelado em confissão.

Direção 1. Não seja precipitado em receber segredos ou quaisquer outras custódias: mas primeiro considere a que você fica por isso obrigado, e quais dificuldades podem surgir no cumprimento; e preveja todas as consequências tanto quanto possível, antes de assumir o encargo; para que não se lancem em armadilhas por mera inconsideração e não se preparem para perplexidades e arrependimento.

Direção 2. Seja muito cuidadoso sobre a quais pessoas você confia bens ou segredos; e certifique-se de que sejam confiáveis por sua sabedoria, capacidade e fidelidade.

Direção 3. Não seja rápido demais em revelar seus próprios segredos à confiança de outrem: pois, 1. Você não pode ter certeza do segredo de ninguém, mesmo onde estiver mais confiante. 2. Você se obriga demasiadamente a agradar a essa pessoa que, ao revelar seus segredos, pode prejudicá-lo; e fica com medo de que o descuido, a infidelidade ou qualquer acidente venham a expô-lo. 3. Você sobrecarrega o seu amigo com o encargo e o cuidado do segredo.

Direção 4. Seja fiel ao seu amigo que confia em você; lembrando que a perfídia ou falsidade para com um amigo é um crime contra a humanidade e contra toda a sociedade, bem como contra o cristianismo; e estigmatiza o culpado aos olhos de todos os homens com a marca de uma pessoa odiosa e insociável.

Direção 5. Não tenha intimidade com pessoas demais, nem confie em pessoas demais; pois aquele que tem íntimos demais acabará revelando os segredos de um para o outro.

Direção 6. Abomine a avareza e a ambição; do contrário, um suborno ou a promessa de promoção o tentará à perfídia. Não há como confiar em um homem egoísta e mundano.

Direção 7. Lembre-se de que Deus é o vingador da perfídia, o qual o fará severamente: e que mesmo aqueles que se agradam e são servidos por ela, contudo, secretamente desdenham e detestam a pessoa que a pratica; porque não gostariam de ser tratados da mesma forma.

Direção 8. Contudo, não considere a amizade ou a fidelidade como uma obrigação para com a perfídia contra Deus, ou o rei, ou o Estado, ou contra outrem, ou para com qualquer pecado que seja.

CAPÍTULO 26
ORIENTAÇÕES CONTRA O EGOÍSMO COMO CONTRÁRIO AO AMOR AO PRÓXIMO

As duas tábuas da lei são resumidas por nosso Salvador em dois preceitos abrangentes: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças"; e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". No decálogo, o primeiro destes é o verdadeiro significado do primeiro mandamento, colocado em primeiro lugar porque é o princípio de toda obediência; e o segundo é o verdadeiro significado do décimo mandamento, o qual é, por isso, colocado por último, porque é a soma abrangente

de outros deveres para com o nosso próximo ou ofensas contra ele que quaisquer outros exemplos particulares possam conter; e também o princípio do dever para com o próximo ou do pecado contra ele. O significado do décimo mandamento é variadamente conjeturado pelos expositores: alguns dizem que ele fala contra a concupiscência interna e os pensamentos pecaminosos do coração; mas assim o fazem todos os demais em seu verdadeiro significado, e não se deve supor que proíbam apenas a ação externa, nem que sejam de algum modo deficientes: alguns dizem que proíbe o cobiçar e ordena o contentamento com o nosso estado; assim o faz o oitavo mandamento; contudo, há alguma parte da verdade em ambas as visões. E a planície da verdade é (tanto quanto posso compreender) que o pecado proibido é o egoísmo como oposto ao amor aos outros, e o dever ordenado é amar os nossos próximos; e que é, como foi dito, a soma da segunda tábua: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Assim como o capitão lidera a vanguarda e o tenente traz a retaguarda, assim "Amarás a Deus acima de tudo" é o primeiro mandamento, e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" é o último, pela razão supracitada. Portanto, nas seguintes orientações, falarei das duas partes do décimo mandamento.

Direção 1. O primeiro auxílio contra o egoísmo é compreender bem a natureza e a malignidade do pecado. Por falta disso, ele comumente prevalece com pouca suspeita, lamentação e oposição. Deixe-me, portanto, anatomizá-lo brevemente.

1. É o pecado radical e positivo da alma, compreendendo seminal ou causalmente todos os demais. A corrupção da

natureza humana, ou seu pecado radical, tem duas partes: a parte positiva e a parte privativa. A parte positiva é o egoísmo, ou o amor desordenado ao eu carnal; a parte privativa é a impiedade ou a falta de amor a Deus. A queda do homem foi o seu desviar-se de Deus para si mesmo; e a sua regeneração consiste no desviar-se de si mesmo para Deus, ou na geração do amor a Deus (como compreendendo a fé e a obediência) e na mortificação do amor-próprio. O egoísmo, portanto, é todo pecado positivo em um só, assim como a falta de amor a Deus é todo pecado privativo em um só. E a negação de si mesmo e o amor a Deus são virtualmente todos os deveres; pois o verdadeiro amor ao homem está compreendido no amor a Deus. Compreenda isto, e você compreenderá o que é o pecado original e o atual, e o que são a graça e o dever.

2. Portanto, o egoísmo é a causa de todo pecado no mundo, tanto positivo quanto privativo, e é virtualmente a quebra de cada um dos mandamentos de Deus. Pois até a falta de amor a Deus é causada pelo amor desordenado a si mesmo; assim como o consumo de outras partes é causado pela hidropisia, que intumesce o ventre. É apenas o egoísmo que quebra o quinto mandamento, fazendo com que os governantes oprimam e persigam seus súditos, e fazendo com que os súditos sejam sediciosos e rebeldes; e causa toda a amargura, contendas e desconforto que surgem em todas as relações. É apenas o egoísmo que causa as malditas guerras da terra e a desolação de países por saques e incêndios; os homicídios que clamam por vingança ao céu (sejam civis, militares ou religiosos); que causa todos os ultrajes, lutas, invejas, malícia; os cismas e as orgulhosas superestimações dos próprios entendimentos e opiniões dos homens; e a disputa dos

pastores sobre quem será o maior, e quem terá a sua vontade em usurpações orgulhosas e imposições e dominações tirânicas: é o egoísmo que estabeleceu e mantém o papado, e causa todas as divisões entre as igrejas ocidentais e orientais, e todas as crueldades, mentiras e traições exercidas por esse motivo. É o egoísmo que perturba famílias e corporações, igrejas e reinos; que viola votos e laços de amizade, e causa todos os tumultos, lutas e problemas no mundo. É o egoísmo que causa toda a avareza, todo o orgulho e ambição, todo o luxo e voluptuosidade, toda a glutonaria e embriaguez, deboche e dissolução, jogos que desperdiçam o tempo e corrompem o coração, e todos os excessos e farras dos sensuais; toda a disputa por honras e cargos, e todo o engano nas compras e vendas, o furto e o roubo, o suborno e a simonia, as ações judiciais injustas, os perjúrios, os falsos testemunhos, os julgamentos injustos, as opressões, a vingança e, em uma palavra, todas as ações sem caridade e injustas do mundo. Esta é a verdadeira natureza do egoísmo carnal, e nada melhor do que isso.

3. O egoísmo é a corrupção de todas as faculdades da alma. É o pecado da mente, pela presunção e orgulho; é o pecado da vontade e dos afetos, pelo amor-próprio e por todas as paixões egoístas que o acompanham: desejos, iras, tristezas, descontentamentos, ciúmes, temores, audácias egoístas, etc. É a corrupção de todas as faculdades inferiores e de toda a conduta pela busca de si mesmo e por todos os males mencionados.

4. O egoísmo é o pecado mais comum no mundo. Todo homem agora nasce com ele, e o possui em maior ou menor grau; e, portanto, todo homem deve temê-lo.

5. O egoísmo é o pecado mais difícil de superar no mundo. Em todos os não regenerados ele é predominante; pois nada além do Espírito santificador de Deus pode superá-lo. E em muitos milhares que parecem muito zelosos na religião, e muito mortificados em todos os outros aspectos, contudo de uma forma ou de outra o egoísmo aparece tão lamentavelmente, sim, e é tão forte em muitos que são sinceros, que constitui a maior desonra para a igreja de Cristo e tem tentado muitos à infidelidade, ou a duvidar de que exista tal coisa como a santificação verdadeira no mundo. As pessoas que pareciam os santos mais mortificados, se você apenas contrariar o seu interesse próprio, ou opinião, ou vontade, ou parecer desprezá-las, ou ter uma baixa estima delas, que ressentimentos, que queimações internas, que censuras amargas, que orgulhosa impaciência, se não cismas e separações, isso causará? Deus tem melhores servos; mas muitos que parecem a si mesmos e aos outros ser os melhores, não são melhores do que isso. Como deve, então, todo cristão abominar e vigiar contra este mal universal!

Direção 2. Considere frequentemente quão amável seria o homem e em que condição abençoada estariam o mundo e todas as sociedades se o egoísmo fosse vencido. Não haveria então orgulho, nem avareza, nem sensualidade, nem tirania ou opressão dos pobres, nem malícia, crueldade ou perseguição; nem divisões na igreja, nem escândalos, nada para desonrar a religião ou impedir o progresso salvador do evangelho; nem fraudes ou traições, nem trapaças ou abusos contra os outros; nem mentira nem engano, nem negligência de nosso dever para com os outros; em uma palavra, nenhuma injustiça ou falta de caridade no mundo.

Direção 3. Julgue o bem e o mal pela razão sóbria, e não pelo sentido animalesco. E então considere frequentemente se realmente não existe um fim mais excelente do que o seu interesse egoísta; a saber, o bem público de muitos, e o agradar e glorificar a Deus. E se todo bem ou mal mediato não deve ser julgado principalmente por esses fins mais elevados? O sentido físico conduz os homens ao egoísmo ou à privacidade de propósito; mas a verdadeira razão conduz os homens a preferirem o público, ou qualquer coisa que seja melhor do que o nosso interesse próprio.

Direção 4. Nada além do retorno, pela graça conversiva, ao verdadeiro amor a Deus, e do homem por amor a ele, vencerá o egoísmo. Busque, portanto, por meio de oração fervorosa, o Espírito de santificação; e certifique-se de que possui uma verdadeira compreensão do estado de graça; isto é, que ele é de fato o amor a Deus e ao homem. O amor é o cumprimento da lei; portanto, o amor é a santidade da alma: concentre todo o seu estudo no exercício e no aumento do amor, e o egoísmo morrerá à medida que o amor reviver.

Direção 5. Estude muito o exemplo e os preceitos de negação de si mesmo de seu Salvador. Sua vida e doutrina são a representação mais viva de autonegação que já foi apresentada ao mundo. Aprenda Cristo, e você aprenderá a negação de si mesmo. Ele não tinha um egoísmo pecaminoso a ser mortificado, contudo o eu natural foi de tal modo maravilhosamente negado por ele, pela vontade de seu Pai e por nossa salvação, que nenhum outro livro ou mestre no mundo nos ensinará esta lição tão perfeitamente quanto ele. Siga-o desde a manjedoura, ou

melhor, desde o ventre, até a cruz e o túmulo; contemple-o em sua pobreza e desprezo; suportando a contradição e a ingratidão dos pecadores, e esvaziando-se a si mesmo; contemple-o preso, acusado, condenado, coroado de espinhos, vestido de púrpura, com uma cana na mão, açoitado e levado para a execução, carregando a sua cruz e pendurado entre ladrões; desamparado por seus próprios discípulos e por todo o mundo, e em parte por aquele que é mais do que todo o mundo; e considere por que tudo isso foi feito; por quem ele o fez e que lição ele propôs, por esse meio, ensinar-nos. Considere por que ele fez disso metade da condição de nossa salvação, e tão grande parte da religião cristã, negarmo-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz e segui-lo; e não querer outros como seus discípulos, Lc 14:26, 31, 33. Se o Cristo crucificado fizesse mais parte do nosso estudo diário, e se fizéssemos da nossa religião o ato de aprender e seguir o seu santo exemplo, a negação de si mesmo seria mais conhecida e praticada, e o cristianismo apareceria como é, e não como é mal compreendido, adulterado e abusado no mundo. Mas, como escrevi há muito tempo um *Treatise of Self-denial*, nada mais acrescentarei.

CAPÍTULO 27
CASOS E ORIENTAÇÕES PARA AMAR O NOSSO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS

Pergunta 1. Em que sentido devo amar o meu próximo como a mim mesmo? Se no tipo de amor, no grau ou apenas na realidade.

Resposta. O verdadeiro significado do texto é: você deve amá-lo de acordo com o seu verdadeiro valor, sem o desvio e o impedimento do egoísmo e da parcialidade. Assim como você deve amar a si mesmo de acordo com aquele grau de bondade que há em você, e não mais; do mesmo modo deve, de maneira igualmente imparcial, amar o seu próximo de acordo com aquele grau de bondade que há nele. De modo que isso verdadeiramente se estende à realidade, ao tipo e ao grau de amor, supondo-o em ambos os casos proporcional à bondade do objeto. Mas antes que isso possa ser compreendido, a verdadeira natureza do amor deve ser bem compreendida.

Pergunta 2. Qual é a verdadeira natureza do amor, tanto em relação a mim mesmo quanto ao próximo?

Resposta. O amor nada mais é do que o movimento primordial da vontade em direção ao seu objeto próprio, o qual se chama complacência: o objeto dele é a bondade simples, ou o bem como tal: ele surge da adequação entre o objeto e a vontade, assim como o apetite surge da adequação da fantasia apetente e do alimento. Esse bem, conforme seja diversamente modificado ou de qualquer forma difira, causa ou requer, em conformidade, uma diferença em nosso amor; portanto, aquele amor que em seu ato e natureza primordiais é único, é diversamente denominado conforme seus objetos se diversificam. Em relação a um objeto como simplesmente bom em si mesmo, ele acompanha a estimativa do entendimento e é

chamado, como eu disse, de mera complacência ou adesão: em relação a um objeto ainda não alcançado, mas ausente ou distante, e alcançável, é chamado de desejo ou amor desejoso: e, quando esperado, esperança ou amor esperançoso (que é uma conjunção de desejo e expectativa): em relação a um objeto mais próximo e alcançado, é chamado de fruição, ou deleite, ou amor deleitoso: em relação a um objeto que por determinados meios deve ser alcançado, é chamado de amor de busca, na medida em que incita ao uso daqueles meios: e em relação a um objeto perdido, é, por acidente, amor de lamento. Mas, ainda assim, o amor em si, em seu ato essencial, é um e o mesmo. Conforme respeite um objeto a que falte algo para torná-lo perfeito, e deseje o suprimento daquela falta, é chamado de amor de benevolência, denominado a partir desta ocasião, na medida em que deseja fazer o bem àquele que é amado. E é um amor da mesma natureza que exercemos em relação a Deus, que de nada necessita, ao nos alegrarmos naquela perfeição e felicidade que ele possui; embora não deva ser chamado propriamente pelo mesmo nome. Sendo a bondade o verdadeiro objeto do amor, é ela a sua verdadeira medida; e, portanto, Deus, que é infinitamente e primitivamente bom, é o objeto primordial e único objeto simples de nosso amor absoluto e total. E, por isso, aqueles que não compreendem nenhuma bondade em ser algum a não ser na medida em que lhes seja proveitoso, ou para alguma outra criatura, não conhecem a Deus, nem amam a Deus como Deus, nem possuem outro amor senão o egoísta e idólatra. Por isso você pode perceber a natureza do amor.

Pergunta 3. Mas ninguém pode ser amado acima da medida de sua bondade? Como, então, Deus nos amou

quando não éramos, ou éramos seus inimigos? E como devemos amar os ímpios? E como deve uma pessoa ímpia amar a si mesma?

Resposta. Se apenas o bem, como tal, for o objeto do amor, então certamente ninguém deveria ser amado senão em proporção à sua bondade. Mas você deve distinguir entre o amor ou apetite meramente natural e sensitivo e o amor racional; e entre o amor e os efeitos do amor; e entre a bondade natural no objeto e a bondade moral. E assim respondo detalhadamente: 1. Há em todo homem um amor natural e sensitivo de si mesmo e de seu próprio prazer e felicidade, e uma aversão à morte, à dor e à tristeza, assim como há em todo bruto: e Deus plantou isso ali para a preservação da criatura. Isso não cai sob ordens ou proibições de maneira direta, porque não é livre, mas necessário; assim como nenhum homem é ordenado ou proibido de sentir fome, ou sede, ou cansaço, ou algo semelhante: não é este amor que se quer dizer quando nos é ordenado amar o nosso próximo como a nós mesmos. Pois não sou ordenado a sentir fome e sede, nem a desejar comida e bebida pelo apetite sensitivo pelo meu próximo: nem a sentir sensitivamente a sua dor ou prazer, nem a ter aquela aversão natural à morte e à dor, nem o desejo sensitivo de vida e prazer, por ele como por mim mesmo. Mas o amor de que aqui se fala é aquela volição com a devida afeição conjugada, que é o nosso amor racional, por ser o ato de nossa faculdade mais elevada e por cair sob o comando de Deus. Quanto ao amor sensitivo, ele não procede com base no sentido ou na estimativa de bondade na pessoa que ama a si mesma ou a outrem (assim como as feras amam seus filhotes sem respeito à sua excelência). Mas é o amor racional que é proporcionado à bondade

estimada da coisa amada. 2. A bondade física pode estar em um objeto que não possua bondade moral; e este pode conter uma capacidade de bondade moral: e cada uma delas é amável de acordo com a sua natureza e grau. 3. A beneficência às vezes é um efeito do amor, e às vezes um efeito apenas da sabedoria em relação ao objeto, e de amor a alguma outra coisa; mas nunca é o amor em si. Geralmente a benevolência é um ato de amor, e a beneficência um efeito, mas nem sempre. Posso fazer o bem a outrem sem amor algum por ele, por alguns fins próprios ou por amor a outrem. E um homem pode estar obrigado a uma beneficência maior onde não está obrigado a um amor maior.

E agora, quanto aos exemplos, respondo detalhadamente: 1. Quando não tínhamos existência, Deus não nos amava propriamente *in esse reali* [no ser real] (a menos que você recorra à nossa coexistência na eternidade; pois não estávamos *in esse reali*); mas apenas como estávamos *in esse cognito* [no ser conhecido]; o que é apenas amar a ideia em si mesmo: mas ele propôs fazer-nos, e fazer-nos amáveis, e fazer-nos o bem, e assim ele tinha aquilo que se chama *amor benevolentiae* [amor de benevolência] para conosco: o que propriamente não era amor para conosco, mas um amor para com ele mesmo e para com a ideia em sua própria mente eterna, o que se chama amar-nos *in esse cognito*, e um propósito de fazer-nos bons e amáveis. Aquilo que não é amável não é objeto de amor; o homem não era amável de fato quando não existia; portanto, ele não era objeto de amor (senão *in esse cognito*). O mesmo dizemos sobre Deus amar-nos quando éramos inimigos: ele realmente nos amou com complacência até onde a nossa bondade física nos tornava amáveis; e, como

moralmente amáveis, ele não nos amou senão *in esse cognito*. Mas ele propôs fazer-nos moralmente amáveis e deu-nos as suas misericórdias para esse fim; e assim nos amou com um amor de benevolência, como é chamado; o que não significa mais do que, a partir de uma complacência (ou amor) para consigo mesmo e para conosco como fisicamente bons, propor-se a fazer-nos moralmente bons e felizes. Quanto à dificuldade incidente de o amor começar *de novo* [novamente] em Deus, eu a resolvi plenamente em outro lugar.

1. Do mesmo modo, devemos amar um homem ímpio com um amor de benevolência: o que propriamente nada mais é do que amá-lo em seu valor físico e em sua capacidade de bondade moral e felicidade e, com base nisso (mas especialmente pelo amor de Deus), desejar a sua felicidade.

2. E quanto ao amar a nós mesmos (além do amor sensitivo antes mencionado, que respeita o eu como eu, e não como bom), um homem ímpio pode racionalmente amar a si mesmo de acordo com a sua bondade física como homem, a qual contém a sua capacidade de bondade moral e, assim, de ser santo e útil a Deus e aos homens bons, e feliz na fruição de Deus. Mas para além de tal bondade (que apenas é amabilidade), homem algum pode racionalmente amar a si mesmo ou a outrem com o verdadeiro ato formal de amor, que é a complacência; embora ele possa desejar o bem para si mesmo ou para outrem para além da bondade presente que há neles; aliás, ele lhes deseja o bem não porque são bons, mas porque carecem do bem.

E embora alguns definam o amar como *bene velle alicui ut illi bene sit* [querer bem a alguém para que lhe vá bem], desejar o bem-estar de outrem, contudo, na verdade, isso pode existir sem amor formal verdadeiro de modo algum. Como posso desejar o bem-estar do meu cavalo sem amor próprio por ele, mas para mim e para o meu uso. Quando Deus, desde a eternidade, quer fazer Paulo, e convertê-lo e salvá-lo, *ut illi bene sit* [para que lhe vá bem], chama-se amor de benevolência; mas propriamente deve ser chamado apenas de uma vontade de fazer Paulo bom e amável; sendo apenas o próprio Deus o fim original e último daquela vontade e propósito; e apenas a si mesmo a quem ele então amava, não havendo senão a si mesmo para amar; até que, no instante em que Paulo existe, passa a ser realmente amável. Pois Paulo *in esse cognito* não é Paulo; contudo, nenhuma realidade surge *de novo* [novamente] em Deus; mas sim uma nova relação e denominação e, na criatura, novos efeitos. (Sobre o que trato em outro lugar).

Pergunta 4. Deve o meu amor por cada um ser igual em grau ao meu amor por mim mesmo, ou apenas por alguns?

Resposta. Você deve amar a cada um imparcialmente como a si mesmo, de acordo com a sua bondade; e deve desejar tão bem a cada um quanto a si mesmo; mas não deve amar a homem algum complacentemente tanto quanto a si mesmo que não possua ou não pareça possuir tanta amabilidade, isto é, tanta bondade, ou tanto de Deus, quanto você mesmo.

Pergunta 5. Devo amar alguém mais do que a mim mesmo?

Resposta. Sim, a todo aquele que for e aparentar ser melhor do que você mesmo. O seu amor sensitivo por outrem não pode ser tão grande quanto por você mesmo; e a sua beneficência (ordinariamente) deve ser maior para consigo mesmo, porque Deus na natureza e em suas leis assim o determinou; e a sua benevolência para consigo mesmo e para com os outros deve ser semelhante; mas a sua estimativa racional, e amor ou complacência (com a honra e o louvor que os acompanham), devem ser maiores para com todo aquele que for melhor do que você mesmo; pois aquilo que é melhor é o mais amável, e o que possui mais de Deus.

Pergunta 6. Não se seguirá, então, que devo amar a esposa e os filhos de outro homem melhor do que os meus, quando eles forem realmente melhores?

Resposta. Sim, sem dúvida; mas é apenas com aquele amor estimativo, racional. Mas há, além disso, um amor pela esposa e pelos filhos que é, em certa medida, sensitivo, o qual você não está obrigado a dar aos outros; e racionalmente eles são mais amáveis para você em suas relações e aspectos peculiares, embora os outros sejam mais amáveis em outros aspectos; e além disso, embora você valorize e racionalmente ame mais a outrem, as expressões não devem ser as mesmas; pois estas devem seguir a relação de acordo com o mandamento de Deus. Você não deve coabitar ou abraçar, nem manter e prover para os outros como para os seus, mesmo quando racionalmente os ame mais; o bem comum exige esta ordem na parte expressiva, bem como o mandamento de Deus.

Pergunta 7. Quem é o meu próximo a quem devo amar como a mim mesmo?

Resposta. Não os demônios ou as almas condenadas, que estão sob a justiça e fora da misericórdia, e não pertencem à nossa sociedade: mas: 1. Todo homem natural *in via* [no caminho], sendo um membro do reino de Deus no mesmo mundo, deve ser amado como o meu eu natural; e todo homem espiritual, como membro do mesmo reino de Cristo, deve ser amado como o meu eu espiritual; e todo homem espiritual como tal, acima do meu eu natural como tal; e nenhum homem natural como tal tanto quanto o meu eu espiritual como tal: de modo que homem algum na terra está excluído de seu amor, o qual deve ser imparcial para com todos como para consigo mesmo, mas proporcional à bondade deles.

Pergunta 8. Não estão o anticristo e aqueles que pecam contra o Espírito Santo excluídos deste nosso amor, e de nossas orações e esforços pelo seu bem?

Resposta. Aqueles que (com Zanchy) pensam que Maomé é o anticristo podem assim concluir, porque ele está morto e fora de nossa comunhão. Aqueles que consideram o papado como o anticristo (como a maioria dos protestantes o faz) não podem concluir assim; porque, assim como há apenas um anticristo, isto é, um papado, embora cem papas estejam naquela cátedra, assim cada um desses papas está *in via* [no caminho] e sob misericórdia, e é recuperável daquela condição; e, portanto, deve ser amado e receber orações em conformidade. E quanto àqueles que blasfemam contra o Espírito Santo, é um pecado que um homem não pode

conhecer com certeza em outro, ordinariamente ao menos; e, portanto, não pode caracterizar uma pessoa como inadequada para o nosso amor, orações e esforços.

Pergunta 9. Não podemos odiar os inimigos de Deus? Como, então, devemos amá-los como a nós mesmos?

Resposta. Podemos e devemos odiar o pecado em cada um; e onde ele for predominante, assim como se diz que Deus odeia o pecador por causa de seu pecado, assim devemos fazer nós; e, contudo, ainda assim amá-lo como a nós mesmos: pois você deve odiar o pecado em si mesmo tanto quanto ou mais do que em qualquer outro; e, se você for ímpio, deve odiar a si mesmo como tal; sim, se for piedoso, deve *secundum quid* [em certo aspecto], ou na medida em que for pecador, abominar, repudiar e odiar a si mesmo como tal; e, contudo, deve amar a si mesmo de acordo com a medida de toda aquela bondade natural e moral que há em você; e deve desejar e empenhar-se por todo o bem que puder para si mesmo. Exatamente assim deve você odiar e amar a outrem; ame-os e odeie-os imparcialmente como deve fazer consigo mesmo.

Pergunta 10. Não posso, às vezes, desejar o mal para outrem mais do que para mim mesmo?

Resposta. Você pode desejar um mal mediato que tenda ao bem dele, ou ao bem de outros; mas nunca deve desejar-lhe o mal e a miséria finais. Você pode desejar ao seu amigo um vômito ou uma sangria para a sua cura; e pode desejar-lhe alguma aflição quando for necessária e adequada para humilhá-lo e fazer-lhe bem, ou para impedi-lo de fazer o mal a outros; e, pelos mesmos motivos, e para o bem público, pode desejar que a justiça penal seja executada

sobre ele, sim, às vezes até a morte; mas sempre com o desejo de salvamento de sua alma. E tal mal você também pode desejar para si mesmo conforme for necessário para o seu bem; mas não deve desejar as mesmas penas para si mesmo, 1. Porque você tem algo antes a desejar e fazer, a saber, arrepender-se e evitá-las. 2. Porque você não está obrigado, ordinariamente, a executar a punição sobre si mesmo. Está mais em seu poder arrepender-se por si mesmo e tornar a punição menos necessária por meio de confissão humilde e correção, do que levar outrem ao arrependimento. Contudo, posso acrescentar também que, hipoteticamente, você pode desejar aquela destruição aos inimigos de Deus nesta vida, a qual absolutamente você não deve desejar; isto é, deve desejar primeiro que eles se arrependam, e segundo, que sejam impedidos de prejudicar os outros; mas, se nenhum destes fins puder ser alcançado, que sejam eliminados.

Direções para amar nossos vizinhos como a nós mesmos

Direção 1. Tenha cuidado com o egoísmo e a avareza, os dois grandes inimigos do amor. Dos quais já falei mais detalhadamente antes.

Direção 2. Não se desentenda com homem algum; ou, se o fizer, reconcilie-se rapidamente; pois as paixões e os dissídios são os extinguidores do amor.

Direção 3. Ame a Deus verdadeiramente, e você facilmente amará o seu próximo; pois verá a imagem de Deus nele, ou o interesse de Deus nele, e sentirá que todos

os preceitos e misericórdias Divinas o obrigam a isso. Como em 1Jo 3:11, 23; e 4:7, 12, 20, 21.

Direção 4. Para este fim, que Cristo seja o seu estudo contínuo. Ele é a revelação plena do amor de Deus; o modelo vivo do amor e o melhor mestre dele que já existiu no mundo: sua encarnação, vida e sofrimentos, seu evangelho e pacto, sua intercessão e preparações para a nossa felicidade celestial, tudo são grandes demonstrações de um amor condescendente e incomparável. Observe tanto o amor de Deus para conosco nele quanto o amor dele pelo homem, e você terá a melhor Direção e o melhor incentivo para o seu amor.

Direção 5. Observe todo o bem que há em cada homem. Considere o bem da humanidade na natureza dele, a bondade de toda aquela verdade que ele confessa e de todo o bem moral que aparece em seu coração e vida; e não permita que o descuido ou a parcialidade façam você desconsiderar isso ou fazer pouco caso disso. Pois é a bondade que constitui o único atrativo do amor; e, se você desconsiderar a bondade dos homens, não poderá amá-los.

Direção 6. Abomine e acautele-se contra uma disposição censoriosa, que amplia as faltas dos homens, vilipendia as suas virtudes e faz com que pareçam piores do que realmente são. Pois, assim como isso provém da falta de amor, também destrói o pouco que dele resta.

Direção 7. Acautele-se contra a superstição e contra um julgamento errôneo, que faz com que os homens coloquem a religião onde Deus nunca a colocou. Pois, quando isso o ensinar a criar deveres e pecados a partir do seu próprio

humor e invenção, rapidamente o ensinará a amar ou odiar os homens conforme eles se ajustem ou contrariem a sua opinião e humor: assim, muitos papistas não amam aqueles que não são súditos do monarca romano e que não seguem todas as suas bobagens irracionais. Muitos anabatistas não amam aqueles que são contra a sua opinião sobre o rebatismo: um não ama aqueles que são favoráveis a liturgias, formas de culto e música instrumental na igreja; e muitos não amam aqueles que são contra tais coisas; e assim por diante em relação a outros assuntos (sobre os quais falaremos mais adiante).

Direção 8. Evite a companhia de difamadores censoriosos e de orgulhosos desprezadores de seus irmãos: não dê ouvidos àqueles que estão sem causa vilipendiando os outros, agravando as suas faltas e diminuindo as suas virtudes. Pois tais pessoas orgulhosas e arrogantes (sejam religiosas ou profanas) não passam de mensageiros de Satanás, pelos quais ele lhe pede que odeie o seu próximo ou que diminua o seu amor por ele. E ouvir falar mal dos outros nada mais é do que ir ouvir um sermão contra a caridade, o qual pode contagiar corações como os nossos antes que percebamos.

Direção 9. Mantenha sempre em suas mentes os motivos e incentivos do amor. Os quais passarei a apresentar a seguir.

Motive I. Considere bem a imagem e o interesse de Deus no homem. O pior homem é criatura dele e possui a sua imagem natural, embora não a sua imagem moral; e você deve amar a obra por causa do artífice. Há algo de Deus em toda a natureza humana acima das feras; ela é inteligente

e capaz de conhecê-lo, de amá-lo e de servi-lo; e possivelmente poderá ser levada a fazer tudo isso melhor do que você mesmo o faz. Não desvalorize a nobre natureza do homem, nem desconsidere aquilo que de Deus há neles, nem o interesse que ele tem neles.

Motive II. Considere bem o próprio amor de Deus para com o homem. Ele odeia os pecados deles mais do que qualquer um de nós; e, no entanto, ama a sua obra neles: "E faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos", Mt 5:45. E o que deveria mais nos incitar ao amor do que sermos semelhantes a Deus?

Motive III. E pense frequentemente no amor de Cristo para com a humanidade; sim, inclusive para com os seus inimigos. Pode você ter um exemplo melhor, um incentivo mais vivo ou um guia mais seguro?

Motive IV. Considere a nossa unidade de natureza com todos os homens: a semelhança gera e mantém o amor. Até as aves e as feras amam os de sua espécie; e o homem deveria muito mais possuir amor pelo homem, por ser da mesma forma específica.

Motive V. O amor é o princípio para fazer o bem aos outros. Ele inclina os homens à beneficência; e todos os homens chamam de bom àquele que está inclinado a fazer o bem.

Motive VI. O amor é o vínculo das sociedades: das famílias, cidades, reinos e igrejas; sem amor, elas não passarão de inimigos reunidos, os quais são tanto mais prejudiciais e perniciosos uns aos outros quanto mais

próximos estiverem uns dos outros. A alma das sociedades se vai quando o amor se vai.

Motive VII. Considere por que é que você ama a si mesmo (racionalmente) e por que é que gostaria de ser amado pelos outros. E verá que as mesmas razões terão igual força para exigir de você o amor para com os outros.

Motive VIII. Que abundância de deveres é sumariamente realizada no amor! E que abundância de pecados é evitada e prevenida por ele! Se ele é o cumprimento da lei, evita todas as violações da lei (proporcionalmente). Na medida em que você tiver amor, não desonrará os superiores, nem oprimirá os inferiores, nem ferirá os iguais: não cobiçará aquilo que é do seu próximo, nem terá inveja ou malícia contra eles, nem os difamará, difamará pelas costas ou os censurará injustamente; tampouco os roubará ou fraudará, nem lhes sonegará qualquer dever ou bondade.

Motive IX. Considere o quanto o amor agrada a Deus; e por que é feito tão grande parte de todo o seu dever; e por que o evangelho tanto o recomenda e estritamente o ordena, e tão terrivelmente condena a falta dele! E também quão adequado é esse dever para você, que está obrigado por tanto amor de Deus! Essas coisas bem estudadas não ficarão sem efeito.

Motive X. Considere também que é o seu próprio interesse, bem como o seu grande dever. 1. É a saúde e a honestidade dos seus corações. 2. É agradável àquele Deus de quem somente você depende. 3. É uma condição para receber os benefícios salvadores do amor dele. 4. É uma virtude amável e o torna amável para todos os homens sóbrios: todos os homens amam uma natureza amorosa e

odeiam aqueles que odeiam e ferem os seus vizinhos. O amor exige amor, e a nocividade é odiosidade. 5. É um dever doce e deleitoso: todo amor é essencialmente dotado de alguma complacência e prazer. 6. Tende à facilidade e tranquilidade de suas vidas. Quais contendas e problemas o amor evitará! Que paz e prazer causa nas famílias, vizinhanças e em todas as sociedades! E que perturbações barulhentas ocorrem onde ele falta! Fará com que todos os seus vizinhos e relações sejam um conforto e prazer para você, os quais seriam um fardo e problema se o amor estivesse ausente. 7. Torna a felicidade e os confortos de todos os outros homens como seus. Se você os ama como a si mesmo, as riquezas deles, a saúde, as honras, os senhorios, os reinos deles, sim, mais, o seu conhecimento, aprendizado, graça e felicidade são em parte para você como se fossem seus próprios; assim como os confortos da esposa, dos filhos e de seus amigos mais queridos o são; e assim como o nosso amor a Cristo, e aos santos e anjos benditos no céu, faz com que as alegrias deles sejam em parte nossas. Quão excelente, fácil e honesto caminho é este de tornar todo o mundo seu próprio, e receber aquele benefício e prazer de todas as coisas tanto no céu quanto na terra, os quais distância alguma, nem malícia de inimigos podem negar-lhe! Se aqueles a quem você verdadeiramente ama o possuem, você o possui. Por que, então, se queixa de que não tem mais saúde, riqueza ou honra, ou que outros são preferidos antes de você? Ame o seu próximo como a si mesmo, e então você se consolará na saúde dele, na riqueza e na promoção dele, e dirá: "Aqueles a quem amo como a mim mesmo o possuem, e por isso é para mim como se fosse meu". Quando vir as casas, pastagens, plantações e gados do seu vizinho, o

amor fará com que isso seja tão bom e agradável para você como se fosse seu. Por que outra razão se alegra com as porções e bens de seus filhos como se fossem seus próprios? O homem cobiçoso diz: "Oh, quão alegre eu ficaria se esta casa, esta terra, este trigo fossem meus"; mas o amor fará você dizer: "Tudo isto é para mim como se fosse meu". Que caminho seguro e barato de tornar todo o mundo seu! Oh, que misericórdia concede Deus às almas de seus servos no dia em que os santifica com amor não fingido! O quanto ele nos dá naquela única graça! E oh, que mundo de bênçãos e confortos os ímpios, os maliciosos, os egoístas e os censuradores jogam fora quando jogam fora ou extinguem o amor de seus vizinhos; e que abundância de calamidades trazem sobre si mesmos! Neste único exemplo sumário podemos ver o quanto a religião e a obediência a Deus tendem à nossa própria felicidade e prazer; e quão fácil seria o trabalho se um coração ímpio não o tornasse difícil! E quão grande praga o pecado é para o pecador, e quão dolorosa punição em si mesmo! E por isso você pode ver para onde tendem todos os desentendimentos, divisões e contendas, e todas as tentações para a redução do nosso amor; e quem é o maior perdedor com isso quando o amor ao nosso próximo é perdido; e que os difamadores e censuradores que falam mal dos outros vêm a nós como os maiores inimigos e ladrões, para nos roubar da nossa principal joia e maior conforto neste mundo; e em conformidade devem ser recebidos.

CAPÍTULO 28
CASOS ESPECIAIS E ORIENTAÇÕES PARA O AMOR ÀS PESSOAS PIEDOSAS COMO TAIS

A quem devemos considerar como piedosos eu respondi antes, no cap. 24.

Pergunta 1. Como podemos amar os piedosos, se homem algum pode saber com certeza quem é sinceramente piedoso?

Resposta. O nosso amor não é o amor de Deus, que é guiado pela infalibilidade; mas o amor do homem, que é guiado pelo discernimento obscuro e falível de um homem. Os frutos da piedade e da caridade nós vemos infalivelmente em suas vidas; mas a verdade salvadora daquela graça que é ou deveria ser a raiz, devemos julgar de acordo com a probabilidade que esses sinais revelam, e amar os homens em conformidade.

Pergunta 2. Devemos amar como piedosos aqueles que não podem dar um relato sensato de sua conversão, quanto ao tempo, à maneira ou à evidência dela?

Resposta. Não devemos considerar ninguém como piedoso que não apresente evidência credível de verdadeira conversão, isto é, de verdadeira fé e arrependimento; mas há muitos que são verdadeiramente piedosos que, por defeito natural de entendimento ou de expressão, não são capazes, em bom sentido, de dizer o que é a conversão, nem de descrever a maneira pela qual ela foi realizada neles, muito menos de definir exatamente o

tempo ou o sermão em que foi realizada pela primeira vez, o que poucos dos melhores cristãos são capazes de fazer; especialmente aqueles que tiveram educação piedosa e foram alcançados em sua infância. Mas se o pacto da graça lhes for sabiamente exposto de acordo com a sua capacidade, e eles deliberada, sóbria e voluntariamente professarem o seu consentimento atual a ele, dão a você, por esse meio, a evidência credível de uma verdadeira conversão, até que você tenha evidência contrária suficiente para refutá-la. Pois ninguém senão um homem convertido pode verdadeiramente arrepender-se e crer em Deus, o Criador, Redentor e Santificador, de acordo com o pacto batismal.

Pergunta 3. Mas e se ele for tão ignorante que não consiga dizer o que é fé, arrependimento, redenção, santificação ou o pacto da graça?

Resposta. Se você tiver evidência suficiente de que, de fato, ele não compreende de modo algum os pontos essenciais do pacto sacramental, pode concluir que ele não é verdadeiramente piedoso; porque não pode consentir naquilo que não conhece: *ignorantis non est consensus* [não há consentimento daquele que ignora]; e se você não tem evidência de tal conhecimento, não tem evidência de sua piedade, devendo suspender o seu julgamento. Mas, contudo, muitos compreendem os pontos essenciais do pacto sem conseguir dizer a outrem quais são; portanto, a sua mente (em caso de grande incapacidade de expressão) deve ser investigada por meio de perguntas, às quais o seu "sim" ou "não" revelará o que ele compreende ou consente: você não se recusaria a agir assim com alguém de outro idioma, ou com um homem

mudo que o compreendesse, mas só pudesse responder-lhe por palavras desconexas ou sinais; e uma educação muito ruim pode tornar muitas das frases da Escritura e da linguagem religiosa tão estranhas para alguns homens, embora faladas em sua língua materna, como se fossem grego ou latim para eles, os quais, contudo, podem possivelmente compreender o assunto. Um instrutor sábio, por meio de perguntas bem formuladas, pode (sem fraude ou formalidade) discernir o que um homem compreende, embora ele diga apenas "sim" ou "não"; ao passo que um homem indiscreto e sem habilidade fará de sua própria falta de habilidade e de caridade a ocasião para desprezar e pisar sobre alguns que são tão honestos quanto ele. Se os desejos e esforços de um homem se voltam para aquilo que é bom, e ele está disposto a ser ensinado e usa os meios, deve ser uma ignorância de fato muito grosseira e bem provada para refutar a sua profissão de fé. Se ele compreende competentemente o que é crer em Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Criador, Redentor e Santificador, ele compreende tudo o que é absolutamente necessário para a salvação. E o seu "sim" ou "não" pode, às vezes, significar que ele o compreende.

Pergunta 4. Devo considerar os membros visíveis da igreja, por serem tais, como verdadeiramente piedosos?

Resposta. Sim, exceto quando você tiver prova particular e suficiente de sua hipocrisia. Certamente homem algum entra sinceramente no pacto batismal sem ser sinceramente um crente penitente (se em idade adulta). Pois esse pacto concede perdão real e adoção àqueles que sinceramente entram nele; o próprio consentimento a ele (que é arrependimento e fé) sendo a própria condição da

recepção atual desses benefícios. E por isso os antigos escritores sempre afirmavam que todos os batizados eram regenerados, justificados e adotados. Se uma pessoa adulta é verdadeiramente apta para o batismo ou não, cabe ao pastor que batiza julgar; e ele deve ver os sinais credíveis de verdadeira fé e arrependimento antes de batizá-la; os quais nada mais são do que a sua profissão de consentimento compreensiva, voluntária e sóbria ao pacto batismal. Mas, quando ela é batizada e professa manter esse pacto uma vez feito, deve ser julgada uma pessoa piedosa por todos os membros da igreja que não possuam provas suficientes em contrário; porque, se ela for sincera no que fez e ainda professa, é certamente piedosa; e se é sincera ou não, ela própria é o melhor e regular juiz ou discernidor, de modo a apresentar a sua reivindicação ao batismo, o qual o pastor está obrigado a não lhe negar sem a refutar; e o pastor é o juiz quanto à sua admissão real; e, portanto, as pessoas nada têm necessariamente a fazer senão saber se ela é batizada e se mantém fiel ao seu batismo; pelo que devem considerá-la sincera, a menos que, por sua descoberta notória do contrário, possam refutá-la. Estes não são apenas os verdadeiros termos da comunhão da igreja, mas do amor aos piedosos; e embora isso seja difícil de aceitar para alguns homens bons que observam quão poucos dos batizados parecem ser seriamente religiosos e, por isso, pensam que um membro visível da igreja, como tal, não deve de modo algum ser considerado sincero, isto é, que não se deve acreditar em sua profissão, e que não lhe devemos o amor especial que é devido aos piedosos, mas apenas um amor comum devido apenas aos que professam sem respeito à sua sinceridade; contudo, esta opinião não se sustentará

verdadeira; nem se exige uma profissão sem respeito à verdade ou falsidade dela, sendo a credibilidade dela a própria razão de ser necessária. Nem é qualquer outra fé ou consentimento ao pacto abaixo daquele que é sincero e salvador que deve ser professado por todos os que querem ser tidos como membros da igreja. E embora aqueles que são de opinião contrária tenham medo de que isso cause excessivo rigor nos pastores ao julgarem de quem a profissão é credível e, consequentemente, favoreça a separação no povo, contudo Deus providenciou um remédio suficiente contra esse temor, fazendo com que cada homem seja o revelador de seu próprio coração, e vinculando-nos pela lei da natureza e da Escritura a tomar a profissão de todo homem por credível quando for sóbria, compreensiva e voluntária, a menos que possam refutá-la ou provar que ele é mentiroso, pérfido e inacreditável. E ao passo que é uma latitude de caridade que os traz à opinião contrária, por medo de que os professores inacreditáveis do cristianismo sejam todos excluídos da igreja visível, contudo, de fato, não passa de uma imagem de caridade trazer catecúmenos para a igreja (como colocar os meninos da classe mais baixa entre os que estão no grego) e negar todo amor cristão especial a todos os membros visíveis da igreja como tais; e pensar que não estamos obrigados a considerar nenhum deles (como tais) sinceros, ou no favor de Deus, ou justificados, por medo de excluir aqueles que não o são. Mas sobre isso escrevi amplamente em um tratado sobre este assunto.

Pergunta 5. Devemos considerar todos os membros visíveis da igreja igualmente como piedosos e amá-los igualmente?

Resposta. Não: há tantos graus diversos de crédito devidos à sua profissão quantos são os graus diversos de credibilidade nela: alguns manifestam a sua sinceridade por evidências tão plenas e excelentes em uma vida santa que estamos quase certos de que são sinceros; e alguns fazem uma profissão tão ignorante, tão fria, e a mancham com tantas opiniões falsas e vícios que o nosso temor a respeito deles pode ser maior do que a nossa esperança; dos quais podemos apenas dizer que não estamos totalmente sem esperança de sua sinceridade e, portanto, devemos tratá-los como homens piedosos porque não podemos provar o contrário; mas, contudo, admoestá-los de seu perigo, tendo muita causa para temer o pior: e pode haver muitos homens notoriamente ímpios em algumas igrejas, por falha dos pastores por falta de disciplina; e com estes, por questão de ordem, devemos nos reunir, mas não dissimular com eles e com as nossas próprias consciências a ponto de considerá-los homens piedosos quando o contrário for notório, nem tampouco admiti-los à nossa familiaridade. O pastor tem as chaves da igreja, mas nós temos as chaves de nossas próprias casas e corações.

Pergunta 6. Devemos amar a todos igualmente que parecem verdadeiramente piedosos, tanto os fortes quanto os fracos?

Resposta. No: aquele que ama os homens por sua santidade os amará de acordo com os graus de sua santidade, tanto quanto puder discernir.

Pergunta 7. Devemos amar mais àquele que tem muita graça (ou santidade) e é pouco útil por falta de dons, ou àquele que tem menos graça e dons eminentemente úteis?

Resposta. Ambos devem ser amados de acordo com a diversidade de sua bondade. Aquele que tem mais graça é melhor e, portanto, o mais a ser amado em si mesmo; mas como um meio para a conversão de almas e a honra de Deus no bem dos outros, o homem que tem os dons mais eminentes deve ser o mais amado. O primeiro é mais amado em e por sua própria bondade; o segundo é mais amável *propter aliud* [por causa de outra coisa], como um meio para aquilo que é mais amado do que qualquer um deles.

Pergunta 8. Devemos amá-lo como um homem piedoso se ele vive em algum pecado grande ou mortal?

Resposta. Todo homem deve ser amado como ele é: se por um pecado mortal se quer dizer um pecado inconsistente com o amor de Deus e com o estado de graça, então a pergunta não é uma pergunta; sendo uma contradição aquilo que está em questão. Mas se por um pecado grande e mortal se quer dizer apenas este ou aquele ato de pecar, e a pergunta for se aquele ato é mortal, isto é, inconsistente com a verdadeira graça ou não, então o ato particular, com as circunstâncias, deve ser considerado antes que essa pergunta possa ser respondida. O homicídio é um dos pecados mais hediondos; e um homem pode ser culpado dele por malícia deliberada e habituada; e outro por uma paixão súbita; e outro por mera inadvertência, descuido e negligência. O furto pode ser praticado por um homem presunçosamente, e por outro meramente para salvar a vida de si mesmo ou de seus filhos: estes não provarão de igual modo que o homem está em estado de morte e sem a verdadeira graça. E qual pecado é mortal e inconsistente com a vida da graça, e qual não o é, já foi

tratado antes, e não pertence a este lugar. Apenas direi que o pecado (seja grande ou pequeno quanto ao ato externo ou matéria) que certamente exclui a dedicação habitual da alma a Deus por resignação, obediência e amor é mortal, ou uma marca de morte espiritual; e assim é todo pecado que não coexiste com o arrependimento habitual e com um ódio predominante pelo pecado como pecado, e por um coração e vida desobedientes e não santos; e, portanto, todo pecado que não é arrependido tão logo seja conhecido e o pecador tenha tempo e oportunidade de deliberação; porque, em tal caso, o hábito do arrependimento produzirá o ato.

Pergunta 9. Deve uma pessoa excomungada ser amada como piedosa ou não?

Resposta. Você deve distinguir: 1. A excomunhão. 2. A pessoa que deve julgar. 1. Há uma excomunhão que não julga o estado do pecador, mas apenas o suspende da comunhão da igreja como presentemente inapto para ela; e há uma excomunhão que habitualmente ou estavelmente exclui o pecador de sua relação com a igreja como pessoa habitual, impenitente e obstinada. 2. Algumas pessoas não têm oportunidade de julgar a causa por si mesmas, sendo estrangeiras ou não chamadas para isso, devendo aceitar o julgamento do pastor; e algumas não têm oportunidade de conhecer a pessoa e a causa para saber se ela foi justamente excomungada ou não. Ora, 1. Aqueles que sabem por notoriedade ou prova que a pessoa foi justamente excomungada com o segundo tipo de excomunhão não devem, nem podem, amá-la como um homem piedoso. 2. Aqueles que sabem por notoriedade ou prova que a pessoa foi injustamente excomungada não

devem, por isso, negar-lhe a estima e o amor devidos a um homem piedoso; embora, por questão de ordem, possam às vezes ser obrigados a evitar a comunhão externa da igreja com ela. 3. Aqueles que nada sabem da causa por si mesmos devem julgar como julga o pastor, que é o juiz legal; contudo de modo a considerar que se trata apenas de um julgamento humano, falível e não definitivo.

Pergunta 10. Pode um hipócrita não santificado amar sem fingimento um homem piedoso?

Resposta. Não há dúvida de que ele pode amá-lo materialmente, sob alguma outra consideração; como por ser um parente, amigo, benfeitor, ou por ser inteligente, instruído, belo, etc.

Pergunta 11. Mas pode ele amar um homem piedoso porque ele é piedoso?

Resposta. Ele pode amar um homem piedoso (ao menos) do mesmo modo que pode amar a Deus. Uma pessoa não santa não pode amar a Deus em todas as suas perfeições respectivamente em relação a si mesma, como um Deus que é santíssimo e justo em seu governo, proibindo todo pecado e condenando os ímpios; pois o amor aos seus pecados é inconsistente com este amor. Mas ela pode amá-lo como ele é grandioso, sábio e bom no geral, e como é o Criador e Benfeitor do mundo e do pecador; sim, e em geral como o seu Governador; e assim ela pode verdadeiramente pensar que ama a Deus como Deus porque o ama por suas essencialidades; mas de fato não o faz (falando estritamente) porque deixa de fora uma ou mais dessas essencialidades; exatamente como aquele que ama o homem como racional, mas não como um agente

livre e voluntário, não ama o homem como homem: e assim como um herético não é cristão porque nega alguma parte essencial do cristianismo; do mesmo modo, quanto ao amor aos homens piedosos, um homem ímpio pode crer que eles são melhores do que os outros e, por isso, amá-los; mas não na medida em que a piedade é o consentimento àquela santidade e justiça de Deus que o impediria de seus pecados amados e o condenaria por eles. Na medida em que eles são simplesmente piedosos para consigo mesmos, sem respeito a ele e aos seus pecados, ele pode amá-los.

Pergunta 12. Pode ele amar um homem piedoso de modo a desejar que ele o tornasse piedoso e o convertesse?

Resposta. Ele pode amá-lo como um homem melhor do que os outros e, em geral, pode desejar para si mesmo ser tão bom, e pode amá-lo porque lhe quer bem; mas, como ele não está (ou melhor, não quer) por si mesmo deixar os seus pecados e viver em santidade, o outro não lhe é agradável quando o persuade insistentemente a isso.

Pergunta 13. Alguma pessoa ímpia ama os piedosos comparativamente mais do que aos outros?

Resposta. Na medida em que ela os ama como piedosos, nessa medida pode amá-los mais do que aqueles que não o são; muitos pais ruins amam um filho religioso melhor do que os outros; porque pensam que a sabedoria e a piedade são boas; e alegram-se em ver os seus filhos irem bem, desde que não os incomodem com censuras incômodas: pois a piedade de outro homem custa pouco ou nada a um homem mau; ele pode contemplá-la sem ter de se desfazer de seus pecados.

Pergunta 14. Todo cristão sincero ama todos os piedosos com um amor especial? Inclusive aqueles que se opõem às suas opiniões ou que eles pensam que os prejudicam grandemente?

Resposta. 1. Todo verdadeiro cristão ama um homem piedoso como tal e, portanto, ama todos os que são tais, se os considerar como tais. 2. Nenhum homem piedoso vive habitual e impenitentemente em tal malícia ou inimizade que não lhe permita ver a piedade de um dissidente ou adversário quando esta apresenta evidências suficientes. 3. Mas uma má educação e companhia, e a falta de oportunidade, podem impedir um verdadeiro cristão de discernir a piedade de outrem e, assim, de amá-lo como um homem piedoso. 4. E o erro, a facção e a paixão podem, em uma tentação, prevalecer a ponto de, no momento, perverter o seu julgamento e fazê-lo julgar erroneamente um homem piedoso como ímpio; embora, quando tiver oportunidade de deliberar e voltar a si, arrepender-se-á disso.

Pergunta 15. Qual é aquele amor aos piedosos que prova a sinceridade de um homem e que nenhum hipócrita ou pessoa não regenerada alcança?

Resposta. Ele possui em si estas partes essenciais: 1. Ele ama a Deus acima de tudo, e os seus servos por amor a ele. 2. Ele ama a piedade e a pessoa como piedosa e, portanto, gostaria muito de ser tal como ela; ou ama a piedade para si mesmo, bem como nos outros. 3. Ele não ama apenas uma, mas todas as partes essenciais da piedade (a nossa resignação absoluta a Deus nosso Proprietário, a nossa obediência absoluta a Deus nosso Governante e a nossa

máxima gratidão e amor a Deus nosso Benfeitor e nosso Fim). 4. Ele ama a piedade e os homens piedosos acima de seu interesse carnal e mundano, de sua honra, riqueza ou prazer; e, portanto, desfazer-se-á destes em obras de caridade quando puder compreender que Deus o requer. Estas quatro partes reunidas compõem aquele amor que provará a sua sinceridade e que nenhum hipócrita realiza. Os hipócritas ou amam os piedosos apenas como seus benfeitores com um amor-próprio; ou os amam como piedosos para consigo mesmos, mas não gostariam de ser semelhantes a eles e não amam a piedade em si mesma para torná-los piedosos; ou os amam por algumas partes da piedade e não por todas; ou os amam mas em sujeição ao seu amor mundano; com um amor tão seco e estéril como o que Tiago rejeita em Tg 2, o qual não se disporá a nenhum custo significativo com eles para alimentá-los, vesti-los, visitá-los ou socorrê-los.

Direção 1. Uma vez alcançado o amor de Deus, você não poderá deixar de amar os seus filhos. Portanto, primeiro dediquem os seus corações a isso e estudem as instruções para tanto na Parte 1. Deus deve ser primeiramente amado como Deus antes que o piedoso possa ser amado como tal; embora talvez este efeito possa, às vezes, ser mais manifesto do que a causa: fortaleça a causa e o efeito se seguirá.

Direção 2. Façam com que Cristo habite em seus corações pela fé, Ef 3:17; e então amarão os seus membros por amor a ele. O estudo do amor de Deus em Cristo e a crença em todos os benefícios de seu amor e sofrimentos

serão o fole a continuamente inflamar o seu amor ao seu Redentor e a todos aqueles que são semelhantes a ele e amados por ele.

Direção 3. Acolham os movimentos do Espírito de Deus em si mesmos. Pois ele é um Espírito de amor; e é o mesmo Espírito que está em todos os santos; portanto, quanto mais vocês tiverem do Espírito, mais unidade e mais amor terão para com todos os que são verdadeiramente espirituais. Os declínios de sua própria santidade contêm um declínio de seu amor para com o santo.

Direção 4. Observem as graças deles mais do que as suas fraquezas. Você não pode amá-los a menos que note aquela bondade que constitui a amabilidade deles. Desconsiderar e atenuar o bem que há nos outros demonstra a sua própria falta de amor à bondade, e então não é de admirar que lhe falte amor para com aqueles que são bons.

Direção 5. Não sejam tentadores e provocadores deles para pecado algum. Pois isso nada mais é do que instigar a pior parte que há neles e torná-la mais aparente; e assim ocultar a sua amabilidade e impedir o seu próprio amor. Aqueles que querem abusar deles, e instigar as suas paixões, ou oprimir os sábios para testar se os podem enlouquecer, ou aumentar os seus fardos e perseguições para ver se lhes resta alguma impaciência, assemelham-se apenas ao cavaleiro que vivia espetando o seu cavalo com as esporas e depois o vendeu porque ele era arisco e inquieto; ou ao cavalheiro que insistiu em cortejar uma bela dama justamente quando ela havia tomado um

emético e um purgante, e depois a desdenhou por ser desagradável e repugnante.

Direção 6. Estimulem as graças deles e conversem muito com eles nos exercícios da graça. Se Aristóteles ou Sócrates, Demóstenes ou Cícero permanecessem em silêncio ao seu lado entre outras pessoas, você não perceberia diferença alguma entre eles e um tolo ou uma mente comum: mas assim que abrem os lábios e vertem as correntes de sabedoria e eloquência, você rapidamente percebe o quanto excedem o mundo comum, e passará a admirá-los, amá-los e honrá-los. Assim, quando você conversa com homens piedosos apenas sobre assuntos de negócios ou empregos comuns, não verá nada além de sua integridade e justiça; mas se você se unir a eles in santa conferência ou oração, ou os observar em boas obras, verá que o Espírito de Cristo está neles. Quando você ouvir os anseios de suas almas por Deus, e seus desejos, esperanças e alegrias celestiais, e o amor deles pela piedade, caridade e justiça expressarem-se em seus discursos e orações sagrados, e vir os frutos disso em suas vidas, verá que eles são mais do que homens comuns.

Direção 7. Prevejam a perfeição de suas graças em seus princípios. Homem algum amará uma semente ou muda daquelas plantas ou árvores que produzem as flores e frutos mais belos, a menos que na semente ele preveja o fruto ou flor a que ela tende. Homem algum ama o ovo devidamente se não sabe de antemão qual ave ele o produzirá. Aristóteles ou Cícero não eram mais amáveis em sua infância do que os outros, exceto para aquele que pudesse prever que tipo de homens eles viriam a demonstrar ser. Pense frequentemente no céu e no que um

santo será na glória, quando brilhar como as estrelas e for igual aos anjos; e então rapidamente verá motivos para amá-los.

Direção 8. Pensem frequentemente na união eterna e no doce acordo que vocês devem ter com eles no céu para sempre. Quão perfeitamente amar-se-ão uns aos outros no amor de Deus! Quão alegremente consentirão no amor e nos louvores de seu Criador e Redentor! Quanto mais, pela fé, vocês previrem aquele estado, e quanto mais contemplarem nele, e quanto mais a sua conversação estiver no céu, tanto mais amarão os seus companheiros de armas e de viagem com os quais devem viver em bem-aventurança para sempre.

Motivo 1. Considere qual relação todos os regenerados têm com Deus. Eles não são apenas suas criaturas, mas seus filhos adotivos: e não são honráveis e amáveis aqueles que estão tão próximos de Deus?

Motivo 2. Pense em sua estreita relação com Jesus Cristo: eles são os seus membros, e os seus irmãos, e a aquisição de seus sofrimentos, e coerdeiros da vida eterna, Rm 8:16-17; Ef 5:26-27.

Motivo 3. Pense na excelência daquele espírito e natureza santa que neles há. A regeneração os fez participantes da natureza divina, e os dotou do Espírito de Cristo, e, pela semente incorruptível, fez deles novas criaturas de mente e vida santas e celestiais, e os renovou segundo a imagem de Deus! E o que, além de Deus mesmo, pode ser tão amável quanto a sua imagem?

Motivo 4. Pense no precioso preço que foi pago por sua redenção: se você avaliar as coisas pelo seu preço (sendo o comprador sábio), quão altamente deve valorizá-los!

Motivo 5. Lembre-se de quão caramente eles são amados por Deus, seu Criador e Redentor. Leia e observe a linguagem terna de Deus em relação a eles e o seu tratamento afetuoso para com eles. He calleth them his children, his beloved, yea, dearly beloved, his jewels, the apple of his eye, Dt 33:12; Sl 60:5; 127:2; Cl 3 :12; Jr 12:7; Ml 3:17; Zc 2:8; Dt 32:10. Cristo chama o menor deles de seus irmãos, Mt 25. Julgue o amor dele por eles por sua encarnação, vida e sofrimentos! Julgue-o por aquela mensagem que derrete o coração após a sua ressurreição, Jo 20:17: "Vai para meus irmãos, e dize-lhes: Eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus". E não deveríamos nós amar caramente aqueles que são tão caramente amados por Deus?

Motivo 6. Eles são nossos irmãos, gerados pelo mesmo Pai e Espírito, da mesma semente santa, a palavra de Deus; e possuem a mesma natureza e disposição: e esta unidade de natureza e proximidade de relação constitui uma semelhança tal que necessariamente gera amor.

Motivo 7. Eles são nossos companheiros de trabalho e de tribulação, em nosso dever e sofrimentos: são nossos companheiros de armas e de viagem com os quais unicamente podemos ter uma doce e santa comunhão e uma conduta celestial; ao passo que os carnais não percebem as coisas de Deus.

Motivo 8. Considere quão úteis as graças deles os tornam para o agrado de Deus e para o bem dos homens. Eles são

obra de Deus, criados para as boas obras, Ef 2:10. Estão capacitados pela graça a amar e louvar o seu Criador e Redentor, e a obedecer às suas leis, e a honrá-lo in suas obras como luzes brilhantes em uma geração sombria. São as bênçãos do lugar onde Deus os plantou; oram pelos pecadores, os exortam, dão-lhes bons exemplos, chamam-no de seus pecados e amorosamente os atraem à conversão e salvação. Por amor a eles, Deus trata melhor os outros onde eles vivem. Dez pessoas justas poderiam ter salvo Sodoma. São amáveis, portanto, pelo serviço que realizam.

Motivo 9. Todas as suas graças serão em breve aperfeiçoadas, e todas as suas fraquezas serão dissipadas. Eles já foram perdoados e justificados por Cristo; e cada mancha e ruga remanescente será em breve retirada, Ef 5:26-27, e serão apresentados perfeitos diante de Deus. E aqueles que serão tão perfeitos então são amáveis agora.

Motivo 10. Eles verão a glória de Deus e viverão para sempre em sua presença: estarão ocupados em seu perfeito amor e louvor, e nós seremos seus companheiros nisso: e aqueles que devem cantar aleluias a Deus em perfeita amizade e concórdia, um coro tão harmonioso e bendito, deveriam viver em grande afeição mútua no caminho.

Inimigo 1. O primeiro inimigo do amor cristão é a não regeneração interior e a carnalidade da mente: "porque a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser", Rm 8:7; e, portanto, está em inimizade com a santidade e com aqueles que são seriamente santos. A excelência de um cristão é vista apenas pela fé, crendo no que Deus diz deles,

e pelo discernimento espiritual de seu valor espiritual: mas o "homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente", 1Co 2:14. Deve haver uma compatibilidade de natureza antes que possa haver amor verdadeiro; e aquele que os amará como santos deve primeiro amar a santidade ele mesmo.

Inimigo 2. Outro inimigo do amor cristão é o egoísmo, ou o amor-próprio desordenado; pois isso fará com que os homens não amem a ninguém de coração, exceto na medida em que estes os sirvam, amem ou honrem, e de acordo com as medidas de seu interesse egoísta: se um homem piedoso não lisonjear tais pessoas e não atender aos seus humores orgulhosos ou avarentos, eles não o poderão amar. Uma pessoa egoísta faz um caso tão grande de cada fraqueza que contraria o seu interesse, ou de cada equívoco que contraria a sua opinião, ou de cada pequena ofensa que lhe é feita, que logo clama: "Oh, que pessoas ímpias e sem consciência são estas! Que hipócritas eles são! É esta a sua religião? É isto justiça ou caridade?". Todas as virtudes e vícios são avaliados por eles principalmente de acordo com os seus próprios fins e interesses; conseguem pensar melhor de um prostituto comum, ou de um blasfemo, ou de um ateu ou infiel que os ame, honre e sirva, do que do mais santo e íntegro servo de Deus que pense pouco deles ou seja rigoroso com eles, e que se coloque em seu caminho e pareça contrário ao seu interesse; não representa recomendação alguma para ele, na avaliação desse homem, o fato de ele amar a Deus e a todos os que são piedosos, se ele parecer prejudicar ou contrariar um homem egoísta. Um amante carnal de si mesmo não pode amar ninguém além de si mesmo e para

si mesmo; e faz de todas as faltas cometidas contra si as marcas de uma pessoa odiosa, de preferência àquelas que são cometidas contra Deus.

Inimigo 3. O amor cristão é frequentemente diminuído e corrompido ao degenerar em um tipo carnal de amor, pela prevalência de algum vício carnal. Assim, aqueles que amavam um homem por sua piedade transformam isso em um amor egoísta, por alguma honra, favor ou benefícios para si mesmos. E pessoas jovens de sexos diferentes começam a amar-se mutuamente pela piedade e, por familiaridades indiscretas, incautas e pecaminosas, são atraídas, antes que percebam, para um amor carnal, tolo e pecaminoso; e essas pessoas pensam que o seu amor santo está mais forte do que antes; ao passo que ele está sufocado, consumido e definhando, como o calor natural por uma febre ardente, sendo vencido e transformado em outra coisa.

Inimigo 4. A paixão e a impaciência constituem um grande inimigo do amor cristão. Elas estão sempre incitando palavras e condutas desagradáveis, e depois não as conseguem suportar; encontram por toda parte motivos de desagrado e ofensa, e vivem lançando água sobre este fogo sagrado, fingindo ou encontrando faltas em tudo.

Inimigo 5. A ignorância de si mesmo e a parcialidade são grandes inimigas do amor; quando fazem os homens desconsiderarem as suas próprias corrupções e atenuarem todas as faltas em si mesmos que nos outros consideram crimes hediondos; e assim carecem daquela compaixão para com os outros que toleraria as fraquezas, porque não

sabem quão ruins eles próprios são e quanta necessidade têm da tolerância alheia.

Inimigo 6. A inclinação à censura é uma inimiga do amor fraternal (conforme foi dito): uma pessoa censória dir-lhe-á quão caramente ama a todos os piedosos; mas ela pode conceder a tão poucos o reconhecimento de sua piedade que poucos lhe são devedores por seu amor. O seu humor pecaminoso cega-lhe a mente de modo que ela não consegue ver a piedade alheia; ela os amará por sua sinceridade quando a puder ver, mas isso não ocorrerá até que ela tenha melhores olhos. Tímon era um grande amante da sabedoria, mas um odiador de todos os homens, porque não considerava homem algum sábio.

Inimigo 7. A facção e os partidos, ou o partidarismo na religião, é um dos maiores inimigos do amor cristão. Pois isto causa censura e faz com que os homens superestimem tanto as opiniões que escolheram e o interesse de seu partido que mal conseguem ver bondade em quem quer que não seja de sua opinião, e rapidamente encontram faltas (ou as inventam) naqueles que são contra eles.

Inimigo 8. Conversar com pessoas maliciosas, ímpias ou censoriosas constitui um grande impedimento para o amor aos homens piedosos; pois aquele que ouve diariamente serem caluniados e representados como pessoas de mentes doentes, sediciosas, presunçosas, caprichosas e hipócritas, facilmente os considerará odiosos, mas dificilmente amáveis, a menos que se aproxime deles e os conheça melhor do que pelas palavras de um mentiroso.

Inimigo 9. Expectativas altas demais são grandes inimigas do amor. Quando os homens esperam que os santos na terra sejam como os santos no céu, os quais não possuem fraqueza alguma; ou esperam maiores dotes da natureza ou da arte, engenhosidade ou excelência de fala do que há em outras pessoas; ou quando o egoísmo, a avareza ou o orgulho fazem com que os homens esperem grande respeito, consideração, estima, dádivas ou vantagem dos outros; quando o pecado e o erro elevam essas expectativas irracionais e as graças imperfeitas dos cristãos não correspondem a elas, tais pessoas pensam com desprezo dos homens bons, chamando-os de hipócritas e tão ruins quanto os outros, porque não são como eles esperavam.

Inimigo 10. Colocar a bondade dos homens em questões menores, nas quais ela não consiste, é também um inimigo comum do amor. Quando um homem é ele mesmo tão carnal a ponto de não saber o que é a excelência espiritual, mas prefere alguns dotes comuns antes dela, tal pessoa nunca poderá satisfazer-se com o tipo comum de homens íntegros. Assim, alguns fazem um grande caso de elogios, cortejo e porte elegante, quando algumas pessoas santas estão tão ocupadas com os grandes assuntos de Deus e de sua salvação, e tão retiradas da companhia dos bajuladores, que não têm tempo, disposição, habilidade ou vontade para tais impertinências. Alguns colocam tanta importância em opiniões particulares, ou cerimônias, ou formas de governo e culto da igreja que não conseguem pensar bem de homem algum que seja contra eles; ao passo que os homens bons na terra são tão imperfeitos que divergem, e divergirão, em suas opiniões sobre tais coisas; e assim essas pessoas se obrigam, por seu próprio apego a

opiniões, a estar sempre contra uma parte dos servos mais sinceros de Cristo. Um homem não consegue pensar bem de ninguém que não seja do seu partido de igreja, ou de sua forma de governo e culto; e outro não consegue pensar bem de ninguém que não seja do seu caminho. Um não consegue pensar bem de ninguém que não ore pelo seu livro, e que não se curve, incline e olhe exatamente da mesma maneira, vestimenta e postura que ele, e que não use todas as cerimônias de que gosta; ou, no mínimo, se a fraqueza de seu irmão o tornar culpado de algum tom ou gesto deselegante, ou de quaisquer expressões desajeitadas e ineptas, ou repetições desnecessárias, ou estilo desagradável (de todas as quais coisas desejaríamos que todos os homens bons estivessem livres). Outro não consegue pensar bem de homem algum que seja favorável à pompa e à força no governo da igreja, ou a cerimônias, formas e livros na oração, e a palavras prescritas no ato de adorar a Deus. E assim, colocar a religião onde não devem faz com que muitos adotem uma religião equivocada para si mesmos e desaprovem todos os que não são de sua opinião, destruindo certamente o amor cristão de uma parte dos cristãos para com a outra.

Inimigo 11. O orgulho também é um extintor pestilento do amor. Pois um homem orgulhoso é tão excessivamente sábio aos seus próprios olhos que pode, sem remorso, estigmatizar todos os que divergem dele com os nomes de ignorantes ou errôneos, cismáticos, heréticos ou qualquer outro nome que o humor ou a vantagem dos tempos lhe ofereça: e ele é tão bom aos seus próprios olhos que mede a bondade e a piedade dos homens por sua concordância com ele ou conformidade com a sua vontade. E ele é tão grande aos seus próprios olhos que julga a si mesmo e a

seus cúmplices os únicos aptos a fazer leis para os outros e a governá-los em suas opiniões e no culto a Deus; e nenhum homem apto a dizer coisa alguma publicamente a Deus senão o que ele coloca em suas bocas. Ele não consegue pensar bem de ninguém que não o obedeça: como o papa de Roma, que diz que homem algum na terra tem comunhão de igreja com ele se não lhe for sujeito. Um cristão humilde pensa que ele mesmo e o evangelho têm grande e incomum prosperidade no mundo quando dispõem apenas de liberdade; mas os homens orgulhosos pensam que a religião está arruinada e que eles são perseguidos quando não têm a sua vontade feita sobre os seus irmãos, e quando os seus irmãos querem ser apenas irmãos e lhes negam obediência. Súditos eles conseguem estimar bem e comandar, mas irmãos não conseguem amar nem tolerar.

Inimigo 12. Por fim, as imitações do amor cristão enganam a muitos e os mantêm afastados daquilo que é amor de fato. Poderiam ser conduzidos a ele se não pensassem que já o possuíam quando não o possuem.

Imitação 1. Não passa de amor imitado para com os cristãos quando eles são amados apenas por pertencerem à religião comum do país, e a mesma que vocês dizem professar: como um maometano ama a outro.

Imitação 2. Ou amar apenas uma seita ou partido de cristãos, o qual vocês adotam como o único partido ou igreja; e não amar o cristão como cristão, deixando de amar, assim, a todos os verdadeiros cristãos que possam discernir como tais.

Imitação 3. Amar apenas os cristãos que são seus parentes ou relações, ou aqueles que de alguma forma foram benfeitores para com você.

Imitação 4. Amar os cristãos apenas por sua familiaridade, ou por sua conversa gentil e afetuosa, e conduta civil e cortês entre os homens.

Imitação 5. Amá-los apenas porque são instruídos, ou possuem mentes melhores ou habilidades de fala na pregação, oração ou debate do que os outros.

Imitação 6. Amá-los apenas com base no elogio que as recomendações comuns às vezes lhes dão, e por serem engrandecidos pela fama e bem falados por todos os homens. Assim, muitos homens ímpios amam os santos falecidos quando odeiam aqueles que estão vivos no meio deles.

Imitação 7. Amá-los apenas por serem piedosos em si mesmos, à distância, contanto que não os incomodem com a sua piedade; ao passo que não amam aqueles que os repreendem e gostariam de conduzi-los a ser igualmente piedosos.

Imitação 8. Amá-los apenas por sofrerem com eles na mesma causa. Assim, uma pessoa profana capturada pelos turcos pode amar os seus companheiros de cativeiro que se recusam a renunciar a Cristo. E, assim, quem sofre por uma causa ruim, ou por uma seita errônea, pode amar aqueles que sofrem com ele acima dos outros.

Imitação 9. Amá-los apenas por manterem opiniões rígidas e corretas, enquanto não suportam viver em conformidade com elas. Assim, muitos amam a luz mas

não suportam o calor e o movimento; muitos amam uma pessoa ortodoxa, de julgamento sadio, que em sua opinião é contra a frouxidão e a profanação, e não gostam da loucura dos libertinos; os quais, contudo, gostam mais da prática libertina.

Imitação 10. Amá-los apenas por algumas partes da piedade; enquanto alguma outra parte essencial não será tolerada (sobre o que já foi tratado).

Imitação 11. Amá-los apenas em um momento de afeto passageiro, como Saul com lágrimas professou amar o seu filho Davi; mas não possuir amor habitual e constante.

Imitação 12. Por fim, amar os homens piedosos um pouco, e o mundo e o interesse carnal mais; amá-los apenas de modo que nada lhe custe; desejar que estejam alimentados, mas não os alimentar; desejar que estejam vestidos, mas não os vestir; e desejar que estejam fora da prisão, mas não ousar visitá-los por medo de sofrerem eles mesmos. Aquele que possui bens deste mundo e vê o seu irmão ter necessidade, e fecha-lhe as entranhas da sua compaixão, como habita nele o amor de Deus? 1Jo 3:17. Certamente, se o amor de seu irmão estivesse nele, o amor de Deus estaria nele. Mas ele não possui verdadeiro amor ao seu irmão se apenas o amar em termos que lhe custem pouco, e não puder dar e sofrer por seu amor. Todas estas são imitações enganosas do amor aos filhos de Deus.

Pergunta 1. É lícito ter um desejo ardente de ser amado pelos outros? Especialmente por alguma pessoa acima de todas as outras?

Resposta. Há um desejo do amor alheio que é lícito, e há um desejo que é ilícito.

I. É lícito: 1. Quando o desejamos por ser o dever deles, ao qual o próprio Deus os obriga a cumprir, e assim faz parte da integridade deles, constitui o próprio bem deles e agrada a Deus. Assim, os pais devem desejar que os seus filhos os amem, e uns aos outros, porque é dever deles, sob pena de serem desnaturados e maus. E marido e esposa podem desejar que cada um cumpra aquele dever de amor que Deus requer, e o mesmo podem todos os outros. 2. É lícito também desejar, por amor a nós mesmos, ser amado pelos outros; contanto que seja: 1. Com um desejo calmo e sóbrio, que não seja impaciente, peremptório ou importuno, nem superestime o amor do homem. 2. De acordo com a proporção do nosso próprio valor; não desejando ser tido por maior, mais sábio ou melhor do que de fato somos, nem ser amado erroneamente por um amor que nos superestime. 3. Quando o desejamos para os benefícios a que ele tende, mais do que para sermos valorizados e amados por nós mesmos: como: 1. Para que possamos receber aquela edificação e bem de um amigo que o amor o dispõe a comunicar. 2. Para que possamos fazer aquele bem aos nossos amigos que o amor os dispõe a receber. 3. Para que possamos honrar e agradar a Deus, que se deleita no amor verdadeiro e na concórdia de seus filhos.

II. Mas o desejo ilícito do amor alheio para conosco é muito mais comum, e é um pecado de malignidade mais profunda do que comumente se observa. Este desejo de amor é pecaminoso quando for contrário àquele antes descrito; como: 1. Quando o desejamos com impaciência

excessiva. 2. Quando o desejamos de forma egoísta e orgulhosa, para sermos colocados na boa opinião dos outros; e não para fazer disso um benefício para nós mesmos ou para eles, mas a nossa própria honra é mais desejada nisso do que a honra de Deus. 3. Quando desejamos ser tidos por maiores, mais sábios ou melhores do que somos, e ser amados com tal amor superestimado; não possuindo desejo de que os limites da verdade e da utilidade restrinjam e limitem aquele amor para conosco que afetamos. 4. Quando se trata de uma estima errônea, fantasiosa, carnal ou sensual de alguma pessoa que nos faz desejar o seu amor mais do que o dos outros. Como por ela ser superior, mais rica, mais bela, etc.

Este desejo ardente de ser amado em excesso pelos outros traz em si todas estas gravidades: 1. É o próprio pecado do orgulho, do qual Deus declarou tamanho desprezo. Pois o orgulho é uma superestimação de nós mesmos por grandeza, sabedoria ou bondade, e um desejo de ser assim superestimado pelos outros. E aquele que quer ser amado em excesso quer ser superestimado.

1. É auto-idolatria: quando queremos ser amados como melhores do que somos, roubamos a Deus daquele amor que os homens deveriam prestar-lhe, o qual nunca pode ser amado em excesso, e desejamos parecer uma espécie de pequenas divindades para o mundo, atraindo os olhos e corações dos homens para nós mesmos. Quando deveríamos ser zelosos do interesse e da honra de Deus, para que nós ou criatura alguma recebamos o que lhe é devido, esta disposição orgulhosa faz com que as pessoas se coloquem na estima alheia e mal se importem com o

quão boas ou sábias são consideradas, ou com o quanto são elevadas nos corações dos outros.

2. É um enlaçar prejudicial das mentes alheias, e um tentá-las a opiniões errôneas sobre nós e a afetos por nós, o que constituirá o pecado delas e poderá trazê-las a muitas inconveniências. É algo comum causar maior dano a um amigo a quem valorizamos, enlaçando-o em um amor desordenado, do que jamais causamos ou poderíamos causar a um inimigo odiando-o.

Pergunta 2. É lícito, adequado ou desejável cultivar aquela afeição extraordinária por alguém que se chama amizade especial; ou ter um amigo íntimo e querido a quem amamos muito acima de todos os outros?

Resposta. A amizade especial e íntima é algo que tem sido tão defendido por todos os tipos de homens, e tanto da felicidade da vida do homem tem sido colocado nela, que não me convém falar contra ela. Mas, contudo, julgo adequado dizer-lhes com quais precauções e limites ela deve ser recebida, e até que ponto é boa, e até que ponto é pecaminosa (pois há perigos aqui a serem evitados com os quais nem Cícero, nem os seus Cipião e Lélio estavam familiarizados).

I. 1. É lícito escolher alguma pessoa bem qualificada, que seja a mais adequada para esse fim, e fazer dela a principal companheira de nossas vidas, nosso principal conselheiro e consolador, e confinar a nossa intimidade e conversação a ela de maneira especial acima de todos os outros. 2. E é lícito amá-la não apenas de acordo com o seu valor pessoal, mas de acordo com a sua adequação especial para conosco, e desejar a sua felicidade em conformidade, e

exercitar o nosso amor para com ela de forma mais frequente e perceptível (por causa de sua proximidade e presença) do que para com alguns homens melhores que estejam mais distantes.

As razões para tal amizade íntima são estas: 1. Homem algum é autossuficiente e, por isso, a natureza ensina-os a desejar um ajudador. E há uma diversidade tão maravilhosa de temperamentos e condições, e uma disparidade e incongruência tão grandes entre homens bons e sábios uns para com os outros, que aquele que for mais adequado e congruente para conosco do que todos os demais pode, por esse motivo, ser muito preferido.

1. Não são muitos os que podem estar tão próximos de nós a ponto de serem ajudadores comuns para nós; e um homem mais sábio à distância, ou fora de alcance, pode ser menos útil para nós do que um de menor valor que esteja à mão.

2. O próprio exercício do amor amigável e da bondade para com outrem é prazeroso: e também o é ter alguém a quem possamos confiantemente revelar os nossos segredos, para carregar parte de nosso fardo, e para nos confirmar em nossas compreensões corretas e curar-nos das errôneas.

3. E não é pequeno benefício de um amigo de peito presente ser para nós o equivalente a todo o mundo; isto é, de companhia comum e infrutífera: pois o homem é uma criatura sociável e abomina a solidão absoluta. E, no meio do grupo comum, encontrar-nos-emos com tanto mal e tão pouco que seja verdadeiramente sábio ou bom que isso tentará o homem a pensar que está melhor quando está menos familiarizado com a humanidade. Mas um amigo

selecionado é para nós, por sua utilidade, o equivalente a muitos, sem estes embaraços e armadilhas comuns.

4. E é uma grande parte da utilidade de um amigo fiel sermos auxiliados no verdadeiro conhecimento de nós mesmos: ter alguém que vigiará sobre nós e nos falará fielmente do pecado, do perigo e do dever que não conseguimos facilmente ver sem ajuda, e com os quais os outros homens não nos familiarizarão fielmente.

II. Mas, contudo, é raro escolher e usar esta amizade corretamente; e existem muitos males aqui a serem cuidadosamente evitados. Os exemplos serão mencionados logo nas orientações e, por isso, agora omitidos.

Pergunta 3. É adequado ter mais do que um amigo íntimo de peito?

Resposta. 1. Geralmente um só é o mais adequado: 1. Porque o amor difuso é frequentemente fraco, e o contraído é mais forte. 2. Porque os segredos raramente estão seguros nas mãos de muitos. 3. Porque pessoas adequadas são raras. 4. E embora duas ou três possam ser adequadas para você, contudo talvez possam ser inadequadas entre si. E as calamidades de suas disparidades recairão sobre você; e os desentendimentos delas podem resultar na revelação de seus segredos, ou em algum outro prejuízo maior.

Mas, contudo, às vezes duas ou três amizades assim podem ser melhores do que uma só. 1. No caso de estarem todas próximas e de uma adequação e fidelidade aprovadas. 2. No caso de serem todas adequadas e queridas umas para

as outras. 3. Se um homem vive alternadamente em diversos lugares e os seus amigos não se podem mudar com ele, ele pode ter um amigo em um lugar e outro em outro, e assim muitos não passarão de um que seja constante. 4. E no caso de que muitos possam somar-se à nossa ajuda, nosso conselho e conforto, mais do que ao nosso perigo, dano ou problema. Em todos estes casos, muitos são melhores do que um.

Pergunta 4. É adequado que adote outro amigo de peito aquele que possui uma esposa piedosa? E existe alguém tão adequado para ser amigo quanto aquele e aquela que são como uma só carne?

Resposta. Quando uma esposa possui o entendimento, a virtude e a fidelidade adequados para este tipo de amizade, então ninguém mais é tão adequado, por causa da proximidade e dos interesses unidos. O mesmo digo de um marido para com a esposa. Mas porque raramente ocorre haver tal adequação para este ofício, especialmente na esposa, nesse caso é lícito e adequado escolher um amigo que seja de fato adequado, e confiar-lhe aqueles segredos que não confiamos a uma esposa: pois os segredos não devem ser confiados aos infiéis, nem se deve esperar conselho sábio dos insensatos, por mais próximos que estejam. E os grandes escritores sobre esta amizade especial pensam que mulher alguma é adequada para ela, mas apenas os homens; contudo, essa conclusão é excessivamente injuriosa para com aquele sexo.

Pergunta 5. É condizente com a natureza da verdadeira amizade amar o nosso amigo não apenas por si mesmo,

mas para a nossa própria utilidade? E deve ele ou eu ser o fim principal do meu amor e amizade?

Resposta 1. De fato, em nosso amor a Deus, aquele que é o objeto é também o nosso fim principal e último, e devemos amá-lo mais por si mesmo do que por nós mesmos. E, no entanto, aqui é lícito pretender-se, de forma subordinada, o nosso próprio bem.

1. E o nosso amor para com o Estado deve ser maior do que o nosso amor para conosco mesmos e, portanto, não devemos amá-lo principalmente por nós mesmos.

2. E se o nosso amigo de peito for notoriamente melhor do que nós, e mais útil a Deus e ao bem comum, devemos amá-lo também acima de nós mesmos e, portanto, não principalmente por causa de nós mesmos.

3. Mas, em caso de igualdade de bondade e utilidade, não estamos obrigados a amar o nosso amigo mais íntimo mais do que a nós mesmos; e, portanto, podemos, no mínimo, amá-lo igualmente por nós mesmos como por si mesmo. E se somos realmente e notoriamente melhores e mais úteis, podemos amá-lo principalmente por nós mesmos, e a nós mesmos acima dele. Mas, ainda assim, devemos amar a Deus e ao bem público acima de nós mesmos e dele, e devemos amar tanto a nós mesmos quanto a ele em ordem a Deus, que é o princípio e o fim de tudo.

Pergunta 6. É contrário à natureza da verdadeira amizade ocultar qualquer segredo de tal amigo de peito, ou reter qualquer suspeita dele, ou supor que ele possa possivelmente mostrar-se infiel para conosco e nos desamparar?

Resposta. Cícero e os antigos doutores dizem da amizade que tudo isso é inconsistente com a verdadeira amizade; e é verdade que é contrário à amizade perfeita: mas é igualmente verdade que a amizade perfeita não pode existir e não deve existir entre homens imperfeitos; e que a natureza da humanidade está tão depravada que os melhores são inadequados para a amizade perfeita; e, certamente, poucos homens, se é que há algum no mundo, são adequados para cada segredo de nossos corações. Além de que somos tão ruins que, se todos os nossos pensamentos secretos fossem conhecidos uns dos outros, isso poderia fazer muito para diminuir a nossa amizade e o amor mútuos. E é certo que o homem é uma criatura tão corrompida, e os homens bons tão imperfeitamente curados de sua corrupção, que há egoísmo, incerteza e mutabilidade nos melhores. E, portanto, não é um dever julgar falsamente os homens, mas, ao contrário, julgá-los como são; e, portanto, supor que é possível que o amigo mais próximo venha a revelar os nossos segredos, em um momento ou outro, e que o amigo mais firme possa possivelmente tornar-se nosso inimigo. Pensar ser possível aquilo que é possível (e mais) não é injurioso para com ninguém.

Pergunta 7. É lícito mudar de amigo de peito e preferir um novo, que percebemos ser mais digno, antes de um antigo?

Resposta. Um amigo antigo, *ceteris paribus* [em igualdade de condições], deve ser preferido a um novo, e não deve ser descartado sem merecimento e necessidade. Mas, apesar de tudo, 1. Se um amigo antigo provar-se falso ou notavelmente inadequado, 2. Ou se encontrarmos

outro que seja muito mais capaz, apto e digno, não há dúvida de que podemos preferir o último; e podemos valorizar, amar e usar os homens como eles são pela bondade, valor e utilidade.

Pergunta 8. Que amor é devido a um ministro que foi o meio de nossa conversão? E pode tal pessoa ser amada em excesso?

Resposta. 1. Há um amor especial devido a tal pessoa como a mão pela qual Deus nos estendeu as suas inestimáveis misericórdias; e a ingratidão, e o desprezo sectário e orgulhoso daqueles que foram nossos pais em Cristo, não é pecado pequeno.

1. Mas, contudo, outro que nunca nos fez bem, que seja muito mais sábio, melhor e mais útil para a igreja, deve ser mais amado do que aquele por quem fomos convertidos. Porque devemos amar os homens mais por amor de Deus e de sua imagem e serviço do que por nós mesmos.

2. E é algo muito comum que mulheres apaixonadas e jovens, quando recém-convertidos, pensem que nunca podem valorizar, honrar e amar em excesso aqueles que os converteram; e pensem que todo esse amor é santo e provém de Deus; ao passo que o mesmo amor pode ser de Deus quanto ao princípio, motivos e fins, no principal, e contudo pode conter grandes misturas de fraqueza apaixonada e excesso pecaminoso, os quais podem tender à sua grande aflição no fim. Alguns que foram convertidos pelos escritos de um ministro a cem ou mil milhas de distância precisam necessariamente ir ver o autor; alguns precisam necessariamente mudar-se de suas habitações e profissões legítimas para viver sob o ministério de tal

pessoa; sim, se possível, na casa com ela; alguns possuem afetos tão violentos que isso se torna um tormento para eles quando não podem viver com aqueles por quem sentem tamanha afeição; alguns, por essa afeição, estão prontos a seguir aqueles que tanto valorizam em qualquer erro. E tudo isso constitui um amor pecaminoso por esta mistura de fraqueza apaixonada, embora piedoso no principal.

Pergunta 9. Por que deveríamos restringir o nosso amor a um amigo de peito (ao contrário da doutrina de Cícero)? E qual pecado ou perigo há em amá-lo em excesso?

Resposta. Todos os seguintes: 1. É um erro de julgamento e de vontade supor que alguém seja melhor do que é (sim, talvez do que criatura alguma na terra o seja) e, assim, amá-lo.

1. É um ato irracional e, portanto, impróprio para uma criatura racional amar a outrem além do que a razão nos permite e para lá das verdadeiras causas do amor regular.

2. Geralmente é fruto do egoísmo pecaminoso: pois este excesso de amor provém de uma causa egoísta, quer de alguma forte presunção de que a pessoa nos ama grandemente, quer por alguma grande bondade que ela nos tenha demonstrado, ou por alguma necessidade que tenhamos dela, e adequação que nela apareça para nos ser útil, etc. De outra forma, seria puramente por valor amável e, então, seria proporcionado à natureza e medida daquele valor.

3. Frequentemente ocupa as mentes dos homens a ponto de impedir o seu amor a Deus e os seus desejos e deleites

nas coisas santas: enquanto Satanás (talvez sob pretextos religiosos) volta os nossos afetos de forma violenta demais para alguma pessoa, isso os desvia de coisas mais elevadas e melhores: pois a mente fraca do homem dificilmente pode pensar seriamente em uma coisa sem se alienar em seus pensamentos das outras; nem pode facilmente amar duas coisas ou pessoas fervorosamente de uma só vez que não estejam em pura subordinação uma à outra: e raramente amamos alguém fervorosamente em uma pura subordinação a Deus; pois, então, amaríamos a Deus ainda mais fervorosamente.

4. Frequentemente torna os homens maus membros da igreja e do Estado. Pois contrai aquele amor a uma pessoa superestimada, o qual deveria ser difundido amplamente entre muitos; e o bem comum, que deveria ser amado acima de qualquer pessoa individual, é por este meio negligenciado (assim como o próprio Deus): o que faz com que esposas, filhos e amigos de peito se tornem aqueles abismos que engolem os bens da maioria dos homens ricos; de modo que fazem pouco bem com eles ao Estado público, o qual deveria ser preferido.

5. A amizade excessiva engaja-nos em mais deveres do que somos capazes de cumprir bem, sem negligenciar o nosso dever para com Deus, o Estado e as nossas próprias almas. Há algum dever especial que acompanha todo conhecimento especial; mas um amigo de peito esperará muito. Você deve conceder-lhe muito de seu tempo em conversas, em todas as ocasiões; e ele espera que você seja de muitas maneiras amigável e útil para com ele, assim como ele é ou gostaria de ser para com você. Quando, infelizmente, o homem frágil pouco pode fazer: o nosso

tempo é curto; a nossa força é pequena; os nossos bens e faculdades são estreitos e baixos. E aquele tempo que você deve gastar com o seu amigo de peito, onde a amizade não é moderada e sabiamente gerida, é talvez retirado de Deus e do bem público, aos quais você primeiro o devia. Especialmente se vocês forem magistrados, ministros, médicos, professores de escola ou outros de utilidade pública. De fato, se você possui um amigo sóbrio e prudente que esperará apenas por suas horas vagas e, antes, o ajudará em seu serviço público, você é feliz em tal amigo. Mas não é este excesso de amor que estou repreendendo.

6. Esta amizade desordenada prepara para decepções, sim, e para excesso de tristezas. Geralmente, a experiência dir-lhe-á que os seus melhores amigos não passam de homens incertos e imperfeitos, e não corresponderão à sua expectativa; e talvez alguns deles possam falhar-lhe tão grosseiramente a ponto de fazer pouco caso de você e provar-se seus adversários. Tenho visto os laços de extraordinária afeição serem dissolvidos de muitas maneiras: um foi vencido pela carne e tornou-se bêbado e sensual, provando-se inadequado para a amizade íntima (o qual, contudo, outrora parecia de extraordinária integridade e zelo). Outro adotou algumas presunções singulares na religião e uniu-se a alguma seita onde o seu amigo de peito não o pôde seguir. E assim pareceu-lhe ser seu dever olhar com estranheza, desprezo ou piedade para o seu antigo amigo, como alguém que está em trevas e em baixa condição, se não suposto um adversário da verdade por não adotar todos os seus equívocos. Outro é subitamente elevado com alguma promoção, dignidade e sucesso, e assim é tomado por coisas mais altas e

conversações mais elevadas, achando muito razoável dar um abraço ao seu antigo amigo pelo que ele outrora foi para si, em vez de continuar com tal afeição. Outro mudou de lugar e de companhia e, assim, por graus, tornou-se muito indiferente para com o seu antigo amigo quando este está fora de vista e a conversação cessa. Outro escolheu mal o seu amigo em sua juventude inexperiente, ou em uma penúria de homens sábios e bons, supondo-o muito melhor do que era; e depois teve experiência de muitas pessoas de sabedoria, piedade e fidelidade muito maiores, as quais, portanto, a razão lhe ordenou preferir. Todos estes são dissolventes comuns desses laços de amizade íntima e especial.

E se o seu amor continuar tão ardente quanto antes, o seu excesso provavelmente será a sua excessiva tristeza. Pois, 1. Você ficará mais entristecido com cada sofrimento de seu amigo, como doenças, perdas, contrariedades, etc., dos quais tantos acompanham a humanidade, que provavelmente tornarão grande o seu fardo. 2. A cada mudança, a ausência dele ser-lhe-á mais incômoda. 3. Todas as incongruências e desentendimentos ser-lhe-ão mais dolorosos, especialmente os ciúmes, descontentamentos e paixões dele, os quais você não pode controlar. 4. A morte dele, se ele morrer antes de você, será mais dolorosa, e a sua própria mais indesejada porque terá de se separar dele. Estas e uma abundância de dolorosas aflições são os frutos comuns de afeições fortes demais; e não é coisa rara para os melhores servos de Deus confessarem que os seus sofrimentos vindos de seus amigos que os amaram em excesso foram dez vezes maiores do que de todos os inimigos que jamais tiveram no mundo.

E para aqueles que estão vacilantes sobre este caso: se apenas uma amizade comum com todos os homens de acordo com o seu valor variado, ou uma intimidade de peito com alguma pessoa é mais desejável? Premissas farei com uma livre confissão de meu próprio caso, quaisquer que sejam as censuras em que por isso incorra. Quando fui despertado pela primeira vez para a consideração das coisas espirituais e eternas, fui extremamente inclinado a um amor veemente para com aqueles que eu pensava serem os santos mais sérios, e especialmente para com aquela intimidade com alguém que se chama amizade; pela qual encontrei extraordinário benefício, e tornou-se uma misericórdia especial para a minha alma. Mas foi por mais de uma ou duas das maneiras supracitadas que o laço estrito de extraordinária amizade foi relaxado, e a minha própria estima excessiva de meus amigos mais íntimos foi refutada. E desde então aprendi a amar todos os homens de acordo com o seu valor real, e a deixar fluir o meu amor de forma mais extensa e sem respeito a pessoas, reconhecendo tudo o que é bom em todos; mas com um duplo amor e honra para com os excelentemente sábios e bons; e a valorizar os homens mais por sua utilidade pública do que por sua adequação privada para comigo; e, contudo, a valorizar a conversação comum de um ou poucos amigos adequados antes de uma vida mais pública e tumultuada, exceto quando Deus é publicamente adorado, ou quando o serviço público me convida a negar a quietude de uma vida privada: e embora eu diferencie mais entre homem e homem do que antes, não o faço por motivos tão superficiais e insuficientes como no tempo de minha credulidade inexperiente; nem espero encontrar

alguém sem os defeitos, manchas e falhas do homem enfermo, imperfeito e mutável.

Pergunta 10. Quais qualificações devem nos dirigir na escolha de um amigo de peito especial?

Resposta. 1. Ele deve ser alguém sincero e de coração simples, não dado a afetações ou a qualquer coisa que seja muito forçada em seu comportamento; franco e de coração aberto para com você, e não inclinado a uma conduta oculta, fraudulenta ou reservada.

1. Ele deve ser alguém de temperamento e disposição adequados; não quero dizer livre de todas as suas próprias fraquezas, mas não culpado de uma teimosia ou contrariedade de disposição. Como se um for afeito à simplicidade de vestuário e à frugalidade na alimentação e no curso de vida, e o outro for culpado de curiosidade, ostentação e prodigalidade; se um for de poucas palavras e o outro de muitas; se um for voltado ao trabalho e o outro à ociosidade e frequentes interrupções; se um for voltado a servir aos humores dos homens e o outro ao desprezo da censura humana no caminho do dever certo; estas disparidades os tornam inadequados para este tipo de amizade de peito.

2. Ele não deve ser escravo de vício algum; pois aquilo que o faz falso para com Deus e a trair a sua própria alma pode fazê-lo falso para com o homem e a trair o seu amigo.

3. Ele não deve ser uma pessoa egoísta; isto é, corrompida e parcialmente voltada para si mesma e para os seus próprios fins e interesses carnais. Pois tal pessoa não possui amor verdadeiro para com os outros, mas, quando

você parecer contrário ao interesse próprio dela, ao seu prazer, riqueza ou honra, ela o abandonará; pois assim faz ela para com o próprio Deus.

4. Ele deve ser humilde e não visivelmente orgulhoso. Pois o orgulho o tornará briguento, desdenhoso, impaciente e totalmente inadequado para uma pessoa humilde.

5. Ele deve ser alguém completa e resolutamente piedoso: pois você dificilmente se centrará bem em lugar algum senão em Deus; nem será ele útil para todos os fins da amizade se não for alguém que ame a Deus e as coisas santas, e seja de conduta piedosa: nem pode você esperar que aquele que é falso para com Deus, e venderá a sua parte nele pelo prazer ou ganho do pecado, venha a provar-se verdadeiramente fiel a você por muito tempo.

6. Ele deve ser alguém criterioso na religião; isto é, não de mentalidade errônea ou herética; nem ignorante daquelas grandes e excelentes verdades sobre as quais frequentemente devem conversar; mas, antes, alguém que o exceda no sólido entendimento, no verdadeiro julgamento e em uma mente discernidora, que possa ensinar-lhe algo que você não saiba; e não inclinado a corrompê-lo com opiniões falsas de sua autoria.

7. Ele deve ser alguém que não seja cismático e não esteja integrado em nenhuma seita divisiva; pois, do contrário, não será mais fiel a você do que o interesse de seu partido lho permitir; e se você não o seguir em suas presunções e singularidades, ele retirará o seu amor e o desprezará; e, se não o fizer, contudo poderá colocar em perigo a sua firmeza pela tentação de seu amor.

8. Ele deve ser alguém que não possua outro amigo muito íntimo, a menos que o amigo dele seja também tão íntimo de você quanto dele; porque, do contrário, ele não será mais secreto e confiável para com você do que o interesse ou a vontade do outro amigo dele lho permitir.

9. Ele deve ser alguém prudente na gestão dos negócios, e especialmente daqueles com os quais a sua conversação está envolvida; do contrário, a indiscrição dele em palavras ou práticas não permitirá que a sua amizade permaneça íntegra por muito tempo.

10. Ele deve ser alguém que não seja inclinado à loquacidade, mas que saiba guardar os seus segredos; do contrário, será tão pouco confiável que se tornará incapaz de realizar o verdadeiro ofício de amigo.

11. Ele deve possuir zelo e atividade na religião e em todo fazer o bem; do contrário, será inadequado para aquecer os seus afetos e para incitá-lo ao amor e às boas obras, e para realizar as principais obras da amizade, mas antes o esfriará e impedirá em seu caminho.

12. Ele deve ser alguém que não seja inclinado à leviandade, inconstância e mudança; do contrário, você não pode esperar estabilidade em sua amizade.

13. Ele não deve diferir muito de você em riquezas, em pobreza ou em posição no mundo. Pois, se ele for muito mais rico, será levado por companhias e conversações mais elevadas do que as suas e julgará que você é mais adequado para ser seu servo do que seu amigo. E, se ele for muito mais pobre do que você, será inclinado a valorizar a

sua amizade para sua própria utilidade, e você estará sempre em dúvida se ele é sincero.

14. Ele deve ser alguém que tenha probabilidade de viver com você ou perto de você, para que possa ter o benefício frequente de sua conversação, conselho, exemplo e outros atos de amizade.

15. Ele deve ser alguém que não seja muito avarento ou amante de riquezas ou promoção; pois tal pessoa não será fiel a você por mais tempo do que as suas riquezas lho permitirem.

16. Ele deve ser alguém que não seja melindroso, apaixonado e impaciente; mas que possa tanto suportar as suas fraquezas quanto suportar muito dos outros por amor a você, no exercício de sua amizade.

17. Ele deve ser alguém que tenha uma estima tão boa de sua pessoa, e um amor tão verdadeiro e forte por você, que baste para movê-lo e segurá-lo em tudo isso.

18. Ele deve ser, contudo, de espírito público e amante de boas obras, para que possa incitá-lo ao fazer o bem, e não favorecê-lo em uma vida ociosa, complacente e infrutífera. E ele deve ser alguém habilidoso nos negócios de sua vocação, para que seja apto a avaliar o seu trabalho, corrigi-lo, dirigi-lo nele e conversar a respeito dele; e é melhor para você se ele o exceder nisso, para que possa acrescentar algo a você (mas, então, você não será tal para ele e, assim, a amizade será desigual).

19. Por fim, deve haver alguma adequação em idade e sexo. Os jovens carecem de experiência para torná-los aptos para a amizade de peito dos idosos (embora estes possam

ter prazer em instruí-los e fazer-lhes o bem). E os jovens dificilmente se conciliam com toda a gravidade dos idosos. E não deve ser uma pessoa de sexo diferente, a menos em caso de casamento. Não que não possam ser úteis uns aos outros como cristãos, e em um estado de amizade distante; mas para esta intimidade de peito eles são totalmente inadequados, por causa de inadequação, tentação e escândalo.

Direção 1. Não se comprometa com ninguém como amigo de peito sem grande evidência e prova de sua aptidão em todas as qualificações anteriores. Pelo que você pode ver que este não é um caminho comum de dever ou benefício, mas um caso muito incomum. Pois é coisa difícil encontrar um entre muitos milhares que possua todas estas qualificações; e, quando isso ocorre, se você não tiver as mesmas qualificações para com ele, será inadequado para a amizade dele, seja ele o que for para a sua. E onde, em uma época, haverá dois que se adeqúem em todos esses aspectos? Portanto, o nosso caminho comum de dever é amar a todos de acordo com o seu valor variado, e fazer o melhor uso que pudermos da graça e dos dons de cada um, e daqueles de forma mais intensa que estão mais próximos de nós; mas sem a parcialidade de tal afeição extraordinária por alguém acima de todo o resto. Pois os jovens geralmente fazem a sua escolha de forma precipitada, de alguém que depois se prova totalmente inadequado para o ofício de tal amigo, ou, pelo menos, não melhor do que muitas outras pessoas; sim, dez chances contra uma de que a experiência posterior os familiarizará com muitos que são muito mais sábios, melhores e mais adequados para o seu amor. E os afetos apressados são culpados de parcialidade cega, lançando os homens no

pecado e na tristeza, e frequentemente terminando em rupturas desagradáveis. Portanto, não seja rápido demais nesta amizade.

Direção 2. Quando você escolher um amigo, embora deva ser alguém de quem não tenha causa para suspeitar, contudo considere que é possível que ele se afaste de você, sim, e torne-se seu inimigo. Os ciúmes sem causa são contrários à amizade de sua parte; e, se houver causa, é inconsistente com a amizade da parte dele. Mas, contudo, amizade alguma deveria torná-lo cego a ponto de não saber que o homem é uma criatura corrompida e mutável; especialmente em uma era como esta, na qual temos visto como mudanças pessoais, mudanças de Estado e mudanças na religião têm alienado muitos amigos aparentes. Portanto, ame-os, use-os e confie neles, mas como homens que podem possivelmente falhar em todas as suas expectativas, abrir todos os seus segredos, traí-lo, sim, e tornarem-se seus inimigos. Não suspeite disso, mas julgue-o possível.

Direção 3. Seja aberto com o seu amigo aprovado e confie-lhe todos os seus segredos, excetuando sempre aqueles cujo conhecimento possa ser prejudicial para ele mesmo, ou cuja revelação posterior possa ser intoleravelmente prejudicial para você, para a honra da religião, para o bem público ou para qualquer outro. Se você for desnecessariamente reservado, não será amigável, tampouco poderá aproveitar o seu amigo o suficiente para sua própria vantagem. Mas, contudo, se abrir tudo sem exceção, poderá de muitas maneiras ser prejudicial para o seu amigo e para si mesmo; e poderá vir o dia que você não esperava, no qual a fraqueza, a paixão, o interesse ou a

alienação dele possam perturbá-lo, tornando tudo público ao mundo.

Direção 4. Use o mínimo de afetação ou cerimônia possível com o seu amigo; mas que toda a sua conversação com ele seja com abertura de coração, para que ele veja que você confia nele e lida com ele em sincera simplicidade. Se a dissimulação e a afetação forçada forem descobertas apenas uma vez, isso tende a gerar uma constante desconfiança e suspeita. E, se for uma fraqueza sua que você pensa precisar de tal cobertura, o disfarce será de pior efeito do que o conhecimento de sua fraqueza.

Direção 5. Seja sempre fiel ao seu amigo para a cura de todas as faltas dele; e nunca transforme a amizade em lisonja: contudo, que tudo seja feito com amor, embora em uma liberdade amigável e proximidade de admoestação. Não é o menor benefício da amizade íntima que aquilo que um inimigo fala pelas nossas costas, um amigo exponha claramente às nossas faces. Vigiar uns sobre os outros diariamente, e ser como um espelho para mostrar as nossas faces ou faltas uns aos outros, é o grande benefício da verdadeira amizade. Ec 4:9-11: "Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante". É um lisonjeador e não um amigo aquele que o agradará ocultando ou atenuando o seu pecado.

Direção 6. Abomine o egoísmo como o elemento mais contrário à real amizade. Que o seu amigo seja como você mesmo, e o interesse dele como o seu próprio. Se devemos

amar o nosso próximo como a nós mesmos, muito mais os nossos amigos de peito mais queridos.

Direção 7. Compreenda o que há de mais excelente e útil em seu amigo e melhore-o. Muito bem é perdido por um companheiro desanimado que não abre o vaso para retirar aquilo que está pronto para o seu uso; nem alimenta qualquer boa conversa por meio de perguntas ou respostas adequadas, mas sufoca tudo com um silêncio estéril. E um ouvinte maçante e silencioso cansará e silenciará o falante por fim.

Direção 8. Resolvam suportar as fraquezas mútuas: não sejam elevados demais em suas expectativas uns dos outros; não esperem exatidão e inocência, mas sim fraquezas humanas, para que, quando elas ocorrerem, não se encontrem decepcionados. A paciência é necessária em toda conversação humana.

Direção 9. Contudo, não permita que a amizade o cegue a ponto de confessar ou atenuar as faltas de seu amigo mais querido. Pois isso será parcialidade pecaminosa e será grandemente prejudicial para com Deus, e traição contra a alma e a segurança de seu amigo.

Direção 10. E vigie para que o amor, a estima ou a reverência de seu amigo não o levem a acolher os erros dele, ou a imitá-lo em qualquer caminho pecaminoso. Não faz parte da verdadeira amizade preferir os homens antes da verdade de Cristo, nem receber qualquer infecção herética, divisiva ou sensual de nosso amigo e, assim, morrer e perecer com ele; nem é amigável desejá-lo.

Direção 11. Nunca fale contra o seu amigo a uma terceira pessoa; nem exponha a desonrosa fraqueza dele a outrem. Como homem algum pode servir a dois senhores, assim homem algum pode agradar bem a dois amigos opostos: e, se você sussurrar a um as falhas de outro, isso tende diretamente à dissolução de sua amizade.

Direção 12. Não pense que o amor justificará a sua estimativa parcial e errônea de seu amigo. Você pode julgá-lo o mais adequado para a sua intimidade; mas não deve julgá-lo melhor do que todos os outros homens, a menos que tenha evidência especial disso como a razão de tal julgamento.

Direção 13. Não permita que o amor de seu amigo o leve a amar a todos, ou a quaisquer outros, de forma menor e abaixo de seu valor. Não permita que a amizade o torne de coração estreito, limitando a sua caridade a um: mas dê a todos o que lhes é devido, em sua avaliação e em sua conversação, e exercite uma caridade e benignidade tão amplas quanto possível; especialmente para com as sociedades, igrejas, o Estado e para com todo o mundo. É uma amizade pecaminosa aquela que rouba aos outros a sua caridade; especialmente àqueles a quem muito mais é devido do que ao seu amigo.

Direção 14. Exercite a sua amizade na santidade e no bem fazer: acendam uns nos outros o amor de Deus e da bondade, e incitem-se mutuamente a uma conduta celestial. Quanto mais de Deus e do céu houver em sua amizade, mais santa, segura, doce e durável ela se provará. Ela não murchará quando um assunto eterno for o combustível que a mantém. Se ela não o ajudar a ser

melhor na santidade e em relação ao céu, de nada vale. Ec 4:11: "Também, se dois dormirem juntos, eles se aquecerão; mas um só como se aquecerá?". Cuide para que a sua amizade não degenere em amor carnal comum, e não se evapore em uma conversação estéril, em vez de oração, discurso celestial, vigilância fiel e repreensão.

Direção 15. Preparem-se uns aos outros para o sofrimento e para a morte, e habitem juntos na casa do luto, onde poderão lembrar-se de sua amizade eterna mais próxima; e não apenas na casa da alegria, como se fosse o seu trabalho fazer com que cada um esqueça o seu fim último.

CAPÍTULO 29
CASOS E ORIENTAÇÕES PARA AMAR E FAZER O BEM AOS INIMIGOS

A maior parte do que pertence a este assunto foi dita antes, no capítulo 9, sobre perdoar os inimigos e, por isso, remeto o leitor àquela seção.

Pergunta 1. Quem devo considerar um inimigo e amar sob esse nome?

Resposta. 1. Não toda pessoa que se ira com você, ou que lhe dirige palavras ofensivas, ou que o desvaloriza, ou que fala contra você, ou que lhe faz alguma injustiça; mas aquela que o odeia, e busca ou deseja a sua destruição ou o seu prejuízo de forma intencional como tal. 2. E homem algum deve ser tido por tal se não o manifestar, ou se você não o puder provar. 3. Mas se você tiver uma suspeita

razoável, poderá portar-se de maneira mais cautelosa para a sua própria preservação, para que ele não se prove seu inimigo e os seus desígnios não o peguem desprevenido.

Pergunta 2. Com que tipo de amor um inimigo deve ser amado, e por quais motivos?

Resposta. 1. Primeiramente com um amor de complacência, por todo o bem que há nele, seja natural ou moral: ele deve ser amado como homem pela bondade de sua natureza; e o seu entendimento e virtudes devem ser reconhecidos tão livremente, e amados tão plenamente, como se ele não fosse nosso inimigo: a inimizade não deve cegar e perverter o nosso julgamento a respeito dele, impedindo-nos de discernir tudo o que há de amável nele; nem deve corromper os nossos afetos, impedindo-nos de amar a bondade e a ele. 2. Secundariamente, devemos amá-lo com um amor de benevolência, desejando-lhe toda a felicidade que desejamos para nós mesmos, e empenhando-nos por ela de acordo com as nossas oportunidades.

Pergunta 3. Devo desejar que Deus o perdoe e o salve enquanto ele não se arrepende do mal que me faz; e, sendo impenitente, é ele incapaz de perdão?

Resposta. 1. Você deve desejar ao mesmo tempo que Deus lhe conceda arrependimento e perdão. 2. Se ele for impenitente em um estado e vida de impiedade, ou em um pecado conhecido e voluntário, ele é de fato incapaz do perdão e da salvação de Deus nesse caso: mas se você não o sabe ímpio, e se apenas o equívoco ou a paixão, ou alguma ofensa pessoal ou desentendimento o tornaram seu inimigo, e você não tem certeza de que a inimizade seja

tão predominante que exclua toda a caridade verdadeira; ou se ele pensa que você é uma pessoa má, e é seu inimigo por esse motivo, você deve orar pelo perdão e salvação dele, ainda que ele não se arrependa particularmente.

Pergunta 4. E se ele for meu inimigo por causa da religião, sendo assim um inimigo de Deus?

Resposta. 1. Há pessoas demais que possuem inimizade mútua excessiva por causa de opiniões e partidos diferentes na religião, em um zelo errôneo pela piedade, as quais não devem ser tidas como inimigas de Deus. Quais atos de hostilidade foram nesta era praticados por várias seitas de cristãos zelosos umas contra as outras! 2. Se você os sabe inimigos de Deus e da piedade, deve odiar o pecado deles, e amar a sua humanidade e tudo o que há de bom neles, e desejar o seu arrependimento, bem-estar e salvação.

Pergunta 5. O que devo fazer pelo bem de um inimigo quando os meus benefícios têm probabilidade apenas de encorajá-lo, animá-lo e capacitá-lo a fazer o mal a mim ou a outros?

Resposta. 1. Geralmente a bondade tende a convencer e comover um inimigo, impedindo-o de fazer o mal. 2. Devem ser escolhidas tais formas de bondade que mais engajem o inimigo a retribuições de bondade, sem dar-lhe capacidade ou oportunidade de fazer o mal, caso ele se prove implacável. Você pode demonstrar-lhe bondade sem colocar uma espada em sua mão. A prudência determinará a forma dos benefícios após a consideração das circunstâncias.

Pergunta 6. Não posso me defender contra um inimigo, e feri-lo em minha própria defesa? E não posso desejar-lhe tanto mal quanto posso fazer-lhe?

Resposta. Quando você puder salvar-se por palavras amáveis, ou pela fuga, ou por alguma perda tolerável, sem resistir a ele para o seu prejuízo, deve antes preferir isso, e "não resistir ao mal", Mt 5:39. Quando não puder fazê-lo, deve defender-se com o menor prejuízo possível ao seu inimigo. E se você não puder salvar-se de um mal menor sem fazer-lhe um maior, deve antes sofrê-lo.

Objeção. Mas se eu o ferir em minha própria defesa, a culpa é dele mesmo.

Resposta. Assim pode ser, e contudo ser sua também: você está obrigado à caridade para com o seu inimigo, e não apenas à justiça.

Objeção. Mas se eu fugir dele, ou não lhe resistir, isso será desonra para mim; e posso defender a minha honra tão bem quanto a minha vida.

Resposta. Tais objeções e raciocínios (os quais os jesuítas usam contra Jesus) seriam mais adequados para a boca de um ateu do que de um cristão. É o orgulho que valoriza tanto a estima dos homens, sim, de homens maus e tolos, a ponto de pleitear a honra em favor da falta de caridade: e a voz do orgulho é a voz do diabo, contrária à daquele "que esvaziou-se a si mesmo", Fl 2:7-8, e submeteu-se a ser vestido com vestes de escárnio, e conduzido com desprezo como um tolo, e diante de quem se dobraram, e que foi esbofeteado, cuspido e crucificado; o qual nos chama a aprender dele a ser mansos e humildes de coração, e a

negarmo-nos a nós mesmos, e a tomarmos a cruz (que é sofrimento vergonhoso), se queremos ser seus discípulos, Mt 11:28-29; Lc 14:30-33. Para todo cristão, a maior honra é ser semelhante a Jesus Cristo, e exceder na caridade. É uma desonra maior carecer de amor para com um inimigo do que fugir dele ou não lhe resistir. Aquele que ensina de outra forma, e torna o pecado honroso, e a imitação e obediência de Cristo mais desonrosas, prega o orgulho, e combate a caridade, e prega em favor do diabo contra Jesus Cristo; e, portanto, não deveria chamar-se nem jesuíta nem cristão.

Sim, mais: se a pessoa que quer feri-lo ou matá-lo for alguém de mais valor e utilidade para o bem público, você deveria antes sofrer por ela, ou ser morto por ela, do que feri-la igualmente ou matá-la em sua própria defesa. Como se o rei de outro reino que não tem autoridade sobre você (pois sobre o seu próprio não há dúvida) o assaltasse; ou qualquer um cuja morte constituísse perda maior do que a sua. Pois o bem público é melhor do que o seu próprio.

E nem sempre se sustentará que você pode desejar a outrem tanto mal quanto pode fazer-lhe: pois, ao defender-se, você pode às vezes, sem culpa, fazer mais mal do que estava disposto a fazer. E você nunca deve desejar o mal de seus inimigos como tal, mas apenas como um meio necessário de bem, como para a preservação deles, ou sua, ou de outros.

Pergunta 7. Devem os reis e os Estados amar os seus inimigos? Como, então, pode a guerra ser legítima?

Resposta. Os reis e os Estados estão obrigados a isso tanto quanto os indivíduos; e, portanto, devem observar a

supracitada lei do amor tão bem quanto os outros. Portanto, não devem iniciar guerra alguma desnecessariamente, nem por causa alguma, por mais justa que seja em si mesma, quando os benefícios da guerra não têm probabilidade de representar um bem maior do que os danos que a guerra trará tanto para amigos quanto para inimigos reunidos. Uma guerra ofensiva legítima assemelha-se quase a um verdadeiro concílio geral: sob certas suposições, tal coisa pode existir; mas se o mundo alguma vez viu tal coisa, ou se tais suposições algum dia se tornarão realidade, é a questão.

Motivo 1. Deus ama os seus inimigos e faz-lhes o bem; e ele é o nosso melhor exemplo. Mt 5:44-45: "Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos".

Motivo 2. Jesus Cristo encarnou para nos deixar um modelo, especialmente desta virtude: ele buscou a salvação de seus inimigos; andava de um lado para o outro fazendo o bem entre eles. Ele morreu por seus inimigos: ora por eles inclusive em seus sofrimentos na cruz: chorou sobre eles quando previu a sua ruína. Quando era injuriado, não injuriava de volta. Este é o modelo que devemos imitar.

Motivo 3. Deus amou inclusive a nós mesmos quando éramos seus inimigos; do contrário, o que teria sido de nós? E Cristo morreu inclusive por nós, como inimigos,

para reconciliar-nos por sua morte com Deus, Rm 5:9-10. Portanto, estamos especialmente obrigados a este dever.

Motivo 4. Ser inimigo de Deus significa ser ímpio e desprovido de amabilidade; de modo que em nós Deus nada podia ver de amável, exceto a nossa natureza e aqueles pobres restos de virtude nela, e a nossa capacidade de sermos tornados melhores por sua graça; e, contudo, ele então nos amou: mas ser inimigo de você ou de mim não significa ser ímpio ou ímpio como tal; trata-se de uma inimizade apenas contra um verme vil e indigno e, portanto, é uma falta menor.

Motivo 5. Nós fazemos mais contra nós mesmos do que qualquer inimigo ou demônios, e contudo amamos a nós mesmos; por que, então, não deveríamos amar a outrem que faz menos contra nós?

Motivo 6. Tudo o que é de Deus e é bom deve ser amado; mas pode haver muito de Deus, e muito bem natural e moral, em alguns inimigos nossos.

Motivo 7. Amar um inimigo significa uma mente que é imparcial e que ama puramente por causa de Deus e por amor ao bem; mas o contrário mostra uma mente egoísta, que ama apenas por causa de si mesma.

Motivo 8. Se você ama apenas aqueles que o amam, não faz mais do que o pior homem do mundo pode fazer; mas os cristãos devem fazer mais do que os outros, Mt 5:47; do contrário, não devem esperar mais do que os outros.

Motivo 9. Amar e fazer o bem aos inimigos é o caminho para conquistá-los e salvá-los. Se houver qualquer centelha de verdadeira humanidade remanescente neles,

amá-lo-ão quando perceberem, de fato, que você os ama. Um homem dificilmente pode continuar por muito tempo a odiar aquele que ele percebe que o ama sinceramente. E isso o atrairá a amar a religião por amor a você, quando ele discernir os frutos dela.

Motivo 10. Se ele for implacável, isso o colocará em uma condição adequada para que Deus o acolha e o julgue de acordo com a sua inocência. Estes dois pontos reunidos contêm o sentido de "amontoar brasas de fogo sobre a cabeça dele": isto é, quer dizer: se ele não for implacável, você o abrandará e conquistará; e, se ele for implacável, você engajará a Deus em sua causa, o qual melhor sabe quando e como exercer a vingança.

Direção 1. Não faça de homem algum seu inimigo, tanto quanto puder evitá-lo: pois, embora você possa pretender amá-lo quando ele for seu inimigo, agiu de forma contrária ao amor ao torná-lo seu inimigo; pois, por esse meio, ele é privado de seu próprio amor por você. E se a caridade dele for o seu melhor bem, então aquele que o rouba (embora ele mesmo seja excessivamente culpável) praticou aquilo que pertence ao pior dos inimigos; trata-se de um prejuízo e perda mil vezes maiores para ele perder o seu próprio amor pelos outros do que perder o amor de outrem por ele: e, portanto, fazê-lo odiar você é mais injurioso ou prejudicial para ele do que odiá-lo.

Direção 2. Não tenha por seus inimigos aqueles que não o são, e não creia que alguém seja seu inimigo até que evidências convincentes o constranjam. Tenha cuidado, portanto, com censuras ruins, suspeitas e sem fundamento; exceto defensivamente, apenas até onde for

necessário para proteger a si mesmo ou a outros de um prejuízo possível.

Direção 3. Não seja desejoso ou curioso por saber o que os homens pensam ou dizem de você (a menos em algum caso especial em que o seu dever ou segurança o exijam). Pois se dizem bem de você, é uma tentação ao orgulho; e se dizem mal de você, isso pode diminuir o seu amor e tender à inimizade. "Não apliques o teu coração a todas as palavras que se disserem, para que não ouças o teu servo amaldiçoar-te. Porque o teu coração sabe também que muitas vezes tu amaldiçoaste (ou falaste mal de) outros", Ec 7:21-22. É estranho ver como a tolice dos homens se agrada com as suas próprias tentações.

Direção 4. Afaste com severidade os lisonjeadores e murmuradores que queiram agravar a inimizade de outros homens para com você ou as injustiças cometidas contra você, e que pensam agradar-lhe contando-lhe desnecessariamente dos erros alheios. Enquanto parecem mostrar-se inimigos de seus inimigos, na verdade mostram-se, consequentemente, inimigos de vocês mesmos; pois é a sua destruição que eles buscam na destruição de seu amor. "Se o murmurador separa os maiores amigos", Pv 16:28, muito mais pode ele diminuir o seu amor para com os inimigos: que ele seja, portanto, recebido como merece.

Direção 5. Estude, investigue e ouça a respeito de todo o bem que há em seus inimigos. Pois nada será objeto de seu amor senão o bem discernido. Não dê ouvidos àqueles que querem atenuar e ocultar o bem que há neles.

Direção 6. Considere muito quão capaz o seu inimigo (e inimigo de Deus) é de tornar-se melhor. E, por tudo o que sabe, Deus pode torná-lo muito melhor do que vocês mesmos! Lembre-se do caso de Paulo. E quando tal pessoa for convertida, preveja quão penitente e humilde, quão grata e santa, quão útil e servil ela poderá vir a ser; e ame-a conforme ela é capaz de tornar-se tão amável para com Deus e o homem.

Direção 7. Não oculte o seu amor para com os seus inimigos, e não permita que as suas mentes se satisfaçam apenas com a consciência de que os amam; mas manifeste-o a eles por todos os meios justos e prudentes; pois, do contrário, você é tão desprovido de caridade que os deixa em sua inimizade, sem fazer a sua parte para curá-la. Se você pudesse ajudá-los contra a fome e a nudez, e não quer fazê-lo, como pode verdadeiramente dizer que os ama? E se você pudesse ajudá-los contra a malícia e a falta de caridade, e não quer fazê-lo, como pode pensar senão que isso é pior? Se eles soubessem que você os ama sinceramente, como diz amar, há duas chances contra uma de que diminuiriam a sua inimizade.

Direção 8. Não seja desnecessariamente distante de seus inimigos, mas seja tão familiar com eles quanto puder. Pois a distância e o afastamento alimentam suspeitas, relatos falsos e inimizade; e a conversação com amável familiaridade possui um poder maravilhoso para reconciliar.

Direção 9. Abomine acima de todos os inimigos aquele orgulho de coração que desdenha curvar-se aos outros pelo amor e pela paz. É uma linguagem diabólica dizer:

"Deveria eu curvar-me ou rastejar diante de tal sujeito? Desdenho ser tão vil". A humildade deve ensiná-lo a dar lugar ao orgulho e à ira dos outros, e a confessá-lo quando os tiver injustiçado, pedindo-lhes perdão: e, se eles lhe tiverem feito a injustiça, ainda assim você não deve recusar-se a ser o primeiro a mover-se e buscar a reconciliação. Embora eu saiba que esta regra possui algumas exceções; como quando os inimigos da religião ou nossos são tão maliciosos e implacáveis que farão apenas escárnio de nossa submissão, e em outros casos, quando há probabilidade de causar mais dano do que bem, é então lícito retirar-nos da malícia.

Direção 10. Contudo, que a inimizade esteja apenas neles: vigie o seu próprio coração com duplo cuidado, sabendo qual é a sua tentação; e cuide para que os ame, quer eles queiram amá-lo ou não.

Direção 11. Faça todo o bem que legalmente puder por eles; pois os benefícios abrandam e reconciliam: e persevere, embora a ingratidão o desanime.

Direção 12. Faça-lhes o bem primeiramente naquelas coisas que eles são mais capazes de valorizar e saborear; isto é (ordinariamente), em bens corporais: ou, se não estiver em seu poder fazê-lo por si mesmo, incite outros a fazê-lo (se houver necessidade). E então estarão preparados para maiores benefícios.

Direção 13. Mas não se detenha no bem corporal de seu inimigo, e na reconciliação dele para consigo mesmo; pois, do contrário, parecerá que se trata apenas de um plano egoísta o que você está realizando. Mas esforce-se por

reconciliá-lo com Deus, e salvar a sua alma, e então aparecerá que foi o amor de Deus e dele o que o moveu.

Direção 14. Mas lembre-se ainda de que você não está obrigado a amar um inimigo como um amigo, mas como um homem assim qualificado como ele é; nem a amar um homem ímpio, que é inimigo da piedade, como se ele fosse um homem piedoso; mas apenas como alguém que é capaz de tornar-se piedoso. Este preceito de amar os inimigos nunca foi pretendido para igualar todos os homens em nosso amor.

CAPÍTULO 30
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE AS OBRAS DE CARIDADE

Pergunta 1. Quais são os fundamentos, as razões e os motivos para as obras de caridade?

Resposta. 1. Que fazer o bem nos torna mais semelhantes a Deus. Ele é o Pai universal e o Benfeitor do mundo. Todo bem está nele ou provém dele, e aquele que é melhor e faz mais bem é o mais semelhante a ele.

1. É, portanto, um emprego honroso: é mais honroso ser o melhor homem da terra do que ser o maior: a grandeza é honrosa, portanto, porque representa uma capacidade de fazer o bem; e a sabedoria é honrosa porque constitui a habilidade de fazer o bem: de modo que a bondade é aquele fim que as torna honrosas, e sem respeito ao qual nada seriam. O poder ou a habilidade de fazer o mal não representa recomendação alguma.

2. Fazer o bem nos torna agradáveis e amáveis para com Deus, porque nos torna semelhantes a ele e porque constitui o cumprimento de sua vontade. Deus nada pode amar senão a si mesmo, e as suas próprias excelências ou imagem aparecendo em suas obras; ou as suas obras até onde os seus atributos aparecem e são nelas glorificados.

3. As boas obras são proveitosas para os homens, Tt 3:8. Nossos irmãos beneficiam-se delas: os corpos dos pobres são socorridos, e as almas dos homens são salvas por elas.

4. Ao fazermos o bem aos outros, fazemos o bem a nós mesmos; porque somos membros vivos do corpo de Cristo e, pelo amor e comunhão, sentimos as alegrias deles, bem como as dores. Assim como a mão se mantém mantendo e confortando o estômago; assim faz o cristão amoroso por meio das boas obras.

5. Há em toda boa natureza um prazer singular em fazer o bem: é a vida mais agradável de todo o mundo. Um magistrado, um pregador, um professor de escola, um tutor, um médico, um juiz, um advogado possuem tanto prazer verdadeiro quanto as suas vidas e trabalhos são bem-sucedidos em fazer o bem. Sei que a consciência de esforços honestos pode proporcionar sólido conforto a um homem disposto, embora sem sucesso; e fazer o bem pode ser prazeroso embora não resulte em um fazer o bem aos outros; mas é um conforto duplo, sim, multiplicado, ser bem-sucedido. É muito se um homem honesto, mas sem sucesso (um pregador, um médico, etc.), consegue manter tanta paz que o sustente sob a dor de seu insucesso; mas ver os nossos trabalhos honestos prosperarem, e muitos

beneficiarem-se deles, é a vida mais agradável que o homem pode aqui esperar.

6. As boas obras representam uma evidência confortável de que a fé é sincera, e de que o coração não dissimula com Deus: ao passo que uma fé que não prevalece para as obras de caridade é morta e ineficaz, e constitui a imagem ou carcaça da fé de fato, e tal como Deus não aceitará, Tg 2.

7. Nós mesmos recebemos tanto de Deus que isso duplica a nossa obrigação de fazer o bem aos outros: a obediência e a gratidão requerem-no.

8. Não somos autossuficientes, mas necessitamos dos outros tanto quanto eles necessitam de nós: e, portanto, assim como esperamos receber dos outros, devemos em conformidade fazer a eles. Se o olho não quer ver pelo corpo, nem a mão trabalhar pelo corpo, nem os pés andar por ele, o corpo não lhes fornecerá alimento, e receberão conforme fazem.

9. As boas obras cooperam muito para a honra da religião e, consequentemente, de Deus; e tendem muito à convicção, conversão e salvação dos homens. A maioria dos homens julgará a doutrina pelos frutos. Mt 5:16: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus".

10. Considere quão abundantemente elas são ordenadas e recomendadas na palavra de Deus. O próprio Cristo deixou-nos o modelo de sua própria vida, a qual, desde as suas primeiras ações morais até as últimas, nada foi senão fazer o bem e suportar o mal. Ele fez do amor o

cumprimento da lei, e das obras de amor os frutos genuínos do cristianismo, e um sacrifício aceitável a Deus. Gl 6:10: "Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé". Hb 13:16: "E não vos esqueçais da beneficência e distribuição, porque com tais sacrifícios Deus se agrada". Tt 3:8: "Fiel é esta palavra, e quero que a apliques com firmeza, para que os que creem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens". Ef 2:10: "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas". Tt 2:14: "E purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". At 20:35: "Que trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". Ef 4:28: "Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade". Vocês veem que os trabalhadores pobres não estão dispensados do comando de ajudar os outros: a ponto de a primeira igreja vender todos os seus bens e ter tudo em comum; não para ensinar o igualitarismo e condenar a propriedade, mas para mostrar a todos os que viriam depois deles que o amor cristão deve usar tudo para socorrer os seus irmãos como a si mesmos.

11. Considere que Deus nos julgará, de maneira especial, no último dia, de acordo com as nossas obras, e especialmente com as nossas obras de caridade: como Cristo, de forma propositada e clara, mostrou em Mt 25; e assim o faz em muitos outros textos da Escritura. Estes são os motivos para as obras de amor.

Pergunta 2. O que é uma boa obra, a ponto de ser tal como Deus prometeu recompensar?

Resposta. 1. A matéria deve ser lícita, e não um pecado. 2. Deve tender a um bom efeito, para o benefício do homem e para a honra de Deus. 3. Deve possuir um bom fim; inclusive o agrado e a glória de Deus, e o bem de nós mesmos e de outros. 4. Deve provir de um princípio correto, inclusive do amor a Deus e ao homem por amor a ele. 5. Deve ser pura e sem mistura: se algum pecado se misturar a ela, é pecaminosa a ponto de necessitar de perdão: e se o pecado for predominante nela, é de tal modo pecaminosa que se torna inaceitável para com Deus em relação à pessoa, e se transforma em pecado ela mesma. 6. Deve ser oportuna; do contrário, pode às vezes misturar-se com o pecado, e às vezes ser má em si mesma e não uma boa obra. 7. Deve ser comparativamente boa, bem como simplesmente. Não deve ser um bem menor em vez de um maior, ou para afastar um maior; como estar orando quando deveríamos estar apagando um incêndio, ou salvando a vida de um homem. 8. Deve ser boa em um grau conveniente. Alguns graus são necessários para o ser moral de uma boa obra, e alguns para o seu bem-estar. Deus deve ser amado e adorado como Deus, e o céu buscado como céu, e as almas e vidas dos homens devem ser altamente valorizadas e seriamente preservadas: algum fazer o bem de forma preguiçosa equivale a desfazê-lo. 9. Deve ser feita com confiança nos méritos de Cristo, e apresentada a Deus como que por suas mãos, ele que é o nosso Mediador e Intercessor com o Pai.

Pergunta 3. Quais obras de caridade deve alguém escolher nestes tempos se deseja aplicar os talentos de seu

Senhor de forma a prestar contas da maneira mais confortável?

Resposta. A diversidade de habilidades e oportunidades dos homens faz com que seja melhor para um homem aquilo que é impossível para outro. Mas nomearei algumas das que são em si mesmas mais benéficas para a humanidade, para que cada homem possa escolher a melhor que puder alcançar.

1. A obra de caridade mais eminente é promover a conversão das partes pagãs e infiéis do mundo: para isso os príncipes e os homens de poder e riqueza muito poderiam contribuir se estivessem dispostos; especialmente naqueles países em que possuem comércio e enviam embaixadores: poderiam providenciar os acadêmicos mais seletos para irem com os seus embaixadores e aprenderem os idiomas, dedicando-se a este serviço de acordo com a oportunidade; ou poderiam erguer um colégio para a formação de estudantes propositadamente para essa obra, no qual poderiam manter alguns nativos obtidos dos diversos países infiéis (como dois ou três persas, outros tantos indianos de Indostão, outros tantos tartarianos, chineses, siameses, etc.), os quais possivelmente poderiam ser obtidos; e estes ensinariam aos estudantes os idiomas de seus países. Mas, até que o mundo cristão seja tão feliz a ponto de possuir tais príncipes, algo pode ser feito por voluntários de menor posição e poder; como fez o Sr. Wheelock ao traduzir o Novo Testamento, e o Sr. Pococke, por providência e patrocínio do honrável Sr. Robert Boyle, ao traduzir *Grotius de Verit. Christ. Relig.* para o árabe, enviando-o para o Indostão e para a Pérsia. E que

excelente trabalho o bom Sr. John Elliot (com alguns poucos assistentes) dedicou nestes vinte anos e mais na Nova Inglaterra; onde agora traduziu e imprimiu as Escrituras inteiras em sua língua americana (com um Catecismo e o *Call to the Unconverted*), com o auxílio de uma prensa mantida a partir daqui.

2. A tentativa de restaurar as igrejas cristãs à sua pureza e unidade primitivas, de acordo com as diversas oportunidades de cada um, é uma obra excelente e mui desejável; a qual, embora a ignorância e a impiedade de muitos, e a implacabilidade e crueldade da parte carnal, orgulhosa e dominante, e o distanciamento excessivo de alguns outros em relação a eles a tornem tão difícil a ponto de ser quase desesperadora no presente, contudo não deve ser descartada como de fato desesperadora; pois grandes coisas foram realizadas por tentativas sábias e valentes. Os príncipes muito poderiam fazer para isso se fossem sábios e estivessem dispostos. E quem sabe se não virá uma era que seja tão feliz? Os meios e o método eu de bom grado descreveria, não fosse este um lugar ou tempo inadequados.

3. O estabelecimento de um ministério instruído, capaz, santo e concorde em um reino particular, estabelecendo a disciplina primitiva por meio dele, é uma obra também que os príncipes muito podem promover cujos corações estão voltados para isso e que não estabelecem interesse contrário contra ela; mas, porque estas linhas nunca têm probabilidade de ser conhecidas pelos príncipes (a não ser por via de acusação), são as obras dos indivíduos que devemos tratar.

4. É uma obra muito boa prover e manter um ministro digno em qualquer das paróquias mais ignorantes destes reinos (das quais, infelizmente, quantas existem!), onde a pregação habilidosa do evangelho agora falta; ou manter um assistente em paróquias populosas onde um só não é capaz de realizar o trabalho; ou, por outros meios justos, promover este serviço.

5. É uma obra muito boa estabelecer escolas gratuitas em lugares populosos e ignorantes, especialmente no País de Gales; para que todos possam ser ensinados a ler, e alguns possam ser preparados para as universidades.

6. É uma obra excelente selecionar algumas das mentes mais brilhantes entre a classe mais pobre nas escolas do campo, as quais, de outra forma, definhariam por falta de cultura; e mantê-las no aprendizado tendo em vista o ministério, com algum tutor capaz e piedoso na universidade, ou com algum ministro do campo que seja apto e tenha tempo livre para tanto.

7. É uma obra excelente distribuir entre as pessoas pobres e ignorantes Bíblias e catecismos, e alguns livros simples e piedosos que sejam mais adequados ao seu uso. Mas seria mais excelente deixar um rendimento estabelecido para este uso (nomeando os livros e escolhendo curadores adequados), para que o aluguel pudesse a cada ano abastecer uma paróquia diferente, o que em pouco tempo representaria um benefício muito extenso e passaria por muitas regiões.

8. É uma obra muito boa colocar os filhos dos homens pobres como aprendizes sob senhores honestos e religiosos, onde possam ao mesmo tempo obter a bênção

para as suas almas de uma educação piedosa e, para os seus corpos, de um meio honesto de manutenção.

9. Não será inaceitável para com Deus socorrer algumas das pessoas, ou filhos pobres, daqueles muitos milhares de fiéis ministros de Cristo que agora estão silenciados e destituídos de manutenção, muitos nada possuindo senão o que a caridade lhes envia para manterem a si mesmos e às suas famílias desoladas, eles que costumavam exercitar a caridade para com os corpos e almas dos outros. Leia Mt 25; Gl 6:5-8.

10. É uma boa obra da parte daqueles que doam fundos de dinheiro, ou aluguéis anuais, para serem emprestados por cinco, seis ou sete anos a jovens comerciantes quando de seu estabelecimento, sob boa segurança, escolhendo bons curadores que possam escolher as pessoas mais adequadas; e, se for um aluguel, continuará a aumentar o fundo, e se algum vier a falir, a perda dele poderá ser suportada.

11. Seria uma obra muito boa para os proprietários de terras melhorarem o seu interesse para com os seus inquilinos, para promover ao mesmo tempo o conforto corporal e a salvação deles, contratando-os por meio de algum abatimento nos dias de pagamento do aluguel para aprenderem os catecismos e lerem a Escritura e livros bons em suas famílias, prestando contas ao pastor de seu progresso. Se a lei os capacitará a vinculá-los a tal coisa em seus contratos de arrendamento, não posso dizer.

12. E a obra atual de caridade para cada um é socorrer os mais necessitados que estão mais à mão. Saber quais famílias pobres estão em maior necessidade e ajudá-las

conforme somos capazes; e incitar os ricos a fazerem aquilo que não podemos fazer por nós mesmos, e pedir em favor dos outros; e ainda fazer uso do socorro corporal para promover o bem de suas almas, secundando tudo com conselho e auxílio espirituais.

Pergunta 4. Em qual ordem as obras de caridade devem ser feitas? E a quem devemos preferir quando não formos capazes de atender a todos?

Resposta. 1. As obras mais públicas devem ser preferidas às privadas. 2. As obras para a alma, *ceteris paribus* [em igualdade de condições], antes das obras para o corpo; e, no entanto, os benefícios corporais na ordem do tempo devem frequentemente vir primeiro como preparações para as outras. 3. As necessidades maiores, *ceteris paribus*, devem ser supridas antes das menores: salvar a vida de outrem deve ser preferido antes de seus próprios confortos menos necessários. 4. As necessidades suas e de suas famílias devem, *ceteris paribus*, ser supridas antes das de estranhos; até mesmo antes daquelas de quem você deve amar mais; porque Deus, em termos de provisão e manutenção, deu-lhe um encargo mais próximo de si mesmo e de suas famílias do que de outros. 5. A natureza também o obriga a preferir os seus parentes aos estranhos, se houver paridade quanto a outras razões. 6. E, *ceteris paribus*, um homem bom deve ser preferido a um mau. 7. E, contudo, aquela caridade que tem probabilidade de tender ao bem da alma, bem como do corpo, deve ser preferida; e, nesse caso, muitas vezes um homem mau deve ser preferido, quando um bem maior tem probabilidade de ser o efeito. 8. Um amigo, *ceteris paribus*, deve ser preferido a um inimigo; mas não quando

o bem tem probabilidade de ser maior como consequência do socorro a um inimigo. Muitas outras regras poderiam ser dadas, mas elas já foram estabelecidas na Parte 1, capítulo onde trato das boas obras; para onde o remeto.

Pergunta 5. Devo doar em vida ou por ocasião de minha morte?

Resposta. Conforme houver probabilidade de fazer o maior bem; mas ninguém deveria adiar sem necessidade: ambas as formas são as melhores.

Pergunta 6. Deve alguém consagrar ou separar uma certa parte de seus rendimentos diários?

Pergunta 7. Qual proporção o homem está obrigado a doar aos pobres?

Resposta. Tendo respondido a estas duas perguntas em uma carta ao Sr. Thomas Gouge, agora impressa, e não estando o livro em muitas mãos, recitarei aqui aquela carta conforme foi publicada.

Mui querido e mui honrado irmão,

Até mesmo o filósofo ensinou-me a estimá-lo assim, ao dizer que "aquele é mais semelhante a Deus que de pouquíssimas coisas necessita para si mesmo e faz o maior bem aos outros". E Cristo nos diz que a caridade universal (estendendo-se inclusive àqueles que nos odeiam e perseguem) nos torna, como seus filhos, semelhantes ao nosso Pai celestial, Mt 5:44-46, 48. Assim como odiar e ferir os seus vizinhos é a marca dos filhos do diabo (Jo 8:44), assim amar e fazer o bem é a marca dos filhos de Deus. E é observável que ninguém trata de forma tão

copiosa e patética sobre o amor (tanto do amor de Cristo para conosco quanto do nosso para com ele) como o discípulo bendito a quem se diz que Jesus amou eminentemente (como mostram Jo 13:14-17 e 1Jo).

Sempre me agradou ouvir o quanto você era caramente amado por aquela paróquia excessivamente grande e populosa onde ultimamente era pregador, por sua eminente caridade para com as almas e corpos deles; e ver que ainda toma como seu trabalho e vocação ser um estimulador dos outros ao amor e às boas obras, Hb 10:24; ao passo que muitos que são tidos como bons cristãos lidam com tais obras como raridades ou recreações, apenas um pouco de vez em quando, e de passagem, enquanto os ministros de Satanás estão incitando os outros ao ódio e à nocividade.

O seu trabalho é tão amável para mim que contribuiria para os meus confortos se eu fosse capaz de contribuir com qualquer coisa para a sua assistência.

Você deseja que eu lhe dê o meu julgamento sobre a *quota pars* [cota-parte]; qual proporção é adequado para a maioria dos homens consagrar para usos de caridade; se a décima parte de seus rendimentos não seria ordinariamente uma proporção adequada?

A razão pela qual não costumo responder a tais perguntas sem fazer muitas distinções (quando leitores preguiçosos e impacientes gostariam que fossem respondidas em uma palavra) é porque a diferença real dos casos particulares é tão grande que o torna necessário; a menos que queiramos enganar os homens ou deixar o assunto tão sombrio e irresoluto como o encontramos.

1. Antes de responder à sua pergunta, premissa farei de que muito aprovo o caminho em que você insiste, de separar constantemente tanto quanto seja adequado para nós doarmos, para que seja tido por nós como algo consagrado ou dedicado. E parece-me que há muito de uma direção divina quanto ao tempo em 1Co 16:1-2, juntamente com a igreja antiga: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade". E isso fará muito para curar o sabatismo farisaico, quando o dia do Senhor for estavelmente usado nisso, com obras santas; e ensinará os hipócritas a saberem o que isto significa: "Misericórdia quero, e não sacrifício", Mt 9:13; 12:7. E que as obras de caridade são "um cheiro de suavidade e sacrifício aceitável, aprazível a Deus", o qual, de acordo com as riquezas de sua glória em Cristo, "suprirá todas as necessidades" daqueles que produzem tais frutos para abundar em sua conta, Fl 4:17-19. Desde que seja feito sem quaisquer votos que enlacem ou compromissos precipitados com coisas desnecessárias, esta separação constante de uma certa proporção para usos piedosos e de caridade trará estas vantagens:

2. A nossa distribuição será feita deliberadamente e com prudência, quando de antemão estudarmos uma devida proporção e decidirmos em conformidade; ao passo que aqueles que doam apenas ocasionalmente, conforme algum objeto de repente os convida, farão de forma aleatória, sem o devido respeito às suas próprias contas, para saber se a proporção doada é correspondente aos seus próprios bens e deveres.

3. Este caminho estabelecido tornará a caridade dos homens muito mais extensa: quando os objetos de caridade não estiverem à sua vista, eles indagarão a respeito deles, e buscarão pelos necessitados se os necessitados não os buscarem; porque possuem tanto consigo para dispor, o que está consagrado a Deus. Mas aqueles que doam apenas conforme objetos ocasionais o atraem deles doarão a ninguém senão àqueles que imploram, ou deixarão passar muitos necessitados que não veem, enquanto socorrem apenas esses poucos que por acaso veem.

4. E fará também com que a caridade dos homens seja mais constante, e praticada obedientemente como o trabalho e dever diário do cristão; ao passo que a caridade ocasional será mais rara e inconstantemente exercitada. Em uma palavra, assim como a observância do dia do Senhor, que é uma proporção estabelecida de tempo, assegura o santo proveito de nosso tempo muito melhor do que se Deus fosse servido apenas ocasionalmente, sem um tempo estabelecido; e assim como um curso constante e estabelecido de pregação excede a mera exortação ocasional; do mesmo modo, um curso constante de doação, feito sabiamente, encontrará objetos, vencerá tentações e cumprirá o nosso dever com muito mais integridade e sucesso. E se podemos facilmente perceber que o orar ocasional não cumprirá tão bem o dever da oração como um curso constante e estabelecido o fará, por que não deveríamos pensar o mesmo da doação ocasional, se os homens apenas percebessem que doar de acordo com a nossa capacidade é um dever tão certo e grande quanto orar? Agora, passamos à sua pergunta sobre a proporção de nossas dádivas.

5. Devemos distinguir:

6. Entre aqueles que não possuem mais do que o necessário para suprir as necessidades reais suas e de suas famílias, e aqueles que possuem mais.

7. Entre aqueles que possuem um fundo de dinheiro que não lhes rende acréscimo, e aqueles que possuem mais acréscimo pelo seu trabalho, mas pouco fundo de reserva.

8. Entre aqueles cujo acréscimo tem probabilidade de ser constante, e aqueles cujo acréscimo é incerto, às vezes mais e às vezes menos.

9. Entre aqueles que possuem muitos filhos ou parentes próximos que a natureza coloca sob os seus cuidados para socorro, e aqueles que possuem poucos ou nenhum filho, ou possuem provisão competente para eles, e possuem poucos parentes necessitados a quem estejam especialmente obrigados a socorrer.

10. Entre aqueles que vivem em tempos e lugares onde as necessidades dos pobres são muito grandes, ou onde algumas grandes obras de piedade estão em andamento, e aqueles que vivem onde os pobres não passam por grande necessidade e onde nenhuma oportunidade considerável para qualquer grande obra de piedade ou caridade aparece. Estas distinções premissas, respondo como se segue:

11. É certo que todo cristão verdadeiramente santificado consagrou a si mesmo e a tudo o que possui a Deus, para ser usado em obediência à sua vontade e para a sua glória, 1Co 6:19-20; 10:31; Lc 18:22. A pergunta, portanto, não é se a décima parte de nossos bens deve ser consagrada e

empregada no serviço de Deus, de uma forma ou de outra, conforme ele nos dirige; pois está fora de dúvida que tudo é dele, e nós somos apenas os seus administradores; e devemos prestar contas de nossa administração e de tudo o que recebemos, Mt 25. Mas a pergunta é apenas qual proporção é mais agradável a Deus em nossa doação aos outros.

12. Estando o cristão sem fingimento assim resolvido, no geral, a despender o que tem ou terá conforme Deus deseja que o faça, e para a sua glória (o mais próximo que puder), a sua próxima indagação deve ser (para descobrir a vontade de Deus) saber, no curso ordinário de sua distribuição, onde Deus foi adiante dele por algum preceito particular e o vinculou a uma certa forma de doar; e onde Deus apenas lhe deu alguma direção geral e o deixou para discernir o seu dever nos particulares por aquela regra geral e pela direção complementar dos objetos e da providência. E nesta indagação ele encontrará:

13. Que Deus lhe prescreveu primeiramente, na natureza, o sustento necessário de sua própria vida. E,

14. A manutenção necessária de seus filhos e família.

15. A manutenção necessária dos pregadores do evangelho, para o culto a Deus e para a salvação dos homens, 1Co 9; Fl 4:10-11, 14, 17-18; Lc 10:7; 1Tm 5:17-18.

16. A manutenção necessária do Estado e o pagamento de tributos às autoridades superiores, que são ministros de Deus para o nosso bem, dedicando-se continuamente a este trabalho, Rm 13:4, 6.

17. Salvar as vidas daqueles que se encontram em perigo aparente de fome ou ruína, ao alcance de nossa vista ou alcance, 1Jo 3:17; Lc 10:33. Até aqui Deus nos prescreveu como ele deseja que usemos os nossos bens de forma ordinária. Em muitas outras coisas, ele nos deixou sob direções mais gerais.

18. Para saber, entre as boas obras, qual deve ser preferida, importa-nos principalmente saber, em seguida, quais obras mais contribuem para os nossos fins principais; pelas quais Deus é mais honrado; as quais tendem ao maior bem: e aqui descobriremos que, *ceteris paribus* [em igualdade de condições]:

19. As almas dos homens devem ser preferidas aos seus corpos na estimativa e intenção; mas, no tempo, o corpo deve frequentemente ser preferido à alma, porque, se permitirmos que o corpo pereça, ajudar a alma estará fora de nosso poder.

20. E assim a igreja deve ser final e estimativamente preferida ao Estado; mas o Estado deve ser primeiramente servido no tempo, quando for necessário para o sustento e bem-estar da igreja; pois, do contrário, a igreja perecerá com o Estado.

21. O bem de muitos deve ser preferido ao bem de poucos, e o bem público deve ser valorizado acima do privado, Rm 9:3.

22. Um bem continuado é maior do que um bem curto e transitório. E tão necessário é ter respeito principal, em todas as nossas obras, ao nosso fim principal (o maior bem) que, mesmo quando Deus parece ter-nos prescrito o

caminho de nossas despesas, contudo isso é apenas quanto ao nosso curso ordinário: pois se, em um caso extraordinário, ocorrer que outro caminho seja mais para a glória de Deus e para o bem comum, ele deve ser então preferido; pois todos os meios devem ser julgados pelo fim, e escolhidos e usados para ele. Por exemplo, se o bem da igreja e do Estado, ou das almas de muitos, colocar-se contra a nossa provisão corporal de nossos filhos ou famílias, deve ser preferido; o que é facilmente provado *a fortiori* [com maior razão], porque deve ser preferido ao nosso próprio bem, inclusive ao salvar as nossas vidas. Um bom súdito perderá a sua vida para salvar a vida de seu rei; e um bom soldado morrerá para salvar o seu general ou o exército; e um membro inútil da igreja deveria contentar-se em morrer, se for necessário, para salvar a vida de um pastor que é grandemente útil. Se um cristão pobre e comum, então, fosse colocado em tal situação que ou Paulo ou ele devesse morrer de fome, sem dúvida o seu fim último ter-lhe-ia ordenado preferir o apóstolo a si mesmo: de modo que, em casos extraordinários, o fim e o maior bem devem ser o nosso guia.

23. Embora eu possa ordinariamente preferir a minha própria vida à de outrem, contudo não devo preferir o meu mero prazer ou saúde à vida de outrem: e embora os homens devam prover para as vidas de seus filhos antes das vidas de outros, contudo a vida de um vizinho pobre (*ceteris paribus*) deve ser preferida e provida antes das porções de seus próprios filhos, e antes do suprimento de suas necessidades toleráveis: de modo que, enquanto houver pobres ao seu redor que necessitem de alimento para salvar as suas vidas, as porções ou as melhores roupas de seus filhos devem antes ser negligenciadas do que

permitir-se que o pobre pereça. De que outra forma amo o meu próximo como a mim mesmo se faço tamanho diferencial entre mim e ele?

24. Inclusive o alimento, o vestuário e outras necessidades de que o próprio cristão faz uso ele deve usar para Deus, e de modo algum para o seu eu carnal; não os tomando como seus próprios, os quais pode usar sob e para o seu próprio prazer, mas como parte dos bens de seu Senhor, os quais devem ser todos usados apenas para o serviço dele. Como um administrador que, ao dar a cada servo a sua parte e tomar a sua própria parte, não o faz como se ela fosse primariamente sua, mas como um servo na mesma conta com os demais: assim, quando consagro tudo o que tenho a Deus, estou tão longe de excetuar a minha própria parte, inclusive o meu alimento e vestuário, que com mais confiança pretendo servir a Deus com isso do que com o restante, porque está mais em meu poder, e nisso há mais de meu dever. O mesmo posso dizer daquilo que é dado aos nossos filhos e outras relações.

25. Portanto, quando mais do serviço e interesse de Deus depender de você ou de seus filhos usarem os seus talentos do que de outros homens, você está obrigado (por Deus, e não por si mesmo) a reter tanto mais para si mesmo e para os seus filhos. É um conceito tolo que o homem esteja obrigado a dar tudo aos outros antes de a si mesmo ou aos seus filhos, quando é mais provável que esses outros prestariam menos serviço a Deus com isso do que ele mesmo ou os seus filhos prestariam: como supor que um homem como o Sr. Elliot na Nova Inglaterra (que se consagra à conversão dos índios) possuísse riquezas quando alguns ministros vizinhos fossem pobres, os quais

não estão engajados em tal obra. Aquele que sabe que Deus lhe deu um coração e uma oportunidade para prestar-lhe mais serviço com isso do que outro o faria não está obrigado a colocá-lo fora de suas próprias mãos nas mãos de outrem que tem menos probabilidade de ser um fiel utilizador disso. Se você possui um filho próprio que é pregador do evangelho e é mais capaz e útil do que outros ministros em igual necessidade, sem dúvida possui então uma dupla obrigação de socorrer o seu próprio filho antes de outrem; como ele é seu filho, e como ele é mais útil para com Deus. Se outros homens estão obrigados a suprir a sua necessidade para o trabalho e interesse do evangelho, você não está obrigado a dar as suas próprias provisões, desabilitando-o de seu trabalho, a menos que veja que uma obra maior, ou a necessidade presente e absoluta de outros, o requeira.

26. É imprudente e inseguro e, portanto, ilícito, ordinariamente, vincular-se de forma imutável para a continuidade a qualquer caminho particular de usar os seus bens para Deus; como votar que doará aos ministros, ou aos pobres, ou a escolas, etc.; porque as mudanças que Deus fará podem ser tais que tornarão aquele caminho necessário em um ano, o qual antes não o era, alterando assim o seu dever. Não podemos prescrever a Deus qual caminho ele nos designará para o futuro para usarmos os seus talentos. A sua palavra ordena preferir o maior bem; mas qual é o maior, a sua providência deve nos dizer.

27. Aquele que não possui mais do que o necessário para a própria preservação de sua vida e de sua família não está obrigado a doar aos outros (a menos em algum caso extraordinário que o chame a preferir um bem maior e

mais público): e aquele que não possui mais do que o necessário para o suporte confortável de si mesmo e da família não está obrigado a socorrer aqueles que não passam por necessidades maiores do que ele mesmo. E a sua própria necessidade não deve ser medida meramente pelo que possui, mas pelo uso que tem para isso: pois um magistrado, ou alguém engajado em obras públicas, pode necessitar de tantas centenas por ano quantas um homem privado necessita de libras.

28. Aqueles que possuem muitos filhos para prover, ou parentes pobres que a natureza coloca sob os seus cuidados, não podem doar tanto (proporcionalmente) a outros pobres quanto aqueles que possuem poucos ou nenhum filho estão obrigados a doar; pois estes estão obrigados a doar tudo, exceto as suas necessidades pessoais, para obras públicas, piedosas ou de caridade, porque Deus não o requer por nenhum outro caminho.

29. Satisfazer a carne constitui pecado tanto no rico quanto no pobre: os ricos, portanto, estão obrigados não apenas a doar tudo o que a carne pode dispensar quando os seus próprios desejos desordenados são satisfeitos, mas a negarem-se a si mesmos, a mortificarem a carne, a serem bons administradores de Deus, a empenharem-se por reduzir todas as despesas desnecessárias e a viverem de forma laboriosa e econômica, para que possam ter mais com o que fazer o bem. Representa uma grande redução das maiores dádivas, quanto à estima de Deus, quando elas não passam de sobras da carne, e são doadas a partir da abundância dos homens, e quando oferecemos a Deus aquilo que nada nos custa: como Cristo determina propositadamente o caso; comparando as dádivas do

homem rico com as duas moedas da viúva, ele disse: "Em verdade vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos; porque todos aqueles deitaram para as ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha", Lc 21:1-4; isto é, todo o recurso que possuía de antemão, embora ela mesma necessitasse dele. É algo mui considerável em nossa caridade o quanto de mortificação e autonegação é expresso nela, e o quanto custa à nossa própria carne doar aos outros. E, portanto, aqueles que pensam estar dispensados de fazer o bem aos outros enquanto eles mesmos têm necessidade disso, e nada doarão senão aquilo de que não necessitam (não sendo de absoluta necessidade para as suas vidas), oferecem um sacrifício de nenhum grande valor aos olhos de Deus. O que diremos, então, daqueles que não doarão nem mesmo a partir de sua abundância e daquilo que, sem sofrimento algum, podem dispensar?

30. A primeira e principal coisa a ser feita por quem deseja doar como Deus deseja que o faça é obter um coração verdadeiramente caridoso, o qual contém todas estas partes:

31. Que vejamos a Deus em suas criaturas necessitadas, e em sua causa ou obra que necessita de nossa ajuda.

32. Que sejamos conscientes de seu amor abundante em Cristo para conosco, ao conceder perdão e vida eterna, e que, a partir da consciência disso, os nossos corações agradecidos sejam movidos a fazer o bem aos outros.

33. Que, portanto, o façamos em última análise como que ao próprio Cristo; o qual toma aquilo que é feito por sua causa e servos como feito a ele, Mt 25:40.

34. Que vençamos o pecado maldito do egoísmo, o qual faz com que os homens pouco considerem os outros além de si mesmos.

35. Que amemos os nossos próximos como a nós mesmos, e amemos mais onde houver mais de Deus e de bondade, e não de acordo com o interesse próprio: e que, como membros do mesmo corpo, tomemos as necessidades e sofrimentos de nossos irmãos como nossos; e então estaríamos tão prontos a ajudá-los como a nós mesmos.

36. Que saibamos a vaidade das riquezas mundanas e não sejamos de mente terrena, mas consideremos o interesse de Deus e de nossas almas acima de todos os tesouros do mundo.

37. Que creiamos sem fingimento nas promessas de Deus, o qual se comprometeu a prover para nós e eternamente a recompensar-nos na glória consigo mesmo. Se estas sete qualificações forem operadas no coração, as boas obras seguirão em abundância. Faça boa a árvore, e o fruto será bom. Mas quando o coração for carente de raiz e vida que as produzam, o julgamento não se convencerá de que tanto é necessário e exigido de nós; e a própria vontade ainda retrocederá, e adiará o fazer o bem, praticando tudo de forma mesquinha e hipócrita, com má vontade e desconfiança.

Não admira se as boas obras são tão raras quando é evidente que, para praticá-las sinceramente e de coração como nosso ofício e negócio, é necessário que toda a alma seja assim renovada pela fé, pelo amor, pela autonegação, pela mortificação e por uma esperança e mente celestiais. Elas são os frutos e obras da nova criatura (a qual é,

infelizmente, muito rara no mundo): "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas", Ef 2:10. Portanto, o nosso primeiro e principal trabalho deve ser certificarmo-nos de que estamos dotados de tais corações e, então, se tivermos com que fazer o bem, tais corações certamente o farão: tais corações discernirão melhor o tempo e a medida, como o apetite de um homem saudável o fará ao comer; pois tomarão como misericórdia e felicidade fazer o bem, e sabem que são eles que doam os grandes recebedores. É apenas um pouco de dinheiro ou esmola que os pobres recebem de nós, mas é a aceitação, o favor e a recompensa de Deus que recebemos, os quais são nesta vida "cem vezes tanto (em valor) e, no mundo vindouro, a vida eterna", Mt 19:29. Mas se tivermos pouco ou nada a doar, tal coração é aceito como se tivéssemos doado tanto quanto desejamos doar; de modo que, se você possui um coração que doaria milhares se o tivesse, Deus colocará na sua conta tantos milhares doados (em desejo). Suas duas pequenas moedas serão valorizadas acima de todas as superfluidades dos mundanos sensuais: "Porque, se há prontidão de vontade, ela é aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem", 2Co 8:12. Mas Deus não toma por vontade pronta aquela que apenas diz: eu doaria se nada sofresse por isso eu mesmo, ou se tivesse certeza de que não passaria necessidade; mas aquela que diz: servirei a Deus tão bem quanto puder com os meus bens enquanto os tiver, e negarei a minha carne para que tenha com que fazer o bem, e confiarei em Deus para a minha provisão e recompensa; pois, se há prontidão no querer, haverá também a execução a partir daquilo que você tem, 2Co 8:11.

1. Tal coração santo, que se nega a si mesmo e é caridoso, com o auxílio da prudência, é o melhor juiz da devida proporção que devemos doar: pois, suposta esta pronta disposição, a prudência discernirá os objetos mais adequados, o tempo mais adequado e a medida mais adequada, e adequará os meios ao fim: uma vez que o coração do homem está voltado para o fazer o bem, não será muito difícil perceber o quanto nós mesmos, as nossas famílias, os pobres e os usos religiosos devem receber; pois se tal pessoa for prudente ela mesma, terá sempre consigo um conselheiro constante, com uma regra geral e providência diretora; se carecer de prudência suficiente para ser o seu próprio diretor, aceitará a direção a partir da prudência dos outros.

2. Uma mente verdadeiramente disposta assim não falhará muito no geral do fazer o bem, mas de uma forma ou de outra servirá a Deus com os seus bens; e então, se em alguns particulares vier a falhar, será comparativamente um pecado muito pequeno, quando não for por falta de disposição, mas de habilidade. A vontade é a sede principal de todo bem e mal morais; não há mais virtude do que há de vontade, nem mais pecado ou vício do que há de vontade. Aquele que não sabe o quanto deve doar porque não quer doar, e, portanto, não quer sabê-lo, é de fato o avaro e pecaminosamente ignorante; mas se não for por falta de vontade pronta que erramos a proporção, será um erro mui perdoável.

3. A sua proporção da décima parte é excessiva para alguns e muito pequena para outros, mas, para a maioria, considero-a uma proporção tão provável quanto seja

adequado para outro prescrever em particular, com estas explicações seguintes:

4. Aquele que possui um fundo cheio de dinheiro e nenhum acréscimo por ele deve doar proporcionalmente a partir de seu fundo; ao passo que aquele que possui pouco ou nenhum fundo de reserva, mas sim os frutos de sua indústria e trabalho diários, pode possivelmente estar obrigado a doar menos do que o outro.

5. Não é a décima parte do nosso acréscimo, deduzindo-se primeiro toda a provisão de nossa família, que você quer dizer ao orientar a doar o dízimo (pois é muito mais, se não tudo, o que após tal provisão deve ser doado); mas é a décima parte sem dedução o que você quer dizer; portanto, quando as necessidades da família não podem dispensar o dízimo, ele pode ser excessivo (do contrário, até mesmo os recebedores deveriam ser todos doadores): mas quando as necessidades da família podem dispensar muito mais do que o dízimo, então o dízimo não é suficiente.

6. Naqueles lugares onde a igreja, o Estado e os pobres devem ser todos mantidos por doação livre, ali o dízimo de nosso acréscimo é de longe mui pequeno para aqueles que possuem algo considerável a dispensar, para doar para todos estes usos.

Isso é aparente pelo fato de que os dízimos sozinhos não eram considerados suficientes nem mesmo no tempo da lei para dar em favor do culto público de Deus: pois, além dos dízimos, havia as primícias, as ofertas e muitos tipos de sacrifícios; e, ao mesmo tempo, os pobres deviam ser mantidos por dádivas liberais além dos dízimos: e embora não leiamos de muito doado para a manutenção de seus

governantes e magistrados antes que escolhessem ter um rei, contudo depois lemos de muito; e antes, os encargos das guerras e obras públicas recaíam sobre todos.

Na maioria dos lugares conosco, o ministério público é mantido por terras e dízimos, os quais não constituem doação alguma do povo, pois aquele que lhes vendeu ou arrendou as suas terras supôs que os dízimos deviam ser pagos a partir delas e, portanto, pagaram uma décima parte a menos por elas na compra, taxas ou aluguéis do que de outra forma teriam feito; de modo que considero que a maioria deles pouco ou nada doa ao ministro. Portanto, podem doar tanto mais aos necessitados e para outros usos de caridade. Mas onde o ministro, os pobres e todos são mantidos pela contribuição do povo, ali os dízimos são mui pequenos para todo o trabalho; mas, contudo, para a maioria, ou para muitos, os dízimos aos pobres sozinhos, além da manutenção do ministério e do Estado, podem possivelmente ser mais do que são capazes de doar. Os dízimos, mesmo entre os pagãos, eram doados em muitos lugares para os seus sacrifícios, sacerdotes e para obras religiosas, públicas e civis, além de toda a sua caridade privada para com os pobres.

Encontro em Diógenes Laércio, Livro 1, 32, que Pisístrato, o tirano ateniense, provando a Sólon (em sua carta a ele) que nada tinha contra Deus ou o homem para culpá-lo, exceto por tomar a coroa, dizendo-lhe que fazia com que guardassem as mesmas leis que Sólon lhes dera, e isso melhor do que o governo popular poderia ter feito, apresenta o seguinte exemplo: *Atheniensium singuli decimas frugum suarum separant, non in usus nostros consumendas, verum sacrificiis publicis, commodisque*

communibus, et si quando bellum contra nos ingruerit, in sumptus deputandas [Cada um dos atenienses separa o dízimo de seus frutos, não para ser consumido em nossos usos, mas para ser destinado aos sacrifícios públicos, aos benefícios comuns e, se alguma guerra nos invadir, para as despesas]. E Plauto diz: *Ut decimam solveret Herculi* [Para pagar o dízimo a Hércules]. De fato, assim como entre os pagãos os dízimos eram conjuntamente doados para usos religiosos e civis, assim parece que no início os imperadores cristãos estabeleceram-nos sobre os bispos para o uso dos pobres, bem como para os ministros, serviço da igreja e utensílios. Pois para todos estes deviam ser divididos, e o bispo era como o guardião dos pobres: e as terras ou fazendas que eram doadas à igreja eram todas empregadas para os mesmos usos; e os cânones exigiam que os dízimos fossem assim dispostos pelo clero; *non tanquam propriae, sed domino oblatae* [não como próprios, mas como oferecidos ao Senhor]: e o imperador Justiniano ordenou aos bispos: *Ne ea quae ecclesiis relicta sunt sibi adscribant sed in necessarios ecclesiae usus impendant* [Não atribuam a si o que foi deixado às igrejas, mas despendam-no nos usos necessários da igreja]; Livro 43, cap. de Episc. et Cler. vid. Albert. Ranzt. Metrop. Livro 1, cap. 2. et sax. Livro 6, cap. 52. E Jerônimo (ad Damasc.) diz: *Quoniam quicquid habent clerici pauperum est; et domus illorum omnibus debent esse communes; susceptioni peregrinarum et hospitum invigilare debent; maxime curandum est illis, ut de decimis et oblationibus, coenobiis et Xenodochiis qualem voluerint et potuerint sustentationem impendant* [Visto que tudo o que os clérigos possuem pertence aos pobres; e as casas deles devem ser comuns a todos; devem vigiar pelo acolhimento

de peregrinos e hóspedes; devem cuidar maximamente para que, dos dízimos e ofertas, dispensem aos mosteiros e hospitais o sustento que quiserem e puderem].

Contudo, naquele tempo, o pagamento dos dízimos não isentava o povo de toda outra caridade para com os pobres: Agostinho diz: *Qui sibi aut praemium comparat, aut peccatorum desiderat indulgentiam promereri, reddat decimam, etiam de novem partibus studeat eleemosynam dare pauperibus* [Aquele que adquire para si uma recompensa, ou deseja merecer a indulgência dos pecados, pague o dízimo e estude dar esmolas aos pobres a partir das nove partes restantes]. E em nossos tempos há menos razão para que os dízimos isentem o povo de suas obras de caridade, tanto porque os dízimos são agora mais apropriados para a manutenção do clero quanto porque (como foi dito) o povo não os doa a partir do que é seu. Confesso, se considerarmos como o dízimo era usado antes da lei por Abraão e Jacó, e estabelecido pela lei para os judeus, e como comumente era usado entre os gentios, e por último pela igreja de Cristo, fará com que o homem ponderado imagine que, assim como há ainda uma direção divina para um dia em sete como uma proporção necessária de tempo a ser ordinariamente consagrada a Deus, além do que podemos dispensar de nossos outros dias; assim, que há algo de um cânone divino, ou direção, para a décima parte de nossos rendimentos ou acréscimos a ser ordinariamente consagrada a Deus, além do que se pode dispensar do restante. E se esses dízimos, que não são seus e nada lhe custam, devem ser agora contados para os homens privados como parte de seus próprios dízimos que eles mesmos deveriam doar, deixo à sua consideração. Entre as obras de Agostinho, encontramos a opinião de

que os demônios eram a décima parte dos anjos, e que o homem deve agora ser a décima ordem entre os anjos, preenchendo os santos o lugar de onde os demônios caíram, e havendo nove ordens de anjos a estarem acima de nós, e que nisto há algum fundamento para o nosso pagamento de dízimos; e, portanto, ele diz que *Haec est Domini justissima consuetudo; ut si tu illi decimam non dederis, tu ad decimam revocaberis, id est, daemonibus, qui sunt decima pars angelorum, associaberis* [Este é o mui justo costume do Senhor; que se tu não lhe deres o dízimo, serás reduzido ao dízimo, isto é, serás associado aos demônios, que são a décima parte dos anjos]. Embora eu não saiba de onde ele extraiu esta opinião, parece que consagrar a décima parte ordinariamente a Deus é assunto para o qual temos mais do que uma direção humana.

Em tempos de necessidades extraordinárias da igreja, ou do Estado, ou dos pobres, deve haver extraordinária generosidade em nossas contribuições: como se um inimigo estiver prestes a invadir a terra, ou se alguma obra extraordinária de Deus (como a conversão de algumas nações pagãs) o requerer, ou se alguma perseguição e aflição extraordinária recair sobre os pastores, ou em um ano de fome, peste ou guerra, quando as necessidades dos pobres forem extraordinárias; os dízimos em tais casos não bastarão da parte daqueles que possuem mais para doar: portanto, em tal tempo, os primeiros cristãos vendiam as suas propriedades e colocavam o preço aos pés dos apóstolos.

Em uma palavra, pressuposto um coração honesto e caridoso como a raiz ou fonte, e sendo a prudência a discernidora de nosso dever, a regra geral do apóstolo

pode satisfazer muito o cristão quanto à proporção, 1Co 16:2: "Cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade"; e 2Co 8:12: "segundo o que tem": embora haja muitas indicações de que ordinariamente uma décima parte, no mínimo, seja necessária.

Tendo assim resolvido a questão da *quota pars* ou proporção a ser doada, direi um pouco sobre a pergunta: deve o homem doar mais em vida ou por ocasião de sua morte?

Resposta. 1. É certo que a melhor obra é aquela que tem probabilidade de fazer o maior bem.

1. Mas, para torná-la melhor para nós, é necessário que a façamos com a mente mais abnegada, santa e caridosa.

2. Que, *ceteris paribus* [em igualdade de condições], sendo todas as demais coisas iguais, a realização presente de uma boa obra é melhor do que o adiá-la.

3. Que fazer o bem apenas quando você morrer, porque então não poderá mais manter a sua riqueza, e porque então nada lhe custa desfazer-se dela, e porque então você espera que isso sirva em lugar do arrependimento e da piedade verdadeiros; isso não passa de enganar a si mesmo, e nada fará para salvar a sua alma, por mais bem que faça aos outros.

4. Que aquele que pecaminosamente negligencia em vida o fazer o bem, se o fizer por ocasião de sua morte, a partir de verdadeiro arrependimento e conversão, é então aceito por Deus; embora o pecado de seu adiamento deva ser lamentado.

5. Que aquele que o adia até a morte, não por qualquer egoísmo, retrocesso ou má vontade, mas para que a obra possa ser melhor e fazer maior bem, age melhor do que se apressasse um bem menor. Como se um homem tem o desejo de estabelecer uma escola gratuita em perpetuidade, e o dinheiro que possui não é suficiente; se ele esperar até a sua morte para que o rendimento do dinheiro possa aumentá-lo e torná-lo suficiente para a sua obra pretendida, trata-se de fazer um bem maior com maior autonegação: pois,

(1) Ele não recebe acréscimo algum do dinheiro para si mesmo.

(2) E não recebe em vida louvor ou agradecimento algum pela obra. Do mesmo modo, se um homem que não possui filhos tem apenas tanta terra quanta baste para o seu sustento, e deseja doá-la toda para usos de caridade quando morrer, este adiamento não deve de modo algum ser culpado, porque ele não poderia doá-la antes; e se não for por vanglória, mas em amor a Deus e às boas obras que ele a deixa, é verdadeiramente aceito por fim. De modo que todas as boas obras realizadas na morte não devem, por isso, ser desvalorizadas, nem são rejeitadas por Deus; mas às vezes ocorre que são obras tanto maiores e melhores, embora aquele que pode fazer o mesmo em vida deva fazê-lo.

1. Mas, embora eu tenha gasto todas estas palavras respondendo a estas perguntas, estou plenamente convencido de que são mui poucos os que deixam de fazer o bem por qualquer dúvida ou dificuldade desse tipo que

detenha os seus julgamentos; mas sim pelo poder do pecado e falta de graça, os quais deixam má vontade e retrocesso em seus corações. Se pudéssemos dizer como remover os impedimentos nas vontades dos homens, faríamos mais do que a mais clara resolução de todos os casos de consciência nos quais os julgamentos deles parecem insatisfeitos. Dir-lhes-ei quais são os impedimentos em seu caminho que são mais difíceis de ser removidos do que todas estas dificuldades, e contudo devem ser vencidos antes que se possam conduzir os homens a serem como verdadeiros cristãos, "ricos em boas obras".

2. A maioria dos homens é tão sensual e egoísta que a sua própria carne representa um abismo insaciável que tudo devora, e pouco ou nada lhes sobra dela para bons usos. É melhor e mais barato manter uma família de pessoas temperantes e sóbrias do que uma pessoa carnal que possui uma ninhada inteira de vícios e luxúria a serem mantidos: tanto por ano parece necessário para manter o orgulho delas em vaidades e adornos desnecessários, e tanto por ano para manter os seus esportes e prazeres sensuais; e tanto para satisfazer as suas gargantas ou apetites, e para fazer provisões para febres, hidropisias, tosses, tuberculoses e cem outras doenças que constituem a progênie natural da glutonaria, embriaguez e excessos; e tanto por ano para manter a sua ociosidade, e assim por diante em relação a muitos outros vícios. Mas se uma dessas pessoas possui o orgulho, a ociosidade, a glutonaria e a diversão da esposa, dos filhos e da família também a manter, bem como os seus próprios, muitas milhares de libras por ano talvez venham a ser mui pouco. Muitos exércitos conquistadores foram mantidos a um custo tão

barato quanto tal exército de luxúrias (ou guarnição, no mínimo) que mantém a posse de algumas dessas famílias, quando toda a sua luxúria serve para a honra de sua família, e eles se gloriam em vestir a farda do diabo, do mundo e da carne (as quais outrora renunciaram e fingiram gloriar-se em nada senão na cruz de Cristo); e quando tomam cuidado na educação de seus filhos para que esta honra vinculada não seja cortada de suas famílias: não admira se a parte de Deus é pequena vinda desses homens, quando a carne deve receber tanto, e quando Deus deve contentar-se com a cortesia de seus inimigos, recebendo apenas as suas sobras. Espero que a nobreza e a fidalguia da Inglaterra que são inocentes nisso não se ofendam comigo se eu disser àqueles que são culpados que, quando prevejo as suas contas, considero-os as pessoas mais miseráveis sobre a terra, que roubam a Deus, roubam ao rei daquilo que deveria custear os encargos do governo, roubam a igreja, roubam os pobres, roubam as suas almas de todos os benefícios das boas obras, e tudo para agradar à carne devoradora. É coisa terrível prever com que horror prestarão as suas contas quando, em vez de tanto em alimentar e vestir os pobres, e promover o evangelho, e salvar as almas dos homens, for encontrado em sua conta tanto em vaidades e orgulho, tanto em esportes e prazeres dispendiosos, e tanto em luxo e excesso que agradam à carne. O truque de que se valeram ultimamente para se libertarem dos temores desta conta, crendo que não haverá tal dia, provará ser um remédio curto e lamentável: e quando aquele dia vier sobre eles de surpresa, o seu descrédito e os seus prazeres morrerão juntos, entregando-os ao horror e desespero que nunca morrem. Tenho ouvido frequentemente mencionar, como

desonra da França, que a terça parte dos rendimentos de tão rico reino deva ser consagrada e paga para a manutenção da superstição: mas se não houver muitos (e a maioria dos) reinos no mundo onde metade de sua riqueza é consagrada à carne, e assim ao diabo, folgaria em encontrar-me enganado nisso: e julguem vocês qual é mais vergonhoso: ter metade de seus bens dados em sensualidade ao diabo, ou a terça parte consagrada de forma mui ignorante a Deus! Se os homens não despendessem mais do que o necessário sobre a carne, poderiam ter mais para o serviço de Deus e de suas almas. Vocês não conseguem viver sob tanto por ano quanto manteria o dobro de pessoas frugais, temperantes e industriosas porque a sua carne necessita ser agradada, e vocês são estranhos à mortificação cristã e à autonegação. Laércio nos conta que Crates Tebano colocou todo o dinheiro nas mãos do banqueiro ou usurário com esta instrução: que, se os seus filhos se provassem idiotas, deveria ser todo pago a eles, mas se se provassem filósofos, deveria ser doado aos pobres; porque os filósofos conseguem viver com pouco e, portanto, necessitam de pouco. Assim, se pudéssemos fazer dos homens cristãos mortificados, necessitariam de tão pouco para si mesmos que teriam mais para doar aos outros e com que fazer o bem.

3. Os homens não creem seriamente nas promessas de Deus: que ele os recompensará nesta vida (com coisas melhores) cem vezes tanto, e no mundo vindouro com a vida eterna! Mt 19:29. E que "quem recebe um profeta ou um justo receberá a recompensa de profeta ou de justo", Mt 10:41. E que "um copo de água fria (quando não se tem melhor) doado a um destes pequeninos de Cristo em nome

de discípulo de modo algum ficará sem recompensa", Mt 10:42. Não creem que o céu pagará por tudo, e que há uma vida por vir na qual Deus cuidará para que não sejam perdedores. Pensam que nada há de certo senão o que possuem em mãos e, portanto, acumulam um tesouro na terra, e antes confiam em seus bens do que em Deus; ao passo que, se cressem verdadeiramente que há outra vida, e que o julgamento passará sobre eles nos termos descritos em Mt 25, despenderiam mais indústria em acumular um tesouro no céu, Mt 6:20, e "fariam amigos com as riquezas da injustiça", e estudariam como ser ricos em boas obras, enviando os seus bens ao céu antes deles, e "acumulando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna", e então estariam "prontos a distribuir, e dispostos a repartir", 1Tm 6:17-19; Lc 16:9. Saberiam então o quanto são devedores a Deus, que não apenas os honrará para serem os seus administradores, mas os recompensará por distribuírem o sustento dele aos seus filhos, como se tivessem doado tanto de si mesmos; veriam então que são eles os recebedores, e que doar é o caminho mais seguro para ser rico, quando por coisas transitórias (sinceramente doadas) podem receber as riquezas eternas. Veriam então que aquele que poupa as suas riquezas as perde, e aquele que as perde por Cristo as salva, e as acumula no céu; e que mais bem-aventurada coisa é dar do que receber; e que nós mesmos deveríamos ser laboriosos para que tenhamos com que amparar os fracos e doar aos necessitados. Leia At 20:35; Ef 4:28; Pv 31:20, etc. Não se cansariam, então, de fazer o bem se cressem que "a seu tempo ceifarão, se não houverem esmorecido; mas, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos

da fé", Gl 6:9-10. Não "se esqueceriam de fazer o bem e repartir com os outros, porque com tais sacrifícios Deus se agrada", Hb 13:16. A verdadeira crença na recompensa faria os homens esforçarem-se sobre quem faria mais.

4. Outro grande impedimento é a falta de amor a Deus e aos nossos próximos, a Cristo e aos seus discípulos. Se os homens amassem a Cristo, não lidariam de forma tão mesquinha com os seus discípulos quando ele lhes disse que toma tudo o que fazem ao menor deles (a quem chama de seus irmãos) como feito a ele mesmo, Mt 25; 10:39-40.

Se os homens amassem os seus próximos como a si mesmos, deixo a vocês julgarem em qual proporção e maneira os socorreriam! Se encontrariam dinheiro para despender em dados e cartas, em banquetes gulosos, em peças de teatro, jogos, pompa e orgulho, enquanto tantos ao redor deles estão em necessidade premente.

A destruição da caridade ou do amor cristão é a causa de que as obras de caridade sejam destruídas. Quem pode esperar que a semente da serpente, que possui inimizade contra a semente santa, a socorra liberalmente? Ou que a mente carnal, que é inimizade contra Deus, esteja pronta a fazer o bem aos servos espirituais e santos de Deus? Gn 3:15; Rm 8:6-8; ou que um homem egoísta se importe muito com alguém além de si mesmo e do seu próprio? Quando o amor é transformado no ódio mútuo por causa de nossos interesses e opiniões parciais; e quando somos como homens em guerra, que pensam que o homem mais bravo e merecedor é aquele que mais matou; quando os homens possuem pensamentos amargos e odiosos uns dos outros, e se propõem a tornar cada um odioso e a arruiná-

los para que fiquem mais firmes, pensando que destruir os outros representa bom serviço a Deus; quem pode esperar os frutos do amor a partir da abominável falta de caridade e do ódio; ou que a árvore do diabo produza frutos santos para Deus?

5. E então (quando o amor é bem falado por todos, inclusive por seus inimigos mortais) para que os homens não vejam a sua impiedade e miséria (e não é admirável que não as vejam?), o diabo os ensinou a representarem o papel de hipócritas, e a fazerem para si uma religião que nada lhes custe, sem amor cristão verdadeiro e boas obras, para que tenham algo com que aquietar e enganar as suas consciências. Um homem deixa cair de vez em quando uma dádiva insignificante, e outro oprime, odeia e destrói (e calunia e censura, para que não se pense que odeia e arruína sem causa); e, quando o fizeram, limpam as suas bocas com algumas orações hipócritas ou boas palavras, e pensam que são bons cristãos e Deus não se vingará deles. Um pensa que Deus o salvará porque pertence a esta igreja, e outro porque pertence àquela. Um pensa salvar-se porque é desta opinião e partido na religião, e outro porque é daquele. Um pensa que é religioso porque diz as suas orações desta maneira, e outro porque ora de outra forma. E assim, hipócritas mortos, cujos corações nunca foram vivificados com o poderoso amor de Deus para amarem os seus servos, os seus próximos e inimigos, convencem-se de que Deus os salvará por zombarem e lisonjearem-no com o serviço de seus lábios enganosos; enquanto carecem do amor de Deus, que é a raiz de todo bem, e estão possuídos pelo amor ao dinheiro, que é a raiz de todos os males, 1Tm 6:10, sendo "mais amigos dos deleites do que amigos de Deus", 2Tm 3:4.

Unir-se-ão prontamente às ações baratas e exteriores da religião; mas quando ouvem muito menos do que "Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; — ficam mui tristes, porque eram mui ricos", Lc 18:22-23. Tal amor infrutífero como tinham para com os outros, Tg 2, tal religião infrutífera possuem quanto a si mesmos. Pois "a religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo", Tg 1:27. Veja 1Jo 2:15; 3:17: "Quem tiver bens deste mundo e, vendo o seu irmão necessitado, fechar-lhe as suas entranhas, como habita nele o amor de Deus?". Há três textos que descrevem o caso dos cavalheiros sensuais e sem caridade:

1. Lc 16: "Um homem rico que se vestia de púrpura e de seda (pois assim, como observa o Dr. Hammond, deveria antes ser traduzido) e vivia todos os dias regalada e esplendidamente", vocês conhecem o fim dele.

2. Ez 16:49: "O pecado de Sodoma foi a soberba, a fartura de pão e a abundância de ociosidade, e ela nunca fortaleceu a mão do pobre e do necessitado".

3. Tg 5:1-7: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai por vossas misérias que vos sobrevirão. — Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; ceastes os vossos corações, como num (ou para o) dia de matança. — Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu —". E lembrem-se de Pv 21:13: "O que tapa o seu ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido". E Tg 2:13: "Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o

juízo". Sim, nesta vida é frequentemente observável que, Pv 11:24: "Ao que distribui mais se lhe acrescenta, e ao que retém mais do que é justo, é para a sua perda".

Direção 1. Ame a Deus, e seja renovado à sua imagem; e então ser-lhe-á natural fazer o bem; e o amor dele será em você uma fonte de boas obras.

Direção 2. Ame os seus próximos, e ser-lhe-lo-á fácil fazer-lhes todo o bem que puder; assim como o é fazer o bem a si mesmo, ou aos filhos, ou aos amigos mais queridos.

Direção 3. Aprenda a autonegação, para que o egoísmo não faça com que você seja todo voltado para si mesmo, sendo a lei de natureza de Satanás em você, proibindo-o de fazer o bem aos outros.

Direção 4. Mortifique a carne e os vícios da sensualidade: o orgulho e a curiosidade, a glutonaria e a embriaguez são abismos insaciáveis e tudo devorarão, deixando apenas um pouco para os pobres: embora haja tantas famílias pobres que necessitam de pão e vestuário, a pessoa orgulhosa deve primeiro ter o outro vestido de seda, ou os outros ornamentos que a destaquem com o que há de mais avançado no modo e na moda; e esta casa deve primeiro ser construída de forma mais bela, e estes cômodos devem primeiro ser mobiliados de forma mais limpa; e estes filhos devem primeiro ter roupas mais finas: que Lázaro jaza mui miserável à porta, o sensualista deve vestir-se de púrpura e seda, e banquetear-se deliciosa e esplendidamente todos os dias, Lc 16. O glutão deve ter o prato e o copo que agradam ao seu apetite, e deve manter uma mesa cheia para o entretenimento de seus

companheiros que de nada necessitam. Estes vícios insaciáveis assemelham-se a porcos e cães que devoram todo o pão dos filhos. Até as recreações vãs e os jogos receberão mais do que a igreja ou os pobres (quanto a qualquer doação voluntária). Mate os seus vícios gananciosos de uma vez, e então um pouco bastará para as suas necessidades, e você poderá ter com que socorrer os necessitados e fazer aquilo que ser-lhe-á melhor no seu dia de prestar contas.

Direção 5. Não permita que o egoísmo faça de seus filhos os objetos desordenados de sua caridade e provisão, para tomarem aquilo que deveria de outra forma ser empregado. As pessoas carnais e mundanas perpetuariam o seu vício e, quando não podem mais viver por si mesmas, parecem estar meio vivas em sua posteridade, e o que não podem mais manter por si mesmas pensam que é melhor acumulado para os seus filhos para alimentá-los plenamente, tornando-os tão sensuais e infelizes quanto elas próprias. De modo que provisões justas e moderadas não as satisfarão; mas as porções de seus filhos devem ser tanto quanto puderem obter, e quase todos os seus bens são *sibi et suis* [para si e para os seus], para si mesmas e para os seus: e este vício pernicioso é tão destrutivo para as boas obras quanto quase qualquer outro no mundo. Aquele Deus que disse ser pior do que o infiel quem não provê para a sua própria família julgará muitos milhares como piores do que cristãos, e do que qualquer um que queira ser salvo deve ser, os quais fazem de suas famílias os devoradores de tudo o que deveria ser despendido em outras obras de caridade.

Direção 6. Tome como a principal parte extrínseca de sua religião o fazer o bem; e faça disso o ofício ou negócio de suas vidas, e não como um assunto a ser feito de passagem. Tg 1:27: "A religião pura e imaculada para com Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo". Se somos "criados para as boas obras", Ef 2:10; e "remidos e purificados para sermos zelosos de boas obras", Tt 2:14; e devemos ser julgados de acordo com tais obras, Mt 25; então certamente deveria ser o nosso principal cuidado e diligência diários praticá-las com todos os nossos corações e habilidades. E assim como mantemos uma conta diária de nossos negócios e dos de nossos servos em nossas vocações particulares, do mesmo modo deveríamos fazer muito mais do emprego dos talentos de nosso Senhor no serviço dele; e se um príncipe pagão podia dizer com lamentação: "Infelizmente, perdi um dia!" se um dia houvesse passado no qual não tivesse feito bem algum, quanto mais deveria fazê-lo o cristão, o qual é melhor instruído para conhecer os confortos e recompensas do fazer o bem!

Direção 7. Doe não apenas a partir de suas superfluidades, quando a carne está farta de tudo o que deseja; mas trabalhe arduamente em suas vocações, e seja econômico e poupador de todas as despesas desnecessárias, negando os desejos de facilidade, fartura, orgulho e curiosidade, para que possa ter mais com o que fazer o bem. A economia voltada às obras de caridade constitui um grande e necessário dever, embora a economia avarenta voltada ao amor das riquezas seja um grande pecado. Aquele que desperdiça metade dos bens de seu mestre por meio de ociosidade ou excessos, e depois é

caridoso com a outra metade, prestará apenas uma conta má de sua administração. Muito mais aquele que satisfaz os desejos carnais seus, de sua família e retentores primeiro, e depois doa aos pobres apenas as sobras do luxo e tanto quanto as suas luxúrias carnais podem dispensar. É uma caridade mais custosa, laboriosa e econômica aquela que Deus espera de administradores fiéis.

Direção 8. Não adie boa obra alguma que você tenha habilidade e oportunidade presentes para realizar. O adiamento significa má vontade ou negligência. O amor e o zelo são ativos e expeditos; e o adiamento frequentemente frustra as boas intenções. As pessoas podem morrer, àquelas a quem você pretende fazer o bem; ou você pode morrer, ou a sua habilidade e oportunidades podem cessar; aquilo que pode ser feito hoje pode não ser possível fazer amanhã. O diabo não ignora as suas boas intenções, e fará tudo o que for possível para torná-las sem efeito; e quanto mais tempo você lhe der, mais o capacitará a impedi-lo. Você pouco prevê que abundância de impedimentos ele poderá lançar diante de você; tornando assim impossível aquilo que outrora poderia ter feito com facilidade. Pv 3:28: "Não digas ao teu próximo: Vai, e volta, e amanhã to darei; tendo-o tu contigo". Pv 27:1: "Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que ele trará à luz".

Direção 9. Não desconfie da providência de Deus para a sua própria provisão. Um homem incrédulo precisa ser um Deus para si mesmo, confiando apenas em si mesmo para as suas provisões, porque de fato não pode confiar em Deus. Mas você descobrirá que o seu trabalho e cuidado são vãos, ou piores do que vãos, sem a bênção de Deus. Não

diga desconfiadamente: o que terei eu mesmo quando for velho? Embora eu não o esteja persuadindo a não fazer provisão alguma, ou a doar tudo; contudo devo dizer-lhe que é tolice excessiva adiar qualquer dever presente por desconfiança de Deus ou expectativa de viver até ser velho. Aquele que à noite disse: "Tenho bens suficientes acumulados para muitos anos", rapidamente ouviu: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?", Lc 12:20. Antes obedeça a isto, Ec 9:10: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma". Vocês pensam que não há cem mil cujos bens estão agora consumidos nas chamas de Londres que gostariam que tudo aquilo tivesse sido doado para usos piedosos ou de caridade? Basta crer de todo o coração que "ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, ele lhe pagará o seu benefício", Pv 19:17. E que, Mt 10:40-42: "Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a galardão de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a galardão de justo. E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria (isto é, quando não possui melhor) a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão". Digo, creia nisto, e fará pressa para doar enquanto puder, para que a sua oportunidade não passe de largo.

Direção 10. O que não puderem fazer por si mesmos, incitem os outros a fazerem que são mais capazes: "Incitai uns aos outros ao amor e às boas obras". A modéstia não o

proíbe tanto de pedir em favor dos outros quanto de pedir para si mesmo. Alguns necessitam apenas de informação para serem atraídos às boas obras: e alguns que estão relutantes podem ser instados a isso para evitarem a vergonha da falta de caridade: e embora tal doação pouco bem faça a si mesmos, pode fazer o bem aos outros. Assim, você poderá receber a recompensa quando o custo for de outrem, desde que a caridade seja sua.

Direção 11. Não dê ouvidos a doutrina alguma que seja inimiga da caridade ou das boas obras; nem tampouco que o ensine a confiar nelas para mais do que a sua parte própria. Aquele que atribui a qualquer de suas próprias obras aquilo que é próprio de Cristo transforma-as em pecado hediondo. E aquele que não lhes atribui tudo aquilo que Cristo lhes atribui é pecador também. E o que quer que os homens ignorantes possam tagarelar, o tempo está chegando em que nem Cristo sem a nossa caridade, nem a nossa caridade sem Cristo (mas em subordinação a ele) consolará ou salvará as nossas almas.

CAPÍTULO 31
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE CONFESSAR PECADOS E INJUSTIÇAS AOS OUTROS

Pergunta 1. Em quais casos constitui um dever confessar as injustiças àqueles a quem injustiçamos?

Resposta. 1. Quando, em injustiças reais, você for incapaz de fazer qualquer restituição e, portanto, deve

pedir perdão, você não pode fazê-lo bem sem a confissão. 2. Quando você injustiçou um homem por meio de uma mentira, ou por falso testemunho, de modo que ele não possa ser reparado enquanto você não confessar a verdade. 3. Quando você injustiçou um homem em sua honra ou fama, onde o remédio natural é falar o contrário e confessar a injustiça. 4. Quando for necessário para curar a inclinação vingativa daquele a quem você injustiçou, ou para manter a caridade dele, capacitando-o a amá-lo e perdoá-lo. 5. Portanto, todas as injustiças conhecidas para com outrem devem ser confessadas, exceto quando a impossibilidade, ou algum efeito mau que seja maior do que o bem, tenha probabilidade de resultar. Porque todos os homens são aptos a diminuir o seu amor para com aqueles que os ferem e, portanto, todos necessitam deste remédio. E devemos fazer a nossa parte para sermos perdoados por todos os que injustiçamos.

Pergunta 2. Quais causas nos escusarão de confessar as injustiças aos outros?

Resposta. 1. Quando a recompensa integral puder ser feita sem isso, e nenhum perdão da injustiça for necessário por parte do injustiçado, nem qualquer das causas supracitadas o requeira. 2. Quando a injustiça for secreta e não conhecida da parte injustiçada, e a confissão dela serviria apenas para perturbar a mente dela, fazendo-lhe mais mal do que bem. 3. Quando a parte injustiçada for tão implacável e desumana que faria uso da confissão para a ruína do penitente, ou para trazer sobre ele pena maior do que merece. 4. Quando serviria para prejudicar uma terceira pessoa que está interessada no assunto, ou trazê-la sob opressão e miséria imerecida. 5. Quando tende à

desonra da religião, tornando-a escarnecida por causa da falta do penitente confessor. 6. Quando tende a colocar as pessoas umas contra as outras, gerando dissensão, ou de outra forma prejudicando o Estado ou o governo. 7. No geral, não constitui dever confessar o nosso pecado àquele que injustiçamos quando, consideradas todas as coisas, houver probabilidade, no julgamento dos verdadeiramente sábios, de causar mais dano do que bem: pois ela é designada como um meio para o bem, e não para fazer o mal.

Pergunta 3. Se tive um pensamento ou propósito secreto de injustiçar a outrem, estou obrigado a confessá-lo, quando nunca foi executado?

Resposta. 1. Você não está obrigado a confessá-lo à parte que pretendia injustiçar como qualquer ato de justiça para fazer-lhe reparação; nem para obter o perdão dela para si mesmo: porque de fato não representou injustiça alguma para com ela, nem os pensamentos e coisas secretas vêm sob o julgamento dela, não necessitando, portanto, de seu perdão. 2. Mas constitui pecado contra Deus, e a ele você deve confessar. 3. E por acidente, *finis gratia* [por causa do fim], você deve confessá-lo aos homens caso seja necessário para servir de alerta aos outros, ou para o aumento do ódio deles pelo pecado, ou para a vigilância deles, ou para exercitar a sua própria humilhação, ou evitar uma recaída, ou para aquietar a sua consciência, ou em uma palavra, quando tiver probabilidade de fazer mais bem do que mal.

Pergunta 4. A quem, e em quais casos, devo confessar aos homens os meus pecados contra Deus, e quando não?

Resposta. Os casos sobre aquela confissão que pertence à disciplina da igreja pertencem à segunda parte; e, portanto, serão aqui omitidos. Mas brevemente e no geral, posso responder à pergunta assim: há conveniências e inconveniências a serem comparadas juntas, e você deve fazer a sua escolha em conformidade. As razões que o podem mover a confessar os seus pecados a outrem são estas: 1. Quando outrem pecou com você, ou o persuadiu ou atraiu a isso, e deve ser levado ao arrependimento junto com você. 2. Quando a sua consciência tentou em vão todos os outros meios adequados para a paz ou conforto, e não os consegue obter, e há alguma probabilidade de tal conselho vindo dos outros que possa obtê-los. 3. Quando você necessita de conselho para resolver a sua consciência se se trata de pecado ou não, ou de qual grau, ou ao que você está obrigado em ordem ao perdão. 4. Quando você necessita de conselho para evitar o pecado no tempo vindouro, e mortificar o hábito dele.

As inconveniências que o podem acompanhar são tais como estas: 1. Você não tem certeza do segredo de outrem; a mente dele pode mudar, ou o entendimento dele falhar, ou ele pode desentender-se com você, ou alguma grande necessidade pode recair sobre ele que o leve a expor o que você lhe contou. 2. Então, se a sua vergonha ou perda não farão você arrepender-se disso, deve ser previsto. 3. E o quanto os outros podem sofrer com isso. 4. E o quanto isso refletirá de desonra sobre a religião. Sendo todas as coisas consideradas de ambos os lados, as razões preponderantes devem prevalecer.

Direção 1. Nada faça que você não esteja disposto a confessar, ou que o possa perturbar muito se a sua

confissão fosse aberta. A prevenção é o caminho mais fácil: e a previsão das consequências deve sempre fazer o homem sábio ter cuidado.

Direção 2. Quando você pecou ou injustiçou a alguém, avalie bem as consequências de ambos os lados antes de fazer a sua confissão: para que não faça aquilo de que possa desejar voltar atrás, nem recuse sem causa o seu dever: e para que os inconvenientes previstos possam ser melhor suportados quando não puderem ser evitados.

Direção 3. Quando uma consciência bem informada lhe disser que a confissão constitui o seu dever, não permita que considerações egoístas o detenham dela, mas faça-o custe o que custar. Seja fiel à consciência, e não adie voluntariamente o seu dever. Viver na negligência de um dever conhecido equivale a viver em um pecado conhecido: o que lhe dará causa para questionar a sua sinceridade, e causará efeitos mais terríveis em suas almas do que os inconvenientes da confissão jamais teriam sido.

Direção 4. Olhe para o seu arrependimento para que seja profundo e absoluto, e livre de exceções hipócritas e reservas. Pois o arrependimento parcial e vazio não o conduzirá através de deveres difíceis e custosos. Mas aquele que é sincero romperá sobre tudo: tornará você tão irado consigo mesmo e com os pecados que você estará tão inclinado a assumir a vergonha sobre si mesmo em uma honesta vingança quanto um homem irado está para trazer vergonha sobre o seu adversário. Raramente somos excessivamente zelosos da reputação de um homem com quem nos desentendemos: e o arrependimento constitui um desentendimento conosco mesmos. Podemos suportar

remédios severos quando sentimos a dor e percebemos o perigo mortal da doença: e o arrependimento representa tal percepção de nossa dor e perigo. Não ocultaremos delicadamente um inimigo mortal, mas o traremos à vergonha mais aberta: e o arrependimento faz com que odiemos o pecado como o nosso inimigo mortal. É a falta de arrependimento que torna os homens tão relutantes em fazer uma confissão justa.

Direção 5. Tenha cuidado com o orgulho, o qual torna os homens tão zelosos de sua reputação que arriscarão as suas almas para salvar a sua honra: os homens chamam-no de timidez, e dizem que não podem confessar por vergonha; mas é o orgulho que os torna tão envergonhados de serem conhecidos pelos homens como transgressores, enquanto menos temem o olho e o julgamento do Todo-Poderoso. A impudência representa a marca de um pecador obstinado; mas aquele que alega vergonha contra o seu dever é tolamente orgulhoso; e deveria estar mais envergonhado de negligenciar o seu dever e continuar impenitente em seu pecado. Uma pessoa humilde consegue realizar um dever humilhante e de auto-abate.

Direção 6. Conheça os verdadeiros usos da confissão do pecado, e use-a em conformidade. Faça-o com um ódio ao pecado, para se expressarem como inimigos implacáveis dele: faça-o para reparar a injustiça que fez aos outros, e a desonra que trouxe à religião cristã, e para alertar os ouvintes a terem cuidado com o pecado e com a tentação por sua queda; vale toda a sua vergonha se você salvar um pecador por isso de seu pecado: faça-o para lançar a maior obrigação sobre si mesmos para o futuro, para evitarem o pecado e viverem de forma mais cuidadosa; pois

representa uma dupla vergonha pecar após tais confissões humilhantes.

CAPÍTULO 32
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE SATISFAÇÃO E RESTITUIÇÃO

Pergunta 1. Quando é que se deve fazer a restituição própria, e quando a satisfação? E o que é isso?

Resposta. A restituição, propriamente, é *ejusdem* [do mesmo], da própria coisa que foi retida ou levada. A satisfação é *solutio aequivalentis, vel tantidem, alias indebiti* [o pagamento do equivalente, ou de igual valor, de outra forma não devido], aquilo que serve para compensação ou reparação de perda, dano ou injustiça; sendo algo de igual valor ou utilidade para quem recebe. Primariamente, *res ipsa debetur* [a própria coisa é devida], a restituição é primeiramente devida onde for possível; mas quando isso for inevitavelmente impedido ou proibido por alguma restrição eficaz, a satisfação é devida. Enquanto a restituição da própria coisa puder ser feita, não podemos impor ao credor ou proprietário aquilo que é equivalente sem o consentimento dele; mas, com o consentimento dele, podemos fazê-lo a qualquer momento. E para a pergunta: o que é a satisfação devida? Respondo que, quando a restituição pode ser feita, e aquele que deve restituir deseja antes que o proprietário aceite alguma outra coisa em compensação, ali aquela proporção acordada por ambas as partes constitui a satisfação devida. Pois se for acima do valor, foi contudo

voluntariamente doada, e o pagador poderia ter escolhido; e se for abaixo do valor, foi contudo voluntariamente aceita, e o recebedor poderia ter escolhido. Mas se a restituição não puder ser feita, ou não sem algum prejuízo maior ao pagador do que o valor da coisa, ali a satisfação devida é aquilo que for de igual valor e utilidade para o recebedor; e se ele não se der por satisfeito com isso, ele é injusto, e trata-se, *quoad valorem rei et debitum solventis* [quanto ao valor da coisa e ao débito do pagador], de plena satisfação, não estando ele (a menos que por algum outro acidente) obrigado a dar nada mais; porque não é a vontade injusta de outrem que ele está obrigado a cumprir, mas sim um débito que deve ser quitado. Mas aqui você deve distinguir entre a satisfação na justiça comutativa, por um débito ou injustiça, e a satisfação na justiça distributiva e governamental, por uma falta ou crime. A medida da primeira satisfação é tanto quanto possa compensar a perda do proprietário; não apenas quanto a coisa valia para outrem, mas o que valia para ele: mas a medida da última satisfação é tanto quanto possa servir aos fins do governo em vez da obediência real; ou tanto quanto bastará para os fins do governo para reparar os danos que o crime causou, ou evitar o que causaria.

Por que eles restituíam quatro vezes mais?

E aqui você pode ver a resposta para aquela pergunta: por que um ladrão era ordenado a restituir quatro vezes mais, pela lei de Moisés; pois naquela restituição havia uma conjunção de ambos estes tipos de satisfação, tanto em termos de justiça comutativa quanto distributiva: tanto quanto reparava a perda do proprietário era satisfação ao

proprietário pela injustiça; o restante era todo satisfação a Deus e ao Estado pela ofensa pública que resultou do crime ou violação da lei. Outras respostas são dadas por alguns, mas esta é a verdade simples e certa.

Pergunta 2. Até que ponto a restituição ou satisfação é necessária?

Resposta. Tanto quanto os atos de obediência a Deus e de justiça para com o homem são necessários: isto é, 1. Assim como um homem que se arrepende verdadeiramente do pecado contra Deus pode ser salvo sem a obediência externa, caso você o suponha ceifado pela morte imediatamente após o seu arrependimento, antes que tenha qualquer oportunidade para obedecer; de modo que o *animus obediendi* [ânimo de obedecer] é absolutamente necessário, e o *actus obediendi* [ato de obedecer] se houver oportunidade: assim é aqui, o *animus restituendi* [ânimo de restituir], ou a verdadeira resolução ou disposição para restituir, é sempre necessário para a sinceridade da justiça e do arrependimento na pessoa, bem como necessário *necessitate praecepti* [por necessidade de preceito]; e o ato de restituição primariamente, e de satisfação secundariamente, é necessário se houver tempo e poder: digo, necessário sempre como um dever, *necessitate praecepti*; e necessário *necessitate medii* [por necessidade de meio], como uma condição de perdão e salvação, até onde são atos necessários de verdadeiro arrependimento e obediência, como o são outros deveres: isto é, assim como um verdadeiro penitente pode, em uma tentação, omitir a oração ou a comunhão da igreja, mas contudo possui sempre tal inclinação habitual para elas que o conduzirá a

elas quando tiver oportunidade, por deliberação, de voltar a si; e como, da mesma maneira, um verdadeiro penitente pode omitir uma obra de caridade ou misericórdia, mas não abandonar tais obras; exatamente assim é neste caso de restituição e satisfação.

Pergunta 3. Quem são aqueles que estão obrigados a fazer a restituição ou satisfação?

Resposta. 1. Todo aquele que possui e retém aquilo que de fato pertence a outro, e não adquiriu título justo sobre o bem para si mesmo, deve fazer a restituição. Contudo, de modo que, se ele o obteve legalmente (como por achado, compra ou afins), é responsável por ele apenas nos termos daqueles títulos antes expressos. Mas se o obteve ilegalmente, deve restituí-lo com todos os danos. Os casos de mutuários e descobridores de bens perdidos foram resolvidos antes. Aquele que retém uma coisa emprestada além do seu dia deve devolvê-la com o dano. Aquele que perde uma coisa que tomou emprestada deve fazer a satisfação, a menos que nos casos em que o contrato, ou o costume comum, ou a qualidade da coisa o escusem. 2. Aquele que, seja por força, fraude, negligência ou qualquer injustiça, faz mal a outrem, está obrigado a fazer-lhe uma justa compensação, de acordo com a proporção da culpa e da perda comparadas juntas; pois nenhuma delas deve ser considerada isoladamente. Se um servo negligencia o negócio de seu senhor, e ocorre que nenhuma perda resulta disso, ele está obrigado a confessar a sua falta, mas não a pagar por uma perda que poderia ter sido, mas não foi. E se um servo, por alguma negligência tão pequena e ordinária da qual os melhores servos são culpados, trouxer um dano excessivamente grande sobre o seu senhor (como

por cair no sono e queimar a sua casa, ou por um atraso de uma hora que não parecia muito perigoso frustrar algum grande negócio), ele está obrigado à reparação bem como à confissão; mas não a ressarcir tudo o que foi perdido, senão de acordo com a proporção de sua falta. Mas aquele que, por opressão ou roubo, toma o que pertence a outro, ou lhe traz qualquer dano, ou por calúnia, falso testemunho ou qualquer outro meio injusto, está obrigado a fazer uma satisfação mais completa; e aqueles que concorrem na injustiça, sendo cúmplices, estão obrigados a satisfazer. Como: 1. Aqueles que ensinam ou ordenam a outrem que o faça. 2. Aqueles que enviam uma comissão ou autorizam outrem a fazê-lo. 3. Aqueles que aconselham, exortam ou persuadem outrem a fazê-lo. 4. Aqueles que, por consentirem, são causas disso. 5. Aqueles que cooperam e auxiliam na injustiça de forma consciente e voluntária. 6. Aqueles que não a impedem quando podiam e estavam obrigados a fazê-lo. 7. Aqueles que tornam o ato seu próprio, por assumirem-no ou consentirem depois. 8. Aqueles que não querem revelá-lo depois para que a parte injustiçada possa recuperar o que é seu, quando estão obrigados a revelá-lo. Mas um consentimento secreto que de forma alguma promoveu a injustiça não obriga ninguém à restituição, mas apenas ao arrependimento; porque não fez mal a outrem, mas foi um pecado contra Deus.

Pergunta 4. A quem deve ser feita a restituição ou satisfação?

Resposta. 1. Ao verdadeiro proprietário, se ele estiver vivo e for encontrado, e se puder ser feito. 2. Se isso não puder ser, então aos seus herdeiros, que são os

possuidores daquilo que era dele. 3. Se isso não puder ser, então ao próprio Deus, isto é, aos pobres, ou para usos piedosos; pois o possuidor não é o verdadeiro proprietário do bem; e, portanto, onde nenhum outro proprietário for encontrado, ele deve desincumbir-se do bem para o uso do Proprietário supremo e principal, conforme possa ser mais agradável à vontade e interesse dele.

Pergunta 5. Qual restituição deve fazer aquele que desonrou os seus governantes ou pais?

Resposta. Ele está obrigado a fazer tudo o que puder para reparar a honra deles, por meios adequados; e a confessar a sua falta, e rogar o seu perdão.

Pergunta 6. Como deve ser feita a satisfação por calúnias, mentiras e difamação dos outros?

Resposta. Confessando o pecado, e desdizendo o que foi dito, não apenas tão abertamente quanto foi falado, mas tanto quanto tenha sido desde então propagado por outros, e tanto quanto a reparação do bom nome de seu vizinho o requeira, se você for capaz.

Pergunta 7. Qual reparação devem fazer aqueles que tentaram os outros ao pecado e feriram as suas almas?

Resposta. 1. Devem fazer tudo o que estiver em seu poder para recuperá-los do pecado, e para fazer o bem às suas almas. Devem ir a eles, confessar e lamentar o pecado, dizer-lhes o mal e o perigo dele, e incessantemente esforçar-se para conduzi-los ao arrependimento. 2. Devem fazer reparação ao Senhor das almas, fazendo todo o bem que puderem aos outros, para que ajudem mais do que feriram.

Pergunta 8. Qual reparação pode ou deve ser feita por homicídio ou homicídio culposo?

Resposta. Pelo homicídio há um dano múltiplo inferido: 1. Deus é privado da vida de seu servo. 2. A pessoa é privada de sua vida. 3. O rei é privado de um súdito. 4. O Estado é privado de um membro. 5. Os amigos e parentes do morto são privados de um amigo. 6. E talvez também prejudicados em seus bens. Todos estes danos não podem ser totalmente reparados pelo infrator; mas tudo deve ser feito do que puder ser feito. 1. De Deus ele só pode pedir perdão, com base no sacrifício satisfatório de Cristo, expressando verdadeiro arrependimento como se segue. 2. À pessoa assassinada nenhuma reparação pode ser feita. 3. Ao rei e ao Estado, ele deve pacientemente entregar a sua vida, se o sentenciarem à morte, e sem queixumes, considerando não ser caro demais tornar-se um alerta para os outros, para que não pequem como ele pecou. 4. Aos amigos desconsolados nenhuma reparação pode ser feita; mas o perdão deve ser pedido. 5. O dano dos herdeiros, parentes e credor deve ser reparado pelos bens do infrator, tanto quanto ele for capaz.

Pergunta 9. Está um assassino obrigado a oferecer-se à morte antes de ser preso?

Resposta. Sim, em alguns casos: como, 1. Quando for necessário para salvar outrem que é falsamente acusado do crime. 2. Ou quando o interesse do Estado o requerer. Mas, de outra forma, não; porque um infrator pode legalmente aceitar a misericórdia, e a natureza ensina-o a desejar a sua própria preservação: mas se a pergunta for: quando é que o interesse do Estado o requer? Penso que

muito mais frequentemente do que se faz: assim como o interesse comum requer que os assassinos sejam entregues à morte quando presos, também requer que não sejam frequentemente e facilmente ocultados, ou que escapem pelo segredo ou fuga; pois então isso encorajaria os outros ao homicídio: ao passo que, quando poucos escapam, isso deterá os homens de forma mais eficaz. Se, portanto, a consciência de qualquer assassino o constranger, em verdadeiro arrependimento, a apresentar-se voluntariamente e confessar o seu pecado, entregando-se à justiça e exortando os outros a terem cuidado de não pecarem como ele pecou, não posso dizer que ele tenha feito mais do que o seu dever ao agir assim; e de fato penso que ordinariamente constitui um dever, e que ordinariamente o interesse do Estado o requer; embora em alguns casos possa ser diferente. A execução das leis contra o homicídio é tão necessária para preservar as vidas dos homens que não penso que a autopreservação isolada permita aos homens privarem o Estado de um meio tão necessário para preservar as vidas de muitos, para salvar a vida de um que não possui direito à sua própria vida, por tê-la perdido. Se afastar outros assassinos das mãos da justiça constitui pecado, não vejo como não o seja ordinariamente fazê-lo por si mesmo: apenas penso que, se uma pessoa verdadeiramente penitente tiver justa causa para pensar que pode prestar mais serviço ao Estado por sua vida do que por sua morte, então ela pode ocultar o seu crime ou fugir; mas, de outra forma, não.

Pergunta 10. Está um assassino obrigado a executar a pena em si mesmo se o magistrado, diante de sua confissão, não o fizer?

Resposta. Não: porque é o magistrado o juiz designado do interesse público e do que é necessário para a sua reparação, possuindo o poder de perdoar em certos casos: e embora um assassino não deva ordinariamente esforçar-se por violar as leis de Deus e do Estado, contudo ele pode aceitar a misericórdia quando lhe é oferecida.

Pergunta 11. Qual satisfação deve ser feita por um fornicador ou adúltero?

Resposta. A castidade não pode ser restaurada, nem a honra corrompida reparada. Mas, 1. Se foi um pecado por consentimento mútuo, a parte com quem você pecou deve ser solicitada com toda a importunidade ao arrependimento; e o pecado deve ser confessado, e o perdão rogado por tê-la tentado ao pecado. 2. Onde puder ser feito sem um mal maior do que o benefício resultará, os fornicadores devem unir-se em casamento, Êx 22:16. 3. Onde isso não puder ser, o homem deve colocar a mulher em situação tão boa para o sustento externo quanto ela estaria se não tivesse sido corrompida por ele; concedendo-lhe um dote proporcional, Êx 22:17; e o dano dos pais deve ser recompensado, Dt 22:28-29. 4. A manutenção da criança também deve ser provida pelo fornicador. Isto é, 1. Se o homem por fraude ou solicitação induziu a mulher ao pecado, está obrigado a tudo como foi dito. 2. Se pecaram por mútua pressa e consentimento, então devem conjuntamente carregar o fardo; contudo de modo que o homem deva carregar a maior parte, porque se supõe que ele seja o mais forte e sábio para ter resistido à tentação. 3. Se a mulher importunou o homem, ela deve carregar mais: mas contudo ele é responsável perante os pais e outros por seus danos, e em parte para com a própria

mulher, porque ele era o vaso mais forte, e deveria ter sido mais constante: e *volenti non fit injuria* [ao que consente não se faz injustiça] é uma regra que possui algumas exceções.

Pergunta 12. Em qual caso está o homem isento da restituição e satisfação?

Resposta. 1. Aquele que está totalmente impossibilitado não pode restituir ou satisfazer. 2. Aquele que é igualmente prejudicado pela pessoa a quem deveria restituir está isento em termos de real equidade e consciência, desde que as razões de ordem externa e política não o obriguem. Pois embora possa ser o seu pecado (do qual deve se arrepender) ter igualmente prejudicado o outro, contudo isso requer confissão, antes que restituição ou satisfação, a menos que ele possa também esperar satisfação do outro. Portanto, se você deve a um homem cem libras, e ele lhe deve outro tanto e não quer pagar-lhe, você não está obrigado a pagar-lhe, a menos que por uma questão de ordem externa e pela lei da terra. 3. Se o débito ou injustiça for perdoado, a pessoa está liberada. 4. Se a natureza ou o costume comum autorizarem o homem a crer que nenhuma restituição ou satisfação é esperada, ou que a injustiça foi perdoada, embora não seja mencionado, isso o isentará da restituição ou satisfação: como se filhos ou amigos tomaram alguma futilidade que podem presumir que a bondade de um pai ou amigo deixará passar, embora não seja justificável.

Pergunta 13. E se a restituição custar ao restituidor muito mais do que a coisa vale?

Resposta. Ele está obrigado a fazer a satisfação em vez da restituição.

Pergunta 14. E se a confissão da falta puder envolver aquele a quem devo restituir, de modo que ele a transforme em minha infâmia ou ruína?

Resposta. Você pode então ocultar a pessoa, e enviar-lhe a satisfação por outra mão; ou pode também ocultar a injustiça em si, e fazer com que a satisfação lhe seja feita, como por presente, ou outra forma de pagamento.

Direção 1. Preveja o problema da restituição, e evite-o. Tenha cuidado com a avareza, a qual o atrairia para tal armadilha. Em que situação perplexa se encontram alguns homens que prejudicaram os outros tanto que tudo o que possuem mal fará a satisfação devida! Especialmente os opressores públicos, que prejudicam nações inteiras, países ou comunidades: e os juízes injustos, que praticaram mais injustiças talvez em um dia ou semana do que todos os seus bens valem: e os advogados injustos, que pleiteiam contra uma causa justa: e as testemunhas falsas, que contribuem para a injustiça: e os júris injustos, ou quaisquer outros semelhantes: também os proprietários de terras opressores; e os soldados que tomam os bens dos homens por violência; e os comerciantes enganosos, que vivem de injustiças. Em quão triste situação se encontram todos estes homens!

Direção 2. Nada faça que seja duvidoso, se puder evitar, para que não o coloque sob o problema da restituição. Como no caso de qualquer forma duvidosa de usura ou outro ganho, considere que, se no futuro lhe parecer ilegal, e assim você ficar obrigado à restituição (embora tenha

pensado ser legal ao recebê-lo), em que armadilha estaria você então quando todo aquele uso tiver de ser devolvido! E assim em outros casos.

Direção 3. Quando realmente você estiver obrigado à restituição ou satisfação, não hesite diante do custo ou sofrimento, por maiores que sejam, mas certifique-se de lidar fielmente com Deus e com a consciência. Do contrário, você manterá um espinho em seu coração, o qual doerá e inflamará até que saia: e o alívio de sua consciência compensará o encargo de sua restituição mais custosa.

Direção 4. Se você não for capaz de fazer a restituição em vida, deixe-a em seu testamento como uma dívida sobre os seus bens; mas nunca a tome como sua.

Direção 5. Se de outra forma você for incapaz de satisfazer, ofereça o seu trabalho como servo àquele de quem você é devedor; se ao menos por seu serviço você puder fazer-lhe uma compensação.

Direção 6. Se por esse caminho você for também incapaz, rogue aos seus amigos que o ajudem, para que a caridade o habilite a pagar a dívida.

Direção 7. Mas se você não tiver recurso algum para satisfazer, confesse a injustiça e suplique o perdão, e lance-se sobre a misericórdia daquele a quem você injustiçou.

CAPÍTULO 33
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE A OBTENÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

Pergunta 1. Há perdão a ser obtido para todo pecado sem exceção, ou não?

Resposta. 1. Não há perdão alcançado ou oferecido para o não cumprimento final das condições do perdão; isto é, para a impenitência, incredulidade e impiedade finais. 2. Não há perdão para pecado algum sem as condições do perdão, isto é, sem a verdadeira fé e arrependimento, o qual constitui a nossa conversão do pecado para Deus. 3. E se houver pecado algum que certamente exclua o verdadeiro arrependimento até o fim, exclui o perdão também; o que comumente se toma como sendo o caso da blasfêmia contra o Espírito Santo; sobre o qual escrevi amplamente em meu *Treatise against Infidelity*.

Mas: 1. Todo pecado, exceto o não cumprimento final das condições do perdão, já está condicionalmente perdoado no evangelho; isto é, se o pecador arrepender-se e crer. Nenhum pecado é excetuado do perdão para os crentes penitentes.

E todo pecado é realmente perdoado a um crente verdadeiramente penitente.

Pergunta 2. O que ocorre se um homem comete frequentemente o mesmo pecado hediondo; pode ele ser perdoado?

Resposta. Enquanto ele o comete frequentemente (sendo um pecado mortal), ele não se arrepende

verdadeiramente dele; e enquanto for impenitente, permanece não perdoado: mas se for verdadeiramente penitente, estando o seu coração habitual e realmente desviado do pecado, ser-lhe-á perdoado; mas não antes que assim o abandone.

Pergunta 3. O tempo da graça e do perdão já passou alguma vez nesta vida?

Resposta. O tempo da graça e do perdão para o penitente nunca passou nesta vida; não há dia ou hora em que uma pessoa verdadeiramente penitente não seja perdoada; ou em que o impenitente não seja condicionalmente perdoado, isto é, se ele se arrepender verdadeiramente e crer em Cristo: e quanto ao dia da penitência verdadeira, ele não passou para o impenitente; pois nunca ainda veio, isto é, eles nunca se arrependeram verdadeiramente. Mas há um tempo, com alguns pecadores provocadores e abandonados, em que Deus, que costumava chamá-los ao arrependimento por pregação externa e movimentos internos, não os chamará e moverá mais assim, mas deixará-os mais tranquilamente na cegueira e dureza de seus corações.

Pergunta 4. Podemos estar certos do perdão dos pecados nesta vida?

Resposta. Sim, todo homem que compreende o pacto da graça pode estar certo do perdão, tanto quanto estiver certo da sinceridade de sua fé e arrependimento, e não além; e se o homem não pudesse estar certo disso, as promessas consoladoras do perdão seriam de certa forma em vão; e não saberíamos como crer e nos arrependermos se não podemos saber quando verdadeiramente o fazemos.

Pergunta 5. Pode algum homem perdoar pecados contra Deus? E até onde?

Resposta. O perdão é a remissão de uma punição. Até onde o homem deve punir os pecadores contra Deus, até ali eles podem perdoar, isto é, remitir aquela punição. (Se agem bem ao fazê-lo é outra pergunta). Os magistrados devem executar penas corporais sobre os súditos por muitos pecados contra Deus, e podem perdoar em conformidade. Os pastores da igreja, que são os seus guias quanto à comunhão pública da igreja, podem remover os infratores da referida comunhão, e podem absolvê-los quando estiverem penitentes, e podem (de forma justa ou injusta) remitir a pena que podem impor. 2. Os pastores da igreja podem, como oficiais de Deus, declarar o perdão geral condicional o qual está contido no pacto da graça; e isso com aplicação particular ao pecador, para o conforto de sua mente: quer dizer: "Tendo examinado o seu arrependimento, declaro a você, como ministro de Cristo, que, se for como você o expressa, sem dissimulação ou engano, o seu arrependimento é sincero, e o seu pecado está perdoado". 3. Nos mesmos termos, um pastor pode, como ministro ou mensageiro de Cristo, entregar este mesmo perdão condicional contido no pacto da graça, como selado pelos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor; o que representa um ato de investidura: quer dizer: "Eu, como ministro de Cristo, pelo presente selo e entrego a você em nome dele o perdão de todos os seus pecados através de seu sangue; supondo que a sua fé e arrependimento professados sejam sinceros; do contrário, é nulo e de nenhum efeito". Mas isso é, 1. Apenas um perdão condicional, embora com aplicação particular. 2. E é apenas um ato ministerial de entrega ou investidura, e

não o ato do doador por si mesmo; nem a concessão do primeiro título: de modo que de forma alguma é próprio dizer que o ministro o perdoa, mas sim que o ministro traz e lhe entrega o perdão, e o sela no nome de seu Mestre; ou que Cristo o perdoa, e lho envia por seu ministro. Assim como é totalmente impróprio dizer que o mensageiro do rei perdoa um traidor porque ele lhe traz um perdão do rei. E embora (se concordamos com este sentido) a controvérsia restante será apenas *de nomine* [de nome], contudo não é de pequena importância quando palavras abusadas tendem a abusar dos entendimentos das pessoas: aquele que diz: "Eu perdoo os seus pecados", ensina as pessoas a tomarem-no por um deus, o que quer que ele queira dizer em si mesmo; e palavras blasfemas não serão suficientemente desculpadas por dizer que você não possui um sentido blasfemo. De modo que um pastor pode, 1. Declarar o perdão de Cristo. 2. E selar e entregar condicionalmente em nome de Cristo. Mas ele não pode perdoar as punições internas nesta vida, nem as punições eternas da próxima. 3. Mas as punições da excomunhão ele pode perdoar, ele que as deve executar.

Pergunta 6. Perdoa Deus o pecado antes que seja cometido (ou justifica o pecador dele)?

Resposta. Não, de modo algum: pois constitui uma contradição perdoar aquilo que não é, ou remitir uma pena que não é devida; mas ele de fato justificará a pessoa, não pela justiça de Cristo, mas por sua própria inocência *in tantum* [em tanto], até onde ela não seja pecadora. Aquele que não cometeu um pecado não necessita de perdão dele, nem de qualquer justiça senão de sua inocência, para justificá-lo contra a falsa acusação de fazer aquilo que

nunca fez. Deus prepara o sacrifício e o remédio antes, mediante a previsão do pecado: e fez um ato universal de perdão de antemão, o qual se tornará um perdão real para aquele que penitentemente o aceitar; e ele tem o propósito em si mesmo de perdoar a todos os que perdoará; de modo que possui o decretivo *nolle punire* [não querer punir] antes. Mas nada disso constitui perdão próprio, ou a justificação de um pecador no sentido do evangelho, como será posteriormente demonstrado.

Pergunta 7. Está uma pessoa eleita perdoada e justificada antes da fé e do arrependimento?

Resposta. (Deixando de lado o caso dos bebês, o qual depende da fé dos outros), a resposta anterior servirá para esta pergunta.

Pergunta 8. É o perdão ou justificação perfeito antes da morte?

Resposta. 1. *De re* [Da coisa]: 1. O perdão que você possui este ano não se estende aos pecados que você cometerá no próximo ano ou hora; mas deve haver um ato renovado de perdão para pecados renovados; embora não um novo evangelho, ou pacto, ou ato de esquecimento para fazê-lo, mas o mesmo pacto do evangelho realiza moralmente um novo ato de perdão, de acordo com a mente e vontade do Redentor. 2. O perdão que possuímos agora é apenas constitutivo e *in jure* [em direito], e apenas virtual quanto à justificação sentencial; mas a sentença do juiz constitui um ato mais perfectivo: ou se alguém pensa que Deus nos sentencia agora justamente diante dos anjos em qualquer tribunal celestial, contudo aquele no julgamento será um ato perfectivo mais pleno. 3. O perdão

executivo que possuímos agora, o qual é oposto à punição real, não é perfeito até o dia do julgamento; porque toda a punição não é removida até que o último inimigo, a morte, seja vencido, e o corpo seja ressuscitado da terra. 2. E agora a controvérsia *de nomine* [de nome], se é próprio chamar a nossa presente justificação ou perdão de perfeito, é facilmente decidida a partir do que foi dito *de re*.

Pergunta 9. É o nosso perdão perfeito quanto a todos os pecados que passaram?

Resposta. 1. Quanto ao número de pecados perdoados, é; pois todos estão perdoados. 2. Quanto à espécie do ato e ao efeito plenário, não o é. Pois, 1. Toda a punição não foi removida. 2. A sentença absolutória final está por vir. 3. O perdão que possuímos é, quanto à sua continuidade, apenas condicional; e o teor do pacto cessaria o perdão mesmo de todos os pecados passados se a fé e o arrependimento do pecador cessassem; não falo *de eventu* [do evento], se algum de fato cai, mas do teor do pacto, o qual pode evitar o cair. Ora, um perdão que tem muito ainda por fazer, como a condição de sua continuidade, não é tão perfeito quanto o será quando todas essas coisas forem realizadas.

Pergunta 10. Pode o perdão ou justificação ser revertido ou perdido?

Resposta. Se Deus permitirá eventualmente que os seus verdadeiros servos caiam tanto a ponto de ficarem injustificados constitui uma controvérsia sobre a qual escrevi em lugar mais adequado. 2. Mas *quoad robur peccatoris* [quanto à força do pecador], é, infelizmente,

muito fácil cair e ficar unjustified. 3. E quanto ao teor do pacto, ele continua a promessa e a ameaça condicionalmente, e, supondo o pecador defectível, ameaça com a condenação aqueles que estão agora justificados se não perseverarem, mas apostatarem, Cl 1 :23; Rm 11:22; Jo 15:9.

Pergunta 11. Deve o perdão de meus próprios pecados ser crido *fide divina* [por fé divina]? E é este o significado daquele artigo do credo: "Creio no perdão dos pecados"?

Resposta. 1. Devo crer *fide divina* que Cristo comprou e decretou um perdão condicional o qual é universal e, portanto, se estende aos meus pecados bem como aos de outros homens; e que ele ordena aos seus ministros que me ofereçam isso, e nisso me ofereçam o perdão real de todos os meus pecados, para ser meu se eu verdadeiramente me arrepender e crer: e que, se eu o fizer, os meus pecados estarão realmente perdoados. E estou obrigado em conformidade a crer em Cristo, e a tomá-lo como meu Salvador para o perdão de meus pecados. Mas este é todo o significado do credo, da Escritura e de tudo o que pertence à crença divina. 2. Mas que estou realmente perdoado não pertence à fé divina, senão sob a suposição de que eu primeiro creia; o que a Escritura não diz se o faço ou não. No sentido estrito, devo primeiro crer em Cristo para o perdão: e, em seguida, em um sentido mais amplo, devo crer que estou perdoado; isto é, devo concluir assim por um ato da razão, sendo uma das premissas *de fide* [da fé] e a outra de autoconhecimento interno.

Pergunta 12. Pode o homem confiar em sua própria fé ou arrependimento para o seu perdão e justificação de alguma forma?

Resposta. Palavras devem ser usadas com respeito ao entendimento dos ouvintes; e expressões perigosas devem ser evitadas para que não enganem os homens. Mas *de re* [da coisa]: 1. Você não deve confiar em sua fé ou arrependimento para realizar aquilo que é próprio de Deus, ou de Cristo, ou do evangelho, ou para mais do que a parte deles própria que Cristo lhes designou. 2. Você deve confiar em sua fé e arrependimento para aquilo que é verdadeiramente a parte deles própria. E se você não confiasse neles de modo algum, necessariamente teria de desesperar, ou confiar presunçosamente no que não sabe; pois Cristo não substituirá a fé ou o arrependimento por você.

Pergunta 13. Quais são as diversas causas e condições do perdão?

Resposta. 1. Deus, o Pai, constitui o eficiente principal, dando-nos Cristo, e o perdão com e por meio dele. 2. A pessoa de Cristo por seu sacrifício e méritos constitui a causa meritória. 3. O pacto ou promessa do evangelho constitui a causa instrumental, ou o ato ou concessão de perdão de Deus. 4. O arrependimento constitui a condição *sine qua non* [sem a qual não], diretamente *gratia finis* [pela graça do fim], em respeito a Deus, para quem devemos nos voltar. 5. A fé em Cristo constitui a condição *sine qua non*, diretamente *gratia medii principalis* [pela graça do meio principal], em

respeito ao Mediador, o qual é por ela recebido. 6. O Espírito Santo nos opera para estas condições.

Direções para obter o Perdão de Deus

Direção 1. Compreenda bem o ofício de Jesus Cristo como nosso Redentor, e o que é que ele fez pelos pecadores, e o que ele se compromete além disso a fazer. Pois, se você não conhece o ofício de Cristo e o seu compromisso, ou ignorará o seu verdadeiro remédio, ou se enganará por uma confiança presunçosa de que ele fará aquilo que é contrário ao seu ofício e vontade.

Direção 2. Compreenda bem o teor do pacto da graça; pois é ali que você deve saber o que Cristo dará, e a quem, e em quais termos.

Direção 3. Compreenda bem a natureza da fé e do arrependimento verdadeiros; ou, do contrário, você não poderá saber como obter o perdão, nem julgar a respeito dele.

Direção 4. Entreguem-se absolutamente a Cristo, em todos os ofícios de um Mediador, Sacerdote, Profeta e Rei. E não pensem em ser justificados por um único ato ou parte do cristianismo, pelo só crer em Cristo como um sacrifício pelo pecado. Ser um verdadeiro crente e ser um verdadeiro cristão é tudo uma coisa só; e é a fé em Cristo que constitui a condição de justificação e salvação. Estudem o pacto batismal; pois o crer em Deus Pai, Filho e Espírito Santo ali pretendido é a fé verdadeira, a qual é a condição de nosso perdão.

Direção 5. Certifique-se de que o seu arrependimento contenha em si um desejo de ser perfeitamente santo e livre de todo pecado, e uma resolução contra todo pecar conhecido e voluntário, e particularmente de que você não cometeria os mesmos pecados se tivesse novamente as mesmas tentações (supondo que não falamos de tais fraquezas nas quais os homens bons vivem; as quais, contudo, você deve desejar cordialmente abandonar).

Direção 6. Ore fervorosamente e com fé pelo perdão por meio de Cristo; inclusive pela continuidade de seu perdão anterior, e por perdão renovado para pecados renovados; pois a oração constitui o meio designado por Deus, e está incluída na fé e no arrependimento, os quais são as condições sumárias.

Direção 7. Acerte tudo entre você e os seus vizinhos, perdoando os outros, reconciliando-se com eles, confessando as suas injustiças contra eles e fazendo-lhes restituição e satisfação; pois isto também está incluído em seu arrependimento, e expressamente feito a condição de seu perdão.

Direção 8. Não despreze a entrega sacramental do perdão pelos ministros de Cristo; pois isto pertence à plena investidura e posse do benefício: nem tampouco o consolo espiritual de um pastor habilidoso e fiel, nem a absolvição pública mediante arrependimento público, caso você venha a necessitar de tal remédio.

Direção 9. Não peque mais. Refiro-me a romper decididamente com todo aquele pecado voluntário do qual você se arrepende: pois arrependimentos, propósitos e promessas de uma vida nova e santa que sejam ineficazes

nunca provarão o perdão de seus pecados; mas mostrarão que o seu arrependimento é enganoso.

Direção 10. Dediquem-se fielmente ao uso de todos aqueles meios santos que Deus designou para a superação de seus pecados; e àquela vida de santidade, justiça, amor e sobriedade que lhes é contrária. Do contrário, o seu arrependimento é fraudulento e insuficiente: estes meios, e nada menos do que todos estes, devem ser usados por aquele que quer certificar-se do perdão de seus pecados de Deus: e aquele que pensa que tudo isso é demais deve buscar o perdão por algum outro caminho que não pela misericórdia de Deus ou pela graça de Cristo; pois o perdão de Deus não é de se obter em outros termos senão naqueles da designação de Deus. Aquele que quiser criar novas condições por si mesmo deve perdoar-se a si mesmo se puder sob essas condições; pois Deus não se vinculará às leis dos pecadores.

CAPÍTULO 34
CASOS E ORIENTAÇÕES SOBRE O AUTOJULGAMENTO

Porque já disse muito sobre este assunto na terceira parte de meu *Saints' Rest*, em um *Treatise of Self-acquaintance*, em minhas *Directions for Peace of Conscience*, e antes neste livro, serei aqui mais breve nele.

Pergunta 1. Quais são os usos e razões do autojulgamento que nos devem mover a ele?

Resposta. Nos três tratados supracitados expus esses pontos amplamente. Em uma palavra, sem ele seremos estranhos para conosco mesmos; não poderemos ter conforto bem fundamentado, nem verdadeiro arrependimento e humilhação, nem justa estimativa de Cristo e da graça, nem justa observância dos movimentos do Espírito de Deus, nem verdadeira aplicação das promessas ou ameaças da Escritura, sim, perverteremos todas elas para a nossa própria destruição; nenhuma verdadeira compreensão da providência de Deus na prosperidade ou na adversidade; nenhum justo conhecimento de nosso dever: um homem que não conhece a si mesmo não pode conhecer nem a Deus, nem coisa alguma de forma correta, nem fazer coisa alguma corretamente; não pode viver de forma razoável, honesta, segura nem confortável, nem sofrer ou morrer com sólida paz.

Pergunta 2. O que devem fazer as pessoas ignorantes, cuja capacidade natural não alcançará um trabalho tão elevado como examinar e julgar a si mesmas em assuntos tão sublimes?

Resposta. 1. Não há ninguém que possua razão e habilidades suficientes para amar a Deus, odiar o pecado, viver uma vida santa e crer em Cristo que não possua razão e habilidades suficientes para saber (pelo uso de meios justos) se faz essas coisas de fato ou não. 2. Aquele que não pode alcançar a certeza deve contentar-se com os graus mais baixos de consolo, dos quais falarei nas orientações.

Pergunta 3. Até onde pode um cristão fraco aceitar o julgamento de outros, seja de seu pastor ou de conhecidos criteriosos, a respeito de sua justificação e sinceridade?

Resposta. 1. O julgamento de homem algum deve ser tomado por infalível a respeito da sinceridade de outrem; nem deve ser nele tão apoiado que se negligencie o seu próprio exame mais completo; e, quanto à matéria de fato, o que você fez ou o que há em você, homem algum pode estar tão familiarizado com isso quanto vocês mesmos. 2. Mas ao julgar se esses atos de graça que você descreve são tais como aqueles a que Deus prometeu a salvação, e ao dirigi-lo em seu autojulgamento, e ao conjeturar sobre a sua sinceridade por suas expressões e suas vidas, um amigo ou pastor fiel pode fazer aquilo que pode muito apoiá-lo e aliviá-lo contra dúvidas e temores desordenados, mostrando-lhe que a sua sinceridade é mui provável. Especialmente se você estiver seguro de que lhe diz apenas a verdade de si mesmo; e se ele for alguém familiarizado com você e com a sua vida, e o conheceu em tentações, e for alguém habilidoso nos assuntos de Deus e da consciência, e alguém verdadeiramente criterioso, experiente e fiel, que não seja tendencioso por interesse ou afeição; e especialmente quando ele não for singular em seu julgamento, mas a generalidade das pessoas criteriosas que o conhecem forem da mesma opinião; neste caso, você pode obter muito conforto no julgamento dele sobre a sua justificação, embora ele não lhe possa dar certeza própria alguma, nem deva ser absolutamente nele apoiado.

Direção 1. Que a vigilância sobre os seus corações e vidas seja o seu trabalho contínuo. Nunca se tornem

descuidados ou negligentes de si mesmos: guardem o seu coração com toda a diligência. Assim como um servo infiel pode enganá-lo se você olhar por ele apenas de vez em quando, do mesmo modo o pode fazer um coração enganoso. Que ele esteja continuamente sob os seus olhos.

Objeção. Então devo negligenciar a minha vocação, e nada mais fazer.

Resposta. Não precisa ser impedimento algum para você. Assim como todo homem que segue o seu comércio e trabalho contudo tem o cuidado de fazer tudo certo, e todo viajante tem o cuidado de não cair, e aquele que come tem o cuidado de não se envenenar ou engasgar, sem impedimento algum, mas sim para o progresso daquilo com que está ocupado; exatamente assim é com o cristão quanto ao seu coração: o cuidado vigilante nunca deve ser deixado de lado, o que quer que você esteja fazendo.

Direção 2. Vivam na luz tanto quanto for possível. Refiro-me sob um pastor criterioso e fiel, e entre cristãos instruídos e exemplares; pois eles estarão sempre familiarizando-o com o que você deve ser e fazer; e os seus erros serão facilmente detectados, e na luz você não tem tanta probabilidade de ser enganado.

Direção 3. Não desanimem aqueles que desejam admoestá-los ou repreendê-los, nem negligenciem a opinião deles sobre vocês. Não, nem mesmo as ofensas de um inimigo; pois eles podem dizer-lhe aquilo em ira (muito mais em fidelidade) que pode importar-lhe muito ouvir e ponderar, e pode dar-lhe alguma luz ao julgar a si mesmos.

Direção 4. Se você possui oportunidade tão feliz, engaje algum amigo fiel de peito para vigiar sobre você, dizendo-lhe claramente tudo o que vê de errado em você. Mas não lide de forma tão hipócrita a ponto de fazer isso no geral e depois irar-se quando ele cumpre o seu compromisso, desanimando-o por seu orgulho e impaciência.

Direção 5. Coloquem-se no caso alheio, e sejam imparciais. Quando você não puder facilmente ver as faltas dos outros, indague então se as suas próprias não seriam tão visíveis se você estivesse tão pronto a observá-las e agravá-las. E certamente nenhuma importa mais a você do que as suas próprias, nem deveriam ser tão odiosas e dolorosas para você; nem o são se você for verdadeiramente penitente.

Direção 6. Compreenda o seu temperamento e inclinação naturais, e suspeite daqueles pecados aos quais você é naturalmente mais inclinado, e ali mantenha a vigilância mais estrita.

Direção 7. Compreenda a quais tentações o seu lugar, a sua vocação, as suas relações e companhia mais o sujeitam; e ali seja mui suspeito de si mesmo.

Direção 8. Observem-se bem na hora da tentação: pois é ali que os vícios aparecerão, os quais antes jaziam cobertos e desconhecidos.

Direção 9. Suspeitem de si mesmos com mais cuidado quanto aos pecados mais comuns e mais perigosos. Especialmente a incredulidade e a falta de amor a Deus, e um preferir secreto de esperanças terrenas antes das esperanças da vida por vir; e o egoísmo, o orgulho e o

aprazimento sensual do apetite e fantasia carnais: estes constituem os pecados mais comuns, radicais e mais mortais e condenáveis.

Direção 10. Tomem tempos certos para chamarem a si mesmos a uma conta especial e estrita. Como, 1. Em sua preparação para o dia do Senhor ao fim de cada semana. 2. Em sua preparação para o sacramento do corpo e sangue de Cristo. 3. E antes de um dia de humilhação. 4. Em um tempo de doença ou outra aflição. 5. Sim, a cada noite examine as ações do dia anterior. Aquele que costuma chamar a sua consciência seriamente a prestar contas tem mais probabilidade de manter as suas contas em ordem, e de estar pronto para entregá-las a Cristo.

Direção 11. Não faça pouco caso de pecado algum que descubra em seu autoexame. Mas humilhe-se por ele diante do Senhor, e seja afetado de acordo com a sua importância, tanto em sua culpa quanto em seu mau significado.

Direção 12. E que o fim de tudo seja o exercício renovado da fé e da gratidão, e resoluções para melhor obediência daqui por diante. Para que você veja mais da necessidade e uso de um Salvador, e possa com gratidão engrandecer aquela graça que superabunda onde o pecado abundou; caminhando de forma mais vigilante e santa no tempo vindouro.

Direção 1. Se você deseja julgar o estado de sua alma de forma a não ser enganado, não venha para o exame com um preconceito ou conceito superconfiante de sua própria condição, seja como boa ou ruim. Aquele que já está assim predisposto a decidir o que julgar antes de examinar faz de

seu exame apenas um meio para confirmar-se em seu conceito.

Direção 2. Não permita que o amor-próprio, a parcialidade ou o orgulho, de um lado, ou o temor, de outro lado, pervertam o seu julgamento no exame, impedindo-o de discernir a verdade. Alguns homens não conseguem ver as evidências mais claras de seus corações não santificados porque o amor-próprio lhes permitirá crer em nada de si mesmos que seja mau ou triste. Crerão naquilo que é bom e agradável, seja isso mui evidentemente falso. Como se um ladrão pudesse ser salvo da forca por um forte conceito de que ele é um homem honesto; ou o conceito de que alguém é instruído o tornasse instruído. Outros, por timidez, não conseguem crer em nada que seja bom ou confortável de si mesmos: como um homem no topo de uma torre que, embora saiba que está firme e seguro, contudo treme quando olha para baixo, e mal consegue crer em seu próprio entendimento. Silencie todas as objeções de uma mente tímida em excesso, e ela duvidará e tremerá ainda.

Direção 3. Não se surpreendam de repente e sem preparação com a pergunta sobre se são justificados ou não; mas tratem disso como o negócio mais sério de sua vida. Uma pergunta grande e difícil deve ter uma resposta bem estudada, e não ser respondida com pressa e de forma precipitada. Se alguém o encontrasse na rua e lhe exigisse alguma conta grande e longa, você lhe pediria que esperasse até que revisasse os seus memoriais, ou tivesse tempo para calculá-la. Tome algum tempo designado para fazer isto, quando não tiver pensamentos intrusivos para impedi-lo; e não pense que isso deve ser resolvido

facilmente ou rapidamente na primeira indagação, mas sim pela consideração mais sóbria e criteriosa, e paciente espera até que seja feito.

Direção 4. Compreenda o teor do pacto da graça, o qual constitui a lei pela qual você deve julgar o seu estado: pois se você errar nisso, errará na conclusão. É um juiz inadequado aquele que ignora a lei.

Direção 5. Não confunda a natureza da verdadeira fé em Cristo. Aqueles que pensam que ela consiste em crer que estão realmente perdoados e serão salvos, alguns presumem ou creem nisso quando é falso, e alguns deseperam porque não conseguem crer nisso. E aqueles que pensam que a fé consiste em tal apoio em Cristo que sempre aquieta a mente pensam que não possuem fé quando não possuem tal quietude. E aqueles que pensam que ela consiste apenas em descansar no sangue de Cristo para o perdão apegam-se àquilo que não é fé verdadeira. Mas aquele que sabe que a fé em Cristo nada mais é do que o cristianismo, ou consentir no pacto cristão, pode saber que consente, mesmo quando encontra muita timidez e perturbação, e não se apega a uma fé enganosa.

Direção 6. Lembre-se em seu autojulgamento de que a vontade é o homem, e o que você verdadeiramente deseja ser, isso você é no sentido do pacto da graça.

Direção 7. Mas lembre-se também de que os seus esforços devem provar a verdade de seus desejos, e que desejos ociosos não constituem os atos denominadores da vontade.

Direção 8. Também os seus sucessos devem constituir a prova da sinceridade de seus esforços: pois tal esforço contra o pecado que termina em render-se a ele, e não na vitória, não representa prova da retidão de seus corações.

Direção 9. Observem o que são no dia do exame; pois em outros tempos é mais fácil ser enganado: e registrem o que então descobrem em si mesmos: o que o homem é no exame, isso ele é de fato.

Direção 10. Especialmente examinem a si mesmos no grande ponto de abandonar tudo por Cristo e pelas esperanças da fruição de Deus na glória. Saibam de uma vez se Deus ou a criatura pode mais com vocês, e se Deus ou a terra lhes é mais caro, e mais estimado, e praticamente preferido, e então vocês poderão julgar infalivelmente do seu estado.

Direção 11. Lembre-se de que na melancolia e fraqueza do entendimento você não está apto para o cálculo de contas tão grandes; mas deve apegar-se à lembrança de descobertas anteriores e ao julgamento dos criteriosos, sendo paciente até uma época mais adequada, antes que possa esperar ver em si mesmo a evidência clara de seu estado.

Direção 12. Nem se esqueça de quais descobertas anteriores você realizou, nem tampouco descanse totalmente nelas sem renovar o seu autoexame. Aqueles que encontraram a sua sinceridade e pensam que, da próxima vez em que estiverem em dúvida, não deveriam buscar conforto no que passou privam-se de muito do meio de sua paz. E aqueles que confiam tudo às descobertas anteriores de seu bom estado procedem sob

princípios inseguros e negligentes; e descobrirão que tais cursos preguiçosos e arriscados não servirão para o caso.

Direção 13. Não julguem a si mesmos por aquilo que é incomum e extraordinário em vocês, mas pelo teor e rumo de seus corações e vidas. Um homem mau pode parecer bom em algum bom humor; e um homem bom pode parecer mau em alguma queda extraordinária. Julgar um homem mau por suas melhores horas, e um homem bom pelas suas piores, é o caminho para ser enganado em ambos.

Direção 14. Não olhem de forma desigual para o bem ou mal que há em vocês; mas considerem a ambos imparcialmente como são. Se você observar apenas todo o bem que há em você, e desconsiderar o mau; ou buscar apenas pelas suas faltas, e desconsiderar as suas graças; nenhum destes caminhos o conduzirá ao verdadeiro conhecimento de si mesmo.

Direção 15. Não olhem tanto para o que deveriam ser, ou para o que os outros são, a ponto de esquecerem o que são vocês mesmos. Alguns olham tanto para a glória daquela perfeição plena que carecem que a sua graça presente lhes parece nada; como uma vela para quem esteve contemplando o sol. E alguns olham tanto para a devassidão dos piores que pensam que a sua menor maldade constitui santidade.

Direção 16. Não permitam que as suas mentes divaguem em confusão quando se dedicarem a tão grande trabalho: mas mantenham-nas próximas à matéria em mãos e conduzam-nas até que tenham chegado a alguma satisfação e conclusão.

Direção 17. Se você não for capaz por meditação de fazê-lo por si mesmo, obtenha a ajuda de algum amigo ou pastor capaz, e faça-o em um caminho de conferência com ele: pois a conferência manterá os seus próprios pensamentos em sua tarefa; e o seu pastor poderá guiá-los, e dizer-lhe em qual ordem proceder, desfazendo os seus equívocos, além de confirmá-lo por seu julgamento de seu caso.

Direção 18. Se você não puder ter tal ajuda à mão, escreva os sinais pelos quais julga bem ou mal de si mesmo; e envie-os a algum teólogo criterioso para o seu julgamento e conselho sobre o caso.

Direção 19. Não espere que a sua garantia seja perfeita nesta vida; pois enquanto toda graça não for perfeita, ela não pode ser perfeita. Expectativas injustas decepcionadas constituem a causa de muita inquietação.

Direção 20. Distinga entre o conhecimento de sua justificação e o conforto dela. Muitos podem ver e ser convencidos de que são sinceros, e contudo terem pouco conforto nisso por meio de um estado triste ou perturbado da mente ou do corpo, e falta de preparação para a alegria; ou por meio de algumas expectativas de confortos entusiásticos.

Direção 21. Exercite a graça sempre que desejar vê-la: hábitos ociosos não são percebidos. Creia e arrependa-se até sentir que crê e se arrepende, e ame a Deus até sentir que ama a ele.

Direção 22. Esforce-se por aumentar a sua graça se quiser estar certo dela. Pois uma pequena graça é

dificilmente percebida; ao passo que graus fortes e grandes facilmente se manifestam.

Direção 23. Registre quais descobertas seguras você realizou de seu estado mediante a melhor investigação, para que lhe sirva em tempo de posterior necessidade; pois embora não o autorize a não investigar mais, ser-lhe-á muito útil em suas dúvidas posteriores.

Direção 24. O que você puder fazer em um tempo, acompanhe de novo e de novo até que tenha terminado. Um negócio dessa consequência não deve ser deixado de lado por cansaço ou desânimo. Feliz é aquele que em toda a sua vida obteve garantia da vida eterna.

Direção 25. Que todas as suas descobertas o conduzam a deveres posteriores. Se você encontrar qualquer causa de dúvida, que isso o incite à diligência para removê-la. Se encontrar sinceridade, converta-a em alegres agradecimentos ao seu Regenerador; e não se detenha na mera descoberta de seu estado presente, como se não tivesse mais nada a fazer.

Direção 26. Não conclua de pior forma a respeito dos efeitos de uma descoberta de sua condição ruim do que há causa. Lembre-se de que, se você descobrir que não está justificado, não se segue que deve continuar assim: você não busca pela sua doença ou miséria como incuráveis, mas como quem possui um remédio suficiente à mão, até mesmo trazido às suas portas, e que vem implorar pela sua aceitação, sendo livremente oferecido e instado sobre você; e, portanto, se você descobrir que não é regenerado, agradeça a Deus por ter-lhe mostrado o seu caso; pois se você não o tivesse visto, teria perecido nele: e apresente-se

imediatamente a Deus em Jesus Cristo, e então você poderá julgar melhor de si mesmo: não é para o desespero, mas para a recuperação que você é chamado a examinar e julgar. Aliás, se você apenas achar que é uma pergunta difícil demais para você se até aqui tem sido sincero ou não, desvie-se dela e, resolutamente, apresente-se a Deus por Cristo, e coloque as suas esperanças na vida por vir, desviando-se deste mundo e carne enganosos, e então o caso será plano para o tempo vindouro. Se você duvida de seu arrependimento anterior, arrependa-se agora, e coloque-o fora de dúvida deste tempo em diante.

Direção 27. Quando você não puder no presente alcançar a garantia, não desvalorize uma probabilidade ou esperança verdadeira de sua sinceridade: e ainda assim adira à graça universal, a qual constitui o fundamento de sua graça e conforto especiais. Refiro-me a: 1. A bondade infinita de Deus, e a sua misericórdia para com o homem. 2. A suficiência de Jesus Cristo nosso Mediador. 3. A dádiva universal de perdão e salvação, a qual é condicionalmente feita a todos os homens no evangelho. Lembre-se de que o evangelho representa boas-novas inclusive para aqueles que são inconversos. Alegre-se nesta misericórdia universal que lhe é oferecida, e em que você não está como os demônios, fechado no desespero; e muito mais alegre-se se você possui alguma probabilidade de que é verdadeiramente penitente e justificado pela fé: que isto o ampare até que possa ver mais.

Direção 28. Gaste muito mais tempo fazendo o seu dever do que examinando o seu estado. Não fique tanto perguntando: "Como saberei que serei salvo?" quanto perguntando: "O que farei para ser salvo?". Estude o dever

deste dia de sua visitação, e aplique-se a ele com todas as suas forças. Busque primeiro as coisas que são de cima, e mortifique as suas luxúrias carnais; dedique-se a uma vida santa, celestial, e faça todo o bem de que for capaz no mundo: busque a Deus como revelado em e por nosso Redentor: e, agindo assim: 1. A graça se tornará mais notável e discernível. 2. A consciência será menos acusadora e condenatória, e crerá mais facilmente na reconciliação de Deus. 3. Você pode estar seguro de que tal trabalho nunca será perdido; e, no bem fazer, você pode confiar as suas almas a Deus. 4. Assim, aqueles que não são capazes em um caminho argumentativo de examinar o seu estado para qualquer plena satisfação podem obter aquele conforto por sentimento e experiência, o qual os outros obtêm por raciocínio. Pois o próprio exercício do amor a Deus e ao homem, e de uma mente celestial e vida santa, possui um prazer sensível em si mesmo, e alegra a pessoa que está assim empregada: como se um homem devesse obter o conforto de seu aprendizado ou sabedoria, um caminho é pelo discernir o seu aprendizado e sabedoria, e dali inferir a sua própria felicidade; mas outro caminho é exercitando aquele aprendizado e sabedoria que ele possui, lendo e meditando em alguns livros excelentes, e realizando descobertas de algumas excelências misteriosas nas artes e ciências, as quais o alegram mais pelo próprio agir do que a mera conclusão de seu próprio aprendizado no geral faria. Que prazer tiveram os inventores da carta marítima e da atração magnética, e da imprensa, e das armas, em suas invenções! Que prazer teve Galileu em seus telescópios, ao encontrar as desigualdades e partes sombrias da lua, os planetas mediceanos, os adjuntos de Saturno, as mudanças de

Vênus, as estrelas da *via lactea*, etc.! Exatamente assim uma pessoa séria e santa possui prazeres mais sensíveis no exercício correto da fé, do amor e da santidade, na oração, na meditação e na conversação com Deus e com as hostes celestiais do que o mero discernir da sinceridade pode proporcionar. Portanto, embora seja um dever grande e importante examinar a nós mesmos, e julgar a nós mesmos antes que Deus nos julgue, mantendo estreita familiaridade com os nossos próprios corações e assuntos, contudo é a adição da prática diária de uma vida celestial o que deve constituir o nosso principal negócio e prazer. E aquele que for fiel em ambos conhecerá por experiência as excelências do cristianismo e da santidade e, em seu caminho na terra, terá tanto uma perspectiva do céu quanto um antegosto do descanso e dos prazeres eternos.

UM PROGNÓSTICO MORAL

Primeiro,

O que acontecerá às igrejas na Terra até a sua concórdia, pela restituição de sua pureza, simplicidade e caridade primitivas;

Segundo,

Como essa restituição provavelmente será feita (se é que será) e o que lhes acontecerá dali em diante até o fim, nessa era de ouro do amor.

Escrito por

Richard Baxter;

Quando, pela comissão do rei, nós tratamos (em vão) pela concórdia, em 1661.

E agora publicado, não para instruir os orgulhosos que desdenham aprender, nem para tornar sábios aqueles que não querem ser feitos sábios; mas para instruir os filhos do amor e da paz em seus deveres e expectativas.

Para dizer à posteridade que

as coisas que lhes sobrevieram foram preditas;

e que o mal poderia ter sido evitado, e a abençoada paz na Terra alcançada, se os homens tivessem sido tão somente dispostos; e não tivessem fechado seus olhos e endurecido seus corações contra os raios de luz e amor.

Ao Leitor.

Leitor,
Faz muitos anos desde que esta Prognosticação foi escrita (1661, exceto as treze últimas linhas); mas ela foi deixada de lado, para que não ofendesse os culpados. Mas o autor agora pensa que a utilidade de advertência pode superar os inconvenientes do desagrado dos homens; pelo menos para a posteridade, se não para a presente era, da qual ele está se despedindo. Suas suposições são tais que não podem ser negadas, a saber:

1. Ec 1:9, "O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol."

2. As mesmas causas, com as mesmas circunstâncias, terão os mesmos efeitos sobre receptores igualmente dispostos.

3. *Operari sequitur esse* [o agir segue-se ao ser]: conforme as naturezas são, assim elas agem; exceto quando dominadas por forças maiores.

4. O apetite, sensitivo e racional, é o princípio do movimento; e o que quer que os homens amem, eles desejarão e buscarão.

5. Portanto, o interesse conduzirá os negócios do mundo; e aquele que melhor puder compreender todos os interesses será o melhor prognosticador moral; na medida em que os homens são causas dos eventos.

6. Sendo o agradar a Deus e a felicidade de suas próprias almas e das almas alheias o interesse dos verdadeiros crentes; e sendo a vida temporal, o prazer e a prosperidade o interesse aparente e estimado dos incrédulos; interesses opostos os levarão por caminhos contrários.

7. Os contrários, quando próximos e militantes, serão incômodos uns aos outros e buscarão a destruição ou o enfraquecimento mútuos.

8. Os sentidos e a experiência de todos os homens, em todas as eras, devem ser cridos em relação aos seus próprios objetos.

9. Homens de atividade, poder e grande número terão vantagem para observância e sucesso, acima daqueles que são modestos, obscuros e poucos.

10. No entanto, os homens ainda serão homens; e a natureza racional renderá algum aspecto amigável em direção à verdade.

11. Aqueles que são ignorantes, e desviados pela paixão, e levados pela correnteza, por homens de malignidade ou facção, podem cair em si quando a aflição, a experiência e a ponderação tiverem tempo de agir; e podem se arrepender e desfazer algo do que fizeram.

12. Assim como o sentido será sentido, quando a fé tiver feito o seu melhor; assim a fé será fé, quando a carne ou o sentido tiverem feito o seu pior.

13. Homens que se fixam em um interesse celestial e eterno não serão oportunistas e mudados pelas vontades ou crueldades dos homens mundanos.

14. Quando todos os homens tiverem se cansado de seus artifícios e agitações, a moderação e a paz deverão ser o estado de quietude.

15. Quando toda a sabedoria mundana tiver feito o seu máximo, e os esforços dos homens estiverem alados com

as maiores expectativas, Deus será Deus, e destruirá o que Ele não quer; e governará todas as coisas para a realização de sua mais abençoada vontade. Amém.

É sobre essas suposições que os seguintes prognósticos se fundam; as quais devo advertir o leitor para não confundir com narrativas históricas: mas exorto-o a saber o que foi e o que é, se ele deseja saber o que será; e a certificar-se do descanso eterno com Cristo, quando tiver de deixar um mundo pecaminoso e inquieto.

Um Prognóstico Moral do que Deve Ser Esperado nas Igrejas da Cristandade, até que a Era de Ouro Retorne, ou até o Tempo da Verdadeira Reforma e Unidade.

1. **A humanidade nascerá em um estado de infância e nescência**, isto é, sem conhecimento real.

2. **Sim, com uma natureza que possui disposições inatas à preguiça**, e a prazeres e negócios que desviam a atenção; e mais do que isso, com uma aversão àqueles princípios que são necessários para a santificação e a sabedoria celestial. A mente carnal terá inimizade contra Deus, e não se importará com as coisas do Espírito, nem se sujeitará à lei de Deus, Rm 8:5-8.

3. **O aprendizado sólido, ou a sabedoria**, em coisas de natureza tão elevada como são os assuntos da salvação, não será alcançado sem estudo árduo, oração fervorosa e submissão humilde às instruções; e tudo isso suportado pacientemente por um longo tempo, ou melhor, realizado de bom grado e com deleite.

4. E se as sementes da sabedoria não nascerem conosco, em uma disposição capacitada de entendimento; mas, pelo contrário, uma falta de percepção natural bloquear o caminho; mesmo o tempo e o trabalho nunca (sem um milagre) levarão alguém a qualquer grande eminência de entendimento.

5. **E aqueles que têm tanto capacidade quanto uma disposição industriosa** devem ter também professores sadios, capazes e diligentes; ou, pelo menos, escapar das mãos de sedutores e de guias parciais e facciosos.

6. **São poucos os que nascem com boas capacidades naturais**, muito menos com uma agudeza dispositiva especial; e poucos os que se submeterão à dor e à paciência que a obtenção da sabedoria exige; e poucos os que terão a felicidade de ter professores sadios e diligentes; mas o menor número de todos terá a concorrência de todos estes três fatores.

7. **Portanto, haverá muito poucos homens realmente sábios no mundo**; a ignorância será comum, a sabedoria será rara.

8. **Portanto, o erro ou as falsas opiniões serão comuns.** Pois, a menos que os homens nunca pensem nas coisas de que são ignorantes, ou não julguem nada a respeito delas de uma forma ou de outra, eles certamente errarão, na medida em que julgarem na ignorância. Mas quando coisas de maior importância são apresentadas como verdadeiras ou falsas, para serem acreditadas ou rejeitadas, a mente mais ignorante é naturalmente inclinada a emitir seu julgamento ou opinião sobre elas de uma forma ou de outra; e a apreendê-las de acordo com a

luz em que se encontra, e a pensar nelas conforme está disposta. De modo que a ignorância e o erro concorrerão.

9. **Aquele que erra pensa que está correto e que não erra**; pois errar, e saber que erra no julgamento, é uma contradição e um impossível. (Contudo, em palavras e ações, um homem pode errar e saber que erra.)

10. **Aquele que não sabe, e que erra, não percebe aquela evidência da verdade** que deveria fazê-lo recebê-la, e que faz outros homens recebê-la; e, portanto, não sabe que, de fato, outro está correto, ou vê algo mais do que ele.

11. **Especialmente quando cada homem é um estranho à mente e à alma de outro**, no que diz respeito a qualquer inspeção imediata; e, portanto, não conhece o conhecimento do outro, nem as razões convincentes de seu julgamento.

12. **Como nenhum homem é movido contra os seus próprios erros pelas razões que desconhece**; assim o orgulho, o amor-próprio e a parcialidade daí decorrente inclinam todos os homens naturalmente a superestimar seus próprios entendimentos e, assim, a serem excessivamente confiantes em todas as suas próprias concepções e excessivamente rígidos na defesa de todos os seus erros. Sendo o orgulho e o egoísmo as primícias de Satanás e a raiz de todo mal positivo na alma do homem; assim, o homem é naturalmente mais orgulhoso daquilo que é a honra do homem, que é o seu entendimento e bondade, do que daquilo que é comum a um animal, como a força, a beleza, os ornamentos, etc. Portanto, o orgulho do entendimento e da bondade frequentemente vive

quando o vestuário sórdido nos diz que o orgulho infantil dos ornamentos está morto. E este orgulho torna muito difícil, aos mais ignorantes e errantes, conhecer sua ignorância e erro, ou sequer suspeitar de seus próprios entendimentos.

13. **Aquele que vê apenas poucas coisas não vê muito para fazê-lo duvidar**, e não vê as dificuldades que deveriam refrear sua confiança e rigidez em seu caminho.

14. **Aquele que vê muitas coisas, e que claramente sabe muito**; especialmente se as vê em sua ordem e relações mútuas, e não deixa de fora nenhuma parte substancial que seja necessária para abrir a significação do restante.

15. **Aquele que vê muitas coisas de forma desordenada e confusa**, e não em um método devido, e deixa de fora algumas partes substanciais, e não tem um conhecimento digerido, sabe muito e erra muito, e pode fazer barulho no mundo dos ignorantes, como se fosse um homem excelente e erudito; mas tem pouco do deleite interior, ou do poder e benefícios do conhecimento.

16. **Aquele que vê muitas coisas, mas de forma sombria, confusa**, e não no lugar e método corretos, não pode reconciliar as verdades entre si; mas é como um garoto com um par de quebra-cabeças de ferro, ou como alguém que tem seu relógio todo em pedaços e não sabe como juntá-los. E, portanto, inclina-se a ser um cético.

17. **Esta classe de céticos difere muito dos cristãos humildes**, e frequentemente tem pensamentos tão

elevados de seus próprios entendimentos quanto quaisquer outros: pois eles atribuem a causa às dificuldades nos objetos, em vez de a si mesmos; a menos que se inclinem ao embrutecimento ou ao saduceísmo, e considerem o entendimento do homem incapaz de conhecimento verdadeiro, e assim lancem a culpa na natureza humana como tal, isto é, no Criador.

18. **Poucos esperam ver a dificuldade das coisas a ponto de duvidar ou ser céticos.** Mas muito menos conhecem o suficiente para resolver suas dúvidas e dificuldades: portanto, embora (como diz o Bispo Jewel sobre os pastores fiéis) eu não diga que haverá poucos cardeais, poucos bispos, poucos doutores, poucos decanos, poucos jesuítas, poucos frades (haverá bastantes destes), contudo haverá poucos teólogos e pastores sábios e criteriosos, mesmo nos melhores e mais felizes países.

19. **Visto que aquele que não sabe, ou que erra, não sabe que outro sabe**, ou está correto quando ele mesmo está errado; portanto, ele não sabe a cujo julgamento honrar e submeter-se, caso viesse a suspeitar ou ser afastado do seu próprio: e, portanto, não é tão feliz a ponto de ser capaz de escolher o professor mais adequado para si.

20. **Nesta escuridão, portanto, ou ele se lança carnalmente sobre os mais elevados e honrados do mundo**, onde tem mais vantagens para fins mundanos; ou segue a fama do tempo e do país onde está; ou se une ao voto majoritário daquele partido, seja ele qual for, que seu entendimento mais estima e honra; ou então com alguma pessoa que tenha mais vantagem sobre ele.

21. **Se qualquer um destes caminhos o levar a estar correto**, ele também estará correto materialmente, e poderá parecer um homem ortodoxo, pacífico e digno de louvor; mas onde eles estiverem errados, ele se contentará com a reputação de estar correto e com a boa opinião daqueles com quem concorda, os quais se lisonjeiam e se aplaudem mutuamente na escuridão.

22. **Quando os homens sábios são poucos, eles só podem estar em poucos lugares**; e, portanto, estarão ausentes da maioria das pessoas, ricas ou pobres, que precisam de instrução. Além disso, o seu pendor aos estudos inclina-os, como Jerônimo, a serem mais retirados do que outros que sabem menos.

23. **Esta confiança em uma mente errante não é apenas o caso dos professores, mas também dos rebanhos**; mas geralmente é mais fortalecida naqueles do que nestes: pois pensam que a honra do aprendizado e da sabedoria é devida ao seu lugar, vocação, nome e posição nas universidades; por mais vazios que eles mesmos sejam. E consideram uma dupla desonra (como de fato é) para um professor ser considerado ignorante; e um prejuízo para o seu trabalho e ofício, e para as almas do povo, que devem por sua honra ser preparados para tirar proveito deles; e, portanto, sofrem mais impacientemente sob qualquer detecção de sua ignorância do que o povo comum.

24. **Não é a mera honestidade e piedade que bastarão para salvar ministros ou o povo** desta ignorância, falta de discernimento e erro; tendo havido sempre, entre os próprios ministros piedosos, poucos

homens criteriosos que sejam aptos para investigar uma verdade difícil, ou para defendê-la contra um adversário sutil, ou para ver o sistema das verdades teológicas em seu devido método, harmonia e beleza.

25. **A moralidade possui inúmeras dificuldades, bem como a teologia escolástica**; porque o bem e o mal moral são ordinariamente tais por acidentes preponderantes (as ações como ações não sendo nem um nem outro, mas apenas de consideração física). E o trabalho de um verdadeiro casuísta é comparar tantos acidentes e discernir na comparação qual prepondera, que isso requer um engenho agudo, amplo e de longo alcance para tornar um homem um verdadeiro solucionador de casos de consciência. E, consequentemente, para ser um pastor criterioso, que não conduzirá o povo a erros.

26. **Assim como poucos professores têm capacidade natural para a exatidão**, e uma disposição e paciência para estudos longos e trabalhosos; assim, muitos, por sua supervisão pastoral das almas, e muitos pelas necessidades de suas famílias (especialmente em tempos de perseguição, quando todo o seu sustento público se vai, e eles devem viver, com suas famílias, da caridade do povo, talvez pobre e perseguido como eles), são impedidos daqueles estudos que de outra forma realizariam.

27. **São poucos os que crescem em muita exatidão de julgamento sem escrever muito** (para si mesmos ou para outros); pois o estudo que deve ser exatamente ordenado e expresso pela pena é geralmente (no final) o estudo mais exato: como diz o Lorde Bacon, "A leitura

torna o homem completo; a conversação torna-o ágil; e a escrita torna-o exato." Há poucos Cameros, homens de julgamento claro e que evitam escrever. E há poucos teólogos, comparativamente, que têm oportunidade de escrever muito.

28. **Aqueles que erram na teologia pensam que suas falsidades são a verdade de Deus**; e assim honrarão aquilo que Ele odeia, com a pretensão de sua autoridade e nome.

29. **Portanto, eles convocarão o seu próprio zelo e o de outros homens para defender essas falsidades** como se fossem para Deus, e pensarão que, ao fazerem isso, prestam serviço a Deus.

30. **E o interesse de sua própria posição, honra e objetivos se insinuará secretamente**, mesmo quando eles não o perceberem, e aumentará o seu zelo contra os opositores.

31. **Portanto, visto que eles costumam ser muitos, e os homens sábios poucos**, eles esperarão que o número dê precedência às suas opiniões, e chamarão de orgulhosos ou heréticos aqueles que os contradizem, e se esforçarão para difamá-los como homens presunçosos e cheios de opinião.

32. **Portanto, muitos ministros piedosos serão grandes opositores de muitas daquelas verdades de Deus** que eles não conhecem e sobre as quais erram, e ajudarão no serviço de Satanás no mundo; e serão os autores de facções e contendas nas igrejas; enquanto muitos são "orgulhosos, nada sabendo" (naqueles

assuntos em que pensam ser mais ortodoxos), "mas delirando acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento" (nisto) "e privados da verdade", 1 Tm 6:4-5.

33. **E se muitos homens bons se posicionarem erroneamente contra aquela verdade** que qualquer homem mais sábio do que eles tornar conhecida, os mundanos e maliciosos, que têm uma inimizade múltipla contra ela, estarão prontos para fortalecê-los com a sua concordância e para se juntar à oposição.

34. **Não aqueles que são mais sábios à distância, mas aqueles que estão mais próximos do povo** e estão sempre com ele, são os mais propensos a prevalecer para fazer discípulos deles e trazê-los à sua mente: tamanho é o proveito de falar diariamente e com confiança a almas ignorantes, quando não há ninguém para falar contra eles e tornar conhecida a sua tolice.

35. **Especialmente se esses mesmos homens conseguirem obter interesse em sua estima**, bem como proximidade, e se fazerem estimados como os melhores ou mais sábios homens.

36. **Portanto, clérigos jesuíticos e mundanos sempre se aproximarão dos grandes homens**, e se insinuarão junto aos nobres, e difamarão continuamente os que são sábios e bons, para que estes pareçam odiosos e eles próprios pareçam excelentes, e assim possam vencer por aparências enganosas.

37. **E farão o seu melhor para providenciar que todos os homens sábios e bons**, que são contra o seu interesse, sejam banidos dos palácios dos príncipes e nobres onde eles estão; para que a presença destes não confute os seus caluniadores, e eles não sejam como "luzes que ardem e brilham", que carregam consigo o seu testemunho por onde passam: e também para trazê-los sob censuras e sofrimentos públicos estigmatizantes; para que os seus nomes fiquem infames e odiosos no mundo.

38. **E os pastores heréticos farão um jogo mais rasteiro**, e se infiltrarão nas casas de pessoas tolas, preparadas pela ignorância e por perturbadores da alma para receberem suas heresias.

39. **Entre estes dois tipos de pastores nocivos** (os mundanos e os heréticos), e também a multidão de professores honestos, fracos e errantes, os mais sadios e dignos serão tão poucos que a grande maioria do povo (ricos e pobres) provavelmente viverá sob as influências e vantagens de homens errantes; e, portanto, eles próprios serão um povo errante.

40. **Na medida em que os homens são carnais, o seu próprio interesse carnal os governará.** E tanto o clero mundano quanto o herético são governados por interesses carnais, embora não os mesmos materialmente. E os ministros mais honestos, porém errantes, são influenciados por seus interesses demasiadamente; a ponto de, por esta razão, não ter sido supervalorização de Timóteo, nem injustiça para com os outros pastores, que fosse claramente dito por Paulo: "Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso

estado. Porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus", Fp 2:20-21. "Dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atrair os discípulos após si", At 20:30. Além dos lobos vorazes que não poupariam os rebanhos.

41. **O interesse, então, do clero mundano consistirá em agradar os grandes do mundo**; por senhorios, riqueza mundana e honra, e para serem feitos governantes de seus irmãos e terem as suas vontades: e o interesse dos heréticos será ter muitos que partilhem de sua própria opinião para admirá-los: e o interesse dos ministros íntegros será agradar a Deus, propagar o evangelho, aumentar a igreja e salvar as almas dos homens; contudo, de modo que tenham um interesse subordinado para alimento, vestuário, famílias e reputação necessária, a qual eles são propensos a superestimar.

42. **Portanto, será o grande ofício do clero mundano agradar e lisonjear os governantes do mundo**, e por todas as insinuações artificiais, e por seus amigos, introduzir-se em seu favor, e por meio de escárnios e calúnias afastar todos os outros que são contra o seu interesse.

43. **E será o ofício dos heréticos insinuarem-se junto ao povo mais dócil**, especialmente como ministros de verdade e justiça, que têm algo de mais excelente em conhecimento ou santidade do que os fiéis ministros de Cristo.

44. **E será o trabalho dos ministros fiéis salvar as almas dos homens.** Mas com graus tão variados de

abnegação ou egoísmo, conforme possuem graus variados de sabedoria e santidade.

45. **Muitos príncipes grandes e de disposição piedosa**, como Constantino, pensarão que honrar e elevar o clero ao poder e riqueza mundanos é honrar a Deus e a religião cristã; e que a grande munificência é adequada para a sua própria grandeza.

46. **E porque tal honra e riqueza não podem possivelmente ser concedidas a todos**, isso deve criar uma grande disparidade e estabelecer alguns como senhores sobre os demais.

47. **E a inevitável fraqueza, paixões e divisões do clero** farão os governantes pensarem que há necessidade de que, além do governo civil, existam alguns de seu próprio ofício para governar os demais e mantê-los em ordem, obediência e paz.

48. **A ambição e a cobiça abusarão desta munificência dos príncipes**: e enquanto quaisquer cargos eclesiásticos forem tão grandes (além do grau de uma mera subsistência encorajadora) a ponto de serem uma forte isca para atrair os desejos de uma mente orgulhosa e mundana, os mais orgulhosos e mundanos que estiverem ao alcance da esperança serão os que buscarão, por si mesmos e por seus amigos.

49. **Homens mortificados, humildes e celestiais nunca os buscarão**, ou não o farão com grande avidez; sendo o seu apetite menor e as suas restrições muito maiores.

50. **Portanto, aqueles que têm os apetites mais aguçados pela grandeza e cargos eclesiásticos**, e são os buscadores ávidos, são os mais propensos a alcançá-los.

51. **Portanto, os maiores amantes da riqueza e da honra mundanas têm mais probabilidade de ainda serem os senhores entre o clero**; exceto em tempos maravilhosamente felizes, quando príncipes sábios e piedosos chamam os mais dignos que não o buscam, e rejeitam estes buscadores sedentos.

52. **Os maiores amantes da riqueza e da honra mundanas são os piores homens**, 1 Jo 2:15; Tg 4:4, etc.

53. **Portanto, exceto nos tempos supracitados**, os piores homens ainda serão os ricos e poderosos no clero, na maior parte, ou pelo menos os mundanos que são muito maus.

54. **Estas mentes carnais são inimizade contra Deus** e não podem estar sujeitas à sua lei. E a amizade do mundo é inimizade contra Deus. E a honra e a riqueza destes homens mundanos serão tomadas por eles como o seu interesse; e eles se disporão a defendê-las contra todos os que as colocarem em perigo.

55. **A doutrina e a prática da humildade, mortificação, desprezo do mundo, abandonar tudo, tomar a cruz, etc.**, constituem grande parte da religião cristã; contudo, embora o clero mundano possa formalmente pregá-la, suas mentes e interesses estão em inimizade com ela.

56. **Tais homens farão cânones eclesiásticos de acordo com os seus interesses e mentes.**

57. **E julgarão os ministros e o povo de acordo com o seu interesse e mente**; quem é sadio e quem é errôneo; quem é honesto e quem é mau; quem é digno de favor e quem é digno de todas as reprovações que se possam conceber contra ele.

58. **Os ministros e o povo humildes e mortificados**, que são seriamente os servos de um Cristo crucificado e colocam suas esperanças e porção em outro mundo, têm uma disposição santa, contrária a esta mente mundana e carnal; e a sua maneira de pregar terá um sabor diferente, e o teor de suas vidas um curso contrário.

59. **A generalidade do melhor povo nas igrejas cristãs perceberá a diferença** entre a maneira mundana e a maneira celestial de pregar e de viver, e amará e honrará esta última muito acima da primeira; porque a sua nova natureza se adequa às coisas espirituais e os capacita a saboreá-las.

60. **O pior dos homens viciosos e mundanos rejeitará a maneira espiritual de pregar e viver**, e se unirá ao clero mundano contra ela.

61. **Sendo o clero mundano hipócrita em relação ao cristianismo e à piedade** (como Judas, que amava mais a bolsa do que a Cristo), eles farão para si mesmos uma religião que consiste no mero cadáver e imagem morta da verdadeira religião; de palavras definidas, ações, formalidades e ordens que em si mesmas são (muitas, pelo menos, se não todas) boas; mas a vida eles não suportarão.

62. **Esta imagem da verdadeira religião, ou cadáver da piedade, eles ornamentarão** com muitas flores adicionais de seus próprios jardins, algumas toleráveis e outras corruptoras: para que possam ter algo que tanto suas próprias consciências quanto o mundo possam considerar como religião honrosa; para que a impiedade declarada não aterrorize a consciência por dentro, nem os envergonhe no mundo por fora.

63. **Esta imagem da religião, assim ornamentada, adequar-se-á também aos seus ouvintes e povo carnais**, para os mesmos fins; e, portanto, se tornará o seu interesse unificador.

64. **Aquilo que é apenas uma erva daninha entre estas flores, os ministros e o povo mais celestiais desaprovarão**, e muito mais desaprovarão a face repugnante da morte (ou falta de vida) em sua religião.

65. **Estas diferenças de mente e prática engajarão ambas as partes em algum tipo de oposição mútua.** O clero mundano, ou os hipócritas, terão ressentimentos contra os ministros e o povo que pensam de forma humilde a respeito deles, e considerarão de seu interesse rebaixá-los: pois a inimizade dificilmente se abstém de se exercitar. E Caim se irará porque o sacrifício de Abel é mais aceito do que o seu.

66. **Os melhores ministros serão propensos, pela paixão, a falar de forma muito desonrosa sobre os outros**; e os mais precipitados e jovens, e os hipócritas heréticos que se juntam a eles, considerarão parte de um zelo piedoso falar contra eles ao povo, com palavras tais como Cristo usou contra os escribas e fariseus.

67. **Com isso, as exasperações de cada parte aumentarão cada vez mais**; e o clero poderoso e mundano pensará ser de seu interesse criar novas imposições que sabem que a outra parte não pode aceitar, para expulsá-los.

68. **Quer sejam juramentos, subscrições, palavras ou ações**, que eles acreditam ser contra a palavra de Deus, a parte espiritual e íntegra do clero e do povo não os realizará; resolvendo obedecer a Deus antes que aos homens.

69. **Com isso, a parte mundana se aproveitará e os chamará de desobedientes, obstinados, orgulhosos, cismáticos, cheios de opinião própria, perturbadores da paz e da ordem públicas**, "pestes e promotores de sedições entre o povo" que nada deixam em quietude, mas "transtornam o mundo", At 24:5-6; e se esforçarão para trazê-los a sofrimentos tais como os homens realmente culpados de tais crimes merecem.

70. **E porque a parte dos ministros sofredores e dissidentes, quando silenciada, deixará muitas vacâncias nas igrejas**, eles serão obrigados a preenchê-las com homens, por mais vazios e indignos que sejam, que sejam do seu próprio espírito e que sejam fiéis aos seus interesses.

71. **A exasperação de seus sofrimentos tornará muitos ministros, de outra forma sóbrios, muito impacientes**, e dará liberdade às suas línguas para diminuir a honra do clero sob o qual sofrem, mais do que convém a homens de humildade, caridade e paciência.

72. **Quando o povo, que mais estima os seus ministros fiéis, for privado de seus trabalhos** pelas proibições dos demais, e ele próprio também for afligido com eles; isso despertará neles um zelo desordenado, injustificável e apaixonado; o qual corromperá as suas próprias orações e os fará falar coisas inconvenientes, e orar pela queda daquele clero que consideram ser inimigo de Deus e da piedade. E eles pensarão que falar de forma branda ou caridosa de tais homens, que ousam proibir os ministros de Cristo de pregar o seu evangelho e por notório sacrilégio alienam as pessoas e os dons que foram solenemente consagrados a Deus, não é senão ser morno e indiferente entre Deus e o diabo.

73. E quando eles os considerarem inimigos da religião e de si mesmos, os ministros mais jovens e precipitados, mas muito mais o povo, crescerão em uma suspeita de tudo o que veem os seus opressores defenderem: eles desaprovarão não apenas as suas falhas, mas muitas coisas inofensivas, sim, muitos costumes louváveis que eles usam; e crescerão em alguma superstição em oposição a eles, criando novos pecados na maneira de cultuar que Deus nunca proibiu nem tornou pecados; e assumindo novos deveres que Deus nunca estabeleceu como deveres; sim, prontos a abandonar algumas doutrinas antigas e salutares porque os seus opressores as possuem; e a adotar algumas doutrinas e exposições novas e insustentáveis da palavra de Deus, porque são inclinados pela opinião e paixão conjugadas a irem tão longe quanto puderem de tais homens de quem pensam tão mal.

74. **E o povo comum que tem pouco senso de religião** (que não está, pelo interesse supracitado, unido

ao clero opressor), tendo reverência pelo valor daqueles que são afligidos e uma experiência da inexperiência e das vidas diferentes de muitos que ocupam os seus lugares, crescerá em compaixão para com os afligidos e pensará que eles próprios estão sendo prejudicados, e assim pensará mal dos causadores de tudo isso.

75. **Com isso, o clero poderoso aumentará as suas acusações contra o partido que está contra eles**, e declarará ao mundo por meio de impressos e dos púlpitos a ignorância, a falta de pacificação, a insubordinação, a leviandade, as falsas opiniões e conceitos deles sobre a maneira de cultuar, e quão insuportável é esse tipo de homens.

76. **A esta altura, o diabo terá feito a parte fundamental de seu trabalho**; que é destruir grande parte do amor cristão de uns para com os outros, e fazê-los considerar-se mutuamente como pessoas antipáticas e odiosas: uma parte, como inimigos perseguidores da piedade, hipócritas e fariseus; a outra parte, como sectários implicantes, sediciosos, turbulentos e rebeldes. E sobre estas suposições, todos os seus caracteres, afetos e práticas posteriores de uns para com os outros procederão.

77. **Por esta inimizade e oposição mútua, ambas as partes aumentarão em ira**, e de algum modo em número. O clero mundano e opressor multiplicará não apenas aqueles que lhes são desfavoráveis, mas também fanáticos declarados e sectários que correrão tão longe deles quanto puderem, para extremos contrários. Pois, uma vez que são levados a uma aversão à antiga colmeia, as abelhas dificilmente se reunirão em uma nova; mas se

dividirão em vários enxames e colmeias. Conforme o zelo de cada homem é mais contra o partido opressor, mais ele se afastará deles; alguns para serem separatistas, alguns anabatistas, alguns antinomianos, alguns buscadores, alguns quacres e alguns para o que eles próprios não sabem.

78. **Pois as mulheres, os aprendizes e os novatos no cristianismo**, que têm mais paixão do que julgamento, ultrapassarão em abundância até mesmo os seus próprios professores afligidos, e os abandonarão se estes não ultrapassarem os seus próprios julgamentos ao abandonarem aqueles que os afligem.

79. **E muitos hipócritas que não têm religião sólida**, mas sim ignorância, orgulho e falta de caridade, intrometer-se-ão entre eles, nestes descontentamentos; ou brotarão nos viveiros destes espinheiros de paixão, e trarão novas doutrinas e novas formas de culto, e se farão pregadores e chefes de seitas; por causa dos quais o caminho da verdade será blasfemado.

80. **E muitas pessoas instáveis, vendo isso, temerão e abominarão um tipo de homens tão levianos**, e se tornarão papistas, sob as persuasões daqueles que lhes dizem que não há verdadeira unidade nem consistência senão em Roma; e que todos devem, no final, tornar-se levianos se não estiverem fixados no chefe papal. E assim, aqueles que fogem para muito longe do Livro de Oração Comum conduzirão os homens à missa; e os opressores farão sectários, e os sectários farão papistas.

81. **Quando o clero violento, em vez de um governo paternal dos rebanhos, tiver conduzido o povo a**

paixões, distúrbios e desafeições sem caridade para consigo mesmo, e tiver sido também a grande causa da multiplicação de heresias e seitas pelos mesmos meios, em vez de se humilhar e se arrepender de seu pecado, eles se endurecerão e justificarão todas as suas violências pela leviandade e erros daqueles sectários que eles próprios criaram.

82. **E quando publicarem as faltas de tais pessoas para a justificação de sua própria violência**, arrastarão milhares a uma aprovação de seus caminhos (para pensar que um povo tão turbulento nunca pode ser repreendido ou usado com excessivo rigor), e consequentemente a uma participação em sua culpa.

83. **Por tudo isso, os dissidentes serão ainda mais alienados deles**; e muitos agravarão o crime dos ministros que se conformam às suas imposições e lhes obedecem: e por amor de alguns que os afligem, condenarão muitos ministros conformistas louváveis que nunca consentiram com isso, mas que desejavam sinceramente que fosse de outra forma.

84. **E o tipo mais jovem, indiscreto e apaixonado frequentemente reprochará tais ministros** como oportunistas sem consciência, que farão qualquer coisa para fins mundanos e que, como hipócritas por um interesse carnal, concordam com os corruptores e opressores dos piedosos.

85. **Estas censuras e reproches provocarão aqueles ministros conformistas** que não são senhores de suas paixões, nem vencedores de seu orgulho, a pensar tão mal dos censuradores quanto os seus

opressores pensam, e a se unirem a eles na exibição de todas as enormidades, e na promoção de seus sofrimentos futuros, e na publicação da tolice e turbulência de seus espíritos, com rancor e parcialidade.

86. **Por este tipo de discursos, pregações e escritos**, multidões de devassos serão endurecidos em seus pecados contra toda a religião: pois quando observarem que é o mesmo partido de homens, os quais são assim reprochados, que são os mais estritos repreensores de sua lascívia, de suas fornicações, bebedeiras, jogos, luxúrias e impiedade; eles pensarão que não importa muito o que um povo tão difamado e leviano diz, e que na verdade eles próprios são piores.

87. **Cada parte destes adversários caracterizará a parte adversa como hipócrita**: os sofredores apaixonados chamarão os opressores de hipócritas e fariseus que não têm religião, mas sim uma exibição formal de cerimônias e palavras exteriores, e que dão o dízimo da hortelã e do cominho, e limpam o exterior enquanto por dentro estão cheios de crueldade persecutória, e são lobos em pele de cordeiro, amando os primeiros assentos e os grandes títulos e as filactérias cerimoniais, enquanto são inimigos da pregação do evangelho de Cristo, e obtêm rendimentos para si mesmos, e devoram não apenas as casas, mas a paz e a vida dos outros, sob pretexto de longas liturgias; e que devoram os santos vivos enquanto guardam dias santos e constroem monumentos para os mortos que seus pais assassinaram, etc. E o clero poderoso chamará os outros de hipócritas e se esforçará para mostrar que o caráter dos fariseus lhes pertence, e que as suas pretensões de estrito cumprimento

na religião, e suas longas orações e pregações, não passam de um manto para cobrir sua desobediência, cobiça e pecados ocultos; e que os seus corações e interior são tão maus quanto os dos outros, e que o seu fervor na devoção não passa de um lamento e jargão hipócrita e afetado; e que são piores do que as pessoas menos religiosas porque são mais perturbadores da paz e desobedientes, e acrescentam a hipocrisia ao seu pecado.

88. **Os ignorantes, mundanos, bêbados e desprezadores ímpios da santidade e do céu**, sendo em todos os países os mais contrariados em seu caminho por este tipo de homens mais estrito, e ouvindo-os no púlpito e na imprensa serem marcados como hipócritas, unir-se-ão alegremente com os censuradores; e assim se constituirão como um só partido para clamar contra os hipócritas precisos; e geralmente criarão algum nome para chamá-los, como sua marca de ignomínia comum: e viverão mais silenciosamente em todos os seus pecados, e pensarão que serão salvos tão logo quanto os mais precisos, que fazem mais exibição, mas não têm mais sinceridade, senão mais hipocrisia do que eles próprios.

89. **A parte sofredora, vendo os ímpios e os conformistas que os afligem assim unidos** e constituídos como um só partido em oposição a eles, aumentará os seus pensamentos duros sobre o clero adverso e os considerará como flagrantemente profanos e os principais inimigos da piedade no mundo, que serão capitães no exército do diabo e liderarão todos os mais ímpios contra a piedade séria, para os seus fins mundanos.

90. **E as pessoas jovens e indiferentes em todos os países**, que não estavam engajadas em nenhuma das partes, sendo meras estranhas à religião e às diferenças, estarão prontas a julgar a causa pelas pessoas: e vendo tantos do clero dignificado e elevado, e a parte mais sensual do povo de um lado, e tantos homens de vidas estritas do outro, que também sofrem por sua religião, e ouvindo também que é por algum nome de precisão que são reprochados, pensarão que estes últimos são o melhor lado; e assim o título de piedosos crescerá gradualmente a ponto de ser quase apropriado ao seu partido, e o título de profanos e perseguidores ao outro.

91. **Durante todo este tempo, os ministros não conformistas serão afetados de forma um pouco diferente**, de acordo com os diferentes graus de seu discernimento, experiência e abnegação.

Alguns deles pensarão que essas paixões do povo são necessárias para frear a ferocidade dos perseguidores (o que apenas a exaspera); e, portanto, os deixarão agir por si mesmos, embora não os encorajem.

Alguns dos mais jovens ou da classe mais insensata e de cabeça quente os impulsionarão, e os farão acreditar que toda comunhão com quaisquer ministros conformistas ou com suas igrejas paroquiais é ilícita, e que suas formas de culto são pecaminosas e anticristãs; e que todos os que comungam ou se reúnem com eles são oportunistas e traidores da verdade e da pureza.

A classe criteriosa, experiente, mais paciente e abnegada abster-se-á, ela própria, de tudo o que for pecado; e, na medida em que estiver em sua escolha e poder, unir-se-á

às igrejas que cultuam a Deus de modo mais conforme à sua palavra e vontade; mas de tal maneira que não serão barulhentos em suas queixas, nem ocupados em atrair homens para suas opiniões em pontos controvertidos; nem desigrejarão e condenarão todas as igrejas que possuem algo que eles desaprovam como pecaminoso; nem renunciarão à comunhão de todas as igrejas defeituosas, para não renunciarem à comunhão de todas no mundo, e ensinarem todas as outras a renunciarem à sua própria: mas, às vezes, comungarão com as igrejas mais defeituosas para mostrar que não as desigrejam (desde que não sejam forçados nisso a qualquer pecado); embora, geralmente, prefiram as mais puras: sim, ordinariamente se unirão às mais defeituosas quando não puderem ter outra melhor, ou quando o bem público assim o exigir. Eles nunca preferirão o interesse de seu partido não conformista ao interesse do cristianismo ou ao bem público. Defenderão as verdades menores de tal modo que não negligenciem nem prejudiquem as maiores, com as quais todos concordam. Preservarão sua própria inocência de tal modo que não despertem as paixões de outros homens, nem criem facções ou divisões por sua diferença. Desaprovarão o orgulho e o mundanismo alheios, e as suas ofensas contra Deus e a piedade, de tal modo que não falarão mal das dignidades, nem acalentarão na mente do povo quaisquer pensamentos desonrosos ou injuriosos sobre seus reis ou qualquer autoridade sobre eles. Esforçar-se-ão para aplacar as paixões do povo, para repreender a sua linguagem censória e excessivamente áspera, e para manter toda a caridade devida para com aqueles de quem sofrem; mas, especialmente, a lealdade aos seus reis e governantes, e a pacificação em relação aos

seus países. Ensinar-lhes-ão a distinguir entre os cruéis que dominam o jogo e todo o resto que não tem parte nele; e, pelo menos, a não se separarem de todos os demais por causa de alguns poucos. Se eles forem tão longe quanto Martinho (em Sulpício Severo) para evitar toda comunhão com Itácio e Idácio e os concílios de bispos que processaram os priscilianistas, para escândalo da própria piedade; contudo, não por causa deles evitarão todos os outros que nunca consentiram com isso: nem como Gildas, ao dizer de todos os maus ministros que não era um excelente cristão aquele que os chamasse de ministros ou pastores, em vez de traidores. Eles persuadirão o povo a discernir entre o bem e o mal, e a não correr para extremos, nem a desaprovar tudo o que seus perseguidores defendem ou usam; nem a chamar coisas legítimas pelo nome de pecado e anticristianismo; nem a permitir que suas paixões ceguem seus julgamentos para criar supersticiosamente novos pecados e deveres em oposição aos seus adversários; nem a desonrar seus entendimentos e a verdade por erros, facções, injúrias ou desvios; nem a correr para seitas; nem a dividir a casa e o reino de Cristo enquanto fingem ser seus zelosos servos. Persuadirão o povo à paciência, à moderação e à paz, e a "a ninguém difamar", nem por palavras ou atos se vingarem; muito menos resistirem à autoridade que lhes foi imposta por Deus; mas sim imitarem o seu Salvador e sofrerem silenciosamente, e, sendo ultrajados, não ultrajarem em resposta, mas amarem seus inimigos e abençoarem os que os amaldiçoam.

92. **A classe mais sóbria do povo será governada por estes conselhos** e fará muito para aquietar o resto. Mas a parte herética, com suas próprias paixões,

exasperará muitos novatos e pessoas insensatas a considerarem esse rumo e conselho supracitado como mero efeito de tibieza e complacência carnal com o pecado, e uma hesitação entre duas opiniões, e uma participação no pecado dos perseguidores e inimigos malignos da piedade: e eles acreditarão que quem quer que se junte às igrejas paroquiais, em seu caminho, é culpado de encorajá-las no pecado e no culto falso.

93. **Com isso, eles difamarão os ministros não conformistas descritos por último**, como homens sem zelo, nem carne nem peixe; e talvez como homens que gostariam de salvar sua própria pele, livrar-se dos sofrimentos e trair a verdade. And [E] quando tais ministros os advertirem sobre seus princípios e paixões doentias, dirão deles que falam amargamente dos piedosos e se unem aos perseguidores para reprochá-los.

94. **E espalharão entre si muitos relatórios falsos e calúnias contra eles**; em parte porque a paixão anula a caridade e a ternura de consciência; em parte porque um modelo dogmático e uma religiosidade partidária sempre têm mais seguidores e um zelo mais rápido do que a verdadeira santidade; em parte porque pensarão que o convívio humano os obriga a acreditar nos relatos que aqueles considerados homens bons proferem; e em parte porque pensarão que a sustentação de sua causa (que pensam ser de Deus) necessita da supressão do crédito e da reputação desses homens que são contra ela.

95. **Mas a maior parte dos ministros não conformistas honestos desaprovará** a impetuosidade e a precipitação dos novatos e dos

sectários, e aprovará os caminhos moderados supracitados. No entanto, suas oportunidades e disposições para expressar isso serão variadas. Alguns deles farão isso livremente, independentemente do que se pense sobre isso; e alguns deles que têm ouvintes impacientes pensarão que não é dever tentar aquilo que não será tolerado, e que é melhor fazer o bem que puderem do que nenhum. E alguns pensarão que, visto que o clero mundano os proíbe de pregar o evangelho da salvação, eles não são obrigados a manter qualquer reputação ou interesse deste, desde que eles próprios não tenham parte nos extremos e paixões do povo. E alguns que têm esposas e filhos, e nada além da caridade do povo para lhes encontrar comida e vestuário, tendo sido privados de todo sustento público por seus perseguidores e ainda processados com violência contínua, pensarão que não é seu dever mendigar o pão de porta em porta; nem entregar suas famílias para serem mantidas pelas esmolas da paróquia ao perderem a afeição daquelas pessoas de cuja caridade unicamente podem esperar socorro: e, portanto, pensarão que a necessidade e a preservação da vida e da saúde de suas famílias desculparão melhor o seu silêncio, ao não defenderem aqueles que os destruiriam contra a excessiva oposição do povo, do que a ordem de seus perseguidores desculpará o seu silêncio se negligenciarem pregar a fé cristã. E alguns pensarão que, vendo-se odiados e caçados por uma parte, se perderem também a afeição da outra, não terão ninguém com quem exercer o seu ofício, nem a quem fazer qualquer bem; e que apenas deixarão o povo de quem discordam para seguir aqueles líderes apaixonados que os tentarão a extremidades mais perigosas contra a paz das sociedades cristãs.

Mas os ministros mais criteriosos e resolvidos, que não vivem do favor ou do sustento do povo, ou que estão totalmente acima de todo interesse mundano, comportar-se-ão de maneira sábia, moderada e, no entanto, resoluta; e nada farão que desagrade aos homens sóbrios e sábios, nem tampouco desprezarão as almas dos mais fracos ou indiscretos: mas, por princípios sólidos, empenhar-se-ão em edificá-los sobre fundamentos sólidos; e em tratá-los com a ternura com que as babás devem tratar seus filhos chorosos. Contudo, não acalentarão o seu pecado sob o pretexto de beneficiar suas almas; nem, pelo silêncio, serão culpados de seu sangue; nem sequer farão vista grossa àqueles extremos perigosos que parecem servir a alguma exigência ou conveniência presente, mas que ameaçam a ruína futura das igrejas e a desonra da causa cristã. E, portanto, resolvem não negligenciar os deveres de caridade para com os mais amargos de seus perseguidores; e tanto mais porque isso provará, no fim, ser uma caridade para com a igreja e para com as almas dos apaixonados, cuja caridade eles trabalham para manter viva. E o silêncio diante do pecado é contrário ao seu encargo e ofício: e eles não serão culpados daquela sabedoria carnal que faria o mal para que venha o bem; ou que não ousa buscar curar os princípios de falta de caridade, divisões ou extremos no povo por medo de perder oportunidades de fazer-lhes bem; ou que não ousa rejeitar cismas e separações ilícitas por medo de encorajar aqueles malignos que chamam as práticas lícitas por esse nome. Eles farão a obra de Deus (embora com prudência, e não com precipitação destrutiva, contudo) com fidelidade e abnegação. E depositarão aos pés de Cristo não apenas o seu interesse no favor dos superiores, e a sua

paz, segurança, liberdade, bens e vidas — que estão expostos à crueldade maligna entre os cainitas do mundo —, mas também todos os bons pensamentos, palavras e favor das pessoas de inclinação religiosa, sim, e dos próprios pastores. E olharão mais para o interesse de toda a igreja do que de um partido estreito; e da posteridade, do que do tempo presente; como quem sabe que, no longo prazo, é apenas a verdade que se manterá no topo, quando a violência maligna e as paixões sectárias estiverem ambas sem fôlego. E, portanto, em simplicidade e sinceridade piedosa, conduzirão suas vidas no mundo; e não em sabedoria carnal ou em paixões ou facções egoístas que cegam. Que os homens os usem como quiserem, ou os julguem ou chamem do que quiserem; eles não serão, por causa disso, falsos para com Deus e para com suas consciências. E visto que é o seu ofício governar e ensinar o povo, eles não serão governados pelo favor dos mais censórios, ignorantes ou orgulhosos; mas os guiarão como professores fiéis, até que sejam por eles abandonados e incapacitados. Mas os sóbrios, idosos, sábios e experientes sempre se apegarão a eles, e abandonarão o caminho leviano e sectário.

96. **No calor desses extremos, a parte mais pacífica e sóbria**, tanto dos conformistas quanto dos não conformistas, gozará de melhor estima junto ao povo grave e sóbrio; mas estará na maior dificuldade com ambos os extremos.

97. **Os conformistas piedosos e pacíficos obterão o amor dos sóbrios** por sua santa doutrina e vidas: mas serão desprezados pelos sectários porque se conformam; e serão suspeitos para o clero orgulhoso e perseguidor como

se estivessem inclinados aos dissidentes e os fortalecessem com o seu favor; porque estes ministros, em todas as suas paróquias, mais amarão e honrarão os não conformistas piedosos do que a multidão irreligiosa, ignorante, mundana e de coração morto, ou os inimigos malignos da piedade.

98. **Com isso, esses conformistas, sendo considerados os principais sustentadores dos não conformistas**, estarão sob contínuas desconfianças e repreensões. E talvez novos pontos de conformidade sejam criados para lhes serem impostos, os quais se sabe que suas consciências rejeitam; para que assim sejam forçados também a ser não conformistas, porque os inimigos ocultos são mais perigosos do que os adversários declarados.

99. **Esses conformistas, sendo assim atribulados**, sentirão também o despertar da paixão em si mesmos; e, pela injustiça, serão tentados a pensar mais duramente de seus perseguidores do que antes. E assim, parte deles se tornará não conformista declarada; e a outra parte viverá em desagrado, até ver uma oportunidade de demonstrá-lo. E estes são os mais propensos a contrariar e enfraquecer o clero mundano e perseguidor, mais do que quaisquer outros homens.

100. **E quanto aos não conformistas moderados**, que entendem o que fazem e o porquê, e buscam a reconciliação de todos os dissidentes; eles também serão amados e honrados pelos cristãos sóbrios, graves e experientes: mas ambos os extremos estarão contra eles. Os sectários dirão, como antes, que eles são homens

mornos, carnais, egoístas e condescendentes. O clero orgulhoso e impositivo dirá que foram eles que conduziram o povo a esses extremos, e depois se queixará de que não podem governá-los. E dirá a eles que, até que eles próprios se conformem, sua moderação não faz senão fortalecer os não conformistas e manter a reputação de sobriedade entre eles. E quanto mais perto chegam da conformidade, mais perigosos são, por serem mais capazes de suplantá-la. E assim, os moderados e pacificadores serão como a cunha que é pressionada por ambos os lados na fenda das divisões eclesiásticas; e nenhum dos lados gosta deles, porque não se entregam às paixões facciosas ou ao interesse de nenhum deles.

101. **Apenas estes manterão sua integridade em todos esses extremos e divisões**: aqueles que são, 1. Sábios. 2. Humildes e abnegados. 3. Caridosos e fundamentados em um espírito de amor. 4. E que tomam o favor de Deus e o céu unicamente como sua esperança e porção, seja o que for que deles se torne no mundo. Mas o partido mundano perseguidor e o partido sectário serão ambos constituídos por estes princípios contrários: 1. Ignorância e erro. 2. Orgulho de seus próprios entendimentos; cada um pensando que todos são intoleráveis se não forem de sua mente e caminho. 3. Falta de caridade, malícia ou falta de amor aos outros como a si mesmos. 4. E supervalorização de suas conveniências mundanas, honras e bens.

102. **Com isso, os instrumentos de um pastor insensato ainda serão usados** para maior dispersão dos rebanhos. E porque ninguém é tão capaz de disputar contra eles quanto os moderados, estes serão tomados

como seus adversários mais perigosos. And [E] quando eles estiverem grandemente inclinados à cura dessas feridas, os violentos e dominadores não o permitirão; mas derramarão óleo sobre as chamas que os homens moderados gostariam de apagar. E, como se estivessem vendando e açoitante a Cristo novamente, perseguirão o povo com feridas aflitivas; e depois culparão os ministros moderados por seus descontentamentos; e os encarregarão de reconduzi-los à paz e à conformidade. E se não puderem fazê-los amar e honrar aqueles que ainda os açoitam com escorpiões, os açoitadores lançarão a culpa sobre esses ministros e dirão que tudo é por causa deles que o povo não ama aqueles que os ferem. E os que mais clamam por paz não a suportarão, nem darão licença aos pacificadores para fazerem nada que a realize; nem manterão a espora fora dos flancos do povo, enquanto esperam que outros (esporados de forma mais aguda) segurem as rédeas; as quais, no entanto, ao mesmo tempo eles tiram de suas mãos e os proíbem de segurar, ao proibirem-nos de pregar o evangelho. De modo que o resumo de suas expectativas será: Não realizeis o ofício de pastores, nem pregueis mais o evangelho da paz e da piedade ao povo; mas, no entanto, sem pregar a eles, cuidai para que todos nos amem e honrem enquanto vos silenciamos e os afligimos; caso contrário, considerar-vos-emos cismáticos sediciosos intoleráveis, e vos usaremos como tais.

103. **Em alguns reinos ou países, pensar-se-á** que o povo não será levado a nenhuma obediência aos pastores dominadores até que seus ministros mais capazes ou moderados sejam afastados deles por banimento,

aprisionamento ou confinamento; o que será feito em conformidade.

104. **Quando os ministros forem banidos ou removidos**, os quais continham as paixões do povo, o povo criará pregadores por si mesmo; sim, tais que se adaptem às suas mentes.

105. **Onde os papistas ou heréticos forem excluídos pelas leis**, eles contribuirão secretamente com o máximo de seus esforços para tornar os sofrimentos dos protestantes dissidentes tão graves quanto possível; para que, apesar deles, suas próprias necessidades os obriguem a clamar por liberdade, até que consigam uma tolerância comum para todos, e abram a porta para os papistas e heréticos, bem como para si mesmos.

106. **"Verdadeiramente a opressão faz enlouquecer até o sábio"**, Ec 7:7.

107. **Homens loucos falarão loucamente** e agirão loucamente.

108. **Os que falam e agem loucamente serão considerados mais adequados para o manicômio** e para as correntes.

109. **Quando os ministros forem banidos ou removidos, e o povo deixado às suas paixões** e aos seus próprios guias e professores autopromovidos; mulheres e rapazes apaixonados, e novatos instáveis correrão para palavras e atos injustificáveis; e pensarão que são lícitos os meios que parecem prometer-lhes libertação, embora sejam tais que Deus proíbe.

110. **As sedições e desvios de alguns poucos serão imputados aos inocentes.**

111. **Por causa de tais desvios, em alguns reinos, a espada será desembainhada** contra eles, e o sangue de muitos será derramado.

112. **Com isso, a juventude equivocada e apaixonada**, sendo pelo clero orgulhoso privada da presença daquele ministério que deveria moderá-la, é bastante provável que considere a rebelião e a resistência à autoridade como meios lícitos para sua própria preservação; e alegará a lei da natureza e da necessidade para sua justificação.

113. **Se alguns dos pastores sóbrios, sábios e experientes forem deixados entre eles**, os quais queiram contê-los de caminhos ilícitos e persuadi-los ao sofrimento paciente; serão tidos como traidores condescendentes da religião e das vidas do povo; que gostariam que eles entregassem mansamente suas gargantas ao açougue.

A título de parêntese, dar-lhes-ei alguns exemplos para este prognóstico.

> (1.) O grande Senhor Du Plessis (um dos nobres mais excelentes que a terra já produziu, que nos é conhecido por qualquer história), sendo contra a realização de uma assembleia das igrejas francesas contra a proibição do rei, foi rejeitado pela assembleia como condescendente com os cortesãos (porque disseram que o rei havia antes prometido ou lhes concedido aquela assembleia); mas a recusa

de seu conselho custou o sangue de muitos milhares de protestantes, e a perda de todas as suas guarnições e poderes, e aquela fraqueza do interesse protestante ali que vemos hoje.

(2.) O grande teólogo, Pierre Du Moulin, também foi contra os procedimentos dos cidadãos de La Rochelle contra as proibições do rei (e assim foram alguns nobres protestantes importantes); mas ele foi rejeitado por seu próprio partido, que pagou por isso com o sangue de milhares e com sua ruína.

(3.) Li recentemente sobre um rei de França que, ouvindo que os protestantes faziam versos e pasquins contra a missa e as procissões dos papistas, fez uma lei severa para proibir isso. Quando eles não ousaram quebrar essa lei, seu zelo indiscreto os levou a fazer certas imagens ridículas dos padres da missa e das procissões; das quais os ministros moderados teriam tentado dissuadi-los, mas foram considerados oportunistas e mornos: com o que o rei, sendo exasperado, fechou as igrejas protestantes, retirou suas liberdades, e isso custou a vida de muitos milhares de homens. E a questão era: Será que Deus havia ordenado que tais zombarias, escárnios e imagens fossem feitos a um preço tão alto quanto o desenraizamento das igrejas, da religião e das vidas do povo?

(4.) O grande Camero (um dos teólogos mais criteriosos do mundo) estava em Montauban quando esta se levantou em armas contra o rei (considerada antigamente inexpugnável). Ele foi

> contra a resistência deles e persuadiu-os a se submeterem. O povo de sua própria religião ultrajou-o como traidor: um dos soldados ameaçou atravessá-lo com a espada. Em uma paixão escocesa, ele desabotoou o seu gibão e gritou: *Feri, miser* [Fere, miserável], *Strike, varlet* [Goleia, patife], ou faz o teu pior; e no calor, esforçando-se para tirar seus próprios bens da cidade, caiu em febre e morreu. A cidade foi tomada, e o resto das fortalezas em todo o reino depois dela, para a grande queda de todos os protestantes e a perda de muitas milhares de vidas.

114. **Onde o diabo puder levar as diferenças a extremos de violência**, os desfechos não são difíceis de serem previstos conjeturalmente; mas são tais que as minhas prognosticações não se intrometerão além de prever que ambos os lados estão se preparando para o aumento de sua fúria e extremos e, por fim, para o arrependimento ou para calamidades ruinosas, se agirem como descrevi.

115. **Estadistas e políticos carnais e descontentes** infiltrar-se-ão de ambos os lados para soprar as brasas e prolongar as contendas para seus próprios fins, e liderar o povo descontente para sua ruína.

116. **Mas naqueles países onde a diferença nunca chega a tais desordens**, haverá uma guerra gerada e mantida nos corações do povo; e vizinhos estarão contra vizinhos, como guelfos e gibelinos.

117. **Quando os reinos estiverem assim enfraquecidos por descontentamentos internos**,

isso aumentará as esperanças e as conspirações dos inimigos estrangeiros, e os fará pensar que um partido (o que sofre) será relutante em sua própria defesa, por pensar que não pode ficar pior (o que é a esperança dos turcos na Hungria).

118. **Será um grande prejuízo, dor e perigo para os reis e estados cristãos** terem seus reinos e comunidades assim enfraquecidos, e o amor cordial e a assistência de seus súditos tornados tão frouxos e incertos.

119. **E será uma contínua provação para príncipes sábios e pacíficos** governar um povo tão dividido e descontentante; mas governar um povo unido, amoroso, concorde e pacífico será o seu deleite e alegria.

120. **Um clero mundano, cobiçoso, orgulhoso, dominador, maligno e preguiçoso** será, na maioria das nações cristãs, a grande praga do mundo, perturbador de príncipes e divisor de igrejas; o qual, pelo interesse de sua grandeza e de suas vontades, não dará aos ministros ou povo sóbrios, pacíficos e piedosos licença para servirem a Deus silenciosamente e viverem em paz. E o espírito impaciente, presunçoso e sectário, que, como a pólvora, pega fogo diante de tais injustiças, é o divisor secundário das igrejas e o obstáculo do amor e da paz cristã; e por sua inimizade e abusos mútuos, eles empurrarão um ao outro de tal modo ao extremo da aversão e oposição que apenas se enlouquecerão mutuamente; e depois, como loucos, correrão e brigarão, enquanto os homens sóbrios assistem e têm pena deles; mas não podem ajudar nem a uma parte nem a outra, nem preservar sua própria paz ou a paz pública.

121. **O grande esforço do clero mundano será** (na maioria dos reinos do mundo) engajar os príncipes ao seu lado e tomar emprestada a sua espada para realizar o seu trabalho com ela contra os opositores: pois eles não têm confiança no poder das chaves; mas as desprezarão secretamente em seus corações como armas de chumbo, ineficazes, enquanto fazem da glória de sua ordem o fato de o poder das chaves ser deles.

122. **Se os príncipes suprimirem as desordens pela espada**, o dito clero atribuirá a honra disso a si mesmo; e dirá que foi a sua ordem que manteve tanta ordem nas igrejas. E quando tiverem colocado os príncipes em tal dificuldade, assumirão para si mesmos o louvor.

123. **O diabo intervirá e fará o seu máximo** para fazer tanto os governantes quanto o povo acreditarem que toda esta confusão é por causa da religião cristã e dos princípios estritos das sagradas Escrituras; e assim fazer os homens abandonarem toda religião e considerarem o cristianismo contrário aos seus interesses naturais e civis.

124. **E os papistas persuadirão em toda parte ricas e pobres** de que tudo isto acontece por se intrometerem tanto com as Escrituras, e ocuparem o povo comum com a religião; e deixarem cada homem ser um juiz capaz de discernir a verdade e o dever, em vez de confiar implicitamente no julgamento de sua igreja. E assim eles tentariam os príncipes a entregar mansamente metade de seu governo (isto é, em todos os assuntos de religião) ao papa; e persuadiriam o povo a renunciar à sua razão ou humanidade em favor dele; (para que ele, que está tão longe, possa governar tudo em todo o mundo por seus

missionários e agentes, que devem viver da presa); e então ele sabe que terá ambas as espadas, e será o rei universal.

125. **Para este fim, eles se esforçarão para tornar alguns governantes tão ruins quanto gostariam que fossem**, para realizarem o seu trabalho, e para fazer o resto ser considerado pior do que é, para que tenham um pretexto justo para as suas traições e usurpações; o que foi o caso de todos os escritores que defendem o Papa Gregório VII contra os imperadores alemães; os quais se aproveitaram dessa vantagem para estabelecer o poder de eleição dos cardeais; e, em um concílio em Roma, para declarar que o papa está acima do imperador e tem poder para depô-lo: e algo tão ruim quanto isso foi feito no concílio geral de Latrão, sob Inocêncio III, Can. 2, 3.

126. **Sobre os príncipes, não lhes darei outros prognósticos senão os de Cristo**; que "será tão difícil para um rico entrar no céu quanto para um camelo passar pelo fundo de uma agulha". E, portanto, podereis saber que homens os ricos serão na maioria dos países do mundo.

127. **E os ricos serão os governantes do mundo; e é justo que assim seja**: não que os homens devam governar porque são ricos, mas os que governam devem ser ricos; e não expostos ao desprezo por uma vestimenta e estado vulgares.

128. **Mas Deus levantará alguns príncipes e magistrados sábios e bons** para evitar que o interesse da verdade e da justiça afunde na barbárie e na maldade diabólica.

129. **E onde os príncipes e magistrados forem ruins, raramente farão tanto mal quanto bem**, ou se provarão muito cruéis, onde o clero mundano e corrupto não os animar e instigar; a sua razão, o seu interesse e a sua experiência os guiarão, por um tratamento humanitário, a buscar o amor e a quietude do povo, e a unidade e força de seu reino. Mas as perseguições sangrentas (tais como as dos valdenses, no Piemonte recentemente, na França, na Irlanda, na época da Rainha Maria, etc.) são ordinariamente os efeitos do interesse e do zelo do clero.

130. **O grande desígnio do diabo através do mundo será corromper as duas grandes ordenanças de Deus**, a magistratura e o ministério; e voltar ambas contra Cristo, que lhes dá o seu poder. Os exemplos de seu sucesso são mais notórios no império turco e no reino papal, por eles chamado de igreja católica; o qual Campanella, em *De Regno Dei* [Do Reino de Deus], esforça-se por provar, por todas as profecias citadas pelos milenaristas ou homens da quinta monarquia, ser o verdadeiro reino universal de Cristo; no qual, por seu vigário, o papa, Ele reinará sobre todos os reis e reinos da terra.

UM PROGNÓSTICO DAS MUDANÇAS QUE OCORRERÃO NA CRISTANDADE NA ERA DE OURO, E NO TEMPO DA VERDADEIRA REFORMA E UNIDADE

1. **Porque faz parte de nossas orações**, "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu"; e "aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça". Espero que não seja verdadeira a opinião daqueles que pensam que a terra se tornará cada vez mais parecida com o inferno, até que a conflagração geral a transforme no próprio inferno e a torne a sede adequada dos condenados. No entanto, para o caso de isso vir a ser verdade, colocarei minhas principais esperanças no céu; lembrando-me de quem disse: "Vende tudo... e segue-me; e terás um tesouro no céu" (e não na terra). Mas, supondo que o mundo algum dia chegará à plena reforma e concórdia (o que não me é certo, mas de que não desespero), prossigo para os meus prognósticos do caminho.

2. **Deus levantará algum rei ou governante feliz** em algum país da cristandade, dotado de sabedoria e ponderação; o qual discernirá a verdadeira natureza da piedade e do cristianismo, e a necessidade e excelência da religião séria; e verá qual é a corrupção e o impedimento dela no mundo; e colocará a sua honra e felicidade em agradar a Deus, fazer o bem e alcançar a felicidade eterna; e sujeitará todos os aspectos mundanos a esses fins elevados e gloriosos. E saberá que a sabedoria, a piedade e a justiça deixam o nome mais precioso na terra e preparam para a recompensa mais gloriosa no céu: em comparação com as quais, toda a pompa e prazer carnais são escória e esterco, e dignos de nada senão desprezo.

3. **Este príncipe terá uma mente de discernimento** para conhecer os homens sábios dos tolos, os bons dos maus; e, entre os ministros de Cristo, para discernir a classe criteriosa, espiritual, celestial,

sóbria, caridosa e pacífica daquela classe egoísta e mundana; que faz do ministério apenas um comércio e não se esforça tanto pelo céu e pela salvação do povo quanto pelas honras, poder e riqueza mundanos. E ele discernirá como estes últimos perturbam as igrejas e o mundo, causam divisões e instigam a violência para seus próprios interesses e fins mundanos.

4. **Ele não tomará o conselho de mundanos**, nem de fanáticos reais e pessoas divisionistas; mas dos teólogos eruditos, piedosos, abnegados, sóbrios e pacíficos; junto com seus graves e reverendos senadores, juízes e conselheiros; que sabem o que é a razão e a justiça, e o que pertence ao bem público, bem como ao verdadeiro interesse da igreja e das almas dos homens.

5. **Ele conhecerá aqueles homens que lhe cabe usar** e julgar, tanto quanto possível, por meio do conhecimento e da observação pessoais; e não pelos relatos parciais de adversários, pelas costas: e, assim, ele não será enganado em seus instrumentos, nem desapontado por eles.

6. **Ele reunirá as pessoas sábias e pacificadoras**; e, com a mais estrita incumbência, confiará a elas os esforços de reconciliação e união das diversas partes; reduzindo as suas diferenças ao menor âmbito possível e definindo-as de forma mais correta do que fazem os homens apaixonados; e persuadindo-os ao amor, à paz e a todas as concessões e tolerâncias necessárias. E a sua própria supervisão prudente e autoridade (como a de Constantino em Niceia) facilitará o sucesso.

7. **Ele e o seu povo indagarão que termos de concórdia são adequados**, não apenas para algum canto ou país, mas para todo o mundo cristão; para que, quando os tiver descoberto, ele e o seu reino possam ser um padrão para toda a cristandade, e a fonte e o fermento de uma concórdia universal de todos os cristãos.

8. **Portanto, ele consultará Vicente de Lérins** sobre os termos católicos daquilo que: 1. *Ab omnibus* [Por todos]. 2. *Ubique* [Em toda parte]. 3. *Semper* [Sempre], foi recebido.

(1.) Em que todos os cristãos estão de acordo, como cristãos, nos pontos essenciais de sua religião.

(2.) Em que todos os cristãos concordavam no tempo dos apóstolos, que foi o tempo de maior luz, amor e pureza.

(3.) Em que todos os cristãos, em todos os reinos do mundo, desde então até o dia de hoje, no meio de todas as suas outras diferenças, estiveram e ainda estão de acordo como sendo a sua religião.

Pois ele verá que não há esperança de harmonizar o mundo divergente (pelo menos, em muitas eras) mudando os julgamentos dos homens daquilo que são e trazendo todos eles, em coisas controvertidas, para a mente de algum partido; nem de harmonizá-los sob quaisquer termos em que não estejam realmente de acordo. Mas que a sua concórdia deve fundar-se naquilo em que estão, de fato, todos de acordo; deixando as superfluidades ou adições de cada partido fora do acordo.

9. **Os pacificadores descobrirão, então, que a religião cristã está contida em três formas.**

(1.) No pacto sacramental com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, como a fórmula mais breve.

(2.) No credo, na oração do Senhor e no decálogo; como os resumos dos *credenda* [assuntos de fé], *appetenda* [assuntos de vontade ou desejo] e *agenda* [assuntos de prática], como a forma mais ampla.

(3.) No cânon da Escritura, que todas as igrejas recebem, como a forma mais ampla ou continente.

E que aquele que compreende e é um participante do pacto sacramental com Deus Pai, Filho e Espírito Santo sempre foi tido como um cristão visível. E, por isso, o batismo foi chamado de nossa cristianização; e os batizados tidos por cristãos antes de conhecerem as controvérsias desta ou daquela igreja: e que o entendimento competente e explícito do credo, da oração do Senhor e do decálogo sempre foi considerado como um entendimento competente do pacto sacramental e mais. E que aquele que implicitamente recebe a Escritura canônica comumente aceita como a palavra de Deus (embora não entenda mais do que o que se segue) e que explicitamente compreende o credo, a oração do Senhor e o decálogo, e os recebe, e consente com o pacto sacramental, sempre foi considerado, e ainda deve ser considerado, um cristão. Nesses termos, portanto, os pacificadores resolverão empenhar-se na união das igrejas.

10. **Portanto, eles eliminarão e lançarão fora** (como o maior inimigo da unidade) todas aquelas controvérsias desnecessárias ou coisas duvidosas nas quais os cristãos (sim, ou os teólogos) nunca estiveram de acordo, e que nunca foram os meios ou termos felizes e bem-sucedidos de qualquer concórdia extensa; e que há muito tempo se provou serem as grandes ocasiões de todos os escrúpulos, contendas, divisões e tristes consequências nas igrejas. E dirão mais uma vez: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias", At 15:28. Todos os cristãos deverão, em geral, receber a Escritura canônica como a palavra de Deus; e, mais particularmente, o credo, a oração do Senhor e o decálogo como o resumo das coisas necessárias; e professarão, com entendimento competente, o seu consentimento ao pacto sacramental; e nele farão votos e se devotarão a Deus. E este será todo o título que serão forçados a apresentar para a sua comunhão visível na igreja. E embora uma medida mais elevada do entendimento dos mesmos princípios e regras seja exigida dos professores do que do rebanho, e, em conformidade com isso, os ordenadores testarão os seus entendimentos, juntamente com a sua elocução e prontidão ministerial de aptidões; contudo, os próprios professores não serão (ordinariamente) forçados a quaisquer outras subscrições, profissões ou juramentos (além de sua lealdade civil) senão a assentirem e consentirem com tudo o que foi dito acima; e a prometerem fidelidade ministerial em seus postos. Todos os concílios, chamados gerais ou provinciais, cânones, decretais, artigos, fórmulas, rubricas, etc., serão reservados para o seu uso adequado; mas não serão mais usados para subscrições, profissões ou

juramentos capciosos e divisionistas; nem transformados em engenhos para despedaçar as igrejas.

11. **Quando todas essas superfluidades e pomos de discórdia forem lançados fora do caminho**, o poder das chaves, ou governo pastoral, passará a ser melhor conhecido e exercido, e a disciplina primitiva será estabelecida; a qual vigorava antes de Cirilo de Alexandria empunhar a espada e o orgulho inflar os bispos rumo a um estado secular e caminho de domínio. Então, o governo da igreja consistirá em cuidar para que o povo seja devidamente recebido no pacto sacramental e aprenda o credo, a oração do Senhor e o decálogo; e seja instruído na palavra de Deus, e viva junto em sobriedade, justiça e piedade. E os pastores deixarão os assuntos seculares para os magistrados; e não serão mais perturbados nem corrompidos pelo uso de qualquer poder coercitivo: o seu governo será um exercício paternal e autoritativo de instrução e de amor, e nada mais; como o de um tutor para com seus alunos, um médico em seu hospital, um filósofo em sua escola (supondo uma comissão e regra divina). A própria igreja será todos os seus tribunais (supondo os magistrados), e o povo as testemunhas; e os atuais pastores titulares serão os juízes, sem chanceleres leigos, substitutos, comissários ou oficiais excomungando e absolvendo. E, estando agora eliminados todos os motivos de contenda, eles nada terão que fazer nesses tribunais senão verificar se as pessoas aprenderam e compreendem os seus catecismos, e consentem com o pacto de Deus, e comungam em seu culto com a igreja; e quando alguém for acusado de conduta ímpia, contrária à sobriedade, à justiça e à piedade, verificar se essas acusações estão bem provadas: e, em caso afirmativo, persuadir os

transgressores a se arrependerem; e por argumentos claros da Escritura convencê-los do pecado; e com lágrimas, ou ternura e amor paternais, demovê-los ao remorso e levá-los a confessar e abandonar o pecado. E se isso não puder ser feito de imediato, tentar novamente e novamente, e orar por seu arrependimento. E, quando não houver outro remédio, declarar abertamente tal pessoa incapaz da comunhão da igreja; e exigir que a igreja evite a comunhão com ela, e que ela se abstenha de intrometer-se na comunhão deles: e vinculá-la por uma denúncia ministerial do desagrado de Deus (como contra os impenitentes) a responder por isso perante o próprio tribunal de Deus; como alguém que está debaixo da sua ira até que se arrependa. E este é o máximo do poder pastoral que será então usado (supondo as admoestações privadas): e isto apenas naquela igreja ou congregação em que o pecador antes tinha a sua comunhão; e não à distância, nem em outras igrejas ou partes do mundo onde o pastor não tem encargo. Sim, isto mesmo não será exercido irregularmente e ao acaso, em prejuízo do rebanho; mas sob as regras e remédios adiante expressos.

12. **A forma da igreja primitiva será restaurada**: e assim como (onde houver cristãos suficientes) nenhuma igreja será demasiadamente pequena, assim nenhuma será maior, em número ou distância, do que o necessário para constituir uma verdadeira igreja particular; isto é, uma sociedade de cristãos unidos como pastor e povo para a comunhão pessoal e assistência no culto público de Deus e na vida santa: isto é, tantos quantos possam ter esta comunhão pessoal, se não todos de uma vez, contudo *per vices* [alternadamente], tantas vezes quantas for adequado para se reunirem com a igreja (o que todos em uma família

geralmente não podem fazer de uma só vez). De modo que a marca de igreja de Inácio será restaurada: para cada igreja há um altar e um bispo, com os seus companheiros presbíteros e diáconos. E não haverá mais cem, ou seiscentos, ou mil altares para um único bispo de primeiro grau, e em uma única igreja da primeira forma, chamada igreja particular. Nem todas as igrejas particulares serão desigrejadas por falta de bispos verdadeiros; nem todos os seus pastores degradados a uma nova ordem de ministros docentes que não têm poder de governo pastoral; nem a verdadeira disciplina das igrejas será tornada uma coisa meramente impossível, enquanto tiver de ser exercida por um único bispo sobre muitas centenas de congregações, cada uma das quais oferece trabalho completo para um bispo presente. Nem o ofício do bispo será considerado tão pouco santo, não mais do que a pregação e as administrações sacramentais, a ponto de ser realizável por um delegado leigo ou por qualquer pessoa que não seja realmente um bispo. Mas o povo conhecerá aqueles que estão "sobre eles no Senhor, os quais trabalham entre eles e os admoestam; e os estimará muito em amor, por causa da sua obra; e estará em paz entre si", 1 Ts 5:12-13. Bispos como os que o Dr. Hammond descreve em suas "Anotações", que tinham apenas uma igreja e pregavam, batizavam, catequizavam, visitavam os enfermos, cuidavam dos pobres, administravam a ceia do Senhor, guiavam cada congregação como atualmente no culto público, e instruíam e vigiavam privadamente todo o rebanho, estarão em cada igreja que possa obtê-los.

13. **Onde as igrejas forem tão grandes que precisem** (como a maioria precisará) e tão felizes a ponto de obterem muitos presbíteros ou pastores fiéis, quer

vivam juntos em uma vida colegiada única, quer casados e à distância; e quer um deles, como chefe ou bispo, seja o presidente e tenha voto de veto, quer todos sejam iguais na orientação concorde dos rebanhos, será deixado à escolha e liberdade das diversas igrejas, por mútuo consentimento de pastores, povo e magistrados, agir e variar conforme seus diversos estados e exigências requererem: e não será chamado de tirania anticristã ou odiosa de um lado, nem tornado de necessidade para a comunhão ou paz da igreja do outro, desde que o verdadeiro ofício pastoral ou episcopal seja exercido em cada igreja particular.

14. **Nem os magistrados nem outros bispos farão os sermões e orações** do bispo ou pastor por ele; mas deixarão isso como o trabalho do ofício do orador, redigir seus próprios sermões e orações; e escolher uma forma definida ou nenhuma forma definida, a mesma ou variada, conforme o caso exigir: contudo, de modo a ser responsável (conforme adiante) por todos os abusos e más administrações, e não se permitindo que deprecie o culto de Deus por confusão, erros prejudiciais ou expressões apaixonadas e perversas; mas sendo assistido e direcionado a usar o seu ofício das maneiras mais edificantes, por meio de ajudas tais que as suas fraquezas pessoais requererem. E onde formas definidas forem usadas, ninguém brigará com elas como ilícitas.

15. **A nenhum membro do povo serão concedidos os altos privilégios** da comunhão da igreja e dos sacramentos contra a sua vontade; não mais do que um homem impenitente e relutante será ministerialmente absolvido da culpa do pecado. Pois cada administração sacramental, quer do batismo, quer do corpo e do sangue

de Cristo, é um ato de absolvição ministerial tão pleno quanto qualquer pastor pode realizar: e o que ele faz a pessoas particulares em sua penitência após um lapso, isso o pastor faz a toda a igreja na ceia do Senhor. E como o consentimento é estabelecido por Cristo como a condição do perdão e dos benefícios do pacto, aos quais nenhum não consentinte tem direito; por isso, o consentimento professado é necessário para a colação ou investidura sacramental: e aqueles que são apenas constrangidos pelo perigo aparente de uma multa ou prisão não devem ser considerados consentintes voluntários pela igreja; quando o Senhor da igreja não considerará nenhum como consentinte que não queira abandonar tudo, e suportar multas e prisões, em vez de ser privado dos benefícios da comunhão mística e visível da igreja. O magistrado, portanto, de forma sábia e moderada, conduzirá todo o povo a ouvir aquilo que é necessário para o seu bem; mas não forçará por meio de penalidades os relutantes a receberem absolvições ou comunhão com a igreja em seus privilégios especiais. Mas se os batizados recusarem a comunhão da igreja posteriormente, punem-se lamentavelmente a si mesmos; e se for considerado adequado declará-los excomungados, isso será uma penalidade terrível, suficiente para o seu uso adequado.

16. **O magistrado não prenderá, prejudicará, confiscará, banirá** ou punirá de outra forma qualquer um de seus súditos, *eo nomine* [sob esse nome / por essa razão], porque estão excomungados; pois isso é punir o seu corpo porque a sua alma está punida. Nem dará ouvidos àqueles clérigos incrédulos que proclamam o poder das chaves como o seu ofício; e, quando o fazem, desdenham-no como uma sombra ineficaz de poder que nada fará sem

a força do magistrado. Mas ele próprio ouvirá e julgará antes de punir, e não se rebaixará a ser o executor do clero para punir antes de ter julgado a causa; porque o orgulho e as paixões dos clérigos podem, de outro modo, engajá-lo a ser o instrumento de seus vícios e vingança. Sim, assim como aquele que vê um homem punido em um tribunal será mais demorado para levá-lo à punição em outro pelo mesmo crime; assim o magistrado que vê um homem excomungado por sua falta antes adiará a sua força civil contra esse homem para ver que efeito a sua excomunhão terá: porque a conjunção da espada contra o excomungado como tal corrompe a ordenança de Cristo e torna o seu fruto totalmente imperceptível, de modo que ninguém pode ver se ela alguma vez realizou alguma coisa ou se tudo foi feito pelo medo da espada. E, na verdade, um ministro fiel que vê um pecador confessar a sua falta apenas quando, de outro modo, teria de jazer na prisão e ser arruinado, dificilmente considerará esse homem como um verdadeiro penitente. E forçar os pastores a absolverem ou darem o sacramento a cada um que prefere recebê-lo a jazer na prisão e ser arruinado é estabelecer novos termos de comunhão na igreja pelos quais Cristo dará poucos agradecimentos aos homens. A comunhão da igreja é apenas um privilégio devido aos voluntários e penitentes. Mas, ainda assim, o magistrado pode punir os homens com multas ou outras penalidades pelas mesmas faltas pelas quais são excomungados, tendo-os julgado e sentenciado em seu próprio tribunal; mas não *quatenus* [enquanto] excomungados, mas segundo a natureza do crime.

17. **As escolas de aprendizado e academias não educarão os jovens** na ociosidade, no luxo ou na

formalidade hipócrita; mas sob tutores eruditos e piedosos, no aprendizado da sobriedade e da piedade; de onde eles não saltarão apressadamente para o ofício pastoral.

18. **Ninguém com menos de trinta anos de idade** (momento em que o próprio Cristo iniciou as suas obras públicas) assumirá um encargo pastoral, exceto em caso de mera necessidade da igreja, não, nem sob pretexto de aptidão extraordinária; mas até lá empregar-se-ão como aprendizes, catequistas, mestres-escolas ou aspirantes. Nem se intrometerão nos púlpitos com assuntos de controvérsias tais que a igreja corra o perigo de ser perturbada.

19. **Os ministros serão todos ordenados pelo magistrado**, e aconselhados pelos pastores vizinhos, a absterem-se de todas as controvérsias desnecessárias nos púlpitos; e a ensinarem ao povo as coisas essenciais supracitadas, o pacto da graça, o credo, a oração do Senhor e o decálogo, os deveres de fé, amor, arrependimento e obediência; e reservarão as suas especulações sutis e curiosas para as escolas e escritos teológicos: e assim o povo cristão será educado na simplicidade primitiva e clara de doutrina e religião; e os seus cérebros não serão aquecidos e torturados com aquelas frases e sutilezas recém-cunhadas, que apenas os perturbarão em uma doença orgulhosa, contenciosa e questionadora; mas que não serão verdadeiramente compreendidas por eles, quando tudo estiver feito. E assim, sendo o trabalho do povo apenas ouvir (geralmente) a doutrina do catecismo e o cristianismo simples e antigo, e não falar de outro: 1. O seu tempo será empregado em promover a fé, o

arrependimento, o amor e a obediência, o qual costumava ser gasto em discussões vãs e disputas de palavras. E, 2. A religião será uma coisa mais fácil; e, consequentemente, será mais comum (como comida e vestuário baratos estão ao alcance de cada um): e os ministros podem esperar trazer a generalidade de seu povo a ser salvadora e praticamente religiosa: ao passo que a religião refinada dos inovadores e questionadores, que pretendem nova luz e aumento de conhecimento, não apenas se reduz a uma teia de aranha sem utilidade, vida ou poder; mas deve ser confinada a uns poucos que possam ter tempo livre para aprender a falar em novas frases, e se tornará apenas matéria de orgulho e ostentação para homens ignorantes; fazendo-os pensar que apenas eles são o povo religioso e que todos os que não sabem falar como eles são profanos e não devem ser admitidos à sua comunhão. Ao passo que a religião apostólica, primitiva e clara, sem os adornos e caprichos que os sonhadores introduziram desde então, tornaria os homens humildes, santos, celestiais, obedientes, mansos e pacientes; e pouparia aos homens a perda de grande parte de tempo.

20. **O sustento do ministério não será tão pobre** a ponto de desestimular os homens de dedicarem seus filhos ao ofício, ou incapacitá-los de uma total dedicação ao seu trabalho próprio por quaisquer necessidades ou cuidados que os distraiam; nem os incapacitará totalmente de obras de caridade: nem tampouco será tão grande a ponto de ser uma forte isca para homens orgulhosos, cobiçosos e de mente mundana se intrometerem no ministério para fins carnais. Será o suficiente para que o encargo de sua vocação não seja aumentado pela necessidade; mas não tanto que a abnegação não seja exercida por todos os que

assumem o ministério; e, dos dois, o encargo dos trabalhos ministeriais, com os seus sofrimentos próprios, parecerá para a carne e o sangue preponderar sobre a vantagem mundana. Tão grandemente necessário é para a igreja que todos os ministros sejam homens abnegados; que, valorizando as coisas espiritualmente, possam praticar a humildade, a mortificação e o desprezo do mundo, tão bem quanto pregá-los.

21. **Haverá uma fechadura tríplice na porta do ministério**:

(1.) Se são aptos para serem ministros em geral, os ordenadores julgarão.

(2.) Se são aptos para serem os pastores desta ou daquela igreja particular, os membros da igreja julgarão na medida em que nenhum se tornará seu pastor sem o seu próprio consentimento.

(3.) Se são aptos para o apoio, sustento e proteção do magistrado, o próprio magistrado julgará.

E, portanto, todos os três testarão e aprovarão individualmente cada pastor: contudo, de modo que os dois primeiros apenas sejam considerados necessários para o próprio ofício; e o terceiro apenas para o sustento e encorajamento ou defesa do oficial. E embora às vezes isso possa ocasionar desacordos e atrasos por um tempo; contudo, ordinariamente, a garantia de um ministério fiel e outros bons efeitos compensarão muitos desses inconvenientes.

22. **Nenhuma igreja individual terá o governo de outra igreja**; e as diferenças seculares de metropolitas,

patriarcas, etc., que foram estabelecidas em um império por motivos seculares e por razões seculares, cessarão todas. E nenhuma diferença será tornada necessária entre eles a qual Cristo não tenha tornado necessária. Mas os príncipes cristãos tomarão aviso pelas igrejas grega e latina, e por todas as calamidades e ruínas que foram causadas no mundo cristão pelos bispos que disputavam quem deveria ser o maior, quando Cristo decidiu a controvérsia há muito tempo, Lc 22.

23. **Assim como os cristãos mantêm comunhão pessoal e cristã** em suas diversas igrejas particulares; assim as igrejas mantêm uma comunhão de igrejas por correspondências e associações necessárias: não fazendo com que o voto majoritário de bispos em sínodos tenha um governo próprio sobre a parte minoritária; mas para que, por conselho e concórdia, possam ajudar-se e fortalecer-se mutuamente, e assegurar o interesse comum do cristianismo. E para que aquele que é membro de uma igreja possa ser recebido pelas demais; e aquele que é expulso de uma não seja recebido pelas demais, a menos que tenha sido injustiçado. De modo que não será uma única igreja política, mas uma comunhão de igrejas.

24. **Os meios desta comunhão serão**:

(1.) Por mensageiros.

(2.) Por cartas e certificados de comunicação.

(3.) Por sínodos.

25. **Estes sínodos serão**, no que diz respeito a algumas igrejas vizinhas, ordinários e regulares; e as reuniões de ministros neles serão aproveitadas:

(1.) Para o direcionamento e aconselhamento mútuos em assuntos duvidosos; especialmente de disciplina.

(2.) Para edificação mútua por meio de conferências, orações e debates.

(3.) Para que os mais jovens possam ser instruídos sob o grave conselho e orientações dos mais velhos.

(4.) Para que a concórdia deles mesmos e das igrejas sob os seus cuidados possa ser preservada.

Mas se eles se tornarem imperiosos, tirânicos, heréticos ou contenciosos, o magistrado impedirá as suas reuniões regulares e ordinárias; para que isso não seja considerado uma coisa simplesmente necessária, nem usado para a perturbação da igreja ou do estado. E todos os concílios provinciais, nacionais e maiores serão realizados com o consentimento do magistrado.

26. **Aquele que se considerar injustamente excomungado** em uma igreja terá um remédio tríplice:

(1.) Ter a sua causa ouvida pelos pastores associados das igrejas vizinhas; embora não como governantes do bispo ou pastor daquela igreja particular, mas como conselheiros e tais cujo julgamento vincula à concórdia em coisas legítimas.

(2.) Ser admitido por outra igreja, se parecer que foi injustiçado. E,

(3.) Apelar ao magistrado, como o preservador da justiça e da ordem em todas as sociedades.

27. **O magistrado nomeará alguns dos mais graves**, sábios, piedosos e moderados dos ministros para terem uma inspeção geral sobre muitas igrejas; e para cuidarem de que estas sejam bem ensinadas e ordenadas, e que os pastores e o povo cumpram o seu dever: os quais, portanto, as visitarão frequentemente, e instruirão e exortarão os ministros mais jovens; e com o apoio do magistrado, e a sua própria antiguidade e capacidade, repreenderão os ministros preguiçosos e faltosos; e os persuadirão à diligência e fidelidade: mas não exercerão nenhuma força externa pela espada; nem qualquer excomunhão por si sós, ou de outra forma que não seja pelo caminho regular supracitado.

28. **Todas as ordenações serão realizadas** (exceto em caso de necessidade), quer na assembleia dos pastores associados com o seu presidente; quer na igreja vacante por alguns deles nomeados pelos demais; quer pelo visitador geral mencionado por último, com um número competente de assistentes. Mas, ainda assim, uma ordenação para o ministério em geral não será considerada formalmente o mesmo que a sua fixação a esta ou àquela igreja em particular; não mais do que a licença de um médico é o mesmo que a sua vinculação a um hospital particular.

29. **Um catálogo será elaborado com algumas das maiores verdades** que não se encontram expressamente no credo, na oração do Senhor ou no decálogo; o qual, como os artigos de confissão das igrejas associadas da nação, servirá para estes três usos:

(1.) Para satisfazer todas as igrejas estrangeiras, contra qualquer acusação, de que são ortodoxos.

(2.) Para examinar o conhecimento daqueles que são admitidos ao ministério (mas não para ser subscrito, a menos que apenas quanto a um reconhecimento geral da solidez de sua doutrina; sem dizer que não há nada de defeituoso neles).

(3.) Para ser uma regra de restrição aos ministros em suas pregações; de modo que a nenhum seja permitido publicamente, após admoestação, pregar contra qualquer doutrina contida neles.

30. **O usurpado poder eclesiástico dos bispos, presbitérios e concílios** (que eram coercitivos, ou imitavam os tribunais seculares, ou vinculavam o magistrado a executar os seus decretos) sendo lançado fora, e todos os pastores impedidos de agirem como bispos em outras igrejas fora de seu próprio encargo, o próprio magistrado exercerá todo o governo coercitivo da igreja; e não mais confiará a espada, direta ou indiretamente, nas mãos do clero, que há muito tempo a tem usado de forma tão infeliz para a perturbação do mundo cristão e o derramamento de tanto sangue inocente. Onde for possível, haverá um juiz eclesiástico, ou magistrado, em cada paróquia de tamanho considerável, o qual, estando presente, ouvirá por si mesmo como os ministros pregam e como se comportam entre o seu povo. E todos os ministros e igrejas serão responsáveis perante o magistrado por todos os abusos e más administrações. Se algum ministro pregar ou orar de forma sediciosa, injuriosa, facciosa, com insultos contra os dissidentes

toleráveis, para a destruição do amor e da unidade cristã; ou de forma herética, para o perigo das almas do povo; ou se exercer tirania sobre o povo, ou viver uma vida viciosa; ou for negligente em seu ofício de ensino, culto ou disciplina, ou de outra forma se comportar muito mal; ele será responsável tanto (como já dito) perante os pastores associados e o visitador (ou arcebispo), quanto perante o magistrado; o qual o repreenderá e corrigirá de acordo com a medida de sua ofensa. E parecerá evidente que o magistrado é suficiente para todo o governo coercitivo da igreja, sem todas as usurpações do clero que sustentam a sociedade romana e outras sociedades tirânicas.

31. **A questão "Quem será o juiz da heresia, do cisma ou dos pecados eclesiásticos?"** será assim decidida:

> (1.) Os bispos ou pastores das igrejas particulares serão os juízes sobre a quem se deve negar a comunhão em suas igrejas como heréticos, cismáticos, etc.
>
> (2.) As igrejas associadas serão as juízas (em seus sínodos, ou por outra correspondência) sobre a quem se deve comumente negar a comunhão em todas as suas igrejas; e quais pastores e igrejas terão a *dextram communionis* [mão direita de comunhão], e quais não.
>
> (3.) O magistrado será o único juiz sobre quem deve ser punido por heresia ou cisma, etc., com multas ou qualquer penalidade corporal externa. E ninguém usurpará o direito alheio.

32. **O magistrado silenciará todos os pregadores** que, após a devida admoestação, comportarem-se tão mal na doutrina, culto ou conduta, a ponto de serem as pragas das igrejas e fazerem aparentemente mais mal do que bem. Mas quanto a todos os ministros dignos e capazes, se cometerem qualquer falta, serão punidos como os demais súditos, apenas com penalidades tais que não sejam, pelo silenciamento ou restrição, uma punição para as almas do povo inocente, nem impeçam a pregação do evangelho da salvação: assim como se os padeiros, cervejeiros, açougueiros e carpinteiros comuns realizarem o seu trabalho de forma perniciosa (envenenando a sua cerveja, pão e carne), serão proibidos de exercer o ofício; mas por outras faltas serão punidos de tal maneira que o povo não fique sem pão, cerveja, carne ou casas por causa de suas faltas.

33. **Se quaisquer heréticos (como arianos, socinianos, etc.)** quiserem se infiltrar no ministério, não serão criadas novas formas de subscrição para mantê-los fora; (o que é provável que, com suas consciências viciosas, fosse ineficaz, e abriria brecha para as antigas tiranias e divisões da igreja); nem se resistirá ineficazmente a um mal incerto por meio de um dano maior e certo. Mas enquanto ele mantiver o seu erro para si mesmo, não é herético em relação à igreja (sendo o *non apparere* [não aparecer] igual ao *non esse* [não existir]): e quando ele manifestar a sua heresia, será responsável de todas as formas supracitadas, e poderá ser punido pelo magistrado por seu crime, e ser marcado pelas igrejas como excluído de sua comunhão; o que é a forma regular de reformar crimes, a saber: pelo julgamento e execução, e não pela criação de novas regras e leis à medida que os

homens quebram as antigas; como se pudessem ser feitas leis que nenhum homem pudesse quebrar.

34. **O magistrado não apoiará nem tolerará nenhum pecado ou erro**, na medida em que possa curá-lo por remédios justos que não causem mais mal do que bem: mas tolerará contra a vontade muitos erros e faltas toleráveis; porque não está em seu poder remediá-los senão por tais meios. Mas,

(1.) Apenas o ministério sadio e concorde terá o seu apoio e sustento.

(2.) Erros menores e desordens serão melhor curados por repreensões brandas, desaprovação e negação de sustento; juntamente com a desonra que lhes será lançada pelo julgamento e discordância de todos os ministros e igrejas unidos e concordes (o que, em conjunto, fará mais e melhor do que farão as crueldades exasperantes).

(3.) A publicação de princípios perniciosos será contida de forma mais severa.

Mas, embora os homens possam ser impedidos de manifestar falsidades perniciosas, eles não podem ser constrangidos a acreditar na verdade (não somos tão felizes); nem serão constrangidos a mentir e a dizer que acreditam nela quando não acreditam.

35. **Estando todos os assuntos de contendas, divisões e tratamentos cruéis** mútuos assim eliminados e findados, a amargura e os pensamentos de vingança cessarão, e o amor reviverá no peito de todos os

homens, e a unidade e a paz seguirão por si mesmas. E se surgir alguma seita herética ou contenciosa, os corações de todo o povo unido de tal modo se levantarão contra ela que o abandono e a vergonha rapidamente a extinguirão.

36. **Então os corações do povo se apegarão aos seus pastores**: e eles não serão mais colocados diante das grandes dificuldades de amar os bispos que os ferem, ou de amá-los nas prisões; mas será tão fácil amá-los, quando sentirem o amor por suas almas nos trabalhos e na bondade de seus pastores, quanto amar seus amigos mais queridos e próximos. E então o amor abrirá os ouvidos do povo para a doutrina do professor, e ela lhes fará bem: e então os trabalhos e as vidas dos ministros fiéis serão doces e fáceis, quando o amor, a unidade e a fidelidade do povo forem o seu encorajamento diário. Oh, quão bom e quão feliz será para os pastores e para o povo viverem assim em amor e unidade! Isso não apenas nos lembrará o perfume de Arão, mas o Espírito de amor que habitou em nosso Redentor, e que Ele prometeu que seria o seu selo e marca em todos os seus verdadeiros discípulos; sim, e a sociedade celestial e a vida de perfeito amor.

37. **Então os vizinhos exercerão a sua caridade** para o auxílio dos ignorantes ao seu redor, sem as suspeitas de estarem manifestando heresias ou sedição, ou de estarem invadindo o ofício do pastor. E os vizinhos, quando se reunirem, não considerarão o orar juntos, ou a conferência santa, ou o cantar os louvores de Deus, ou o ler bons livros, ou o repetir os sermões de seus professores, ou o aconselharem-se mutuamente como um trabalho ruim ou perigoso: mas os ignorantes, que não podem passar o dia do Senhor em exercícios santos em casa (porque não

sabem ler ou não conseguem lembrar muito), unir-se-ão às famílias de seus vizinhos de maior entendimento que possam ajudá-los; (como se reuniam em At 12:12 para a oração; e como as famílias vizinhas deviam se unir para comer a páscoa com a família que não tinha o suficiente para comê-la); pois o amor e a unidade porão fim a essas desconfianças. E tudo será feito sob a orientação e supervisão de seus pastores; e não em inimizade ou oposição a eles, ou às assembleias concordes da igreja. E oh, que auxílios e conforto serão estes para todos os pastores fiéis, quando todo o trabalho não recair apenas sobre eles; mas cada um puser a mão para edificar, em seu devido lugar; e quando aqueles que conversam durante toda a semana estiverem secundando aquilo que ele mais raramente lhes ensina em público!

38. **A classe mais jovem de ministros**, que agora é educada na forja de Vulcano, será então instruída sob homens graves e pacíficos; onde os princípios de união e pacificação serão os rudimentos de sua formação literária.

39. **E a classe mais jovem do povo não será mais tentada** a ardores invejosos contra os seus perseguidores; nem a seitas contenciosas por causa de controvérsias; mas será alimentada com o leite de princípios pacíficos e educada no amor do próprio amor. E os nomes de seitas, divisões da igreja e pretensões orgulhosas serão, pelo uso, tornados tão vergonhosos quanto são hoje os nomes de juramento, embriaguez e prostituição.

40. **E oh, quão queridos, quão amáveis, quão honrados** serão os seus governantes para um povo assim (especialmente aquele príncipe abençoado que primeiro

realizar esta obra)! Quão sinceramente orarão por eles, defenderão e lutarão por eles! E quão livremente contribuirão com qualquer coisa em seu poder para o seu auxílio! E quão impacientes serão contra cada palavra que os desonrar! Quão abençoado será o povo sob um príncipe assim! E quão doce e fácil será a vida daquele príncipe que governará tal povo!

Concede, ó Senhor, que esta grande honra e conforto possam cair nas mãos do REI da INGLATERRA, antes de todos os outros no mundo. Os reis verão então que é o seu interesse, a sua honra e a sua maior felicidade na terra serem os governantes sábios, piedosos e justos de um povo sábio, piedoso, justo e unido; que os ama tanto que ainda deseja ardentemente servi-los melhor do que é capaz.

41. **Os ignorantes, o vulgo e a classe mais rude**, observando esta concórdia amável e todos os seus frutos abençoados, admirarão a religião e se apaixonarão por ela: e multidões que hão de ser salvas serão diariamente acrescentadas aos seriamente religiosos, e a casa de Cristo se encherá de convidados.

42. **Com isso, as vidas escandalosas e flagrantes** dos protestantes comuns serão muito corrigidas; pois o número de depravados se tornará pequeno, e os crimes estarão sob desonra comum. Além de que serão punidos pelo magistrado; de modo que o pecado flagrante será uma raridade.

43. **Os livros de doutrina simples e vida santa**, com os tratados pacificadores dos reconciliadores, serão então os mais estimados e usados; os quais hoje são tão

rejeitados pelas pessoas turbulentas, descontentes e partidárias. E uma abundância de escritos controversos sobre o governo da igreja, liturgias, cerimônias e muitos outros assuntos será esquecida e deixada de lado como coisas inúteis; pois as espadas serão transformadas em relhas de arado e as lanças em foices.

44. **O feliz exemplo daquele feliz príncipe e país** que começar e primeiro realizar esta obra será famoso em todas as igrejas protestantes; e acenderá desejos de imitação em todas elas, e será uma direção tão pronta no caminho que acelerará grandemente a reforma correspondente delas. E a famosa felicidade daquele príncipe, na reforma e concórdia de seus súditos, acenderá nos corações de outros príncipes e estados protestantes um desejo fervoroso da mesma felicidade. E assim, tal como ocorreu na invenção da imprensa e das armas de fogo, o mundo ficou logo possuidor de armas e de livros impressos, coisas de que nunca antes tinha alcançado nada semelhante; assim aqui, aqueles que virem a felicidade de um reino realizada, e virem como foi feita, terão matéria suficiente diante de seus olhos tanto para excitar os seus desejos quanto para guiar os seus esforços nos meios para fazer tudo isto acontecer.

45. **Os rebanhos e estados protestantes, sendo assim reformados e unidos** em si mesmos, inflamar-se-ão com um desejo ardente do bem de todas as outras igrejas e de todo o mundo: e, portanto, assim como os teólogos mantiveram algo chamado concílios gerais para a união de todas aquelas igrejas, assim estes príncipes manterão, por meio de seus agentes, assembleias para manter correspondência para a realização do bem comum

do mundo, pela vantagem de seus conselhos e forças unidos; e então nenhum inimigo poderá resistir longamente diante deles. Pois aqueles que os amam e servem zelosamente em casa arriscarão as suas vidas zelosamente por eles no estrangeiro, se houver causa.

46. **O uso excelente e bem-sucedido do governo do magistrado** sobre as igrejas em seus domínios envergonhará completamente todas as reivindicações usurpatórias do papa e dos concílios gerais, e os seus tribunais eclesiásticos mestiços, e toda a série de artifícios e ofícios pelos quais o seu governo do mundo é administrado. E o mundo, e especialmente os príncipes, verão claramente o quanto foram enganados por suas usurpações, e que não há necessidade de papa ou cardeal, nem de nenhum daqueles oficiais ou atos de modo algum; mas que estes são meros artifícios de política carnal para manter um reino terreno sob o nome de igreja católica. E também a pureza e unidade das igrejas reformadas, onde o vulgo tem mais religião e união do que os seus mosteiros, ofuscarão os olhos dos príncipes, estados e povo papistas; e quando virem melhor, e especialmente a felicidade dos príncipes, abandonarão o usurpador que os havia cativado pela fraude, e assumirão a sua liberdade e felicidade; e assim cairá o reino da igreja romana.

47. **Os muçulmanos iludidos, vendo a unidade e a glória da cristandade** — sendo antes mantidos afastados de Cristo pelas vidas ímpias e pelas divisões dos cristãos (pensando que somos muito piores do que eles) — , agora serão levados a admirar e honrar o nome cristão, e a temer o poder dos príncipes cristãos. E parte deles se tornará cristã; e o restante, mesmo o poder turco, a força

dos cristãos, pelo poder de Deus, facilmente quebrará. E assim as igrejas orientais serão libertas e reformadas, e os muçulmanos abraçarão a fé de Cristo.

48. **Os pobres judeus dispersos também**, quando virem a glória e a concórdia dos cristãos, serão convencidos de que Cristo é, de fato, o verdadeiro Messias: e sendo convertidos, talvez sejam alguns deles reestabelecidos em sua própria terra pelas potências cristãs; mas não para a sua antiga particularidade, ou política e lei.

49. **E então o zelo cristão trabalhará para a conversão** do pobre mundo pagão e idólatra; e parte dele render-se-á à razão e à fé, e o restante será submetido por meio de vitórias justas. E assim os reinos do mundo se tornarão os reinos do Senhor e de seu Cristo; e o evangelho será pregado em todo o mundo.

50. **E quando o reino da graça estiver aperfeiçoado** e tiver tido o seu tempo, o reino da glória aparecerá, mediante a gloriosa aparição de Cristo, nosso Rei; e os mortos ressuscitarão, e aqueles que venceram reinarão com Cristo, e sentar-se-ão com Ele no trono, assim como Ele venceu e se assentou com o Pai no seu trono. Amém. Ora vem, Senhor Jesus.

"Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o

mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste", Jo 17:20-24.

Objeção. Mas se este mundo se tornasse tão feliz, seria mais amável e, assim, seria um laço maior para as nossas afeições, tornando-nos dispostos a permanecer longe do céu.

Resposta. Nenhuma amabilidade ou prazer rouba o coração de Deus, ou o impede de ir para o céu, senão aquilo que esconde a glória e a bondade de Deus e do céu de nossas mentes, ou corrompe e desvia a vontade e as afeições por meio de alguma inconsistência ou contrariedade; mas a excelência espiritual da igreja reformada e concorde na terra representará de forma muito mais clara o céu às nossas concepções, e dará aos nossos corações um antegozo tão agradável dele que, acima de tudo, excitará os nossos desejos daquela glória mais plena e nos chamará mais poderosamente a uma mente e vida celestiais: assim como as primícias e o penhor nos fazem desejar a colheita e a posse plena; e assim como agora aqueles que vivem na sociedade mais celestial, e sob os auxílios e meios mais excelentes, têm geralmente mentes e vidas mais celestiais do que aqueles que, em companhia mais tentadora e cheia de distrações, nunca desfrutam de tais raios celestiais.

Consectário

Todos os sonhos romanos de união da igreja surgem da ignorância sobre o verdadeiro estado e interesse da igreja, e sobre os termos verdadeiros e necessários de união.

E também todas as conspirações dos papistas moderados, que falam de uma igreja católica política que tem uma cabeça visível constitutiva ou governante; quer monárquica (o papa), quer aristocrática, ou democrática (os patriarcas, ou um concílio geral): e que falam de leis universais desta igreja, feitas por tal cabeça universal, além das leis universais de Cristo; e falsamente fingem que os concílios chamados gerais, em um império particular, convocados ou governados por um único imperador apenas em seus próprios domínios, tenham sido universais no que diz respeito a todas os igrejas católicas na terra; e que fingem que esses concílios foram infalíveis, os quais tantas vezes erraram e se contradisseram mutuamente; e que colocam o mundo diante da controvérsia indeterminável de quais foram os verdadeiros concílios gerais e a quantos devemos receber e nos conformar: se apenas a quatro, ou seis, ou oito; e até que época. E que gostariam de persuadir o mundo cristão de que qualquer diversidade de cânones, costumes ou leis eclesiásticas, ou cerimônias permitidas entre eles deve ser toda feita ou mantida por esta mesma autoridade do papa ou do concílio, ou de ambos: à qual os reis (embora estrangeiros) e os bispos devem todos estar sujeitos; e da qual devem receber o seu cristianismo; e pela qual todas as suas reformas devem ser testadas: e que ninguém deve ser considerado católico, nem quaisquer igrejas toleradas, que não mantenham tal união facciosa sob tal cabeça usurpadora, pessoal ou coletiva: mas, como diz Tertuliano, em vez de suportar sociedades tão mais sábias e

melhores, *Solitudinem facerent, et vocarent pacem* [fariam um deserto e o chamariam de paz]: e como um clero mundano, cuja igreja e reino é apenas deste e neste mundo, baniria dele tudo (exceto uma imagem sem vida) que tem qualquer parentesco com o céu; e não permite que ninguém viva neste mundo entre eles senão eles mesmos.

Digo que tudo isto é, 1. Por ignorância da verdadeira natureza da religião cristã, do estado da igreja e dos termos de unidade e concórdia; os quais expus recentemente em um livro intitulado *The True and only Terms of the Concord of all the Churches*.

1. E por contenda acerca de palavras ambíguas, e presunção em suas controvérsias, que daí se levantaram por ignorância; as quais busquei encerrar em um livro chamado *Catholic Theology*.

2. E por paixões viciosas e parcialidade; as quais busquei curar em um livro chamado *The Cure of Church Divisions*.

Todos escritos muito depois da redação desta Prognosticação precedente.

A LITURGIA REFORMADA
O CULTO PÚBLICO ORDINÁRIO NO DIA DO SENHOR

Estando a Congregação reverentemente composta, que o Ministro primeiro rogue a assistência de Deus e a aceitação

do Culto, a ser realizado com estas ou palavras semelhantes:

> *Deus Eterno, incompreensível e invisível, infinito em poder, sabedoria e bondade, que habitas na luz a que nenhum homem pode se aproximar, onde milhares de milhares te servem e dez mil vezes dez mil estão diante de ti, mas que habitas com o humilde e contrito, e te agradas no teu povo: Tu consagraste para nós um caminho novo e vivo, para que com ousadia possamos entrar no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus, e nos ordenaste a buscar-te enquanto podes ser achado: Vimos a ti ao teu chamado, e cultuamos ao estrado de teus pés. Olha-nos em tuas ternas misericórdias. Não nos desprezes, embora indignos. Tu és grandemente temível na assembleia dos santos, e deves ser tido em reverência por todos os que estão ao teu redor. Põe o teu temor em nossos corações, para que com reverência possamos te servir; santifica-nos, para que sejas santificado por nós quando nos aproximarmos de ti. Dá-nos o Espírito de graça e de súplicas para ajudar as nossas fraquezas, para que as nossas orações sejam fiéis, fervorosas e eficazes. Que o desejo de nossas almas seja para ti: aproximemo-nos de ti com nossos corações, e não apenas com nossos lábios, e adoremos a ti, que és Espírito, em espírito e em verdade. Que a tua palavra seja falada e ouvida por nós como a palavra de Deus. Dá-nos ouvidos atentos para ouvir e corações abertos, crentes e compreensivos, para que não mais recusemos os teus chamados, nem desconsideremos a tua mão*

misericordiosa estendida, nem desprezemos os teus conselhos e repreensões; mas estejamos mais prontos para ouvir do que para oferecer o sacrifício de tolos. Põe as tuas leis em nossos corações e escreve-as em nossas mentes, e sejamos todos ensinados por Deus. Que a tua palavra seja para nós viva e eficaz; discernidora dos pensamentos e intenções do coração; poderosa para derrubar fortalezas, destruindo imaginações e raciocínios, e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus; e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo. Magnifiquemos-te com ações de graças e triunfemos em teu louvor. Regozijemo-nos em tua salvação e gloriemo-nos em teu santo nome. Abre, Senhor, os nossos lábios, e as nossas bocas manifestarão o teu louvor. E que as palavras de nossas bocas e a meditação de nossos corações sejam agradáveis à tua vista, por Jesus Cristo, nosso Senhor e único Salvador. Amém.

Ou assim, quando a brevidade for necessária:

Ó Eterno, supremo e mui gracioso Deus, o céu é o teu trono e a terra o estrado de teus pés, santo e reverendo é o teu nome; tu és louvado pelas hostes celestes e na congregação de teus santos na terra, e serás santificado em todos os que se aproximam de ti. Somos pó pecaminoso e indigno, mas, sendo convidados por ti, somos ousados, por meio de nosso bendito Mediador, a apresentar a nós mesmos e às nossas súplicas diante de ti. Recebe-nos graciosamente, ajuda-nos pelo teu Espírito;

que o teu temor esteja sobre nós; que a tua palavra venha a nós em poder e seja recebida em amor, com mentes atentas, reverentes e obedientes. Torna-a para nós cheiro de vida para vida. Faz-nos fervorosos na oração e alegres em teus louvores, e a servir-te neste dia sem distração, para que achemos que um dia em teus átrios é melhor do que mil, e que nos é bom aproximarmo-nos de Deus; por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Em seguida, que um dos Credos seja lido pelo Ministro, dizendo:

Na profissão desta fé cristã estamos aqui reunidos.

Creio em Deus Pai, etc.

Creio em um só Deus, etc.

E às vezes o Credo de Atanásio.

Os Dez Mandamentos

Deus falou estas palavras e disse, etc.

Para a correta informação e sensibilização do Povo, movendo-o a uma Confissão arrependida e crente, algumas destas Passagens podem ser lidas:

Deus criou o homem à sua imagem.

Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram.

Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não creu no nome do unigênito Filho de Deus.

E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.

Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas.

Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós.

Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.

Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Dize-lhes: Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva;

convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis, ó casa de Israel?

Digo-vos que assim haverá alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende.

Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

A Confissão de Pecado e Oração por Perdão e Santificação

Ó mui santo, justo e gracioso Deus, que odeias todos os que praticam a iniquidade, e ordenaste que a morte fosse o salário do pecado, mas que, para a glória de tua misericórdia, enviaste o teu Filho para ser o Salvador do mundo, e prometeste o perdão dos pecados pelo seu sangue a todos os que nele creem e por verdadeiro arrependimento se voltam para ti, e que todo aquele que confessa e deixa o seu pecado alcançará misericórdia; confessamos que somos pecadores vis e miseráveis, sendo concebidos em pecado; por natureza filhos da ira e transgressores desde o ventre. Todos nós, como ovelhas, nos desviamos; cada um se desviou pelo seu próprio caminho. Tu nos fizeste, e não nós a nós mesmos. Tu nos compraste por bom preço, e não somos de nós mesmos; portanto, deveríamos ter nos entregado totalmente a ti, e glorificado a ti com nossas almas e corpos como sendo teus. Tudo o que fizéssemos deveria ter sido feito para a tua glória e para o teu agrado, em obediência à tua vontade. Mas nós te

desagradamos e desonramos, e nos desviamos de ti, exaltando, buscando e agradando a nós mesmos. Tu és o Rei de todo o mundo, e as tuas leis são santas, justas e boas. Mas nós te negamos a nossa devida sujeição e obediência, sendo rebeldes e obstinados, inclinando-nos às coisas da carne e fazendo provisão para as suas concupiscências. Vacilamos diante da tua palavra por incredulidade, e não colocamos plenamente em ti a nossa confiança e esperança. Tememos mais o homem, que é pó e só pode matar o corpo, do que a ti, que podes destruir tanto a alma quanto o corpo no inferno. Tu és infinitamente bom, e o próprio amor, contudo não te tomamos plenamente por nossa porção, nem te amamos de todo o nosso coração, alma e forças, nem fizemos de ti o nosso pleno desejo e deleite. Mas amamos desordenadamente a nós mesmos, ao mundo e às coisas do mundo, e vivemos pela vista quando deveríamos ter vivido pela fé, e nos importamos e trabalhamos pela comida que perece quando deveríamos ter trabalhado pela única coisa necessária e por aquilo que permanece para a vida eterna. Fomos servos preguiçosos, cedendo às tentações, envergonhados de nosso dever, perdendo o nosso tempo precioso quando deveríamos ter sido fervorosos no espírito, servindo ao Senhor, apegando-nos a ti com plena resolução, remindo o tempo e, com diligência, confirmando a nossa vocação e eleição. Não nos aproximamos de ti com a devida santidade e reverência, nem usamos o teu santo nome, o teu

culto e o teu dia. Desonramos e desobedecemos aos nossos superiores, e negligenciamos os nossos inferiores. Fomos culpados de não amar os nossos vizinhos como a nós mesmos, e de não fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem conosco; mas buscamos o nosso próprio interesse em detrimento do bem-estar deles, não suportando e perdoando, não amando os nossos inimigos como deveríamos, não seguindo a paz, nem nos esforçando para fazer o bem a todos segundo o nosso poder. Pecamos secreta e abertamente, em pensamento, palavra e ação, por ignorância e presunção, sob paixão e com deliberação, contra os teus preceitos, promessas e ameaças; contra as tuas misericórdias e os teus julgamentos, sob a tua paciência e diante dos teus olhos; contra as nossas consciências, os nossos propósitos e as nossas alianças. Quando estávamos nos apressando para a morte e para o julgamento, para os quais deveríamos ter nos preparado durante toda a vida, recomendaste o teu maravilhoso amor para conosco ao dares o teu Filho para morrer pelos pecadores, para reconciliar-nos contigo enquanto éramos inimigos; e, estando tudo preparado, enviaste os teus mensageiros para nos convidar a entrar, pregando-nos as boas-novas da salvação e oferecendo-nos gratuitamente o perdão e a vida em Jesus Cristo; mas nós o desconsideramos e negligenciamos tão grande salvação, e criamos desculpas ou atrasos longos demais; desvalorizando o nosso Redentor, o seu sangue e méritos, a sua graça oferecida e glória sem fim,

rejeitando a sua santa doutrina e exemplo, resistindo ao seu Espírito, ministros e palavra. Pecamos, Senhor, contra ti e contra as nossas próprias almas, e não somos dignos de ser chamados teus filhos. Merecemos a ira eterna; a nós pertence a confusão, mas a ti a misericórdia e o perdão. Tem misericórdia de nós, ó Deus, segundo a multidão das tuas misericórdias. Sara as nossas almas que pecaram contra ti, e não entres em juízo com os teus servos. Esconde a tua face dos nossos pecados e apaga todas as nossas iniquidades. Não nos lances fora da tua presença, e não vingues contra nós a queixa da tua aliança. Lava-nos no sangue do Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Aceita-nos em teu Filho amado, que se fez maldição por nós e foi ferido pelas nossas transgressões, para que fôssemos sarados pelas suas pisaduras. Converte-nos, Deus da nossa salvação, e faze resplandecer o teu rosto sobre nós. Dá-nos arrependimento para a vida: faze-nos abominar a nós mesmos por todos os males que cometemos. Dá-nos aquele espírito quebrantado e contrito que não desprezarás. Cria em nós um coração puro, ó Deus, e renova em nós um espírito reto. Tira de nós o coração de pedra antigo e dá-nos um coração novo e terno. Dá-nos o Espírito do teu Filho, sê o nosso Deus, e sejamos nós o teu povo. Ilumina os nossos entendimentos para conhecermos as coisas maravilhosas da tua lei, as dimensões do teu amor em Cristo, os mistérios do teu reino e as riquezas da glória da tua herança nos santos, e para que aprovemos as

coisas excelentes, escapemos dos laços do diabo e odiemos todo caminho falso. Derrama o teu amor em nossos corações pelo teu Espírito Santo e faze-nos amar-te de tal modo que nada possa nos separar do teu amor. Põe o teu temor em nossos corações, para que nunca nos desviemos de ti. Faze-nos buscar primeiro o teu reino e a sua justiça, e (como ressuscitados com Cristo) buscar as coisas que são de cima e acumular um tesouro no céu, e que os nossos corações e a nossa conduta estejam lá. Mortifica as nossas inclinações e desejos terrenos. Crucifica o mundo para nós, e nós para o mundo pela cruz de Cristo. Faze-nos viver pela fé e olhar para as coisas que não se veem; e usar o mundo como não abusando dele, visto que a aparência dele passa; esforçando-nos por entrar pela porta estreita e correndo de tal modo que alcancemos o prêmio. Não vivamos mais o resto de nosso tempo para as concupiscências dos homens, mas para a vontade de Deus, estudando em todas as coisas agradar-te e ser aceitos por ti. Não busquemos as nossas próprias vontades, mas a vontade daquele que nos chamou; sim, deleitemo-nos em fazer a tua vontade, ó Deus; esteja o nosso prazer na tua lei, e nela meditemos dia e noite. Faze-nos renunciar à impiedade e às concupiscências mundanas, e a viver sóbria, justa e piamente neste presente mundo, como filhos obedientes, não nos conformando com as concupiscências que antes havia em nossa ignorância; mas, como aquele que nos chamou é santo, sejamos santos em toda a nossa conduta.

Faze-nos amar uns aos outros com coração puro, suportando-nos e perdoando-nos uns aos outros se alguém tiver queixa contra outro, assim como Cristo nos perdoou. Dá-nos a sabedoria que é primeiro pura, depois pacífica. Aos nossos olhos seja o vil desprezado, mas honremos os que temem ao Senhor. Faze-nos andar de forma circunspecta e sem ofensa, e ser zelosos de boas obras; amar os nossos inimigos e não dar lugar à ira; e em paciência possuir as nossas almas. Ajuda-nos a negar a nós mesmos, a tomar a nossa cruz e a seguir a Cristo; estimando o seu vitupério como riqueza maior do que os tesouros do mundo; para que, tendo sofrido com Ele, sejamos também com Ele glorificados. Embora devamos ser tentados, ajuda-nos a vencer e a ser fiéis até a morte; e então recebamos a coroa da vida, pelos méritos e intercessão de Cristo Jesus, nosso Senhor e único Salvador; em cujas palavras abrangentes resumimos as nossas petições, dizendo como Ele nos ensinou: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, etc.

Ou assim, quando a brevidade for necessária:

Ó Deus mui grande, mui justo e gracioso, tu és de olhos tão puros que não podes contemplar a iniquidade, tu condenas os ímpios, impenitentes e incrédulos; mas prometeste misericórdia por meio de Jesus Cristo a todos os que se arrependem e nele creem. Confessamos que fomos concebidos em pecado e somos por natureza filhos da ira; e todos pecamos e carecemos da glória de Deus. No nosso

batismo recebeste-nos sob o vínculo da santa aliança, mas não nos lembramos de nosso Criador nos dias de nossa mocidade com o temor, amor e obediência que te devíamos: não te agradando e glorificando em todas as coisas, nem andando contigo pela fé em uma conduta celestial, nem te servindo fervorosamente com todas as nossas forças; mas satisfizemos os desejos da carne e da mente carnal. Negligenciamos e abusamos do teu santo culto, do teu santo nome e do teu santo dia. Desonramos os nossos superiores e negligenciamos os nossos inferiores. Tratamos com injustiça e falta de caridade os nossos vizinhos, não os amando como a nós mesmos, nem fazendo aos outros o que gostaríamos que fizessem conosco. Não buscamos primeiro o teu reino e a sua justiça, e não nos contentamos com o nosso pão cotidiano, mas andamos cuidadosos e perturbados com muitas coisas, negligenciando a única coisa necessária. Revelaste o teu maravilhoso amor para conosco em Cristo, e oferecestes-nos o perdão e a salvação nele; mas nós o desconsideramos e negligenciamos tão grande salvação, e resistimos ao teu Espírito, palavra e ministros, e não nos voltamos diante da tua repreensão. Corremos para as tentações; e o pecado que deveríamos ter odiado, nós o cometemos diante de ti, tanto secreta como abertamente, por ignorância e descuido, por precipitação e presunção, contra os teus preceitos, as tuas promessas e ameaças, as tuas misericórdias e os teus julgamentos. As nossas transgressões se multiplicaram perante ti, e os

nossos pecados testificam contra nós. Se nos tratares conforme merecemos, tu nos lançarás da tua presença no inferno, onde o bicho nunca morre e o fogo nunca se apaga. Mas na tua misericórdia, em teu Filho e na tua promessa está a nossa esperança. Tem misericórdia de nós, Pai mui misericordioso. Reconcilia-te conosco, e que o sangue de Jesus Cristo nos purifique de todos os nossos pecados. Recebe-nos como teus filhos e dá-nos o Espírito do teu Filho. Santifica-nos inteiramente, derrama o teu amor em nossos corações e faze-nos amar-te de todo o nosso coração. Ó, faze resplandecer o teu rosto sobre os teus servos; salva-nos dos nossos pecados e da ira vindoura; torna-nos um povo exclusivamente teu, zeloso de boas obras, para que possamos agradar-te e manifestar o teu louvor. Ajuda-nos a remir o tempo e a dar toda a diligência para confirmar a nossa vocação e eleição. Dá-nos as coisas necessárias para o teu serviço e guarda-nos de descontentamentos e cuidados pecaminosos. E, visto que todas estas coisas hão de se dissolver, façamos considerar que tipo de pessoas devemos ser em toda santa conduta e piedade. Ajuda-nos a vigiar contra as tentações e a resistir e vencer a carne, o diabo e o mundo; e, sendo libertos da mão de todos os nossos inimigos, sirvamos-te sem temor, em santidade e justiça perante ti, todos os dias de nossa vida. Guia-nos com o teu conselho e depois recebe-nos na tua glória, por Jesus Cristo, nosso único Salvador. Amém.

[Aqui use a Oração do Senhor como antes.]

Para o fortalecimento da Fé e reerguimento do Penitente, algumas destas Passagens do Evangelho podem ser lidas aqui:

> *Ouvi o que o Senhor diz para a absolvição e consolo dos crentes penitentes.*
>
> *O Senhor vosso Deus é gracioso e misericordioso, e não desviará o seu rosto de vós, se vos converterdes a ele.*
>
> *Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.*
>
> *Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê.*
>
> *Onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou para a morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.*
>
> *Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça.*

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

E quem quiser, tome de graça da água da vida.

Tudo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.

Pois serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais.

Ouvi também o que deveis ser e fazer de agora em diante, se quereis ser salvos:

Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.

Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas antigas já passaram; eis que tudo se fez novo.

Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito.

Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.

Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.

Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, viverdes.

Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.

Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.

Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias e bebedeiras, não em desonestidades e dissoluções, não em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências.

Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência

da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo.

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram.

Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; o qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras.

Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.

Os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos.

Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é um fogo consumidor.

> *Havendo, pois, de se dissolver todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus?*
>
> *Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.*

Então pode ser dito o Salmo noventa e cinco ou o cem, ou o oitenta e quatro.

E depois os Salmos em ordem para o dia; e em seguida será lido um capítulo do Antigo Testamento, aquele que o Ministro achar mais oportuno; ou com a liberdade expressa na admoestação antes do segundo livro de Homilias.

Depois disso, pode-se cantar um Salmo, ou dizer o Te Deum; em seguida, ler-se-á um capítulo do Novo Testamento, e depois a Oração pelo Rei e Magistrados. E após isso, o sessenta e sete, ou noventa e oito, ou algum outro Salmo, pode ser cantado ou dito, ou o Benedictus, ou Magnificat. E a mesma ordem deve ser observada no Culto da Noite, se o tempo o permitir.

Logo após o salmo, o ministro (no púlpito) primeiro orará reverente, prudente e fervorosamente, de acordo com o estado e as necessidades da igreja, e especialmente daqueles que estão presentes, e de acordo com o assunto sobre o qual irá pregar. E depois da oração, ele pregará sobre algum texto da Sagrada Escritura, adequando a sua matéria às necessidades dos ouvintes, e o modo de entrega à qualidade e benefício deles. Falando sempre a partir da

fé e da santa experiência em si mesmo, com clareza e perspicuidade, com reverência e gravidade, com evidência convincente e autoridade, com prudência, cautela, fidelidade e imparcialidade, com amor terno e compaixão comovente, com zelo fervoroso e importunação persuasiva, e com frequência e paciência incansável, esperando em Deus pelo sucesso. Depois do sermão, ele orará pedindo a bênção sobre a palavra de instrução e exortação que foi entregue; e em suas orações (antes ou depois do sermão) ordinariamente orará pela conversão dos pagãos, judeus e outros infiéis; pela subversão da idolatria, infidelidade, islamismo, heresia, tirania e superstição papais, cisma e profanação, e pelo livre progresso do evangelho, e pelo aumento da fé e da piedade, a honra do nome de Deus, a ampliação do reino de Cristo e a obediência de seus santos pelas nações da terra. E em especial por estas nações; pela Majestade do rei e o restante da família real; pelos lordes do conselho de sua Majestade, os juízes e outros magistrados da terra; pelos pastores da igreja e todas as congregações confiadas ao seu cuidado e governo. Tendo sempre o cuidado de que nenhuma mistura de expressões imprudentes e desordenadas, de descontentamento e paixão privados, de insinuações irreverentes, desobedientes, sediciosas ou facciosas, tendentes a corromper, e não a edificar, as mentes do povo, transforme a oração ou a pregação em pecado. E ordinariamente na comunhão da igreja, especialmente no dia do Senhor (que é propositalmente separado para a alegre comemoração da abençoada obra da redenção do homem), uma parte considerável do culto público deve consistir de ações de graças e louvores a Deus, especialmente por Jesus Cristo e seus benefícios; deixando

sempre a critério do ministro abreviar algumas partes do culto quando ele julgar necessário demorar-se mais em outras.

Terminado o Sermão e a Oração, que o Ministro despeça a Congregação com uma bênção, nestas ou em palavras semelhantes:

> *Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.*
>
> *O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz.*
>
> *A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós. Amém.*
>
> *Exceto se houver uma Comunhão no Sacramento da Ceia do Senhor a ser celebrada, ou qualquer outro Culto a ser realizado, e então o Ministro poderá adiar a Bênção para o Final.*

E porque, quando houver tempo, as Orações da Igreja devem ser tão completas quanto a Regra e as nossas Necessidades exigem; que a seguinte Oração Geral seja usada, quando o Ministro achar conveniente, em vez da Litania e das Coletas.

Aqui também estão anexadas uma Ação de Graças por Cristo e seus benefícios, e um Hino a ser usado a critério do ministro, quer após o sermão, quer na comunhão, quer em outros dias.

Uma Oração pelo Rei, pela Família Real e pelos Magistrados

Deus Todo-Poderoso, por quem os reis reinam e os príncipes decretam a justiça, que governas em todos os reinos dos homens e os dás a quem quer que queiras, e que por tua providência especial estabeleceste sobre nós o teu servo, Carlos, nosso rei; coroa-o com as tuas bênçãos e satisfaze-o com a tua bondade. Salva-o com a tua mão direita e defende-o contra os que se levantam contra ele; prolonga-lhe a vida em paz e justiça; concede-lhe o espírito de sabedoria e de conselho, o espírito de santidade e o temor do Senhor, para que saiba como entrar e sair perante este grande povo sobre o qual o estabeleceste. Não se aparte a tua lei da sua mente ou da sua boca, mas nela medite dia e noite. Faze-o como um anjo de Deus para discernir entre o bem e o mal, para que aos seus olhos o vil seja desprezado, mas honre os que temem ao Senhor; para que os seus olhos estejam sobre os fiéis da terra, para que habitem com ele, e os que são perfeitos no caminho o sirvam. Retira os ímpios de diante dele, para que o seu trono seja estabelecido em justiça; e concede que sob o seu governo possamos levar uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade. E, quando tiver terminado a sua carreira na terra, deixa-o herdar uma coroa de justiça e reinar com Cristo para sempre. Abençoa a rainha-mãe, o ilustre príncipe Jaime, duque de York, e o restante da família real; dota-os com o teu Santo Espírito, enriquece-os com a tua graça celestial e faze-os bênçãos em sua geração. Dota os lordes do conselho de sua Majestade, e toda a nobreza, os juízes e todos os magistrados da terra com a sabedoria do alto, para que governem como no teu temor e julguem com

julgamento reto, e atentem para o que fazem, como quem julga não para o homem, mas para o Senhor, para que o juízo corra como a água e a justiça como um ribeiro impetuoso. Que todos os súditos de sua Majestade se submetam devidamente a ele e lhe obedeçam, não só pelo temor da punição, mas por dever de consciência. Que todos os seus reinos sejam os reinos do Senhor e de seu Filho Cristo, para que Deus habite entre nós, e para que se diga deles: O Senhor te abençoe, ó habitação de justiça e monte de santidade: pois teu, ó Pai, com o Filho e o Espírito Santo, é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

A Oração Geral

Ó mui santa, bendita e gloriosa Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, Três Pessoas e Um só Deus, nosso Criador, Redentor e Santificador, nosso Senhor, nosso Governador e Pai, ouve-nos e tem misericórdia de nós, miseráveis pecadores.

Ó Senhor, nosso Salvador, Deus e homem! que, tendo assumido a nossa natureza, por teus sofrimentos, morte e sepultamento te fizeste resgate para tirar os pecados do mundo; que, ressuscitado dos mortos, ascendeste e foste glorificado, foste feito cabeça sobre todas as coisas para a igreja, a qual reúnes, justificas, santificas, governas e preservas, e a qual em tua vinda ressuscitarás e julgarás para a glória sem fim; rogamos-te que nos ouças, miseráveis pecadores: confirma em nós a nossa vocação e eleição, a nossa fé sincera e arrependimento; para que, sendo justificados e feitos filhos de Deus, tenhamos paz com Ele, como nosso Deus e Pai reconciliado.

Que o teu Santo Espírito nos santifique e habite em nós, e nos faça negar a nós mesmos e entregar a nós mesmos inteiramente a ti, como não sendo de nós mesmos, mas teus.

Como o mundo foi criado para a tua glória, seja o teu nome glorificado em todo o mundo; sejam destruídos o amor-próprio, o orgulho e a vanglória; faze-nos amar-te, temer-te e confiar em ti de todo o nosso coração, e viver para ti.

Sujeite-se toda a terra a ti, seu Rei. Que os reinos do mundo se tornem os reinos do Senhor e de seu Cristo. Sejam convertidos os ateus, idólatras, muçulmanos, judeus e outros infiéis e pessoas ímpias. Envia ceifeiros adequados para a colheita, e seja o evangelho pregado em todo o mundo. Preserva-os e abençoa-os em tua obra. Sustenta em paciência e liberta oportunamente as igrejas que estão oprimidas por idólatras, infiéis, muçulmanos ou outros inimigos, ou pelas usurpações papais romanas.

Une todos os cristãos em Jesus Cristo, a verdadeira e única Cabeça universal, na verdadeira fé e amor cristãos e católicos; lança fora as heresias e corrupções, cura as divisões, que os fortes recebam os fracos e suportem as suas enfermidades; refreia o espírito de orgulho e crueldade, e nada se faça por contenda ou vanglória.

Guarda-nos do ateísmo, da idolatria e da rebelião contra ti; da infidelidade, da impiedade e da sensualidade; da segurança carnal, da presunção e do desespero. Deleitemo-nos em agradar-te, e seja a tua palavra a regra de nossa fé e de nossas vidas; amemo-la, compreendamo-la e nela meditemos dia e noite.

Não corrompamos nem negligenciemos o teu culto, nem tomemos o teu santo nome em vão. Guarda-nos da blasfêmia, do perjúrio, do juramento profano, da mentira, do desprezo de tuas ordenanças e de pensamentos e discursos falsos, indignos e irreverentes sobre Deus ou coisas santas; e da negligência e profanação do teu dia santo.

Põe no coração dos reis e governantes do mundo o submeterem-se a Cristo e governarem para Ele como pais protetores de sua igreja: e salva-os das tentações que os afogariam na sensualidade, ou que os despedaçariam contra Cristo como uma rocha de escândalo, ao engajá-los contra a sua santa doutrina, caminhos e servos.

Tem misericórdia de teu servo Carlos, nosso rei, protege a sua pessoa, ilumina-o e santifica-o pelo teu Espírito, para que acima de todas as coisas busque a tua honra, o aumento da fé e a santa obediência às tuas leis; e nos governe como teu ministro, estabelecido por ti para terror dos malfeitores e louvor dos que fazem o bem, para que sob ele possamos viver uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade.

Tem misericórdia de toda a família real, dos lordes do conselho, de toda a nobreza, dos juízes e demais magistrados destas terras. Temam-te eles e sejam exemplos de piedade e temperança, odiadores da injustiça, da cobiça e do orgulho, e defensores dos inocentes: aos seus olhos seja o vil desprezado, mas honrem os que temem ao Senhor.

Sujeite-se cada alma às potestades superiores, e não resista; obedeçam ao rei e a todos em autoridade, não só pela punição, mas por dever de consciência.

Dá a todas as igrejas pastores capazes, santos e fiéis, que possam pregar com solidez e diligência a tua palavra, e guiar os rebanhos em caminhos de santidade e paz; supervisionando-os e governando-os não por constrangimento, mas voluntariamente, não por ganância gananciosa, mas de mente pronta; não como tendo domínio sobre a tua herança, mas como servos de todos e exemplos para o rebanho; para que, quando o sumo Pastor aparecer, recebam a coroa da glória.

Reconheça o povo aqueles que estão sobre eles no Senhor e trabalham entre eles, pregando-lhes a palavra de Deus; estimem-nos altamente em amor por causa de sua obra, considerem-nos dignos de dupla honra e obedeçam-lhes no Senhor.

Eduquem os pais os seus filhos na santa disciplina, para que se lembrem de seu Criador nos dias de sua mocidade; e amem os filhos, honrem e obedeçam a eles. Amem os maridos as suas mulheres e guiem-nas em conhecimento e santidade; e amem as mulheres e obedeçam aos seus maridos. Governem os senhores os seus servos em teu temor, e obedeçam os servos aos seus senhores no Senhor.

Guarda-nos de assassinatos e violência, e de palavras e ações apaixonadas e injuriosas.

Guarda-nos da fornicação e de toda impureza, de desonestidades e dissoluções, de pensamentos lascivos e conversas obscenas, e de toda conduta impudica.

Guarda-nos de roubar ou prejudicar o nosso próximo em sua propriedade, de perverter a justiça, de dar falso testemunho e de engano, de calúnia, difamação, censura sem caridade ou qualquer outro dano à reputação de nossos vizinhos.

Guarda-nos de cobiçar qualquer coisa que pertença ao nosso próximo. Amemos os nossos próximos como a nós mesmos, e façamos aos outros o que gostaríamos que fizessem conosco.

Faze-nos amar a Cristo em seus membros com um amor puro e fervoroso, e amar os nossos inimigos, e fazer o bem a todos, conforme pudermos; mas especialmente aos da família da fé.

Dá-nos o nosso sustento necessário e provisão para o teu serviço, e o contentamento com isso. Abençoa os nossos trabalhos e os frutos da terra em sua estação, e dá-nos o clima temperado que para isso concorra. Liberta-nos e a todos os teus servos de enfermidades, privações e outras aflições que possam inoportunamente nos desviar de teu serviço. Guarda-nos da glutonaria e da embriaguez, da preguiça, do ganho ilícito e de fazer provisão para a carne para satisfazer as suas concupiscências.

Quando pecarmos, restaura-nos por verdadeiro arrependimento e fé em Cristo. Faze-nos abominar a nós mesmos por nossas transgressões; perdoa-as todas e aceita-nos em teu Filho bem-amado; salva-nos da maldição e castigo que elas merecem, e ensina-nos a perdoar de coração aos outros. Converte os nossos inimigos, perseguidores e caluniadores, e perdoa-lhes.

Faze-nos vigiar contra as tentações, resistir e vencer a carne, o diabo e o mundo; e por nenhum atrativo de prazer, lucro ou honra sermos desviados de ti para o pecado. Soframos pacientemente com Cristo para que possamos reinar com Ele.

Liberta-nos e a todo o teu povo da inimizade e furor de Satanás e de todos os seus instrumentos perversos; e preserva-nos para o teu reino celestial.

Pois tu só és o Rei universal; teu é todo o poder no céu e na terra: de ti, e por ti, e para ti são todas as coisas, e a glória será tua para sempre. Amém.

Sobre os Salmos para uso público

Desejamos que, em vez da versão imperfeita dos Salmos em métrica atualmente em uso, a versão do Sr. William Barton e aquela revisada e aprovada pela Igreja da Escócia ali em uso (sendo as melhores que temos visto) possam ser recebidas e corrigidas por alguns homens habilidosos, e ambas permitidas (para uma agradável variedade) para serem impressas juntas em várias colunas ou páginas, e usadas publicamente; pelo menos até que se faça uma melhor do que qualquer uma delas.

Uma Ação de Graças por Cristo e seus graciosos Benefícios

Ó Deus gloriosíssimo, aceita, por meio de teu Filho amado, embora das mãos de pecadores, as ações de graças que o teu amor e misericórdias indizíveis, bem como o teu mandamento, nos obrigam a oferecer-te. Tu és o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, cheio de compaixão, gracioso, longânimo, abundante em

bondade e verdade, que guardas a misericórdia para milhares, que perdoas a iniquidade, a transgressão e o pecado. Para a tua glória nos criaste à tua imagem; fizeste-nos um pouco menor do que os anjos, e nos coroaste de glória e de honra, dando-nos domínio sobre as obras de tuas mãos e pondo todas estas coisas debaixo de nossos pés. E quando te abandonamos, e quebramos a tua aliança, e nos rebelamos contra ti, e nos corrompemos, e transformamos a nossa glória em vergonha, tu não nos deixaste nas mãos da morte, nem nos lançaste em total desespero; mas amaste de tal modo o mundo pecador que deste o teu Filho para ser o nosso Salvador. Ele não tomou sobre si a natureza dos anjos, mas a do homem; o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Este é o mistério insondável de amor no qual os anjos desejam atentar: Ele foi tentado para que pudesse socorrer os que são tentados, e venceu o tentador que nos havia vencido. Tornou-se pobre Aquele que era Senhor de tudo, para nos fazer ricos. Não pecou, mas cumpriu toda a justiça para nos salvar de nossa injustiça. Fez-se de nenhuma reputação, mas foi ultrajado, escarnecido e cuspido, suportando a cruz e desprezando a vergonha para cobrir a nossa vergonha e nos conduzir à glória; lançaste sobre Ele a iniquidade de todos nós. Foi moído e ferido por nossas transgressões para que fôssemos sarados por suas pisaduras. Deu-se a si mesmo em resgate por nós, e morreu por nossos pecados, e ressuscitou para a nossa justificação. Damos-te graças por sua morte que nos salva da morte, e porque carregou a maldição para nos resgatar da maldição, e por sua vida que nos abriu o caminho para a vida. Tu o deste para ser Cabeça sobre todas as coisas para a igreja, e deste as

nações por sua herança, e deste-lhe um nome que está acima de todo nome, e deste-lhe todo o poder e juízo. Damos-te graças pela nova e melhor aliança, por tuas grandes e preciosas promessas; porque nos deste a vida eterna em Cristo. Porque temos a clara e segura revelação de tua vontade nas Sagradas Escrituras. Porque edificaste a tua igreja sobre apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular. E confiaste aos teus ministros a palavra da reconciliação para que, como embaixadores falando em nome de Cristo, nos rogassem que nos reconciliássemos contigo. Damos-te graças porque, por meio deles, abriste os nossos olhos e nos converteste das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus. Fomos outrora insensatos, desobedientes, enganados, servindo a várias concupiscências e deleites, levados cativos por Satanás à sua vontade; mas a tua misericórdia nos salvou pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo. Poderias justamente ter nos deixado na cegueira de nossas mentes e na dureza de nossos corações, com consciências cauterizadas, pastos de sentimentos, às concupiscências de nossos próprios corações, para andarmos em nossos próprios conselhos e cometermos a impureza com ganância, quando tantas vezes recusamos vir a Cristo para que tivéssemos vida, e não quisemos que Ele reinasse sobre nós. Mas a tua paciência esperou por nós em nosso pecado; e durante todo o dia estendeste as tuas mãos a um povo desobediente e contradizente. Quando nos desviamos de ti, chamaste por nós, para que nos convertêssemos e vivêssemos. Atraíste-nos ao teu Filho e abriste os nossos corações para atendermos ao teu chamado. Amaste-nos primeiro e foste achado por

aqueles que não te buscavam. Perdoaste as nossas grandes e multiplicadas transgressões, e nos justificaste pela fé em Cristo, e nos deste arrependimento para a vida. Adotaste-nos para sermos teus filhos e co-herdeiros com Cristo; e nos fizeste membros dele, e nos deste o seu Espírito: já não somos estrangeiros, mas concidadãos dos santos e da tua família. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua abundante misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminada e que não se pode murchar, guardada nos céus para nós. Tu nos guardas pelo teu poder soberano, mediante a fé, para a salvação que já está prestes a se revelar no último tempo, ainda que agora (quando necessário) devamos por um pouco de tempo ser contristados sob tribulações. Prometeste que todas as coisas cooperariam para o nosso bem; em todas as nossas angústias concedes-nos acesso ao trono da graça, ordenando-nos a clamar a ti no tempo da angústia, e prometendo nos libertar para que te glorifiquemos: em todo lugar temos licença para levantar a ti mãos santas, especialmente na casa de oração e na assembleia dos santos. Ouviste a voz de nossas súplicas quando a ti clamamos; grande é a tua misericórdia para conosco. Ó Senhor, livraste a nossa alma do mais profundo inferno; enviaste do céu a tua misericórdia e a tua verdade; e nos salvaste do vitupério daquele que queria nos devorar. Tu és o nosso esconderijo: nos segredos da tua presença tu nos preservas da angústia, do orgulho dos homens e da contenda de línguas. Tu nos cercas de cantos de livramento. Ó, amai ao Senhor, todos vós os seus santos! Porque o Senhor preserva os fiéis e

recompensa abundantemente o soberbo. Não nos trata segundo os nossos pecados; a sua ira dura apenas um momento, mas no seu favor está a vida. Em sua ira lembra-se da misericórdia: todas as tuas veredas, ó Senhor, são misericórdia e verdade para aqueles que guardam a tua aliança. Entramos em tua casa na multidão de tuas misericórdias; ó, dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre. Gloriai-vos no seu santo nome; alegre-se o coração daqueles que o buscam. Bem-aventurado o povo que conhece o som alegre; eles andarão, ó Senhor, na luz do teu rosto. Em teu nome se alegrarão todo o dia, e em tua justiça e favor serão exaltados. Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvar-te-ão continuamente. Ó, satisfaze-nos cedo com a tua misericórdia, para que nos regozijemos e nos alegremos em ti todos os nossos dias. Guia-nos com o teu conselho e depois recebe-nos em tua glória; onde, com todas as hostes benditas do céu, possamos contemplar, admirar e perfeita e alegremente louvar-te, nosso gloriosíssimo Criador, Redentor e Santificador, para todo o sempre. Amém.

O Hino

A Primeira Parte

Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios: Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, e sara todas as tuas enfermidades; quem redime a tua vida da perdição, e te coroa de benignidade e de misericórdia. Quanto está longe o oriente do ocidente, tanto afasta de nós as nossas

transgressões. Vede que amor o Pai nos concedeu, para que fôssemos chamados filhos de Deus. Porque a tua benignidade é melhor do que a vida, os meus lábios te louvarão. Assim te bendirei enquanto viver; em teu nome levantarei as minhas mãos. A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura, e a minha boca te louvará com alegres lábios. Quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem, mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre. Pois eis que os que se esquivam de ti perecerão; mas para mim é bom aproximar-me de Deus. Estou continuamente contigo: tu me seguraste pela minha mão direita. Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, os teus consolos recreiam a minha alma. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória.

A Segunda Parte

Quão preciosa é, ó Deus, a tua benignidade! Pelo que os filhos dos homens se abrigam à sombra das tuas asas. Eles se fartarão da gordura da tua casa; e os farás beber da corrente das tuas delícias: porque em ti está o manancial da vida. Na tua luz veremos a luz. Pelo que se alegrou o meu coração, e a minha glória se regozijou. A minha carne também repousará segura. Far-me-ás ver a vereda da vida. Na tua presença há abundância de alegrias, e à tua mão direita há delícias para sempre. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias. Estende a tua benignidade sobre os que te conhecem, e a tua justiça sobre os retos de coração. Para que a minha glória te cante

louvores, e não se cale. Senhor, Deus meu, graças te darei para sempre.

A Terceira Parte

Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens. Louvai ao Senhor: cantai ao Senhor um cântico novo; o seu louvor na congregação dos santos. Porque o Senhor se agrada do seu povo; ele adornará os mansos com a salvação. Alegrem-se os santos na glória. Estejam em suas bocas os altos louvores de Deus. Todas as tuas obras te louvarão, ó Senhor, e os teus santos te bendirão. Falarão da glória do teu reino, e relatarão o teu poder; para fazer saber aos filhos dos homens os teus feitos poderosos, e a gloriosa majestade do teu reino. O teu reino é um reino eterno, e o teu domínio estende-se por todas as gerações. Os anciãos e os santos ao redor do teu trono não descansam dia nem noite, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir. Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas. Cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem te não temerá, ó Senhor, e não glorificará o teu nome? Porque só tu és santo: por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos. Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória. Porque para Deus nos remiste com o teu sangue, e para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes.

A Quarta Parte

Oh, que os homens louvassem ao Senhor por sua bondade, e por suas maravilhas para com os filhos dos homens! E ofereçam sacrifícios de louvor, e publiquem as suas obras com júbilo. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome; anunciai a sua salvação de dia em dia. Adorai ao Senhor na beleza da santidade; tremei diante dele, todas as terras. Alegrem-se os céus, e regozije-se a terra diante do Senhor; porque vem, porque vem a julgar a terra. Com justiça julgará o mundo, e os povos com equidade. Bendizei ao Senhor, vós os seus anjos, que excelis em força, que guardais os seus mandamentos, obedecendo à voz da sua palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, vós ministros seus, que fazeis a sua vontade. Bendizei ao Senhor, todas as suas obras, em todos os lugares do seu domínio. Bendiz, ó minha alma, ao Senhor. A minha boca falará os louvores do Senhor; e toda a carne bendiga o seu santo nome para todo o sempre. Tudo o que tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor.

A Ordem Da Celebração Do Sacramento Do Corpo E Sangue De Cristo

Esta ou semelhante Explicação sobre a Natureza, Uso e Benefícios deste Sacramento pode ser usada a critério do Ministro, quando julgar necessário para a instrução dos comungantes.

> *Para que possais discernir o corpo do Senhor e compreender a natureza, uso e benefícios deste sacramento, deveis saber que Deus criou o homem à sua própria imagem, para conhecer, amar e servir o seu Criador; que o homem caiu na culpa*

do pecado e da condenação, e perdeu a sua aptidão santa para a obra para a qual foi criado. Que diante disso o maravilhoso amor e sabedoria de Deus nos providenciou um remédio em nosso Redentor, a fim de que Ele não perdesse a glória de sua criação, para que pudesse nos perdoar e salvar mediante termos; garantindo a honra de sua justiça, e alcançando os fins de sua lei e governo, e recuperando-nos para o seu amor e serviço, ao manifestar-se ao mundo nas maiores demonstrações de bondade, amor e misericórdia. Pelo maior milagre de condescendência, Ele primeiro prometeu e depois deu o seu único Filho, o Verbo Eterno, para assumir a natureza humana em união pessoal com a sua Divindade; para que, sendo Deus e homem, pudesse ser um Mediador adequado entre Deus e o homem, para nos restaurar e reconciliar consigo mesmo. Assim, Jesus Cristo, concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, tornou-se o Segundo Adão, o Médico e Salvador de pecadores arruinados, o Capitão da nossa salvação, para ser o Rei glorioso e Cabeça de todos os que são santificados e salvos. Ele revelou a santidade, a bondade e o amor de Deus pela perfeita santidade, bondade e amor de sua bendita pessoa, doutrina e vida comum, e sofrendo por nós todas as aflições desta vida, e por fim a morte maldita da cruz, como sacrifício e resgate por nós. Para que tudo isso fosse eficaz para a nossa recuperação, Ele fez por nós uma nova e melhor aliança, e Ele próprio a pregou, assumindo o perdão, a justificação e a

santificação de todos os que por fé sincera o recebem como seu Salvador, arrependendo-se de seus pecados e consentindo em ser santificados por sua palavra e Espírito (pelo qual também atrai e convida os homens a si, e concede-lhes crer): nesta bendita aliança que perdoa e salva somos primeiramente introduzidos de forma solene pelo batismo. E quando Cristo estava prestes a deixar o mundo, e a entregar-se em sacrifício por nós, e interceder e exercer a plenitude de seu poder régio como Cabeça da igreja; e por sua graça atrair os homens a si e prepará-los para a sua glória; Ele próprio instituiu este sacramento de seu corpo e sangue em sua última ceia, para ser uma representação e lembrança contínuas de sua morte, e nela de seu amor e do amor de seu Pai, até a sua vinda; estabelecendo os seus ministros para que, pela pregação do evangelho e administração destes sacramentos, fossem os seus agentes externos, e o seu Espírito o agente interno, para comunicar eficazmente a sua graça.

[A ceia do Senhor, então, é um santo sacramento instituído por Cristo, no qual o pão e o vinho, sendo primeiro pela consagração feitos sacramentalmente, ou representativamente, o corpo e o sangue de Cristo, são usados por meio da fração e do derramamento para representar e comemorar o sacrifício do corpo e do sangue de Cristo, uma vez oferecido a Deus na cruz pelo pecado; e são dados em nome de Cristo à igreja, para significar e solenizar a renovação de sua santa aliança com eles, e a entrega de si mesmo a eles, para expiar os seus pecados pelo seu sacrifício, e santificá-los ainda mais pelo seu

Espírito, e confirmar o seu direito à vida eterna: e eles são recebidos, comidos e bebidos pela igreja, para professar que de boa mente recebem o próprio Cristo para os fins supracitados (sua justificação, santificação e glorificação), e para significar e solenizar a renovação de sua aliança com Ele, e a sua santa comunhão com Ele e uns com os outros.]

Sendo a renovação de uma aliança mútua o que aqui se soleniza, assim como comemoramos o sacrifício de Cristo e o recebemos e aos seus benefícios salvadores, assim também oferecemos e entregamos a Ele a nós mesmos, como seu povo remido e santificado, para ser um sacrifício vivo e agradável, para vivermos de forma grata e obediente para o seu louvor.

Antes de receber este santo sacramento, devemos examinar a nós mesmos e vir preparados; ao recebê-lo, devemos exercitar afeições santas adequadas para a obra; e após recebê-lo, devemos, pela meditação dele, empenhar-nos em reviver as mesmas afeições e cumprir a nossa aliança ali renovada.

As qualificações santas a serem previamente providenciadas, e no receber exercitadas, e após o receber, são estas: 1. Uma crença verdadeira nos artigos da fé cristã concernentes ao Pai, Filho e Espírito Santo; à pessoa, ofícios, obras, sofrimentos e benefícios de Cristo. 2. O senso de nossa condição pecaminosa e arruinada, como em nós mesmos, e de nossa necessidade de Cristo: de modo a nos abominarmos humildemente por nossas transgressões, com o senso de nossas fraquezas presentes a serem fortalecidas e pecados a serem perdoados. 3. Um desejo verdadeiro por Cristo para perdão, nutrição

espiritual e salvação. 4. Um senso grato do maravilhoso amor de Deus, declarado em nossa redenção e nas ofertas presentes de Cristo e da vida. 5. O exercício do santo amor e alegria no senso deste amor indizível. (Se estes dois não forem sentidos antes de virmos, contudo, no sacramento e após ele devemos nos esforçar para exercitá-los.) 6. Um amor mútuo e o perdoar as ofensas uns aos outros, com um desejo pela comunhão dos santos. 7. O entregar a nós mesmos em aliança a Deus, com resolução para uma obediência renovada. 8. Uma esperança paciente pela vinda do próprio Cristo e do reino eterno, onde seremos perfeitamente unidos nele e glorificados com Ele.

Devem ser convidados à mesa do Senhor, e vir, apenas aqueles que verdadeiramente se arrependem e creem, e sinceramente consentem com os termos da aliança (embora nem todos devam ser convidados a crer e a se arrepender, e assim a vir). Mas devem ser admitidos pelos pastores, se vierem, aqueles que, tendo o uso da razão para compreender o que fazem e examinar a si mesmos, fizeram uma profissão pessoal de fé, arrependimento e obediência; e são membros da igreja, e não removidos de sua comunhão presente por justa causa de heresia ou pecado escandaloso.

O benefício do sacramento não deve ser julgado apenas pela experiência e sentimento presentes, mas pela fé. Tendo Deus nos ordenado a usá-lo e prometido a sua bênção, podemos e devemos crer que Ele cumprirá a sua promessa; e, independentemente do que sintamos no presente, que sinceramente não esperamos nele em vão.

A Exortação

Vós sois convidados a este lugar, amados irmãos, para serdes convidados nesta santa mesa, por ordem do Senhor, para receberdes a maior misericórdia e realizardes o maior dever. Da parte de Cristo, tudo já está preparado. O banquete está preparado para vós, sim, para vós que pelo pecado merecíeis ser lançados fora da presença do Senhor; para vós que tantas vezes negligenciastes e abusastes da misericórdia. Um banquete do corpo e do sangue de Cristo, gratuito para vós, mas caro para Ele. Estáveis perdidos e a caminho de estardes perdidos para sempre, quando, pelo maior milagre de amor condescendente, Ele vos buscou e salvou. Estáveis mortos no pecado, condenados pela lei, escravos de Satanás; nada faltava senão o golpe de execução da justiça para vos enviar à miséria eterna, quando o nosso amado Redentor teve compaixão de vós em vosso sangue, e derramou o dele próprio para vos lavar e curar. Sofreu Aquele que foi ofendido, para que o ofensor não sofresse. Ele clamou na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", para que nós, que o merecíamos, não fôssemos eternamente desamparados. Ele morreu para que vivêssemos. Oh, como a misericórdia da redenção vos teria sensibilizado se tivésseis primeiro jazido um ano, ou um mês, ou um dia no inferno! Se tivésseis apenas visto o vosso Senhor moribundo, ou visto os condenados em sua miséria, como pensais que teríeis valorizado a salvação que agora vos é revelada e oferecida? Vede aqui Cristo morrendo nesta santa representação. Contemplai o Cordeiro de Deus sacrificado, que tira os pecados do mundo. É a sua vontade ser assim frequentemente crucificado diante de vossos olhos. Oh, como deveríamos ser cobertos de vergonha e abominar a nós mesmos, nós

que causamos a morte de Cristo pelo pecado e pecamos contra ela! E como deveríamos todos estar cheios de alegria por termos tais mistérios de misericórdia abertos e tão grande salvação gratuitamente oferecida a nós! Oh, odiai o pecado; oh, amai este Salvador. Cuidai para que não venhais aqui sem o desejo de serdes mais santos, nem com o propósito de continuardes no pecado voluntário. Não vos enganeis, Deus não se deixa escarnecer; mas, se de coração vos arrependeis e consenteis com a aliança, vinde e sede bem-vindos; temos comissão de Cristo para vos dizer que sois bem-vindos. Nenhuma alma trêmula e contrita se esquive, que esteja disposta a ser de Cristo nos termos de sua aliança, mas crede que Cristo está muito mais disposto a ser vosso. Ele foi o primeiro a querer e, por isso, morreu por vós, fez a aliança da graça, enviou a convidar-vos e a insistir para que consentísseis, esperou por vós tanto tempo e vos deu o vosso arrependimento, a vossa disposição e o vosso desejo. Não questioneis, pois, a sua disposição se vós estais dispostos. É Satanás e a incredulidade que gostariam que a questionásseis, para prejuízo tanto de Cristo quanto vosso. Aproximai-vos, observai, crede e maravilhai-vos com as riquezas de seu amor e de sua graça; pois Ele próprio vos convidou a ver e a provar, para que vos maravilheis. Sois pecadores, mas Ele vos convida a receber um perdão renovado e selado de vossos pecados, e a vos dar mais de seu Espírito para os vencerdes. Vede aqui o seu corpo partido e o seu sangue, os testemunhos de sua disposição. Assim selou Ele a aliança que perdoa todos os vossos pecados e vos assegura a vossa reconciliação com Deus, a vossa adoção e o vosso direito à bem-aventurança eterna. Não negueis o vosso consentimento, mas de coração entregai-vos a

Cristo, e então não duvideis de que os vossos pecados escarlates e carmesins se tornarão tão brancos como a lã ou a neve. Não apresenteis o número ou a grandeza deles contra a sua graça. Não há nenhum grande demais para Ele perdoar aos crentes penitentes. Grandes pecados trarão grande glória ao seu sangue e à sua graça. Mas esforçai-vos, então, por um grande aborrecimento de vossos pecados, por um amor maior a tal Deus e por graças maiores a tal Salvador. Sinceramente dizei: Estou disposto, Senhor, a ser totalmente teu, e então, com fé, recebei a Cristo, o perdão e a vida, conforme vos foram dados por sua própria determinação na aliança selada. E lembrai-vos de que Ele está vindo. Ele vem com milhares de seus santos anjos para exercer juízo sobre os ímpios, mas para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creem. E então teremos coisas maiores do que estas. Então vereis cumpridas todas as promessas que agora vos são seladas, nas quais Ele vos faz confiar. Revivei agora o vosso amor mútuo, perdoai os que vos ofenderam e deleitai-vos na comunhão dos santos; e então sereis admitidos na igreja triunfante, onde com santos perfeitos vos alegrareis perfeitamente, e amareis e louvareis o Senhor para sempre. Recebei agora um Cristo crucificado aqui representado, e contentai-vos em tomar a vossa cruz e segui-lo. E então reinareis com um Cristo glorificado, na visão bendita e no usufruto daquele Deus com quem, por Cristo, estais agora reconciliados. Que a fé e o amor estejam operando sobre estas coisas enquanto estais nesta santa mesa.

Então o Ministro usará esta ou oração semelhante:

Deus mui santo, somos como restolho diante de ti, o fogo consumidor. Como subsistiremos diante de tua santidade, pois somos um povo pecador, carregado de iniquidade, que retrocedeu e provocou o Santo de Israel? Quando estávamos perdidos, o teu Filho nos buscou e salvou; quando estávamos mortos no pecado, tu nos vivificaste. Tu nos viste poluídos em nosso sangue e nos disseste: Vive. Naquele tempo de amor cobriste a nossa nudez, entraste em aliança conosco e nos tornamos teus. Tu nos livraste do poder das trevas e nos transportaste para o reino do teu Filho amado; e nos deste a remissão do pecado pelo seu sangue. Mas somos rebeldes graves, esquecemo-nos da aliança do Senhor, nosso Deus. Estávamos comprometidos a amar-te de todo o nosso coração, a odiar a iniquidade, a servir-te diligentemente e a publicar as tuas ações de graças com gratidão. Mas nos desviamos de ti e nos corrompemos pelo amor-próprio, pelo amor ao mundo e às coisas que há no mundo, e satisfizemos os desejos da carne, os quais deveríamos ter crucificado. Negligenciamos o nosso dever para contigo e para com o nosso próximo, e o cuidado necessário com a nossa própria salvação. Fomos servos inúteis, escondemos os teus talentos e te desonramos, a ti que em todas as coisas deveríamos ter agradado e glorificado. Fomos negligentes em ouvir e ler a tua santa palavra, e em meditar e falar dela, na oração pública e privada, nas ações de graças e em nossa preparação para este santo sacramento, no exame de nós mesmos, no arrependimento de

nossos pecados e no despertar de nossos corações para um recebimento crente e grato de tua graça, e para o amor e alegria em nossa comunhão contigo e uns com os outros. Não discernimos devidamente o corpo do Senhor, mas profanamos o teu santo nome e a tua ordenança, como se a mesa do Senhor fosse desprezível. E quando nos falaste de paz, voltamos novamente à insensatez. Merecemos, Senhor, ser lançados fora de tua presença e ser desamparados, assim como te desamparamos, e ouvir para nossa confusão: Apartai-vos de mim, não vos conheço, vós que praticais a iniquidade. Tu podes justamente nos dizer que não tens prazer em nós, nem receberás oferta de nossas mãos. Mas contigo há abundante misericórdia. E o nosso advogado, Jesus Cristo, o justo, é a propiciação pelos nossos pecados; o qual os carregou em seu corpo sobre a cruz e se fez oferta por eles, para que pudesse eliminá-los pelo sacrifício de si mesmo: tem misericórdia de nós e lava-nos em seu sangue, reveste-nos com a sua justiça, tira as nossas iniquidades e não permitas que sejam a nossa ruína; perdoa-as e não te lembres mais delas. Ó tu que não te deleitas na morte dos pecadores, cura as nossas rebeldias, ama-nos livremente e dize às nossas almas que tu és a nossa salvação. De maneira nenhuma lançarás fora os que vêm a ti; recebe-nos graciosamente para o banquete que nos preparaste; faze-nos ter fome e sede de Cristo e de sua justiça, para que sejamos fartos. Que a sua carne e o seu sangue nos sejam verdadeiramente

comida e bebida; e o seu Espírito seja em nós uma fonte de água viva que jorre para a vida eterna. Dá-nos conhecer o teu amor em Cristo, que excede todo o entendimento. Embora não o tenhamos visto, amemo-lo; e, embora agora não o vejamos, contudo, crendo, alegremo-nos com gozo indizível e glorioso. Embora sejamos indignos das migalhas que caem de tua mesa, contudo alimenta-nos com o pão da vida, e fala e sela a paz às nossas almas pecadoras e feridas. Amacia os nossos corações que estão endurecidos pelo engano do pecado: mortifica a carne e fortalece-nos com poder no homem interior; para que vivamos e glorifiquemos a tua graça, por Jesus Cristo, nosso único Salvador. Amém.

Aqui que o Pão seja trazido ao Ministro, e recebido por ele, e colocado sobre a Mesa, e depois o Vinho da mesma maneira (ou, se já estiverem colocados ali antes), de qualquer forma, que ele os abençoe, orando com estas ou palavras semelhantes:

Deus Todo-Poderoso, tu és o Criador e o Senhor de todas as coisas. Tu és a Majestade Soberana a quem ofendemos; tu és o nosso Pai mui amoroso e misericordioso, que deste o teu Filho para nos reconciliar contigo, o qual ratificou o novo testamento e a aliança da graça com o seu mui precioso sangue; e instituiu este santo sacramento para ser celebrado em memória dele até a sua vinda. Santifica estas tuas criaturas de pão e vinho, as quais, segundo a tua instituição e mandamento, separamos para este santo uso,

para que sejam sacramentalmente o corpo e o sangue de teu Filho Jesus Cristo. Amém.

Então (ou imediatamente antes desta Oração) que o Ministro leia as palavras da Instituição, dizendo:

Ouvi o que diz o apóstolo Paulo: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha."

Então que o Ministro diga:

Este pão e vinho, sendo separados e consagrados para este santo uso por determinação de Deus, não são agora pão e vinho comuns, mas sacramentalmente o corpo e o sangue de Cristo.

Então que ele ore assim:

Salvador mui misericordioso, como nos amaste até a morte e sofreste por nossos pecados, o justo pelos injustos, e instituíste este santo sacramento para ser usado em memória de ti até a tua vinda; rogamos-te, por tua intercessão junto ao Pai, por meio do sacrifício de teu corpo e sangue, dá-nos o perdão de nossos pecados e o teu Espírito

> *vivificante, sem o qual a carne para nada aproveita. Reconcilia-nos com o Pai; nutre-nos como membros teus para a vida eterna. Amém.*

Então que o Ministro tome o Pão e o parta à vista do povo, dizendo:

> *O corpo de Cristo foi partido por nós, e oferecido uma vez por todas para nos santificar. Contemplai o Cordeiro de Deus sacrificado, que tira os pecados do mundo.*

Da mesma maneira, tome o Cálice e derrame o Vinho à vista da Congregação, dizendo:

> *Fomos resgatados com o precioso sangue de Cristo, como de um Cordeiro sem defeito e sem mancha.*

Então que ele ore assim:

> *Espírito mui Santo, que procedes do Pai e do Filho, por quem Cristo foi concebido, por quem os profetas e apóstolos foram inspirados, e os ministros de Cristo são capacitados e chamados, que habitas e operas em todos os membros de Cristo, os quais santificas à imagem e para o serviço de sua Cabeça, e consolas para que manifestem o seu louvor; ilumina-nos para que, pela fé, possamos ver Aquele que aqui nos é representado. Amacia os nossos corações e humilha-nos por nossos pecados. Santifica-nos e vivifica-nos, para que possamos saborear a comida espiritual e alimentar-nos dela para a nossa nutrição e crescimento na graça. Derrama o*

amor de Deus em nossos corações e atrai-os em amor para com Ele. Enche-nos de gratidão e de santa alegria, e de amor mútuo: consola-nos testificando que somos filhos de Deus. Confirma-nos para uma nova obediência. Sê o penhor da nossa herança e sela-nos para a vida eterna. Amém.

Então que o Ministro entregue o Pão assim consagrado e partido aos Comungantes, primeiro tomando-o e comendo-o ele próprio como um deles, após ter dito:

Tomai, comei; isto é o corpo de Cristo que é partido por vós; fazei isto em memória dele.

Da mesma maneira ele lhes entregará o Cálice, primeiro bebendo dele próprio, após ter dito:

Este cálice é o novo testamento no sangue de Cristo [ou o sangue de Cristo do novo testamento], que é derramado por vós para a remissão dos pecados; bebei dele todos, em memória dele.

Fique à escolha do Ministro consagrar o pão e o vinho juntos, e partir o pão e derramar o vinho imediatamente; ou consagrar e derramar o vinho quando os Comungantes tiverem comido o pão. Se ele fizer a segunda opção, deverá usar as Orações e expressões anteriores duas vezes, de forma correspondente. E fique ao seu critério usar quaisquer palavras na fração do pão e no derramamento do vinho, ou não; e se o Ministro preferir orar apenas uma vez, na consagração, comemoração e entrega, ore como se segue, ou com este sentido:

Deus Todo-Poderoso, tu és o Criador e o Senhor de tudo. Tu és a Majestade Soberana a quem ofendemos. Tu és o nosso Pai misericordioso, que nos deste o teu Filho para nos reconciliar contigo; o qual ratificou o novo testamento e a aliança da graça com o seu mui precioso sangue, e instituiu este santo sacramento para ser celebrado em memória dele até a sua vinda. Santifica estas tuas criaturas de pão e vinho que, segundo a tua vontade, separamos para este santo uso, para que sejam sacramentalmente o corpo e o sangue de teu Filho Jesus Cristo. E por seu sacrifício e intercessão, dá-nos o perdão de todos os nossos pecados, reconcilia-te conosco e nutre-nos pelo corpo e sangue de Cristo para a vida eterna. E, para esse fim, dá-nos o teu Espírito vivificante para mostrar Cristo às nossas almas crentes, o qual é aqui representado aos nossos sentidos. Amacie Ele os nossos corações, humilhe-nos por nossos pecados e faça-nos alimentar-nos de Cristo pela fé. Derrama Ele o teu amor em nossos corações, atrai-os em amor para ti e enche-nos de santa alegria, gratidão e fervoroso amor mútuo. Consola-nos Ele testificando que somos teus filhos, confirma-nos para uma nova obediência, sê o penhor da nossa herança e sela-nos para a vida eterna; por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Fique ao critério do Ministro entregar o pão e o vinho ao povo (na mesa) apenas em geral, cada um tomando-o e aplicando-o a si mesmo; ou entregá-lo em geral a tantos quantos estiverem em cada grupo particular; ou colocá-lo

na mão de cada pessoa: bem como em que momento recolher a contribuição para os pobres. E nenhuma pessoa do povo seja forçada a sentar-se, ficar de pé ou ajoelhar-se no ato de receber, cujo julgamento seja contrário a isso.

Terminada a Participação, ore o Ministro assim, ou com este sentido:

> *Deus gloriosíssimo, quão maravilhosos são o teu poder e sabedoria, a tua santidade e justiça, o teu amor e misericórdia nesta obra de nossa redenção, pela encarnação, vida, morte, ressurreição, intercessão e domínio de teu Filho! Nenhum poder ou sabedoria no céu ou na terra poderia ter nos libertado senão os teus. Os anjos desejam atentar para este mistério, a hoste celeste o celebra com louvores, dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens. Toda a criação proclamará os teus louvores. Bênção, honra, glória e poder sejam dAquele que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro para todo o sempre. Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, a honra e a glória; pois para Deus nos remiste com o teu sangue, e para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes. Onde o pecado abundou, superabundou a graça. E perdoaste-nos de fato tão grande dívida por tão precioso resgate? Dar-nos-ás de fato reinar com Cristo em glória, ver a sua face, amar-te e ser amados por ti para sempre? Sim, Senhor, tu nos perdoaste e tu nos glorificarás, pois fiel é Aquele que prometeu. Com o sangue de teu Filho, com o sacramento e com o teu Espírito, selaste para nós estas preciosas*

promessas. E não te amaremos nós, que assim nos amaste? Não amaremos nós os teus servos e perdoaremos aos nossos vizinhos a sua pequena dívida? Depois de tudo isto, voltaríamos a abandonar-te e a agir falsamente em tua aliança? Deus nos livre! Ó, põe as nossas afeições nas coisas de cima, onde Cristo está assentado à tua direita. Não nos inclinemos mais às coisas terrenas, mas a nossa conduta esteja no céu, de onde esperamos que venha o nosso Salvador e nos transforme à semelhança de sua glória. Ensina-nos a fazer a tua vontade, ó Deus, e a segui-lo, a Ele que é o autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. Ordena os nossos passos por tua palavra, e não permitas que iniquidade alguma tenha domínio sobre nós. Não vivamos doravante para nós mesmos, mas para Aquele que por nós morreu e ressuscitou. Não tenhamos comunhão com as obras infrutuosas das trevas, mas antes reprovemo-las. E que a nossa luz resplandeça diante dos homens, para que glorifiquem a ti. Em simplicidade e sinceridade piedosa, e não em sabedoria carnal, tenhamos a nossa conduta no mundo. Oh, que os nossos caminhos fossem assim direcionados para que guardássemos os teus estatutos! Embora Satanás deseje novamente nos peneirar e busque como leão que ruge devorar, fortalece-nos para resistirmos às suas astutas ciladas, e em breve esmaga-o debaixo de nossos pés. Aceita-nos, Senhor, nós que nos entregamos a ti como teus próprios; e, com as nossas graças e louvores, apresenta-nos como um sacrifício vivo

para ser aceitável por Cristo, útil para a tua honra: sendo libertos do pecado e feitos teus servos, tenhamos o nosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Em seguida, acrescente esta ou alguma Exortação semelhante, se houver tempo:

Amados irmãos, fomos aqui banqueteados com o Filho de Deus à sua mesa, com a sua carne e o seu sangue, em preparação para o banquete da glória sem fim. Vistes aqui representado o que o pecado merece, o que Cristo sofreu, que maravilhoso amor o Deus de infinita bondade nos expressou. Tivestes comunhão com os santos; renovastes a vossa aliança de fé e grata obediência a Cristo; recebestes a sua aliança renovada de perdão, graça e glória para vós. Ó, levai daqui o senso vivo destas grandes e excelentes coisas em vossos corações: não viestes apenas para receber a misericórdia de uma hora, mas aquela que pode brotar para a alegria sem fim: não viestes apenas para cumprir o dever de uma hora, mas para prometer aquilo que deveis realizar enquanto viverdes na terra. Lembrai-vos diariamente, especialmente quando as tentações de incredulidade e tristeza pecaminosa vos assaltarem, de que penhores de amor aqui recebestes; lembrai-vos diariamente, especialmente quando a carne, o diabo ou o mundo quiserem desviar novamente os vossos corações de Deus e tentações para o pecado forem colocadas diante de vós, que obrigações Deus e o vosso próprio consentimento vos impuseram. Se sois crentes penitentes, estais agora perdoados e lavados no sangue de Cristo. Ó, ide pelo

vosso caminho e não pequeis mais: não mais por obstinação; e esforçai-vos contra os vossos pecados de fraqueza. Não vos revolqueis mais no lamaçal, e não volteis ao vosso vômito. Que o amor excedente de Cristo vos constranja, tendo tais promessas, a purificar-vos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus; e, como geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido, a serdes zelosos de boas obras e a manifestardes os louvores dAquele que vos chamou.

Em seguida, cantem parte do Hino em métrica, ou algum outro Salmo de louvor adequado (como o vigésimo terceiro, o centésimo décimo sexto, o centésimo terceiro, ou o centésimo, etc.). E concluam com esta ou bênção semelhante:

> *Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Jesus Cristo, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém.*

A Celebração Do Sacramento Do Batismo

Nenhum ministro que nisso não estiver convencido seja forçado, contra o seu julgamento, a batizar o filho de ateus declarados, idólatras ou infiéis, ou que sejam eles próprios não batizados, ou daqueles que não compreendem de forma competente os pontos essenciais do cristianismo (o que é ser cristão) e os pontos essenciais do batismo; nem o filho daqueles que nunca, desde que foram batizados,

assumiram pessoalmente a sua aliança batismal por uma profissão credível de fé e obediência, recebida e aprovada por algum pastor da igreja, conforme exigido antes da confirmação e na Declaração de sua Majestade. Nem tampouco o filho de pais justamente excomungados, ou que vivam em algum pecado notório e escandaloso, ou que tenham cometido recentemente tal pecado (como se o filho for gerado em adultério ou fornicação) e, sendo justamente convencido disso, recuse-se a confessá-lo com arrependimento e a prometer reforma. Mas se qualquer um dos pais for devidamente qualificado e apresentar o filho para ser batizado (ou outro por eles caso não possam estar presentes), o filho deve ser recebido para o batismo.

E se ambos os pais naturais forem infiéis, excomungados ou de outra forma não qualificados, contudo, se alguém se tornar o protetor e responsável pelo filho, e se comprometer a educá-lo na fé de Cristo e no temor de Deus, e assim o apresentar para ser batizado, que seja feito por um ministro cujo julgamento o aprove, mas nenhum ministro seja forçado a isso contra o seu julgamento. Que os pais ou responsáveis procurem o ministro em algum momento conveniente na semana anterior, e o informem sobre quando pretendem apresentar o seu filho para o batismo, e deem conta de sua capacidade supracitada, e recebam a sua assistência ministerial adicional para a compreensão mais plena do uso e benefícios do sacramento, e do seu próprio dever. A pia batismal deve ser colocada para a maior conveniência do ministro e do povo. Estando ali apresentado o filho ou filhos, o ministro poderá começar com este discurso ou semelhante dirigido ao pai ou pais que o apresentam:

Para que possais realizar este serviço a Deus com entendimento, deveis saber que, tendo Deus criado o homem à sua própria imagem para o amar e servir, os nossos primeiros pais voluntariamente se corromperam pelo pecado e tornaram-se filhos da morte e cativos de Satanás, que os havia vencido por sua tentação. E como por um homem entrou o pecado no mundo, e pela morte o pecado, assim a morte passou a todos, porquanto todos pecaram e carecem da glória de Deus. Somos concebidos em pecado e somos por natureza filhos da ira; pois quem de uma coisa imunda poderá tirar outra limpa? Pela ofensa de um só, veio o juízo sobre todos os homens para a condenação. Mas a infinita sabedoria e amor do Pai enviou o seu Filho para ser o Salvador do mundo. O Verbo se fez carne, habitou na terra, venceu o diabo e o mundo; cumpriu toda a justiça, sofreu por nossos pecados na cruz, ressuscitou, reina em glória, virá novamente e julgará o mundo com justiça. Nele Deus fez e ofereceu ao mundo uma aliança da graça, e nela o perdão do pecado a todos os crentes verdadeiramente penitentes, e o poder de serem feitos filhos de Deus e herdeiros do céu. Esta aliança é estendida também à semente dos fiéis, para lhes dar os benefícios adequados à sua idade, dedicando-os os pais a Deus e introduzindo-os na aliança; e assim Deus em Cristo será o seu Deus e os contará com o seu povo.

Esta aliança deve ser solenemente assumida pelo batismo, que é um santo sacramento instituído por Cristo, no qual uma pessoa que professa a fé cristã (o o filho de tal pessoa) é batizada em água no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em significação e solenização da santa aliança; na qual, como crente penitente (ou a semente de tal), entrega-se a si mesmo (ou é pelo pai entregue) a Deus Pai, Filho e

Espírito Santo, para de agora em diante (ou a partir do momento da capacidade natural) crer, amar e temer esta Trindade bendita, contra a carne, o diabo e o mundo; e isto especialmente por causa da redenção; e é solenemente introduzido como membro visível de Cristo e de sua igreja, filho de Deus e herdeiro do céu. Quão grande é agora a misericórdia, e quão grande o dever que está diante de vós! É uma pequena misericórdia para este filho ser aceito na aliança de Deus, e lavado de seu pecado original no sangue de Cristo, o que é significado e selado por esta lavagem sacramental em água, para ser aceito como membro de Cristo e de sua igreja, onde Ele concede a sua proteção e provisão, e os meios e o Espírito da graça, e o perdão renovado do pecado mediante o arrependimento, e para vós verdes esta felicidade de vosso filho? O dever da vossa parte é, primeiro, cuidar de estardes firmes na fé e na aliança de Cristo, para que vós mesmos não pereçais, e de que o vosso filho seja de fato o filho de um crente; e então deveis, com fé e gratidão, dedicar o vosso filho a Deus e introduzi-lo na aliança em que estais. E deveis saber que a vossa fé, consentimento e dedicação bastarão para os vossos filhos não mais do que até que eles próprios cheguem à idade; e então eles deverão assumir a sua aliança batismal, e pessoalmente renová-la, e consentir, e entregar-se a si mesmos a Deus, sob pena de não serem reconhecidos por Cristo. Deveis, portanto, informá-los sobre a doutrina do evangelho à medida que crescem, e sobre a aliança agora feita, e criá-los no temor do Senhor. E quando forem realmente crentes penitentes, deverão apresentar-se aos pastores da igreja para serem aprovados e recebidos na comunhão dos crentes adultos.

Se as pessoas já estiverem bem instruídas na natureza do Batismo e o tempo exigir brevidade, o Ministro poderá omitir a primeira parte deste Discurso e começar na descrição do Batismo, ou depois dela. Se houver necessidade de convencer o povo sobre o dever de batizar crianças, o Ministro poderá fazê-lo aqui; caso contrário, que as perguntas se sigam imediatamente aqui.

O Ministro dirá aqui ao Pai, e o Pai responderá como se segue:

> *Sendo os fiéis e a sua semente aqueles a quem as promessas são feitas, e nenhum homem dedicará sinceramente o seu filho àquele Deus em quem ele próprio não crê, exijo, portanto, que façais profissão de vossa própria fé.*

Pergunta. Credes em Deus Pai Todo-Poderoso, etc.?

Resposta. Tudo isto creio sinceramente.

Pergunta. Arrependeis-vos de vossos pecados, renunciais à carne, ao diabo e ao mundo, e consenteis com a aliança da graça, entregando-vos a Deus Pai, Filho e Espírito Santo como vosso Criador e Pai reconciliado, vosso Redentor e vosso Santificador?

Resposta. Sim.

[Ou assim preferencialmente, se o pai for capaz de proferir a sua própria fé:]

Pergunta. Permaneceis firme na aliança que vós mesmo fizestes no batismo?

Resposta. Arrependendo-me de meus pecados, renuncio à carne, ao diabo e ao mundo, e entrego-me a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, meu Criador e Pai reconciliado, meu Redentor e meu Santificador.

Pergunta. Apresentais e dedicais este filho a Deus, para ser batizado nesta fé e solenemente empenhado nesta aliança com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, contra a carne, o diabo e o mundo?

Resposta. É o meu desejo (ou) eu o apresento e dedico para este fim.

Pergunta. Prometeis aqui solenemente que, se Deus o mantiver convosco até que seja capaz de instruções, vos empenhareis fielmente em informar este filho sobre a aliança em que aqui foi por vós empenhado, e em instruí-lo e exortá-lo a cumprir esta aliança, conforme ele espera as bênçãos dela ou escapar das maldições e da ira de Deus; isto é, que ele renuncie à carne, ao mundo e ao diabo, e não viva segundo eles; e que creia neste único Deus em três Pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, seu Criador, Redentor e Santificador. Que ele se entregue a Ele como seu Dono absoluto, obedeça-lhe como seu Governador supremo e ame-o como seu Pai mui gracioso, esperando gozá-lo como sua felicidade na glória sem fim?

Resposta. Fielmente me empenharei.

Pergunta. Empenhar-vos-eis fielmente para esse fim em fazer com que ele aprenda os artigos da fé cristã, a oração do Senhor e os dez mandamentos, e leia ou ouça as sagradas Escrituras, e assista à pregação pública da palavra de Deus? Empenhar-vos-eis, por vosso próprio

ensino, exemplo e disciplina, em guardá-lo da maldade e criá-lo em uma vida santa?

Resposta. Fielmente me empenharei com a ajuda de Deus.

Então que o Ministro ore assim, ou com este sentido:

> *Ó Pai mui misericordioso, pelo primeiro Adão entrou o pecado no mundo, e pela morte o pecado, e somos todos por natureza filhos da ira; mas tu deste o teu Filho único para ser a Semente da mulher, o Salvador do mundo, o Capitão da nossa salvação, para eliminar o pecado pelo sacrifício de si mesmo, lavar-nos em seu sangue, reconciliar-nos contigo, renovar-nos pelo Espírito Santo e esmagar Satanás debaixo de nossos pés. Nele estabeleceste a aliança da graça e determinaste este santo sacramento do batismo para a nossa entrada solene nos vínculos da aliança, estabelecendo-nos nas bênçãos dela, as quais estendes aos fiéis e à sua semente. Dedicamos e oferecemos esta criança a ti, para ser recebida em tua aliança e igreja. Rogamos-te que a aceites como membro de teu Filho e a laves em seu sangue da culpa do pecado, assim como a carne é lavada por esta água. Reconcilia-te com ela, recebe-a como teu filho, renova-a à imagem de teu Filho, faze-a concidadã dos santos e da tua família. Protege-a e provê para ela como tua própria, e finalmente preserva-a para o teu reino celestial, por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.*

Então o Ministro perguntará ao Pai o nome da criança a ser batizada, e chamando-a pelo nome, deverá ou mergulhá-la na água, ou então derramar a água sobre a sua face, se não puder ser mergulhada com segurança ou conveniência, e usará estas palavras sem alteração:

Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

E declarará assim:

> *Esta criança é agora recebida, por determinação de Cristo, em sua igreja, e solenemente introduzida na santa aliança, e empenhada, se viver até o uso da razão, a ressurgir com Cristo para novidade de vida, como sendo sepultada com Ele pelo batismo, e a carregar a sua cruz, e confessar Cristo crucificado, e lutar fielmente sob a sua bandeira contra a carne, o diabo e o mundo, e a continuar como seu fiel soldado e servo até a morte, para que receba a coroa da vida.*

Então que ele dê graças e ore:

> *Damos-te graças, Pai mui misericordioso, porque, tendo nós quebrado a lei e sendo por ela condenados, tu nos deste um Salvador e a vida nele, e estendeste a tua aliança da graça aos crentes e à sua semente, e agora recebeste esta criança em tua aliança e igreja como membro de Cristo por este sacramento da regeneração. Rogamos-te que ela cresça em santidade; e, quando chegar aos anos de discrição, que o teu Espírito lhe revele os mistérios do evangelho e as*

riquezas do teu amor em Jesus Cristo; e faze-a renovar e cumprir a aliança que agora fez, e entregar a si mesma, e tudo o que tem, inteiramente a ti, seu Senhor, para ser sujeita e obediente a ti, seu Governador, e para amar-te, seu Pai, de todo o seu coração, alma e forças; e apegar-se a ti e deleitar-se em ti como a porção de sua alma, desejando e esperando gozar-te na glória eterna. Salva-a das concupiscências e atrativos da carne, das tentações do diabo e das iscas de prazer, lucro e honra do mundo, e de todas as corrupções de seu próprio coração e de toda a violência prejudicial de seus inimigos. Guarda-la em comunhão com os santos, no amor e uso de tua palavra e culto. Faze-a negar a si mesma, tomar a sua cruz e seguir a Cristo, o Capitão de sua salvação, e ser fiel até a morte, e então receber a coroa da vida, por Jesus Cristo nosso Salvador.

Então use esta Exortação ou semelhante para os Pais:

Vós, que dedicastes esta criança a Deus e a empenhastes em aliança com Ele, deveis ser gratos por tão grande misericórdia para com a criança, e deveis ser fiéis em cumprir o que prometestes de vossa parte, instruindo e educando esta criança na fé e no temor de Deus, para que ela assuma e cumpra a aliança agora feita e receba todas as bênçãos que Deus prometeu. Ouvi o que Deus estabeleceu como vosso dever: "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor." "Instrui a criança no caminho em que deve andar, e, até

quando envelhecer, não se desviará dele." "A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o rapaz entregue a si mesmo envergonha a sua mãe." "Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as ensinarás diligentemente a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te." Josué diz: "Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor." E Paulo diz de Timóteo: "E que, desde a tua infância, sabes as sagradas Letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus."

Então diga ao Povo assim, ou com este sentido:

Ouvistes, amados, a quão grande dignidade fomos promovidos em nosso batismo, e a quão grande dever estamos todos empenhados. Ó, examinai e testai se guardastes ou quebrastes a aliança que fizestes, e se vivestes de acordo com a dignidade de vossa vocação. E se alguns de vós sois ateus, incrédulos ou ímpios, e não amais a Deus acima de tudo, e negligenciais a Cristo e a sua salvação, e estais ainda sem santificação, e viveis segundo a carne, o diabo e o mundo, os quais aqui renunciastes; conforme amais as vossas almas, lamentai a vossa pérfida quebra de aliança com Deus. Não confieis apenas na água do batismo: se não "nascerdes também do Espírito, não podereis entrar no reino de Deus". O batismo não vos salvará se não tiverdes a resposta de uma boa

consciência diante de Deus. "Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele." Muito menos aqueles infelizes que odeiam a santificação e desprezam e escarnecem de uma vida santa, quando pelo batismo foram empenhados ao Espírito Santo, o Santificador. Podeis pensar em ser salvos pela aliança que não guardais? Ó, não! A vossa perfídia agrava o vosso pecado e miséria. "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos; o que votares, paga-o. Melhor é que não votes do que votes e não pagues." Ó, bendizei ao Senhor porque é uma aliança de tanta graça que vos é oferecida; que, mediante o verdadeiro arrependimento e conversão, até mesmo a vossa quebra de aliança será perdoada; e, portanto, com arrependimento lançai-vos diante do Senhor, e com fé lançai-vos sobre Cristo, e rendei-vos aos ensinamentos e operações santificadoras do Espírito Santo. Conhecei ainda o dia de vossa visitação, e abandonai a carne, o diabo e o mundo, e convertei-vos ao Senhor de todo o vosso coração, e entregai-vos inteiramente ao vosso Criador, Redentor e Santificador, e Ele terá misericórdia de vós e vos perdoará abundantemente. Mas, se viverdes segundo a carne, morrereis; e, se continuardes a negligenciar tão grande salvação, não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo que há de devorar os adversários.

Nenhuma criança seja batizada em privado, nem qualquer Ministro seja forçado a batizá-las em qualquer

outro lugar além da assembleia pública, a menos que por alguma causa especial de grande peso. Se houver ocasião para batizar adultos, o ministro adequará as suas expressões em conformidade.

Do Catecismo E Da Aprovação Daqueles Que Devem Ser Admitidos À Ceia Do Senhor

Visto que ninguém pode ser salvo na idade de discrição sem que realmente creia e pessoalmente se entregue em aliança a Deus Pai, Filho e Espírito Santo; portanto, assim como os pais devem fazer a sua parte, os ministros devem catequizar os ignorantes e trabalhar diligentemente para fazer com que aprendam a forma das palavras sadias (a oração do Senhor, os dez mandamentos e algum catecismo breve, porém completo e sólido) e compreendam o significado delas, e empenhem os seus corações no amor a Deus e em uma santa obediência às suas leis.

Para esse fim, que o ministro, quer todo dia do Senhor antes das orações da tarde, quer em alguma hora conveniente, quer em algum outro dia da semana, tantas vezes quantas puder, examine publicamente aqueles que não estão admitidos à ceia do Senhor, e verifique o seu aprendizado e compreensão do credo, dos dez mandamentos, da oração do Senhor e do catecismo. E que ele, por meio de perguntas e explicações, ajude-os a compreendê-los. E venham os membros das diversas famílias da paróquia, em seus turnos, quando forem chamados pelo ministro para serem assim catequizados. Também vá o ministro às casas deles, ou antes determine que as pessoas supracitadas, em suas turmas, compareçam a ele em hora e local certos (na igreja ou em qualquer outro

local adequado) para instruções pessoais, onde ele possa conversar com aqueles que não são aptos para serem catequizados publicamente, ou que não queiram submeter-se a isso; e ali, com instrução e exortação humildes, prudentes e sérias, empenhe-se em informá-los sobre a substância da fé e do dever cristão, e em ajudá-los a confirmar a sua vocação e eleição, e a prepararem-se para a morte e o juízo, e exorte-os ao amor e às boas obras, e advirta-os para que não se endureçam pelo engano do pecado. Mas não se intrometa ele, em público ou privado, com impertinências, nem gaste o tempo com assuntos menores ou opiniões singulares, nem sonde as pessoas para saber coisas inadequadas ou desnecessárias de serem reveladas, nem se intrometa em assuntos que não lhe cabem indagar como ministro; mas ajude-as a aprender, compreender e praticar a religião cristã expressa no catecismo.

O Catecismo

Veja a Rubrica para o Catecismo e Confirmação no Livro de Oração Comum, e também a Declaração de sua Majestade sobre assuntos eclesiásticos.

Ninguém seja admitido pelo ministro ao sacramento da ceia do Senhor até que, em anos de discrição, tenha compreendido o significado de sua aliança batismal, e com sua própria boca e seu próprio consentimento abertamente diante da igreja tenha ratificado, confirmado e também prometido que, pela graça de Deus, se empenhará continuamente em observar e guardar fielmente as coisas com as quais anuiu por sua boca e confissão; e assim, sendo instruído na religião cristã, faça

abertamente uma profissão credível de sua própria fé e prometa ser obediente à vontade de Deus.

Uma profissão é credível quando feita com entendimento, seriedade, voluntariedade, deliberação e não anulada por contradição em palavras ou atos. E aquela profissão é incrível quando feita com ignorância, de forma lúdica, forçada, precipitada ou que é anulada por contradição verbal ou prática. E deve ser primeiro a prática que torne as palavras credíveis, quando a pessoa tiver perdido o seu crédito por perfídia. Não são apenas as pessoas privadas, mas os pastores da igreja que devem aprovar esta profissão. Portanto, antes que quaisquer pessoas sejam admitidas à ceia do Senhor, darão elas boa conta de seu conhecimento, fé e conduta cristã conforme a ela aos pastores de suas respectivas congregações, ou então apresentarão um certificado de que foram aprovadas ou admitidas à ceia do Senhor em outra congregação da qual eram membros, e isso por um ministro autorizado, mediante profissão aprovada como a supracitada.

Se a pessoa for capaz e estiver disposta, dê ela diante da congregação a conta supracitada detalhadamente sobre o seu conhecimento, fé e obediência; mas se, por timidez ou incapacidade de falar em público, ela o recusar, faça a mesma profissão em privado ao ministro e assuma-a na assembleia quando o ministro a declarar e lhe perguntar se a assume. Mas, a menos que seja em caso de alguma imperfeição natural extraordinária e incapacidade de elocução, que ela pelo menos recite abertamente o credo e professe o seu consentimento à aliança com Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Guarde o ministro de cada paróquia um registro duplo: um com os nomes de todos os que ali forem batizados; outro com os nomes de todos os que forem aprovados mediante a sua profissão credível supracitada, e assim admitidos no número de comungantes, ou que tenham um certificado de tal aprovação regularmente realizada em outro lugar.

E, se a confirmação for mantida, observe-se a Declaração de sua Majestade, exigindo: Que a confirmação seja correta e solenemente realizada sob as informações e com o consentimento do ministro do local.

Nenhum ministro seja obrigado a admitir ele próprio à ceia do Senhor quem quer que tenha sido aprovado de forma clandestina e irregular.

Aqueles que, após esta aprovação, provarem ser ofensores escandalosos não serão permitidos pelo ministro a participar da mesa do Senhor até que tenham declarado abertamente ter se arrependido verdadeiramente e corrigido as suas vidas anteriormente más.

Da Celebração Do Matrimônio

Antes da solenização do casamento entre quaisquer pessoas, o propósito de casamento delas será publicado pelo ministro por três dias do Senhor seguidos na congregação, no local ou locais de sua residência mais comum, respectivamente. E desta publicação o ministro que os unirá em casamento terá testemunho suficiente antes de proceder à solenização do casamento, sendo o consentimento dos pais primeiramente tornado conhecido de forma suficiente.

Na celebração, o ministro, quer por meio de um sermão, quer por outra exortação, exporá a eles a instituição, os fins e o uso do casamento, com os deveres conjugais que devem fielmente cumprir um para com o outro. E então indagará deles se é o seu desejo e propósito unirem-se no vínculo da aliança matrimonial; e, se responderem afirmativamente, dirá a eles:

> *Exijo e ordeno-vos, conforme respondereis no terrível dia do juízo (quando os segredos de todos os corações serão revelados), que, se qualquer de vós souber de algum impedimento por pré-contrato ou de outra forma por que não possais legitimamente unir-vos em casamento, que o reveleis e não prossigais.*

Se nenhum impedimento for revelado por eles ou por outros, ele procederá à oração:

> *Pai mui misericordioso, que ordenaste o casamento para auxílio mútuo, para o aumento da humanidade com uma descendência legítima e da igreja com uma semente santa, e para a prevenção da impureza; abençoa a tua própria ordenança a estas pessoas, para que, entrando neste estado de casamento em teu temor, se dediquem inteiramente a ti e sejam fiéis em todas as afeições e deveres conjugais uma para com a outra; [Se forem jovens, pode-se dizer: Abençoa-as com filhos, e sejam dedicados, etc.] [e se as abençoares com filhos], sejam estes dedicados a ti, aceitos como teus próprios, abençoados com a tua graça e educados em teu temor. Subuga as corrupções que*

> *tornariam as suas vidas profanas ou desconfortáveis, e livra-as das tentações de impiedade, mundanismo, inquietação, descontentamento ou desafeição mútua, ou de qualquer infidelidade para contigo ou de uma para com a outra. Torna-as auxílios adequados uma para a outra em teu temor e na gestão legítima dos assuntos deste mundo. Não se obstruam, mas provoquem-se mutuamente ao amor e às boas obras; e, prevendo o dia de sua separação pela morte, passem os seus dias em uma santa preparação, e vivam aqui juntas como herdeiras da vida que hão de se alegrar no grande dia do casamento do Cordeiro, e viver para sempre com Cristo e com todos os santos anjos e santos na presença de tua glória. Amém.*

A mulher, se estiver sob a tutela de Pais ou Tutores, sendo por um deles, ou por alguém por eles delegado, entregue para ser casada, o homem com a sua mão direita tomará a mulher pela mão direita e dirá:

> *Eu, A., tomo a ti, B., para ser minha legítima esposa, e prometo e faço aliança na presença de Deus, e diante desta congregação, de ser um marido amoroso e fiel para contigo, até que Deus nos separe pela morte.*

Então a mulher tomará o homem pela mão direita com a sua mão direita e dirá:

> *Eu, B., tomo a ti, A., para ser meu legítimo marido, e prometo e faço aliança na presença de Deus, e diante desta congregação, de ser uma esposa*

amorosa, obediente e fiel para contigo, até que Deus nos separe pela morte.

Então diga o Ministro:

Estas duas pessoas, A. e B., estando legitimamente casadas segundo a ordenança de Deus, eu as declaro marido e mulher. E aquilo que Deus uniu, não o separe o homem.

Em seguida, ele poderá ler o dever dos Maridos e das Esposas em Ef 5:2; Cl 4 :2; 1 Pe 3; e o Salmo 128 ou outro Salmo pertinente poderá ser dito ou cantado; e exorte o ministro a cumprirem os seus respectivos deveres, e então ore:

Pai mui misericordioso, que as tuas bênçãos repousem sobre estas pessoas agora unidas em legítimo casamento; santifica-as e às suas condutas, à sua família, bens e negócios, para a tua glória. Fornece-lhes amor para contigo e uma para com a outra, com mansidão, paciência e contentamento. Não vivam para a carne, mas para o Espírito, para que do Espírito colham a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Então conclua com uma Bênção:

Deus Todo-Poderoso, o Criador, Redentor e Santificador, vos abençoe em vossas almas e corpos, famílias e negócios, e vos preserve para o seu reino celestial. Amém.

A Visitação Dos Enfermos E A Sua Comunhão

Sendo a visitação dos enfermos um dever privado e não parte da Liturgia pública da igreja, e sendo o caso dos enfermos extremamente variado quanto à alma e ao corpo; e sendo necessário que os ministros sejam capazes de adequar as suas exortações e orações à condição do enfermo, as palavras de tais exortações e orações ficam entregues à sua prudência.

Tão urgente é a necessidade do enfermo, e tão oportuna e proveitosa a oportunidade, que os ministros não devem negligenciá-los, mas com amor e ternura instruí-los segundo as suas diversas condições; empenhando-se na conversão dos ímpios, no fortalecimento dos fracos e no consolo daqueles que necessitam de consolação; direcionando-os sobre como aproveitar as suas aflições, e ajudando-os a sentirem o mal do pecado, as negligências e erros de suas vidas, a vaidade do mundo, a sua necessidade de um Salvador, a suficiência de Cristo, a certeza e excelência da glória eterna; exortando-os ao arrependimento e à fé em Cristo, e a porem as suas afeições nas coisas de cima; e (se forem crentes penitentes) a esperarem confortavelmente pelo reino que Deus prometeu aos que o amam, confiando as suas almas ao seu Redentor e descansando tranquilamente na vontade, no amor e nas promessas de Deus; resolvendo, caso Deus os restabeleça à saúde, remir o tempo e viver o resto de suas vidas para a sua glória; e estando dispostos, se for o tempo determinado, a partirem e estarem com Cristo. E devem ser exortados a perdoarem os que os ofenderam, a se reconciliarem com aqueles com quem estiveram em desavença, e a fazerem uma disposição piedosa, justa e caritativa de seus bens terrenos.

A Ordem Da Solenização Do Sepultamento Dos Mortos

É condizente com a natureza e com a religião que o sepultamento dos cristãos seja realizado de forma solene e decente. Quanto aos casos de se o corpo será levado primeiro para dentro da igreja, para o que deve ser sepultado no cemitério; e se será sepultado antes do sermão, leitura ou oração, ou depois, ou no meio da leitura, ou se alguma oração será feita junto ao túmulo pelos vivos; não julguem os cristãos sem caridade uns aos outros sobre estas coisas. Não guarde o povo costumes sem fundamento que, sendo suspeitos, entristecem o seu ministro e ofendem os seus irmãos. Nenhum ministro que hesite em satisfazer os desejos sem fundamento do povo em tais coisas seja forçado a fazê-lo contra a sua consciência; e os ministros que usam qualquer um destes costumes ou cerimônias tenham liberdade, quando suspeitarem que o povo os deseja devido a algum erro, de declararem-se contra esse erro e ensinarem melhor o povo.

Se o ministro virá com a comitiva que traz o corpo desde a casa, ou se irá ao encontro deles, ou se os receberá no local do sepultamento, deve ser deixado ao seu próprio critério. Mas, enquanto estiver com eles, discorra ele com gravidade sobre a mortalidade do homem e as verdades úteis e deveres que daí se depreendem: e, quer junto ao túmulo, quer no local da leitura, quer no púlpito, por meio de sermão, segundo o seu critério, instrua ele e exorte o povo (pelo menos se for desejado) sobre a morte, a vida futura e a preparação necessária deles; visto que o espetáculo da mortalidade e o tempo de luto tendem a

preparar os homens para uma recepção sóbria e ponderada de tais instruções: e ele poderá ler passagens das Escrituras que os lembrem da morte, da ressurreição e da vida eterna, como 1 Co 15 (ou do versículo 10 ao fim), Jó 1:21; 19:25-27; Jo 11:25-26; 5:28-29. E a sua oração será adequada à ocasião.

Sempre que a chuva, a neve ou o frio da estação tornarem prejudicial à saúde do ministro ou do povo permanecerem ao ar livre, pelo menos nesses casos que a leitura, exortação e orações sejam usadas dentro da igreja.

Dos Dias Extraordinários De Humilhação E Ações De Graças, E Dos Festivais Aniversários

Quando grandes aflições pesarem sobre a igreja, ou sobre alguma parte ou membros especiais dela, ou quando grandes pecados tiverem sido cometidos entre eles, é condizente que em público, por meio de jejum e oração, nos humilhemos diante do Senhor para o desvio de seu desagrado; e em tais ocasiões é dever do pastor confessar os seus próprios pecados e os do povo com arrependimento e ternura de coração, e, por sua doutrina e exortação, empenhar-se eficazmente em trazer o povo à visão e ao senso de seu pecado e do que este merece, e a uma firme resolução de melhor obediência de agora em diante, sendo importuno com Deus em oração por perdão e graça renovada.

Ao receber misericórdias grandes e extraordinárias, a igreja (tendo oportunidade) deve reunir-se para ações de graças públicas a Deus, e o ministro deve despertar o povo para um senso vivo da grandeza dessas misericórdias, e celebrar alegremente os louvores de Deus, o autor delas. E

não é inadequado nesses dias expressar a nossa alegria em banquetes e sinais externos de júbilo, desde que sejam usados com moderação, espiritualmente e sem ofensa, e não para satisfazer os nossos desejos sensuais, e que socorramos os pobres em suas necessidades (o que também não devemos esquecer nos dias de humilhação e em outros tempos). Sendo as ocasiões de tais dias de humilhação e ações de graças tão variadas que não podem ser bem adequadas por quaisquer formas fixas, o ministro deve aplicar-se aos respectivos deveres adequados às ocasiões particulares.

Embora não seja ilícito ou inadequado guardar comemorações aniversárias por meio de festivais sobre algumas misericórdias grandes e notáveis para a igreja ou para o estado, cuja memória deva ser transmitida à posteridade; nem dar a quaisquer pessoas a sua devida honra que tenham sido instrumentos delas: contudo, porque os festivais de instituição da igreja agora observados são muito abusados, e muitas pessoas sóbrias e piedosas, ministros e outros, não estão convencidas da legitimidade de celebrá-los como dias santos, que o abuso seja contido; e não seja a observância religiosa desses dias por meio de culto público forçada a nenhum que esteja assim vacilante, desde que se abstenham de qualquer conduta ofensiva por causa disso.

De Oração E Ações De Graças Por Membros Particulares Da Igreja

Além das petições que são feitas por todos em tais aflições na oração geral, é condizente que as pessoas em enfermidade perigosa ou outra grande aflição do corpo ou

da mente, e as mulheres que estão próximas do tempo do parto, quando assim o desejarem, sejam recomendadas particularmente a Deus nas orações públicas da igreja. Porque todos os membros constituem um só corpo, e devem ter o mesmo cuidado uns pelos outros, sofrendo todos com o que sofre, e alegrando-se todos com o que é honrado. E a oração eficaz e fervorosa do justo, especialmente de toda a congregação, pode muito diante de Deus. Mas, porque as doenças, aflições e dores de mente são tão variadas que nenhuma forma particular pode adequar-se a todas elas; e porque cada ministro deve ser capaz de adequar as suas orações a tais necessidades variadas do povo; desejamos que fique ao seu critério orar por tais pessoas segundo os seus respectivos casos, antes ou depois do sermão. Mas desejamos que, exceto em caso de necessidade repentina, enviem os seus pedidos a ele por escrito na noite anterior, para que ele possa considerar os seus casos e publicar apenas aqueles, e com as expressões, que em prudência julgar adequados para os ouvidos da assembleia.

Nos casos mais ordinários de pessoas em enfermidade, perigo e aflição, e que são libertas deles, estas orações seguintes ou semelhantes podem ser usadas:

Uma Oração pelos Enfermos que têm esperanças de Recuperação:

> *Pai mui misericordioso, embora o nosso pecado nos alcance e sejamos justamente afligidos por nossas transgressões, contudo não somos consumidos em tua ira; pois tu nos punes menos do que as nossas iniquidades merecem: embora*

causes dor, contudo terás compaixão segundo a multidão de tuas misericórdias, pois não afliges nem entristeces de bom grado os filhos dos homens. Tu revives o espírito dos humildes e o coração dos contritos, pois não contenderás para sempre, nem estarás sempre irado, para que o espírito não desfalecesse diante de ti, e a alma que tu fizeste. Olha em terna misericórdia para a aflição deste teu servo. Ó Senhor, não o repreendas em tua ira, nem o castigues em teu ardente desagrado. Todo o seu desejo está diante de ti, e o seu gemido não te é oculto; tem misericórdia dele, ó Senhor, porque está fraco. Ó Senhor, sara-o, a ele cujos ossos e alma estão perturbados. Na morte não há lembrança de ti; no sepulcro quem te dará graças? Lembra-te de que somos apenas carne; um vento que passa e não volta mais. Quebrantarias uma folha arrebatada de um lado para o outro? E perseguirias o restolho seco? Não te lembres das iniquidades de sua mocidade, nem de suas transgressões: olha para a sua aflição e para a sua dor, e perdoa todos os seus pecados. Embora as dores da morte o cerquem, contudo, se for para a tua glória e para o seu bem, restabelece-o, e deixa-o viver e louvar o teu nome. Repreende a sua enfermidade; direciona para os meios que tu abençoarás. No tempo de sua aflição clamamos a ti, liberta-o e deixa-o glorificar-te: contudo, mostra-lhe o pecado que te ofende; examine ele e teste os seus caminhos, e confesse e desvie-se de sua iniquidade, e seja-lhe bom ter sido afligido. Seja este o fruto disso: purificar e tirar o seu pecado,

para que, sendo castigado pelo Senhor, não seja condenado com o mundo. E, embora o castigo no presente não pareça ser de alegria, mas de tristeza, contudo, depois produza fruto pacífico de justiça a este teu servo que nele está exercitado. Enquanto isso, ó Senhor, sê tu a sua porção, tu que és bom para a alma que te busca e por ti espera. Suporte ele pacientemente e silenciosamente o teu jugo; espere e aguarde tranquilamente a tua salvação: considerando que não desampararás para sempre; que a tua ira dura apenas um momento, mas no teu favor está a vida. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã: e que a quem tu amas, tu castigas, e açoitas a todo filho a quem recebes; e que, se ele suportar o castigo, tu o tratas como filho. Se for restabelecido, dedique-se ele inteiramente à tua glória: para que, quando lhe tiveres tirado o saco e o luto, e o tiveres cingido de alegria, possa falar o teu louvor e dar-te graças. Se receber em si mesmo a sentença de morte, faça-o isso confiar em ti, que ressuscitas os mortos, sabendo que, assim como ressuscitaste ao Senhor Jesus, também o ressuscitarás por Jesus: portanto, não permitas que a sua esperança desfaleça; mas, ainda que o seu homem exterior pereça, contudo o seu interior se renove de dia em dia; e viva ele pela fé, e olhe para as coisas que não se veem, para o eterno peso de glória mui excelente. Seja ele achado em Cristo, não tendo a sua própria justiça, mas a que é de Deus pela fé. Refreia o tentador, e livra o teu servo dos temores pecaminosos da morte, por Cristo, que

pela morte destruiu o diabo, que tinha o poder da morte; para que ache que a morte perdeu o seu aguilhão, e triunfe sobre ela pela fé dAquele através de quem somos feitos mais do que vencedores. Para que, pela fé e pelo amor, a sua alma suba agora para o seu Pai e nosso Pai, e para o seu Deus e nosso Deus; o qual foi preparar-nos lugar e prometeu que, onde Ele estiver, ali estarão também os seus servos, para que vejam a glória que lhe deste. Magnifica-te em seu corpo, quer pela vida, quer pela morte, e conduz o seu caminho em segurança à tua presença gloriosa, onde há abundância de alegria e delícias perpétuas, por Jesus Cristo, nossa Vida e Justiça. Amém.

Uma Oração para as Mulheres que se aproximam do tempo do Parto:

Pai mui misericordioso, que justamente sentenciaste a mulher, que foi a primeira na transgressão, a grandes e multiplicadas dores, e particularmente em dor a dar à luz filhos; contudo concedes preservação e socorro para a propagação da humanidade. Sê misericordioso para com esta tua serva; aproxima-te dela com o teu auxílio presente no tempo necessário da aflição; e, embora no parto tenha dor, dá-lhe forças para dar à luz. Sendo liberta, não se lembre mais da angústia, pela alegria de que um filho nasceu ao mundo. Abençoa-a no fruto do seu corpo; e, sendo liberta em segurança, renda-te ela graças sinceras, e dedique-o e ao resto de sua vida

ao teu serviço, por Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém.

Uma Ação de Graças por aqueles que são restabelecidos de Enfermidade Perigosa:

Damos-te graças, ó Deus mui gracioso, porque nos ouviste quando a ti clamamos pelo teu servo em sua fraqueza e aflição; que não desviaste a nossa oração, nem a tua misericórdia dele. Clamamos a ti, e tu o livraste e saraste, tu o ergueste do sepulcro, tu o mantiveste vivo para que não descesse à cova, tu perdoaste a sua iniquidade e saraste as suas doenças, tu remiste a sua vida da perdição e o coroaste de benignidade e terna misericórdia, tu não o privaste do restante de seus anos, tu te arrependeste do mal. A sua idade não se foi; renovaste a sua mocidade e deste-lhe ver o homem, com os habitantes do mundo; e ver a bondade do Senhor na terra dos viventes. Dia e noite a tua mão pesava sobre ele, mas tu desviaste a tua ira e perdoaste a iniquidade de seu pecado: por isso, todo aquele que é piedoso orará a ti em tempo de aflição. Tu és um esconderijo, tu nos preservas da angústia: quando a nossa carne e o nosso coração desfalecem, tu és a fortaleza de nosso coração e a nossa porção para sempre; na verdade, Senhor, tu és bom para com o teu Israel, sim, para com os limpos de coração. Muitas são as aflições do justo, mas tu o livras de todas elas: embora todo o dia sejam afligidos e castigados cada manhã, contudo estão continuamente contigo; tu os seguras pela sua mão direita; tu és

auxílio presente na aflição quando todo o auxílio do homem é vão. Ame-te o teu servo porque ouviste a sua voz e súplica. Ofereça-te ele o sacrifício de louvor e pague os seus votos ao Altíssimo; e tome o cálice da salvação, e clame por ti todos os seus dias. Seja ele totalmente dedicado ao teu louvor, e glorifique-te na alma e no corpo como sendo teus, e oportunamente parta em paz para a tua glória; por Jesus Cristo, nossa Vida e Justiça. Amém.

Uma Ação de Graças pela Libertação das Mulheres no Parto:

Rendemos-te graças, Deus mui gracioso, porque ouviste as nossas orações por esta tua serva; e foste o seu auxílio no tempo de sua necessidade, e a livraste de seus temores e dores. A morte e a vida estão em teu poder; tu matas e tu dás vida; tu fazes descer ao sepulcro e tu fazes subir; tu fazes com que a estéril habite em família e seja alegre mãe de filhos. Damos-te graças porque deste à tua serva ver o fruto de seu ventre, e porque a trouxeste novamente à tua santa assembleia para ir com a multidão à tua casa e adorar-te com voz de alegria e louvor, para que entre por tuas portas com ações de graças e em teus átrios com louvor, e possamos todos ser agradecidos a ti por ela e bendizer o teu nome. Tu és bom, Senhor, para com todos, e as tuas ternas misericórdias estão sobre todas as tuas obras; tu preservas os que te amam; tu ergues os que estão abatidos; tu cumpres o desejo dos que te temem; tu também ouves o seu clamor e os salvas. Ordena ainda a tua bênção sobre a tua serva e

sobre a sua descendência; não se esqueça ela de ti e de tuas misericórdias, mas dedique a vida que lhe deste ao teu serviço e eduque a sua descendência como semente santa na doutrina e admoestação do Senhor. E, como disseste que a tua maldição está na casa do ímpio, mas que abençoas a habitação dos justos; sirvam-te ela e a sua casa, e a santidade ao Senhor seja escrita sobre tudo com que a abençoares: faça ela de ti o seu refúgio e habitação. Dá-lhe o adorno de um espírito manso e tranquilo, que é de grande preço diante de ti. Não ame ela o mundo, nem se incline às coisas terrenas, mas use o mundo como não abusando dele; visto que o tempo é curto e a aparência deste mundo passa. Restaura a sua alma e guia-a pelas veredas da justiça: embora tenha de andar pelo vale da sombra da morte, não tema mal algum. Que a tua bondade e misericórdia a sigam todos os dias de sua vida, e habite ela para sempre em tua gloriosa presença, por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Se a Criança estiver morta, as passagens que implicam a sua vida devem ser omitidas; e se a Mulher for tal que a Igreja tenha causa para julgar ímpia, a Ação de Graças deve ser em palavras mais condizentes com a sua condição, se alguma for usada.

DA DISCIPLINA PASTORAL, CONFISSÃO PÚBLICA,

ABSOLVIÇÃO E EXCLUSÃO DA SANTA COMUNHÃO DA IGREJA

A recitação das maldições é dita no Livro de Oração Comum como sendo em substituição à piedosa disciplina da igreja primitiva, até que possa ser restaurada novamente — o que é muito desejável —, que consiste em submeter os pecadores notórios à penitência pública. A Declaração de sua Majestade sobre assuntos eclesiásticos determina que se use de toda a diligência pública para a instrução e reforma dos ofensores escandalosos, os quais o ministro não permitirá que participem da mesa do Senhor até que tenham declarado abertamente ter se arrependido verdadeiramente e corrigido as suas vidas anteriormente más, desde que haja lugar para recursos devidos às autoridades superiores.

E a lei de Cristo ordena que, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só: se te ouvir, ganhaste a teu irmão; mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada; e, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. E é ofício dos pastores das diversas congregações não apenas ensinar o povo em geral e guiá-lo na celebração do culto público, mas também supervisioná-lo e vigiar cada membro de seu rebanho particularmente; para preservá-los de erros, heresias, divisões e outros pecados, defendendo a verdade, confutando os contraditores e sedutores, instruindo os ignorantes, despertando os negligentes, encorajando os desanimados, consolando os aflitos, confirmando os

fracos, repreendendo e admoestando os desordenados e escandalosos, e direcionando a todos segundo as suas necessidades nos assuntos de sua salvação; e o povo em tais necessidades deve recorrer ordinariamente a eles, como oficiais de Cristo, para orientação e resolução de suas dúvidas; e para assistência em confirmar a sua salvação; e em testar, manter ou restaurar a paz de suas consciências e o consolo espiritual.

Se, portanto, algum membro da igreja for um pecador escandaloso, e o crime for notório ou plenamente provado, que o pastor o admoeste e apresente diante dele o mandamento particular de Deus que ele transgride, a autoridade suprema de Deus que ele despreza, as promessas e misericórdias que ele pisoteia, e a maldição e terrível condenação que atrai sobre si. Seja isto feito com grande compaixão e terno amor pela alma do ofensor, e com gravidade, reverência e séria importunação, como convém a homens empregados em favor de Deus para a salvação de uma alma; e, contudo, com julgamento e cautelosa prudência, não tomando por pecado o que não é pecado, nem por pecado grave e escandaloso o que não passa de uma fragilidade humana comum; não tratando um superior com a mesma falta de reverência que trataria um inferior; não tornando público o que deve ser ocultado; nem repreendendo diante de outros quando deve ser feito de forma mais secreta; nem falando sem razão àqueles que, por bebida ou paixão, são incapazes de tirar proveito; e, por outro lado, não pecando por timidez, temor do homem, tibieza, negligência ou minimizando ofensas graves.

A prudência também exige que sejam cautelosos em não se intrometerem excessivamente onde a honra ou preocupação do magistrado, a unidade ou paz da igreja, a reputação de outrem ou o interesse de seu ministério exijam que se abstenham.

Observadas estas cautelas, se o ofensor escandaloso continuar impenitente ou sem reforma após as devidas admoestações e paciência, que o pastor, na congregação, quando aquele estiver presente, o repreenda diante de todos, para que a igreja desaprove suficientemente o crime, e outros vejam a repugnância e o perigo do pecado. Mas seja isto também com o amor e a prudência antes mencionados.

Se o ofensor, por obstinação, não quiser estar presente, o pastor poderá expor o crime diante da congregação: e, presente ou ausente (caso permaneça impenitente), se o caso comportar um atraso tão longo, é conveniente que o pastor ore publicamente por sua convicção e arrependimento, para que seja salvo.

E isto ele poderá fazer por um, dois, três ou mais dias, conforme a natureza do caso e a prudência o direcionarem.

Se durante estes meios para o seu restabelecimento (após a prova do crime) houver comunhão da igreja na ceia do Senhor, exija o pastor que ele se abstenha, e não permita que participe da mesa do Senhor.

Se, contudo, o ofensor permanecer impenitente, declare-o o pastor abertamente inapto para a comunhão da igreja, exija que ele se abstenha dela e exija que a igreja evite a

comunhão com ele. E vincule-o pelas denúncias das ameaças de Deus contra os impenitentes.

Mas, antes que isto seja feito, não se negligencie nenhuma consulta necessária com outros pastores ou a concordância da igreja: e depois haja lugar para os recursos devidos, e consintam os ministros em prestar contas quando forem acusados de má administração.

Mas se, após admoestação privada (enquanto a ofensa for tal que não exija confissão pública), o pecador se mostrar arrependido, aplique o ministro privadamente ao seu consolo as promessas do evangelho, com a prudência cautelosa que for mais adequada à sua condição.

E se ele não se arrepender senão após admoestação pública, ou se o escândalo for tão grande e notório que uma confissão pública seja necessária, confesse ele o seu pecado diante da congregação, em tempo oportuno determinado pelo pastor, com remorso de consciência e verdadeira contrição, e lamente-o de coração, e limpe a honra de sua profissão cristã que havia manchado, e rogue as orações da igreja a Deus para perdão e reconciliação por meio de Cristo, e também rogue a absolvição ministerial e restauração à comunhão da igreja, e professa a sua resolução de não mais agir assim; mas de viver em nova obediência a Deus, desejando também as orações deles por graça corroboradora e preservadora.

É apenas uma profissão credível de arrependimento que deve ser aceita pela igreja.

As cautelas anteriores devem ser cuidadosamente observadas em tais confissões, para que não sejam feitas

em prejuízo do magistrado, da igreja, da reputação de outrem, ou da vida, bens ou liberdade do ofensor, ou para qualquer outra vergonha que não a necessária para a manifestação de seu arrependimento, a clarificação de sua profissão, a reparação de quem ele tenha prejudicado, e a honra e preservação da igreja.

Quando ele tiver feito uma profissão credível de arrependimento, é dever do pastor declarar-lhe ministerialmente o perdão de Cristo, mas em termos condicionais: [Se o seu arrependimento for sincero]. E absolvê-lo da censura de não comunhão com a igreja, se estivesse sob tal censura antes de sua penitência, declará-lo apto para a comunhão deles, encorajá-lo a vir e exigir que a igreja o receba em sua comunhão com alegria, não o censurando por sua queda, mas regozijando-se em seu restabelecimento, e empenhando-se em sua confirmação e preservação para o tempo vindouro: e é dever do pastor, em conformidade, admiti-lo à comunhão, e dever deles ter comunhão amorosa com ele: tudo o que a pessoa penitente deve receber com fé, amor e alegria. Mas se alguém, por perfídia notória ou quebra frequente de aliança, perdeu o crédito de suas palavras, ou continuou por muito tempo no pecado que confessa, de modo que o seu abandono não tem prova; a igreja então deve ter testemunho da reforma real de pessoas como estas antes que possa tomar as suas profissões e promessas como credíveis: contudo, aqui a diferença de pessoas e ofensas é tão grande que isto deve ser muito deixado à prudência dos pastores que estão presentes e familiarizados com as pessoas e circunstâncias do caso. Na transação de tudo isto, estas formas seguintes, a serem variadas conforme a variedade dos casos exigir, podem ser utilizadas.

Uma Forma de Admoestação Pública ao Impenitente

O pecado pode ser nomeado e agravado quando for conveniente.

A. B., fostes convencido de um pecado grave e escandaloso; fostes admoestado e exortado a vos arrependerdes. As promessas de misericórdias ao penitente e as ameaças de Deus contra o impenitente não vos foram ocultadas. Esperamos com paciência pelo vosso arrependimento, como quem tem compaixão de vossa alma e deseja a vossa salvação; mas devemos dizer com tristeza que até agora nos desapontastes. Temos certeza, pela palavra de Deus, de que deveis ser penitente se quiserdes algum dia ser perdoado, e de que, a menos que vos arrependais, perecereis eternamente. Informar-vos publicamente disto, e contudo oferecer-vos aqui a misericórdia do Senhor, é o dever seguinte que nos é imposto para o vosso restabelecimento. Oh! não nos culpeis se, conhecendo os temores do Senhor, assim vos persuadimos e não queremos deixar-vos no poder de Satanás, nem queremos ver-vos lançado na perdição, e que o vosso sangue seja requerido de nossas mãos por não termos cumprido o nosso dever para o evitar.

Seja-vos notório, portanto, que é o Deus dos céus e da terra, o grande, o zeloso e o terrível Deus, cujas leis quebrastes e cuja autoridade desprezastes. Recusais o seu governo, dAquele que vem com dez milhares de seus santos para executar juízo sobre todos, e para convencer todos os ímpios de suas obras e discursos ímpios; o qual nos disse que "o mal não habitará com ele". "Os loucos

não subsistirão diante dos seus olhos." "Ele odeia todos os que praticam a iniquidade." "Os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos." Deus não estabeleceu as suas leis em vão. "Ainda que o ímpio despreze a Deus e diga no seu coração: Ele não o requererá"; contudo, "a sua condenação não tarda, e está reservado para o dia do juízo para ser punido". "E Ele vê que o seu dia vem vindo." Se os homens tiram a vida daqueles que quebram as suas leis, será Deus desafiado pelo orgulho e obstinação dos pecadores? Não será; sabereis que não será; Ele não ameaça de brincadeira. "Quem se endureceu contra ele e teve paz?" "Não sois como a palha e o restolho? E não é o nosso Deus um fogo consumidor?" "Se sarças e espinhos se puserem contra ele em batalha, não passará ele por meio deles e não os queimará juntamente?" "Poderá o vosso coração suportar, ou as vossas mãos ser fortes no dia em que Deus tratar convosco? É o Senhor quem o disse, e ele o fará." Que fareis quando tiverdes de suportar as dores do inferno vindas de Deus, vós que agora mal conseguis suportar ser assim pública e claramente advertidos disso? Se nós, para vos agradar, nos calássemos e vos traíssemos, pensais que o Deus dos céus vos temeria ou lisonjearia para agradar a um verme? "Provocamos nós o Senhor a zelo? Somos mais fortes do que ele?" Ó homem! pelo amor de vossa alma, não permitais que Satanás abuse de vosso entendimento e o pecado vos faça tolo. Não deveis morrer? E não se segue o juízo, quando todos os segredos serão abertos e Deus não mais vos rogará que confesseis? "Eis que o Juiz está à porta." Passará o pecado então convosco por matéria tão leve como passa agora? Negá-lo-eis então, ou vos apegareis a todos os raciocínios

ou desculpas com que agora quereis atenuá-lo ou cobri-lo? Defendê-lo-eis como vosso amigo, e estarão irados com os ministros e repreendedores como se fossem vossos inimigos? Ou não chorareis por fim (com choro e ranger de dentes) e direis: "Como odiei a instrução, e o meu coração desprezou a repreensão; e não obedeci à voz dos meus mestres, nem inclinei o meu ouvido aos que me ensinavam!" "Oxalá fossem sábios, que entendessem isto e atentassem para o seu fim!" Crede na ira de Deus antes que a sintais: sede convencidos pela palavra e pelos servos do Senhor antes que sejais confundidos pela grandiosidade de sua majestade. Ainda há esperança; mas em breve não haverá nenhuma se a negligenciardes. Ainda "se confessardes e deixardes os vossos pecados, alcançareis misericórdia; mas se os cobrirdes, não prosperareis. E se, sendo frequentemente repreendido, endurecerdes a cerviz, de repente sereis destruído, e isso sem remédio". "Não vos enganeis, Deus não se deixa escarnecer. Tudo o que o homem semear, isso também ceifará." Ó homem! não sabeis o que é tratar com um Deus ofendido e vingador. Nem o que é ouvir Cristo dizer: "Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade; nunca vos conheci: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno." Não sabeis o que é ser excluído do céu e encerrado sob total desespero; e no inferno olhar para trás para esta obstinada impenitência e rejeição da misericórdia que vos teria salvado; e ali terdes a consciência a dizer-vos para sempre o que foi que fizestes. Se soubésseis o que isto é, poderíeis considerar uma confissão penitente e o abandono de vosso pecado uma condição difícil demais para a prevenção de estado tão lamentável? Ó, não! Não sabeis em que estado estais

lançando a vossa alma imortal. O Senhor vos conceda arrependimento para que nunca o saibais por experiência. Evitar isto é o nosso negócio convosco: não temos prazer em vos desagradar ou envergonhar. Mas Deus nos disse: "Se algum de vós se desviar da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que converter um pecador do erro do seu caminho salvará uma alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados." Eu, portanto, por mandamento e em nome de Jesus Cristo, exijo e rogo-vos que, sem mais demora, confesseis os vossos pecados e de coração os lamenteis; e rogueis o perdão deles, e resolvais e prometais, com a ajuda de Deus, não mais agir assim. E bendizei a Deus por terdes um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo, cujo sangue vos purificará de vossos pecados se penitentemente os confessardes; e que a misericórdia pode ainda ser alcançada em termos tão fáceis. Se tivésseis algum senso de vosso pecado e miséria, ou algum senso da desonra feita a Deus, ou do mal que fizestes a outrem, e da utilidade de vossa confissão penitente e correção para a reparação de tudo isto, lançar-vos-íeis no pó, em vergonha e dor diante do Senhor e diante da igreja. "Hoje, portanto, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, para que Deus não vos abandone e vos entregue às concupiscências de vosso próprio coração, para andardes em vossos próprios conselhos, e resolva em sua ira que nunca entrareis no seu repouso." E então Deus e esta congregação serão testemunhas de que fostes advertido; e o vosso sangue será sobre a vossa própria cabeça. Mas se, em confissão penitente, fugirdes para Cristo e vos abominardes por vossas iniquidades, e de coração as abandonardes, tenho autoridade para vos

prometer livre perdão, e que a vossa iniquidade não será a vossa ruína.

Uma Forma de Confissão, a ser feita diante da Congregação

Aqui o pecado deve ser nomeado e agravado quando pelo pastor for julgado necessário.

> *Eu confesso diante de Deus e desta congregação que pequei grandemente. * Ofendi e desonrei a Deus, prejudiquei a igreja e as almas de outros. Mereci ser abandonado pelo Senhor e lançado fora de sua presença e da comunhão dos santos para o desespero e miséria sem remédio no inferno. Já não sou digno de ser chamado teu filho, nem de ter nome ou lugar entre os teus servos. Eu aqui declaro a minha iniquidade e sinto tristeza por meus pecados; eles ultrapassaram a minha cabeça como um fardo pesado, são muito pesados para mim, apoderaram-se de mim. Estou envergonhado, como indigno de olhar para o céu, mas a minha esperança está no sangue e na graça de Cristo, que fez de sua vida um sacrifício pelo pecado, e veio buscar e salvar o que se havia perdido; cuja graça superabunda onde o pecado abundou. O Senhor seja misericordioso comigo, pecador. Peço humildemente à congregação que ore fervorosamente para que Deus me lave completamente de minha iniquidade e me purifique de meus pecados; que os perdoe, os apague, esconda a sua face deles e não se lembre mais deles; que não me lance fora de sua presença,*

nem me abandone como eu o abandonei, nem me trate segundo os meus merecimentos: mas que crie em mim um coração puro, renove em mim um espírito reto e me conceda a alegria de sua salvação. E peço perdão à igreja e a todos os que prejudiquei; e resolvo, pela graça de Deus, não mais agir assim; mas andar de forma mais vigilante como diante do Senhor. E desejo a todos os que são ímpios que nunca pensem pior das leis, dos caminhos ou dos servos do Senhor por causa de meus maus feitos; pois, se eu tivesse sido governado por Deus e por seus servos, nunca teria feito o que fiz. Não há nada na religião que apoie o pecado; não há nada tão contrário a ele como Deus e as suas santas leis, às quais eu deveria ter obedecido. Pelo contrário, tomem todos aviso por mim, evitem as tentações, não vivam descuidadamente, não deem ouvidos às inclinações ou raciocínios da carne, nem confiem em seus corações fracos e pecaminosos; mas vivam em temor e vigilância piedosos, subjuguem a carne, mantenham-se perto de Deus e deem ouvidos ao conselho fiel de seus servos. E rogo as vossas orações a Deus para que eu seja fortalecido por sua graça, para que não peque mais assim, para que não me suceda coisa pior.

Uma Forma de Oração por um Pecador Impenitente, após Admoestação Pública

Deus mui gracioso, segundo o teu mandamento advertimos este pecador, e falamos-lhe de tuas

ameaças, e predizemos-lhe os teus juízos certos e terríveis, para que pudesse fugir da ira vindoura; mas, infelizmente, não percebemos que se arrependa ou se dobre, mas endurece o seu coração contra a repreensão, como se fosse capaz de contender contigo e vencer o teu poder. Ó, deixa-nos prevalecer contigo por graça, para que possamos prevalecer com ele por confissão penitente e reforma. Ó, tem piedade de um miserável pecador! Tão miserável que não atenta em seu coração para a sua miséria, nem tem piedade de si mesmo. Ó, salva-o do fel de amargura e dos laços de sua iniquidade. Dá-lhe arrependimento para a vida, para que possa livrar-se do laço do diabo, por quem foi levado cativo à sua vontade. Não o entregues a uma mente cega, a uma consciência cauterizada, a um coração que passou dos sentimentos, nem a andar em seus próprios conselhos e segundo as suas próprias concupiscências. Não despreze ele por mais tempo as riquezas de tua bondade, paciência e longanimidade, nem, com coração endurecido e impenitente, acumule ira para o dia da ira e da revelação de teu justo juízo; que retribuirás a cada um segundo as suas obras, sim, àqueles que são contenciosos e não obedecem à verdade, mas obedecem à injustiça, indignação e ira, tribulação e angústia sobre toda alma de homem que faz o mal. Certifique-se ele de que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que cometem tais coisas; e não pense ele, em sua impenitência, escapar de teu juízo. Ó, não permitas que, ao ouvir

as ameaças de tua palavra, se bendiga em seu coração e diga: Terei paz, ainda que ande nas imaginações de meu coração, e acrescente pecado a pecado; para que a tua ira e ciúme não fumeguem contra ele, e não queiras poupá-lo, mas apagues o seu nome de debaixo do céu, e todas as tuas maldições repousem sobre ele, e o separes para o mal, sim, para o bicho que não morre e para o fogo que não se apaga. Ó, salva-o de seus pecados, de sua impenitência e do orgulho e obstinação de seu coração. Ó, salva-o das chamas eternas e de tua ira, de que corre tanto mais perigo quanto menos sente e menos teme o seu perigo. Saiba ele quão difícil lhe é recalcitrar contra os aguilhões, e quão lamentável é contender contra o seu Criador. Deita-o ao estrado de teus pés em pano de saco e cinza, em lágrimas e lamentação, clamando: Ai de mim, que pequei; e humilhando a sua alma em verdadeira contrição, abominando-se a si mesmo, e implorando a tua graça que perdoa e cura, e implorando as orações e a comunhão de tua igreja, e resolvendo não mais pecar voluntariamente, mas viver diante de ti em integridade e obediência todos os seus dias. Ó, deixa-nos prevalecer contigo pela conversão deste pecador impenitente, e assim pela salvação de sua alma da morte e pelo encobrimento e perdão de seus pecados; para que aquele que estava perdido seja achado, e aquele que estava morto viva, e os anjos do céu, e nós, teus servos indignos aqui na terra, possamos nos alegrar com o seu arrependimento. Vejamos nós que foi restaurado

por tua graça, para que possamos alegremente recebê-lo em nossa comunhão, e tu possas recebê-lo por fim em teu reino celestial, e Satanás seja frustrado em sua presa; por amor de tua misericórdia, por Jesus Cristo, nosso Senhor e único Salvador. Amém.

Uma Forma de Exclusão da Comunhão da Igreja

Jesus Cristo, o Rei e Legislador da igreja, ordenou que, se um irmão pecar contra nós, vamos e repreendamos o seu erro entre nós e ele só; e, se não nos ouvir, tomemos então conosco mais um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada; e, se não os escutar, que o digamos à igreja; e, se também não escutar a igreja, que ele nos seja como um gentio e um publicano. E que não guardemos companhia, se alguém que se diz irmão for fornicador, ou cobiçoso, ou idólatra, ou maldizente, ou bêbado, ou roubador, com o tal, não, nem sequer comamos. E que nos afastemos de todo irmão que anda desordenadamente, e o marquemos, e não tenhamos companhia com ele, para que se envergonhe. Segundo estas leis de Cristo, admoestamos este irmão ofensor, que grandemente pecou contra Deus e entristeceu e prejudicou a igreja; oramos fervorosamente e esperamos pacientemente por seu arrependimento, mas não prevalecemos. Mas, depois de tudo, ele continua impenitente e não se deixa persuadir a confessar e abandonar o seu pecado: nós, portanto, segundo estas leis de Cristo, declaramo-lo inapto para a comunhão da igreja e o excluímos dela; exigindo que ele se abstenha dela, e exigindo que vós o eviteis; e deixamo-lo vinculado ao juízo

do Senhor, a menos que o seu verdadeiro arrependimento o evite.

Uma Forma de Absolução e Recepção do Penitente

Embora tenhas pecado grandemente contra o Senhor, contra a sua igreja e contra a tua própria alma, contudo, vendo que te humilhas diante dele e com arrependimento foges para Cristo em busca de misericórdia, resolvendo não mais agir assim; ouve agora as boas-novas da salvação, as quais sou ordenado a declarar-te. Se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo, e ele é a propiciação pelos nossos pecados. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Buscai o Senhor enquanto se pode achar; invocai-o enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem injusto os seus pensamentos, e converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e ao nosso Deus, porque abundante é em perdoar. O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia. Irmãos, se um homem for surpreendido em alguma ofensa, vós, que sois espirituais, restabelecei o tal com espírito de mansidão, olhando para ti mesmo, para que não sejas também tentado. Segundo esta palavra de graça, *[Isto deve ser omitido se a pessoa não foi primeiro excluída]* [* eu desato os vínculos que aqui te foram impostos e te recebo novamente na comunhão da igreja,] exigindo que te recebam e não te censurem por teu pecado, mas se alegrem com o teu restabelecimento. E declaro-te o perdão de todos os teus pecados no sangue de Cristo, se o teu arrependimento for sincero. E exorto-te e ordeno-te

que recebas com fé e gratidão esta grande e indizível misericórdia, e que vigies mais cuidadosamente no tempo vindouro, evites as tentações, subjugues a carne, aceites as repreensões e cuides para não voltares ao teu vômito, ou a revolver-te novamente no lamaçal depois de lavado; mas obedece ao Espírito e mantém-te perto de Deus nos meios de tua preservação.

Uma Forma de Ação de Graças, ou Oração, pelo Penitente Restaurado

Ó Pai mui misericordioso, damos-te graças porque nos trouxeste sob uma aliança tão graciosa que não apenas perdoa os pecados de nosso estado não regenerado; mas também, mediante a nossa confissão penitente e retorno, purifica-nos de toda a nossa injustiça, perdoa as nossas quedas pelo sangue de Cristo, restaura as nossas almas, guia-nos novamente nas veredas da justiça e ordena aos teus servos que nos recebam. Damos-te graças porque de tal modo restauraste este teu servo, dando-lhe arrependimento e remissão de pecado, [Deixe de fora isto se ele não foi excluído] [e devolvendo-o à comunhão de tua igreja]. Rogamos-te que o consoles com as apreensões crentes de teu perdão e reconciliação por Jesus Cristo. Restaura-lhe a alegria de tua salvação e sustém-no com o teu Espírito generoso; firma-o, fortalece-o, estabelece-o, para que com firme propósito de coração se apegue a ti; e agora que lhe falaste de paz, não volte mais à insensatez. Como ele invoca o nome de Cristo, aparte-se da iniquidade e nunca mais desonre a ti, à tua igreja*

ou verdade, nem à sua santa profissão, mas salva-o da tentação. Vigie ele e permaneça firme, e não peque mais, para que não lhe suceda coisa pior. Não receba ele esta graça em vão, nem a transforme em dissolução, nem continue no pecado para que a graça abunde. Mas seja o seu velho homem crucificado com Cristo, e o corpo do pecado destruído; para que doravante não mais sirva ao pecado, lembrando-se de que fruto tinha naquelas coisas de que agora se envergonha, e que o fim e salário do pecado é a morte: e tomemos todos aviso pelas quedas de outros, e não sejamos soberbos, mas temamos; e aquele que pensa estar em pé olhe não caia. Vigiemos e oremos para que não entremos em tentação, lembrando-nos de que a carne é fraca; e o nosso adversário, o diabo, anda em derredor buscando a quem possa devorar. E nenhum de nós odeie o seu irmão em seu coração, mas de todo repreenda o seu próximo e não sofra pecado sobre ele: e confirma-nos até o fim para que sejamos irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo; ao qual, contigo, ó Pai, e com o teu Santo Espírito, seja o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

APÊNDICE
UMA LITANIA MAIOR, OU ORAÇÃO GERAL, A SER USADA A CRITÉRIO

Ó mui santa, bendita e gloriosa Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, três Pessoas e um só Deus, de infinito poder, sabedoria e bondade, nosso Criador, Redentor e Santificador; nosso Dono, Governador e Pai; ouve as nossas orações e tem misericórdia de nós, miseráveis pecadores.

Ó Senhor, nosso Salvador, cuja encarnação, natividade, sujeição, jejum, tentação, pobreza, vitupérios, agonia e suor de sangue, açoites, desamparo, crucificação, morte e sepultamento foram todos suportados para tirar os pecados do mundo; que, tendo ressuscitado, ascendido e sido glorificado, és o grande Sacerdote, Profeta e Rei de tua igreja universal, pela qual fazes intercessão, a qual reúnes, ensinas e guias por teu Espírito, palavra e ministros, a qual justificas e glorificarás contigo mesmo, que virás novamente, ressuscitarás os mortos e julgarás o mundo com justiça; rogamos-te que nos ouças, miseráveis pecadores. Não nos lances fora, a nós que vimos a ti. Confirma em nós a nossa vocação e eleição, a nossa fé sincera e arrependimento, para que, sendo justificados e feitos filhos de Deus, tenhamos paz com Ele como nosso Deus e Pai reconciliado.

Sejam os nossos corações retos para contigo, nosso Deus, e firmes na tua aliança. Faze-nos negar a nós mesmos e entregar a nós mesmos inteiramente a ti, nosso Criador, Redentor e Santificador, como não sendo de nós mesmos, mas teus.

Habite o teu Santo Espírito em nós e santifique-nos por completo, para que sejamos novas criaturas e santos como tu és santo; seja Ele em nós o Espírito de adoção e

de súplica, e o selo e penhor de nossa gloriosa herança; e saibamos que somos teus, e que tu permaneces em nós, pelo Espírito que nos deste.

Assim como o teu nome, ó Senhor, é santo e a tua glória cobre os céus, assim seja a terra cheia de teus louvores. Engrandeça-te sempre a nossa alma, ó Senhor, e as nossas línguas te exaltem. Falemos do glorioso esplendor de tua majestade, de tua grandeza, de teu poder, de teu glorioso reino, de tua sabedoria, santidade, verdade e justiça, de tua bondade, de tua misericórdia e de tuas obras maravilhosas. Bendiga toda a carne o teu santo nome.

Seja o desejo de nossas almas para o teu nome: faze-nos amar-te de todo o nosso coração, temer-te, confiar em ti e deleitar-nos em ti, e estarmos satisfeitos em ti como a nossa porção, e tudo o que fizermos, façamo-lo para a tua glória.

Guarda-nos do amor-próprio desordenado; do orgulho, da vanglória e do egoísmo; e de desonrar a ti, à tua palavra ou ao teu serviço no mundo.

Reconheça o mundo a ti, o Rei universal. Dá ao teu Filho as nações por sua herança, e os confins da terra por sua possessão. Sejam os reinos do mundo os seus reinos. Converte as nações ateias, idólatras, infiéis, muçulmanas e ímpias da terra, para que todo joelho se dobre diante de Cristo, e toda língua o confesse como o Rei dos reis e Senhor dos lords, para a glória de Deus Pai.

Seja a palavra do teu reino e salvação pregada a todo o mundo; tenha ela livre curso e seja glorificada: e, pelo

poder de teu Espírito, converte a muitos a Cristo; e seja Ele a tua salvação até os confins da terra. Envia mais ceifeiros para a colheita, que é grande, e capacita-os para tão grande obra; e livra-os de homens irracionais e maus que (para encherem a medida de seus pecados) os proíbem de falar ao povo para que este seja salvo.

Liberta as igrejas que estão oprimidas por idólatras, muçulmanos ou outros infiéis e inimigos. Dá a todos os teus servos prudência, paciência e inocência, para que, sofrendo como cristãos e não como malfeitores, não se envergonhem, mas glorifiquem a ti, e esperem por tua salvação, encomendando a ti a guarda de suas almas, na esperança de uma recompensa no céu.

Liberta a igreja das usurpações e corrupções papais romanas. Dissipa os enganos das heresias e do falso culto pela luz de tua verdade prevalecente. Une todos os cristãos em Cristo Jesus, a verdadeira e única Cabeça universal; para que, pela verdadeira fé e amor cristãos e católicos, cresçam nele e guardem a unidade do Espírito no vínculo da paz; recebendo os fortes e suportando as fraquezas dos fracos. Cura as divisões que há entre os crentes. Nada se faça por contenda ou vanglória, mas por humildade cada um considere o outro superior a si mesmo; e conheçam todos os homens que somos discípulos de Cristo pelo nosso amor fervoroso uns para com os outros.

Sejamos de coração e inteiramente teus súditos, crendo que tu és justo e galardoador dos que diligentemente te buscam. Guarda-nos do ateísmo, da idolatria e da desobediência; da infidelidade, da impiedade e da

sensualidade; da segurança carnal, da presunção e do desespero.

Estudemos agradar-te em todas as coisas. Esteja a tua lei escrita em nossos corações; e deleitemo-nos em fazer a tua vontade. Sejam a nossa fé e vidas governadas por tua palavra, que é poderosa para nos tornar sábios para a salvação; amemo-la, busquemo-la, compreendamo-la e nela meditemos dia e noite.

Não agrademos a nós mesmos ou a outros homens contra ti, nem sejamos guiados pela sabedoria ou desejos do mundo e da carne, nem atentemos para vaidades mentirosas, nem por descuido, precipitação ou presunção te ofendamos.

Como todas as nações devem ser julgadas por ti, sejam elas governadas por tuas leis, e não as tornem nulas pelas tradições dos homens, nem te adorem em vão, ensinando como doutrina os mandamentos de homens. Mas tudo o que ordenas, atentem em cumprir; nada lhe acrescentem, nem nada dela retirem.

Não tomemos o teu santo nome em vão, mas usemo-lo em verdade e reverência. Guarda-nos de toda blasfêmia, perjúrio, juramento profano; de mentir diante do Deus da verdade; e do desprezo e esquecimento de tua presença; de pensamentos ou discursos falsos, indignos e irreverentes sobre Deus e coisas santas; e de negligenciar ou abusar de tua santa palavra e culto.

Ajuda-nos a santificar o teu dia, em memória da abençoada obra de nossa redenção, e a assistir-te reverentemente no culto público; e a receber com

obediência a tua palavra; e a invocar fervorosamente o teu nome; e a deleitarmo-nos em ações de graças e alegres louvores à tua santidade na comunhão de teus santos: e cuidemos diligentemente para que as nossas famílias, e todos os que estão dentro de nossas portas, te sirvam, e não abusem de teu dia santo.

Tem misericórdia dos reis e governantes da terra, para que escapem das tentações de grandeza, honras e prosperidade mundanas, que os cativariam à carne e desviariam os seus corações de ti, de tuas leis e caminhos, e os engajariam contra ti e contra os teus servos. E, visto que são teus ministros e a magistratura é tua ordenança, santifica-os e dispõe-nos a serem pais protetores de tua igreja, para assumirem o teu interesse e governarem para ti.

Especialmente tem misericórdia de teu servo Carlos, nosso rei: ilumina-o e santifica-o pelo teu Santo Espírito, para que acima de todas as coisas busque a tua glória, o aumento da fé e a obediência às tuas leis, e nos governe sendo teu ministro para o bem, não para ser terror para as boas obras, mas para as más; para que sob ele possamos levar uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade.

Tem misericórdia de toda a família real, dos lordes do conselho, de toda a nobreza, dos juízes e magistrados destas terras. Faze-os temer-te e ser eminentes em sobriedade, justiça e piedade, para protegerem o inocente e serem terror para os ímpios, odiando a injustiça, a cobiça e o orgulho.

Sujeite-se cada alma às potestades superiores, e não resista. Obedeçam ao rei e a todos os que estão em autoridade sob ele, não só pela punição, mas por dever de consciência, sabendo que governam por ti e para ti.

Dá a todas as igrejas pastores capazes, santos e fiéis; e faze-os pregar com trabalho e dividir corretamente a palavra da verdade, para alimentar o teu povo com conhecimento e guiá-lo no caminho da fé e do amor, da santidade e da paz, e a vigiar por suas almas como quem deve prestar contas; supervisionando-os e governando-os não por constrangimento, mas voluntariamente, não por ganância gananciosa, mas de mente pronta, não como tendo domínio sobre a tua herança, mas como servos de todos e exemplos para o rebanho; para que, quando o sumo Pastor aparecer, recebam a coroa da glória.

Reconheçam as congregações aqueles que os guiam e estão sobre eles no Senhor, que trabalham entre eles, pregando-lhes a palavra de Deus. Ouçam de forma submissa e obediente, e estimem-nos altamente em amor por causa de sua obra, e considerem-nos dignos de dupla honra.

Eduquem os pais os seus filhos na santa disciplina e admoestação do Senhor, ensinando-lhes diligentemente a tua palavra, falando dela quando estiverem em sua casa, e quando andarem pelo caminho, quando se deitarem e quando se levantarem, para que conheçam o seu Criador, Redentor e Santificador nos dias de sua mocidade; e faze os filhos ouvirem, amarem, honrarem e obedecerem a

seus pais, para que tenham a bênção de tua promessa especial para com estes.

Amem os maridos as suas mulheres e prudentemente guiem-nas em conhecimento e santidade; e amem as mulheres, honrem e obedeçam aos seus maridos como auxílios adequados para eles.

Governem os senhores os seus servos em santidade e misericórdia, lembrando-se de que têm um Senhor no céu; e sejam os servos reverentes, sinceros e voluntariamente obedientes, e sirvam aos seus senhores como ao Senhor, dele esperando a sua recompensa.

Guarda-nos do assassinato, da violência e de toda injúria à vida ou saúde de nosso próximo; da malícia, maldição, injúria e ira precipitada. Não retribuamos o mal com o mal, mas suportemo-nos uns aos outros e não demos lugar à ira.

Guarda-nos do adultério, da fornicação e de toda impureza, e das ocasiões e aparências das mesmas. Cuidemos, como convém aos santos, que estas coisas não sejam imodestamente nomeadas entre nós, e que nenhuma conversa corrupta saia de nossas bocas. Guarda-nos de desonestidades e dissoluções, de pensamentos lascivos e de todo vestuário, comportamento, olhares e ações imodestos.

Guarda-nos do furto e da opressão, e de qualquer forma de prejuízo ao nosso próximo em sua propriedade e bens.

Guarda-nos do falso testemunho, da mentira e do engano; da calúnia, difamação, censura ou repreensão injusta e sem caridade; de toda perversão da justiça e

prejuízo à reputação de nosso próximo; e de todo consentimento ou desejo de tais prejuízos.

Guarda-nos da inveja e de cobiçar qualquer coisa que pertença ao nosso próximo em prejuízo dele, e de buscar o nosso interesse próprio ou atrair para nós com danos ao bem-estar dele; mas amemos os nossos vizinhos como a nós mesmos, e façamos aos outros o que gostaríamos que fizessem conosco.

Ensina-nos a amar a Cristo e a sua santa imagem em seus membros com um amor terno e especial, e a amar os nossos inimigos, e a orar por aqueles que nos odeiam e perseguem, e a fazer o bem a todos conforme pudermos, mas especialmente aos da família da fé.

Faze-nos submeter com paciência a todas as determinações de tua vontade, e esperar o teu desfecho, e amar as demonstrações de tua santidade e justiça, embora dolorosas para a carne; e guarda-nos de murmúrios impacientes, do descontentamento e de raciocínios arrogantes contra a tua vontade.

Dá-nos o nosso pão de cada dia, o nosso sustento necessário e provisão para o teu serviço; e usemo-lo para ti, e não para satisfazer a carne. Dependamos de ti e confiemos em ti para isso no uso legítimo dos meios. E abençoa tu os nossos trabalhos, e dá-nos os frutos da terra em sua estação, e o clima temperado que para isso concorra.

Liberta-nos e a todos os teus servos de carências, aflições, dores e enfermidades que inoportunamente nos desviem de teu serviço, e da morte prematura; e ensina-nos a

valorizar e remir o nosso tempo, e a trabalhar enquanto é dia.

Guarda-nos da glutonaria, da embriaguez e de toda intemperança; da preguiça e ociosidade; dos desejos desordenados de prazeres ou abundância; mas, tendo sustento e vestuário, estejamos com isso contentes.

Por tua abundante misericórdia, através do sacrifício e méritos de teu Filho segundo a tua promessa, perdoa-nos todos os nossos pecados, e salva-nos de tua merecida ira e condenação. Não te lembres, Senhor, de nossas ofensas, nem das ofensas de nossos antepassados; mas, embora as nossas iniquidades testifiquem contra nós, poupa-nos e salva-nos por amor de tua misericórdia. Ó, não permita que o nosso pecado nos prive de teu Espírito, ou de acesso a ti, ou de comunhão contigo, ou de teu favor ou consolo, ou da luz de teu rosto, ou da vida eterna.

Faze-nos perdoar de coração as injúrias feitas contra nós, assim como esperamos ser perdoados por ti da maior dívida. Guarda-nos de todos os desejos e tentativas de vingança. E converte tu e perdoa os nossos inimigos, caluniadores, opressores, perseguidores e outros que nos tenham feito mal.

Guarda-nos de correr ao encontro das tentações: não permitas que o tentador por sutileza ou importunação corrompa os nossos julgamentos, vontades, afeições ou condutas. Faze-nos manter uma vigilância diligente e constante sobre os nossos pensamentos e corações, os nossos sentidos e apetites, as nossas palavras e ações; e como soldados fiéis, sob a condução e força do Capitão de nossa salvação, com toda a armadura de Deus,

resistirmos e vencermos o mundo, o diabo e a carne até o fim.

Salva-nos das tentações da prosperidade e da adversidade. Não sejamos desviados de ti para o pecado pelos prazeres, lucros ou honras do mundo. Fortalece-nos para os sofrimentos. Não te abandonemos, nem caiamos no tempo da provação. Ajuda-nos a negar a nós mesmos, a tomar a nossa cruz e a seguir a Cristo, considerando que os sofrimentos do tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que se há de revelar.

Liberta-nos da inimizade e furor de Satanás e de seus instrumentos; e não entregues os teus servos, as suas almas ou corpos, a sua paz ou liberdades, bens ou nomes, às suas vontades maliciosas; mas salva-nos e preserva-nos para o teu reino celestial.

Pedimos tudo isso a ti, ó Senhor; pois tu és o Rei universal, santo e justo, a quem pertence em justiça julgar o mundo e salvar o teu povo. Todo o poder é teu para exerceres a ira sobre os teus inimigos, e para libertares e glorificares o teu rebanho; e ninguém é capaz de resistir-te. De ti, e por ti, e para ti são todas as coisas, e a glória será tua para sempre. Amém.

O LOUVOR DA IGREJA POR NOSSA REDENÇÃO, A SER USADO A CRITÉRIO

A nossa alma engrandece ao Senhor; o nosso espírito se alegra em Deus, nosso Salvador, que se lembrou de nós em nosso estado humilde e perdido, porque a sua misericórdia dura para sempre. Por um só homem entrou

o pecado no mundo, e pelo pecado a morte. Não guardamos a aliança de Deus e recusamos andar em sua lei; porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, e veio o juízo sobre todos os homens para a condenação. Mas bendito seja o Senhor Deus de Israel, que visitou e remiu o seu povo, e nos levantou uma poderosa salvação na casa de seu servo Davi: como falou pela boca dos seus santos profetas, que existiram desde que o mundo começou. Uma virgem concebeu e deu à luz: o Espírito Santo veio sobre ela; o poder do Altíssimo a obombrou; portanto, o Santo que dela nasceu é chamado Filho de Deus: o seu nome é chamado Jesus, porque Ele salvará o seu povo de seus pecados. Para nós nasceu um Salvador, que é Cristo, o Senhor: Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele, e Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele. Ele é o poder de Deus e a sabedoria de Deus; a verdadeira Luz que alumia a todo homem que vem ao mundo. O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e os homens viram a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade; porque aprouve ao Pai que nele habitasse toda a plenitude. Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei. Este é o Filho amado em quem o Pai se agrada. Porque nos convinha tal Sumo Sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores. Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano; quando o ultrajavam, não respondia

com ultrajes, deixando-nos o exemplo: levando Ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro; porque o Senhor lançou sobre Ele a iniquidade de todos nós, e por suas pisaduras fomos sarados. Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios, o justo pelos injustos: nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo para que por ele vivamos. E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente, triunfando deles na sua cruz. Foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras; porque Deus o ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela. Ele aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho. Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepulcro, onde está a tua vitória?

Todo o poder lhe foi dado no céu e na terra. Quando subiu ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens. E Ele deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito. Ele está assentado à direita de Deus nos céus, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no

vindouro. Deus sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como Cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.

E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome. Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Ele perdoa as nossas iniquidades, e de nossos pecados não se lembrará mais. Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade. Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá. Mas fomos lavados, fomos santificados, fomos justificados em

nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus. Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo. Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele gratuitamente todas as coisas? Aquele que foi preparar-nos lugar virá outra vez e nos receberá para si mesmo, para que onde Ele estiver estejamos nós também. É a sua vontade que aqueles que o Pai lhe deu estejam com Ele onde Ele estiver, para que vejam a glória que lhe foi dada. Porque, se Ele vive, nós também viveremos; porque morremos, e a nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também nós nos manifestaremos com Ele em glória; quando vier para ser glorificado nos seus santos e para se fazer admirável naquele dia em todos os que creem. Então os homens discernirão entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que não o serve. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. O que vencer herdará todas as coisas. Entrará no gozo do seu Senhor. Ele será feito coluna no templo de Deus, e dali não sairá mais.

Cristo conceder-lhe-á assentar-se com Ele no seu trono, assim como Ele venceu e se assentou com seu Pai no seu trono. Ele se alegrará sobre nós com alegria, descansará no seu amor; então, na santa cidade, a nova Jerusalém, preparada como uma esposa adornada para o seu marido, onde o tabernáculo de Deus estará com os homens, Ele habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus, e limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a alumia, e o Cordeiro é a sua lâmpada. O trono de Deus e do Cordeiro estará nela, e os seus servos o servirão, e verão o seu rosto, o qual é o bem-aventurado e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. De quem, por quem, e para quem são todas as coisas; ao qual seja glória para sempre. Amém.